



Sur le **journalisme**  
About **journalism**  
Sobre **jornalismo**

Vol 13, n°2 - 2024

LE JOURNALISME,  
UNE PROFESSION DE COMBATS - 2

O JORNALISMO,  
UMA PROFISSÃO DE LUTA - 2

THE FIGHTS OF  
JOURNALISM - 2

EL PERIODISMO,  
UNA PROFESIÓN DE LUCHAS - 2

## EDITEURS / EDITORS / EDITORES

François Demers (Université Laval, Canada) • Florence Le Cam (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Sandrine Lévêque (Université de Lille, France) • Isabelle Meuret (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Fábio Henrique Pereira (Université Laval, Canada) • Laura Rosenberg (CONICET et Universidad Nacional de Avellaneda, Argentina) • Denis Ruellan (Sorbonne-Université, France) • Florian Tixier (Université de Lille, France)

## CONSEILS SCIENTIFIQUES / SCIENTIFIC BOARD / CONSELHOS CIENTÍFICOS

Zélia Leal Adghirni (Universidade de Brasília, Brasil) • Henri Assogba (Université Laval, Canada) • João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Jean Charron (Université Laval, Canada) • Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil) • Béatrice Damian-Gaillard (Université de Rennes 1, France) • Salvador De León (Universidad Autónoma de Aguascalientes, Mexico) • Juliette De Maeyer (Université de Montréal, Canada) • Javier Diaz Noci (Universidad Pompeu Fabra, España) • David Domingo (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Chantal Francoeur (Université du Québec à Montréal, Canada) • Marie-Soleil Frère (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Mike Gasher (Concordia University, Canada) • Gilles Gauthier (Université Laval, Canada) • María Elena Hernández Ramirez (Universidad de Guadalajara, Mexico) • Thais de Mendonça Jorge (Universidade de Brasília, Brasil) • Eric Lagneau (LIER – EHES, France) • Marie-Soleil Frère (Université libre de Bruxelles, Belgique) *In memoriam* • Mike Gasher (Concordia University, Canada) *In memoriam* • Kenia Beatriz Ferreira Maia (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil) • Pere Masip Masip (Universidad Ramon Llull, España) • Cláudia Mellado Ruiz (Universidad de Santiago, Chile) • Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasília, Brasil) • Véronique Nguyen-Duy (Université Laval, Canada) • Greg Nielsen (Concordia University, Canada) • Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, Colombia) • Sylvain Parasie (Université Paris-Est, France) • Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires, Argentina) • Valérie Jeanne Perrier (Université Paris-Sorbonne, France) • Guillaume Pinson (Université Laval, Canada) • Mauro Pereira Porto (Tulane University, USA) • Franck Rebillard (Université Sorbonne nouvelle, France) • Viviane Resende (Universidade de Brasília, Brasil) • Rémy Rieffel (Université Panthéon-Assas, France) • Roselyne Ringoot (Université Grenoble Alpes, France) • Julien Rueff (Université Laval, Canada) • Eugénie Saitta (Université de Rennes 1, France) • Lia Seixas (Universidade Federal da Bahia, Brasil) • Nikos Smyrniaios (Université Toulouse 3, France) • Jean-François Têtu (IEP de Lyon, France) • Marie-Eve Thérenty (Université Paul Valéry, France) • Annelise Touboul (Université de Lyon 2, France) • Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, France)

## EQUIPE ÉDITORIALE / EDITORIAL TEAM / EQUIPE EDITORIAL

Assistantes éditoriales : Mariana Ausani (responsable de la communication) • Gabrielle Romain (gestion de la traduction) • Ana Gabriela Guerreiro (gestion de la traduction)  
Traductions : Lee Sharp (anglais) • Laure Schalchli (portugais) • Alexandre Fernandez (espagnol)  
Graphisme : Yann Le Sager, Zen-at-work.com (conception graphique, mise en page)

La revue est présente en ligne (<https://revue.surlejournalisme.com/>). L'intégralité des articles est consultable. Vous pouvez vous inscrire pour connaître les appels à publication, les parutions de nouveaux numéros. Vous pouvez aussi déposer vos propositions d'article directement sur cet espace.

The Journal is online (<https://revue.surlejournalisme.com/>). Its articles are all available for consultation. You can subscribe to be informed of the calls for publication as well as the new publications. You may also upload your own proposals on the platform.

A revista está disponível online (<https://revue.surlejournalisme.com/>). A versão integral de todos os artigos pode ser consultada. Você pode se cadastrar para ser avisado sobre a abertura de uma chamada de trabalhos ou publicação de uma nova edição da revista. Neste espaço, você também pode submeter um artigo.



## Numéros publiés - Published issues - Números publicados

### 2024

*Vol. 13, n°1*

Le journalisme, une profession de combats

O jornalismo, uma profissão de luta

The fights of journalism

El periodismo, una profesión de luchas

### 2023

*Vol. 12, n°2*

BD-reportage

Reportagem em quadrinhos

Graphic Journalism

Cómic-reportaje

*Vol. 12, n°1 (numéro double)*

Journalistes et construction médiatique des problèmes publics

Journalists and media construction of public problems

Jornalistas e construção midiática dos problemas públicos

Periodistas y construcción mediática de los problemas públicos

---

International News Flows

Flux d'informations internationales

Flujos noticiosos internacionales

Fluxos de notícias internacionais

### 2022

*Vol. 11, n°2*

Journalistes et construction médiatique des problèmes publics

Journalists and media construction of public problems

Jornalistas e construção midiática dos problemas públicos

Periodistas y construcción mediática de los problemas públicos

*Vol. 11, n°1*

Reportages de guerre

Reportagens de guerra

War reporting

### 2021

*Vol. 10, n°2*

Les écritures du journalisme sportif

As escritas do jornalismo esportivo

The writing(s) of sports journalism

*Vol. 10, n°1*

Violences publiques

Public violence

Violências públicas

### 2020

*Vol. 9, n°1*

Sous l'emprise des plateformes

In the Grip of Platforms

Sob a tutela das plataformas

### 2019

*Vol. 8, n°2*

Séréotypes dans l'exercice du journalisme

Stereotypes in Journalistic Practice

Estereótipos na prática jornalística

*Vol. 8, n°1*

The Journalism Worlds

Os mundos do jornalismo

Les mondes du journalisme

## 2018

*Vol. 7, n°2*

*Local Journalism*

Jornalismo local

Journalisme local

Periodismo local

*Vol. 7, n°1*

Journalisme et risques

Journalism and risks

Jornalismo e riscos

## 2017

*Vol. 6, n°2*

Comparaison en journalisme, médias et politique

Comparison in journalism, media and politics

Comparação em jornalismo, mídia e política

*Vol. 6, n°1*

Pobreza e jornalismo

Poverty and Journalism

Pauvreté et journalisme

## 2016

*Vol. 5, n°2*

Normes des chercheurs -&- Éditorial et débat public (numéro double)

Norms of researchers -&- Editorial and public debate (double issue)

Normas dos pesquisadores -&- Editorial e debate público (edição dupla)

*Vol. 5, n°1*

Correspondants à l'étranger

Foreign Correspondents

Correspondantes internacionais

## 2015

*Vol. 4, n°2*

Online Journalism and its Publics

Le journalisme en ligne et ses publics

O jornalismo online e seus públicos

*Vol. 4, n°1*

Journalisme et réseaux sociaux numériques

Journalism and Social Networking Sites

Jornalismo e redes sociodigitais

## 2014

*Vol. 3, n°2*

Journalisme et dispositifs mobiles

Journalism and Mobile Devices

Jornalismo e dispositivos móveis

*Vol. 3, n°1*

Les invisibles du journalisme -&- L'image d'actualité (numéro double)

Journalism's 'invisibles' -&- The news image (double issue)

Os invisíveis do jornalismo -&- A imagem noticiosa (edição dupla)

## 2013

*Vol. 2, n°2*

Le « Gouvernement » des journalistes

The "Government" of journalists

O "governo" dos jornalistas

*Vol. 2, n°1*

Sources et flux de nouvelles

Sources and flow of news

Fontes e fluxos de notícias

## 2012

*Vol. 1, n°1*

L'entretien de recherche avec des journalistes

Research interviews with journalists

A entrevista de pesquisa com jornalistas



# Sumário Summary Sommaire

Producción y circulación de la información periodística en el contexto de los embates con las plataformas .....	6
Produção e circulação de informações jornalísticas no contexto dos embates com as plataformas .....	12
Production et circulation de l'information journalistique dans le contexte des affrontements avec les plateformes .....	18
Production and Circulation of Journalistic Information in the Context of Struggles with Platforms .....	26
<i>Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez, Florian Tixier</i>	
Mediatización, desintermediación y usurpación .....	32
Las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo	
<i>Víctor Hugo Reyna, Cosette Celecia Pérez, Alexia Ávalos Rivera</i>	
Jornalistas e resistência na EBC .....	46
Mecanismos contra o desmonte da comunicação pública sob os governos Temer e Bolsonaro	
<i>Akemi Nitahara Souza</i>	
Papéis profissionais no jornalismo brasileiro durante a pandemia de Covid-19 .....	62
Uma análise do desempenho de seis modelos em 2020	
<i>Natália Paris, Jacques Mick, Lynara Ojeda</i>	
Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil .....	78
Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo)	
<i>Luciano Victor Barros Maluly, Daniel Azevedo Muñoz, , Carla de Oliveira Tôzo, Andreia Terzariol Couto</i>	
A Pandemia e o jornalismo brasileiro .....	92
O olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho	
<i>Bárbara Nogueira Martins, Mariella Silva de Oliveira-Costa</i>	
“Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura .....	110
Os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil	
<i>Mariana Reis, Isaltina Gomes</i>	
O triplo combate do jornalismo literário.....	128
Epistemológico, estético e temporal	
<i>Ailton Sobrinho</i>	
<i>Parti pris</i>	
Maria Santos-Sainz .....	140
L'engagement journalistique d'Albert Camus : entre exigence morale et journalisme critique	
<i>Maria Santos-Sainz</i>	

<i>An Interview with / Entretien avec / Entrevista com / Entrevista con</i>	
François Demers .....	150
À propos de la restructuration contemporaine du journalisme	
François Demers .....	151
Sobre a reestruturação contemporânea do jornalismo	
François Demers .....	152
Sobre la reestructuración contemporánea del periodismo	
François Demers .....	153
On the Contemporary Restructuring of Journalism	
<i>Florence Le Cam</i>	

## **Varia**

Inclusão no Jornal da Cultura.....	164
Um estudo de caso da introdução de acessibilidade em libras	
<i>Lígia Peçanha Grillo, Michelle Prazeres, Tiago da Mota e Silva</i>	
Especificidades regionais no debate sobre jornalismo e engajamento climático.....	178
Um estudo de recepção com ativistas brasileiros	
<i>Eloisa Beling Loose, Ilza Maria Tourinho Girardi, Débora Gallas Steigleder</i>	
Telejornalismo de brechas.....	196
A luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas	
<i>Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior, Ana Paula Goulart de Andrade, Fabiana Siqueira, Laerte José Cerqueira da Silva</i>	
Telejornalismo cidadão entre a promessa e a efetivação .....	214
Um estudo de caso	
<i>Marco Aurelio Reis, Cláudia de Albuquerque Thomé, Elias Arruda, Rafael Otávio Dias Rezende</i>	
Les émotions au sein du commentaire journalistique .....	230
De l'exutoire à la discipline de neutralisation	
<i>Valérie Manasterski</i>	
Spontaneous, Substantive, and Relational .....	248
Three Moments in the Study of Local Journalism	
<i>Matthew Powers</i>	

*Merci aux évaluateurs et évaluatrices des récents numéros de la revue  
Agradecemos aos avaliadores das últimas edições da revista*

# Producción y circulación de la información periodística en el contexto de los embates con las plataformas

**ROSELI FIGARO**

*Escola de Comunicações e Artes  
Université de São Paulo  
Brasil  
Roseli.figaro@gmail.com*

**MARÍA ELENA HERNÁNDEZ RAMÍREZ**

*Centro Universitario de Ciencias Sociales  
y Humanidades  
Universidad de Guadalajara  
México  
me.hernandez.ramirez@academicos.udg.mx*

**FLORIAN TIXIER**

*CERAPS & LaPIJ  
Université de Lille / Université libre de Bruxelles  
France / Belgique  
Florian.tixier@univ-lille.fr*



n la época contempor nea, el periodismo enfrenta enormes desafíos que cuestionan su papel como institución esencial de la democracia. Tal función fue argumentada y defendida en distintos momentos por los pensadores Alexis de Toqueville (1835/2002) y John Dewey (1927/1988), y sigue vigente en los discursos sociales sobre el periodismo en las sociedades occidentales modernas. Uno de estos desafíos es el del control del modelo de producción y circulación de la información periodística por las grandes corporaciones tecnológicas que dominan el espacio de la Internet, en particular Google y Meta, pues ante la imposibilidad de superar el alcance de audiencias que facilitan las plataformas tecnológicas creadas y manejadas por estas corporaciones, el periodismo pierde independencia al verse obligado a sujetarse a las presiones del clickbait, o ciberanzuelo1, un recurso que condiciona la distribución del periodismo al funcionamiento de los algoritmos, en lugar de hacer llegar, principalmente, la información que la ciudadanía necesita para ser parte de la vida democrática y tomar decisiones informadas.

Las amenazas a las funciones esenciales del periodismo como pilar de la democracia son inherentes al sistema capitalista. Anteriormente al desarrollo tecnológico de la Internet que ha impactado al periodismo, John McManus (1994), entre otros autores, ha señalado una puntual crítica al periodismo impulsado por el mercado y sus implicaciones para la democracia y la

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez, Florian Tixier, « Producción y circulación de la información periodística en el contexto de los embates con las plataformas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n 2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.619>





sociedad, en general. Sin embargo, en el análisis del autor es la propia industria periodística la que prioriza los intereses económicos sobre los valores informativos, al desplazar “el juicio periodístico por el juicio del mercado”, y darle el papel de gatekeeper al consumidor para decidir “lo que se convertirá en noticia” (McManus, 1994, p.xii-xiii).

La necesidad de sostener la producción periodística se resolvió en la era industrial con el advenimiento de la publicidad. El periodismo comenzó a financiarse con el mercado publicitario. De ahí la contradicción inherente entre prestar un servicio de interés público y/o estar centrado en los intereses del público consumidor. La palabra «público» tiene diferentes significados en cada uno de estos ejes. El interés público se refiere a las relaciones entre la sociedad civil y el Estado. En esta relación se insertan las disputas entre los intereses privados o la propiedad privada y los intereses de la colectividad de la sociedad civil como entidad política y sujeto histórico. Esta discusión está bien marcada por teóricos de diferentes nacionalidades, aquí destacamos a dos brasileños.

En ese sentido, Marcondes Filho en su obra *O Capital da Notícia – Jornalismo Como Produção Social da Segunda Natureza* (1986), defiende “a ideia de que o principal objetivo do jornalismo hegemônico é vender o produto, pois se trata de uma empresa capitalista como outra qualquer”(de Oliveira, 2020 : para. 2). Por su parte, en *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo* (1987), Genro Filho propone un análisis marxista de la práctica periodística, destacándola como un conocimiento fundamental para que la sociedad se emancipe. Para Genro Filho: “A consumação da liberdade humana exige o desenvolvimento da imprensa em geral. Vale acrescentar, em especial, do jornalismo.” (1987, p. 231).

Estos dos aportes son relevantes para que entendamos el periodismo como una forma de conocimiento y como uno de los discursos de la historia que se conduce desde la vida cotidiana (Heller,1989). Tanto en el análisis de Marcondes Filho, en su forma de ver el periodismo convencional como una mercancía que sirve a los intereses del Capital, como en el de Genro Filho, que entiende el periodismo como una producción necesaria para la sociedad, nos traen la incomodidad necesaria para prever los contextos históricos en los que se inserta la producción periodística. Como una praxis históricamente contextualizada, que se ha constituido desde el siglo XIV, se ha insertado en las transformaciones de las relaciones sociales de producción. Fuera de esta comprensión, el periodismo se convierte en un discurso de anodina utilidad.

Es de destacar que esta reflexión necesita dialéctica, su negatividad, para superar las limitaciones im-

puestas al periodismo. Sobre este tema, Rafael Bellan destaca el discurso del maestro portugués José Luiz García en el que dice:

“La situación actual, impulsada por las nuevas condiciones de producción, difusión e inserción de la información facilitadas por Internet, lleva a una indistinción entre el periodismo y la llamada producción de contenidos. Con mucha frecuencia, los contenidos de marca y de marca comercial, conocidos por su término en inglés *branded content*, son acordados y negociados con anunciantes o empresas, y en este caso, el periodista trabajaría en una especie de zona fronteriza. Según la designación anglosajona, también podemos referirnos a ello como *boundary-work*. De este modo, sería más adecuado afirmar que existe una tesis que sostiene que el periodismo es un conocimiento y un conocimiento distinto del sentido común. Esta tesis es respaldada, adoptada o defendida por quienes buscan que el periodismo sea o se mantenga como un conocimiento y no como una mera producción de contenidos, de *branded content* o de información que podría ser elaborada, por ejemplo, por robots. En otras palabras, es una tesis defendida por quienes desean que el periodismo sea cada vez más un conocimiento perfeccionado y justificado.” (Bellan & Garcia, 2022: 15).

Como señala García, hay fuerzas comerciales dominantes que apuntan a una cierta dirección para el periodismo, es decir, su transformación en contenido de marca. Y, por otro lado, existe el imperativo de la realidad social que presenta al periodismo los desafíos del combate, es decir, la búsqueda del conocimiento de la realidad. Por lo tanto, con la plataformización, el periodismo está en el ojo del huracán, entre lo que ya señaló a Marcondes Filho y la lógica dialéctica de la Praxis de combate, con el proceso de luchas sociales como el motor de este combate.

---

#### EL IMPACTO DE LA PLATAFORMIZACIÓN: UNA LUCHA ECONÓMICA Y CULTURAL

---

El control del periodismo por parte de las herramientas de las empresas de plataformas digitales (particularmente, Meta y Google) ha sido discutido en el texto de Bell, et. al (2017) y en otros textos fundamentales sobre la plataformización, como el de van Dijck, Poell y Waal (2018) y el de Poell, Nieborg y van Dijck (2020). Un número especial de la revista *Sur le journalisme* también se dedicó a esta cuestión (Sebbah et al., 2020). Si bien en algunos trabajos académicos ha quedado plasmada la preocupación por la actual depen-

dencia del periodismo de estos conglomerados de los medios, necesitamos retomar la atención sobre el análisis hecho por Helmond (2015), en donde argumenta que la lógica de Facebook se extendería a toda la Internet, imposibilitando su operación como un espacio público de circulación, sin propósitos necesariamente financieros. De acuerdo con Helmond, tal lógica redefine las interacciones sociales y comerciales en línea, ya que, como plataforma, Facebook se caracteriza por su diseño programable, su funcionamiento como un mercado multilateral y su capacidad para expandirse e integrar datos externos (2015). La lógica de la aplicación y la interconexión entre las aplicaciones para la recopilación y transmisión de datos ha convertido a la red en un gran negocio.

Para repensar la necesaria lucha por el periodismo en la época contemporánea, vale la pena dedicar unas líneas a abordar algunos de los dilemas que trae consigo la plataformización. Destacamos dos ejes: producción y circulación de la información periodística.

En la producción, una de las afectaciones al periodismo (que, sin embargo, es vista como beneficio) es el uso de herramientas como la escritura de SEO (*Search Engine Optimization*), que estandariza la estructura de los materiales y selecciona las palabras principales que deberían ser redundantes en el texto, a fin de que los motores de búsqueda puedan encontrarlas y, por lo tanto, reditúen en visibilidad y monetización. La estandarización de los párrafos y el tamaño del texto, recursos que se apropian en los medios para atraer a públicos jóvenes que consumen la información de prisa, están al servicio de la simplificación y de la lectura rápida, no reflexiva. Los títulos deben ser llamativos, ajustados a la curiosidad por el clic. Incluso se le da un nuevo adjetivo al periodismo - periodismo de sensaciones (Azevedo & Schaun, 2016) - para camuflar el sensacionalismo en el que caen cada vez más medios buscando atención. La falta de contextualización del hecho es la primer gran pérdida de estas reglas de producción.

Otro aspecto importante entre los dilemas que conlleva la plataformización a la producción periodística es el cambio en el concepto de lo que es la noticia. Mucho se ha escrito sobre los criterios de noticiabilidad y el papel del servicio público del periodismo. Sin embargo, la escritura SEO y las reglas para la composición de la materia traen a la sala de redacción otro problema: los temas que merecen un artículo deben estar en la agenda de los que más gustan en las redes sociales. Se invierte una situación clásica entre el profesional y su público. Es decir, es el público el que indica qué es noticia. El papel del periodismo adquiere entonces una extraña hibridación – por decir lo menos – entre noticias y entretenimiento. Si bien el fenómeno del infoentretenimiento (Berrocal Gonzalo et al,

2012) no es tampoco nuevo en el periodismo (Cf. Brin et al., 2004), en este caso se trata de la normalización de prácticas que intentan atraer, re atrapar o evitar la fuga de lectores o consumidores de información relevante, bajo las reglas de las plataformas en que circulan las noticias y piezas periodísticas.

### **Una circulación bajo dominación: una lucha por la autonomía**

Con respecto a la circulación del periodismo en las plataformas, ésta es una separación meramente didáctica, ya que la lógica de la producción periodística se ajusta a la de la circulación, especialmente en los tiempos contemporáneos en los que los soportes de circulación no pertenecen a quienes producen periodismo. Nada de la antigua lógica de la prensa o incluso de los portales de noticias del inicio del siglo XXI. La circulación de los contenidos es otro campo de lucha. Mientras que anteriormente los medios controlaban su distribución, este poder pertenece ahora a dos gigantes: Google y Meta. Éstas proporcionan soporte de producción formateando la escritura de acuerdo con sus redes y herramientas ofrecidas. La circulación controlada por estas compañías determina la publicidad y cómo aparecerá en el medio informativo. Nadie sabe qué banner estará expuesto en su medio. Estas reglas no se revelan en las subastas de publicidad programática, son controladas en todo el mundo por ambas empresas, especialmente por Google. El Sistema *Demand Side Platforms* (DPS) controla no solo el trabajo en publicidad (Oliveira, 2024), sino que también dirige los fondos publicitarios a partir de los perfiles del público, eliminando la prevalencia del perfil del medio de comunicación. Por lo tanto, al eliminar el poder de controlar los fondos publicitarios del medio, Google y Meta han encadenado el periodismo para dejarlo al borde del abismo, obligado a usar las herramientas que ofrecen: cómo escribir, cómo investigar, cómo contactar las fuentes, cómo publicar, cómo circular, cómo monetizar.

*Google News Initiative* es un sector del conglomerado tecnológico que proporciona herramientas para “crear una comunidad global de la industria periodística”<sup>2</sup>, entre ellas: *Google Analytics*, *News consumer insights*, *Realtime content insights*, *Google looker studio*, *Google consumer surveys*. Para facilitar su uso, Google ofrece formación y cursos personalizados. Esta lógica resulta ineludible, ya que incluso las pequeñas iniciativas de periodismo independiente y alternativo no están libres de su influencia. Por lo tanto, la crisis del periodismo “se resuelve” al estar de acuerdo con las determinaciones de la producción y la circulación de estas dos grandes compañías de comunicación, que hoy representan el oligopolio general en el área del periodismo y la publicidad.

**Cuadro 1:** *Financiamiento: Modelos alternativos contemplados por las empresas de plataforma hasta 2020.*

Nombre de vehículo	Empresa financiadora
Agência Lupa	Meta Journalism Project Mista
Agência Mural	Google News Initiative
Agência Pública	Google News Initiative
Alma Preta	Meta Journalism Project
Aos Fatos	Meta Journalism Project y Google News Initiative
Associação Desenrola	Google News Initiative
AzMina	Google News Initiative
Congresso em Foco	Google News Initiative
JOTA	Google News Initiative
Nexo Jornal	Meta Journalism Project
Nós, Mulheres da Periferia	Meta Journalism Project

Fuente: Elaborado por Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023.

### La mercantilización del periodismo: una batalla democrática

Coincidimos con Poell, Nieborg y van Dijck (2022) en que “es necesario estudiar las dimensiones institucionales de la plataforma: las infraestructuras de datos, los mercados y la gobernanza, en relación con las prácticas culturales cambiantes” (p. 3). Este planteamiento se aplica particularmente a la práctica del periodismo. Uno de los cambios más preocupantes asociados a la plataforma de las prácticas periodísticas es que, para complacer a los públicos y “monetizar” la circulación de contenidos, los productores de noticias se convierten, cada vez más, en “complementadores de plataformas” (Poell, Nieborg, & van Dijck, 2022, p. 10). Esto significa que producen contenido complementario para plataformas como Facebook y Google, a partir de entender sus lógicas y de adaptarse a ellas, a fin de poder llegar a audiencias que no son precisamente propias.

La lucha por el periodismo, concebido como práctica social indispensable para la vida democrática, no puede aplazarse. La plataforma está convirtiendo a los contenidos periodísticos en “mercancías contingentes”, según la teoría de Nieborg y Poell (2018), que explica la incidencia de las métricas utilizadas por las grandes corporaciones de plataformas GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) para determinar si son rentables los productos culturales en función de “datos relevantes sobre la participación y retención de usuarios en forma de referencias sociales, comentarios, clasificación de búsqueda y visitas a páginas” (p.2) , y, por tanto, influyen en la modificación

de los contenidos o en su abandono. Con sus criterios de “éxito”, las corporaciones de plataformas que dominan la circulación del periodismo, facilitan o limitan la visibilización de ciertas informaciones y provocan el desplazamiento de otras (Nieborg & Poell, 2018).

### LUCHAS Y RESISTENCIAS PERIODÍSTICAS: MODELOS ALTERNATIVOS E INDEPENDIENTES

Los desafíos son numerosos. Incluso las iniciativas destinadas a contrarrestar los efectos perjudiciales de la plataforma y sus lógicas financieras están siendo absorbidas por las políticas de financiamiento de fundaciones internacionales. Fundaciones como Ford, Open Society, Heinrich Böll, entre otras, son ejemplos de estas prácticas. Así lo evidencia Camargo en su tesis “Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais” (2024). Por ejemplo, en Brasil, México, Colombia, Argentina y EEUU la presencia de la Knight Foundation, via sus *Centers*<sup>3</sup>, es muy fuerte en la formación de un tipo de periodismo de causas, sin fines lucrativos, un modelo para las Américas. En este contexto, Camargo, Nonato, Pachi Filho e Lelo (2023) hicieron un estudio sobre los financiamientos de iniciativas que llamamos de arreglos periodísticos alternativos e independientes en Brasil. Ellos discuten “la influencia de las empresas de plataforma en el mercado periodístico, con énfasis en la relación establecida entre Google y Meta y los arreglos alternativos a los conglomerados de medios en Brasil” (2023, p.2).

Algunas de las iniciativas estudiadas por ellos tuvieron financiamiento en 2020, conforme muestra el Cuadro 1.

En sus conclusiones, los autores afirman:

A pesar de reconocer que la injerencia de las grandes tecnológicas en los medios de comunicación no es determinante, incluso en arreglos institucionalmente más frágiles, el discurso movilizado por estas corporaciones en sus programas de financiamiento refleja una ideología de cooptación de las prácticas periodísticas hacia las infraestructuras técnicas y los modelos de negocio de las plataformas. Es un hecho que las crecientes inversiones realizadas por Google y Meta en el periodismo brasileño repiten sus intentos globales de atenuar las críticas que han recibido por su política de expansión empresarial centralizadora y oligopólica (Poell, Nieborg, & van Dijck, 2020), cuyos efectos más tangibles son el debilitamiento económico de diversos sectores de la producción cultural (Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023, p. 19).

Contudo, hay medios que se esfuerzan por desarrollar modelos económicos alternativos, desvinculados de las lógicas de financiamiento impuestas por las plataformas y las fundaciones. No obstante, este camino resulta sumamente difícil porque existen formas de control que, aunque sutiles, son muy efectivas. Los proyectos de financiación introducen modelos de gestión, transparencia, metas, impactos y métricas, dificultando experiencias periodísticas realmente alternativas (Camargo, 2024).

En América Latina se han venido creando iniciativas de periodismo de investigación que enfrentan el dilema de hacer periodismo independiente de corporaciones de medios, pero con donativos o becas de fundaciones extranjeras. Los proyectos que reciben apoyo deben apearse a las agendas prioritarias de tales organizaciones filantrópicas.

Las luchas del periodismo actual trascienden los simples ajustes tecnológicos; tocan la esencia misma de esta profesión, que es garante del acceso a una información libre y pluralista, y representan una batalla constante en defensa de la democracia. Frente a las transformaciones impulsadas por la plataformización,

el periodismo se encuentra en la encrucijada de adoptar los avances tecnológicos, fruto de los logros de la humanidad, mientras preserva su papel esencial como pilar de las sociedades democráticas. Como destacan Poell et al. (2022), resulta crucial analizar las dimensiones institucionales y culturales de este fenómeno para diseñar estrategias que permitan responder a sus desafíos de manera adecuada. Los esfuerzos por regular la actividad comercial de las empresas de plataformas de comunicación es una necesidad urgente. Por esta forma de regulación el financiamiento podría tener una perspectiva más transparente y de facto garantizar la independencia del periodismo.

En este contexto, los combates en el periodismo, por los periodistas, es fundamental. La contribución de los investigadores que participan en la convocatoria de *Sur le journalisme* bajo el tema «periodismo de luchas» demuestra los esfuerzos que se hacen en contexto tan complejo. Para avanzar en esta lucha, la primera cosa es el análisis de la realidad con todos sus complejos ejes de elementos involucrados.

Los artículos de este número nos invitan a reflexionar sobre cómo en momentos de crisis, como en el periodo de la pandemia, el periodismo fue fundamental para que la sociedad tuviera informaciones de calidad para protegerse de la CoVID-19. El periodismo producido por los periodistas fue un arma contra la desinformación, en defensa de la ciencia y de la vida. También la resistencia del periodismo producido por la empresa pública brasileña EBC es una marca para la contraposición a los gobiernos autoritarios en Brasil. El periodismo especializado en cultura, sustentabilidad y literario son espacios fundamentales para impulsar el periodismo como producción de conocimiento en su misión de servicio público necesario a la democracia.

El combate exige que conozcamos los actores que buscan domesticar el periodismo, esto conocimiento fortalece las posibilidades de brechas y resistencias. Y nos da una certeza, el periodismo es un arma muy importante para la democracia y la participación ciudadana, si no lo fuera no habría tantas batallas por él.

## NOTES

<sup>1</sup> Clickbait se define como una técnica de escritura para atrapar la atención del lector y generar “tráfico”, o circulación de contenidos, “intencionalmente promete, tergiversa o manipula para atraer a los usuarios a un sitio web en particular.” <https://www.arimetrics.com/glosario-digital/clickbait>

<sup>2</sup> <https://newsinitiative.withgoogle.com/es-mx/about/>

<sup>3</sup> <https://knightfoundation.org/knight-centers/>

## REFERENCIAS

- Azevedo, L., & Schaun, A. (2016). A notícia e a lógica das sensações: Uma contribuição para as teorias do jornalismo. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (132), 225-243.
- Bell, E., C.W. Anderson & Shirky Clay (2013). *Periodismo postindustrial: adaptación al presente*. España: Eicicero.
- Bell, E., Owen, T., Brown, P., Hauka, C., & Rashidian, N. (2017). A imprensa nas Plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo*. ESPM, 48-83. <https://doi.org/https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>
- Bellan, R. & Garcia, J.L. (2022). Jornalismo “no front”. In: Bacin, A. Silva, M.P. (orgs.). *Pesquisa em jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho*. Ed : SBPJor. <https://site.sbpjor.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Pesquisa-em-Jornalismo-conhecimen-to-e-resistencia-o-legado-de-Adelmo-Genro-Filho.pdf>
- Berrocal Gonzalo, S., Redondo García, M., & Campos Domínguez, E. (2012). Una aproximación al estudio del infoentretenimiento en Internet: origen, desarrollo y perspectivas futuras. *AdComunica*, 4, 63-79. <https://doi.org/10.6035/2174-0992.2012.4.5>
- Brin, C., Charron, J., & De Bonville, J. (2004). *Nature et transformation du journalisme: théorie et recherches empiriques*. Presses Université Laval.
- Camargo, Camila A. (2024). *Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*. Tese doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Camargo, C. A., Nonato, C., Pachi Filho, F. F., & Lelo, T. V. (2023). Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às corporações de mídia. *E-Compós*, 26. <https://doi.org/10.30962/ec.2821>
- Carvajal, M., García-Avilés, J. A., & González, J. L. (2012). Crowdfunding and Non-Profit Media: The Emergence of New Models for Public Interest Journalism. *Journalism Practice*, 6(5-6), 638-647. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667267>
- De Tocqueville, A. (1835/ 2002). *De la démocratie en Amérique*. Editions Bréal.
- Dewey, J. (1927/1988). *The Public and its Problems*. Swallow Press/Ohio University Press.
- Genro Filho, A. (1987). *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Helmond, A. (2015). The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media and Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- McManus, J. (1994). *Market Driven Journalism. Let the Citizen Beware?* SAGE.
- Mesquita, L., Sanseverino, G.G., de-Lima-Santos, M.-F. and Carpes, G. (2024), Reshaping Journalism Practices through Collaboration: An Analysis of Three Collaborative Projects in the Americas. In: Robinson, L., Moles, K., Moreira, S.V. and Schulz, J. (Ed.). *Geo Spaces of Communication Research* (Studies in Media and Communications, Vol. 26), Emerald Publishing Limited, Leeds, pp. 127-141. <https://doi.org/10.1108/S2050-206020240000026011>
- Nieborg & Poell (2018). The Platformization of Cultural Production: Theorizing the Contingent Cultural Commodity. *New Media & Society*, 1-18 DOI: 10.1177/1461444818769694
- Oliveira, D. (2020). *Ciro Marcondes Filho, um crítico radical e humanista convicto*. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/ciro-marcondes-filho-um-critico-radical-e-humanista-convicto/>
- Oliveira, D. F. de. (2024). *Mudanças no mundo do trabalho dos Mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de Mídia Programática*. Tese doutorado. Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-141902>
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - estudos Midiáticos*, 22(1), 2-10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Poell, T., Nieborg, D., & van Dijck, J. (2022). Plataformización. *Revista Latinoamericana de Economía Y Sociedad Digital*. <https://doi.org/10.53857/tsfe1722>
- Sebbah, B., Sire, G., & Smyrniaios, N. (2020). Journalisme et plateformes : de la symbiose à la dépendance. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 9(1)
- Van Dijck, J., Poell, T., & Waal, M. de. (2018). The Platform Society: public values in a connective world. *Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53, Issue 9). Oxford University Press.



# Produção e circulação de informações jornalísticas no contexto dos embates com as plataformas

**ROSELI FIGARO**

*Escola de Comunicações e Artes  
Université de São Paulo  
Brasil  
Roseli.figaro@gmail.com*

**MARÍA ELENA HERNÁNDEZ RAMÍREZ**

*Centro Universitario de Ciencias Sociales  
y Humanidades  
Universidad de Guadalajara  
México  
me.hernandez.ramirez@academicos.udg.mx*

**FLORIAN TIXIER**

*CERAPS & LaPIJ  
Université de Lille / Université libre de Bruxelles  
France / Belgique  
Florian.tixier@univ-lille.fr*



a era contempor nea, o jornalismo enfrenta enormes desafios que questionam seu papel como uma institui o essencial à democracia. Essa fun o foi discutida e defendida em momentos diferentes pelos pensadores Alexis de Toqueville (1835/2002) e John Dewey (1927/1988), e permanece vigente em discursos sociais sobre jornalismo nas sociedades ocidentais modernas. Atualmente, um desses desafios   o controle do modelo de produ o e circula o de informa es jornalísticas por grandes corpora es tecnológicas que dominam o espaço da Internet, em particular Google e Meta, porque diante da impossibilidade de superar o alcance de audiências, facilitado pelas ferramentas tecnológicas criadas e gerenciadas por essas corpora es, o jornalismo perde independência ao ser forçado a se submeter às pressões do clickbait ou cyberbait1, um recurso que condiciona a distribui o do jornalismo   opera o de algoritmos, em vez de entregar principalmente as informa es de que os cidadãos precisam para participar da vida democrática e tomar decisões informadas.

As ameaças às fun es essenciais do jornalismo como um pilar da democracia são inerentes ao sistema capitalista. Antes do desenvolvimento tecnológico da Internet que impactou o jornalismo, John McManus (1994), entre outros autores, apontou uma crítica oportuna ao jornalismo impulsionado pelo mercado e suas implica es para a democracia e   sociedade em geral. Na análise do autor,

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez, Florian Tixier, « Produ o e circula o de informa es jornalísticas no contexto dos embates com as plataformas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n 2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.618>



é a própria indústria jornalística que prioriza os interesses econômicos sobre os valores informativos, deslocando “o julgamento jornalístico pelo julgamento do mercado” e dando o papel de gatekeeper ao consumidor para decidir “o que se tornará notícia” (McManus, 1994, p.xii-xiii).

Desse modo, a necessidade de sustentar a produção jornalística foi resolvida na era industrial com o advento da publicidade. O jornalismo é financiado pelo mercado de publicidade. Daí a contradição inerente entre prestar um serviço de interesse público e/ou estar focado nos interesses do público consumidor. A palavra “público” tem significados diferentes em cada um desses eixos. Interesse público refere-se às relações entre a sociedade civil e o estado. Nesse relacionamento, são inseridas disputas entre interesses privados ou propriedade privada e os interesses da comunidade da sociedade civil como entidade política e sujeito histórico. Esta discussão é bem marcada por teóricos de diferentes nacionalidades, aqui destacamos dois brasileiros.

Nesse sentido, Marcondes Filho em sua obra *O capital de Notícia - Jornalismo como Produção Social de segunda natureza* (1986), defende “a ideia de que o objetivo principal do jornalismo hegemônico é vender o produto, pois se trata de uma empresa capitalista como outra qualquer” (De Oliveira, 2020: para. 2.). Por outro lado, em *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo* (1987), Genro Filho propõe uma análise marxista da prática jornalística, destacando-a como um conhecimento fundamental para que a sociedade se emancipe. Para Genro Filho: “A consumação da liberdade humana exige o desenvolvimento da imprensa em geral. Vale acrescentar, em especial, do jornalismo.” (1987, p. 231)

Essas duas contribuições são relevantes para nós entendermos o jornalismo como uma forma de conhecimento e como um dos discursos da história que é conduzido a partir da vida cotidiana (Heller, 1989). Tanto a análise de Marcondes Filho, em sua maneira de ver o jornalismo convencional, de mercadoria que serve aos interesses do capital, quanto a de Genro Filho, que entende o jornalismo como uma produção relevante para a sociedade, nos trazem o desconforto necessário para entendermos os contextos históricos nos quais a produção jornalística é inserida. Como uma práxis historicamente contextualizada, constituída desde o século XIV, o jornalismo está inserido nas transformações das relações sociais de produção. Fora desse entendimento, o jornalismo se torna um discurso anodino.

Vale ressaltar que essa reflexão precisa de análise dialética, sua negatividade, para superar as limitações impostas ao jornalismo. Sobre esse assunto, Rafael Bellan destaca o discurso do professor português José Luiz García (2022), no qual afirma:

A situação atual, empurrada pelas novas condições de produção, divulgação e inserção da informação propiciadas pela internet, impele a indistinção jornalística e a chamada produção de conteúdo. Com muita frequência, conteúdos de marca e de marca comercial, conhecidos pelo nome inglês de branded content - que são acordados, negociados com anunciantes ou empresas, e nesse caso, o jornalista trabalharia em uma espécie de zona de fronteira. Segundo a designação anglo-saxônica, também podemos chamar de boundary-work. Portanto, deste modo, seria mais adequado dizer que há uma tese que afirma que o jornalismo é conhecimento e conhecimento diferente do senso comum. Esta tese é perfilhada, adotada ou defendida por aqueles que pretendem que o jornalismo seja conhecimento ou se mantenha como conhecimento e não como produção de conteúdos, ou de branded content, ou de informação passiva de ser feita, por exemplo, por robôs. Ou seja, é uma tese defendida por aqueles que querem cada vez mais que o jornalismo seja um conhecimento aprimorado, um conhecimento justificado. (Bellan & Garcia, 2022).

Como destaca Garcia, há forças comerciais dominantes que apontam determinado caminho para o jornalismo, ou seja, sua transformação em branded content; e há a necessidade da realidade social que coloca para o jornalismo os desafios do combate ou seja, a busca do conhecimento da realidade. Desta forma, com a plataformação, o jornalismo está no olho do furacão entre o que já salientava Marcondes Filho e a lógica dialética da práxis do combate, com o processo das lutas sociais como motor desse combate.

---

#### **O IMPACTO DA PLATAFORMIZAÇÃO: UMA LUTA ECONÔMICA E CULTURAL**

---

O controle do jornalismo pelas empresas de plataformas digitais (particularmente Meta e Google) foi discutido no texto de Bell, et. al (2017) e em outros textos fundamentais sobre a plataformação, como em van Dijck, Poell e Waal (2018) e Poell, Nieborg e Van Dijck (2020). Um número especial da revista Sobre o Jornalismo também foi dedicado a este tema (Sebbah et al., 2020). Embora em alguns trabalhos acadêmicos a preocupação com a dependência atual do jornalismo desses conglomerados de mídia tenha sido naturalizada, precisamos retornar a atenção à análise feita por Helmond (2015), onde argumenta que a lógica do Facebook se estende a toda a Internet, tornando impossível sua operação como um espaço de circulação pública, sem necessariamente fins financeiros. De acordo com Helmond, essa lógica redefine as interações sociais e comerciais online, pois, como

plataforma, o Facebook é caracterizado por seu design programável, sua operação como um mercado multilateral e sua capacidade de expandir e integrar dados externos (2015). A lógica do aplicativo e a interconexão entre aplicativos para coleta e transmissão de dados transformou a rede em um grande negócio.

Para repensar a luta necessária pelo jornalismo na era contemporânea, vale a pena dedicar umas linhas para abordar alguns dos dilemas que a plataforma traz. Destacamos dois eixos: produção e circulação de informações jornalísticas.

Na produção, um dos impactos no jornalismo (que, no entanto, é visto como um benefício) é o uso de ferramentas como a escrita SEO (*Search Engine Optimization*), que padroniza a estrutura das matérias e seleciona as principais palavras que devem ser redundantes no texto, para que os mecanismos de busca possam encontrá-las e, portanto, resultar em visibilidade e monetização. A padronização dos parágrafos e do tamanho do texto, os recursos apropriados das redes para atrair públicos jovens que consomem as informações com pressa, estão a serviço da simplificação e da leitura rápida e não reflexiva. Os títulos devem ser chamativos, ajustados à curiosidade do clique. Até se usa um novo adjetivo para nomeá-lo - jornalismo de sensações (Azevedo & Schaun, 2016) - para camuflar o sensacionalismo, no qual cada vez mais meios caem em busca de atenção. A falta de contextualização do fato é a primeira grande vítima dessas regras de produção.

Outro aspecto importante entre os dilemas que a plataforma implica para a produção jornalística é a mudança no conceito do que é a notícia. Muito foi escrito sobre os critérios de noticiabilidade e o papel do jornalismo como serviço de interesse público. No entanto, a redação SEO e as regras para a composição da informação trazem outro problema para a redação: os temas que merecem ser notícia devem estar na agenda dos mais 'curtidos' nas redes sociais. Uma situação clássica entre o profissional e seu público é invertida. Ou seja, é o público que indica o que é notícia. O papel do jornalismo adquire uma estranha hibridação - para dizer o mínimo - entre notícias e entretenimento. Enquanto o fenômeno do infoentretenimento (Berrocal Gonzalo et al, 2012) não é novo em jornalismo (cf. Brin et al., 2004), neste caso, chama atenção a normalização das práticas que tentam atrair ou evitar a fuga dos leitores ou consumidores de informações, sob as regras das plataformas nas quais circulam notícias.

### **Uma circulação sob dominação: uma luta pela autonomia**

Com relação à circulação do jornalismo nas plataformas, essa é uma separação meramente didática, uma vez que a lógica da produção jornalística está em conformidade com a da circulação, especialmente nos tempos

contemporâneos em que os suportes de circulação não pertencem àqueles que produzem jornalismo. Nada da antiga lógica da imprensa ou mesmo dos portais de notícias do início do século XXI. A circulação do conteúdo é outro campo de luta. Antes, a mídia tradicional local e nacional controlava sua distribuição, esse poder agora pertence a dois gigantes: Google e Meta. Elas fornecem o suporte à produção, de acordo com suas redes e ferramentas disponíveis. A circulação controlada por essas empresas determina a publicidade e como ela aparecerá no ambiente informativo. Ninguém sabe qual banner será exposto em seu veículo. Essas regras não são reveladas em leilões de publicidade programática, os quais são controlados em todo o mundo por ambas as empresas, especialmente pelo Google. O sistema *Demand Side Platforms* (DPS) controla não apenas o trabalho em publicidade (Oliveira, 2024), mas também direciona os fundos de publicidade a perfis de público, eliminando a prevalência do perfil do veículo de mídia. Portanto, ao eliminar o poder do veículo de controlar os fundos de publicidade, o Google e a Meta têm o jornalismo acorrentado para deixá-lo à beira do abismo, forçado a usar as ferramentas que oferecem: como escrever, como investigar, como publicar, como circular, como monetizar.

O *Google News Initiative* é um setor do conglomerado tecnológico que fornece ferramentas para "construir uma comunidade global de notícias"<sup>2</sup>, incluindo: *Google Analytics, News consumer insights, Realtime content insights, Google looker studio, Google consumer surveys*. Para facilitar seu uso, o Google oferece treinamento e cursos personalizados. Essa lógica é inevitável, uma vez que mesmo pequenas iniciativas de jornalismo independente e alternativo não estão livres da influência dessas plataformas. Portanto, a crise do jornalismo "é resolvida" ao se obedecer as determinações da produção e circulação dessas duas grandes empresas de comunicação, que hoje representam o oligopólio geral na área de jornalismo e publicidade.

### **A mercantilização do jornalismo: uma batalha democrática**

Concordamos com Poell, Nieborg e Van Dijck (2022), pois "é necessário estudar as dimensões institucionais da plataforma: infraestrutura de dados, mercados e governança, em relação às mudanças nas práticas culturais" (p. 3). Essa abordagem se aplica particularmente à prática do jornalismo. Uma das mudanças mais preocupantes associadas à plataforma de práticas jornalísticas é que, para agradar e "monetizar" a circulação de conteúdo, os produtores de notícias se tornam cada vez mais, "complementadores das plataformas" (Poell, Nieborg e van Dijck, 2022, p.10) Isso significa que eles produzem conteúdo complementar para plataformas como o Facebook e o Google, desde a compreensão de suas lógicas e a adaptação a elas, a fim de alcançar o público que não é exatamente típico do veículo.



**Tabela 1:** Financiamento: Arranjos alternativos contemplados pelas empresas de plataforma até 2020.

Nome do veículo	Empresa financiadora
Agência Lupa	Meta Journalism Project Mista
Agência Mural	Google News Initiative
Agência Pública	Google News Initiative
Alma Preta	Meta Journalism Project
Aos Fatos	Meta Journalism Project y Google News Initiative
Associação Desenrola	Google News Initiative
AzMina	Google News Initiative
Congresso em Foco	Google News Initiative
JOTA	Google News Initiative
Nexo Jornal	Meta Journalism Project
Nós, Mulheres da Periferia	Meta Journalism Project

Fonte: Elaborado por Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023.

A luta pelo jornalismo, concebida como uma prática social indispensável para a vida democrática, não pode ser adiada. A plataformização está transformando o conteúdo jornalístico em “mercadorias contingentes”, de acordo com a teoria de Nieborg e Poell (2018), que explica a incidência das métricas usadas pelas grandes corporações de plataformas Gafam (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) para determinar se os produtos culturais são lucrativos com base em “dados relevantes sobre a participação e retenção de usuários na forma de referências sociais, comentários, classificação de pesquisa e visitas às páginas” (p.2) e, portanto, influem na modificação do conteúdo ou no seu abandono. Com seus critérios de “sucesso”, as corporações de plataforma que dominam o jornalismo, facilitam ou limitam a visibilidade de certas informações e causam o deslocamento de outras (Nieborg & Poell, 2018).

#### LUTAS E RESISTÊNCIAS JORNALÍSTICAS: MODELOS ALTERNATIVOS E INDEPENDENTES

Os desafios são numerosos. Mesmo iniciativas destinadas a neutralizar os efeitos nocivos da plataformização e sua lógica financeira estão sendo absorvidas pelas políticas de financiamento de fundações internacionais. Fundações como Ford, Open Society, Heinrich Böll, entre outros, são exemplos dessas práticas. Isso é evidenciado por Camargo em sua tese *Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das*

*fundações internacionais* (2024). Por exemplo, no Brasil, México, Colômbia, Argentina e EUA, a presença da Fundação Knight, por meio de seus *Centers*<sup>3</sup>, é muito forte na formação de um tipo de jornalismo de causas, sem fins lucrativos, um modelo para as Américas. Nesse contexto, Camargo, Nonato, Pachi Filho e Lelo (2023) fizeram um estudo sobre o financiamento de iniciativas que chamamos de arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil. Eles discutem “a influência das empresas de plataforma no mercado jornalístico, com ênfase na relação estabelecida entre o Google, Meta e os arranjos alternativos aos conglomerados de mídia no Brasil” (2023, p.2). Algumas das iniciativas estudadas por eles tiveram financiamento em 2020, conforme a Tabela 1.

Em suas conclusões, os autores afirmam:

apesar de reconhecermos que a ingerência das big techs nos veículos de mídia não é determinante mesmo em arranjos mais frágeis institucionalmente, o discurso mobilizado por essas corporações em seus programas de financiamento repercute um ideário de cooptação das práticas jornalísticas para o interior das infraestruturas técnicas e modelos de negócio das plataformas. É fato que os crescentes investimentos feitos por Google e Meta no jornalismo brasileiro refletem suas tentativas globais de atenuar as críticas que vêm recebendo por sua política de expansão empresarial centralizadora e oligopolizada (POELL; NIEBORG; VAN

DIJCK, 2020), cujos efeitos mais tangíveis são os de abalar economicamente diversos setores da produção cultural (Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023, p. 19).

Contudo, existem meios que se esforçam para desenvolver modelos econômicos alternativos, desconectados da lógica de financiamento imposta por plataformas e fundações. No entanto, esse caminho é extremamente difícil porque existem controles que, embora sutis, são muito eficazes. Projetos de financiamento introduzem gerenciamento, normas de transparência, metas, impactos e modelos de métricas, dificultando experiências jornalísticas realmente alternativas (Camargo, 2024).

Na América Latina, foram criadas iniciativas de jornalismo investigativo que enfrentam o dilema de fazer jornalismo independente de empresas de mídia, mas com doações ou bolsas de estudos de fundações estrangeiras. Os projetos que recebem suporte devem aderir às agendas prioritárias de tais organizações filantrópicas.

As lutas atuais do jornalismo transcendem ajustes tecnológicos simples; elas tocam na própria essência dessa profissão, que garante o acesso a informações gratuitas e pluralistas, e representa uma batalha constante em defesa da democracia. Diante das transformações promovidas pela plataformação, o jornalismo se encontra na encruzilhada da adoção de avanços tecnológicos, resultado das realizações da humanidade, sem abrir mão de seu papel essencial como um pilar das sociedades democráticas. Como afirmam Poell et al. (2022), é crucial analisar as dimensões institucionais e culturais desse fenômeno para projetar estratégias que permitam responder a seus desafios adequadamente. Os esforços para regular a atividade comercial das empresas de plataforma de comunicação – como Google e Meta – são uma necessidade urgente. Para essa forma de regulamentação, o financiamento pode ter uma

perspectiva mais transparente e de fato vir a garantir a independência do jornalismo.

Nesse contexto, destacam-se os combates no jornalismo, pelos jornalistas. A contribuição dos pesquisadores que participam deste dossiê de Sobre o Jornalismo, com o tema “Jornalismo, uma profissão de luta”, demonstra os esforços feitos em um cenário tão complexo. Para avançar nesse combate, a primeira coisa a se fazer é a análise da realidade com todos os seus complexos eixos e elementos envolvidos.

Os artigos desse número nos convidam a refletir sobre como em tempos de crise, como no período da pandemia, o jornalismo foi essencial para a sociedade ter informações de qualidade para se proteger do Covid-19. O jornalismo produzido pelos jornalistas foi uma arma contra a desinformação, em defesa da ciência e da vida. Também a resistência do jornalismo produzido pela empresa pública brasileira EBC é uma marca para o contraste com os governos autoritários no Brasil. Jornalismo especializado em cultura, sustentabilidade e literatura é espaço fundamental para promover o jornalismo como uma produção de conhecimento em sua missão de serviço público necessário para a democracia.

A luta exige que conheçamos os atores que procuram domesticar o jornalismo, esse conhecimento fortalece as possibilidades de brechas e resistências. E nos dá uma certeza, o jornalismo é uma arma muito importante para a democracia e a participação cidadã, se assim não fosse, não haveria tantas disputas por ele.

## NOTES

<sup>1</sup> Clickbait se define como uma técnica de escritura para chamar a atenção do leitor e gerar “tráfego”, ou circulação de conteúdos, “intencionalmente promete, tergiversar ou manipular para atrair os usuários a um sitio web em particular.” <https://www.arimetrics.com/glosario-digital/clickbait>

<sup>2</sup> <https://newsinitiative.withgoogle.com/pt-br/about/>

<sup>3</sup> <https://knightfoundation.org/knight-centers/>

## REFERÊNCIAS

- Azevedo, L., & Schaun, A. (2016). A notícia e a lógica das sensações: Uma contribuição para as teorias do jornalismo. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (132), 225-243.
- Bell, E., C.W. Anderson & Shirky Clay (2013). *Periodismo postindustrial: adaptación al presente*. España: Eicicero.
- Bell, E., Owen, T., Brown, P., Hauka, C., & Rashidian, N. (2017). A imprensa nas Plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo*. ESPM, 48–83. <https://doi.org/https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>
- Bellan, R. & Garcia, J.L. (2022). Jornalismo “no front”. In: Bacin, A. Silva, M.P. (orgs.). *Pesquisa em jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho*. Ed : SBPJor. <https://site.sbpjor.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Pesquisa-em-Jornalismo-conhecimento-e-resistencia-o-legado-de-Adelmo-Genro-Filho.pdf>
- Berrocal Gonzalo, S., Redondo García, M., & Campos Domínguez, E. (2012). Una aproximación al estudio del infoentretenimiento en Internet: origen, desarrollo y perspectivas futuras. *AdComunica*, 4, 63–79. <https://doi.org/10.6035/2174-0992.2012.4.5>
- Brin, C., Charron, J., & De Bonville, J. (2004). *Nature et transformation du journalisme: théorie et recherches empiriques*. Presses Université Laval.
- Camargo, Camila A. (2024). *Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*. Tese doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Camargo, C. A., Nonato, C., Pachi Filho, F. F., & Lelo, T. V. (2023). Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às corporações de mídia. *E-Compós*, 26. <https://doi.org/10.30962/ec.2821>
- Carvajal, M., García-Avilés, J. A., & González, J. L. (2012). Crowdfunding and Non-Profit Media: The Emergence of New Models for Public Interest Journalism. *Journalism Practice*, 6(5–6), 638–647. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667267>
- De Tocqueville, A. (1835/ 2002). *De la démocratie en Amérique*. Editions Bréal.
- Dewey, J. (1927/1988). *The Public and its Problems*. Swallow Press/Ohio University Press.
- Genro Filho, A. (1987). *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Helmond, A. (2015). The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media and Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- McManus, J. (1994). *Market Driven Journalism. Let the Citizen Beware?* SAGE.
- Mesquita, L., Sanseverino, G.G., de-Lima-Santos, M.-F. and Carpes, G. (2024), Reshaping Journalism Practices through Collaboration: An Analysis of Three Collaborative Projects in the Americas. In: Robinson, L., Moles, K., Moreira, S.V. and Schulz, J. (Ed.). *Geo Spaces of Communication Research* (Studies in Media and Communications, Vol. 26), Emerald Publishing Limited, Leeds, pp. 127-141. <https://doi.org/10.1108/S2050-206020240000026011>
- Nieborg & Poell (2018). The Platformization of Cultural Production: Theorizing the Contingent Cultural Commodity. *New Media & Society*, 1-18 DOI: 10.1177/1461444818769694
- Oliveira, D. (2020). *Ciro Marcondes Filho, um crítico radical e humanista convicto*. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/ciro-marcondes-filho-um-critico-radical-e-humanista-convicto/>
- Oliveira, D. F. de. (2024). *Mudanças no mundo do trabalho dos Mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de Mídia Programática*. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-141902>
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - estudos Midiáticos*, 22(1), 2–10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Poell, T., Nieborg, D., & van Dijck, J. (2022). Plataformização. *Revista Latinoamericana de Economía Y Sociedad Digital*. <https://doi.org/10.53857/tsfe1722>
- Sebbah, B., Sire, G., & Smyrniaios, N. (2020). Journalism et plateformes : de la symbiose à la dépendance. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 9(1)
- Van Dijck, J., Poell, T., & Waal, M. de. (2018). The Platform Society: public values in a connective world. *Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53, Issue 9). Oxford University Press.

# Production et circulation de l'information journalistique dans le contexte des affrontements avec les plateformes

**ROSELI FIGARO**

*Escola de Comunicações e Artes  
Université de S o Paulo  
Brasil  
Roseli.figar@gmail.com*

**MARÍA ELENA HERNÁNDEZ RAMÍREZ**

*Centro Universitario de Ciencias Sociales  
y Humanidades  
Universidad de Guadalajara  
México  
me.hernandez.ramirez@academicos.udg.mx*

**FLORIAN TIXIER**

*CERAPS & LaPIJ  
Université de Lille / Université libre de Bruxelles  
France / Belgique  
Florian.tixier@univ-lille.fr*



Le journalisme fait face, dans le contexte contemporain, à des défis majeurs qui interrogent son rôle fondamental en tant qu'institution clé de la démocratie. Défendu et analysé à différentes périodes par des penseurs tels qu'Alexis de Tocqueville (1835/2002) et John Dewey (1927/1988), ce rôle demeure un enjeu central dans les discours sociaux sur le journalisme dans les sociétés occidentales modernes. L'un des principaux défis réside dans le contrôle du modèle de production et de diffusion de l'information journalistique par les grandes entreprises technologiques qui dominent l'espace numérique, en particulier Google et Meta. Incapable de rivaliser avec la portée des audiences rendue possible par les outils technologiques crées et gérés par ces entreprises, le journalisme perd son indépendance en étant contraint de céder aux pressions du *clickbait* (ou « *piège à clics* »), procédé qui subordonne la distribution des contenus journalistiques au fonctionnement des algorithmes, plutôt que de privilégier la transmission des informations essentielles dont les citoyens ont besoin pour participer pleinement à la vie démocratique et prendre des décisions éclairées.

Les menaces qui pèsent sur les fonctions essentielles du journalisme en tant que pilier de la démocratie sont consubstantielles au système capitaliste. Avant de pouvoir observer l'impact des technologies numériques d'Internet sur le journalisme, John McManus

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez,  
Florian Tixier, « El periodismo, una profesión de  
luchas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre  
journalismo* [En ligne, online], Vol 13, n 2 - 2024,  
15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de  
diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.621>



(1994), parmi d'autres auteurs, avait déjà formulé une critique sévère du journalisme dominé par les logiques de marché et des conséquences de cette orientation sur la démocratie et la société dans son ensemble. Cependant, selon son analyse, c'est l'industrie de la presse elle-même qui privilégie les intérêts économiques au détriment des valeurs informatives, substituant « le jugement journalistique au jugement du marché » et confiant au consommateur le rôle de *gatekeeper*, chargé de déterminer « ce qui deviendra une information » (McManus, 1994, p. xii-xiii).

A l'ère industrielle, une solution pour financer la production journalistique s'est imposée avec l'avènement de la publicité. Le journalisme s'est alors financé par le marché publicitaire, introduisant une contradiction inhérente : fournir un service d'intérêt public tout en répondant aux intérêts du public en tant que consommateur, ces deux perspectives revêtant ici des significations distinctes. Ainsi, l'intérêt public renvoie aux relations entre la société civile et l'État, dans lesquelles s'inscrivent les tensions entre les intérêts privés, ou la propriété privée, et les intérêts collectifs de la communauté en tant qu'entité politique et sujet historique. Cette problématique a été largement explorée par des théoriciens de diverses nationalités, parmi lesquels se distinguent deux intellectuels brésiliens.

Dans cette perspective, Marcondes Filho, dans son ouvrage *O Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza* (1986), défend « l'idée que l'objectif principal du journalisme hégémonique est de vendre un produit, car il s'agit d'une entreprise capitaliste comme une autre » (De Oliveira, 2020, s.n.). De son côté, dans *O Segredo da Pirâmide : para uma teoria marxista do Jornalismo* (1987), Genro Filho propose une analyse marxiste de la pratique journalistique, la présentant comme un savoir fondamental pour l'émancipation de la société. Selon Genro Filho : « La réalisation de la liberté humaine exige le développement de la presse en général, et du journalisme en particulier. » (1987, p. 231)

Ces deux contributions sont essentielles pour comprendre le journalisme à la fois comme une forme de savoir et comme l'un des discours de l'Histoire enraciné dans la vie quotidienne (Heller, 1989). L'analyse de Marcondes Filho, qui perçoit le journalisme conventionnel comme une marchandise au service des intérêts du capital, et celle de Genro Filho, qui envisage le journalisme comme une production indispensable pour la société, suscitent un inconfort salutaire, permettant de comprendre les contextes historiques dans lesquels la production journalistique s'inscrit. En tant que praxis historiquement contextualisée, développée depuis le XIV<sup>e</sup> siècle, le journalisme reflète en effet les transformations des relations sociales de production.

En l'absence de cette perspective, il se réduit à un discours dénué de profondeur et d'utilité véritable.

Cette réflexion nécessite une analyse dialectique, prenant en compte sa dimension critique, pour dépasser les contraintes qui pèsent sur le journalisme. À ce propos, Rafael Bellan met en lumière l'intervention du professeur portugais José Luiz García (2022), qui affirme :

« La situation actuelle, influencée par les nouvelles conditions de production, de diffusion et d'intégration de l'information rendues possibles par Internet, pousse à une indistinction entre journalisme et ce que l'on appelle production de contenu. Très souvent, des contenus de marque ou de nature commerciale, désignés sous le terme anglais de *branded content*, sont négociés avec des annonceurs ou des entreprises, plaçant alors le journaliste dans une sorte de zone frontière. Selon la terminologie anglo-saxonne, cela peut également être qualifié de *boundary-work*. Ainsi, il serait plus juste de dire qu'il existe une thèse selon laquelle le journalisme est un savoir, et un savoir distinct du sens commun. Cette thèse est adoptée ou défendue par ceux qui souhaitent que le journalisme soit ou demeure un savoir, et non une simple production de contenus, de *branded content* ou d'informations susceptibles d'être générées, par exemple, par des robots. En d'autres termes, il s'agit d'une thèse soutenue par ceux qui veulent que le journalisme soit de plus en plus un savoir raffiné, un savoir légitime. » (Bellan & García, 2022)

Comme le souligne García, des acteurs économiques majeurs poussent le journalisme vers une transformation en *branded content*. Parallèlement, la réalité sociale confronte le journalisme à des défis importants, notamment celui de poursuivre une quête de connaissance approfondie de cette réalité. Dans ce contexte marqué par la plateformesation, le journalisme se retrouve au centre d'une tourmente, oscillant entre les dynamiques économiques décrites par Marcondes Filho et la logique dialectique d'une praxis en combat, où les luttes sociales agissent comme moteur de cette confrontation.

---

#### L'IMPACT DE LA PLATEFORMISATION : UN COMBAT ÉCONOMIQUE ET CULTUREL

---

Le contrôle du journalisme par les entreprises de plateformes numériques (en particulier Meta et Google) a été abordé dans les travaux de Bell et al. (2017) ainsi que dans d'autres contributions fonda-



mentales sur la plateformes, telles que celles de van Dijck, Poell et Waal (2018) et de Poell, Nieborg et van Dijck (2020). Un numéro spécial de la revue *Sur le journalisme* a également été consacré à ce sujet (Sebbah et al., 2020). Bien que certains travaux académiques aient banalisé la dépendance actuelle du journalisme à ces conglomérats médiatiques, il est nécessaire de revenir à l'analyse menée par Helmond (2015). Cette dernière soutient que la logique de Facebook s'étend à l'ensemble d'Internet, rendant impossible son fonctionnement comme espace public de circulation sans poursuite nécessaire d'objectifs financiers. Selon Helmond, cette logique redéfinit les interactions sociales et commerciales en ligne, car Facebook, en tant que plateforme, se caractérise par son design programmable, son fonctionnement en tant que marché multilatéral et sa capacité à intégrer et élargir des données externes (2015). La logique des applications et leur interconnexion pour la collecte et la transmission de données ont transformé le réseau en un immense marché.

Pour repenser le combat nécessaire pour le journalisme à l'ère contemporaine, il convient de s'attarder sur certains des dilemmes posés par la plateformes. Deux axes principaux méritent d'être soulignés : la production et la circulation des informations journalistiques.

Dans le domaine de la production, l'un des impacts notables sur le journalisme, souvent perçu comme un avantage, est l'utilisation d'outils tels que l'écriture SEO (*Search Engine Optimization*). Cette méthode impose une standardisation de la structure des contenus et privilégie la répétition de certains mots-clés, permettant aux moteurs de recherche de les repérer facilement et d'assurer ainsi leur visibilité et leur monétisation. La standardisation des paragraphes et de la longueur des textes, ainsi que l'adoption de formats adaptés aux réseaux pour attirer les jeunes publics consommant les informations rapidement, servent une logique de simplification et de lecture rapide, au détriment de la réflexion. Les titres doivent être accrocheurs, calibrés pour stimuler la curiosité et donc le clic. Un nouveau qualificatif a même été forgé pour désigner ce phénomène – *journalisme de sensations* (Azevedo & Schaun, 2016) – afin de masquer le sensationnalisme dans lequel de plus en plus de médias tombent pour capter l'attention. La première grande victime de ces règles de production est le manque de contextualisation des faits.

Un autre aspect important parmi les dilemmes que la *plateformisation* pose à la production journalistique est la redéfinition du concept même de ce qu'est une « information d'actualité ». De nombreux travaux ont déjà analysé les critères de sélection de l'information (*noticiability*) et le rôle du journalisme

en tant que service d'intérêt public. Cependant, l'écriture SEO et les règles de composition des contenus introduisent un nouveau problème dans les rédactions : les sujets jugés dignes d'un article doivent désormais figurer parmi les plus populaires sur les réseaux sociaux. Cette situation renverse la relation classique entre le professionnel et son public. Autrement dit, c'est désormais le public qui détermine ce qui constitue une nouvelle. Le rôle du journalisme acquiert ainsi une étrange hybridation – pour le moins – entre information et divertissement. Bien que le phénomène de l'info-divertissement (*infotainment*) ne soit pas nouveau dans le journalisme (Berrocal Gonzalo et al., 2012 ; Brin et al., 2004), ce qui frappe ici est la normalisation de pratiques visant à attirer, reconquérir ou retenir les lecteurs ou consommateurs d'informations, en se pliant aux règles des plateformes où circulent les nouvelles et les contenus journalistiques.

#### **Une circulation sous domination : un combat pour l'autonomie**

La distinction que nous faisons ici entre production et circulation est bien évidemment purement didactique, car la logique de production journalistique est intrinsèquement liée à celle de la circulation, notamment à une époque où les supports de diffusion n'appartiennent plus à ceux qui produisent le journalisme. Rien ne subsiste de l'ancienne logique de la presse ou même des portails d'information du début du XXI<sup>e</sup> siècle. La circulation des contenus constitue ainsi un autre champ de bataille. Alors qu'auparavant les médias contrôlaient directement leur distribution, ce pouvoir appartient désormais à deux géants : Google et Meta. Ces entreprises fournissent les supports de production, alignés sur leurs réseaux et les outils qu'elles proposent. La circulation, contrôlée par ces sociétés, détermine la publicité et la manière dont celle-ci sera intégrée dans l'environnement informatif. Personne ne sait quelle bannière sera affichée sur sa plateforme. Ces règles ne sont pas divulguées lors des enchères de publicité programmatique, lesquelles sont entièrement contrôlées à l'échelle mondiale par ces deux entreprises, et tout particulièrement par Google. Le système *Demand Side Platforms* (DPS) ne se contente pas de gérer la publicité (Oliveira, 2024) : il dirige également les fonds publicitaires vers des profils d'audience, éliminant ainsi la prépondérance du profil éditorial des médias eux-mêmes. En privant les médias du contrôle de leurs revenus publicitaires, Google et Meta placent le journalisme sous leur emprise, le contraignant à s'adapter à leurs outils et à leurs règles pour écrire, enquêter, publier, diffuser et monétiser l'information, au détriment de son autonomie.

*Google News Initiative* est une branche du conglomérat technologique qui propose des outils visant

à « bâtir une communauté de l'information mondiale »<sup>1</sup>, tels que *Google Analytics*, *News Consumer Insights*, *Realtime Content Insights*, *Google Looker Studio* et *Google Consumer Surveys*. Pour en faciliter l'utilisation, Google propose des formations et des cours personnalisés. Ce système est incontournable, car même les petites initiatives de journalisme indépendant et alternatif se retrouvent sous l'influence de ces plateformes. Se crée ainsi l'illusion que l'on pourrait résoudre la crise du journalisme en se conformant aux exigences de production et de circulation dictées par ces deux grandes entreprises de communication, qui incarnent aujourd'hui un oligopole global dans les domaines du journalisme et de la publicité.

### La marchandisation du journalisme : un combat démocratique

Nous partageons l'analyse de Poell, Nieborg et van Dijck (2022), selon laquelle « il est nécessaire d'étudier les dimensions institutionnelles de la *plateformisation* : les infrastructures de données, les marchés et la gouvernance, en lien avec les changements des pratiques culturelles » (p. 3). Cette approche s'applique tout particulièrement à la pratique journalistique. L'une des transformations les plus préoccupantes associées à la *plateformisation* des pratiques journalistiques est que, pour séduire et « monétiser » la circulation des contenus, les producteurs d'informations deviennent de plus en plus des « compléments des plateformes » (Poell, Nieborg et van Dijck, 2022, p. 10). Cela signifie qu'ils produisent des contenus complémentaires pour Facebook ou Google, en intégrant leurs logiques et en s'y adaptant, dans le but d'atteindre un public qui

ne correspond pas nécessairement à celui des médias traditionnels.

La lutte pour le journalisme, conçu comme une pratique sociale indispensable à la vie démocratique, ne peut être différée. La *plateformisation* transforme les contenus journalistiques en « marchandises contingentes », selon la théorie de Nieborg et Poell (2018), qui décrit comment les GAFAM (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) utilisent certaines métriques pour évaluer la rentabilité des produits culturels sur la base de « données pertinentes concernant la participation et la fidélisation des utilisateurs, sous forme de références sociales, de commentaires, de classements dans les recherches et de visites de pages » (p. 2). Ces métriques influencent ainsi la modification des contenus ou leur abandon. En établissant des critères de « succès », les grandes plateformes qui dominent le journalisme facilitent ou restreignent la visibilité de certaines informations et entraînent le déplacement d'autres (Nieborg & Poell, 2018).

### LUTTES ET RÉSISTANCES JOURNALISTIQUES : DES MODÈLES ALTERNATIFS ET INDÉPENDANTS

Les défis auxquels le journalisme fait face sont multiples et complexes. Même les initiatives visant à contrer les effets néfastes de la *plateformisation* et de ses logiques financières sont souvent absorbées par les politiques de financement de fondations internationales. Des organisations comme la Fondation Ford, Open Society ou Heinrich Böll, pour ne citer qu'elles,

**Tableau 1** : Financement des médias : modèles alternatifs soutenus par les entreprises de plateformes jusqu'en 2020.

Nom du média	Entreprise financière
Agência Lupa	Meta Journalism Project Mista
Agência Mural	Google News Initiative
Agência Pública	Google News Initiative
Alma Preta	Meta Journalism Project
Aos Fatos	Meta Journalism Project et Google News Initiative
Associação Desenrola	Google News Initiative
AzMina	Google News Initiative
Congresso em Foco	Google News Initiative
JOTA	Google News Initiative
Nexo Jornal	Meta Journalism Project
Nós, Mulheres da Periferia	Meta Journalism Project

Source : Établi par Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023.

illustrent ce phénomène. Camargo en fournit un exemple dans sa thèse, soutenue en 2024 et intitulée « Capture et reconfiguration du journalisme numérique indépendant et alternatif : le rôle de la philanthropie des fondations internationales » (*Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*). Ainsi, au Brésil, au Mexique, en Colombie, en Argentine et aux États-Unis, la Fondation Knight, via ses *Centers*<sup>2</sup>, joue un rôle clé dans la promotion d'un journalisme de causes, à but non lucratif, qui s'impose comme un modèle pour les Amériques.

Dans ce cadre, Camargo, Nonato, Pachi Filho et Lelo (2023) ont conduit une étude sur les financements alloués à des initiatives qualifiées de modèles journalistiques alternatifs et indépendants au Brésil. Ils examinent « l'influence exercée par les entreprises de plateformes sur le marché journalistique, en se concentrant sur les relations établies entre Google, Meta et les modèles alternatifs aux conglomerats médiatiques au Brésil » (2023, p. 2).

Certaines de ces initiatives ont bénéficié de financements en 2020, comme l'illustre le tableau 1.

Dans leurs conclusions, les auteurs affirment :

« Bien que nous reconnaissons que l'ingérence des *Big Techs* dans les médias n'est pas déterminante, même dans des contextes institutionnellement plus fragiles, le discours mobilisé par ces grandes entreprises technologiques à travers leurs programmes de financement reflète une idéologie de cooptation des pratiques journalistiques au sein des infrastructures techniques et des modèles économiques des plateformes. Il est évident que les investissements croissants de Google et Meta dans le journalisme brésilien traduisent leurs tentatives globales d'atténuer les critiques qu'ils reçoivent concernant leur politique d'expansion commerciale centralisée et oligopolistique (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020), dont les effets les plus tangibles sont un affaiblissement économique de divers secteurs de la production culturelle. » (Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023, p. 19).

Cependant, certains médias s'efforcent de développer des modèles économiques alternatifs, détachés des logiques de financement imposées par les plateformes et les fondations. Néanmoins, ce chemin est extrêmement difficile, car des mécanismes de contrôle, bien que subtils, s'avèrent très efficaces. Les projets de financement introduisent des exigences de gestion, des normes de transparence, des objectifs, des indicateurs d'impact et des modèles métriques, ce qui complique considérablement l'émergence

d'expériences journalistiques véritablement alternatives (Camargo, 2024).

En Amérique latine, plusieurs initiatives de journalisme d'investigation ont vu le jour. Elles ont été confrontées au paradoxe de pratiquer un journalisme indépendant des grandes entreprises médiatiques tout en étant financées par des dons ou des subventions provenant de fondations étrangères. Ces projets, pour bénéficier de ce soutien, sont en effet contraints de s'aligner sur les priorités définies par les agendas de ces organisations philanthropiques.

Les luttes actuelles du journalisme vont bien au-delà de simples ajustements technologiques ; elles touchent à l'essence même de cette profession, garante de l'accès à une information libre et pluraliste, et incarnent un combat permanent pour la défense de la démocratie. Face aux transformations engendrées par la *plateformisation*, le journalisme se trouve à tournant décisif : il doit adopter les avancées technologiques, fruit des réalisations humaines, tout en préservant son rôle essentiel de pilier des sociétés démocratiques. Comme le soulignent Poell et al. (2022), il est crucial d'analyser les dimensions institutionnelles et culturelles de ce phénomène afin de concevoir des stratégies capables de répondre efficacement à ces défis. Les efforts pour réguler l'activité commerciale des entreprises de plateformes de communication – telles que Google et Meta – apparaissent comme une nécessité urgente. Une telle régulation pourrait permettre un financement plus transparent et, en fin de compte, garantir l'indépendance du journalisme.

Dans ce contexte, les luttes pour le journalisme, menées par les journalistes eux-mêmes, occupent une place centrale. La contribution des chercheurs participant à ce dossier de *Sur le journalisme*, intitulé « Le journalisme, une profession de combat », illustre les efforts déployés dans un paysage aussi complexe. Pour progresser dans cette lutte, la première étape est d'analyser la réalité dans toute sa complexité et en tenant compte des multiples éléments qui la composent.

Les articles de ce numéro nous invitent à réfléchir au rôle crucial du journalisme en période de crise, comme durant la pandémie, où il a permis à la société d'accéder à des informations de qualité pour se protéger contre la Covid-19. La production journalistique a été une arme contre la désinformation, défendant la science, et la vie. La résilience du journalisme public produit par l'entreprise publique brésilienne EBC illustre par exemple la résistance face aux gouvernements autoritaires au Brésil. Le journalisme spécialisé dans les domaines de la culture, de la durabilité et de la littérature constitue un espace fondamental pour promouvoir le journalisme en tant que production de



savoir, fidèle à sa mission de service public indispensable à la démocratie.

Cette lutte exige de comprendre qui sont les acteurs cherchant à domestiquer le journalisme, car cette connaissance renforce les opportunités de résistance et d'émancipation. Elle nous rappelle une chose essentielle : le journalisme est une arme précieuse pour la démocratie et la participation citoyenne. Si ce n'était pas le cas, il ne susciterait pas de telles batailles.

## NOTES

---

<sup>1</sup> <https://newsinitiative.withgoogle.com/fr-fr/about/>

<sup>2</sup> <https://knightfoundation.org/knight-centers/>

## RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

- Azevedo, L., & Schaun, A. (2016). A notícia e a lógica das sensações: Uma contribuição para as teorias do jornalismo. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (132), 225-243.
- Bell, E., C.W. Anderson & Shirky Clay (2013). *Periodismo postindustrial: adaptación al presente*. España: Eicicero.
- Bell, E., Owen, T., Brown, P., Hauka, C., & Rashidian, N. (2017). A imprensa nas Plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo*. ESPM, 48–83. <https://doi.org/https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>
- Bellan, R. & Garcia, J.L. (2022). Jornalismo “no front”. In: Bacin, A. Silva, M.P. (orgs.). *Pesquisa em jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho*. Ed : SBPJor. <https://site.sbpjor.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Pesquisa-em-Jornalismo-conhecimento-e-resistencia-o-legado-de-Adelmo-Genro-Filho.pdf>
- Berrocal Gonzalo, S., Redondo García, M., & Campos Domínguez, E. (2012). Una aproximación al estudio del infoentretenimiento en Internet: origen, desarrollo y perspectivas futuras. *AdComunica*, 4, 63–79. <https://doi.org/10.6035/2174-0992.2012.4.5>
- Brin, C., Charron, J., & De Bonville, J. (2004). *Nature et transformation du journalisme: théorie et recherches empiriques*. Presses Université Laval.
- Camargo, Camila A. (2024). *Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*. Tese doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Camargo, C. A., Nonato, C., Pachi Filho, F. F., & Lelo, T. V. (2023). Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às corporações de mídia. *E-Compós*, 26. <https://doi.org/10.30962/ec.2821>
- Carvajal, M., García-Avilés, J. A., & González, J. L. (2012). Crowdfunding and Non-Profit Media: The Emergence of New Models for Public Interest Journalism. *Journalism Practice*, 6(5–6), 638–647. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667267>
- De Tocqueville, A. (1835/ 2002). *De la démocratie en Amérique*. Editions Bréal.
- Dewey, J. (1927/1988). *The Public and its Problems*. Swallow Press/Ohio University Press.
- Genro Filho, A. (1987). *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Helmond, A. (2015). The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media and Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- McManus, J. (1994). *Market Driven Journalism. Let the Citizen Beware?* SAGE.
- Mesquita, L., Sanseverino, G.G., de-Lima-Santos, M.-F. and Carpes, G. (2024), Reshaping Journalism Practices through Collaboration: An Analysis of Three Collaborative Projects in the Americas. In: Robinson, L., Moles, K., Moreira, S.V. and Schulz, J. (Ed.). *Geo Spaces of Communication Research* (Studies in Media and Communications, Vol. 26), Emerald Publishing Limited, Leeds, pp. 127-141. <https://doi.org/10.1108/S2050-206020240000026011>
- Nieborg & Poell (2018). The Platformization of Cultural Production: Theorizing the Contingent Cultural Commodity. *New Media & Society*, 1-18 DOI: 10.1177/1461444818769694
- Oliveira, D. (2020). Ciro Marcondes Filho, um crítico radical e humanista convicto. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/ciro-marcondes-filho-um-critico-radical-e-humanista-convicto/>
- Oliveira, D. F. de. (2024). *Mudanças no mundo do trabalho das Mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de Mídia Programática*. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-141902>
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - estudos Midiáticos*, 22(1), 2–10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Poell, T., Nieborg, D., & van Dijck, J. (2022). Plataformización. *Revista Latinoamericana de Economía Y Sociedad Digital*. <https://doi.org/10.53857/tsfe1722>
- Sebbah, B., Sire, G., & Smyrniaios, N. (2020). Journalisme et plateformes : de la symbiose à la dépendance. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 9(1)
- Van Dijck, J., Poell, T., & Waal, M. de. (2018). The Platform Society: public values in a connective world. *Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53, Issue 9). Oxford University Press.



# Production and Circulation of Journalistic Information in the Context of Struggles with Platforms

**ROSELI FIGARO**

*Escola de Comunicações e Artes  
Université de S o Paulo  
Brasil  
Roseli.figaro@gmail.com*

**MARÍA ELENA HERNÁNDEZ RAMÍREZ**

*Centro Universitario de Ciencias Sociales  
y Humanidades  
Universidad de Guadalajara  
México  
me.hernandez.ramirez@academicos.udg.mx*

**FLORIAN TIXIER**

*CERAPS & LaPIJ  
Université de Lille / Université libre de Bruxelles  
France / Belgique  
Florian.tixier@univ-lille.fr*



Journalism faces significant challenges today, raising profound questions about its role as a key institution of democracy. Thinkers such as Alexis de Tocqueville (1835/2002) and John Dewey (1927/1988) have long emphasized the critical importance of journalism, and this perspective continues to resonate in contemporary discussions about its function in modern Western societies. One of the main challenges lies in the control of the production and distribution model of journalistic information by large technological corporations dominating the digital space, particularly Google and Meta. Unable to compete with the reach of audiences facilitated by the technological tools created and managed by these companies. Consequently, journalism's independence is undermined as it becomes increasingly reliant on the imperatives of clickbait—content designed to attract clicks—where algorithms dictate distribution priorities rather than the delivery of information vital for democratic participation and informed decision-making.

The threats to the essential functions of journalism as a pillar of democracy are inherent to the capitalist system. Even before the transformative impact of digital technologies, scholars like John McManus (1994) had sharply critiqued the market-driven model of journalism, highlighting its detrimental implications for democracy and society at large. According

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Roseli Figaro, María Elena Hernández Ramírez, Florian Tixier, « Production and Circulation of Journalistic Information in the Context of Struggles with Platforms », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n 2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.620>



to McManus, the press industry itself often prioritizes economic imperatives over informational integrity, replacing “journalistic judgment with market judgment” and delegating the role of gatekeeper to the consumer, who ultimately decides “what becomes news” (McManus, 1994, p. xii-xiii).

The need to sustain journalistic production found a solution during the industrial era with the advent of advertising. Journalism began to rely on the advertising market for funding, introducing an inherent contradiction: providing a public interest service while catering to the audience as consumers, with these two perspectives holding distinct meanings. In that matter, public interest refers to the relationship between civil society and the State, encompassing tensions between private interests, or private property, and the collective interests of the community as a political entity and historical subject. This issue has been widely explored by theorists of various nationalities, including two notable Brazilian intellectuals.

From this perspective, Marcondes Filho, in his work *O Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza* (1986), argues that “the main objective of hegemonic journalism is to sell a product, as it is a capitalist enterprise like any other” (De Oliveira, 2020, para. 2). Similarly, in *O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do Jornalismo* (1987), Genro Filho offers a Marxist analysis of journalistic practice, presenting it as a fundamental form of knowledge for societal emancipation. According to Genro Filho : “The realization of human freedom requires the development of the press in general, and journalism in particular.” (1987, p. 231)

These two contributions are essential for understanding journalism both as a form of knowledge and as one of the narratives of History deeply rooted in everyday life (Heller, 1989). Marcondes Filho’s analysis, which frames conventional journalism as a commodity serving the interests of capital, and Genro Filho’s perspective, which positions journalism as a vital production for society, provoke a necessary discomfort that fosters a deeper understanding of the historical contexts shaping journalistic production. As a praxis historically grounded since the 14th century, journalism mirrors the evolving transformations of social relations of production. Without this contextual lens, journalism risks being diminished to a shallow and ultimately ineffectual discourse.

It is worth emphasizing that this reflection requires a dialectical analysis, incorporating its dimension of negativity, to transcend the limitations imposed on journalism. In this regard, Rafael Bellan highlights the intervention of Portuguese professor José Luiz García, who states:

«The current situation, driven by new conditions for the production, dissemination, and integration of information enabled by the internet, fosters a blurring of the lines between journalism and what is referred to as content production. Branded or commercial content—commonly known by its English term branded content—is frequently negotiated with advertisers or corporations, placing journalists in what can be described as a kind of border zone. Using Anglo-Saxon terminology, this is also referred to as boundary-work. Thus, it would be more accurate to state that there is a thesis asserting that journalism constitutes knowledge, a form of knowledge distinct from common sense. This thesis is embraced, adopted, or defended by those who argue that journalism should be, or remain, a form of knowledge, rather than merely a production of content, branded content, or information that could, for example, be generated by robots. In other words, it is a thesis upheld by those who seek to elevate journalism into an increasingly refined and legitimate form of knowledge.» (Bellan & Garcia, 2022)

As García highlights, dominant commercial forces are steering journalism toward a transformation into branded content. At the same time, social reality confronts journalism with significant challenges, particularly the pursuit of a deeper understanding of that reality. In this context shaped by platformization, journalism finds itself at the center of a storm, oscillating between the economic dynamics described by Marcondes Filho and the dialectical logic of a praxis of struggle, where social movements serve as the driving force of this confrontation.

---

#### THE IMPACT OF PLATFORMIZATION: AN ECONOMIC AND CULTURAL STRUGGLE

---

The control of journalism by digital platform companies (particularly Meta and Google) has been addressed in the works of Bell et al. (2017) and other seminal studies on platformization, such as those by van Dijck, Poell, and Waal (2018), as well as Poell, Nieborg, and van Dijck (2020). A special issue of the review *Sur le journalisme* was also dedicated to this topic (Sebbah et al., 2020). While some academic works have normalized journalism’s current dependence on these media conglomerates, Helmond’s (2015) analysis remains particularly salient and demands renewed attention. Helmond argues that Facebook’s logic extends across the entire internet, making it impossible for it to function as a public circulation space without necessarily pursuing financial goals. According to Hel-

mond, this logic redefines social and commercial interactions online, as Facebook, as a platform, is characterized by its programmable design, its operation as a multilateral market, and its capacity to integrate and expand external datasets (2015). The application-centric framework and the interconnectivity it fosters for data collection and transmission have effectively transformed the internet into a vast marketplace.

To reevaluate the crucial fight for journalism in the contemporary era, it is imperative to examine the dilemmas brought about by platformization. Two critical dimensions stand out: the production and circulation of journalistic information.

In the realm of production, a significant development—often framed as an advantage—is the adoption of tools like SEO (Search Engine Optimization). These tools enforce standardized content structures and emphasize the repetition of specific keywords to boost visibility and monetize content through search engines. This standardization, combined with formats designed to appeal to younger audiences who consume information at a rapid pace, encourages a culture of simplification and surface-level engagement at the expense of deeper critical reflection. Headlines are engineered to be eye-catching, meticulously crafted to provoke curiosity and drive clicks. The phenomenon has even given rise to the term journalism of sensations (Azevedo & Schaun, 2016), a euphemism for the sensationalism that many media outlets increasingly resort to in their quest to capture attention. The most significant casualty of these production trends is the erosion of context, leaving audiences with fragmented and decontextualized facts.

A key challenge brought about by platformization in journalistic production is the redefinition of what qualifies as «news.» While numerous studies have examined notifiability (as a criteria for selecting information) and the role of journalism as a public service, SEO-driven writing and content composition rules have introduced a new problem in newsrooms: topics now considered worthy of coverage must align with the most popular content on social media. This shift disrupts the traditional relationship between journalists and their audience. Put simply, it is now the audience that determines what counts as news. Consequently, journalism takes on a peculiar hybrid role—straddling the line between information and entertainment. Although the phenomenon of infotainment is not new to journalism (Berrocal Gonzalo et al., 2012 ; Brin et al., 2004), what stands out here is the normalization of practices designed to attract, recapture, or retain readers and consumers of relevant information. These efforts increasingly conform to the rules imposed by the platforms where news and journalistic content are distributed.

### **Circulation Under Domination: A Struggle for Autonomy**

The distinction drawn here between production and circulation is, of course, purely didactic, as the logic of journalistic production is intrinsically tied to that of circulation—especially in an era where distribution platforms are no longer controlled by those who produce journalism. The traditional press model and even the early 21st-century news portals are now relics of the past. Today, content circulation has become a key battleground. Where media outlets once directly controlled their distribution, this power has now shifted to two dominant players: Google and Meta. These tech giants not only provide the platforms for production but also shape them to align with their networks and proprietary tools. The control they exert over content circulation dictates the integration of advertising into the informational ecosystem, with little transparency. For instance, publishers often have no knowledge of which ads or banners will appear on their platforms. The rules governing programmatic advertising remain hidden, with auctions entirely dominated on a global scale by these companies—Google being particularly influential. The Demand Side Platforms (DPS) system does more than manage advertising (Oliveira, 2024); it also directs ad revenues toward audience profiles, sidelining the editorial identity and priorities of media outlets. By stripping media organizations of their control over advertising revenues, Google and Meta tighten their grip on journalism, forcing it to adapt to their tools and rules for writing, investigating, publishing, distributing, and monetizing information—all at the expense of its autonomy.

Google News Initiative is a division of the tech conglomerate that offers tools aimed at «building a global news community»<sup>1</sup> including Google Analytics, News Consumer Insights, Realtime Content Insights, Google Looker Studio, and Google Consumer Surveys. To ensure accessibility, Google provides training sessions and tailored courses. This system has become virtually unavoidable, as even small independent and alternative journalism initiatives are drawn under the influence of these platforms. It creates the illusion that the journalism crisis can be «resolved» by conforming to the production and distribution standards dictated by these two dominant companies, which now constitute a global oligopoly in journalism and advertising.

### **The Commodification of Journalism: A Democratic Challenge**

We echo the analysis of Poell, Nieborg, and van Dijck (2019), who «argue that the institutional dimensions of platformisation—data infrastructures, markets, and governance—need to be studied in correspondence with shifting cultural practices.» (para. 2). This perspective



**Table 1:** *Media Funding: Alternative Models Supported by Platform Companies Until 2020*

Media Outlet	Financial Backer
Agência Lupa	Meta Journalism Project Mista
Agência Mural	Google News Initiative
Agência Pública	Google News Initiative
Alma Preta	Meta Journalism Project
Aos Fatos	Meta Journalism Project and Google News Initiative
Associação Desenrola	Google News Initiative
AzMina	Google News Initiative
Congresso em Foco	Google News Initiative
JOTA	Google News Initiative
Nexo Jornal	Meta Journalism Project
Nós, Mulheres da Periferia	Meta Journalism Project

Source: Compiled by Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023.

is particularly pertinent to journalistic practices. Among the most troubling changes brought about by the platformization of journalism is the increasing role of news producers as «platform complementors» (Poell, Nieborg, and van Dijck, 2019, para. 21). This shift entails producing content specifically designed for platforms like Facebook and Google, embracing and adapting to their logics to reach audiences that do not necessarily align with those traditionally targeted by mainstream media.

The fight for journalism, conceived as an essential social practice for democratic life, cannot be postponed. Platformization is transforming journalistic content into «contingent commodities,» as described by Nieborg and Poell (2018). Their theory outlines how the GAFAM companies (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) use metrics to assess the profitability of cultural products based on «relevant data regarding user engagement and retention, in the form of social references, comments, search rankings, and page visits» (p. 2). These metrics influence whether content is altered or abandoned. With their «success» criteria, the major platforms dominating journalism either amplify or restrict the visibility of certain information while marginalizing others (Nieborg & Poell, 2018).

### **JOURNALISTIC STRUGGLES AND RESISTANCE: ALTERNATIVE AND INDEPENDENT MODELS**

Journalism today faces numerous and complex challenges. Even initiatives designed to counter the harmful effects of platformization and its financial

logics are often absorbed by the funding strategies of international foundations. Organizations such as the Ford Foundation, Open Society, and Heinrich Böll, are emblematic of this phenomenon. Camargo highlights this dynamic in their 2024 thesis, *Capture and Reconfiguration of Independent and Alternative Digital Journalism: The Role of International Philanthropic Foundations (Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais)*. In countries such as Brazil, Mexico, Colombia, Argentina, and the United States, the Knight Foundation, through its Centers<sup>2</sup>, plays a pivotal role in promoting cause-driven, non-profit journalism, establishing itself as a model for the Americas.

Within this context, Camargo, Nonato, Pachi Filho, and Lelo (2023) conducted a study on the funding allocated to initiatives described as alternative and independent journalistic models in Brazil. They examine «the influence exerted by platform companies on the journalistic market, focusing on the relationships established between Google, Meta, and alternative models to media conglomerates in Brazil» (2023, p. 2).

Some of these initiatives received funding in 2020, as illustrated in Table 1.

In their conclusions, the authors state:

«While we acknowledge that the interference of Big Tech in media is not decisive, even in institutionally weaker contexts, the discourse promoted by these major technology corpora-

tions through their funding programs reflects an ideology of co-opting journalistic practices into the technical infrastructures and economic models of platforms. It is clear that the growing investments by Google and Meta in Brazilian journalism are part of their global efforts to mitigate criticism of their centralized and oligopolistic commercial expansion policies (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2020), the most tangible effects of which include the economic weakening of various cultural production sectors.» (Camargo, Nonato, Pachi Filho & Lelo, 2023, p. 19).

However, some media outlets strive to develop alternative economic models that are detached from the funding frameworks imposed by platforms and foundations. Nevertheless, this path is exceedingly difficult, as control mechanisms, though subtle, prove to be highly effective. Funding projects introduce requirements for management, transparency standards, goals, impact indicators, and metric models, significantly complicating the emergence of genuinely alternative journalistic endeavors (Camargo, 2024).

In Latin America, several investigative journalism initiatives have emerged, facing the dilemma of practicing journalism independent of large media corporations while being financed by donations or grants from foreign foundations. To receive such support, these projects are often compelled to align with the priorities set by the agendas of these philanthropic organizations.

The current struggles of journalism extend far beyond simple technological adjustments; they strike at the very core of a profession that guarantees access to free and pluralistic information and embodies a constant fight in defense of democracy. In the face of the transformations brought about by platformization, journalism stands at a critical juncture: it must embrace technological advancements, the fruits of human achievement, while safeguarding its essential role as a pillar of democratic societies. As Poell et al.

(2019) emphasize, it is crucial to examine the institutional and cultural dimensions of this phenomenon to devise strategies that effectively address its challenges. Efforts to regulate the commercial activities of communication platform companies—such as Google and Meta—have become an urgent necessity. Such regulation could enable more transparent funding and, ultimately, ensure the independence of journalism.

In this context, the struggles for journalism, led by journalists themselves, are of paramount importance. The contributions of researchers featured in this issue of *Sur le journalisme*, titled «The Fights of Journalism», highlight the efforts undertaken in such a complex landscape. Advancing this fight begins with a thorough analysis of reality in all its complexity, taking into account the myriad elements that shape it.

The articles in this issue invite us to reflect on the crucial role of journalism during times of crisis, such as the pandemic, when it provided society with high-quality information to protect itself against COVID-19. Journalistic production became a weapon against misinformation, defending both science and life. The resilience of public journalism produced by Brazil's public broadcaster EBC stands as a powerful example of resistance in the face of authoritarian governments in the country. Moreover, specialized journalism focusing on culture, sustainability, and literature offers a vital space to promote journalism as a form of knowledge production, upholding its mission as an essential public service for democracy.

This struggle requires a clear understanding of the actors attempting to domesticate journalism, as such knowledge strengthens opportunities for resistance and empowerment. It serves as a reminder of an essential truth: journalism is a powerful tool for democracy and civic participation. If it were not, it would not provoke such intense battles.

## NOTES

---

<sup>1</sup> <https://newsinitiative.withgoogle.com/about/>

<sup>2</sup> <https://knightfoundation.org/knight-centers/>



## REFERENCES

- Azevedo, L., & Schaun, A. (2016). A notícia e a lógica das sensações: Uma contribuição para as teorias do jornalismo. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (132), 225-243.
- Bell, E., C.W. Anderson & Shirky Clay (2013). *Periodismo postindustrial: adaptación al presente*. España: Eicicero.
- Bell, E., Owen, T., Brown, P., Hauka, C., & Rashidian, N. (2017). A imprensa nas Plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. *Revista de Jornalismo*. ESPM, 48-83. <https://doi.org/https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>
- Bellan, R. & Garcia, J.L. (2022). Jornalismo “no front”. In: Bacin, A. Silva, M.P. (orgs.). *Pesquisa em jornalismo, conhecimento e resistência: o legado de Adelmo Genro Filho*. Ed: SBPJor. <https://site.sbpjor.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Pesquisa-em-Jornalismo-conhecimento-e-resistencia-o-legado-de-Adelmo-Genro-Filho.pdf>
- Berrocal Gonzalo, S., Redondo García, M., & Campos Domínguez, E. (2012). Una aproximación al estudio del infoentretenimiento en Internet: origen, desarrollo y perspectivas futuras. *AdComunica*, 4, 63-79. <https://doi.org/10.6035/2174-0992.2012.4.5>
- Brin, C., Charron, J., & De Bonville, J. (2004). *Nature et transformation du journalisme: théorie et recherches empiriques*. Presses Université Laval.
- Camargo, Camila A. (2024). *Captura e reconfiguração do jornalismo digital independente e alternativo: o papel da filantropia das fundações internacionais*. Tese doutorado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Camargo, C. A., Nonato, C., Pachi Filho, F. F., & Lelo, T. V. (2023). Jornalismo financiado por plataformas: análise dos apoios concedidos aos arranjos alternativos às corporações de mídia. *E-Compós*, 26. <https://doi.org/10.30962/ec.2821>
- Carvajal, M., García-Avilés, J. A., & González, J. L. (2012). Crowdfunding and Non-Profit Media: The Emergence of New Models for Public Interest Journalism. *Journalism Practice*, 6(5-6), 638-647. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667267>
- De Tocqueville, A. (1835/ 2002). *De la démocratie en Amérique*. Editions Bréal.
- Dewey, J. (1927/1988). *The Public and its Problems*. Swallow Press/Ohio University Press.
- Genro Filho, A. (1987). *Segredo da Pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Helmond, A. (2015). The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. *Social Media and Society*, 1(2). <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>
- McManus, J. (1994). *Market Driven Journalism. Let the Citizen Beware?* SAGE.
- Mesquita, L., Sanseverino, G.G., de-Lima-Santos, M.-F. and Carpes, G. (2024), Reshaping Journalism Practices through Collaboration: An Analysis of Three Collaborative Projects in the Americas. In: Robinson, L., Moles, K., Moreira, S.V. and Schulz, J. (Ed.). *Geo Spaces of Communication Research* (Studies in Media and Communications, Vol. 26), Emerald Publishing Limited, Leeds, pp. 127-141. <https://doi.org/10.1108/S2050-206020240000026011>
- Nieborg & Poell (2018). The Platformization of Cultural Production: Theorizing the Contingent Cultural Commodity. *New Media & Society*, 1-18 DOI: 10.1177/1461444818769694
- Oliveira, D. F. de (2020). *Ciro Marcondes Filho, um crítico radical e humanista convicto*. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/artigos/ciro-marcondes-filho-um-critico-radical-e-humanista-convicto/>
- Oliveira, D. F. de. (2024). *Mudanças no mundo do trabalho dos Mídias de agências de publicidade no contexto das plataformas de Mídia Programática*. Tese doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/T.27.2024.tde-12092024-141902>
- Poell, T. & Nieborg, D. & van Dijck, J. (2019). Platformisation. *Internet Policy Review*, 8(4). <https://doi.org/10.14763/2019.4.1425>
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - estudos Midiáticos*, 22(1), 2-10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Sebbah, B., Sire, G., & Smyrniaios, N. (2020). Journalisme et plateformes : de la symbiose à la dépendance. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 9(1)
- Van Dijck, J., Poell, T., & Waal, M. de. (2018). The Platform Society: public values in a connective world. *Journal of Chemical Information and Modeling* (Vol. 53, Issue 9). Oxford University Press.

# Mediatización, desintermediación y usurpación

## Las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo

**VÍCTOR HUGO REYNA**

*Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, sede  
México*  
vhreyna@flacso.edu.mx  
0000-0001-8870-7067

**COSETTE CELECIA PÉREZ**

*Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*  
cosette\_celecia@uaeh.edu.mx  
0000-0002-2469-9317

**ALEXIA ÁVALOS RIVERA**

*Universidad Autónoma Metropolitana, unidad  
Xochimilco*  
alexiaa87@gmail.com  
0000-0001-6954-563X



Como jefe de gobierno de la Ciudad de México (2000-2005), Andrés Manuel López Obrador desarrolló e implementó una estrategia de comunicación gubernamental que probó ser eficaz: la conferencia de prensa matutina, también conocida como “La mañanera”. La eficacia de esta estrategia radicaba en establecer la agenda de la jornada desde primera hora para obligar a las organizaciones periodísticas a reaccionar ante ella. En este sentido, estas conferencias de prensa implicaban una anticipación sistemática a la función de establecimiento de agenda de la prensa teorizada por McCombs y Shaw (1972), pues diariamente fijaban las temáticas a tratar para la institución y práctica que —al menos en teoría— debía marcarlas.

Al asumir la presidencia de la república (2018-2024), López Obrador mantuvo a las conferencias de prensa matutinas como el eje articulador de su estrategia de comunicación, en tanto aspiraba a establecer la agenda mediante el mismo patrón. Sin embargo, entre el final de su gobierno de la Ciudad de México y el inicio de su presidencia sucedió una década y media, y el periodismo nacional se transformó en dos sentidos: (1) dejó atrás el declaracionismo que hacía de sus profesionales cajas de resonancia del discurso político (Márquez-Ramírez, 2012) y (2) desarrolló una cultura de investigación basada en información pública obte-

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artículo :

Víctor Hugo Reyna, Cosette Celecia Pérez, Alexia Ávalos Rivera, « Mediatización, desintermediación y usurpación: las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.623>



nida a través del mecanismo de transparencia (De La Rocha, 2006).

Así, al llegar a la presidencia, López Obrador se encontraría con un periodismo menos dependiente de las declaraciones y con más herramientas para investigar y exponer actos de corrupción e incompetencia gubernamental que el que lo cubría como jefe de gobierno de la Ciudad de México. Esto haría que sus conferencias se tornaran insuficientes para contener la capacidad de establecimiento de agenda de la prensa. En respuesta, el presidente mexicano transformaría su estrategia de comunicación gubernamental para no sólo intentar establecer la agenda, sino para sistemáticamente usurpar las funciones del periodismo con la intención de instituir una comunicación directa con su público, “el pueblo”.

A partir de una síntesis entre las teorías de mediatización (Strömbäck & Esser, 2014), desintermediación (Waisbord, 2013) y cierre social (Parkin, 1979), este artículo conceptual invita a repensar las estrategias de comunicación de los gobiernos populistas contemporáneos como estrategias de monopolización de la información. Tomando como referente empírico a las conferencias de prensa de López Obrador, plantea que esto ocurre con la concatenación de tres procesos: (1) mediatización, que implica la adhesión de la política a la lógica mediática, (2) desintermediación, que supone la exclusión del periodismo del proceso de comunicación, y (3) usurpación, que significa el reemplazo de la prensa por parte del gobierno.

El argumento de este artículo es que las perspectivas de análisis de la mediatización y la desintermediación se quedan cortas para describir las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo, pues éstas ya no se limitan a adoptar las prácticas de los medios masivos o a intentar sacar de la ecuación al periodismo a través de mecanismos de censura y estigmatización tradicionales. Más bien, como lo ilustra el caso del gobierno de López Obrador, se ensaya una usurpación de las funciones que le corresponden a la prensa en una sociedad democrática para suplirlas por prácticas que simulan ser periodísticas no obstante su ausencia de rigor y propensión a reproducir el discurso gubernamental.

Elegimos el caso del presidente mexicano porque se ha caracterizado por ser un líder de corte populista que ha tomado la tribuna pública para dotar de legitimidad a su proyecto político. A través de una comunicación constante y diaria, descrita por Larrosa (2023) como abundante, ha construido un imaginario de relación directa con “el pueblo” con el objetivo de despertar en la ciudadanía un sentimiento de ser genuinamente representados (Monsiváis, 2021; Olvera, 2021). Aunque el discurso personalista no es exclusivo de él, su puesta en escena diaria lo hace

diferente, pues —hasta ahora— ningún presidente latinoamericano le había dedicado tanto tiempo a una estrategia de comunicación como ésta.

Sostenemos que este tipo de estudios de corte conceptual son relevantes porque permiten analizar las profundidades de las estrategias políticas de los líderes populistas para así indagar en cómo, más que establecer un modelo más democrático de comunicación, en realidad se orientan a acallar las voces críticas y a intentar manejar la agenda pública dictando los temas que son de su interés, quitando del escenario de lo público a todas las temáticas que resultan incómodas para el mandatario. Como ha planteado Curzio (2021), “La mañanera” de López Obrador no es un espacio de deliberación ni de rendición de cuentas, sino en un espacio de disputa por el relato de la realidad. He ahí su trascendencia.

Para conceptualizar la relación entre los procesos de mediatización, desintermediación y usurpación, los referentes empíricos de este artículo son: (1) las conferencias de prensa de López Obrador, que procuran establecer la agenda en lugar del periodismo, (2) su sección de verificación de noticias gubernamental, “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?”, que socava la credibilidad de la prensa y aspira a suceder a la verificación de noticias periodística, y (3) el proyecto fallido de la “Red de Comunicadores del Pueblo”, que pretendía reemplazar el trabajo de campo periodístico, el “estar ahí”, mediante una red de periodistas ciudadanos partidarios.

El artículo está organizado en tres apartados. El primer apartado presenta un estado del arte de los estudios sobre las conferencias de prensa de López Obrador para identificar los alcances y las limitaciones de las perspectivas de análisis hasta ahora empleadas. El segundo apartado despliega un marco conceptual para examinar el vínculo entre la mediatización, la desintermediación y la usurpación en las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo. El tercer apartado interroga las funciones del periodismo que el gobierno mexicano se esmera en reemplazar: (1) establecimiento de agenda, (2) verificación de la información y (3) trabajo de campo.

---

#### LOS ESTUDIOS SOBRE LAS CONFERENCIAS DE PRENSA DE LÓPEZ OBRADOR

---

Diversas investigaciones han analizado las estrategias de comunicación gubernamental de López Obrador, con énfasis en sus conferencias de prensa matutinas. Desde diferentes marcos conceptuales, este cuerpo de trabajos se ha centrado en analizar los encuadres, las narrativas y los recursos retóricos empleados

por el presidente mexicano. Sobresale la identificación de una línea discursiva consistente con características de la retórica populista, tales como: (1) la construcción de un grupo interno enfrentado en un nivel simbólico con un grupo externo, (2) la centralidad del “pueblo” y (3) la construcción de un líder carismático que encarna la voz e intereses de ese “pueblo” frente a las élites.

Muñiz (2021) ha revelado que López Obrador presenta una visión dicotómica de los problemas del país, responsabilizando de la corrupción (19.4%) al gobierno anterior (18.9%) y vinculando al actual gobierno (20.8%) con “el pueblo” (18.1%), con una política diferente (16.8%) y con la lucha contra la corrupción (13.7%). Por su parte, Sánchez (2020) ha descrito a su discurso como “moralizador cuasi-religioso” y orientado a avergonzar a sus críticos. Esto se complementa con Natal (2021), quien ha remarcado que la tendencia a sobresimplificar la realidad del presidente hace que la complejidad de los problemas sea reducida a una cuestión de voluntades y a que no se aborden los asuntos que muestran la ineficacia de su gobierno.

Otros autores exponen cómo López Obrador usa el principio antagonista para incluir y excluir. Ávalos y Celecia (2020) han mostrado que llama a no discriminar a los migrantes, pero a su vez endurece la política migratoria del país, lo cual expone un desencuentro entre su estrategia retórica y su estrategia política. Algo similar ha hallado Villarreal (2021) al abordar la participación de las mujeres en las conferencias de prensa del “presidente más feminista”, pues el anuncio de su inclusión no corresponde con la realidad. Igualmente, Ramírez et al. (2022) han exhibido cómo López Obrador caracteriza a la clase media como “enemigos del pueblo”, valiéndose de estereotipos y resentimiento social.

Flores et al. (2021) han destacado que lo significativo de “Las mañaneras” es: (1) la enumeración de los agravios recibidos por “el pueblo”, (2) el fomento a una identificación negativa con los críticos y adversarios del presidente y (3) los contenidos ideológicos que alimentan la polarización y la ira entre sus seguidores. Por su parte, con datos de SPIN (Taller de Comunicación Política), Estrada (2021) ha demostrado que López Obrador ha perdido su capacidad de establecimiento de agenda, pues únicamente el 7% de los temas que él presenta previo a la sesión de preguntas y respuestas se convierte en la nota principal de la portada de los diarios de circulación nacional<sup>1</sup>.

Mc Phail (2022) argumenta que estas conferencias de prensa presidenciales pueden llegar a ser una importante herramienta para informar a la ciudadanía sobre temas de interés general, aunque su puesta en práctica suele devenir en espacios para la polarización, la autoadulación y la difusión de noticias falsas, entre otras

estrategias que lastran la democracia y concentran el poder en la figura del presidente. Para esta autora es fundamental resaltar que a través de esta estrategia de comunicación, el presidente mexicano construye “un monopolio de la comunicación política” (p. 102) para presentarse como el redentor de la población que se siente agraviada, resentida y excluida y así edificar su legitimidad política.

En conjunto, los abordajes de “Las mañaneras” muestran que López Obrador usa un discurso simplificado y polarizante que se presenta en términos de una lucha ética entre el bien y el mal. En este enfrentamiento, el líder se construye como un símbolo de redención, mientras sus enemigos encarnan todos los problemas del “pueblo” (De La Torre & Peruzzotti, 2008). A pesar de la relevancia de estos análisis, presentan un punto ciego: no ahondan en las implicaciones de la estrategia de comunicación del presidente mexicano para el sistema de medios nacional y en particular para la institución y práctica del periodismo. Este artículo pretende contribuir a socavar este déficit.

---

### MEDIATIZACIÓN, DESINTERMEDIACIÓN Y USURPACIÓN

---

La mediatización de la política, entendida como el proceso mediante el cual las instituciones políticas adoptan las lógicas de los medios masivos y las hacen propias (Strömbäck & Esser, 2014), es el punto de partida de nuestra teorización de las estrategias de monopolización de la información de los gobiernos populistas contemporáneos. Como los autores que han descrito a este populismo como un populismo mediático (Barberis, 2021) o mediatizado (Ferin, 2019), reconocemos que una de sus características distintivas es la organización de la mayor parte de sus actos con una lógica mediática, para ser consumidos a través de los medios masivos y las plataformas de redes sociales.

Sin embargo, lo que nos interesa no es en sí misma la mediatización del populismo, sino las tensiones derivadas de este proceso. Así, seguimos a Ponce (2020) cuando argumenta que la mediatización tiende a generar una disputa por el encuadre de la realidad, pues recalca que la clase política intenta interferir en la lógica mediática para adaptarla a sus necesidades de publicidad e imponer su versión de los hechos. Esto hace que la esfera pública se convierta en un terreno de disputa ideológica en el que el objetivo ya no es sólo influir en el periodismo para transmitir un mensaje, sino controlar la agenda con la asistencia de los medios oficiales y partidarios (Cavia, 2017).

En América Latina, el giro a la izquierda iniciado a fines del siglo XX abrió un frente de conflicto entre los



gobiernos populistas y los medios masivos, con presidentes como Hugo Chávez, Rafael Correa, Néstor Kirchner, Evo Morales y Luiz Inácio “Lula” da Silva, entre otros, constantemente describiendo como “enemigos del pueblo” a los medios que se negaban a reproducir su discurso. En este viraje, Kitzberger (2009) plantea que se institucionalizó la tentación por desafiar el monopolio de la información del periodismo al poner en práctica diversas “variantes de comunicación directa que les permitieran ‘puentear’ la mediación periodística” (p. 169).

Entre las décadas de 1990 y 2000, estas estrategias de comunicación directa estaban centradas en la radio, la televisión y en menor medida los periódicos; es decir, en los medios masivos tradicionales. Había cadenas nacionales de radio y televisión para exponer los logros y las acciones de los gobiernos populistas a favor de las clases populares (Stornaiolo, 2019) y la confrontación discursiva con el periodismo se llevaba al punto de suprimir las conferencias de prensa y las entrevistas periodísticas (De Diego, 2017). Lejos de improvisadas, se trataba de estrategias planeadas que los representantes de estos gobiernos justificaban sin empacho, como muestra esta declaración de un ex funcionario argentino:

*El presidente se comunica directamente con la gente. También es un acto de soberbia de algunos periodistas decir que Kirchner comete un error porque carece de intermediación. Eso es lo que les duele a los periodistas: dejaron de ser intermediarios necesarios (Albistur en Reinoso, 2007, énfasis agregado).*

A pesar de que los teóricos de la mediatización han problematizado las implicaciones de la adopción de la lógica mediática por parte de la clase política, incluyendo las pugnas con el periodismo, argumentamos que este concepto no describe las estrategias de comunicación directa que caracterizan al populismo contemporáneo. Por ello consideramos que es necesario incorporar la noción de desintermediación para nombrar el proceso mediante el cual los gobiernos populistas ponen en práctica el “puenteo de la mediación periodística”, pues hace referencia a una comunicación desintermediada, por encima de la institución y práctica del periodismo.

Waisbord (2013) sostiene que el populismo contemporáneo propone una ruptura con el sistema de medios al interpretar que la mediatización de la política suprime la vitalidad de la participación popular. En este sentido, el populismo rechaza y al mismo tiempo adhiere a la mediatización porque en la sociedad mediática no es realista pensar en campañas o gobiernos limitados a la comunicación cara-a-cara (Norris, 2000). Así, los gobiernos populistas apelan a la desintermediación para intentar sacar al periodismo del

proceso de comunicación y edificar una hegemonía comunicacional para de esta manera concretar la anhelada comunicación directa con “el pueblo”.

Como advierte Slimovich (2019), en el siglo XXI la emergencia de las plataformas de redes sociales es fundamental para el proceso de desintermediación en tanto permite que los gobiernos populistas se comuniquen directamente con su público, en sus propios espacios de interacción social, y sin depender de la mediación periodística. Si antes los gobiernos estaban obligados a persuadir a los medios masivos para potenciar su mensaje debido a que estos eran el entorno de información más importante, en la actualidad predomina este “puenteo” en el que se intenta generar una comunicación directa que —paradójicamente— preserve ciertos rasgos de la comunicación mediada tradicional.

En contraste con los teóricos de la mediatización y la desintermediación de América del Sur, nuestro análisis del caso mexicano nos permite plantear que las redes sociales no sólo cumplen una función como medio de comunicación directa entre gobierno y ciudadanía. Con el gobierno de López Obrador observamos que estas plataformas también son utilizadas para: (1) formar comunidades y habilitar a sus partidarios como cajas de resonancia de su discurso político, (2) profundizar la desintermediación al fomentar la censura de multitud (Waisbord, 2020) en contra de quienes contradicen la narrativa presidencial y (3) reemplazar el trabajo de campo periodístico, el “estar ahí”, por un periodismo ciudadano partidario.

Los primeros dos puntos no son exclusivos del caso mexicano, pues hay evidencia de que en India (Bhat & Chadha, 2022), Israel (Panievsky, 2022), Kenia y Sudáfrica (Cheruiyot, 2022), entre otros países, los gobiernos populistas estimulan a sus seguidores a acosar a los periodistas críticos para disuadir el disenso. Esta forma de control social, que también ha sido descrita como populismo de abajo hacia arriba (Lüders et al., 2021), pretende persuadir a los profesionales del periodismo de removerse a sí mismos del proceso de comunicación —una suerte de auto-desintermediación por autocensura— si es que desean evitar padecer diferentes expresiones de la violencia digital.

Lo tercero, la sustitución del periodismo profesional por un periodismo ciudadano a favor del populismo, ya no es simplemente desintermediación y debe ser denominado de otra manera. A partir de la teoría del cierre social de Parkin (1979), nuestra propuesta es definirlo como una usurpación de las funciones del periodismo en tanto que el gobierno populista, en este caso el de López Obrador, ensaya reemplazar el trabajo de campo periodístico, el “estar ahí”, por una red de ciudadanos habilitados como emisores de mensajes mediados. La lógica es: si el perio-

dismo se resiste a reproducir el discurso político, lo removemos de la ecuación y ponemos a “el pueblo” a hacer las veces de caja de resonancia.

De acuerdo con Parkin (1979), el cierre social es un proceso en el que distintos grupos o individuos buscan maximizar sus recompensas por medio de la restricción del acceso a los recursos y a las oportunidades de otros grupos o individuos. En esta teoría, el cierre social se puede expresar en forma de exclusión, definido como el intento por mantener una posición de privilegio a costa de la subordinación de ciertos grupos o individuos, y usurpación, entendida como una sublevación de esos grupos o individuos en respuesta a su estatus de forasteros. En el primer caso, se trata de un ejercicio del poder coercitivo para mantener el estado actual de las cosas, mientras en el segundo es más un poder subversivo en forma de resistencia.

Como subraya Waisbord (2013), el populismo se presenta como víctima del “bloqueo informativo” y propone una resistencia a lo que entiende como dominación corporativa de la información por parte de los medios masivos. En este sentido, desde el punto de vista de los gobiernos populistas, sus estrategias de monopolización de la información orientadas a suplir las funciones del periodismo son estrategias de usurpación antes que de exclusión, pues no se conciben como grupos de poder dentro del sistema de medios. Más aún, cuando el objetivo no es excluir al periodismo del proceso de comunicación (desintermediación), sino apropiarse de sus funciones para resignificarlas, es una usurpación.

En el caso del gobierno de López Obrador, además de los procesos de mediatización y desintermediación que reproduce de los gobiernos populistas latinoamericanos del pasado y del presente, se observa una usurpación de tres funciones que corresponden al periodismo en una sociedad democrática: (1) establecimiento de agenda, (2) verificación de la información y (3) trabajo de campo periodístico. Como toda su estrategia de comunicación gubernamental, esto se articula desde su conferencia de prensa, en el primer caso él mismo intentando fijar los asuntos en la agenda y en los otros dos externalizando las tareas en actores partidarios. Es menester de este artículo teorizar este proceso de usurpación.

---

#### LA USURPACIÓN DE LAS FUNCIONES DEL PERIODISMO POR PARTE DEL GOBIERNO MEXICANO

---

##### La usurpación de la función de establecimiento de agenda

Waisbord (2009) plantea que al periodismo le corresponden tres funciones en una sociedad democrática:

ca: (1) monitorear y hacer rendir cuentas a los grupos de poder, la función de “perro guardián”, (2) cubrir asuntos de relevancia pública que requieren la atención de la ciudadanía y los tomadores de decisiones, la función de establecimiento de agenda, y (3) la selección de noticias orientada a facilitar la expresión de la diversidad de puntos de vista, la función de “guardavallas”. En conjunto, estas funciones permiten que el periodismo haga visible lo que los grupos de poder quisieran ocultar y que se fijen en la agenda para que sean discutidos y analizados.

En su versión original, la teoría del establecimiento de agenda de McCombs y Shaw (1972) sugiere que hay una correlación entre lo que publican las organizaciones periodísticas y lo que la ciudadanía considera importante. Según Shaw et al. (2019), en una democracia saludable los medios masivos establecen la agenda pública, mientras en una democracia poco saludable predomina la gubernamental. Esto último es problemático porque implica un déficit de fiscalización gubernamental, lo que puede ser caldo de cultivo para la corrupción política. Para Peter (2003) y Vargo (2018), la importancia percibida de las opiniones de la élite política y la confianza en el periodismo son los factores que determinan quién establece la agenda.

En México, el gobierno de López Obrador reproduce diferentes prácticas y discursos de los gobiernos populistas de América Latina (De La Torre & Peruzzotti, 2008; Natal, 2021; Sánchez, 2020), pero se distingue de ellos por el carácter reiterativo de su principal estrategia de comunicación, la conferencia de prensa matutina. Si Chávez y Correa realizaban cadenas nacionales los fines de semana y Kirchner y Morales preferían los mítines ocasionales, para el presidente mexicano la conferencia de prensa diaria es una forma de gobierno. De hecho, se ha revelado que este ejercicio de comunicación gubernamental tiende a ser lo único en su agenda diaria (Romandía, 2022).

Además de intentar establecer la agenda, “Las mañaneras” de López Obrador también son un espacio de desintermediación periodística, pues él y su equipo determinan tanto quién puede ingresar como quién puede preguntar (Forbes, 2019). En este sentido, las conferencias de prensa devienen en monólogos en los que se pretende sacar de la ecuación al periodista profesional al limitar su capacidad de agencia en Palacio Nacional. A ello también abona la inclusión de los *YouTubers* partidarios, cuya función es reproducir el discurso gubernamental, hacer preguntas a modo y desacreditar a los profesionales del periodismo que publican trabajos críticos.

El problema de esta estrategia es que, como presidente de la república, López Obrador se ha enfrentado con una cultura del periodismo de investigación

que no existía cuando él era jefe de gobierno de la Ciudad de México. En este nuevo escenario —como ha demostrado el análisis de contenido de Estrada (2021)— pierde su capacidad de establecimiento de agenda porque él sigue intentando fijar las temáticas a tratar desde el discurso mientras el periodismo lo hace mediante reportajes de alto impacto que se discuten por semanas, meses y años. El ejemplo más claro durante este sexenio ha sido el reportaje sobre el estilo de vida lujoso de su hijo mayor en Estados Unidos (Olmos et al., 2022).

A partir de la publicación de este reportaje y hasta el momento de esta redacción, las conferencias de prensa de López Obrador se han desplazado del establecimiento de agenda a la estigmatización de periodistas para ahondar la desintermediación (Reyna, 2024) y sentar las bases para la usurpación de las funciones del periodismo. Identificar esta transformación es clave para entender la monopolización de la información del populismo contemporáneo, en tanto advierte que los gobiernos populistas despliegan su poder para oponer resistencia a lo que describen como “campañas de desprestigio”, “calumnias” o “falsa información”. Así, el populismo también se apropia del lenguaje periodístico para desinformar a su público.

El 10 de marzo de 2023 el presidente mexicano hizo una declaración de intenciones al decirle a Nayeli Roldán, reportera de *Animal Político*, “Ustedes no van a poner la agenda”. Aunque desde su sexenio como jefe de gobierno de la Ciudad de México ha intentado fijar la agenda por encima del periodismo, esta declaración es importante porque muestra cuál es su concepción de las relaciones prensa-poder: él establece la agenda, el periodismo la reproduce. Si ocurre lo contrario, el periodismo está en contra suya y de su proyecto de transformación. De esta manera, apoyada en el principio antagonista, se articula la usurpación de la función de establecimiento de agenda para permitir el triunfo del discurso oficial ante “el pueblo”:

Ustedes no van a poner la agenda. ¿Por qué? O sea, si tienen todos los medios para expresarse, manifestarse. Todos los días nos atacan, todos los días. No hay objetividad, no hay profesionalismo, es una prensa tendenciosa, vendida, alquilada, al servicio de los corruptos; entonces, ¿por qué les vamos a hacer el caldo gordo a ustedes? Con todo respeto, pues (López Obrador en Gobierno de México, 2023).

### **La usurpación de la función de verificación de la información**

El 30 de junio de 2021 se inauguró el espacio semanal “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” como una sección dentro de las conferencias de prensa

de López Obrador. En la edición de ese día, el presidente de México comenzó su comparecencia anunciando la sección, al tiempo que descalificó la labor informativa de los medios masivos:

Vamos a iniciar también hoy el programa informativo, la sección de estas conferencias destinada a dar a conocer las mentiras que se difunden en medios de información convencionales y también en las redes [...]. En los últimos tiempos, por el predominio de la política neoliberal o neoporfirista, la mentira en los medios se convirtió en una constante y no había derecho de réplica; y ahora sí hay réplica, se garantiza el derecho a la información, no hay censura, hay libertades plenas y esto es muy bueno para consolidar la democracia. Entonces, vamos a iniciar el quién es quién en las mentiras de la semana, así se va a llamar: “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” (López Obrador en Gobierno de México, 2021).

A cargo de Elizabeth García Vilchis, cada miércoles este segmento tiene la función de presentar una especie de *fact-checking* de las “noticias falsas” publicadas en los medios masivos, e incluso de comentarios publicados en redes sociales, por actores catalogados despectivamente como “de derecha”, “conservadores” y “opositores”. Como regla general, las noticias desmentidas incluyen contenido crítico sobre el gobierno, aunque su verificación no suele estar respaldada por evidencias (Guerrero & Orozco, 2022), sino por más discurso estigmatizador. Esto convierte a esta estrategia en una falacia de apelación a la autoridad, pues el gobierno usa su posición social para socavar la credibilidad del periodismo sin presentar pruebas (Reyna, 2024).

Entre las características de esta sección destaca un estilo exageradamente histriónico por parte de la presentadora, así como el uso de expresiones coloquiales, burlas e ironías por medio de expresiones como “el oso de la semana”, “siembran inventos con tal de fastidiar”, “si lo dice un opositor, los medios le dan bola” o “esto es una joya”, que conectan al discurso con el info-entretenimiento. Esto resulta contradictorio si el objetivo de este espacio es evitar la desinformación porque, justamente, el info-entretenimiento ha sido descrito como uno de los elementos que contribuyen significativamente a la desinformación (Jebril et al., 2013; Nguyen, 2012; Prior, 2003).

Otras características presentes en el “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” son la polarización de posiciones ideológicas y el uso de lenguaje ideológicamente orientado, visible en la adjetivación empleada para referirse a medios y actores críticos. Esto también ha sido descrito como parte de las estra-

teñas retórico-discursivas de la desinformación (Sierra & Sola, 2020). Estos elementos confirman que esta sección, concebida para sustituir la función de verificación de la información del periodismo, falla en su propósito porque no ofrece los elementos de contra-información que sustenten sus desmentidos y al asumir una narrativa de info-entretenimiento.

El tono irónico y la falta de evidencias le restan rigor al ejercicio y tributan, más que combaten, a la desinformación. No obstante, la posición de poder desde donde se emite el discurso convierte a esta sección en un instrumento de deslegitimación del periodismo, desde criterios ideológicos y morales, y no desde los propios del campo periodístico. Es llamativo si se toma en cuenta que la creación de este segmento es posterior a la aparición de *Verificado* y *El Sabueso*, de *Animal Político*, ambos especializados en *fact-checking*, pues pone en práctica una usurpación de la función de verificación de la información sin reparar en la adopción de sus técnicas de investigación.

Si bien las conferencias de prensa matutinas de López Obrador son presentadas como un “diálogo circular”, éstas terminan siendo un espacio monológico. Aunque el presidente no es la única voz en “Las mañaneras”, la metáfora del monólogo hace referencia a la presencia en este espacio de una narrativa hegemónica, de un discurso predominante y recurrente, en el que no se perciben matices o se propicia la crítica. Los portavoces de este discurso monolítico son tanto el presidente como los funcionarios de su gobierno que acuden periódicamente, así como diversos interlocutores de estas autoridades, desde periodistas hasta *YouTubers*, cuyas líneas editoriales, marcadamente partidistas, están alineadas con la retórica oficial.

Para entender la concatenación de los procesos de mediatización y desintermediación que derivan de la estrategia comunicacional del presidente, encontramos cómo lo primero se vincula con la intención de fijar la agenda pública, independientemente de su repercusión en las organizaciones periodísticas dominantes. Esto entra en juego con otras lógicas propias de los medios masivos, como el manejo de los criterios de noticiabilidad. Mientras, en segundo lugar, la sección “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” se relaciona más con la pretensión de suprimir al periodismo de uno de sus procesos de producción de noticias, como lo es la verificación de la información.

La desintermediación también interviene en la mediatización que le precede, pues si en el primer proceso se busca establecer los temas socialmente relevantes, en el segundo se intenta establecer los encuadres desde los cuales interpretarlos. Este proceso se da mediante una construcción a nivel retórico-discursivo, pues —como ya referimos— el *fact-checking* de García Vilchis suele carecer de evidencias. De tal modo,

la desintermediación que se genera desde la sección de verificación de la información de las conferencias matutinas interviene en la construcción de marcos de interpretación generales (frames) al autorizar y desautorizar voces y puntos de vista críticos.

### La usurpación del trabajo de campo periodístico

Como apuntan Sigal y Verón (2003), la acción política no es comprensible fuera del orden simbólico que la genera y el universo imaginario que crea. En ese sentido, describir y analizar acciones como la creación de la “Red de Comunicadores del Pueblo” implica situarse dentro de una política mediatizada, desde una visión de desintermediación y consolidación de un ejercicio de suplantación y usurpación de la labor periodística. Es decir, que la política y los actores políticos procuran apropiarse de acciones tipo “clientelismo de masas” (Müller, 2017) para que sus prácticas sean aceptadas por sus seguidores, teniendo como principal bandera aquellos que representan al “pueblo”.

La “Red de Comunicadores del Pueblo” fue creada por iniciativa de los legisladores del Movimiento de Regeneración Nacional (MORENA, el partido gobernante) en 2022 con el objetivo de contrarrestar la desinformación y las críticas del periodismo hacia el gobierno de López Obrador. Lo más característico de esta red es que representó una parte de la construcción de la relación entre López Obrador y “el pueblo”, donde primero se le pidió confianza a la ciudadanía y luego se le exigió que esa confianza la transformara en fe y colaboración porque “Amor con amor se paga”. En esta colaboración inclusiva, todos los integrantes del “pueblo”, pueden contribuir al desarrollo de la nación:

Participan como parte de la coordinación de este esfuerzo, la diputada de la LXIV Legislatura, María de los Ángeles Huerta del Río; y también la diputada Claudia Yáñez Centeno. Esta Red de Comunicadores del Pueblo, suma alrededor de 500 integrantes en este momento, de comunicadores en todos los estados de la República que *buscan, precisamente, que llegue la información veraz, objetiva y oportuna* sobre los temas del acontecer nacional (Narro en Senadores de MORENA, 2022, , énfasis agregado).

Como plantean Müller (2017) y Salmorán (2021), la noción del “pueblo” es un imperativo para los líderes populistas y no basta con sólo apelar a él, sino que hay que hacerlo partícipe y construirlo en oposición al Otro para potenciar ese antagonismo. Ése es precisamente uno de los objetivos de la “Red de Comunicadores del Pueblo”. Además, se puede observar que estas acciones son producto de un ejercicio de usurpación en el que, así como la lógica política se traslapa con la mediática en la mediatización, esta red intenta la su-



plantación del periodismo bajo la noción de un “periodismo ciudadano”, desde abajo.

Al igual que el “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?”, esta red ciudadana parte del supuesto de que los medios corporativos generan una desinformación sobre el gobierno que es necesario contrarrestar. Sin embargo, de lo que realmente trataba esta red fallida era de una estrategia de propaganda gubernamental que favorecía posturas de opinión y calificación positiva de los programas gubernamentales. En contraste con el periodismo que reporta desde el lugar de los hechos, contrasta y verifica la información, esta red proponía apropiarse del “estar ahí” periodístico como un medio para ganar terreno en la batalla por la monopolización de la información y la opinión pública.

En el mismo sentido, los denominados “comunicadores del pueblo” estaban llamados a reproducir el discurso populista: la “unidad nacional”, los “anti-patrias”, el desplazamiento de “la oposición” y, en especial, la resignificación del “pueblo”. Si “el pueblo” es visto como pasivo y necesitado de un protector, con esta red se pretendía dotarlo de agencia al incluirlo y hacerlo participar en la denominada “Cuarta Transformación”. En uno de los videos que realizaron para el canal de YouTube de *Veraz TV*, una joven mujer articula el siguiente discurso para describir a la “Red de Comunicadores del Pueblo”:

Que sepan que no somos Loret, López Dóriga, Ciro, ni Aristegui. Más bien, somos un esfuerzo colectivo, hecho con lo que se puede y, por supuesto, emanado del pueblo. Estamos ya hartos de los que mienten todos los días; que difaman, confunden, embisten y que han usurpado los medios de comunicación; medios que son bienes públicos, no son de ellos, son de todos. *No somos periodistas y no estamos en contra del periodismo; somos comunicadores, pero sin máscaras, ni hipocresías informativas. Somos gente de a pie, somos comunicadores del pueblo.* Y alzamos nuestra voz para decir que estamos en contra del chayoterío fifí, de la mezquindad de los concesionarios de los medios de comunicación (Conductora en *Veraz TV*, 2022b, énfasis agregado).

Como los líderes populistas como López Obrador ven en la mediación periodística una distorsión de la realidad política, en su rol de rescate y protección del “pueblo” crean una serie de mecanismos para controlar estas acciones. La principal táctica es no dar tregua a la opinión pública y estar siempre determinando las temáticas a tratar por medio de estrategias de comunicación política en ocasiones presentadas como información periodística. En el caso particular de la “Red de Comunicadores del Pueblo”, se buscaba, por una

parte, desacreditar al periodismo profesional para minar su autoridad y credibilidad ante “el pueblo” y, por otra parte, generar una alternativa de comunicación que llenara el vacío informativo:

El parlamento en su resolución defiende un periodismo hecho por la élite mexicana y que ataca diariamente con mentiras al presidente. El presidente desmiente diariamente operaciones armadas desde los grupos de poder mediáticos. No ataca, no denigra, no intimida: se defiende (Conductor en *Veraz TV*, 2022a).

De esta forma, se intenta trazar una línea para definir quién es un verdadero periodista —quien apoya un proyecto de transformación donde el gran beneficiado es “el pueblo”— y quienes no lo son porque están “vendidos” a “la mafia del poder” y, por lo tanto, no apoyan el desarrollo nacional y hasta se esmeran en que el proyecto de cambio falle. En un segundo nivel, hay una diferenciación entre periodista y comunicador; es decir, que se caracteriza y define al periodista como tendencioso, seguidor de líneas editoriales y defensor de intereses privados; en cambio, los autodenominados “comunicadores del pueblo” son legítimos porque no responden a ningún interés más allá que al mismo “pueblo”.

---

## CONCLUSIONES

---

Como uno de los principales exponentes del populismo contemporáneo en América Latina, el caso de López Obrador nos ha permitido repensar las estrategias de monopolización de la información de este tipo de gobiernos. En una época en la que el populismo opone resistencia a las normas y prácticas del periodismo profesional, consideramos fundamental teorizar sobre el significado de las nuevas estrategias de monopolización de la información para describirlas y, en la medida de lo posible, prevenirlas. Para tales efectos, en este artículo conceptual se ha propuesto analizar la usurpación de tres funciones básicas del periodismo: (1) establecimiento de agenda, (2) verificación de la información y (3) trabajo de campo.

A partir de la referencia de las teorías de mediación (Strömbäck & Esser, 2014), desintermediación (Waisbord, 2013) y cierre social (Parkin, 1979), hemos argumentado que las estrategias de monopolización de la información de López Obrador están centradas en la eliminación de la mediación periodística y que se orientan a la usurpación del periodismo. Esta desintermediación periodística impide la rendición de cuentas y permite que los políticos califiquen como “ataques” los cuestionamientos que les hace el periodismo, lo cual impacta negativamente en la calidad de la democracia. De igual manera, ampara la desinformación en

tanto facilita la circulación de información que no ha sido contrastada o verificada.

Conceptualmente, la trífeca de las conferencias de prensa matutinas que devienen en monólogos, la verificación de la información desde el gobierno del “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” y la “Red de Comunicadores del Pueblo” expone las consecuencias indeseadas de la mediatización de la política. Aunque estas tres estrategias de comunicación gubernamental apuntan hacia el establecimiento de la agenda pública, se distinguen entre sí por sus actores y métodos, así como por oponer resistencia a diferentes tipos de periodismo, desde el periodismo informativo basado en “estar ahí” hasta el de investigación que marca la agenda durante meses y años, sin olvidar el de verificación de la información.

En particular, “Las mañaneras” de López Obrador son una estrategia de mediatización y desintermediación en la que las organizaciones periodísticas y periodistas son excluidos si no reproducen el discurso gubernamental y si se les percibe como obstáculo para concretar una comunicación directa con “el pueblo”. Consideramos, primero, que el carácter reiterativo de estas conferencias de prensa las convierte en un instrumento poderoso porque le permiten al gobierno responder de manera diaria y anular a la crítica a los ojos de su público. Segundo, que pueden ser desarrolladas de mejor manera para generar un sistema de comunicación cuasi totalitario, lo cual afectaría la calidad de la democracia de cualquier país que las reproduzca.

Es importante remarcar que la segmentación entre conferencias de prensa, “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?” y “Red de Comunicadores del Pueblo” es funcional para el análisis aquí presentado, pero que en la práctica tienen fronteras más porosas que estables en la usurpación de funciones del periodismo. En contraste, lo que se mantiene es la tensión que generan estos procesos de mediatización, desintermediación y usurpación en cadena. Esta pugna implica no sólo una lucha por el establecimiento de la agenda,

sino una disputa de lo público como espacio de participación ciudadana y todo lo que ello implica en la definición de los encuadres de la realidad y la construcción de sentidos.

Sostenemos que los procesos de mediatización, desintermediación y usurpación que se generan a partir de las estrategias de monopolización de la información de López Obrador incrementan la vulnerabilidad de la práctica del periodismo en México y debilitan aún más los contrapesos de esta democracia poco saludable. Observamos que estas nuevas estrategias de monopolización de la información encubren la pérdida de credibilidad de la denominada “Cuarta Transformación”, pues su percepción favorable ha menguado ante algunos sectores a partir de la publicación de algunos reportajes de alto impacto que han expuesto los actos de corrupción e incompetencia de este gobierno.

Futuras investigaciones podrían retomar la perspectiva conceptual desarrollada en este artículo para interrogar las estrategias de monopolización de la información de otros países o regiones con gobiernos populistas. Consideramos que una de las contribuciones esenciales de este artículo es que invita a pensar las estrategias de comunicación gubernamental más allá de los marcos conceptuales de la mediatización y la desintermediación al incorporar una teoría social, en este caso la de cierre social de Parkin (1979), para examinar las nuevas expresiones del populismo mediático (Barberis, 2021) o mediatizado (Ferin, 2019). Pensar más allá de lo habitual podría contribuir a oponer resistencia a estas estrategias de usurpación populista.

---

*Fecha de envío del artículo: 15/07/2023*

*Fecha de aceptación: 08/05/2024*

---

## NOTES

<sup>1</sup> Los diarios considerados fueron *El Economista*, *El Financiero*, *El Universal*, *Excélsior*, *La Jornada*, *Milenio* y *Reforma*.

## REFERENCIAS

- Ávalos, A., & Celecia, C. (2020). El discurso oficial mexicano sobre la migración: un análisis de las mañaneras de AMLO. *Revista Comunicación* 1 (18), 99-118. <https://doi.org/10.12795/Comunicacion.2020.i18.06>
- Barberis, M. (2021). Populismo mediático: definición, explicación, remedios. *Doxa, Cuadernos de Filosofía del Derecho* (44), 131-143. <https://doi.org/10.14198/DOXA2021.44.05>
- Bhat, P., & Chadha, K. (2022). The Mob, the State and Harassment of Journalists via Twitter in India. *Digital Journalism*, 1-21. <https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2134164>
- Cavia, G. (2017). Políticos y periodistas: las relaciones personales del poder. En G. González (coord.), *Comunicación política, periodistas, políticos y la opinión pública: definiciones, conceptos e investigación de campo* (pp. 45-54). EPC de Periodismo y Comunicación.
- Curzio, L. (2021). La mañanera como medio de comunicación política. En Juárez, J. (coord.) *Ensayos sobre comunicación gubernamental en la Cuarta Transformación: ¿cambio o continuidad?* (pp. 21-27). Universidad Nacional Autónoma de México.
- Cheruiyot, D. (2022). Comparing Risks to Journalism: Media Criticism in the Digital Hate. *Digital Journalism*, 1-20. <https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2030243>
- De La Rocha, D. (2006). El papel que juegan las leyes de acceso a la información en el país, para un periodismo de investigación. *Ra Ximhai* 2 (3), 559-565.
- De La Torre, C., & Peruzzotti, E. (coords.) (2008). *El retorno del pueblo: populismo y nuevas democracias en América Latina*. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales Ecuador.
- De Diego, J. (2017). La prensa de confrontación en la Argentina del primer kirchnerismo (2003-2007): gramáticas coyunturales y gramáticas político-ideológicas. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales* 62 (231), 305-333. [https://doi.org/10.1016/S0185-1918\(17\)30047-8](https://doi.org/10.1016/S0185-1918(17)30047-8)
- Estrada, L. (2021). Las conferencias de prensa diarias del presidente Andrés Manuel López Obrador en J. Juárez (coord.) *Ensayos sobre comunicación gubernamental en la Cuarta Transformación: ¿cambio o continuidad?* (pp. 35-42). Universidad Nacional Autónoma de México.
- Ferin, I. (2019). O jornalismo na era do populismo mediaticizado. *Estudos em Jornalismo e Mídia* 16 (2), 9-22. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p09>
- Flores, R., Andrade, P., Ávalos, A., & Torio, M. (2021). The populist trinity of communication, ideology, and strategy: A proposal to enhance the analysis of populist discourses. *Latin American Policy* 12 (2), 333-348. <https://doi.org/10.1111/lamp.12220>
- Forbes. (2019, 24 de marzo). ¿Restringirá Presidencia el acceso a las 'mañaneras' de AMLO? <https://www.forbes.com.mx/restringira-presidencia-el-acceso-a-las-mananeras-de-amlo/>
- Guerrero, D., & Orozco, L. (2022, 29 de junio). *A un año de su creación, 47% del "Quién es Quién" es falso o engañoso*. <https://verificado.com.mx/un-ano-quien-es-quien-47-contenido-impreciso/>
- Gobierno de México. (2023). Versión estenográfica. Conferencia de prensa del presidente Andrés Manuel López Obrador del 10 de marzo de 2023. <https://www.gob.mx/presidencia/articulos/version-estenografica-conferencia-de-prensa-del-presidente-andres-manuel-lopez-obrador-del-10-de-marzo-de-2023?idiom=es>
- Gobierno de México. (2021). Versión estenográfica. Conferencia de prensa del presidente Andrés Manuel López Obrador, del 30 de junio del 2021. <https://www.gob.mx/presidencia/es/articulos/version-estenografica-conferencia-de-prensa-del-presidente-andres-manuel-lopez-obrador-del-30-de-junio-de-2021>
- Jebri, N., Albæk, E., & De Vreese, C. (2013). Infotainment, cynicism and democracy: The effects of privatization vs personalization in the news. *European Journal of Communication* 28 (2), 105-121. <https://doi.org/10.1177/0267323112468683>
- Kitzberger, P. (2009). Las relaciones gobierno-prensa y el giro político en América Latina. *Revista POSTData: Revista de Reflexión y Análisis Político* (14), 157-181.
- Larrosa, J. (2023). Polarización comunicativa y el gobierno de la 4T. *Christus* (843), 38-43.
- Márquez, M. (2012). Valores normativos y prácticas de reporte en tensión: percepciones profesionales de periodistas en México. *Cuadernos de Información* (30), 97-110. <https://doi.org/10.7764/cdi.30.430>
- McCombs, M. E. & Shaw, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *The Public Opinion Quarterly* 36 (2), 176-187.
- Mc Phail, E. (2022). Andrés Manuel López Obrador: estrategias comunicativas y culto a la personalidad. *Argumentos. Estudios críticos de la Sociedad*, (99), 101-136. <https://doi.org/10.24275/uamxoc-dcsh/argumentos/202299-04>
- Monsiváis, A. (2021). El efecto divergente del populismo: presidentes populistas y apoyo al régimen en América Latina. *Política y Gobierno* 28 (1), 1-39.
- Müller, J. W. (2017). ¿Qué es el populismo? Grano de Sal.
- Muñiz, C. (2021). Construyendo la polarización a través del discurso político: análisis del uso de claves periféricas en la retórica del presidente mexicano López Obrador. *Cultura, Lenguaje y Representación* 26, 149-165.
- Natal, A. (2021). "For the sake of all, the poor first": COVID-19, mañaneras and the popularity of the Mexican president. En M. Fernández, & C. Machado (coords.), *COVID-19's political challenges in Latin America* (pp. 163-181). Springer.
- Nguyen, A. (2012). The effect of soft news on public attachment to the news: Is "infotainment" good for democracy? *Journalism Studies* 13 (5-6), 706-717. <https://doi.org/10.1080/01461670X.2012.664318>
- Norris, P. (2000). *A Virtuous Circle: Political Communications in Postindustrial Societies*. Cambridge University Press.
- Olmos, R., Ayala, V., & Gutiérrez, M. (2022, 27 de enero). *Así vive en Houston el hijo mayor de AMLO*. <https://contralacorrupcion.mx/asi-vive-en-houston-el-hijo-mayor-de-amlo/>
- Olvera, A. (2021). Polarización como base del populismo: el caso de México. *Ecuador Debate*, (112), 113-138.
- Panievsky, A. (2022). Strategic Rituals of Loyalty: When

- Israeli Journalists Face Digital Hate. *Digital Journalism*, 1-22. <https://doi.org/10.1080/21670811.2022.2118144>
- Parkin, F. (1979). *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*. Columbia University Press.
- Peter, J. (2003). Country characteristics as contingent conditions of agenda setting: The moderating influence of polarized elite opinion. *Communication Research* 30, 683-712. <https://doi.org/10.1177/0093650203257844>
- Ponce, G. (2020). *Medios y Gobiernos: Mediatización de actores políticos en Argentina, Chile y Uruguay 2010-2017* [Tesis de doctorado no publicada]. Universidad Santiago de Compostela.
- Prior, M. (2003). Any Good News in Soft News? The Impact of Soft News Preference on Political Knowledge. *Political Communication* 20 (2), 149-171. <https://doi.org/10.1080/10584600390211172>
- Ramírez, D., Alonzo, R. M., & Ochoa, A. (2022). Odio, polarización social y clase media en „Las Mañaneras“ de López Obrador. *Doxa Comunicación* 35, 1-13. <https://doi.org/10.31921/doxacom.n35a1505>
- Reinoso, S. (2007, 4 de febrero). „Los periodistas ya no son intermediarios necesarios“. <https://www.lanacion.com.ar/opinion/los-periodistas-ya-no-son-intermediarios-necesarios-nid880492/>
- Reyna, V. H. (2024). „A mercenary, a thug... not even a journalist“: The stigmatization of news workers in Mexico. *Journalism Practice*, 1-19. <https://doi.org/10.1080/17512786.2023.2300275>
- Romandía, S. (2022, 27 de octubre). *Guacamaya: las escasas actividades del Presidente*. <https://www.opinion51.com/sandra-romandia-escasas-actividades-presidente/>
- Sánchez, M. (2020). México 2019: Personalistic politics and neoliberalism from the Left. *Revista de Ciencia Política* 40 (2), 401-430. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-090X2020005000113>
- Senadores de MORENA (2022, 16 de marzo). Versión estenográfica de la conferencia de prensa del senador José Narro Céspedes, del Grupo Parlamentario de Morena en el Senado de la República. <https://morena.senado.gob.mx/version-estenografica-conferencia-senador-jose-narro-16marzo2022/>
- Shaw, D. L., Minooie, M., Aikat, D., & Vargo, C. J. (2013). *Agendamelding: News, social media, audiences and civic community*. Peter Lang.
- Sierra, F., & Sola, S. (2020). Golpes mediáticos y desinformación en la era digital: la guerra irregular en América Latina. *Comunicación y Sociedad* e7604, 1-31. <https://doi.org/10.32870/cys.v2020.7604>
- Sigal, S., & Verón, E. (2003). *Perón o muerte. Los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Eudeba.
- Slimovich, A. (2019). La mediatización contemporánea de la política en Instagram. Un análisis desde la circulación hipermediática de los discursos de los candidatos argentinos. *Revista Sociedad* (39), 31-45.
- Stornaiolo, U. (2019). Las relaciones entre Rafael Correa y la prensa ecuatoriana en el periodo 2006-2017: un análisis del discurso verbal y no verbal. *Textos y Contextos* (18), 51-59. <https://doi.org/10.29166/tyc.v0i18.1739>
- Strömbäck, J., & Esser, F. (2014). Mediatization of Politics: Transforming Democracies and Reshaping Politics. En K. Lundby (coord.), *Mediatization of Communication*. De Gruyter Mouton, 375-403.
- Vargo, C. J. (2018). Fifty years of agenda-setting research: New directions and challenges for the theory. *The Agenda Setting Journal* 2 (2), 105-123. <https://doi.org/10.1075/asj.18023.var>
- Veraz TV. (2022a, 12 de marzo). [Veraz TV]. *COMUNICADORES DEL PUEBLO*. <https://www.youtube.com/watch?v=GHeC0oESTME>
- Veraz TV. (2022b, 23 de marzo). [Veraz TV]. *SOMOS COMUNICADORES DEL PUEBLO / #COMUNICADORES-DELPUEBLO #SomosComunicadoresDelPueblo*. <https://www.youtube.com/watch?v=33oosiZ394w>
- Villarreal, H. (2021). Comunicación política y representación de las mujeres ministras en México: análisis de contenido de las conferencias matutinas del presidente López Obrador. En J. A. Hidalgo, M. Echeverría, M. Sánchez, T. Lay, F. Aceves, J. Esteinou (coords.), *Dimensiones de lo público y lo político en la segunda alternancia democrática: socialización, participación alternativa y discurso político* (pp. 45-72). RIA Editorial.
- Waisbord, S. (2020). Mob censorship: Online harassment of US journalists in times of digital hate and populism. *Digital Journalism* 8 (8), 1030-1046. <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1818111>
- Waisbord, S. (2013). *Vox populista: medios, periodismo, democracia*. Editorial Gedisa.
- Waisbord, S. (2009). Latin America. En P. Norris (coord.), *Public Sentinel: News Media & Governance Reform* (pp. 305-328). The World Bank.





**Mediatización, desintermediación y usurpación: Las estrategias de monopolización de la información del populismo contemporáneo**

**Midiatização, desintermediação e usurpação: as estratégias de monopolização da informação do populismo contemporâneo**

**Mediatization, Disintermediation and Usurpation: the Information Monopolizing strategies of Contemporary Populism**

**Médiatisation, désintermédiation et usurpation : les stratégies du populisme contemporain pour monopoliser l'information**

**Es** El objetivo de este artículo de corte conceptual es establecer un vínculo entre las perspectivas de mediatización, desintermediación y cierre social con la intención de teorizar las estrategias de monopolización de la información desarrolladas por el populismo contemporáneo. Tomando al gobierno de México encabezado por Andrés Manuel López Obrador como referente empírico, se plantea que el populismo no se limita a intentar excluir del proceso de comunicación a la institución y práctica del periodismo (desintermediación), sino que da un paso más al intentar usurpar sus funciones de establecimiento de agenda, verificación de la información y trabajo de campo. Para conceptualizar la relación entre los procesos de mediatización, desintermediación y usurpación, los referentes empíricos de este artículo son: (1) las conferencias de prensa de López Obrador, que procuran establecer la agenda en lugar del periodismo, (2) su sección de verificación de noticias gubernamental, “¿Quién es quién en las mentiras de la semana?”, que socava la credibilidad de la prensa y busca suceder a la verificación de noticias periodística, y (3) el proyecto fallido de la “Red de Comunicadores del Pueblo”, que pretendía reemplazar el trabajo de campo periodístico, mediante una red de periodistas ciudadanos partidarios. Entre los resultados de este trabajo destaca que la eliminación de la mediación periodística impide la rendición de cuentas y permite que los políticos califiquen como “ataques” los cuestionamientos desde el periodismo. Los procesos aquí analizados derivan en una usurpación de las funciones que le corresponden a la prensa en una sociedad democrática para suplirlas por prácticas que simulan ser periodísticas no obstante su ausencia de rigor y propensión a reproducir el discurso gubernamental. Asimismo, se ampara la desinformación en tanto se facilita la circulación de información que no ha sido contrastada o verificada y se incrementa la vulnerabilidad de la práctica del periodismo en México.

**Palabras clave:** comunicación política, mediatización, periodismo, populismo, México.

**Pt** O objetivo deste artigo de cunho conceitual é estabelecer uma relação entre as perspectivas de midiática, desintermediação e fechamento social, com a intenção de teorizar as estratégias de monopolização da informação desenvolvidas pelo populismo contemporâneo. Tomando como referência empírica o governo do México liderado por Andrés Manuel López Obrador, argumenta-se que o populismo não se limita a tentar excluir do processo de comunicação a instituição e a prática do jornalismo (desintermediação), mas dá um passo além ao procurar usurpar suas funções de definição de agenda, verificação das informações e trabalho de campo. Para conceituar a relação entre os processos de midiática, desintermediação e usurpação, as referências empíricas deste artigo são: (1) as coletivas de imprensa de López Obrador, que buscam definir a agenda no lugar do jornalismo; (2) sua seção governamental de verificação de notícias, “Quem é quem nas mentiras da semana?”, que mina a credibilidade da imprensa e procura ocupar o lugar da verificação jornalística de notícias; e (3) o fracassado projeto da “Rede de Comunicadores do Povo”, que pretendia substituir o trabalho de campo jornalístico por meio de uma rede de jornalistas cidadãos partidários. Entre os resultados deste trabalho destaca-se que a eliminação da mediação jornalística impede a prestação de contas e permite que os políticos qualifiquem os questionamentos feitos pelo jornalismo como “ataques”. Os processos aqui analisados conduzem a uma usurpação das funções que correspondem à imprensa em uma sociedade



democrática, substituindo-as por práticas que simulam ser jornalísticas apesar de sua falta de rigor e propensão a reproduzir o discurso governamental. Da mesma forma, a desinformação é amparada na medida em que facilita a circulação de informações que não foram checadas ou verificadas, aumentando a vulnerabilidade da prática do jornalismo no México.

**Palavras-chave:** comunicação política, midiaticização, jornalismo, populismo, México.

**En.** The objective of this conceptual article is to establish a relationship between mediatization, disintermediation and social closure, with the intent of theorizing the strategies of information monopolization developed by contemporary populism. The Mexican government, led by Andrés Manuel López Obrador, is our empirical reference, and we argue that populism is not limited to trying to exclude the institution and practice of journalism from the communication process (disintermediation); it goes even further by seeking to usurp its functions of agenda-setting, information verification and fieldwork. In order to conceptualize the relationship between mediatization, disintermediation and usurpation, we used the following empirical references: (1) López Obrador's press conferences, which seek to set the agenda rather than journalism; (2) his government fact-checking section, "Who's Who in the Lies of the Week?", which undermines the credibility of the press and seeks to do away with journalistic fact-checking; and (3) the failed "People's Communicators Network" project, which sought to replace journalistic fieldwork with a network of partisan citizen journalists. One particular result from this work worth highlighting is that eliminating journalistic mediation hinders accountability and allows politicians to label questions raised by journalism as "attacks". The processes analyzed in this paper lead to the usurpation of the press in a democratic society, replacing their functions with others that appear to be journalistic but lack the rigor and propensity to reproduce government discourse. Similarly, disinformation is supported to the extent that it facilitates the circulation of unchecked and/or unverified information, thus increasing the vulnerability of journalism in Mexico.

**Key Words:** political communication, mediatization, journalism, populism, Mexico.

**Fr.** L'objectif de cet article de nature conceptuelle est d'établir un lien entre les approches de médiatisation, de désintermédiation et de fermeture sociale, afin de théoriser les stratégies de monopolisation de l'information développées par le populisme contemporain. En prenant pour référence empirique le gouvernement mexicain d'Andrés Manuel López Obrador, nous avançons que le populisme ne se limite pas à tenter d'exclure l'institution et la pratique du journalisme du processus de communication (désintermédiation), mais va plus loin, puisqu'il cherche à usurper leurs fonctions de définition de l'agenda, de vérification de l'information et de travail sur le terrain. Pour conceptualiser la relation entre les processus de médiatisation, de désintermédiation et d'usurpation, le corpus empirique comprend : (1) les conférences de presse de López Obrador, qui s'attachent à définir un agenda à la place du journalisme, (2) sa séance gouvernementale de vérification des informations, le « Qui est qui dans les mensonges de la semaine ? », qui sape la crédibilité de la presse et cherche à se substituer à la vérification journalistique des faits, et (3) le projet avorté de « Réseau de communicateurs du peuple », qui visait à remplacer le travail journalistique sur le terrain au moyen d'un réseau de journalistes citoyens partisans. Notre étude montre notamment que l'élimination de la médiation journalistique entrave la redevabilité et permet aux hommes politiques de qualifier d'« attaques » les questions posées par les journalistes. Les processus analysés ici entraînent une usurpation des fonctions qui reviennent à la presse dans une société démocratique, en les remplaçant par des pratiques prétendument journalistiques, malgré leur manque de rigueur et leur propension à reproduire le discours gouvernemental. De même, la désinformation est encouragée dans la mesure où l'on facilite la circulation d'informations qui n'ont pas été recoupées ou vérifiées, ce qui accroît la vulnérabilité de la pratique du journalisme au Mexique.

**Mots-clés :** communication politique, médiatisation, journalisme, populisme, Mexique.

# Jornalistas e resistência na EBC

## Mecanismos contra o desmonte da comunicação pública sob os governos Temer e Bolsonaro

**AKEMI NITAHARA SOUZA**

*EMERGE/UFF e LaPCom/UnB*  
*Universidade Federal Fluminense (UFF)*  
anitahara@id.uff.br  
0000-0003-4956-6294



Empresa Brasil de Comunicação (EBC) foi criada pela Lei nº 11.652/2008, aprovada a partir da Medida Provisória 398/2007. A nova estrutura unificou a estatal Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás), criada em 1976 como Empresa Brasileira de Radiodifusão para gerir as emissoras do governo federal, com a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp), que administrava a TVE do Rio de Janeiro e do Maranhão e a Rádio MEC (Nitahara e Luz, 2020). Assim, a EBC passou a ser responsável pelas rádios MEC e Nacional do Rio de Janeiro, Brasília, Amazônia e Alto Solimões, pelas agências de notícias Agência Brasil e Radioagência Nacional e pela TV Brasil, que unificou a TV Nacional de Brasília e a TVE do Rio de Janeiro e Maranhão. Nos últimos anos, a Rádio Nacional chegou a São Paulo, São Luís, Recife e Belo Horizonte. Além dessas emissoras e agências que foram destinadas à comunicação pública, a EBC também ficou responsável por prestar serviço de comunicação ao governo federal por meio da TV NBR, criada em 1998, além da Rede Nacional de Rádio e do programa de rádio A Voz do Brasil.

Na criação da EBC, foram considerados parâmetros internacionais de comunicação pública, como os descritos por Mendel (2011) e Bucci, Chiaretti e Fiorini (2012). Estão previstos na Lei nº 11.652/2008 princípios como a promoção da diversidade, complementação de conteúdo não ofertado pela comunica-

**Pour citer cet article**

**Référence électronique**

Akemi Nitahara Souza, « Jornalistas e resistência na EBC: mecanismos contra o desmonte da comunicação pública sob os governos Temer e Bolsonaro », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.522>



ção privada, incentivo à cultura nacional, fomento ao pensamento crítico e participação social. Dessa forma, podemos considerar que “a criação da EBC e de seu serviço televisivo, a TV Brasil, significou uma tentativa de superação do passado de atrelamento dos canais públicos aos governos e autoridades para apontar na direção da construção de iniciativas efetivamente públicas” (Azevedo *et al*, 2009, p. 269).

Destacamos também a importância histórica e de difusão da educação e da cultura nacionais promovidos pelas rádios da EBC, sendo a Rádio MEC herdeira da Rádio Sociedade, que pode ser considerada a primeira rádio criada com finalidade de comunicação pública no país (Milanez, 2007). Já a Rádio Nacional, contribuiu para a consolidação da cultura de massa no Brasil (Del Bianco, Klökner e Ferraretto, 2017).

Nos primeiros oito anos de existência, a EBC conseguiu avançar na prática da comunicação pública, implementando parte dos princípios previstos na lei. Segundo Leal Filho (*in* Lopes, 2016, p. 23), que foi o primeiro ouvidor-geral da empresa, graças à EBC, “a produção cultural brasileira ganhou espaços impossíveis de serem alcançados dentro dos limites do mercado, imposto à mídia comercial” (Leal Filho *in* Lopes, 2016, p. 27).

O autor cita programas como o Ver TV<sup>3</sup>, apresentado por ele e que discutia a própria programação televisiva e temas considerados tabu nas emissoras comerciais; o Estação Plural, primeiro programa com temática LGBTQIAPN+ da televisão aberta brasileira; e o Samba na Gamboa, que exibia toda semana uma autêntica roda de samba carioca. No jornalismo, Leal Filho destaca que os veículos e agências da EBC lograram alcançar a busca por pautas alternativas às apresentadas pela mídia comercial, cobrindo de forma competente temas ignorados, tratados de forma parcial ou distorcida, como por exemplo a economia solidária, assentamentos rurais da reforma agrária, luta pela moradia nos centros urbanos e a regulação da mídia (Leal Filho *in* Lopes, 2016, p. 28). Dessa forma, tanto no entretenimento quanto no jornalismo, a EBC proporcionou nos primeiros anos de existência formatos audiovisuais inéditos no Brasil, bem como a ampliação de fontes e temas cobertos pela imprensa hegemônica. Por outro lado, a primeira presidente da EBC, a jornalista Tereza Cruvinel (*in* Paulino e Silva, 2011, p. 28), destaca que faltou abrangência geográfica para a TV Brasil cumprir sua missão.

Hoje, vejo que a missão de criar a TV Pública não foi acompanhada de um passo importante, a garantia de canais para a nova emissora pelo menos em três capitais. A União, na verdade, só dispunha de três canais: um em Brasília, outro no Rio e um no Maranhão. Mas, aos trancos,

contornamos este grande obstáculo. (Cruvinel *in* Paulino e Silva, 2011, p. 28)

Apesar de a maior parte do conteúdo da EBC estar disponível on-line, sabemos que o acesso à internet ainda não faz parte da realidade brasileira em todo o território nacional.

Faremos uma análise documental das ações empreendidas por trabalhadores e trabalhadoras da EBC, junto com a sociedade civil, contra o desmonte imposto à empresa a partir de 2016. Tais ações envolvem publicações de dossiês de censura e campanhas de defesa da comunicação pública, bem como iniciativas como a Ouvidoria Cidadã da EBC e o Seminário Reconstrói EBC e a Comunicação Pública. Complementarmente, entrevistamos dois jornalistas concursados da EBC envolvidos diretamente nessas ações de resistência.

---

## DESMONTE E RESISTÊNCIA

---

Após o período inicial da EBC, o qual não foi o suficiente para mudar a estrutura midiática brasileira historicamente consolidada em bases comerciais, para minimamente incorporar o sistema público previsto na Constituição Federal de 1988<sup>3</sup>, o projeto foi interrompido em 2016, com a chegada de Michel Temer à Presidência da República e a edição da Medida Provisória (MP) 744/2016. Convertida na Lei nº 13.417/2017, a MP eliminou instrumentos de autonomia e participação social na empresa (Nitahara e Luz, 2021), como o Conselho Curador e o mandato do diretor-presidente. Na ocasião, como relatam as autoras, vários programas foram retirados do ar de um dia para outro, sem explicação aos ouvintes ou telespectadores, bem como se iniciou a prática sistemática de censura a temas considerados sensíveis ao governo e uma tendência à cobertura com viés governamental, sem contrapondo ou contextualização, como requer a boa prática jornalística. Aprofundaremos esse tema adiante.

Segundo Leal Filho (*in* Lopes, 2016, p. 21), o ataque sofrido pela comunicação pública vai ao encontro do poder da elite de um país semi-escravocrata, justamente por ser uma ameaça a tal poder.

A TV pública impulsionada pelo Estado vai na contramão dos interesses dominantes que, sob o véu do liberalismo, julgam-se no direito absoluto de impor à sociedade suas ideias, gostos, valores, sem nenhum tipo de controle. A TV pública é uma forma de controle social da mídia. Daí a violência com que é atacada. (Leal Filho *in* Lopes, 2016, p. 22)

Diante das ameaças de fechamento ou privatização da EBC, em meio ao processo de impeachment da pre-

sidenta Dilma Rousseff, ainda em 2016 foi formada a Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública (Frente, 2016), com o objetivo de promover a campanha #FicaEBC para conscientizar a sociedade sobre a importância da comunicação pública, por meio de engajamento nas redes sociais (Falcão, 2019). A Frente reúne dezenas de entidades da sociedade civil, sindicatos, pesquisadores, jornalistas e trabalhadores e trabalhadoras da EBC, que lutam pela democratização da comunicação no país e acreditam na comunicação pública como um pilar fundamental de uma sociedade democrática.

Uma das preocupações primordiais dos organizadores da Frente era que a reação às ameaças de desmonte da EBC reunisse o máximo possível de atores na defesa do caráter público da empresa. Era preciso resistir à ofensiva que se anunciava em notinhas de imprensa, no discurso de apoiadores do governo e se espalhava entre as pessoas que se relacionavam direta ou indiretamente com o contexto da Comunicação Pública. (Falcão, 2019, p. 47)

De acordo com o jornalista Gésio Passos, concursado da EBC e diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal (SJPDF), existe uma base de trabalhadores que já estavam à frente da defesa da comunicação pública antes mesmo da criação da EBC, atuando em entidades como Intervezes e FNDC e participando de eventos como o Fórum Nacional de TVs Pública, em 2007, de onde se consolidou a ideia para a criação de uma TV pública nacional gerida por uma entidade como a EBC.

Assim, existia, antes das grandes ameaças impostas a partir do impeachment de Dilma, uma base organizada por seus sindicatos, pela Comissão de Empregados, com discussão permanente sobre o papel da EBC na sociedade. Mas nesse período, eu diria que a organização dos trabalhadores foi o alicerce para a resistência, tanto com a criação da Frente em Defesa da EBC, como o movimento 'Fica EBC', esse último organizado entre os trabalhadores, com uma ação intensa nas redes sociais, bem como no diálogo com o Congresso Nacional e outros atores políticos. Além, é claro, dos dossiês de censura criados a partir de 2018. (Passo, 2024)

A mobilização da Frente envolve, primordialmente, produção e divulgação de vídeos e notas de apoio e esclarecimento sobre a EBC e a comunicação pública, bem como denúncias de ilegalidades ocorridas dentro da empresa. Também inclui a articulação com a sociedade e parlamentares, a elaboração de dossiês, iniciativas como a Ouvidoria Cidadã da EBC (Sindicato, 2020) e a realização de eventos, como o curso Comunicação pública: fortalecimento da sociedade e da de-

mocracia (Ouvidoria, 2021) e o Seminário Reconstrói EBC e a Comunicação Pública (Ouvidoria, 2022b). Passos fala também da parceria primordial com a sociedade civil para o fortalecimento da Frente, diante do entendimento de que para a EBC se materializar como referência na comunicação pública era preciso que a sociedade organizada tornasse a empresa uma pauta sua.

As lições da experiência do Conselho Curador foram bem ricas. Os trabalhadores viam a sociedade, presente no Conselho, como elemento central na efetivação dos princípios da comunicação pública. E com o começo dos ataques, em 2016, com a extinção do Conselho Curador, a aliança entre organizações dos trabalhadores e da sociedade civil foram a base para um processo amplificado de resistência, principalmente com a criação da Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública. Essa aliança inclusive teve um papel de atenuar, ainda que bem levemente, as mudanças impostas pelo governo Temer no Congresso. Com o avanço da extrema-direita e de Bolsonaro, a resistência passou a ser pela própria existência da EBC. Nisso a sociedade sempre foi parceira na Campanha Fica EBC, bem como na divulgação dos relatórios de censura e expondo todo tipo de desmandos do governo Bolsonaro na EBC. (Passos, 2024)

A academia também atuou em defesa da EBC e da comunicação pública. Como exemplo, citamos o livro *SOCICOM Debate – A comunicação em questão: crise na EBC* (Lopes, 2016), organizado pela Federação Brasileira de Associações Científicas e Acadêmicas da Comunicação (SOCICOM), que reúne diversas entidades de pesquisa, e lançado no calor dos acontecimentos do impeachment. Citamos, ainda, a carta da SOCICOM endereçada ao então presidente Jair Bolsonaro, pela retirada da EBC do Programa Nacional de Desestatização (SOCICOM, 2021).

Privatizar ou extinguir a EBC traria prejuízos graves ao direito constitucional à informação e à divulgação de conteúdos que promovem e fortalecem a cidadania, a educação, a saúde e a necessária promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação no país. A comunicação pública é uma realidade global e sua existência e formas de atuação são temas recorrentes em pesquisas desenvolvidas dentro e fora do Brasil. Este tipo de serviço de comunicação tem tradição centenária e amplo reconhecimento como um dos pilares da democracia. (SOCICOM, 2021)

Nesse período, também ocorreu uma intensa redução nos quadros de pessoal. De acordo com os Relatórios de Gestão da EBC (EBC, 2018), o número de funcionários

efetivos caiu 25%, passando de 2.267 em 2017 para 1.697 em 2022. Em 2017 e 2018 foram feitos dois Planos de Demissão Voluntária (PDV), nos quais se desligaram um total de 349 pessoas. Efetivo de pessoal este até o momento não reposto e cujas vagas foram extintas. De acordo com o diretor-presidente da EBC empossado em fevereiro de 2023, Hélio Doyle, há apenas 72 vagas disponíveis para reposição de pessoal na empresa (Doyle, 2023)<sup>3</sup>.

Em 2019, com o governo de Jair Bolsonaro, se agravaram as condições de funcionamento da EBC, impactando a qualidade e a independência de sua programação, bem como o caráter público e não-governamental dos conteúdos produzidos. Em abril daquele ano a EBC unificou a grade da TV Brasil com a TV NBR, por meio da portaria 216 (EBC, 2019), o que, segundo Nitahara e Luz (2021), extinguiu a separação entre o canal público e o canal governamental.

Sem um Conselho Curador que zele pelo cumprimento dos princípios públicos ou uma Ouvidoria que faça a crítica interna em nome da sociedade, as entidades de defesa da liberdade de expressão e da democratização da mídia denunciaram a inconstitucionalidade da medida. (Nitahara e Luz, 2021)

Dessa forma, a atuação dos trabalhadores e trabalhadoras da EBC, junto com a Frente, na resistência ao desmonte, foi essencial para fazer o registro do momento histórico e denunciar os abusos cometidos na empresa.

---

## CENSURA

---

Conforme apontam Nitahara e Carvalho (2022), outro problema que se agravou a partir de 2019 na EBC foi a censura, principalmente a temas que desagradavam ao governo Bolsonaro. De acordo com elas, os jornalistas e radialistas da empresa se organizaram para fazer as denúncias e publicaram quatro dossiês (Comissão, 2018, 2020, 2021 e 2022) sobre censura e governismo na EBC.

Dentre os destaques do relatório está o corte a pautas sugeridas, que nem chegaram a ser produzidas pelos veículos e agências da EBC, com a censura prévia de temas considerados “delicados” ou “controversos” pelo governo, como direitos humanos, meio ambiente, cultura e a guerra declarada do presidente Jair Bolsonaro e seu eleitorado contra a ciência em meio à pandemia de Covid-19. (Nitahara e Carvalho, 2022)

Relembrando Schwarcz e Starling (2015), ao longo da história do Brasil, desde a colônia e o império, passando pelo Estado Novo e Ditadura Militar, os go-

vernos se valeram do artifício da censura como “peça fundamental de desmobilização e supressão do dissenso” (Schwarcz e Starling, 2015, p. 635). A censura da Ditadura Militar (1964-1985) é a mais bem descrita pelas autoras.

A ideia era aparentemente simples: combinava manejar o controle sobre a produção e a circulação de bens culturais no país com repressão política. Nenhum outro órgão cresceu mais depressa, e a censura passou a atuar com diferentes objetivos: garantir o controle do fluxo público da informação, da comunicação e da produção de opinião, reprimir o conteúdo simbólico presente na produção cultural, e manipular os mecanismos de memória e interpretação da realidade nacional. (Schwarcz e Starling, 2015, p. 786)

Não é de se estranhar que tal prática autoritária tenha voltado em um governo que promoveu uma intervenção federal militarizada no estado do Rio de Janeiro (Agência Brasil, 2018) e depois se aprofundado no de um presidente capitão do exército, que exalta publicamente a tortura e tem como herói um torturador (Campos e Aquino, 2016). No presente relato, identificamos as mesmas motivações descritas por Schwarcz e Starling (2015).

Os Dossiês da Censura foram organizados pela Comissão de Empregados da EBC, com o apoio dos sindicatos dos jornalistas e dos radialistas do Distrito Federal, do Rio de Janeiro e de São Paulo, além da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) (Dossiê, 2022). A jornalista concursada da EBC Carol Barreto, que integrava a Comissão quando foi organizado o primeiro dossiê, em 2017, explicou que o levantamento foi motivado pela “percepção de que estava sendo montada uma verdadeira estrutura censória na empresa” (Barreto, 2024).

A gente passou a ter determinados temas que não podiam ser cobertos, não podiam ser falados, não podiam ser mostrados. Então, a gente passou a ter uma situação de censura permanente que ia se sofisticar bastante e ser ampliada, ganhar musculatura no governo Bolsonaro, posteriormente. Mas, lá em 2017, a gente já observava que tinha um aumento da censura na empresa, que determinados temas e principalmente determinadas editoriais eram sistematicamente censuradas. Tudo aquilo que, na verdade, de alguma forma incomodava o governo Temer era censurado. Isso sem falar nas pautas de direitos humanos, de movimentos sociais. Isso foi completamente despedaçado já naquele período. (Barreto, 2024)



As denúncias foram feitas por meio de formulário online anônimo, onde os trabalhadores e trabalhadoras lançavam os casos de censura que sofriam, incluindo sugestão de pauta para cobertura jornalística ou entrevista para a programação, reportagens derrubadas ou com partes editadas, até determinações explícitas de temas que não poderiam ser publicados nas redes sociais dos veículos e agências da EBC. Os dossiês mostraram que as censuras ocorriam em todos os veículos da empresa. Também foram reunidas denúncias de coberturas tendenciosas para o governo e, na quarta edição, matérias sobre temas sem interesse público, como o dia da batata-frita ou do cuscuz, bem como foram relatadas práticas de esvaziamento da pauta e da prática jornalísticas.

Foi mais um período em que as pautas dos veículos, diariamente, trazem uma lista de sugestões encaminhadas por assessoria de imprensa, seja de ministérios, seja de instituições de outras naturezas. (...) É resultado de uma vontade, que se torna a ordem do dia. Há pouco exercício mental em torno das pautas, sobre o que é noticiável ou não. As reuniões de pautas seguem suspensas, de modo que os repórteres, figuras centrais no jornalismo, continuam excluídos do processo decisório e mesmo deliberativo. Essa é das provas mais irrefutáveis do clima de controle que se transfundiu na EBC. (Dossiê, 2022)

Destacamos na tabela a seguir o número de denúncias feita em cada edição do Dossiê de Censura, ressaltando que nem todos os casos foram registrados, pois depende da iniciativa de cada pessoa que sofreu preencher o formulário e “o medo de perseguição leva muitos colegas a não fazerem o registro” (Dossiê, 2020).

Não é possível comparar os dados entre os dossiês para atestar o aumento da prática, visto que os períodos anuais compreendidos não coincidem a cada edição, bem como a organização das denúncias, foi feita

de forma diferente, conforme critérios definidos pelos integrantes da Comissão de Empregados em cada momento. Porém, é relevante o dado total de 1.468 intervenções do governo nas pautas dos programas, coberturas jornalísticas de todos os veículos e agências de notícias da EBC e interrupções na grade da TV Pública para a veiculação de conteúdo puramente governamental.

Entre os temas mais censurados destacados nos dossiês estão a palavra ditadura, a questão indígena e as investigações e repercussões da execução da vereadora carioca Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes em 2018, fazendo da editoria Direitos Humanos a mais afetada. Também chama a atenção o grande número de censuras a matérias da editoria Saúde, em plena pandemia de Covid-19 (Dossiê, 2021), o que demonstra a tentativa de manipulação da interpretação da realidade por meio da censura. Os levantamentos apontam, ainda, para a perseguição sofrida dentro da EBC por funcionários que questionassem as ordens que contrariavam a lei de criação da empresa e o Manual de Jornalismo.

Ao longo do ano de 2021, o que nosso coletivo observou foi uma horrenda e feroz perseguição a colegas que, inconformados com os rumos do jornalismo exercido na empresa, não se emudeceram como queriam as chefias e a direção da empresa. Como afirmou Lilia Schwarcz, “dizem que perguntar é uma forma de resistir” e seguiram indagando e contestando ordens inadmissíveis. (Dossiê, 2021)

Entre as perseguições a trabalhadores e trabalhadoras da EBC pela direção e chefias, destacamos a ameaça de demissão da jornalista Kariane Costa, então representante dos empregados no Conselho de Administração da EBC, que sofreu um processo administrativo após denunciar internamente a prática de assédio coletivo (Maciel, 2022).

**Tabela 1** : *Quadro síntese dos dossiês de Censura na EBC*

Período	Censura	Governismo	Interrupções na grade	Pautas Irrelevantes	Total
Outubro de 2016 a julho de 2018			Não levantado	Não levantado	61
Janeiro de 2019 a julho de 2020			Não levantado	Não levantado	138
Agosto de 2020 a julho de 2021	161	89	208	Não levantado	458
Agosto de 2021 e julho de 2022	64	228	274	245	811
<b>Total</b>					<b>1.468</b>

Fonte: Elaboração nossa, com informações dos quatro Dossiês de Censura na EBC



Os dossiês de censura relatam, ainda, as tentativas dos jornalistas da EBC em fazer uma cobertura equilibrada e dando espaço a grupos minorizados e preteridos na grande mídia, sendo impossibilitados pelas chefias. Notamos, portanto, o empenho dos trabalhadores e trabalhadoras da EBC em registrar e denunciar a censura e uso político da empresa no período dos governos Temer e, principalmente, Bolsonaro, transformando em luta a impossibilidade de fazer jornalismo e comunicação pública.

Em março de 2023, uma iniciativa do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da empresa, formado por trabalhadoras e trabalhadores de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, lançou o Memorial das Palavras Proibidas, por ocasião do 8 de março e dos 5 anos da morte de Marielle Franco (Almeida, 2023 e Repórter Brasil, 2023). O Painel traz a imagem da veiculadora assassinada, no qual os funcionários escreveram os temas censurados nos anos anteriores. Entre eles, figuram nomes como Chico Buarque e Caetano Veloso, artistas que foram discretamente retirados das listas de execução das emissoras de rádio da EBC.

---

### OUVIDORIA CIDADÃ DA EBC

---

A partir da intervenção que a empresa sofreu em 2016, a Ouvidoria da EBC também foi afetada, com a substituição imediata dos ouvidores adjuntos. Após o fim do mandato da ouvidora-geral, Joseti Marques, em março de 2018, a direção indicou a diretora-geral da EBC, Cristiane Samarco, para comandar o órgão. A norma interna da Ouvidoria da EBC foi atualizada em dezembro de 2018, incorporando as obrigações da Lei nº. 13.460/2017, que dispõe sobre as ouvidorias de órgãos públicos. Assim, a Ouvidoria da EBC passou a ter a função de assessoramento vinculado ao Conselho de Administração, não precisando mais prestar contas à sociedade. Já no Relatório Anual da Ouvidoria de 2018 (Samarco, 2018), o órgão deixou de considerar a comunicação pública como foco prioritário da EBC e a comunicação governamental como uma prestação de serviço da empresa, além de fazer autoelogios à EBC e à “nova gestão” da Ouvidoria (Nitahara e Luz, 2021).

A partir de então, as análises de conteúdos nos relatórios diminuíram e, na maioria das vezes, apenas reproduzem manifestações do público sobre algum conteúdo específico com comentários básicos, não exercendo o papel que um ombudsman preconiza e que está previsto na lei da EBC. Mesmo assim, a Ouvidoria da EBC passou a sofrer censura a partir do relatório bimestral de março e abril de 2021, quando as análises passaram a ser enviadas apenas aos gestores e ao Conselho de Administração da EBC (Consad).

Em setembro de 2022, a EBC nomeou o coronel Cristiano Mendonça Pinto como ouvidor-geral. For-

mado na Academia Militar das Agulhas Negras e sem experiência em redação jornalística ou produção de conteúdo de entretenimento em rádio ou televisão, bem como em ouvidorias, o currículo do militar aponta apenas trabalho na Indústria de Material Bélico do Brasil (Imbel), além do vínculo com o Exército Brasileiro de 1982 a 2019.

Antes disso, diante da interdição do último órgão de participação social na EBC, a Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública lançou, em dezembro de 2020, a Ouvidoria Cidadã da EBC (Ouvidoria Cidadã da EBC, 2021a), órgão sem vinculação institucional com a empresa.

Com o objetivo de exercer a participação e controle social previstos na Lei nº 11.652/2008, de criação da Empresa Brasil de Comunicação, lançamos, certos do papel que cabe à empresa pública, a Ouvidoria Cidadã da EBC. A medida se faz necessária diante da cassação do Conselho Curador, em 2016, pela Medida Provisória 744, e a transformação da Ouvidoria da EBC em aparato de comunicação institucional, em 2018, que não mais exerce a análise crítica dos conteúdos e não zela pela aplicação da lei pela empresa. (Ouvidoria Cidadã da EBC, 2020)

A iniciativa se inspira em movimentos como a Auditoria Cidadã da Dívida (<https://auditoriacidada.org.br/>), que desde 2001 elabora estudos, publicações e atividades para mobilizar a sociedade nacional e internacional em torno do tema da dívida pública federal brasileira. São mecanismos encontrados pela sociedade civil para registrar problemas e denunciar irregularidades nas políticas públicas. Gésio Passos explica que o incômodo dos funcionários e da Frente com a “debilidade da ouvidoria oficial” começou com a indicação de Samarco pelo governo Temer.

Cristiane Samarco, ex-diretora-geral, assumiu a ouvidoria no final do governo Temer, tendo seu mandato renovado até a gestão de um militar imposta por Bolsonaro. Essa gestão já iniciou sem compromisso com a Ouvidoria, totalmente ligada à gestão da empresa. Seus relatórios não abordavam criticamente os conteúdos dos veículos da EBC. Assim, a Ouvidoria Cidadã, organizada por um grupo de empregados com apoio da sociedade civil, passou a fazer esse papel de crítica da programação das emissoras e agências públicas. Isso de forma autônoma e espontânea. Hoje é um registro importante de tudo que se passou, principalmente a precarização da Ouvidoria, quando um militar, que já atuava na EBC, assumiu o posto em substituição a Samarco. (Passos, 2024)

Levando-se em conta que a Ouvidoria da EBC pode ser considerada um Instrumento de Responsabilidade Social da Mídia, por oferecer visibilidade e transparência a equívocos e dilemas associados à atuação da empresa, “deste modo, estimula a discussão com leitores, ouvintes e telespectadores e pode encorajar um hábito de crescente accountability entre profissionais e gestores” (Paulino in Paulino e Silva, 2013, p. 55), a Ouvidoria Cidadã da EBC pode ser enquadrada como um instrumento inovador.

Instrumentos inovadores, que ocorrem na internet: tais como weblogs editoriais; websites que monitoram conteúdos de notícias; webcasts com seções voltadas para a crítica interna ou grupos de debate, ombudsmen online e movimentos espontâneos de crítica da mídia nas redes sociais. (Paulino in Paulino e Silva, 2013, p. 55).

A análise de Paulino se baseia na classificação de Fengler para os instrumentos de prestação de conta e responsabilidade social.

É evidente que alguns destes instrumentos inovadores são exclusivos da Web, outros – como os ombudsmen ou os conselhos de imprensa online – reproduzem os formatos offline existentes. Os códigos de ética jornalísticos e as normas profissionais devem ser considerados não como instrumentos, mas como instituições informais que restringem o comportamento dos profissionais da comunicação social. (Fengler, 2011, p. 9. Tradução nossa)<sup>4</sup>

Além da análise de conteúdos colocados nos veículos da EBC que não atendem aos requisitos da comunicação pública e de elogios a boas produções, o site da Ouvidoria Cidadã da EBC passou a ser espaço de divulgação das mobilizações em defesa da EBC e de denúncias envolvendo a empresa. Destacamos o apoio contra a privatização e pelo respeito à lei de criação da EBC, com a realização de audiências públicas no Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) e na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), notas de apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), da Public Media Alliance (PMA), da International Association for Media and Communication Research (IAMCR) e da Organización Interamericana de Defensoras y Defensores de las Audiencias (OID). Levantamentos feitos pela Frente sobre o uso indevido dos veículos da EBC e publicados pela Ouvidoria Cidadã foram levados à CPI da Pandemia e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (Morrone, 2021 e Zanini, 2021).

Em três anos de atuação da Ouvidoria Cidadã da EBC, até o fim de 2023, a entidade produziu ou publi-

cou em seu site, lançado em janeiro de 2021 no Fórum Social Mundial, e promoveu:

- Dois relatórios, com resumos traduzidos para inglês e espanhol, assinados por 57 entidades;
- 125 análises de conteúdo;
- 23 notas públicas e manifestos;
- 33 notícias;
- Nove artigos assinados;
- Curso Comunicação Pública e Democracia;
- Seminário Reconstrói a EBC e a Comunicação Pública.

O site da Ouvidoria Cidadã da EBC traz também um compilado de indicações bibliográficas sobre a EBC e a Radiobrás, comunicação pública e economia política da comunicação e sobre os veículos e agências da EBC, entre artigos acadêmicos, dissertações, teses e livros. Também abriga o Mapa Interativo Histórico da EBC, que traz a linha do tempo com os marcos legais e históricos dos veículos e agências da empresa, produto do mestrado profissional de uma jornalista da casa.

---

## SEMINÁRIO

---

No início de 2022, a partir de ideia surgida no lançamento do Relatório 2021 da Ouvidoria Cidadã da EBC, em evento on-line prévio do Fórum Social Mundial e Fórum Social das Resistências (Ouvidoria, 2022a), a Frente promoveu o Seminário Reconstrói EBC e a Comunicação Pública. O objetivo foi discutir os problemas enfrentados pela empresa e propor soluções, com sugestões a serem entregues aos candidatos nas eleições gerais que ocorreriam em outubro daquele ano.

De certa forma, o Seminário representou uma retomada da participação social nas discussões que envolvem a comunicação pública, como ocorrido no processo que culminou na criação da EBC, após a realização do Encontro O Desafio da TV Pública, em 2003, e do Fórum Nacional de TVs Públicas, em 2007, como destacam Nitahara e Luz (2021).

A partir de 2003 [governo de Luiz Inácio Lula da Silva], setores da sociedade civil ligados à democratização da mídia dedicaram-se a discutir a comunicação pública no Brasil. Naquele ano, a TVE Rede Brasil organizou o encontro “O Desafio da TV Pública”, para promover discussões partindo dos modelos e conceitos de TVs educativas e públicas existentes no Brasil e no exterior. A Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp), entidade gestora da TVE, destaca na voz de sua diretora-presi-

dente Beth Carmona, a necessidade de aproveitar o novo momento político para sensibilizar governos e sociedade sobre a importância da comunicação pública. (Nitahara e Luz, 2021)

Apesar da falta de chancela de órgão oficial, como a TVE em 2003, ou do próprio governo, por meio do Ministério da Cultura em 2007, o Seminário Reconstroí a EBC foi endossado por 53 entidades, entre organizações da sociedade civil, sindicatos e grupos de pesquisa acadêmicos, bem como a participação ativa das trabalhadoras e trabalhadores da EBC.

Após uma chamada pública, aberta em março, as 23 propostas enviadas por pesquisadores, entidades, sindicatos e pessoas físicas foram sistematizadas no Caderno de Contribuições do Seminário Reconstroí EBC e a Comunicação Pública, divididas em três eixos de discussão: 1 - Gestão, Estrutura e Participação Democrática; 2 - Conteúdo e Diversidade; e 3 - Desenvolvimento e Sustentabilidade. Além dos temas transversais autonomia, separação de caráter público e governamental e rede de comunicação pública (Frente, 2022b).

O primeiro dia do seminário, em 8 de abril de 2022, consistiu em um ato político com 15 participantes que falaram em defesa da EBC e da comunicação pública, da comunicação como um direito humano e a importância da promoção da diversidade nos canais públicos. Os trabalhos no dia 9 começaram com uma mesa de apresentação dos eixos temáticos, explanados por especialistas integrantes da Frente. O professor da Universidade de Brasília (UnB) e ex- conselheiro da EBC Murilo César Ramos destacou os modelos de funcionamento da BBC britânica e da PBS/NPR dos Estados Unidos no Eixo 1. As discussões do Eixo 2 foram conduzidos pela diretora do Sindicato dos Jornalistas do DF e integrante da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Distrito Federal (Cojira-DF) Juliana César Nunes, que ressaltou a necessidade de se retomar a produção própria de conteúdos diversificados e de acordo com os princípios da comunicação pública, com inventividade para superar os entraves burocráticos. Para o Eixo 3, o professor do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (PPGMiT/Unesp) Octavio Pieranti explicou que o financiamento da comunicação pública em diferentes países é baseado no tripé fundos públicos, fundos de fora do orçamento estatal e a *licence fee*, taxa paga pelos usuários do sistema diretamente à empresa.

Após a mesa inicial, os três grupos de trabalho se separaram para discutir cada eixo e sistematizar as propostas apresentadas, que foram compiladas por um grupo de

voluntários da Frente e resultaram no Caderno de Propostas do Seminário Reconstroí EBC (Frente, 2022c). O documento foi lançado durante o Fórum Social das Resistências e Fórum Social Mundial Justiça e Democracia, que ocorreram simultaneamente de 26 a 30 de abril de 2022 em Porto Alegre (RS), com atividades presenciais e on-line. As propostas apresentadas no Seminário visam

a reconstrução da EBC com base na retomada e aperfeiçoamento dos princípios que a distingam como empresa pública, que assegurem sua autonomia e independência, seu papel estratégico na relação com a rede de mídias públicas nacional e regionais, a participação e controle social definidos por critérios democráticos, e demais aspectos da estrutura necessária para uma gestão democrática da empresa e de um sistema de comunicação pública. (Frente, 2022c)

O diagnóstico traçado no Eixo 1 de discussão destaca que o modelo institucional da empresa falha em manter na mesma instituição tanto a comunicação pública como a comunicação de governo. “Estas opções políticas acabaram por passar uma sinalização dúbia para a sociedade, criando uma empresa que não tem um ‘DNA’ claro, ou que tem dois ‘DNAs’ em sua missão institucional” (Frente, 2022c). O Caderno pede que a EBC seja retirada do Plano Nacional de Desestatização (PND), “por inconstitucionalidade, já que contraria o artigo 223 da Constituição Federal que estabelece a existência dos sistemas de comunicação público, privado e estatal” (Frente, 2022c). A retirada da EBC do PND foi efetivada nos primeiros meses do terceiro governo Lula, pelo Decreto nº 11.478, de 06 de abril de 2023.

O texto sugere que seja incluída a participação da sociedade no Conselho de Administração da EBC e retomada a convocação de audiências e consultas públicas para definir os rumos da comunicação pública. Para fortalecer o corpo funcional, responsável pela luta diária de resistência ao desmonte impingido à EBC (Nitahara e Carvalho, 2022) e também vítima de autoritarismos, assédios e retaliações, foi proposta a recomposição da força de trabalho do quadro efetivo por meio de concursos públicos; o estímulo à formação continuada dos trabalhadores da EBC, com a retomada do Centro de Pesquisa em Comunicação Pública; curso de formação obrigatório em comunicação pública como etapa do concurso para ingresso na EBC; e a construção de mecanismos de gestão interna para acabar com as discriminações por categorias profissionais.

Os debates do Eixo 2 envolveram o Conselho Curador como órgão que canaliza as críticas da sociedade ao conteúdo produzido e veiculado pela empresa de

comunicação pública, bem como o Comitê Editorial de Jornalismo, formado por profissionais da EBC, que também foi encerrado durante a gestão do presidente Michel Temer. A função do órgão era verificar criticamente as produções jornalísticas da empresa. Já a Ouvidoria, apesar de ter sobrevivido institucionalmente, foi descaracterizada e se tornou parte do projeto de propaganda governamental, “reduzindo os espaços de crítica e na prática endossando o processo de desmonte praticado pelos últimos governos” (Frente, 2022c). Portanto, o Caderno propõe a retomada desses instrumentos fortalecidos para que possam desempenhar seu papel de guardiões dos princípios da comunicação pública dentro da EBC.

O documento destaca a participação ativa de entidades e do movimento negro no I Fórum Nacional de Televisão Pública, em maio de 2007, que lançou bases para a criação da EBC, inclusive com o lançamento do livro *O Negro na TV Pública*, organizado pelo cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo, que integrava o Conselho Curador da EBC em 2016.

A expectativa era a de que a EBC se consolidasse com um contraponto à mídia comercial brasileira, fundada pela elite branca escravocrata e até hoje gerida por descendentes dessa elite para atender aos seus interesses. Também era esperado que os veículos da EBC estabelecessem parcerias capazes de fortalecer a mídia negra, historicamente alijada do financiamento público para os meios de comunicação. (Frente, 2022c)

Até 2016, algumas iniciativas nesse sentido foram implementadas, porém, com o desmonte iniciado desde então, a representatividade negra nos veículos públicos diminuiu a cada dia. As propostas do Seminário incluem o envolvimento efetivo do Comitê de Equidade de Gênero e Raça em todas as políticas da empresa; formação continuada de profissionais negros para liderarem equipes; lançamento de editais para conteúdo audiovisual que priorize produtoras de cineastas negras/os e indígenas; ampliar a cobertura jornalística da África; e monitoramento da presença de negros nos conteúdos veiculados. Sobre grupos minoritários, o Caderno destaca que a EBC já foi referência com programas como *Repórter Visual*, em libras; *Estação Plural*, com apresentadores LGBTQIAPN+; e *Estação Periferia*, que levava a juventude negra para o estúdio da Rádio Nacional. Para retomar e ampliar a representatividade desses grupos nos veículos públicos, o seminário propôs que sejam feitas políticas de fomento específicas para garantir visibilidade para a juventude, indígenas, pessoas com deficiência (PCDs), doenças raras e LGBTQIAPN+.

O terceiro e último eixo de debates discutiu a comunicação como um direito humano fundamental à democracia e ao exercício da cidadania, com atividades que servem como instrumentos de desenvolvimento econômico e social. O Caderno de Propostas destacou que o financiamento da Comunicação pública deve atender às necessidades da Rede Nacional de Comunicação Pública como um todo, além da EBC especificamente, tendo como principais problemas atualmente a falta de garantias dos repasses previstos da Lei Orçamentária Anual (LOA) e o contingenciamento de recursos por parte do governo.

Esse tópico também reforça a importância de se fortalecer o jornalismo da EBC.

Fortalecer as atividades de produção jornalística da EBC, com atenção especial à Agência Brasil e à Rádioagência Nacional, para disponibilização de conteúdos ao público e à reprodução sob licença Creative Commons, favorecendo a circulação de jornalismo público nas pequenas mídias, rádios comunitárias, redes sociais e também veículos da imprensa convencional que podem encontrar na EBC conteúdos com qualidade e credibilidade. (Frente, 2022c)

Vale ressaltar que o Caderno de Propostas do Seminário Reconstrói EBC e a Comunicação Pública foi entregue por integrantes da Frente ao Grupo de Trabalho de Comunicação Social do gabinete de transição de governo, em novembro de 2022 (Sindicato, 2022), após a vitória nas urnas de Luiz Inácio Lula da Silva sobre Jair Bolsonaro. O que demonstra a mobilização e articulação do grupo em torno da resistência do jornalismo público e da EBC.

Em paralelo ao Seminário, outra movimentação dos trabalhadores e trabalhadoras da EBC com a sociedade civil agiu contra o fechamento das rádios históricas da EBC (Frente, 2022a). Informações internas deram conta que a direção da empresa reduziu a potência dos transmissores em AM e tinha a intenção de desligá-los sem fazer a completa migração das emissoras para a frequência modulada. Com o acionamento de parlamentares da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), foram aprovados dois projetos de lei que declararam as rádios Nacional (Brasil de Fato, 2022) e MEC (Thuswohl, 2022) Patrimônio Histórico e Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Na audiência pública que discutiu o tema (Macedo, 2022), a atriz e imortal da Academia Brasileira de Letras Fernanda Montenegro (Ouvidoria, 2024) enviou um vídeo de apoio em defesa da Rádio MEC, emissora na qual ela iniciou sua carreira.

---

## RECONHECIMENTO

---



Diante de ações como as descritas no presente artigo, os trabalhadores e trabalhadoras da EBC foram homenageados na 44ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria Contribuição ao Jornalismo, “pela resistência na defesa da comunicação pública” (Ouvidoria Cidadã da EBC, 2022c). O Herzog é o mais tradicional prêmio jornalístico do Brasil e premia trabalhos na área de defesa e promoção da democracia, cidadania e dos direitos humanos. No discurso da cerimônia de entrega do prêmio, em outubro de 2022, o coletivo da EBC homenageado lembrou que o jornalista Vladimir Herzog era trabalhador da comunicação pública quando foi assassinado pela Ditadura Militar, em 1975, como diretor da TV Cultura de São Paulo.

Nesses 4 anos, a direção e as chefias da Empresa Brasil de Comunicação reverberaram o negacionismo, omitiram as mortes pela Covid. Impediram que usássemos a palavra ditadura. Ignoram violações de direitos da população negra e vetaram Marielle Franco. Mentiram para nosso povo e escoram recursos para propaganda do governo federal. Aqui, representamos dezenas de jornalistas e radialistas que não se omitiram do seu dever, assim como diversos outros servidores públicos de órgãos como Ibama, Funai e Anvisa. (Ouvidoria Cidadã da EBC, 2022c)

O prêmio é promovido por 14 instituições, entre elas o Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil (UNIC Rio); Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP); Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB Nacional); Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); e Instituto Vladimir Herzog. A lista dos promotores dá a dimensão da importância do prêmio e do reconhecimento da resistência dos trabalhadores e trabalhadoras da EBC no período descrito.

Para Carol Barreto, o resultado prático dessa resistência dos trabalhadores no período Temer e Bolsonaro foi dar visibilidade ao que estava acontecendo dentro da empresa, já que, de acordo com ela, a EBC deixou de cumprir a sua missão pública no período, que é fazer comunicação pública, e de alguma forma passou a ser um aparato dos governos Temer e, principalmente, Bolsonaro.

Quando a gente deixou de noticiar coisas importantes, quando a gente, inclusive, ecoou discursos anti-vacina na pandemia, foi muito complicado. Então, eu acho que, de alguma forma, dizer publicamente que estava havendo essa censura, né, tem a ver com a luta para que a EBC seja, de fato, uma empresa pública e venha cumprir sua missão. Nesse sentido, eu acho que essa resistência foi muito importante. Ela [a resistência], embasa hoje esses dossiês que

nós fizemos, que já embasaram, inclusive, estudos de mestrado, de doutorado. Então, eu acho que é importante como um documento de uma página da história da Empresa Brasil de Comunicação que não deve mais se repetir. (Barreto, 2024)

Gésio Passos corrobora com a visão de Carol e acrescenta a importância da parceria com a sociedade civil nessa vigilância, para que a EBC cumpra os princípios públicos, inclusive os previstos em lei. Para ele, a retomada da EBC enquanto empresa de fato focada em comunicação pública ainda não está completa, mesmo com a mudança de governo em 2023.

De fato, o governo Lula preferiu afastar os empregados do processo de reconstrução da EBC. Já no começo do governo, com a presidência de Hélio Doyle, houve uma falta de entendimento do papel crítico da sociedade sobre os caminhos da empresa. Nesse período, as mudanças relevantes foram a separação institucional da parte de comunicação do governo e da comunicação pública dentro da EBC, com a criação do Canal Gov, principalmente. Em termos de participação e controle social, o avanço foi nulo. Mas o saldo é que é fundamental tanto trabalhadores, como a sociedade, acompanharem de perto a comunicação pública, que a EBC entre na agenda dos movimentos que buscam a transformação social, que a EBC siga o compromisso com seu povo. (Passos, 2024)

Apesar de não terem sido produzidos novos dossiês de censura a partir de 2023, os trabalhos da Ouvidoria Cidadã da EBC continuam ativos, assim como notas publicadas pelos sindicatos denunciando abusos dentro da empresa.

---

## CONCLUSÕES

---

Diante da escalada autoritária que o Brasil enfrentou nos últimos seis anos e com a exclusão da participação social da empresa que deveria ser de comunicação pública, trabalhadores e trabalhadoras da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), juntos com a sociedade civil, em organizações atentas ao aparelhamento das instituições democráticas e ao desvirtuamento de suas funções sociais, se mobilizaram com ações e iniciativas para registrar o desmonte impingido à EBC e denunciar o uso político de seus veículos.

A organização da Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública deu suporte e robustez às ações, com a participação ativa de dezenas de grupos acadêmicos, organizações de luta pela democratização das comunicações, sindicatos, pesquisadores e jornalistas.



Além de entidades ligadas diretamente à EBC, como a Comissão de Empregados e o Conselho Curador Cassado, que se manteve ativo após ser destituído pelo governo Michel Temer.

Com os dossiês de censura, os trabalhadores e trabalhadoras da EBC denunciaram a prática que se tornou sistemática dentro da empresa, mesmo atentando contra a liberdade de imprensa e de expressão e sendo vedada explicitamente pela Constituição Federal. Essa ação envolveu primordialmente os e as jornalistas da empresa, já que apenas quem sofre a censura pode denunciá-la, num ato de resistência e consciência da importância de se fazer tal registro histórico, mesmo sob risco de perseguição e assédio moral, que de fato ocorreram.

A Ouvidoria Cidadã da EBC retomou a participação social extirpada da empresa, para jogar luz nos desmandos editoriais impingidos pelo governo federal. Para além da análise dos conteúdos, apontando problemas e acertos com relação aos princípios da comunicação pública, a Ouvidoria Cidadã da EBC promove denúncias e articulações na defesa do campo e da empresa. Também se consolida como fonte de informação acadêmica, com o Mapa Histórico e a bibliografia sobre a EBC. Com a retirada do Instrumento de Responsabilidade Social da Mídia da EBC, a sociedade civil tomou para si essa missão e o trabalho da Ouvidoria Cidadã da EBC se tornou um observatório ativo do desmonte da EBC.

O Seminário Reconstrói EBC e a Comunicação Pública marcou a rearticulação da sociedade civil em torno do projeto da EBC e de um sistema de comunicação pública no país. Análises técnicas e jurídicas foram produzidas para essa defesa, incluindo a participação de importantes juristas, integrantes do Ministério Público, lideranças de movimentos sociais, sindicais, do movimento negro e LGBTQIA+, ex-dirigentes da EBC, de emissoras estaduais e integrantes do Conselho Curador Cassado.

Porém, mesmo que o resultado da eleição presidencial de 2022 aponte para uma retomada do projeto de comunicação pública no Brasil, a reconstrução da EBC ainda depende de muita vontade política e enfrentamento aos poderes midiáticos estabelecidos, que foram ferrenhos opositores ao projeto desde o princípio. Outro entrave é o Congresso Nacional, considerado o mais conservador desde a redemocratização, pelo qual é necessário passar qualquer mudança legislativa. Mas, a depender do que foi descrito aqui, a resignação dá lugar à resistência por parte dos e das jornalistas e radialistas da EBC. Resistência reconhecida e homenageada por um dos mais importantes prêmios jornalísticos do Brasil e com suporte da sociedade civil.

---

*Data de submissão: 14 de junho de 2023*  
*Data de aceite: 8 de maio de 2024*

## NOTES

<sup>1</sup> Segundo Valente (2009, p. 185), ao lado do Observatório da Imprensa, o programa Ver TV se destacava por fazer a crítica da mídia, cumprindo, assim, um importante papel de problematização acerca da própria comunicação.

<sup>2</sup> Artigo 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

<sup>3</sup> Hélio Doyle deixou a presidência da EBC em outubro de 2023 (disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/jornalista-helio-doyle-deixa-presidencia-da-ebc> acesso em 24/03/24). Em seu lugar ficou Jean Lima, que ocupava o cargo de diretor-geral. Até agosto de 2024, não havia sido feito anúncio de recomposição dos quadros da EBC por concurso público.

<sup>4</sup> Original em inglês: Clearly, some of these innovative instruments are unique to the web, others – like online ombudsmen or online press councils – replicate existing offline formats. Journalistic codes of ethics and professional norms are to be considered not as instruments, but as informal institutions constraining media professionals' behavior (...).

## REFERÊNCIAS

- Agência Brasil. (2018, 16 de fevereiro). *Temer nomeia general Braga Netto interventor na segurança pública do Rio*. Agência Brasil. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-02/temer-nomeia-general-braga-netto-interventor-na-seguranca-publica-do-rio>
- Almeida, D. (2023, 10 de março). *Mãe de Marielle Franco visita Memorial das Palavras Proibidas da EBC*. Agência Brasil. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mae-de-marielle-franco-visita-memorial-das-palavras-proibidas-da-ebc>
- Azevedo, F., Rodrigues, D. M., Silva, S. P., & Valente, J. (2009). *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, Interviços. (Coleção Comunicação). Recuperado de <http://www.interviços.org.br/arquivos/interliv004spcmepb.pdf>
- Barreto, C. (2024, 25 de março). Entrevista concedida à autora [Entrevista]. Rio de Janeiro.
- Beirão, N. (Presidente da Comissão), & Achilis, A. (Redação). (2012). *Manual de Jornalismo da EBC – Somente a Verdade* (Norma de Jornalismo – NOR 801). Brasília. Recuperado de <https://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/noticias/2013/04/faca-o-download-gratuito-do-manual-de-jornalismo-da-ebc>
- Brasil. (2008). *Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008*. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta; autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC; altera a Lei nº 5.070, de 7 de julho de 1966; e dá outras providências. Brasília: Casa Civil.
- Brasil. (2017). *Lei nº 13.417, de 1º de março de 2017*. Altera a Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008, que “Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta; autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC; altera a Lei nº 5.070, de 7 de julho de 1966; e dá outras providências”, para dispor sobre a prestação dos serviços de radiodifusão pública e a organização da EBC. Brasília: Secretaria-Geral.
- Brasil de Fato. (2022, 02 de junho). *Alerj aprova projeto que declara Rádio Nacional Patrimônio Histórico e Cultural do Rio*. Brasil de Fato RJ. Recuperado de <https://www.brasildefatorj.com.br/2022/06/02/alerj-aprova-projeto-que-declara-radio-nacional-patrimonio-historico-e-cultural-do-rio>
- Bucci, E., Chiaretti, M., & Fiorini, A. M. (2012). *Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas – Uma análise Contemporânea*. Série Debates CI nº10. Brasil: Representação da Unesco. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216616>
- Campos, A. C. e Aquino, Y. (2016, 19 de abril). *Dilma diz ser lamentável Bolsonaro homenagear torturador na Câmara*. Agência Brasil. Recuperado de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/dilma-diz-ser-lamentavel-bolsonaro-homenagear-torturador-em-sessao-na>
- Comissão de Empregados da EBC; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Distrito Federal. (2018). *Dossiê Censura e Governismo na Empresa Brasil de Comunicação - 1ª edição*. Recuperado de <https://emdefesadaebc.files.wordpress.com/2018/08/texto-final-dossie-publicado-site-emdefesadaebc-8-2018.pdf>
- Comissão de Empregados da EBC. Sindicatos dos Jornalistas DF, Rio e SP; Sindicatos dos Radialistas DF, RJ e SP; Federação Nacional dos Jornalistas. (2020) *Dossiê Censura EBC – Inciso VIII - 2ª edição*. Recuperado de [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie\\_Censura\\_EBC\\_2020.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Dossie_Censura_EBC_2020.pdf)
- Comissão de Empregados da EBC; Sindicatos dos Jornalistas DF, Rio e SP; Sindicatos dos Radialistas DF, RJ e SP; Federação Nacional dos Jornalistas. (2021). *Dossiê Censura e Governismo na EBC - 3ª edição*. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeaebc.org/wp-content/uploads/2021/10/Dossiede-Censura-e-Governismo-EBC-3a-edicao.pdf>
- Comissão de Empregados da EBC; Sindicatos dos Jornalistas DF, Rio e SP; Sindicatos dos Radialistas DF, RJ e SP; Federação Nacional dos Jornalistas. (2022). *Dossiê Censura e Governismo na EBC - 4ª edição*. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeaebc.org/wp-content/uploads/2022/08/Dossie-Censura-e-Governismo-EBC-4a-Edicao-FINAL.pdf>
- Del Bianco, N., Klökner, L., & Ferraretto, L. A. (Orgs.). (2017). *80 anos das rádios Nacional e MEC*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Doyle, H. (2023). *A nova cara da EBC com Hélio Doyle*. Revista Plano B Brasília n.º 03. Recuperado de [https://issuu.com/revista.planob/docs/plano\\_b\\_-\\_edi\\_o\\_3/s/23542508](https://issuu.com/revista.planob/docs/plano_b_-_edi_o_3/s/23542508)
- EBC (2018, 04 de julho). *Relatório de Gestão*. Empresa Brasil de Comunicação. Recuperado de <https://www.ebc.com.br/governanca-corporativa/relatorio-de-gestao-1>
- EBC (2019, 09 de abril). *Portaria-Presidente 2016*. Empresa Brasil de Comunicação. Recuperado de [https://www.ebc.com.br/sites/\\_institucional/files/atoms/files/portaria\\_-\\_presi\\_no\\_216\\_-\\_programacao\\_televisiva\\_da\\_ebc.pdf](https://www.ebc.com.br/sites/_institucional/files/atoms/files/portaria_-_presi_no_216_-_programacao_televisiva_da_ebc.pdf)
- Falcão, L. F. N. (2019). *Comunicação pública e mobilização social: narrativas, televisualidades e engajamento virtual na campanha da “Frente em defesa da EBC e da Comunicação Pública”* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora]. Repositório UFJF.
- Fengler, S., Eberwein, T., Lauk, E., & Leppik-Bork, T. (Eds.). (2011). *Mapping Media Accountability – in Europe and Beyond*. Köln: Herbert von Halem Verlag.
- Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública (2016, 12 de maio). *Manifesto de criação da Frente: Em defesa da Empresa Brasil de Comunicação e da comunicação pública*. Recuperado de <https://emdefesadaebc.wordpress.com/2016/05/17/manifesto-de-criacao-da-frente-em-defesa-da-empresa-brasil-de-comunicacao-e-da-comunicacao-publica/>
- Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública. (2022a, 3 de março). *Rádio MEC e Rádio Nacional são patrimônios da sociedade brasileira e não podem ser desligadas*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeaebc.org/manifesto-radio-mec-e-nacional/>
- Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública. (2022b, 8 de abril). *Caderno de Contribuições*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeaebc.org/caderno-de-contribuicoes/>

- Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública. (2022c, 4 de maio). *Caderno de Propostas Seminário Reconstroi EBC*. Porto Alegre: Fórum Social das Resistências e Fórum Social Mundial Justiça e Democracia. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeebc.org/caderno-de-propostas-para-a-reconstrucao-da-ebc-e-da-comunicacao-publica/>
- Grossi, F. (2023, 31 de março). *EBC inaugura Memorial das Palavras proibidas no Rio de Janeiro*. [Vídeo]. Streaming Service TV Brasil. Recuperado de: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2023/03/ebc-inaugura-memorial-das-palavras-proibidas-no-rio-de-janeiro>
- Lopes, R. S. (Org.). (2016). *SOCICOM Debate – A comunicação em questão: crise na EBC* (2a ed.). São Paulo: Socicom. Recuperado de [http://www.socicom.org.br/files/SOCICOM\\_EBC\\_baixar.pdf](http://www.socicom.org.br/files/SOCICOM_EBC_baixar.pdf)
- Macedo, R. (2022, 25 de março). *Alerj debate ampliação da audiência das rádios MEC e Nacional*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Recuperado de <https://www.alerj.rj.gov.br/Visualizar/Noticia/52790?AspxAutoDetectCookieSupport=1>
- Maciel, C. (2022, 09 de setembro). *Sindicatos realizam ato contra demissão de funcionária da EBC e indicam estado de greve*. Brasil de Fato DF. Recuperado de <https://www.brasildefatodf.com.br/2022/09/09/sindicatos-realizam-ato-contra-demissao-de-funcionaria-da-ebc-e-indicam-estado-de-greve>
- Mendel, T. (2011). *Serviço público de radiodifusão: um estudo de direito comparado*. Brasília: Unesco. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000214765>
- Milanez, L. (Org.). (2007). *Rádio MEC herança de um sonho*. Rio de Janeiro: Acerp.
- Morrone, G. (2021, 9 de agosto) *Propaganda antecipada: servidores da EBC denunciam intervenções de Bolsonaro na TV*. [Vídeo]. Streaming Service Globo News. Recuperado de: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/propaganda-antecipada-servidores-da-ebc-denunciam-intervencoes-de-bolsonaro-na-tv-9755230.ghtml>
- Nitahara, A., & Luz, C. R. M. (2020). A EBC e a Comunicação Pública no Brasil. *Liinc em Revista*, 16(1), e5130. <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i1.5130>
- Nitahara, A., & Luz, C. R. M. (2021). O Desmonte da Participação Social na EBC. *Revista Eptic*, 13(2), 22. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/13770>
- Nitahara, A., & Carvalho, M. M. (2022). A EBC em 2021: ataques e resistências. In M. M. Carvalho & L. P. Dutra (Orgs.), *Cadernos de conjuntura das comunicações LaPCom-Ulepic-Brasil 2022: desinformação, crise democrática e políticas de comunicação e cultura* (pp. 115 – 131). Brasília: Ulepic-Brasil.
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2020a). Relatório 2020. Brasil: Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública. Recuperado de: <https://ouvidoriacidadeebc.org/wp-content/uploads/2021/03/OuvidoriaCidadaEBCFINAL.pdf>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2021a, 29 de janeiro). Apresentação da Ouvidoria Cidadã da EBC. [Vídeo]. Streaming Service YouTube. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=AeA7litZxkU>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2021b, 13 de abril). *Confira os destaques do curso sobre Comunicação Pública e a EBC promovido pela Frente e Emerge-UFF*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeebc.org/confira-os-destaques-do-curso-sobre-comunicacao-publica-e-a-ebc-promovido-pela-frente-e-emerge-uff/>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2022, 28 de janeiro). *Assembleia de convergência da EBC no Fórum Social Justiça e Democracia*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeebc.org/assembleia-de-convergencia-da-ebc-no-forum-social-justica-e-democracia/>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2022a, 2 de abril). *Seminário debate retomada do projeto de comunicação pública e da EBC*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeebc.org/seminario-debate-retomada-do-projeto-de-comunicacao-publica-e-da-ebc/>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2022b, 11 de abril). *Confira como foi o Seminário Reconstroi EBC*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado <https://ouvidoriacidadeebc.org/confira-como-foi-o-seminario-reconstroi-ebc/>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2022c, 27 de outubro). *Trabalhadores e trabalhadoras da EBC são homenageados pelo Prêmio Especial Vladimir Herzog pela resistência na defesa da comunicação pública*. Ouvidoria Cidadã da EBC. Recuperado de <https://ouvidoriacidadeebc.org/premio-herzog/>
- Ouvidoria Cidadã da EBC. (2024, 29 de março). *Fernanda Montenegro*. [Vídeo] Streaming Service YouTube. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=i9zdl\\_0GtQM](https://www.youtube.com/watch?v=i9zdl_0GtQM)
- Passo, G. (2024, 25 de março). Entrevista concedida à autora [Entrevista]. Rio de Janeiro.
- Paulino, F. O., & Silva, L. M. da (Orgs.). (2013). *Comunicação pública em debate: ouvidoria e rádio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Samarco, C. (2018). *Relatório da Ouvidoria 2018*. Brasília: EBC. Recuperado de [https://www.ebc.com.br/sites/\\_institucional/files/atoms/files/relatorio\\_da\\_ouvidoria\\_anual\\_2018\\_1.pdf](https://www.ebc.com.br/sites/_institucional/files/atoms/files/relatorio_da_ouvidoria_anual_2018_1.pdf)
- Sindicato dos Jornalistas Distrito Federal. (2022, 24 de novembro). *Frente em Defesa da EBC participa de reunião com GT de transição do novo governo*. SJPDF. Recuperado de <https://www.sjpdf.org.br/noticias-teste/4541-frente-em-defesa-da-ebc-participa-de-reuniao-com-gt-de-transicao-do-novo-governo>
- Sindicato dos Jornalistas Distrito Federal. (2020, 16 de dezembro). *Lançamento da Ouvidoria Cidadã da EBC*. [Vídeo]. Streaming Service YouTube. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=qd7vXCvhlj4>
- Schwarzc, L. M., & Starling, H. M. (2015). *Brasil: Uma Biografia* (2ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras. E-book Kindle.
- SOCICOM. (2021, 25 de março). *Carta em defesa da comunicação pública e pela retirada da EBC do Programa Nacional de Desestatização*. SOCICOM. Recuperado de <https://socicom.org.br/carta-em-defesa-da-comunicacao-publica-e-pela-retirada-da-ebc-do-programa-nacional-de-desestatizacao>
- Thuswohl, M. (2022, 06 de abril). *Lei que torna a Rádio MEC patrimônio imaterial do Rio é aprovada na Alerj*. Carta Capital. Recuperado de <https://www.cartacapital.com.br/politica/lei-que-torna-a-radio-mec-patrimonio-imaterial-do-rio-e-aprovada-na-alerj/>
- Valente, J. (2009). *A TV Pública no Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório UnB.

Zanini. F. (2021, 07 de agosto). *Inquérito aberto pelo TSE para investigar Bolsonaro também mira uso da EBC para fins políticos*. Coluna Painei, Folha de S. Paulo. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painei/2021/08/inquerito-aberto-pelo-tse-para-investigar-bolsonaro-tambem-mira-uso-da-ebc-para-fins-politicos.shtml>



**Jornalistas e resistência na EBC: mecanismos contra o desmonte da comunicação pública sob os governos Temer e Bolsonaro**

**Periodistas y resistencia en la EBC: mecanismos contra el desmantelamiento de la comunicación pública bajo los gobiernos de Temer y Bolsonaro**

**Journalists and Resistance at EBC: Mechanisms to Prevent the Dismantling of Public Communication under the Temer and Bolsonaro Governments**

**Journalistes et résistance au sein de l'EBC : mécanismes contre le démantèlement de la communication publique sous les gouvernements Temer et Bolsonaro**

**Pt.** Criada em 2007 para gerir os veículos e agências de notícias do governo federal e implementar a comunicação pública brasileira, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) não teve tempo de se consolidar na sociedade. A partir do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, a empresa passou por desmonte normativo, editorial, físico e de pessoal, que fragilizaram o caráter público da EBC, em favor do viés governamental. Em abril de 2019, a situação se agravou, com a unificação da TV Brasil, emissora pública, com a TV NBR, criada para transmitir atos oficiais. Com os primeiros sinais de censura e perseguição sofridos pelos trabalhadores da EBC, eles se organizaram, junto com a sociedade civil, para resistir ao desmonte e denunciar a utilização dos veículos públicos para promoção pessoal do presidente da república e propaganda do governo. Traremos neste artigo o levantamento e análise documental de ações empreendidas pelos jornalistas e radialistas da EBC entre 2016 e 2022, como os dossiês de censura, a Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública, a Ouvidoria Cidadã da EBC e o Seminário Reconstrói EBC. Movimentos que contaram sempre com apoio da sociedade civil mobilizada em torno da comunicação pública e que levaram à homenagem na 44ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, um dos principais prêmios de jornalismo do Brasil. Tais ações de resistência se revelaram essenciais para manter em evidência a missão da comunicação pública e contribuíram para evitar o fechamento da empresa, bem como servir de observatório e repositório de conteúdos sobre o desmonte da EBC, contribuindo para a memória e registro acadêmico o período.

**Palavras chaves :** Empresa Brasil de Comunicação; comunicação pública; participação social; censura; Frente em Defesa da EBC.

**Es.** Creada en 2007 para gestionar los medios y agencias de noticias del gobierno federal e implementar la comunicación pública brasileña, la Empresa Brasil de Comunicación (EBC) no tuvo tiempo de consolidarse en la sociedad. Tras la destitución de la presidenta Dilma Rousseff en 2016, la empresa pasó por un desmantelamiento normativo, editorial, físico y de personal, que debilitó el carácter público de la EBC en detrimento del sesgo gubernamental. La situación se agravó en abril de 2019 con la unificación de TV Brasil, emisora pública, con TV NBR, creada para transmitir actos oficiales. Ante las primeras señales de censura y persecución a los trabajadores de la EBC, estos se organizaron, junto con la sociedad civil, para resistir al desmantelamiento y denunciar la utilización de los medios públicos para la promoción personal del presidente de la República y la propaganda gubernamental. En este artículo se hace un levantamiento y análisis documental de acciones emprendidas por los periodistas y locutores de la EBC entre 2016 y 2022, como los expedientes de censura, el Frente en Defensa de la EBC y de la Comunicación Pública, la Defensoría Ciudadana de la EBC y el Seminario Reconstruye EBC. Estos movimientos siempre contaron con el apoyo de la sociedad civil movilizada en torno a la comunicación pública y recibieron un homenaje especial en la 44ª edición del Premio Vladimir Herzog de Amnistía y Derechos Humanos, uno de los principales galardones de periodismo de Brasil. Tales acciones de resistencia resultaron fundamentales para mantener en evidencia la misión de la comunicación pública y contribuyeron a evitar el cierre de la empresa, además de servir como observatorio y repositorio de contenidos sobre el desmantelamiento de la EBC, contribuyendo a la memoria y el registro del período.



**Palabras clave:** Empresa Brasil de Comunicação; comunicação pública; participação social; censura; Frente em Defesa de la EBC.

**En.** Created in 2007 to manage the federal government's news outlets and agencies as well as implement Brazilian public communication, the Brazil Communication Company (EBC) did not have time to consolidate itself in society. Following the impeachment of former president Dilma Rousseff in 2016, the company was subjected to a regulatory, editorial, physical and personnel dismantling, which weakened the public character of the EBC to the detriment of its governmental predisposition. In April 2019, the situation got worse after the merging of public broadcaster TV Brasil with TV NBR, which was created to broadcast official government acts. At the first signs of censorship and persecution, EBC employees organized themselves with civil society to fight back against the dismantling and denounce the use of public media outlets for promoting the president's personal agenda and government propaganda. In this article, we will present a survey and documentary analysis of actions undertaken by EBC journalists and radio broadcasters between 2016 and 2022, such as the censorship dossiers, the Front in Defense of the EBC and Public Communication, the EBC Citizen Ombudsman, and the Rebuilding the EBC Seminar. These movements have always relied on the support of civil society mobilized around public communication, and were honored at the 44th edition of the Vladimir Herzog Award for Amnesty and Human Rights, one of the major journalism awards in Brazil. These resistance actions were key toward keeping public communication relevant and helping the company avoid being shutdown, as well as serving as an observatory and repository for content on the dismantling of the EBC, contributing to the memory and academic record of the period.

**Key Words:** Empresa Brasil de Comunicação; public communication; social participation; censorship; the Front in Defense of the EBC.

**Fr.** Créée en 2007 pour assurer la gestion des médias et des agences de presse du gouvernement fédéral et pour mettre en œuvre la communication publique brésilienne, l'Entreprise Brésil de Communication (EBC) n'a pas eu le temps de se consolider socialement. Après la destitution de la présidente Dilma Rousseff en 2016, l'EBC a fait l'objet d'un démantèlement réglementaire, éditorial, physique et en termes de personnel, qui a fragilisé son caractère public et favorisé sa partialité en faveur du gouvernement. En avril 2019, la situation s'est aggravée avec la fusion entre le réseau de télévision public TV Brasil et la chaîne TV NBR, créée pour retransmettre les actes officiels. Face aux premiers signes de censure et de persécution à l'encontre des travailleurs de l'EBC, ces derniers se sont organisés, avec la société civile, pour résister au démantèlement et dénoncer l'utilisation des médias publics pour la promotion personnelle du président de la République et la propagande gouvernementale. Cet article présente un inventaire et une analyse documentaire des actions entreprises par les journalistes, producteurs et présentateurs de l'EBC entre 2016 et 2022. Il se penche notamment sur les dossiers de censure, le Front de défense de l'EBC et de la communication publique, le projet Ombudsman citoyen de l'EBC et le séminaire Reconstruire l'EBC. Ces mouvements ont toujours bénéficié du soutien de la société civile mobilisée autour de la communication publique et il leur a été rendu hommage lors de la 44<sup>e</sup> édition du Prix Vladimir Herzog d'amnistie et de droits humains, l'un des principaux prix de journalisme au Brésil. Ces actions de résistance se sont avérées essentielles pour garder en vue la mission de la communication publique et ont aidé à éviter la disparition de l'EBC. Elles ont aussi joué un rôle d'observatoire et permis le recueil de contenus relatifs au démantèlement de l'EBC, contribuant ainsi à la mémoire et à l'étude académique de cette période.

**Mots-clés :** Empresa Brasil de Comunicação ; communication publique ; participation sociale ; censure ; Front de défense de l'EBC

# Papéis profissionais no jornalismo brasileiro durante a pandemia de Covid-19

## Uma análise do desempenho de seis modelos em 2020<sup>1</sup>

**NATÁLIA PARIS**

*Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor)*  
natiparisr@gmail.com

**JACQUES MICK**

*TransformaJor - Transformações Estruturais no Jornalismo*  
Universidade Federal de Santa Catarina  
jacques.mick@ufsc.br  
0000-0001-8456-9488

**LYNARA OJEDA**

*Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor)*  
Universidade Federal de Santa Catarina  
lynaraojeda@gmail.com  
0000-0003-3902-8804



estudo dos papéis profissionais tem motivado pesquisadores em muitos países nas últimas décadas porque contribui para entender a ação social de indivíduos ou grupos que partilham culturas profissionais. Médicos, advogados, engenheiros, operários ou outros coletivos aprendem a exercer determinados papéis em seu trabalho, o que consolida modos de fazer ou práticas, assim como consagra padrões na relação entre essas categorias e a sociedade - que também tem expectativas quanto ao ajuste entre as práticas e os papéis a serem desempenhados em cada profissão. O mapeamento dos papéis profissionais é um desafio complexo porque eles podem variar em função das culturas nacionais ou de diferentes processos de socialização profissional, por exemplo. Na interface entre a sociologia da ação e a sociologia das profissões, o estudo dos papéis profissionais de jornalistas recebe desde 2013 atenção de uma rede de pesquisadores que chegou a 37 países e a todos os continentes, no âmbito do projeto *Journalistic Role Performance* (JRP).

O JRP, que oferece a base teórico-metodológica para este artigo, adota seis modelos de papéis profissionais (Intervencionista/disseminador, Fiscalizador, Leal-Facilitador, Serviço, Infotainment e Cívico) com base em ampla revisão de estudos realizados em diferentes culturas jornalísticas desde a metade do século 20 (Mellado, 2015; Mellado, 2021, p. 22-45). Ao

### Pour citer cet article Référence électronique

Natália Paris, Jacques Mick, Lynara Ojeda, « Papéis profissionais no jornalismo brasileiro durante a pandemia de Covid-19: uma análise do desempenho de seis modelos em 2020 », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.625>



observar a prática profissional como objeto de estudo, o JRP tem o objetivo geral de explicar como esses papéis se materializam nas notícias em diferentes organizações e culturas (Mellado, 2015; Mellado; Van Dalen, 2014), complementando outros tipos de investigação que priorizam o modo como os papéis operam como orientadores para a ação profissional. “Essa abordagem é uma tentativa de tornar os estudos sobre cultura jornalística menos abstratos, partindo de dados empíricos que não abrangem somente aquilo que o jornalista idealiza e diz que faz, mas também a sua prática efetiva” (Paris, 2023, p. 29).

O papel Intervencionista/disseminador diz respeito à “voz” do jornalista nas notícias. É binário: quando não há posicionamento do profissional (intervencionista), o jornalista opera como um distribuidor de informação (disseminador). O Fiscalizador é o papel de vigiar as estruturas sociais, políticas e econômicas de poder e também os cidadãos. O Leal-Facilitador dá apoio aos poderes e poderosos e exalta a nação. O papel de Serviço presta assistência ao público, com informações sobre produtos e serviços, e aconselha sobre problemas cotidianos. O Infotainment está presente em notícias que tratam da vida privada, na espetacularização de fatos com apelo emocional. O Cívico defende as pautas dos cidadãos e os ensina sobre seus direitos e deveres sociais. As características de cada um desses papéis serão detalhadas mais à frente.

As investigações sobre papéis profissionais no Brasil são recentes: têm um pouco mais de duas décadas. A maioria delas é vinculada a projetos de pesquisa transnacionais, publicada em língua estrangeira e se concentra especificamente nas concepções e autopercepções dos profissionais, ou seja, nos papéis que os jornalistas idealizam, acreditam exercer ou na importância que atribuem a cada um deles na prática profissional. Esse é o caso da pesquisa de Herscovitz e Cardoso (1998), que realizaram enquetes com jornalistas brasileiros em 1994, com base no questionário de Weaver e Wilhoit (1996). Heloiza Herscovitz utilizou a mesma estrutura teórica em pesquisa com jornalistas de São Paulo, em 1998 (Herscovitz, 2004) e com profissionais brasileiros, em 2009 (Herscovitz, 2012). Os papéis considerados mais importantes foram “investigar denúncias do governo”, “fornecer análises de problemas complexos”, “fornecer informações ao público rapidamente” e “ser adversário do governo”, sendo que os dois últimos foram menos presentes em 2009 que nas pesquisas anteriores. As concepções dos jornalistas brasileiros sobre os papéis profissionais também foram exploradas por Sônia Virgínia Moreira em trabalhos comparativos transnacionais que envolveram culturas jornalísticas dos cinco continentes no domínio do projeto *Worlds of Journalism Study (WJS)* (Hanitzsch *et al.*, 2010; 2011; 2012). Três papéis foram considerados mais importantes pelos jornalistas bra-

sileiros: “fornecer informações para os cidadãos tomarem decisões políticas”, seguido por “atuar como vigilante do governo” e “ser observador imparcial”. Fora do contexto dos projetos transnacionais, Gisele Dotto Reginato mapeou 12 papéis profissionais<sup>2</sup> (que nomeou como finalidades do jornalismo) de acordo com a percepção de veículos, jornalistas e leitores, e que resultou em três principais papéis: “esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade”, “fiscalizar o poder e fortalecer a democracia” e “informar”.

O desempenho de papéis profissionais no Brasil foi analisado em diferentes perspectivas comparativas (por exemplo, Mellado *et al.*, 2016; 2017; 2020; 2023) e também sob a realidade nacional (Schmitz, 2018; Paris, 2023), durante as duas fases do projeto JRP - a primeira realizada entre 2013 e 2018 e a segunda, desde 2019. Os estudos comparativos transnacionais revelaram que não há convergência global nas concepções e desempenho de papéis jornalísticos, contradizendo a perspectiva de universalização nos ideais e nas práticas profissionais em um mundo globalizado. Jornalistas de países com sistemas de mídia, sistemas políticos e culturais semelhantes e com proximidade geográfica também não compartilham necessariamente os mesmos ideais (por exemplo, Hanitzsch *et al.*, 2011; Weaver, 1998), nem as mesmas práticas (por exemplo, Mellado *et al.* 2017), devido a distintos fatores políticos, econômicos, educacionais, tecnológicos e históricos (Hanusch & Hanitzsch, 2017). Esses achados reforçam a importância de observar a atuação dos papéis jornalísticos sob o ponto de vista das especificidades de cada cultura, especialmente em estudos que abordem a realidade nacional, como se propõe este trabalho. Sendo assim, é preciso levar em consideração as características do jornalismo no país, com as descritas a seguir.

A atividade jornalística no Brasil nasce ancorada na finalidade de informar (Reginato, 2019). A partir de tal noção, a autora identifica os demais elementos presentes no que foi construído como ideal de desempenho profissional no país, como: compromisso social, promoção do debate público, defesa dos interesses coletivos, fiscalização dos poderes, mobilização da participação cívica, promoção da cidadania e defesa da democracia. Tais características foram incorporadas ao longo do tempo no discurso de autolegitimação do campo profissional, que se ampara no que o público espera ao consumir conteúdos jornalísticos.

No aspecto normativo, a atividade se organiza tentando seguir preceitos estabelecidos no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), como o direito fundamental do cidadão à informação. Desse compromisso se desenvolvem outros critérios que norteiam a prática jornalística, como a necessidade de garantir o acesso pleno da população a informações relevantes, corretas e de interesse público, de modo independen-

te. A ordenação deontológica não garante que a prática obedeça a tais orientações plenamente. Segundo Nicoletti (2020) há um tensionamento entre as necessidades mercadológicas, que ganhou intensa importância nas definições do papel profissional a partir dos anos 1990, e o processo subjetivo presente nos sujeitos que integram a produção de informações jornalísticas. A autora destaca que as empresas midiáticas passaram a priorizar a lucratividade e os interesses econômicos, o que provoca uma alteração na natureza do jornalismo ao quebrar princípios deontológicos e éticos da profissão. Isso indica que elementos estimulados pelas empresas jornalísticas, como imediatismo, velocidade e produtividade resultam em deslizamentos e notícias superficiais, muitas vezes, a partir de fontes oficiais.

Se por um lado, os ideais jornalísticos têm se pautado por valores que pouco mudaram desde o início da profissionalização do jornalismo, com a introdução do modelo norte-americano<sup>3</sup>, a partir de 1930, e com o crescimento dos cursos de graduação, a partir de 1969 (Silva, 1991; Albuquerque; 2004), por outro, a prática profissional tende a oscilar com maior frequência. Isso porque o desempenho de papéis é uma atividade coletiva, resultado de influências, internas e externas na produção diária de notícias: da sobrecarga de trabalho à interferência de colegas, fontes, do departamento comercial, de valores culturais, sistemas políticos, econômicos, interesses da organização jornalística, etc. (Hanitzsch & Mellado, 2011).

A prática profissional também se molda de acordo com os contextos, tendo em vista que ela é dinâmica e situacional (Vos, 2017). O período de análise desta pesquisa (2020) coincidiu com o primeiro ano da pandemia da Covid-19. Crises de saúde podem fazer com que jornalistas sejam mais colaborativos com as autoridades para ajudar no enfrentamento da doença, com maior presença dos papéis Leal-Facilitador, Serviço e Cívico (Mellado *et al.*, 2020). Por outro lado, segundo Hubé *et al.* (2022), a pandemia é um evento altamente mediatizado que pode resultar em maior presença do papel Infotainment, com base na teoria de *hype/mediatization*, que enfatiza o caráter comercial da mídia.

A crise política, social e econômica gerada pela Covid-19 também pode fazer com que os jornalistas adotem uma postura mais de embate em relação às elites políticas, seja para responsabilizá-las ou para cobrar ações efetivas, resultando em maior presença do papel Fiscalizador. O jornalista também pode posicionar-se ativamente no conteúdo noticioso, com opiniões e interpretações, acionando o papel Intervencionista, que é transversal aos outros modelos.

O desempenho de papéis também pode ser diferente de acordo com o tipo de mídia. Cada plataforma

de comunicação tem características específicas, como infraestrutura, tempo de produção, espaço de exibição, público, etc. Essas peculiaridades podem influenciar na presença dos papéis nas notícias.

Com base nesses argumentos, elaboramos três questões de pesquisa: Q1) Como os jornalistas brasileiros desempenharam os seis modelos de papéis profissionais em veículos de mídia nacional em 2020? Q2) Qual a forma predominante (perfis) e quais os elementos (indicadores) mais utilizados no desempenho de cada um dos papéis profissionais? Q3) Há convergência ou divergência no desempenho dos papéis profissionais entre as plataformas de mídia? Essas questões serão problematizadas levando em consideração aspectos da cultura jornalística dominante no país e o contexto do período de análise.

---

#### MODELOS DE PAPÉIS PROFISSIONAIS NO *JOURNALISTIC ROLE PERFORMANCE (JRP)*

---

Com base em um corpo representativo de estudos, Mellado (2015) conceituou três domínios independentes para a análise do desempenho de papéis profissionais que são interrelacionados: “Voz Jornalística”, “Relação de Poder” e “Abordagem do Público”. A partir desses domínios, foram definidos seis papéis profissionais: Intervencionista/disseminador, Fiscalizador, Leal-Facilitador, Serviço, Infotainment e Cívico. Para medir a presença ou ausência dos papéis no noticiário, o estudo desenvolveu indicadores individuais para cada um deles (Quadro 1).

A “Voz Jornalística” lida com a forma com que o jornalista se posiciona nas reportagens (Mellado, 2005). Esse domínio tem apenas um papel profissional, o **Intervencionista**, que se divide em dois polos dicotômicos: disseminador-intervencionista. No disseminador, há distância entre o jornalista e os fatos. No polo intervencionista, o profissional se posiciona na notícia (Mellado, 2015). Quanto maior for a interferência individual do jornalista, maior é a presença do papel Intervencionista. Por outro lado, quando não há “voz” do profissional do conteúdo jornalístico, esse papel é ausente. Neste caso, podemos dizer que o jornalista se torna um disseminador da informação, sem expressar qualquer tipo de posicionamento evidente. O papel Intervencionista tem duas subdivisões: determinado pelo conteúdo, em que o jornalista opina, interpreta ou apresenta propostas para o assunto em debate, representado pelo indicador “chamada para ação”; ou determinado pelo estilo do texto, com uso de primeira pessoa e adjetivos qualificados, que qualificam os fatos como, por exemplo, ações e ou atitudes que o jornalista define como boas ou ruins.

**Quadro :** Domínios, papéis, subdivisões e indicadores para Análise de Conteúdo

Domínios	Papéis profissionais	Subdivisões	Indicadores Individuais
Voz Jornalística	Intervencionista/ disseminador	Conteúdo	Opinião do jornalista Interpretação do jornalista Chamada para ação
		Estilo	Adjetivos qualificados Primeira pessoa
Relações de Poder	Fiscalizador	Isento	Informações de processos Dúvidas de terceiros Crítica de terceiros Denúncia de terceiros Investigação externa
		Intervencionista	Dúvidas jornalista Críticas jornalista Denúncias de jornalista Reportagem investigativa
	Leal-Facilitador	Apoio à Elite	Apoiar atividades institucionais Apoiar políticas Promoção imagem elites
		Apoio à Nação	Comparação com outros países Progresso país Trunfos Nacionais Patriotismo Promoção imagem do país
Abordagem do Público	Serviço	Assistência Pessoal	Impacto na vida cotidiana. Dicas e Conselhos (Reclamações) Dicas e Conselhos (Riscos individuais)
		Promocional	Informações sobre o consumidor Conselhos ao consumidor
	Infotênimento	Conteúdo	Personalização Vida privada
		Pacote	Emoções Morbidez
	Cívico	Defensor	Reações dos cidadãos Demandas cidadãos Credibilidade cidadãos Perguntas aos cidadãos Apoiar movimentos civis
		Educador	Impacto local Impacto comunidade social Educação sobre direito e deveres.

Fonte: Mellado *et al.*, 2020

O domínio das “Relações de Poder” refere-se às relações dos jornalistas e organizações de mídia com os poderes (político, sociocultural ou econômico). Dois papéis profissionais são definidos a partir dessa perspectiva: o **Fiscalizador** e o **Leal-Facilitador**. O primeiro modelo abrange práticas investigativas que desafiam os diferentes campos do poder (Hanitzsch, 2007). Já o desempenho do papel de Leal-Facilitador

está relacionado à divulgação da agenda do governo ou notícias positivas de poderes econômicos ou socioculturais. Esse papel é representado também por notícias que enaltecem a pátria (Mellado, 2015). Cada modelo se subdivide em dois: Fiscalizador (isento/ intervencionista) e Leal-Facilitador (apoio à elite / apoio à nação). O Fiscalizador isento, o jornalista apenas cobre investigações externas, realizadas por diferentes



órgãos e instituições, ou apresenta críticas, denúncias e questionamentos de terceiros. O Fiscalizador intervencionista, o próprio jornalista critica, denuncia e questiona os poderosos, algumas vezes, a partir de reportagens investigativas (Márquez-Ramírez *et al.*, 2019). O Leal-Facilitador pode demonstrar apoio à elite, quando o jornalista elogia e defende atividades de poderosos, políticas públicas ou membros da elite, ou apoio à nação, que se manifesta em conteúdos que enaltecem a pátria, promovem o país e compara o Brasil com outras nações (Márquez-Ramírez *et al.*, 2020).

Por fim, o domínio “Abordagem do Público” diz respeito à forma como o jornalismo se relaciona e vê a audiência: clientes, espectadores ou cidadãos, representado por três papéis profissionais (Serviço, Infotainment e Cívico). O papel **Serviço** é expresso em conteúdo com ênfase na audiência como cliente. Esse modelo atua de duas formas: fornecendo assistência pessoal, com dicas e conselhos sobre problemas diários e riscos, ou com assistência promocional “*para ajudar a audiência enquanto consumidores*” (Humanes & Roses, 2020: 128, tradução nossa). O papel **Infotainment** diz respeito à visão jornalística do público como espectador e é uma mistura de jornalismo com entretenimento. Esse modelo é guiado por duas orientações: a que faz relação com o conteúdo, que adentra a vida privada das pessoas e destaca características pessoais e profissionais, e a orientação relacionada à forma de abordar os assuntos, com uso de elementos textuais e de estilo que remetem ao sensacionalismo, emoções ou morbidez (pacote). O papel **Cívico** é voltado para o cidadão e tem o objetivo de incentivar a audiência ao debate público e à participação na vida social, política e cultural. Ele se subdivide em defensor, que dá voz à audiência, promove atividades e demandas dos cidadãos, e em educador, que ensina os cidadãos sobre direitos e deveres e os nutre com informações para tomada de decisões.

---

## METODOLOGIA

---

Este artigo utiliza dados da segunda etapa do projeto *Journalistic Role Performance*, que consistem em Análise de Conteúdo de uma amostra total de 3.678<sup>4</sup> itens noticiosos válidos, produzidos por nove veículos brasileiros de diferentes tipos de mídias: jornais impressos, TV, rádio e portais on-line. A definição da amostra, codificação dos dados e a enquete com os jornalistas foram realizados pela equipe nacional, composta por seis codificadores<sup>5</sup>. Os critérios de seleção dos programas e veículos da amostra foram o tamanho da audiência (maior público), o alcance (de preferência nacional), orientação do público, propriedade, inclinação política e o nível de influência na definição da agenda. Desse modo, selecionamos três jornais impressos: *O Globo* (Grupo Globo), *Folha*

*de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*; dois programas jornalísticos de TV: *Jornal Nacional* (Grupo Globo) e *Jornal da Record* (Grupo Record); dois programas jornalísticos de rádio: *Jornal da CBN Segunda Edição* (Grupo Globo) e *Jornal Band News* (Grupo Bandeirantes); e dois portais on-line: *G1* (Grupo Globo) e *R7* (Grupo Record). Para controlar a potencial super-representação e/ou sub-representação de tipos específicos de mídia na amostra, resultante de algumas mídias incluindo mais histórias na amostra do que outras, os dados por mídia foram ponderados. Isso garantiu que cada tipo de mídia tivesse um peso equivalente nos resultados.

A seleção das datas de análise tem como base o método de semana construída. Uma amostra sistemática para cada veículo de comunicação foi selecionada entre 2 de janeiro e 31 de dezembro de 2020. O ano foi dividido em dois períodos de seis meses: janeiro-junho e julho-dezembro. Para cada semestre, uma semana foi construída por meio da seleção aleatória das datas de início em uma segunda-feira de janeiro e uma segunda-feira de julho. Com intervalos de três a quatro semanas, foram definidos os dias subsequentes: uma terça, uma quarta, uma quinta, uma sexta, um sábado e um domingo. Esse procedimento permitiu incluir sete dias em cada semestre para uma amostra total de 14 dias durante o ano. Desta forma, evitou-se a sobre-representação de qualquer período.

Para medir os papéis no conteúdo das notícias foi utilizada a instrumentação proposta por Mellado (2015) e validada em estudos da primeira fase do *JRP* (Mellado *et al.*, 2017; Mellado & Van Dalen, 2017; Mellado *et al.*, 2020). As codificações foram realizadas com base em um manual de códigos, que contém as orientações para codificar cada um dos seis papéis jornalísticos, que se dá por meio de indicadores individuais de cada um deles. Este *codebook* também incluiu outras medidas de análises, como o tipo de mídia (TV, rádio, online e jornal), os veículos de comunicação investigados, tipo, formato e características das notícias, bem como os tipos de fontes mobilizadas.

Os indicadores – originalmente desenvolvidos para análise da mídia impressa na primeira fase do projeto – foram adaptados para outras plataformas: rádio, televisão e on-line, incluindo os recursos audiovisuais, como manipulação de som, expressões não-verbais, movimento de vídeo, quadros de imagem e edição (Mellado & Vos, 2017; Hallin & Mellado, 2018). Cada indicador dos papéis profissionais foi medido com base na presença (1) ou ausência (0). No caso de presença, alguns indicadores também foram codificados para o ator para o qual o comentário ou ação do jornalista ou da fonte foi direcionado. Transformamos esses indicadores em variáveis dicotômicas

para calcular os papéis principais e colocar todas as nossas medidas na mesma escala.

A unidade de análise é o item noticioso, definido como um conjunto de elementos textuais, de áudio e ou audiovisuais. Foram analisados todos os itens noticiosos sobre política, economia e negócios, polícia e crime, tribunais, defesa, saúde, educação, obras públicas, habitação, transporte, energia, meio ambiente, acidentes e desastres, religião e crenças, direitos humanos, marchas e protestos, ciência e tecnologia, esportes, cultura e entretenimento. As codificações foram realizadas diretamente em uma interface online projetada para esse fim.

Antes de iniciar o período de interpretação dos dados, foram realizadas análises fatoriais confirmatórias (CFA)<sup>6</sup> para testar se as notícias refletiam um papel latente manifestado por meio de indicadores concretos simultâneos. Dentro dessa estrutura, foram testados modelos de medição concorrentes. O CFA foi realizado usando Mplus 8.0. Os resultados mostraram um ajuste satisfatório com os dados<sup>7</sup>. Para todas as funções, identificamos cada solução como fornecendo uma melhor conta dos dados do que as soluções concorrentes. As cargas fatoriais padronizadas para os três CFAs realizados foram altas, enquanto as confiabilidades dos indicadores (correlações múltiplas ao quadrado) foram satisfatórias para os fatores individuais.

Com base nos resultados do CFA, os indicadores individuais foram combinados para gerar uma pontuação final do papel. Para fins descritivos, calculamos as pontuações brutas (total de pontos dividido pelo total de itens para cada papel). Os indicadores individuais que compõem cada papel foram, assim, combinados em uma escala de 0 a 1. Uma pontuação mais alta expressou uma maior presença de cada papel profissional nas notícias e vice-versa.

Para comparar as médias dos papéis profissionais entre jornais, programas de televisão, programas de rádio e portais online, recorreu-se à Análise de Variância de um fator (ANOVA-One Way) para cada um dos papéis profissionais. Esta pesquisa não mede o tamanho da diferença, apenas compara as médias entre os tipos de mídia.

---

## DESCOBERTAS

---

### Desempenho dos papéis profissionais em veículos de mídia nacional

Para responder nossa primeira questão de pesquisa (Q1), extraímos as médias de cada um dos papéis profissionais (Tabela 1). O modelo mais desempenhado

por jornalistas brasileiros foi o Intervencionista (M = .164, DP = .214), com uma distância significativa em relação aos outros papéis. O segundo foi o Infoteniemento (M = .094, DP = .185), seguido por Cívico (M = .075, DP = .137), Fiscalizador (M = .057, DP = .118), Serviço (M = .049, DP = .127) e Leal-Facilitador (M = .017, DP = .049).

**Tabela 1:** Desempenho dos papéis profissionais

Papéis profissionais	Média (M)	Desvio padrão (DP)
Intervencionista	.164	.214
Infoteniemento	.094	.185
Cívico	.075	.137
Fiscalizador	.057	.118
Serviço	.049	.127
Leal-Facilitador	.017	.049

Fonte: Autores, 2023

Apesar do Intervencionista também ter sido o mais praticado na pesquisa anterior do *JRP*, a forte presença da voz jornalística no conteúdo noticioso não condiz com o ideal normativo da cultura jornalística predominante no Brasil, baseado em preceitos como distanciamento e neutralidade profissional<sup>8</sup>. Em contrapartida, o papel Leal-Facilitador está de acordo com o esperado, já que o apoio aos poderes não é comum em culturas de países da América-Latina e é menos valorizado pelos jornalistas por ir contra pressupostos de liberdade e independência ao atuar como uma espécie de “porta-voz” de poderosos (Márquez-Ramírez *et al.*, 2020). Embora o papel Fiscalizador seja concebido pelos profissionais brasileiros como importante<sup>9</sup>, ele não foi tão presente na prática profissional quanto o Infoteniemento, que é considerado menos importante para os jornalistas. Esse resultado vai ao encontro de uma estratégia do mercado midiático, que cada vez mais prioriza assuntos no domínio da vida cotidiana, com foco na audiência como espectadores e clientes, em detrimento de assuntos de interesse público (Hanitzsch & Vos, 2016). Essa mesma lógica pode explicar o fato de o papel Cívico também ter sido menos representativo que o Infoteniemento, mas diverge em relação ao papel Serviço, que pela perspectiva mercadológica deveria ter sido mais significativo. Mas como o desempenho de papéis profissionais é dinâmico e situacional, a mesma tendência nem sempre se impõe a todos os modelos da mesma forma. A análise dos indicadores de cada papel (a seguir) traz um panorama mais detalhado e ajuda a explicar melhor a performance desses modelos no noticiário em 2020.

### Perfis de desempenho de papéis

**Tabela 2:** Perfil de desempenho do papel Intervencionista

Subdivisões	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Intervencionista Conteúdo	.168 (.236)	Interpretação	32,2%
		Opinião do jornalista	14,4%
		Chamada para ação	3,9%
Intervencionista Estilo	.151 (.269)	Adjetivos qualificados	25,6%
		Primeira pessoa	4,7%

Fonte: Autores, 2023

Nossa segunda questão de pesquisa (Q2) é sobre qual foi a maneira (perfis) predominante com que os jornalistas brasileiros desempenharam cada papel profissional, identificados pelas subdivisões e indicadores individuais dos modelos. No papel Intervencionista, a subdivisão orientada pelo conteúdo (M conteúdo = .168, DP = .236) teve média ligeiramente maior que a dimensão orientada pelo estilo (M estilo = .151, DP = .269), conforme tabela 2. Significa que os profissionais utilizaram mais elementos que interferem no conteúdo noticioso, com opiniões, interpretações e propostas, do que elementos de estilo do texto: primeira pessoa e adjetivos.

Ao observar especificamente os indicadores do Intervencionista, percebemos que “interpretação” (32,2%) foi o mais utilizado no desempenho deste papel, seguido por “adjetivos qualificados” (25,6%), “opinião do jornalista” (14,4%), “primeira pessoa” (4,7%) e “chamada para ação” (3,9%). A interpretação é entendida como a explicação de um evento, que é oposto à descrição de fatos, mas não remete à opinião do jornalista.

O uso desse indicador parece ter relação com o período de análise, marcado pela pandemia da Covid-19, uma doença até então desconhecida, momento em que verificamos um movimento grande de pesquisadores e profissionais da saúde mobilizados como fontes para auxiliar na compreensão do que acontecia no mundo. Já os jornalistas podem ter recorrido a esse elemento para explicar tais descobertas científicas em torno da doença, assim como o funcionamento de novas medidas sanitárias, como uso de máscara, distanciamento social e vacinação, e de medidas econômicas, por exemplo. Hallin *et al.* (2023), a partir do mapeamento que realizaram acerca do desempenho do papel jornalístico na cobertura da pandemia de COVID-19, identificaram essa tentativa de informar e mobilizar a população acerca da responsabilidade social no enfrentamento da doença. Eles afirmam que o jornalismo desempenhou “claramente um papel fundamental na moldagem da resposta das massas às recomendações de saúde pública, [...] e nos debates mais amplos sobre solidariedade social, liberdades civis, responsabilidade pessoal [...] desencadeados pela pandemia” (Hallin *et*

**Tabela 3:** Perfil desempenho papel Fiscalizador

Subdivisões	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Fiscalizador Isento	.085 (.184)	Crítica terceiros	13,8%
		Informações processos judiciais	10,4%
		Investigação externa	6,6%
		Denúncia terceiros	6,1%
		Questionamento terceiros	5,3%
Fiscalizador Intervencionista	.023 (.093)	Crítica Jornalista	4,1%
		Questionamento jornalista	2,7%
		Denúncia jornalista	2%
		Reportagem investigativa	0,5%

Fonte: Autores, 2023

**Tabela 4:** Perfil desempenho papel Leal-Facilitador

Subdivisão	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Leal-Facilitador Apoio à Elite	.033 (.141)	Defesa e apoio de atividades	4%
		Promoção da imagem da elite	3,5%
		Defesa e apoio de políticas	2,7%
Leal-Facilitador Apoio à Nação	.007 (.041)	Comparação com outros países	1,3%
		Progresso e sucesso	0,8%
		Triunfos nacionais	0,8%
		Promoção da imagem do país	0,3%
		Patriotismo	0,2%

Fonte: Autores, 2023

al., 2022, p. 2, tradução nossa). Essa atuação jornalística pode ser justificada pela expectativa de que profissionais trabalhem com o intuito ético de garantir o acesso pleno da população a informações relevantes e de interesse público.

Em relação ao papel Fiscalizador, a subdivisão “isento” (M isento = .085, DP = .184) foi mais presente que a “intervencionista” (M intervencionista = .023, DP = .093), conforme tabela 3. Esses dados estão de acordo com as características da cultura jornalística predominante no Brasil, pautada por objetividade e neutralidade. O distanciamento na fiscalização se sobrepôs à intervenção, com jornalistas cobrindo investigações externas e processos judiciais, e dando mais espaço a críticas, questionamentos e denúncias de terceiros.

O exame dos indicadores reafirma esse diagnóstico: todos da orientação isenta têm percentuais maiores que os da intervencionista. “Críticas de terceiro” (13,8%) foi o mais presente, seguido por “informações sobre processos judiciais” (10,4%) e “investigação externa” (6,6%). Na análise da subdivisão intervencionista, o menor índice foi de “reportagens investigativas” (0,5%). A baixa incidência de reportagens investigativas no Brasil está relacionada a diversos fatores

comuns nas democracias em transição, como falta de infraestrutura, tempo, condições financeiras dos veículos e autonomia profissional (Márquez-Ramírez *et al.*, 2019). O indicador mais utilizado pelos profissionais na versão intervencionista foi “crítica de jornalistas” (4,1%), que pode estar relacionado ao contexto da Covid-19 e do ambiente político polarizado. Os jornalistas e também os veículos de comunicação foram criticados pelo ex-presidente da república, Jair Bolsonaro, que constantemente atacou os profissionais no chamado “cercadinho”<sup>10</sup>. Esse clima de embate, assim como as medidas de combate à crise sanitária ou a falta delas, pode ter incitado maiores críticas diretas dos jornalistas, como documentado em comparativos internacionais (Hallin *et al.* 2023; Mellado *et al.*, 2021).

No desempenho do papel Leal-Facilitador, os jornalistas apoiaram mais à elite (M apoio elite = .033, DP = .141) do que à nação (M apoio nação = .007, DP = .041). Esse resultado também pode estar associado à pandemia, corroborando com a ideia de que os jornalistas são mais colaborativos com as autoridades em crises sanitárias para ajudar no combate à doença.

O indicador mais presente foi “defesa e apoio de atividades” (4%), bem próximo do “promoção da imagem da elite” (3,5%). Eles refletem também o apoio a eli-

**Tabela 5:** perfil desempenho papel Serviço

Subdivisão	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Serviço Assistência pessoal	.053 (.153)	Impacto na vida diária	9,1%
		Dicas e conselhos (riscos individuais)	5,6%
		Dicas e conselhos (reclamação)	1,2%
Serviço Promocional	.044 (.173)	Informações consumidor	6,4%
		Conselhos ao consumidor	2,4%

Fonte: Autores, 2023

tes econômicas, culturais, religiosas e sociedade civil organizada. Durante a pandemia, empresas, igrejas e associações realizaram ações sociais, o que pode ter contribuído para esse resultado.

No papel Serviço, a orientação que presta um serviço de assistência pessoal (M assistência pessoal = .053, DP = .153) se sobressaiu ao promocional (M promocional = .044, DP = .173), com uma diferença pequena entre as duas. Quando observamos os indicadores específicos vemos uma distribuição equilibrada (tabela 5).

“impacto na vida diária” (9,1%) – que remete às consequências que eventos e fatos têm na vida cotidiana das pessoas – foi o mais presente no noticiário, seguido por “informações ao consumidor” (6,4%), da subdivisão promocional. Esse indicador se manifesta em conteúdos sobre as últimas tendências em produtos e serviços. A atuação conjunta das duas orientações pode estar relacionada à Covid-19. Diversos eventos em torno da pandemia impactaram na vida

das pessoas, entre ele, isolamento social, fechamento do comércio e uso de máscaras. Jornalistas relataram os efeitos dessas medidas, como aumento de problemas psicológicos, perdas financeiras, entre outros. Ao mesmo tempo que novos produtos e serviços surgiram com a doença, como aplicativos, aumento da oferta de delivery, serviços de consultas médicas à distância, etc.

No Infotainment, a subdivisão conteúdo, presente em notícias que dão destaque à vida íntima e às características de personalidades (M conteúdo = .138, DP = .299) foi bem mais expressiva que a orientação pacote (M pacote = .066, DP = .163), que tem como característica uma narrativa que enfatiza a emoção, o espetacular e a morbidez (tabela 6).

O indicador “personalização” (17,7%) – com informações sobre características físicas, mentais, intelectuais ou sociais de pessoas – foi o de maior percentual, seguido por “emoções” (11,7%). No contexto da pandemia, a personalização pode ser reflexo de reportagens sobre vítimas da Covid, sobretudo personalidades

**Tabela 6. Perfil desempenho papel Infotainment**

Subdivisão	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Infotainment Conteúdo	.138 (.299)	Personalização	17,7%
		Vida privada	9,9%
Infotainment Pacote	.066 (.163)	Sensacionalismo	6,5%
		Emoções	11,7%
		Morbidez	1,5%

Fonte: Autores, 2023

**Tabela 7. Perfil desempenho papel Cívico**

Subdivisão	Média (desvio padrão)	Indicadores	Percentual
Cívico Educador	.142 (.253)	Impacto local	20,9%
		Impacto comunidade social	17,2%
		Educação deveres e direitos	4,7%
Cívico Defensor	.042 (.132)	Reações dos cidadãos	8,3%
		Info atividades cidadãos	5,2%
		Demandas dos cidadãos	4,8%
		Questões dos cidadãos	2,9%
		Credibilidade dos cidadãos	2,5%
		Suporte mov. Cidadãos	1,5%

Fonte: Autores, 2023



políticas e artísticas. O indicador de emoção também parece estar relacionado à pandemia. Foi comum no noticiário depoimentos de pessoas desesperadas por atendimento em hospitais e de demonstração de tristeza ao saber da morte de parentes e amigos.

Por fim, no modelo Cívico, a orientação “educador” (M educador = .142, DP= .253) foi bem superior a “defensor” (M defensor = .42, DP = 132), conforme tabela 7.

O indicador “impacto local” (20,9%) foi o mais comum no papel Cívico. Ele se refere aos impactos de decisões políticas em bairros, cidades e estados. O alto índice desse indicador pode ter relação com medidas sanitárias, econômicas e sociais tomadas por agentes públicos no combate à pandemia, que trazem resultados tanto positivos quanto negativos para esses locais. O segundo indicador mais presente deste modelo: “impacto comunidade social” (17, 2%), também parece estar associado à Covid-19. Ele se refere a consequências de decisões políticas em relação a determinados grupos com características sociais específicas, como profissões, raça, etnia, sexualidade, etc. Na subdivisão “defensor”, o indicador mais presente foi “reações dos cidadãos” (8,3%). Ele remete à percepção dos cidadãos em relação às decisões políticas, que afetam suas vidas. Esse dado corrobora com as observações acima de que medidas políticas em torno da pandemia são responsáveis pela maior incidência desses indicadores.

### Desempenho dos papéis profissionais por mídia

Para analisar se há convergência no desempenho de papéis profissionais entre os tipos de mídia – jornal, TV, rádio e online (Q3), extraímos a média dos seis modelos em cada mídia, conforme tabela 8. De forma geral, houve um equilíbrio no desempenho dos papéis profissionais entre os tipos de mídia, com exceção dos portais online, que distanciaram bastante das demais plataformas em quatro dos seis papéis profissionais. O papel Infotainment foi o que apresentou a maior

distância na média entre as mídias e o Cívico foi o que teve a menor.

Para todas as mídias, o papel Intervencionista foi mais alto que em relação aos outros papéis. A maior presença desse modelo no rádio (M = .185; DP = .272) pode ter relação com o formato mais “solto” dos programas radiofônicos, que permite maior autonomia e liberdade. Diferentemente da TV, que teve a menor média (M = .126; DP = .165), no rádio, é comum o apresentador ou repórter interpretar fatos, fazer comentários e até se colocar na notícia. Na televisão, o programa segue um roteiro estabelecido, as reportagens são gravadas e editadas e as entradas “ao vivo” têm conteúdo e tempo controlados, o que impede manifestações individuais dos profissionais. O jornal impresso (M = .164; DP = .211) e os portais online (M = .170; DP = .191) tiveram médias muito próximas. A presença desse papel nessas mídias pode estar relacionada a interpretações de fatos, que normalmente são acompanhados de infográficos e outras artes.

No papel Fiscalizador, mais uma vez o rádio (M = .78; DP = .119) se destacou. A maior presença do papel Fiscalizador nessa mídia corrobora com a análise anterior: o formato mais flexível dos programas radiofônicos permite maior liberdade jornalística. Esse fato pode ter contribuído para uma postura mais crítica em relação aos poderes e poderosos. Já a mídia online (M = .034; DP = .090) foi a que apresentou a menor presença deste papel. A atualização constante de informações nos portais interfere na construção de análises mais aprofundadas e críticas, o que impede o desempenho do Fiscalizador, sobretudo da orientação intervencionista. Tal característica, ilustra o que abordamos no início desse trabalho acerca das alterações que a atuação jornalística brasileira vem sofrendo em busca de atender as empresas midiáticas no que se refere a priorizar o imediatismo, velocidade e produtividade (Nicoletti, 2020). O jornal (M = .68; DP = .119) foi a segunda mídia com maior desempenho desse modelo. Os veículos impressos da nossa amostra têm uma

Tabela 8. Desempenho de papéis por tipo de mídia\*

Papéis/mídia	Jornal	Televisão	Rádio	Online
Intervencionista	.164 (.211)	.126 (.165)	.185 (.272)	.170 (.191)
Fiscalizador	.068 (.119)	.052 (.122)	.078 (.131)	.032 (.093)
Leal-Facilitador	.015 (.059)	.012 (.055)	.007 (.037)	.034 (.090)
Serviço	.048 (.118)	.044 (.130)	.032 (.090)	.074 (.157)
Infotainment	.054 (.130)	.117 (.213)	.083 (.172)	.125 (.205)
Cívico	.084 (.144)	.066 (.128)	.073 (.136)	.078 (.141)

\*média (desvio padrão)

Fonte: Autores, 2023

pauta política forte, o que contribuiu para maior fiscalização, já que os três poderes estão constantemente no foco de vigilância da mídia.

Os portais online ( $M = .34$ ;  $DP = .090$ ) apresentaram a maior média do Leal-Facilitador, com uma distância significativa entre as demais mídias. A necessidade de manter o dinamismo e a atualização constante de informações pode ter colaborado para uma postura de maior apoio às instituições públicas e outras instâncias de poder, sobretudo no contexto da pandemia. O jornal ( $M = .015$ ;  $DP = .059$ ) e a Televisão ( $M = .012$ ;  $DP = .055$ ) tiveram médias bem próximas. No geral, não é comum a presença desse papel no noticiário brasileiro, sobretudo em jornais e programas de TV, que têm um formato mais rígido, que não dá espaço para a manifestação dos profissionais, característica básica para o desempenho do Leal-Facilitador. No caso do rádio ( $M = .007$ ;  $DP = .037$ ), a baixíssima incidência desse modelo pode estar justamente relacionada ao formato flexível. Como a lealdade aos poderosos não é apoiada por jornalistas brasileiros, a maior liberdade, neste caso, impede a manifestação do Leal-Facilitador.

A mídia online ( $M = .074$ ;  $.157$ ) foi a que apresentou a maior presença do papel Serviço. A audiência costuma buscar informações sobre produtos, serviços e problemas cotidianos no meio virtual. Nesse sentido, é de se esperar que os portais online tragam mais conteúdos que supram essa demanda como estratégias dos veículos para atrair o público. O jornal ( $M = .48$ ;  $DP = .118$ ), televisão ( $M = .044$ ;  $.130$ ) e rádio ( $M = .32$ ;  $DP = .090$ ) tiveram médias próximas, sendo o rádio a mídia com a menor presença desse papel.

As mídias online ( $M = .125$ ;  $DP = .205$ ) e televisão ( $M = .117$ ;  $DP = .213$ ) se destacaram no desempenho do papel Infotainment. Os veículos dessas plataformas são voltados ao público popular, o que pode ter contribuído para esse resultado, já que o entretenimento informativo é uma realidade cada vez mais comum em mídias populares. Essa mesma lógica pode ser observada para o jornal ( $M = .054$ ;  $DP = .130$ ) que apresentou a menor média. Nossa amostra é composta por jornais de elite, que tendem a dar mais ênfase aos assuntos públicos do que a conteúdo da vida cotidiana e privada. O rádio ( $M = .083$ ;  $DP = .172$ ) apresentou média intermediária. Apesar de ser formado por programas populares, nele o desempenho desse papel foi menos presente e parece não ter relação com as características deste veículo.

O desempenho do papel Cívico foi mais equilibrado entre as mídias, com destaque para o jornal ( $M = .084$ ;  $DP = .144$ ) que apresentou a maior média, seguido pela online ( $M = .078$ ;  $DP = .141$ ), rádio ( $M = .073$ ;  $DP = .136$ ) e TV ( $M = .066$ ;  $DP = .128$ ). O jornalismo público, que é onde se manifesta o papel Cívico, tende

a ser mais proeminente nos veículos de elite, como os jornais da nossa amostra.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Este artigo analisou a presença de seis papéis profissionais desempenhados por jornalistas no noticiário brasileiro em nove veículos de diferentes tipos de mídia durante 2020. Os resultados foram interpretados sob a perspectiva dos efeitos da cultura jornalística predominante no Brasil, que articula o sistema midiático a questões normativas e éticas, e da pandemia da Covid-19 na cobertura jornalística. A pesquisa buscou suprir uma demanda por investigações sobre o impacto do exercício de papéis profissionais no noticiário brasileiro, levando em consideração distintas plataformas de mídia e as especificidades do jornalismo no país, no ambiente de emergência sanitária.

Os resultados sugerem que o desempenho dos papéis profissionais nas mídias dominantes do jornalismo brasileiro em 2020 foi moldado tanto pelos contextos relacionados ao período quanto por aspectos da cultura jornalística predominante no país, e as orientações culturais parecem se sobrepôr às contingências. Os jornalistas brasileiros mantêm um padrão na atuação de papéis profissionais, com a proeminência dos modelos Intervencionista, Infotainment e Cívico. Na primeira etapa do JRP (2013-2015), esses mesmos papéis tiveram destaque no país, com a diferença de que, naquele período, o Fiscalizador foi o segundo mais presente e o Infotainment e Cívico apresentaram a mesma performance. Essa diferença está relacionada às mudanças de contextos e, também, aos diferentes *corpus* das pesquisas (na primeira fase do projeto, composto apenas por jornais impressos). Mesmo as etapas não sendo equivalentes, o que impede uma comparação direta dos dados, ainda assim há uma similaridade na atuação dos papéis, o que reforça a tese de que os aspectos culturais são mais influentes, mesmo diante de contextos excepcionais como a pandemia.

Apesar do papel Intervencionista não condizer com os ideais de distanciamento e neutralidade do jornalismo brasileiro, seu protagonismo no noticiário do país está mais associado à interpretação de fatos do que à presença intensa da voz do jornalista, com opiniões e uso de primeira pessoa. O baixo posicionamento dos profissionais nas notícias pode ser constatado também no predomínio da orientação isenta do papel Fiscalizador, em que o jornalista dá voz a terceiros para os relatórios de vigilância e pouco questiona e denuncia poderes e poderosos, reforçando a premissa de distanciamento defendida na cultura nacional. No Leal-Facilitador, a mudança de postura, com maior apoio à elite do que à nação, parece estar relacionada ao contexto da Covid, embora a baixa incidência geral desse papel

seja coerente com as ambições de isenção do jornalismo brasileiro.

A maior presença do papel Infotimento está de acordo com aspectos mercadológicos da mídia no Brasil, marcada por empresas privadas de comunicação, que têm investido no entretenimento informativo. Ao mesmo tempo, a proeminência dos indicadores “personalização” e “vida privada” nesse papel parece estar relacionada à pandemia, com notícias sobre vítimas da doença, sobretudo de personalidades e suas trajetórias que foram destaque no noticiário. No papel Cívico, o jornalista brasileiro atuou mais para educar a audiência em relação aos seus direitos e deveres, possivelmente frente às novas determinações políticas (como o Auxílio Emergencial, por exemplo) e também para mostrar o impacto local dessas decisões em cidades e comunidades. Já no papel Serviço, os jornalistas prestaram mais assistência pessoal do que promocional, por meio de notícias sobre os impactos da pandemia para a vida dos indivíduos e dicas e conselhos diversos em torno da doença, como por exemplo o uso adequado da máscara e os modelos mais confiáveis.

Na análise do desempenho de papéis por tipo de mídia, verificamos que os aspectos específicos de cada plataforma influenciam no desempenho dos papéis profissionais, embora, no geral, a atuação dos modelos tenha sido similar entre as mídias, com exceção da online. Em quatro modelos (Fiscalizador, Leal-Facilitador, Serviço e Infotimento), o desempenho de papéis nos portais se distanciou consistentemente das demais plataformas. Os dados demonstram que a atuação do Fiscalizador e Leal-Facilitador nas plataformas virtuais foi inversamente proporcional à de outras mídias: a online foi menos vigilante e mais leal aos poderes. Os papéis Intervencionista e Cívico foram os de maior convergência, embora a televisão tenha tido uma distância maior, com médias inferiores em ambos. Os modelos Infotimento e Leal-Facilitador foram os que apresentaram maior divergência entre as mídias, com distanciamento maior do jornal no Infotimento e do online no Leal-Facilitador.

---

*Data de submissão: 07/06/2023*

*Data de aceite: 08/05/2024*

## NOTES

<sup>1</sup> Pesquisa financiada com recursos do National Council for Scientific and Technological Development/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 316093/2021-1 422609/2021-8) e Santa Catarina State Research and Innovation Support Foundation/Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC, 2023TR000392).

<sup>2</sup> Elas são: a) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; b) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; c) informar; d) verificar a veracidade das informações; e) selecionar o que é relevante; f) investigar; g) registrar história e construir memória; h) interpretar e analisar a realidade; i) defender o cidadão; j) fazer a mediação entre os fatos e o leitor; k) integrar e mobilizar pessoas; e l) divertir.

<sup>3</sup> O termo é utilizado para definir o modelo proveniente dos Estados Unidos.

<sup>4</sup> Considerando a ponderação dos dados, que será descrita a seguir.

<sup>5</sup> Jacques Mick (coordenador); Lynara Ojeda de Souza; Olga Clarindo Lopez; Natália Paris Rodrigues; Raíssa Turci e Tatiane Karina Barbosa de Queiroz. A confiabilidade final entre os codificadores brasileiros medida pelo Alfa de Krippendorff foi de  $\alpha = 0.74$ .

<sup>6</sup> A Análise Fatorial Confirmatória (AFC, ou Confirmatory Factor

Analysis - CFA) calcula as relações entre um conjunto de indicadores ou variáveis observadas (neste caso, a presença ou ausência dos indicadores de cada modelo de desempenho) e uma ou mais variáveis latentes ou fatores (o respectivo domínio dos modelos de desempenho).

<sup>7</sup> Três indicadores não se encaixaram bem com os dados e foram excluídos dos modelos: conflito (para o Fiscalizador), assistência pessoal (para o Serviço) e informações contextuais (para o Cívico). Embora esses indicadores tenham sido significativos para cada dimensão, sua carga foi muito baixa.

<sup>8</sup> Ao falarmos em cultura profissional predominante, reconhecemos que, no Brasil, várias culturas profissionais rivalizam (como o jornalismo engajado de mídias alternativas ou independentes, ou o leal-facilitador daqueles que atuam em mídias públicas); a despeito disso, veículos de alcance nacional partilham valores canônicos associados à tradição anglo-americana, tais como pluralismo, isenção ou distanciamento e objetividade, em relação aos quais as demais culturas profissionais se posicionam e, ao fazê-lo, se constituem.

<sup>9</sup> Com base nos dados das enquetes do JRP e outras pesquisas de concepção de papéis.

<sup>10</sup> Espaço destinado à imprensa no Palácio do Planalto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- de Albuquerque, A. (2005). Another “Fourth Branch.” *Journalism*, 6(4), 486–504. <https://doi.org/10.1177/1464884905056817>
- FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. (2007). Código de ética dos jornalistas brasileiros. Recuperado em 29 de maio de 2023, de [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf).
- Hallin, D. et al. (2023). Journalistic Role Performance in Times of COVID. *Journalism Studies*, v. 24, p. 1977–1998, 2023. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2023.2274584>
- Hanitzsch, T. (2007). Deconstructing Journalism Culture: Toward a Universal Theory. *Communication Theory*, 17(4), 367–385. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2885.2007.00303.x>
- Hanitzsch, T. (2010). Modeling Perceived Influences on Journalism: Evidence from a Cross-National Survey of Journalists. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 87(1), 5–22. <https://doi.org/10.1177/107769901008700101>
- Hanitzsch, T. et al. (2011). Mapping Journalism Cultures Across Nations. *Journalism Studies*, 12(3), 273–293. <https://doi.org/10.1080/1461670x.2010.512502>
- Hanitzsch, T. et al. (2012). Worlds of journalism: journalistic cultures, professional autonomy, and perceived influences across 18 nations [Review of *Worlds of journalism: journalistic cultures, professional autonomy, and perceived influences across 18 nations*]. In D. H. WEAVER & L. WILLNAT (Eds.), *The global journalist in the 21st century* (pp. 473–494). Routledge.
- Hanitzsch, T., & Mellado, C. (2011). What Shapes the News around the World? How Journalists in Eighteen Countries Perceive Influences on Their Work. *The International Journal of Press/Politics*, 16(3), 404–426. <https://doi.org/10.1177/1940161211407334>
- Hanitzsch, T., & Vos, T. P. (2016). Journalism beyond democracy: A new look into journalistic roles in political and everyday life. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 19(2), 146–164. <https://doi.org/10.1177/1464884916673386>
- Herscovitz, H. G. (2004). Brazilian journalists’ perceptions of media roles, ethics and foreign influences on Brazilian journalism. *Journalism Studies*, 5(1), 71–86. <https://doi.org/10.1080/1461670032000174756>
- Herscovitz, H. G. (2012). The Brazilian journalist in the 21st Century. In D. H. WEAVER & L. WILLNAT (Eds.), *The global journalist in the 21st century* (pp. 473–494). Routledge.
- Herscovitz, H. G. & Cardoso, A. (1998). *The Brazilian journalist*. In: D. H. WEAVER (Ed.), *The global journalist* (pp. 417–432). Hampton Press.
- Hubé, N., Hallin, D., Nolan, D., Chen, Y.-N., & Szabo, K. (2022). Journalistic Role Performance in Times of Covid. In Annual ICA Conference (72nd: 2022: Paris) (Conference). International Communication Association. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-89142-11>
- Humanes, M & Roses, S. (2020). Audience approach: the performance of the civic, infotainment, and service roles. In: MELLADO, C. (ed.). *Beyond Journalistic Norms: Role Performance and News in Comparative Perspective* (pp.125-144). Routledge.
- Márquez-Ramírez, M., et al. (2019). Detached or Interventionist? Comparing the Performance of Watchdog Journalism in Transitional, Advanced and Non-democratic Countries. *The International Journal of Press/Politics*, 25(1), 53–75. <https://doi.org/10.1177/1940161219872155>
- Márquez-Ramírez, M., et al. (2020). Power Relations: The Performance of the Watchdog and Loyal-Facilitator Roles. In: MELLADO, C. (ed.). *Beyond Journalistic Norms: Role Performance and News in Comparative Perspective* (pp.103-124). Routledge.
- Mellado, C. (2015). Professional Roles in News Content. *Journalism Studies*, 16(4), 596–614. <https://doi.org/10.1080/1461670x.2014.922276>
- Mellado, C. (2021). *Beyond journalistic norms: role performance and news in comparative perspective*. Routledge.
- Mellado, C., et al. (2017). The Hybridization of Journalistic Cultures: A Comparative Study of Journalistic Role Performance. *Journal of Communication*, 67(6), 944–967. <https://doi.org/10.1111/jcom.12339>
- Mellado, C., et al. (2023). *Does News Platform Matter? Comparing Online Journalistic Role Performance to Newspaper, Radio, and Television*. 1–24. <https://doi.org/10.1080/21670811.2023.2191332>
- Mellado, C. et al. (2021). Sourcing Pandemic News: A Cross-National Computational Analysis of Mainstream Media Coverage of COVID-19 on Facebook, Twitter, and Instagram. *Digital Journalism*, v. 9, p. 1261-1285, 2021. <https://doi.org/10.1080/21670811.2021.1942114>
- Mellado, C.; Hellmueller, L. & Weaver, D. (2017). Revisiting Journalists’ Role Conceptions Research. In: MELLADO, C., HELLMUELLER, L., DONSBACH, W. (eds). *Journalistic Role Performance: Concepts, Contexts, and Methods* (pp. 38-56). Routledge.
- Mellado, C., & Van Dalen, A. (2017). Changing Times, Changing Journalism. *The International Journal of Press/Politics*, 22(2), 244–263. <https://doi.org/10.1177/1940161217693395>
- Mellado, C. & Vos, T. (2017) Conceptualizing Journalistic Role Performance across Platforms. In: MELLADO, C., HELLMUELLER, L., DONSBACH, W. (eds). *Journalistic Role Performance: Concepts, Contexts, and Methods*. (pp. 106 – 26). Routledge.
- Mick, J. (2017). Trabalho jornalístico e mundialização. *Sur Le Journalisme, about Journalism, Sobre Jornalismo*, 6(2), 68–81. <https://doi.org/10.25200/slj.v6.n2.2017.318>
- Nicoletti, J. (2020). *Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia*. Florianópolis, SC: Editora Insular.
- Paris, N. (2023). *Fiscalizador e Leal-Facilitador: os graus de vigilância e de lealdade do jornalismo sobre o poder político em 2020*. 2023. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Reginato, G. (2019). *As finalidades do jornalismo*. Florianópolis, SC: Insular.
- Schmitz, A. (2018). *Os Graus de Autonomia do Jornalista Brasileiro: Lacunas entre ideais, percepções e práticas profissionais efetivas nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S.*

Paulo, O Globo e Zero Hora. 2018. 222. Tese de doutorado em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Silva, C. (1991). *O adiantamento da hora: a influência americana sobre o jornalismo americano*. São Paulo, SP: Summus.

Vos, T. (2017). Historical Perspectives on Journalistic Roles. In: MELLADO, C.; HELLMUELLER, L.; DONSBACH, W. (Eds). *Journalistic Role Performance: Concepts, Models and*

*Measures*. (pp.63-85). Routledge.

Weaver, D. (1998). *The global journalist: News people around the world*. Hampton Press (NJ).

Weaver, D. & Wilhoit, G. (1996). *The American journalist in the 1990s: U.S. news people at the end of an era*. L. Erlbaum.

Weaver, D. & Wilnatt, L. (2012). *The Global Journalist in the 21st Century*. Routledge Taylor & Francis Group.



**Papéis profissionais no jornalismo brasileiro durante a pandemia de Covid-19: uma análise do desempenho de seis modelos em 2020**

**Roles profesionales en el periodismo brasileño durante la pandemia de covid-19: un análisis del desempeño de seis modelos en 2020**

**Professional Roles in Brazilian Journalism during the Covid-19 Pandemic: a Performance Analysis of Six Models in 2020**

**Les rôles professionnels dans le journalisme brésilien durant la pandémie de Covid-19 : une analyse de six modèles adoptés en 2020**

**Pt.** Este artigo analisa como jornalistas brasileiros desempenharam seis papéis profissionais (Intervencionista/disseminador, Fiscalizador, Leal-Facilitador, Serviço, Infotainment e Cívico) em notícias divulgadas em nove mídias de alcance nacional do Brasil no primeiro ano da pandemia de Covid-19. Utiliza-se dados da segunda fase do projeto *Journalistic Role Performance (JRP)*, que consistem na análise de conteúdo de itens noticiosos, publicados ou transmitidos em 2020 por veículos de diferentes plataformas (TV, jornal, rádio e portais-online). O estudo examina o modo como os jornalistas desempenharam cada um dos papéis e se há convergência na articulação deles entre os tipos de mídia, o que permite verificar se o jornalismo praticado no país é homogêneo entre as plataformas de notícias ou se características específicas de cada mídia influenciam no desempenho dos papéis. Os dados são interpretados no contexto do período de análise, levando em conta também características da cultura jornalística predominante no Brasil, pautada por objetividade, neutralidade e distanciamento. Os resultados demonstram presença significativa dos papéis Intervencionista, Cívico e Infotainment no noticiário brasileiro em 2020. O estudo também evidencia que a atuação jornalística nas mídias online se distanciou das demais para a maioria dos papéis profissionais mapeados. O artigo sugere, em linha com investigações internacionais, que a pandemia levou os jornalistas a maior engajamento na narração dos temas e a maior atenção em educar e entreter os públicos, embora certas características da cultura profissional também tenham sido significativas para o desempenho desses papéis.

**Palavras chaves :** Papéis jornalísticos profissionais; Desempenho de papéis; Cultura jornalística; Jornalismo brasileiro; Covid-19.

**Es.** Este artículo analiza cómo los periodistas brasileños desempeñaron seis roles profesionales (intervencionista/difusor, supervisor, leal-facilitador, servicio, infotainment y cívico) en noticias publicadas en nueve medios de alcance nacional de Brasil durante el primer año de la pandemia de covid-19. Se utilizan datos de la segunda fase del proyecto *Journalistic Role Performance (JRP)*, que consisten en el análisis de contenido de noticias publicadas o transmitidas en 2020 por medios de diferentes plataformas (televisión, periódico, radio y portales en línea). El estudio examina cómo los periodistas desempeñaron cada uno de los roles y si hay convergencia en su articulación entre los tipos de medios, lo que permite verificar si el periodismo practicado en el país es homogéneo entre las plataformas de noticias o si las características específicas de cada medio influyen en el desempeño de los roles. Los datos se interpretan en el contexto del período de análisis, teniendo en cuenta también características de la cultura periodística predominante en Brasil, basada en la objetividad, la neutralidad y el distanciamiento. Los resultados demuestran una presencia significativa de los roles intervencionista, cívico e infotainment en las noticias brasileñas en 2020. El estudio también evidencia que la actuación periodística en los medios en línea se distanció de las demás en la mayoría de los roles profesionales identificados. En línea con investigaciones internacionales, el artículo sugiere que la pandemia llevó a los periodistas a una mayor implicación en la narración de los temas y una mayor

atención en educar y entretener a los públicos, aunque ciertas características de la cultura profesional también hayan sido significativas para el desempeño de estos roles.

**Palabras clave:** roles periodísticos profesionales, desempeño de roles, cultura periodística, periodismo brasileño, covid-19.

**En.** This article analyzes six professional roles that Brazilian journalists played (Interventionist/Disseminator, Watchdog, Fair-Facilitator, Service, Infotainment and Civic) in news published on nine national media outlets in Brazil during the first year of the Covid-19 pandemic. We used data from the second phase of the *Journalistic Role Performance* (JRP) project, which involves analyzing news content from different media outlets published or broadcast in 2020 (TV, newspaper, radio and online). This study examines the roles journalists performed and whether they converge with other types of media. This allows us to verify whether journalism in Brazil is homogeneous between news platforms or whether each media's specific characteristics influence how journalists perform their roles. The data is taken during the analysis period, and also takes into account characteristics of the predominant journalistic culture in Brazil, guided by objectivity, neutrality and detachment. Our results show a significant presence of the Interventionist, Civic and Infotainment roles in Brazilian news in 2020. We also found that online journalism has distanced itself from other forms of journalism, according to the professional roles mapped in this study. This article suggests (in accordance with international research) that the pandemic led journalists to become more engaged in narrating topics and more attentive to educating and entertaining audiences, although certain aspects of the professional culture were also a factor toward how these roles were performed.

**Key Words:** Professional journalist roles; Performing roles; Journalistic culture; Brazilian journalism; Covid-19.

**Fr.** Cet article analyse six modèles de rôles professionnels exercés par les journalistes brésiliens (Interventionniste/diffuseur, Contrôleur, Loyal-facilitateur, Service, Info-divertissement et Civique) dans le traitement de l'actualité par neuf médias nationaux au Brésil, au cours de la première année de la pandémie de Covid-19. Il utilise les données de la deuxième phase du projet *Journalistic Role Performance* (JRP), visant à analyser des contenus d'actualité publiés ou diffusés en 2020 par différentes plateformes médiatiques (télévision, journaux, radio et portails en ligne). Nous cherchons à savoir comment les journalistes ont assumé chacun de ces rôles et s'il existe une convergence en la matière entre les divers types de médias, afin de déterminer si le journalisme pratiqué dans ce pays est homogène d'une plateforme d'information à l'autre, ou si les spécificités de chaque média influencent l'exercice de ces rôles. Les données sont interprétées dans le contexte de la période analysée, tout en tenant compte des caractéristiques de la culture journalistique prédominante au Brésil, marquée par l'objectivité, la neutralité et la prise de distance. Nos résultats mettent en évidence la présence significative des rôles Interventionniste, Civique et Infodivertissement dans les actualités diffusées au Brésil en 2020. Cette étude montre aussi que l'activité journalistique sur les plateformes en ligne s'est démarquée de celle des autres médias pour la plupart des rôles professionnels répertoriés. En accord avec d'autres études internationales, cela suggère que la pandémie a incité les journalistes à s'engager davantage dans la narration des sujets et à accorder plus d'attention à l'éducation et au divertissement de leurs publics, bien que certaines caractéristiques de leur culture professionnelle aient également été importantes pour l'exercice de ces rôles.

**Mots-clés :** Rôles journalistiques professionnels ; Exercice de rôles ; Culture journalistique ; Journalisme brésilien ; Covid-19

# Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil

## Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo)

**LUCIANO VICTOR BARROS MALULY**

Universidade de São Paulo  
lumaluly@usp.br  
0000-0002-2630-8922

**DANIEL AZEVEDO MUÑOZ**

Universidad Autónoma de Madrid  
danielmunoz321@gmail.com  
0000-0003-1702-8061

**CARLA DE OLIVEIRA TÔZO**

Universidade de São Paulo  
carlatozo79@gmail.com  
0000-0003-0948-3224

**ANDREIA TERZARIOL COUTO**

Universidade Estadual de Campinas  
andreatcouth@gmail.com  
0000-0002-0814-4581



questão colocada neste artigo é a reflexão sobre o papel do jornalismo científico (Bueno, 2022), em especial o ligado ao meio ambiente, bem como a relevância do jornalista nesse contexto enquanto divulgador científico. Sendo assim, o objetivo deste profissional é o de levar ao público leigo não apenas informações seguras sobre ciência, como despertar seu interesse para assuntos comumente distantes de sua realidade, especialmente em um país como o Brasil, que carece de uma maior cultura científica (Vogt, 2018, p. 17)<sup>1</sup>. Apresentamos a atuação do *Jornal da USP*<sup>2</sup>, e quais ferramentas utiliza para atingir esse objetivo, e a de uma Organização Não Governamental (ONG), que também, através de alternativas, procura divulgar à população informações relacionadas à ciência e, especificamente, ao meio ambiente. O paralelo que se faz entre as duas atuações propicia uma reflexão sobre a mudança do espaço de divulgação na atualidade. Enquanto a imprensa tradicional e institucional continua tendo um importante papel na divulgação científica, de traduzir para o público leigo os assuntos de ciência e tecnologia, já não é o único veículo a fazer isso. Como afirma Escobar (2018), a mídia concede pouco espaço para essa editoria, bem como são poucos os jornalistas especializados na área. Dessa forma, não é mais possível que a comu-

Pour citer cet article

Référence électronique

Luciano Victor Barros Maluly, Daniel Azevedo Muñoz, Carla de Oliveira Tôzo, Andreia Terzariol Couto, « Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil: Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo) », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.516>



nidade científica entregue toda a responsabilidade de divulgação à imprensa. “A comunidade científica precisa [...] começar a dialogar direta e diariamente com a sociedade” (Escobar, 2018, p. 33).

Consideramos que o *Jornal da USP* cumpre essa função, alimentando o público sobre fatos de Ciência e Tecnologia (C&T) por meio de seu veículo e fontes, que são os próprios pesquisadores/cientistas, tratando especialmente de pesquisas realizadas no âmbito da Universidade de São Paulo (USP). Mas, ainda de acordo com Escobar (2018), atualmente o cientista está menos dependente da intermediação do jornalista para fazer com a informação que deseja comunicar chegue à população. Afinal, ele pode se comunicar diretamente com o público pelos sites, blogs, vídeos, podcasts e suas próprias redes sociais. É nesse momento que consideramos o segundo modelo analisado, a ONG Teyque’-Pe’, e sua atuação direta com a população como um lugar de reflexão sobre seu papel de divulgador científico, que extrapola os canais tradicionalmente aplicados para esse fim. Assim, para discutir como o jornalismo científico e os jornalistas especializados nessa área atuam como divulgadores, são apresentadas, então, duas situações diferenciadas: o *Jornal da USP* e a ONG Teyque’-Pe’.

Considera-se também que o próprio conceito de divulgação científica tem sido abordado sob diferentes pontos de vista, entre variados profissionais e dentro de uma diversidade de perspectivas teóricas e filosóficas. Além disso, os últimos acontecimentos históricos, como o agravamento da crise climática, a expansão da ideologia antivacina e a pandemia de Covid-19, retomaram ainda mais as discussões sobre sua importância.

Manuel Calvo Hernando, no texto *La difusión del conocimiento al público: cuestiones y perspectivas*, publicado na *Revista Comunicação & Sociedade*, em 1998, defende que o grande objetivo da divulgação científica está vinculado ao conhecimento.

[...] Em outras palavras, ajudar as pessoas a compreenderem a si mesmas e a compreender seu entorno, tanto o visível como o invisível. Esta ação exigirá um plano conjunto de centros de investigação [pesquisa], universidades e instituições educativas em geral, museus de ciência e, claro, de jornalistas, escritores, pesquisadores e professores. (Calvo Hernando, 1998, p. 44, grifo e tradução dos autores)

A divulgação científica é definida como o ato de divulgar, difundir, promover, publicar, colocar a ciência ao alcance do cidadão comum (público leigo, não especializado) ou mesmo do público acadêmico. Por público leigo, Bueno (2014, p. 6) entende a “pessoa

não especializada, o cidadão comum”. Bueno (2009, 2010) também afirma que a divulgação científica cumpre uma função primordial na sociedade: a de auxiliar na democratização, ou melhor, na ampliação do acesso ao conhecimento científico. Assim:

Em virtude do perfil do público a que a divulgação científica se destina, o seu discurso ou linguagem tem que ser, obrigatoriamente, submetido a um processo de recodificação, ou seja, pressupõe a transposição de uma linguagem especializada para outra não especializada, de modo a tornar as informações acessíveis a uma ampla audiência. (Bueno, 2014, p. 6)

Para que isso ocorra é possível fazer uso de diversas ferramentas e formatos, como as histórias em quadrinhos, palestras, feiras, exposições, museus, centros de ciência, ONGs, redes sociais e conteúdo jornalístico produzido pela grande mídia e/ou pelas universidades; ou até mesmo por meio da comunicação interpessoal, com uma boa troca de ideias.

Caberia ao divulgador, seja ele um jornalista ou não, propagar esse conhecimento, e portanto, a divulgação científica acaba servindo de elo entre os emissores (cientistas ou instituições de pesquisa) e os receptores não especializados.

Na prática, a linguagem e a forma como a divulgação científica se apresentam para a sociedade têm características particulares, principalmente quando essa divulgação é feita pela imprensa (jornalismo científico). Nesse caso, “o jornalismo incorpora novos elementos ao processo de circulação de informações científicas e tecnológicas porque estabelece instâncias adicionais de mediação.” (Bueno, 2010, p. 4).

Muitos jornalistas e pesquisadores da área defendem que a maneira mais efetiva de divulgação do conhecimento científico para a população em geral é feita pelo jornalismo (Burkett, 1990; Kovach e Rosenstiel, 2004). Sendo assim, este artigo apresenta dois caminhos alternativos para a divulgação científica no Brasil, sendo o primeiro ligado à atuação da principal universidade do país, a USP, através da prática do jornalismo científico do *Jornal da USP*; e o segundo relacionado à luta ambiental da ONG Teyque’-Pe’, com ações mais gerais e sediada na Estância Turística de Piraju, no interior paulista. São propostas distintas, mas com uma pauta em comum: a luta ambiental.

---

## PERCURSO METODOLÓGICO

---

Este artigo tem uma abordagem qualitativa e parte do objetivo de observar como a divulgação científica contribui para a questão ambiental, seja por meio do

jornalismo científico ou do chamado ativismo. Para isso, selecionamos o *Jornal da USP* no sentido de compreender como é feita a cobertura ambiental no veículo e a ONG Teyque'-Pe' para identificar quais ações têm sido colocadas em prática pela organização. A escolha desses dois objetos não foi por acaso, já que a cidade de Piraju é sede do Museu de Arqueologia Ambiental Mario Neme, que integra o Museu de Antropologia e Etnologia (MAE) da USP, e, por isso, também recebe a cobertura do *Jornal da USP*.

A principal ferramenta metodológica, para ambos os casos estudados, parte da utilização da técnica de entrevista semiestruturada (Bernal, 2010, p. 257), que auxilia na discussão sobre as ações de cada um dos agentes observados. No *Jornal da USP*, consultamos Marcia Aparecida Silva Blasques (diretora de redação do jornal e coordenadora da *Rádio USP*), Luiz Roberto Serrano (ex-Superintendente de Comunicação da USP e atual coordenador editorial do setor) e Luiza Helena Gonçalves Caires (editora de Ciências do jornal)<sup>3</sup>. Durante as conversas, questionamos: “Qual a importância de a universidade produzir seu próprio jornalismo científico?” e “Quais são as pautas que tem mais destaque?”. Antes disso, houve uma busca sistematizada pela pauta ambiental na home do veículo<sup>4</sup>.

Na ONG Teyque'-Pe' foram ouvidos o sociólogo, pesquisador e professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Prof. Dr. José Luiz Fernandes Cerveira Filho, que respondeu à pergunta: “Quais as diferenças entre os *verdes* (como assim denominou os ativistas ambientais) da época em que estudou e os de agora (que estão ligados à ONG Teyque'-Pe') na luta ambiental e cultural em Piraju?”; a jornalista e então presidenta da ONG Teyque'-Pe', Naomi Corcovia; o professor, músico e poeta Paulo Henrique Silva (Paulo Vigg); e o poeta e produtor musical Carlos Alberto Muzille; todos membros da ONG e que responderam à pergunta: “Como você descreve o seu papel como comunicador(a) e ativista ambiental e cultural ligado(a) à ONG Teyque'-Pe'?”

Por meio dessas entrevistas e do material disponibilizado, procuramos analisar a importância da divulgação científica e como ela atua em um universo distinto quando tem como base o jornalismo de luta. Para isso, utilizou-se como referencial teórico-metodológico a proposta de Dennis de Oliveira ao analisar as práticas jornalísticas em universos diferenciados. “Não se trata apenas de compartilhar experiências cotidianas, mas mediá-las pela interpretação crítica e mediadas pela perspectiva da emancipação” (Oliveira, 2017, p. 196). Nesse contexto, o nosso objetivo é o de demonstrar como a divulgação científica é também um meio comunicacional e jornalístico de conscientização e, seguindo os passos de Oliveira, revelar

exemplos que levem a uma prática emancipatória, como é o caso da pauta ambiental.

---

#### O PAPEL DO JORNALISMO CIENTÍFICO E DOS JORNALISTAS ESPECIALIZADOS NESTA EDITORIA

---

O jornalismo, de forma geral, caracteriza-se como um elemento fundamental para resguardar o ambiente democrático em uma sociedade, além de atuar como ponte entre os fatos e o público, traduzindo para este os assuntos das mais variadas pautas. Na atualidade, quando vivenciamos situações incomuns, como o aquecimento global e suas consequências, a recente pandemia (que, no caso do Brasil, teve o agravante de ter que lidar com um governo avesso às questões ambientais e à ciência), o papel do jornalismo e, principalmente, dos jornalistas, tem sido fundamental, não apenas para resguardar a verdade e levar à população os fatos, como para divulgar, das formas tradicionais e alternativas (*GI, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL*, 2020)<sup>5</sup>, o papel da ciência em meio aos acontecimentos atuais. Mais especificamente falando, a função dos jornalistas ambientais nessa situação torna-se ainda mais necessário, pois é através de seu trabalho especializado, da busca por fontes específicas e confiáveis, que se pode cobrir as pautas ambientais de maneira segura, utilizando as ferramentas que lhe são próprias, para poder “traduzir”, para o público leigo, os acontecimentos atuais sobre o meio ambiente.

Nesse sentido, a especialização jornalística ambiental é uma ferramenta necessária para que o jornalista possa, de forma segura, transportar para suas matérias o que as fontes estão lhes confiando, além de questionar e se contrapor, se necessário, ao que o outro especialista, o cientista/pesquisador, está informando ao profissional de imprensa (Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A., 2013 e 2015)<sup>6</sup>. É essa especialização que confere ao jornalista a postura crítica para abordar as matérias sobre o meio ambiente, confrontando o poder público quando há alguma catástrofe que poderia ser evitada caso houvesse políticas públicas efetivas para conter os danos, como nos casos de enchentes e desmoronamentos em áreas de risco que, muitas vezes, ocorrem por falta de políticas de urbanização adequadas.

Na grande imprensa, por razões mercadológicas, o jornalismo ambiental às vezes se apresenta de forma tímida, embora reconheçamos a crescente busca pela pauta ambiental. Na imprensa alternativa, vozes importantes têm se colocado para cobrir a pauta ambiental, de forma mais incisiva e crítica, como por exemplo, nos veículos: *O Eco, Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental, Ambiental Media, Mongabay,*



para ficar com alguns exemplos. Com o formato online, esses sites têm um alcance maior e a vantagem de não estarem atrelados à imprensa hegemônica e seus comprometimentos.

É também nesse sentido que a divulgação científica, nos seus mais diversos formatos, se torna uma importante parceira do jornalismo ambiental, auxiliando no espraiamento dos assuntos ligados ao meio ambiente, desde os mais corriqueiros e que integram diretamente o interesse da população, como a água ou a contaminação por agrotóxicos; até questões mais amplas e de uma menor assimilação do público leigo, porém com grande impacto em suas vidas, como as mudanças climáticas e seus desdobramentos.

No caso do *Jornal da USP*, o corpo de jornalistas que se volta para as pautas científicas está inserido dentro de uma instituição que preza não apenas a pauta, como pela especialização jornalística. Nesse sentido, o papel do jornalismo e dos jornalistas é fundamental para mostrar à sociedade, de forma transparente, o que ocorre dentro das paredes dos laboratórios, dos institutos de pesquisa, das pesquisas na área de humanas e como o que ali é produzido tem um retorno à sociedade. Além disso, por meio da visibilidade dessas pesquisas, o público pode entender melhor como elas podem reverter-se em benefícios à sociedade, bem como também compreender situações mais complexas que, traduzidas de forma específica na linguagem jornalística, impactam o mundo atual. Já a ONG em questão aqui apresentada, utiliza, como foi colocado no início do artigo, opções alternativas para fazer essa divulgação sobre aspectos do meio ambiente, levando assim ao engajamento maior da população, quando esta compreende seu importante papel nesse contexto, não apenas como expectadora, mas como protagonista e defensora de um bem comum.

### **A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO *JORNAL DA USP***

Durante o período da pandemia de Covid-19, mesmo que a questão já fosse alvo de atenção e preocupação por parte da comunidade científica, ocorreu a ampliação da propagação de desinformações científicas. Controvérsias ligadas à negação do aquecimento global e aos supostos malefícios das vacinas, junto à defesa de medicamentos ineficazes para o tratamento do coronavírus, o terraplanismo e outros movimentos negacionistas se mostraram nas narrativas, sobretudo nas mídias sociais.

Entre 2019-2022, esses temas ganharam ainda mais visibilidade e foram cercados de polêmicas. Na questão ambiental ocorreu um recorde de desmatamento e número de queimadas na Amazônia. De 2018 para 2019 houve um aumento de 34% (10.129 km<sup>2</sup>) de des-

matamento na Amazônia e de 2019 para 2020 foram desmatados 11.088 km<sup>2</sup>. No que se refere às queimadas, foram mais de 30 mil focos de incêndio na região só em agosto de 2019, e quase 26,5% do Pantanal foi queimado em outubro de 2020 (Pivetta, 2020).

Durante o período de emergência sanitária, houve uma revalorização importante do jornalismo, tanto daquele produzido pelos meios tradicionais quanto do realizado pelas universidades. No artigo *A Universidade Calada*, publicado no *Dossiê Divulgação Científica* da revista eletrônica *ComCiência*, em 2018, o jornalista Ricardo Whiteman Muniz defendeu que o jornalismo deveria ser “a comunicação por excelência de uma universidade”.

Inclusive, no livro *Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade*, publicado no início dos anos 1990, a professora e pesquisadora Margarida Maria Krohling Kunsch, já defendia que:

A universidade, como centro de produção sistematizada de conhecimentos, necessita canalizar suas potencialidades no sentido de prestação de serviços à comunidade. [...] daí a importância de um sistema planejado de comunicação para difundir de forma eficiente e eficaz a sua produção científica e, com isso, abrir as suas portas a todos os segmentos da sociedade civil. (Krohling Kunsch, 1992, pp. 9-10)

A divulgação da ciência via universidades contribui para a popularização da ciência, o combate à desinformação e a ampliação do conhecimento. Esse trabalho, basicamente, pode ocorrer por meio de projetos de educação científica, ações de divulgação científica (institucionais ou de pesquisadores), atuação da assessoria de imprensa no contato com a grande imprensa e a produção do seu próprio conteúdo jornalístico.

Um bom exemplo dessa divulgação científica via jornalismo científico se vê no *Jornal da USP*, que nasceu em 1985 e passou a ser somente online em 2016, estando subordinado à Superintendência de Comunicação Social (SCS) da USP.

A estrutura de comunicação da USP é bem grande e conta com uma assessoria geral de imprensa (ligada mais diretamente à reitoria), assessorias de comunicação das próprias unidades de ensino, laboratórios, grupos de pesquisa e finalmente a SCS, responsável pela comunicação mais ampla, voltada para o público interno (todas as unidades da USP, professores, alunos e funcionários de todos os campi, visando com isso a integração do conjunto da universidade) e externo (a mídia em geral, parceiros, instituições públicas, outras universidades e a sociedade como um todo), relatando o que acontece na universidade (em

educação, pesquisa e extensão) pelos canais/ferramentas de caráter jornalístico. É sob a alçada da SCS que está a *Rádio USP*, o *Canal USP* (no YouTube), a *Revista USP* e o *Jornal da USP*.

Ao longo da sua história, o *Jornal da USP* já foi visto como *porta-voz* da reitoria, difusor de ideias e saberes produzidos pela instituição para o público docente e, posteriormente, para os corpos técnico e discente, até finalmente se tornar um produto de caráter mais jornalístico, abordando diversos temas e áreas para um público geral. Hoje, é um grande divulgador científico que apresenta as pesquisas da universidade para a sociedade e discute sobre os temas nacionais e internacionais sob o olhar da instituição e seus pesquisadores.

O *Jornal da USP* tem a função de falar para a sociedade sobre o que a universidade faz e, ao mesmo tempo, refletir sobre o que está acontecendo no mundo. Em sua homepage, encontramos reportagens e notícias, artigos e colunistas, podcasts e vídeos nas editorias de Atualidades, Ciências, Cultura, Diversidade, Institucional e Universidade, além dos programas veiculados pela *Rádio USP*. Cada uma destas editorias tem sua própria homepage e, nela, as pautas são divididas por temas e/ou subeditorias, como no caso de Ciências: Ciências Agrárias, Ciências Ambientais, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra e Ciências Humanas.

Na *Rádio USP*, além das reportagens e/ou entrevistas, destacamos o conteúdo produzido pelos colunistas. Esse material é veiculado no *Jornal da USP* no Ar 1ª edição que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 9h30 nas frequências da rádio em São Paulo e em Ribeirão Preto, com apresentação da jornalista Roxane Ré.

A pauta ambiental (Bueno, 2004 e 2007; Balbi et al., 2020)<sup>7</sup> é distribuída em todo o veículo e por todos os formatos, mas a encontramos com maior facilidade nas editorias Universidade, Atualidades e Ciências. Ao fazer uma busca interna na home do jornal utilizando a palavra-chave *água*, por exemplo, há uma diversidade de pautas produzidas ao longo dos últimos anos que podem tratar a questão sob o olhar ambiental ou de saúde; estas aparecem como reportagens, nos textos/áudios dos colunistas, em vídeos e nos posts do @cienciausp no Instagram.

Recentemente podemos citar: (1) a reportagem *Mudanças Podem Aprimorar o Monitoramento da Qualidade da Água em Rios de SP*, que traz os resultados da pesquisa de doutorado do engenheiro Ricardo Gabriel Bandeira de Almeida, desenvolvida na Escola de Engenharia de São Carlos da USP. O autor propõe a implantação de outros pontos de monitoramento em

áreas de reduzido impacto humano, para assim, poder fazer um comparativo mais consistente com os pontos já existentes (concentrados nas áreas mais populosas do Estado) e que são, muitas vezes, redundantes; (2) o boletim *Desvendando o Oceano*, produzido em parceria com o Instituto Oceanográfico da USP e transmitido na *Rádio USP*, discutindo a degradação acelerada da saúde do oceano.

Além disso, em 2021, o programa *Diálogos na USP*, apresentado pelo jornalista, editor de Cultura do *Jornal da USP* e coordenador da programação musical e cultural da *Rádio USP*, Marcello Rollemberg, trouxe os convidados Ricardo Hirata, professor do Instituto de Geociências da USP, diretor do Centro de Pesquisas de Água Subterrânea (Cepas) da USP e vice-presidente da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas (Abas) e Wanderley da Silva Paganini, professor de saneamento básico na Faculdade de Saúde Pública da USP. O objetivo do programa era discutir a importância da conscientização sobre o uso da água. Por cerca de uma hora, os convidados debateram sobre os problemas e as soluções para a preservação desse bem natural.

Não se trata, no entanto, de uma cobertura sistematizada, no sentido de todo dia sair uma pauta sobre meio ambiente na publicação, pois a preocupação do *Jornal da USP* é cobrir o tema da ciência como um todo. O jornalista Luiz Roberto Serrano explica:

Existe esse desafio da USP de se mostrar para a sociedade, o quanto ela devolve em benefícios, seja em pesquisa, serviços, aulas, formação de cidadãos. [...] No *Jornal da USP* o carro chefe são as ciências exatas, biológicas e humanas. Temos uma amplitude que nos permite trabalhar quase todos os assuntos que interessam a sociedade, como economia, educação, psicologia, infraestrutura, Covid. Nós trazemos professores, alunos, pesquisadores e os puxamos para discutir os problemas do dia a dia. (Entrevista com L.R. Serrano, entrevistadora C. de Oliveira Tôzo, 2020)

Burkett (1990), no livro *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*, defende que a informação sobre ciência é abundante e, por isso, escolher o que merece ser publicado é tarefa difícil para o jornalista. “Julgar bem a importância das notícias faz parte do processo de tomada de decisões do jornalista bem-sucedido. Compreender alguns dos critérios que determinam o valor noticioso irá ajudar a desenvolver o julgamento das notícias” (Burkett, 1990, p. 49).

A partir da leitura do veículo e das conversas com os profissionais já mencionados, identificamos que dentro do universo Ciências, os temas de saúde e meio

ambiente são os que têm mais publicações. Na rádio e/ou no YouTube, encontramos o tema na forma de debates e entrevistas e, no jornal e nas redes sociais (perfil @cienciausp), há um caráter mais informativo nas reportagens.

---

### ANÁLISE DO JORNAL DA USP

---

Um dos diferenciais do *Jornal da USP* é a publicação diária de novos textos. Basicamente eles são apresentados na home da seguinte forma: cinco destaques principais acompanhados de uma palavra-chave que já resume o que é o texto, a imagem e o título; doze destaques divididos em três colunas com as mesmas características já mencionadas (palavra-chave, imagem e título); articulistas com a foto e nome do autor, além do título do texto (sempre são seis); artigos com imagem, título e nome dos autores; colunistas da rádio com o nome da coluna, imagem e nome do colunista, além do título e o início do texto que explica a temática em questão; chamadas para cursos, mídias sociais, podcasts e os indicadores das mais lidas (do dia, da semana e do mês).

Não caberia nesse artigo descrever toda a cobertura ambiental feita pelo *Jornal da USP*, até porque ela aparece espalhada pelo jornal, rádio, YouTube, redes sociais, nos gêneros informativos e opinativos e em diversos formatos, como já mencionado.

Além dos exemplos já citados no artigo, mencionamos também dois produtos veiculados na rádio. O primeiro, *Ambiente é o meio*, tem trinta minutos de duração e traz entrevistas com especialistas e pesquisadores da área que refletem sobre a conexão entre as questões ambientais e sociais. Ele vai ao ar toda quarta-feira, às 13h e tem reprise aos domingos, às 17h30. O segundo, é a coluna *Sustentáculos*, do professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP, José Eli da Veiga, veiculada quinzenalmente, às 8h das quintas-feiras no *Jornal da USP* no Ar 1ª edição.

No jornal são inúmeras as reportagens. Destacamos a reportagem na editoria de ciências do especial sobre os manguezais, *Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas* (Escobar, 2022), de autoria do repórter Hertón Escobar e que foi produzida com financiamento externo, pela primeira vez, por meio de uma participação no edital Conexão Oceano de Comunicação Ambiental, promovido pela Fundação Grupo Boticário em parceria com a Comissão Oceanográfica Intergovernamental da Unesco. É um texto mais denso (em tamanho e em informações) com fotos, infográficos, hiperlinks e ampla multiplicidade de fontes.

Observamos que a prática do jornalismo, com os cuidados que lhe são devido, se encontra plenamente vigente também numa publicação sob a égide de uma universidade pública. Seja na rádio ou no jornal, Marcia Blasques (2020) reitera que as pautas seguem os critérios tradicionais de jornalismo de atualidade, ineditismo, importância do tema, não variando muito quando comparado a uma mídia tradicional.

É claro que a gente divulga comunicado, mas esse não é o foco do nosso trabalho. Mesmo quando a gente faz divulgação de ciência, a gente faz divulgação para um público leigo e externo e aí todas as ações que a gente faz no sentido de tentar ampliar o nosso alcance é pensando nesse público externo. (Blasques, 2020)

Há um comprometimento por parte dos profissionais que compreendem a importância de produzir conteúdo jornalístico dentro de uma universidade pública. “Eu sempre tive uma ligação muito forte com ciências, não só as humanas, mas todas as ciências e com a divulgação científica. Até por isso que eu optei por trabalhar com a produção” (Caires, 2020).

É interessante perceber que o material produzido pelo jornal muitas vezes busca até um maior cuidado e profundidade que a mídia. É preciso reconhecer que quando o jornalista busca a contextualização do assunto, as razões e consequências, há uma transmissão mais esclarecedora do fato, o que só traz ganhos ao público. No entanto, essa calma identificada no jornalismo científico produzido nas universidades públicas, infelizmente, é impensável nos dias de hoje na grande imprensa, mesmo em veículos especializados.

---

### SOBRE A LUTA AMBIENTAL EM PIRAJU: ONG TEYQUE'-PE'

---

Com uma população de cerca de trinta mil habitantes, a Estância Turística de Piraju é banhada pelo Rio Paranapanema e possui potencial significativo de produção hidroelétrica. Essa questão permeia os interesses políticos e econômicos no discurso em prol do “progresso”. Em contrapartida, como um hábito da cultura local, a preservação é tomada como bandeira pelos pirajuenses, cujo rio mantém as tradições do povo e, por conseguinte, a natureza abundante da região. Sendo assim, a pauta ambiental no município contempla um conjunto de outros fatores, como a Ciência, a História, a Economia, a Comunicação, o Turismo, o Lazer etc. Nesse contexto, a antropologia merece destaque com o trabalho desenvolvido pelo MAE-USP, que mantém o Museu de Arqueologia Ambiental Mario Neme, na Casa da USP em Piraju.

A ONG Teyque'-Pe' atua desde 2001 na defesa do meio ambiente e do patrimônio histórico da região. Suas atividades são constantes, com destaque para as campanhas de conscientização e educação ambiental, resgate da memória local, divulgação científica e aporte para a transparência no processo de governança.

Seus agentes são, em sua maioria, ativistas ambientais e culturais que atuam, permanentemente, para evitar abusos do sistema público e privado, realizando ações conjuntas de educação ambiental e para a manutenção da memória local. Assim, são realizadas atividades em espaços públicos da cidade e em ambientes virtuais. Trabalhos recentes, como o projeto Pólen, tem como objetivo sensibilizar os moradores locais e os turistas sobre a pauta dos insetos polinizadores nativos. O site *Chega de Usina em Piraju*<sup>8</sup> divulga as principais informações sobre o trabalho da ONG, como a campanha Eu Sou do Rio de Piraju, em homenagem a 27 de agosto, Dia do Rio Paranapanema (Lei Estadual 10.488/99), e o documentário *20 Anos da Teyque'-Pe'*, com produção da própria ONG em 2022 (Teyque'-Pe', 2023), entre outros.

Um dos objetivos dessas ações é manter as pessoas (de dentro e de fora do município) em constante “estado de alerta” para com os acontecimentos locais. A conversa é quente, ou seja, fomentada por questões que envolvem o Rio Paranapanema e, por conseguinte, a usina hidroelétrica, a prefeitura local, o Ribeirão Boa Vista, entre diversos assuntos em torno do ecossistema local.

Diante dessa luta, observa-se a manutenção de alguns hábitos e costumes de quem vive em uma cidade pequena. Quando se está in loco, é notável o esforço de alguns ativistas ligados à ONG para colocar os pirajuenses, inclusive os que moram em outra cidade, a par da pauta ambiental local. É um estilo de comunicação cidadã voltado ao diálogo e à conscientização.

---

### ENGAJAMENTO, MEMÓRIA E CONSCIENTIZAÇÃO

---

A luta ambiental no município já não é de hoje, como analisado na tese *Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: Uma análise da construção social da subpolítica ambiental no município de Piraju (SP)*, defendida pelo professor Cerveira Filho, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, em 2007. Essa pesquisa aponta que a energia no Brasil vem praticamente toda da indústria hidrelétrica, responsável por danos ambientais. Atualmente, evidenciados os impactos gerados por esse modelo, a população passou a se posicionar de forma mais crítica

diante da construção das usinas hidrelétricas e, consequentemente, dos posteriores danos gerados por sua implantação, tanto ambientais quanto sociais no ambiente atingido pela influência da barragem. Assim, mecanismos foram acionados dentro da esfera social no sentido de barrar os estragos gerados pela indústria hidrelétrica, mecanismos estes que abrangem inclusive a esfera jurídica. Esta última, embora não garanta que as atividades que degradam o meio ambiente sejam totalmente barradas, criam a possibilidade “para o desenvolvimento e a legitimação de novos padrões morais de sociabilidade” (Cerveira Filho, 2007, p. 8). É nesse contexto de atuação local que se percebe as consequências que essa matriz energética pode gerar. O pesquisador buscou compreender, em seu estudo, quais foram as motivações encontradas pela população do município de Piraju (SP) para atuar na elaboração e na aprovação de medidas que restringissem as atividades hidrelétricas. Seu estudo partiu da tentativa de compreensão do processo de construção social desse marco reflexivo e como esse processo pode corroborar algumas teorias sociais contemporâneas (Cerveira Filho, 2007, p. 8).

Em sua tese, Cerveira Filho, hoje professor na UFPR, destaca a atuação dos ativistas ambientais, ou *verdes*, como denominou na época. Durante todo o processo de se contrapor à construção da usina, os *verdes* aprenderam a se posicionar diante da questão ambiental no âmbito das transformações institucionais a partir dos anos 1990, o que abrangeu, por exemplo, passeatas ecológicas às premissas socioambientais legais. Cerveira Filho analisa que o poder do setor hidrelétrico em Piraju perde força a partir de enfrentamento feito por esse grupo, especialmente através do que ele chama de questionamentos pós-modernos realizados pelos *verdes*, responsáveis, também, pela “‘desconstrução’ do desenvolvimento no campo da hidroeletricidade (hidrotécnico), acompanhado da construção social de uma hidro-política a partir da esfera local” (Cerveira Filho, 2007, p. 239).

A utilização do termo *verdes* é explicada pelo professor Cerveira Filho, que também observa algumas diferenças entre a atual geração de ativistas ambientais e o grupo da época de sua pesquisa. Embora assumissem a denominação *verdes*, isso em nada os ligava diretamente ao ativismo ambiental. O pesquisador aponta que a mudança entre os ativistas antigos e os novos foi mais no formato institucional, possibilitando a abertura de “espaços de diálogos via legislação”, assim podendo inferir que o ativismo da atualidade é tributário das lutas do passado, o que o transforma em “mais do escritório e do projeto, e a antiga é mais da rua e do enfrentamento” (Cerveira Filho, 2023).

Os comentários de Cerveira Filho traduzem as preocupações da jornalista Naomi Corcovia quanto



ao seu papel como comunicadora e ativista ambiental e cultural, assim como diante das ações permanentes e de formação dos futuros colaboradores da ONG. De acordo com ela, há uma sobrecarga de trabalho, apontando para a necessidade de novos colaboradores, especialmente comunicadores, que possibilitem que seu papel tenha uma forma mais assertiva. Há uma falta de uma equipe de comunicação que produza conteúdo de qualidade para as redes sociais e para atender a imprensa, considerando que Piraju é uma das únicas cidades da região com uma ONG que atua há praticamente há 22 anos. Por serem voluntários não remunerados, os que chegam à organização acabam não assumindo uma postura mais atuante dentro do quadro de colaboradores. Falta pessoal inclusive para dividir com ela atividades de palestrante em escolas e eventos, não se inteirando também dos assuntos específicos com os quais a ONG trabalha, como resíduos sólidos, preservação do rio, entre outros. A jornalista gostaria de ver mais comunicadores e ativistas nos quadros da Teyque'-Pe', desejando que no futuro haja uma "equipe profissional de voluntários ou funcionários dedicados sem que os envolvidos sintam sobrecarga ou que tenham que fazer mil malabarismos para dar conta das coisas da ONG" (Entrevista com Naomi Corcovia, 2023).

Entre os envolvidos com a causa ambiental de Piraju através da Teyque'-Pe' está o poeta e produtor musical Carlos Alberto Muzille, que revela detalhes do ativismo ambiental em Piraju por meio da história da ONG, ou seja, de uma trajetória cheia de percalços, mas ativa, presente e consolidada na lembrança de seus membros e, por consequente, da própria população. Para ele, que define seu papel na ONG é ser um "Guardador de Memórias". Desde o final dos anos 1970 existe um movimento ativista na região, quando uma empresa de nome Braskraft elaborou um projeto para a implantação de uma grande usina de processamento de celulose às margens do Paranapanema, próxima à cidade de Angatuba. A população se engajou contra essa empresa, que poluiria com seus dejetos o rio, movimentando assim os locais, os ativistas ambientais, e até as prefeituras de Avaré e de Piraju, conseguindo por fim barrar o projeto. Esse movimento, segundo ele, serviu de base para o despertar da consciência de uma boa parte da população sobre o quão importante é o rio para a cidade e em suas vidas, como um patrimônio histórico, cultural e turístico. Já no final da década de 1990, outra ameaça ao rio mobilizou a população: a construção de um desvio da calha para a instalação de uma nova usina entre as já existentes Jurumirim e Paranapanema, fazendo assim por fim nascer a Teyque'-Pe'. Outras lutas, como a não instalação da usina Piraju/CBA e pela preservação das corredeiras do Salto Simão não foram bem-sucedidas, porém serviram para mobilizar a população contra novos projetos que visam a

instalação de nova usina abaixo da Usina Hidrelétrica Paranapanema. A ONG permanece ativa ainda hoje, elaborando novos projetos e ações educativas, como "projetos de compostagem de resíduos orgânicos, 'Projeto Feira Limpa' e preservação das abelhas sem ferrão e o 'Projeto Pólen'" (Entrevista com C.A. Muzille, 2023). Ele finaliza afirmando que a "água é o nosso tesouro e pelo menos uma parte dos lucros precisam retornar ao nosso município" (Entrevista com C.A. Muzille, 2023).

O professor, poeta, músico e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Paulo Henrique da Silva, conhecido como Paulo Vigggu, analisa o ativismo ambiental e cultural como uma ação permanente, em que a tecnologia e a cidadania perpassam o processo de educomunicação. Para Silva, o ativismo se dá no decorrer do cotidiano, com o papel de cada um na sociedade em prol do bem comum e da cidadania social, como a que propõe Gadotti & Moacir (2010). Nesse sentido, a missão do ativismo ambiental e cultural se adere à educomunicação, em que o aprendiz atua também como protagonista e lutar pelo meio ambiente significa ser agente de sua história, principalmente ao zelar pelo seu entorno. O papel da escola na formação do indivíduo consciente e ativista é fundamental, pois a "abundância da paisagem local e a ausência de diálogo entre o poder público e a comunidade são questões insistentes que pautam o ativismo habilitado nessa localidade" (Entrevista com P.H. Silva, 2023). Salienta, ainda, que o "papel do ativista [...] está atrelado à cidadania visando revelar o compromisso que deve ter como agente no ambiente em que atua" (Entrevista com P.H. Silva, 2023).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Na maioria das vezes, quando nos referimos à divulgação científica, utilizamos a palavra *traduzir*, ou seja, caberia ao divulgador, seja ele jornalista ou não, *traduzir* o conhecimento. Isso ocorre porque o termo divulgação está associado à vulgarização (no sentido de difundir, popularizar, propagar, tornar mais conhecido), este que, em sua origem, tinha a ideia de *pegar* o discurso fechado e técnico do mundo dos cientistas, *traduzindo-o* em algo mais fácil para o leigo.

Basicamente é a ideia de que o conhecimento científico ocorre de maneira vertical: do especialista que domina o saber para o leigo que desconhece as *maravilhas* da ciência. No entanto, é importante ressaltar que o conhecimento leigo também pode ser considerado para a compreensão pública da ciência. Lewenstein e Brossard, no artigo *Uma Avaliação Crítica dos Modelos de Compreensão Pública da Ciência: Usando a prática para informar a teoria* (2021), explicam que o conheci-



mento leigo é aquele baseado em práticas da vida cotidiana das comunidades, como os saberes locais ligados às práticas agrícolas e conhecimentos históricos, que devem ser respeitados enquanto um conhecimento e uma expertise que são adquiridos geração após geração. Por isso, a importância da divulgação científica de qualidade, desenvolvida como uma ponte, um elo entre o emissor e o receptor, mas não de forma impositiva, pensando apenas em *traduzir*, mas sim agrupando esses diferentes saberes.

Nascimento, inclusive, chama a atenção para a necessidade dos jornalistas assumirem uma postura mais crítica quando produzem textos de divulgação científica. A autora defende que “não basta tornar inteligível determinados conceitos científicos, seja pelo uso de analogias e metáforas, seja pelo emprego de uma linguagem mais atrativa aos leitores” (2008, p. 3). Além disso, a divulgação científica é estar atento à forma como essa mediação ocorre, pois pode haver ruídos na interação com o público que comprometem a qualidade da informação. É fundamental pensar o tempo todo na precisão da informação e no alcance que o tema pode ter. Afinal, é cada vez mais necessário furar a bolha e chegar até as pessoas que não têm o costume ou não estão tão familiarizadas com a ciência, ainda mais em um mundo em que o negacionismo e a desinformação científica só vêm crescendo.

A inclusão da cultura como elemento intrínseco ao ativismo ambiental (e cultural) determina uma condição fundamental aos pilares da ONG Teyque'-Pe' conforme os depoimentos extraídos de três de seus membros e do pesquisador Cerveira Filho: o engajamento, a memória e a conscientização são fundamentais para a manutenção do trabalho dessa instituição em defesa da cidadania na Estância Turística de Piraju. Destacamos, ainda, o depoimento do ativista Silva, quando se observa a ideia que envolve o conceito de *Bem Viver*, conforme propõe Alberto Acosta em contraposição ao mundo onde prevalece o “mal viver”. Para Acosta, o *Bem Viver* supõe uma harmonia entre a natureza, indivíduos e comunidades, movimento que carrega experiências de vida e de resistência, livre de preconceitos e envolto em uma proposta em construção, o que possibilita propor alternativas para analisar, ver e estar no mundo. Nesse sentido, reflete-se sobre o mundo em que vivemos, o modo de produção em que estamos inseridos e toda a forma de desenvolvimento e consumo que pressupõe a sociedade capitalista. O *Bem Viver* é uma proposta que, sem negar o saber ancestral, proporciona um caminho para refletir sobre as questões

que se colocam na atualidade, como a mudança climática, a violência e a marginalização das pessoas (Acosta, 2006, pp. 2-3).

Os valores dos comunicadores ligados à ONG Teyque'-Pe' estão alicerçados na tradição dos encontros, nos movimentos de *rua* e *enfrentamentos*, e se fortalecem ainda mais com as transformações advindas de ações da nova geração que, por meio do *escritório* e dos *projetos*, somam alternativas para a divulgação da pauta ambiental, seja por meio das tecnologias ou, simplesmente, por conversas ao pé do ouvido. Já a cobertura do tema pelo *Jornal da USP* se alicerça nos princípios e nas técnicas fundamentais do sistema de produção jornalística, ou seja, mantém atributos básicos como: difusão coletiva, compromisso com o interesse público e ética, entre outros (Bueno, 2007).

Na atualidade, observa-se um acúmulo de espaços informativos onde circula o conceito de pauta ambiental, seja para justificar politicamente as ações governamentais em torno do tema, seja para divulgar políticas públicas para o meio ambiente. Assim, a pauta ambiental extrapola o meio jornalístico, pelo menos o tradicional, abrangendo a mídia alternativa, as ONGs e outras áreas do conhecimento além do Jornalismo (Biologia, Economia, Ciências Sociais e Ambientais, entre outras), proporcionando um alcance maior do assunto para uma camada mais ampla da população.

Em termos de contribuição, este artigo destaca que, mesmo seguindo parâmetros diferenciados em suas áreas de atuação, a ONG Teyque'-Pe' e o *Jornal da USP* contribuem fortemente para trazer visibilidade à pauta ambiental, comportando-se como uma constante no processo de produção de notícias e/ou de atividades de ensino, pesquisa, cultura e extensão. Observa-se que, no caso do *Jornal da USP*, a pauta ambiental está espalhada em diversas editoriais, sendo que, na ONG Teyque'-Pe', ela é a chave para o seu ativismo. A luta dessas duas instituições (e de seus atores), à qual nos referiremos nesta pesquisa, é a de oferecer ao público uma informação clara ao utilizar a divulgação científica como base para um processo de emancipação, assim como propôs o professor Dennis de Oliveira (2017).

---

*Data de submissão: 8 de junho de 2023.*

*Data de aceite: 24 de julho de 2024.*

## NOTAS

---

<sup>1.</sup> O termo *cultura científica* pode ser definido como uma forma de cultura, ou um modo de vida, tal como definiam cultura os antropólogos, tal que a relação entre natureza e cultura se vê continuamente alterada pela dinâmica do conhecimento científico, pelas tecnologias e pela inovação, produzindo um novo conceito misto de cultura e natureza na dimensão do conhecimento de ciência e de cultura (Vogt, 2018).

<sup>2.</sup> <https://jornal.usp.br/>

<sup>3.</sup> As entrevistas com a equipe do veículo ocorreram entre 2020 e 2022, pois o *Jornal da USP* faz parte do corpus da pesquisa de doutorado de um dos autores desse artigo sobre a produção do jornalismo científico em universidades públicas brasileiras.

<sup>4.</sup> Um ponto a ser ressaltado no levantamento da cobertura ambiental pelo veículo foi a participação no workshop *Jornal da USP – Jornalismo em ambientes universitários* realizado em 21 de outubro de 2021. Nele foi possível compreender a estrutura e dinâmica do jornal.

<sup>5.</sup> Segundo o G1, portal de notícias do Grupo Globo, durante o período pandêmico, diversos meios comunicativos se uniram para divulgar dados diários sobre a pandemia, numa alternativa para fazer frente ao negacionismo e inanição do governo federal (2019-2022) diante do alastramento da Covid-19.

<sup>6.</sup> O papel do jornalista ambiental deve cobrir as seguintes condições: apresentar uma visão sistêmica dos fatos; reconhecer a complexidade dos fatos ambientais que não podem ser reduzidos a formatos simplistas; contemplar a diversidade dos saberes e não ficar refém das fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida

em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir o papel educativo, cidadão e transformador (Tourinho Girardi et al, 2013).

<sup>7.</sup> A discussão sobre a pauta ambiental focaliza, primeiramente, as questões mais propriamente técnicas, ou seja, o *como fazer* a produção jornalística em si: é uma orientação para os repórteres de como suas reportagens serão realizadas, que fontes procurar para levar ao público as informações mais relevantes sobre determinado assunto, cobrindo a maior área possível sobre ele, sem deixar lacunas. É um tipo de roteiro onde se encontram os tópicos que devem ser abordados durante a concretização da reportagem. Segundo Bueno (2004 e 2007), a pauta ambiental é comprometida com uma visão de que algo precisa ser feito, que há problemas a serem resolvidos e há interesse em jogo, ou seja, para além do passo a passo da pauta, é preciso ter uma visão ampla sobre as fontes consultadas e qual seu grau de comprometimento com setores que não estão envolvidos com interesses ambientais. Para o autor, a pauta ambiental na atualidade tem se fundido com a ideia de agenda ambiental, que pode extrapolar o jornalismo, como políticas públicas para o meio ambiente, por exemplo. Para além de um roteiro, orientação ou guia para os repórteres, a pauta ambiental está muito mais ligada às intenções e objetivos – ou agenda – internacional global, que inclui diversos objetivos acordados internacionalmente, abrangendo diversos desafios sociais e ecológicos (mudança climática, conservação da biodiversidade, cooperação econômica, migração e, mais recentemente, resposta a pandemias) (Balbi, 2020).

<sup>8.</sup> <http://www.chegadeusina.com.br/>

## REFERÊNCIAS

- Acosta, A. (2006). *O Bem Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária.
- Balbi, S. et al. (2022). The Global Environmental Agenda Urgently Needs a Semantic Web of Knowledge. *Environmental Evidence*, 11(5).
- Bernal, C. A. (2010). *Metodología de la investigación* (3rd ed.). Bogotá: Pearson Educación.
- Blasques, M. (2020). *Jornal da USP* (C. de Oliveira Tôzo, Entrevistadora).
- Bueno, W. C. (2004). Jornalismo Científico, Ciência e Cidadania. Em: Morais de Souza, C. (Org.). *Comunicação, Ciência e Sociedade: Diálogos de fronteira*. Taubaté: Cabral Editora, Livraria Universitária.
- Bueno, W. C. (2022). *Jornalismo Científico: teoria, prática e pesquisa*. São Paulo: Jorcom/Contexto Comunicação e Pesquisa.
- Bueno, W. C. (2007). Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 15, 33-44.
- Bueno, W. C. (2009). *Jornalismo Científico no Brasil: Os desafios de uma longa trajetória*. Em: Porto, C. M. (Org.). *Difusão e Cultura Científica: Alguns recortes*. Salvador; EDUFBA.
- Bueno, W. C. (2010). Comunicação Científica e Divulgação Científica: Aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, 15(1), 1-12.
- Bueno, W. C. (2014). A Divulgação da Produção Científica no Brasil: A visibilidade da pesquisa nos portais das universidades brasileiras. *Ação Midiática: Estudos em comunicação. Sociedade e Cultura*, 1.
- Burkett, W. (1990). *Jornalismo Científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Caires, L. (2020). *Jornal da USP e a editoria de Ciências* (C. de Oliveira Tôzo, Entrevistadora).
- Calvo Hernando, M. (1998). La Difusión del Conocimiento al Público: Cuestiones y perspectivas. *Revista Comunicación & Sociedade*, 29.
- Escobar, H. (2018). *Divulgação Científica: faça agora ou cale-se para sempre*. In: Vogt, C.;
- Fernandes, J. L. (2007). *Pós-Modernidade e Risco na Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema: Uma análise da construção social da subpolítica ambiental no município de Piraju (SP)* [Tese de Doutorado: Universidade Federal de São Carlos]. São Carlos.
- G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL. (2020, 8 de junho). *Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19*. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Gadotti, M. (2010). *Escola Cidadã*. São Paulo; Cortez.
- Gomes, M. e Muniz, R. *ComCiência e divulgação científica* (Orgs.). Campinas: BCCL/ UNICAMP.
- Escobar, H. (2022, 16 de dezembro). *Recheados de “carbono azul”, manguezais ganham destaque no combate às mudanças climáticas*. *Jornal da USP*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/recheados-de-carbono-azul-manguezais-ganham-destaque-no-combate-as-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Kovach, B. e Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo; Geração.
- Krohling Kunsch, M. M. (1992). *Universidade e Comunicação na Edificação da Sociedade*. São Paulo; Loyola.
- Lewenstein, B. V. e Brossard, D. (2010). *A Critical Appraisal of Models of Public Understanding of Science: Using practice to inform theory*. In: Kahlor, L. A. e Stout, P. (Orgs.). *Communicating Science: New agendas in communication*. Routledge: Nova Iorque/Londres.
- Oliveira, D. de (2017). *Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire*. Curitiba: Appris.
- Pivetta, M. (2020, 9 de junho). *Desmatamento na Amazônia cresceu 34% em 2019*. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/desmatamento-na-amazonia-cresceu-34-em-2019/>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Teyque'-Pe' [@OATPIRAJU] (2023). *Documentário 20 Anos de Teyque'-Pe'* [Vídeo]. Streaming Service. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xNhFp9LohcA>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- Thiollent, M. (1986). *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo; Cortez.
- Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A. (2013). *A pesquisa em Jornalismo ambiental na região Sul do Brasil*. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 11, Brasília.
- Tourinho Girardi, I. M.; Beling Loose, E. e Camana, A. (2015). Panorama da pesquisa ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. *Intertexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 362-384, set./dez.
- Vogt, C.; Gomes, M. e Muniz, R. (2018). *ComCiência e divulgação científica* (Orgs.). Campinas: BCCL/ UNICAMP.
- Whiteman Muniz, R. (2018, 4 de abril). *A Universidade Calada. Dossiê Divulgação Científica 2018. ComCiência*. Disponível em: <https://www.comciencia.br/a-universidade-calada/>. Acesso em 30 de abril de 2024.



**Divulgação Científica em Prol da Luta Ambiental no Brasil: Um paralelo entre o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe' em Piraju (São Paulo)**

**Divulgación Científica en Pro de la Lucha Ambiental en Brasil: Un paralelo entre el Jornal da USP y la ONG Teyque'-Pe' en Piraju (São Paulo)**

**Scientific Dissemination in Support of the Environmental Struggle in Brazil: A parallel between the USP Journal and the ONG Teyque'-Pe' in Piraju (São Paulo)**

**La communication scientifique au service de la lutte environnementale au Brésil : un parallèle entre le Jornal da USP et l'ONG Teyque'-Pe' à Piraju (São Paulo)**

**Pt.** Este artigo analisa o papel do jornalismo científico na divulgação de pautas ambientais e a importância do jornalista como um comunicador científico. A proposta central é discutir a necessidade de levar informações acessíveis e confiáveis ao público leigo, despertando o interesse por temas muitas vezes distantes da realidade cotidiana, em um país com pouca tradição em cultura científica, como o Brasil. O estudo faz um paralelo entre duas abordagens de divulgação científica: o Jornal da USP e a ONG Teyque'-Pe', localizada na Estância Turística de Piraju, no Estado de São Paulo. O Jornal da USP, veículo jornalístico de aproximação acadêmica da Universidade de São Paulo, cumpre a função de traduzir para o público não especializado os resultados de pesquisas e trabalhos realizados pela universidade paulistana, especialmente em áreas de ciência e tecnologia, enquanto a ONG Teyque'-Pe' adota uma postura mais ativista na sua divulgação, promovendo a conscientização ambiental por meio de campanhas e atividades educacionais. A ONG busca engajar diretamente a comunidade local na preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico da região, atuando fora dos canais tradicionais da mídia. O artigo destaca também a crescente independência dos cientistas em comunicar-se diretamente com a sociedade, utilizando plataformas como redes sociais e blogs, sem a intermediação exclusiva da imprensa. As duas instituições estudadas, apesar de suas diferenças, contribuem de maneira significativa para a ampliação do debate ambiental e para o processo de emancipação social, utilizando a divulgação científica como ferramenta. O artigo conclui que, tanto pela imprensa acadêmica quanto pelo ativismo, a divulgação científica é essencial para educar e engajar o público em questões ambientais, oferecendo uma ponte entre o conhecimento especializado e o cidadão comum, o que favorece a luta pela preservação do meio ambiente.

**Palavras-chave:** Divulgação Científica, Jornalismo Ambiental, Jornal da USP, ONG Teyque'-Pe', Engajamento Comunitário.

**Es.** Este artículo analiza el papel del periodismo científico en la divulgación de temas ambientales y la importancia del periodista como comunicador científico. La propuesta central es discutir la necesidad de brindar información accesible y fiable al público no especializado, despertando el interés por temas muchas veces alejados de la realidad cotidiana en un país con poca tradición en cultura científica como Brasil. El estudio establece un paralelo entre dos enfoques de divulgación científica: el Jornal da USP y la ONG Teyque'-Pe', ubicada en la localidad turística de Piraju, en el Estado de São Paulo. El Jornal da USP, medio periodístico de acercamiento académico de la Universidad de São Paulo, cumple la función de llevar al público no especializado los resultados de las investigaciones y trabajos realizados por dicha universidad, especialmente en las áreas de ciencia y tecnología, mientras que la ONG Teyque'-Pe' adopta una postura más activista en su divulgación, promoviendo la concienciación ambiental a través de campañas y actividades educativas. La ONG busca involucrar directamente a la comunidad local en la preservación del medio ambiente y del patrimonio histórico de la región, actuando al margen de los canales tradicionales de los medios de comunicación. El artículo destaca también la creciente independencia de los científicos para comunicarse directamente con la sociedad, utilizando plataformas como redes sociales y blogs, sin la intermediación exclusiva de la prensa. Las dos instituciones estudiadas, a pesar de sus diferencias, contribuyen de manera significativa a la ampliación del debate ambiental y al proceso de emancipación social, utilizando la divulgación



científica como herramienta. El artículo concluye que, tanto a través de la prensa académica como del activismo, la divulgación científica es esencial para educar e implicar al público en cuestiones ambientales, ofreciendo un puente entre el conocimiento especializado y el ciudadano común, lo que favorece la lucha por la preservación del medio ambiente.

**Palabras clave:** divulgación científica, periodismo ambiental, Jornal da USP, ONG Teyque'-Pe', implicación comunitaria.

**En** This article analyzes scientific journalism, its role in disseminating environmental issues, and the importance of journalists as communicators of science. The main proposal here is to discuss the need to provide the public with accessible and reliable information and to generate interest in topics that are often detached from everyday reality in a country such as Brazil that does not have a deep-rooted tradition in scientific culture. This study draws a parallel between two different approaches to scientific dissemination: the USP journal and the NGO Teyque'-Pe', located in the tourist resort of Piraju, in the state of São Paulo. The USP Journal, a news vehicle for academic outreach at the University of São Paulo, publishes the results of research and work carried out by the São Paulo university, especially in the areas of science and technology, to a non-specialist public, while the NGO Teyque'-Pe' adopts a more activist stance by promoting environmental awareness through campaigns and educational activities. This NGO focuses on directly encouraging the local community to preserve the environment and historical heritage of the region without using traditional media channels. This article also highlights the growing independence among scientists to communicate directly with society using platforms such as social networks and blogs, without any exclusive media intermediaries. Despite their differences, the two institutions in this study contribute significantly to promoting environmental debate and social emancipation, using scientific dissemination as a tool to do so. This article concludes that, both through the academic press and activism, scientific dissemination is essential in order to educate and engage the public in environmental issues, bridging the gap between specialized knowledge and the average citizen, which favors the fight for environmental preservation.

**Key Words:** Scientific Dissemination, Environmental Journalism, USP Journal, NGO Teyque'-Pe', Community Engagement.

**Fr** Cet article s'intéresse au rôle du journalisme scientifique dans la diffusion de sujets environnementaux et à l'importance du journaliste en tant que communicateur scientifique. Le cœur de la discussion porte sur la nécessité de fournir des informations accessibles et fiables au grand public, afin d'éveiller son intérêt pour des sujets souvent très éloignés de son quotidien, dans un pays comme le Brésil où la culture scientifique est peu développée. Nous établissons un parallèle entre deux approches de communication scientifique : celles du Jornal da USP et de l'ONG Teyque'-Pe', située dans la municipalité touristique de Piraju, dans l'État de São Paulo. Le Jornal da USP, un support journalistique lié à la communauté académique de l'université de São Paulo, traduit à destination d'un public non spécialisé les résultats des recherches et travaux menés au sein de cette université, notamment dans les domaines des sciences et technologies, tandis que l'ONG Teyque'-Pe' adopte une posture plus militante dans sa communication, en sensibilisant à l'environnement par le biais de campagnes et d'activités éducatives. Cette ONG cherche ainsi à engager directement la communauté locale dans la préservation de l'environnement et du patrimoine historique de la région, par une action menée hors des canaux médiatiques traditionnels. Notre étude pointe aussi l'indépendance croissante des scientifiques, qui communiquent directement avec la société au travers de plateformes comme les réseaux sociaux et les blogs, sans avoir exclusivement recours à l'intermédiation de la presse. Au-delà de leurs différences, les deux institutions étudiées contribuent de manière significative à l'élargissement du débat sur l'environnement et au processus d'émancipation sociale, en se servant de la communication scientifique comme outil. Nous en concluons que la communication scientifique, que ce soit par le biais de la presse académique ou par celui de l'activisme, est essentielle pour l'éducation et l'engagement du public vis-à-vis des enjeux environnementaux. En jetant un pont entre le savoir spécialisé et les citoyens ordinaires, elle favorise la lutte pour la préservation de l'environnement.

**Mots-clés :** Communication scientifique, Journalisme environnemental, ONG Teyque'-Pe', Engagement communautaire.

# A Pandemia e o jornalismo brasileiro

## O olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho

**BÁRBARA NOGUEIRA MARTINS**

*Laboratório de pesquisa: Assessoria de Comunicação  
Fiocruz Brasília  
barbaranmartins06@gmail.com  
0000-0002-5692-1349*

**MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA-COSTA**

*Laboratório de pesquisa: Assessoria de Comunicação  
Fiocruz Brasília  
mariella.costa@fiocruz.br  
0000-0003-4853-3677*



informação de qualidade auxilia a saúde e os jornalistas buscam comunicar informações de cunho científico para o público, com visão crítica, sem só repetir o que o pesquisador diz, mas com capacidade de avaliar o que se publica

(Oliveira, 2002, p.35).

A covid-19 teve repercussões e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos. Jornistas de outras áreas, que não a científica, tiveram que se apropriar, às pressas e em meio à incerteza, do jornalismo científico, o que também influenciou na cobertura da imprensa sobre a pandemia. Esses profissionais trabalharam para facilitar o entendimento e enfrentamento da crise sanitária sob diversos enfoques, tais como: política, economia, cultura, ciência e humanidades (Camponez et al., 2020). É possível comparar esse tipo de cobertura ao jornalismo em territórios de guerra e conflitos urbanos, em que é preciso assegurar a sobrevivência do repórter em campo narrando os fatos com detalhes, em meio ao risco da contaminação e considerar também as necessidades de confinamento que impuseram novos modos de se fazer jornalismo. (Ferraretto & Morgado, 2020, p.16).

Problemas financeiros, aumento do ritmo das atividades e das horas trabalhadas, demissões, corte salarial, doenças físicas e mentais e incertezas sobre o futuro da profissão foram parte das consequências da

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Bárbara Nogueira Martins, Mariella Silva de Oliveira-Costa, « A Pandemia e o jornalismo brasileiro: o olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.549>



pandemia para os profissionais da comunicação (Figaro et al., 2020). É sabido que antes mesmo da pandemia, o trabalho dos jornalistas já era cercado por riscos não só físicos, mas também de saúde mental, dada a necessidade de lidar com diversos contextos de repercussão emocional, pressão da chefia pela apuração e fechamento das pautas e a disputa com outros veículos de comunicação por uma notícia inesperada em primeira mão. Na pandemia, todos esses fatores se intensificaram (Tabai et al., 2022).

Esta pesquisa busca compreender a percepção de jornalistas da região Centro-Oeste do Brasil (estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal) sobre seu trabalho durante a pandemia de covid-19. Afinal, que desafios e oportunidades para se comunicar saúde fizeram parte do cotidiano dos jornalistas durante a pandemia?

---

### COMUNICAR SAÚDE

---

A comunicação em saúde é multidimensional e envolve a participação ativa de indivíduos e comunidades no processo de saúde e doença. De maneira complexa e dinâmica, envolve a troca de informações, a compreensão mútua, a negociação de significados compartilhados, empoderamento, colaboração e troca de informações, ideias e perspectivas (Schiavo, 2007). Comunicar saúde é recurso valioso no cuidado e promoção da saúde, pois orienta os comportamentos estratégicos, tratamentos e decisões das pessoas (Kreps, 1988).

Elaborar estratégias para se comunicar saúde importa para que as pessoas possam acessar os cuidados necessários, tomar decisões e promover o seu bem-estar. Infelizmente, os pesquisadores em comunicação em saúde falham na comunicação com o público principal. Parte das pesquisas sobre comunicar saúde é divulgada de maneira restrita em conferências e periódicos acadêmicos, o que pode ter apoiado o rápido crescimento do campo, o desenvolvimento de novos programas educacionais e inspirar novas pesquisas, mas não contribuiu para melhorias no sistema de saúde. É preciso adotar novas estratégias para disseminar resultados de pesquisas em comunicação em saúde e suas instruções para políticas e práticas de saúde (Kreps, 2012).

A comunicação em saúde pode melhorar os resultados de saúde e aumentar o conhecimento das pessoas, sua mudança de comportamento e adoção de estilos de vida saudáveis, em especial na abordagem das desigualdades em saúde e na melhoria do acesso para populações vulneráveis (Schiavo, 2007). Parcerias interdisciplinares, interprofissionais e comunitárias que envolvam estudantes, profissionais de saúde,

consumidores, gestores, autoridades governamentais, membros de organizações de apoio e políticas públicas podem auxiliar pesquisadores em comunicação em saúde na concepção, implementação e institucionalização eficaz das intervenções baseadas em evidências (Kreps, 2012).

Em meio às diferentes áreas de atuação da comunicação em saúde, o jornalismo possui especificidades e elementos importantes para auxiliar na promoção da saúde das pessoas na prática. Não descrever um texto apenas prescritivo, tampouco repercutir descobertas ainda incipientes e que não tenham sido comprovadas pela comunidade científica, buscar informações com fontes de diferentes áreas, como o governo, os serviços de saúde, saneamento, habitação, renda, trabalho etc. e considerar também a voz das pessoas comuns no contexto informativo como fontes, sem que esteja em detrimento dos especialistas, fazem parte do rol de recomendações úteis para o trabalho dos profissionais da notícia. Sabe-se que a simples “leitura de um texto jornalístico não significará a mudança de comportamento, mas acredita-se que a aquisição de conhecimento é um fator a mais para a promoção da saúde”. (Oliveira-Costa, 2017)

No Brasil, desde 2009 não é preciso cursar uma graduação para trabalhar como jornalista e já se observou a necessidade de programas e políticas de capacitação desses profissionais e pesquisadores na área da comunicação em saúde (Oliveira-Costa, 2019).

---

### SAÚDE, JORNALISMO E COVID-19

---

O jornalismo é fundamental para a comunicação em saúde, pois leva ao público o conhecimento para tomar decisões, ao disseminar informações e promover a conscientização. Ao reportar sobre saúde, os jornalistas devem considerar não apenas as doenças, mas também os aspectos sociais, políticos e econômicos que impactam a saúde das pessoas. A parceria entre jornalistas e profissionais da saúde é necessária para uma cobertura precisa e abrangente, permitindo a inclusão de perspectivas especializadas. Um jornalismo promotor da saúde, que auxilie na capacidade de escolha das pessoas, possibilita que se melhore a qualidade de vida de homens e mulheres, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar os governos e a comunidade científica sobre o que merece espaço na agenda pública. (Oliveira-Costa et al., 2019)

Com o avanço da tecnologia e das plataformas digitais, o jornalismo de saúde enfrenta oportunidades e desafios, demandando uma perspectiva atualizada e uma compreensão das novas habilidades digitais, com adoção de abordagem crítica e aprofundada em relação às informações, envolvendo a análise de fontes

confiáveis e o entendimento da complexidade científica. A compreensão dos conceitos de saúde é essencial para jornalistas, viabilizando uma comunicação eficaz e compreensível sobre assuntos de saúde para a sociedade (Azevedo, 2012).

Na pandemia, conforme o vírus se disseminava, as notícias eram mostradas por vários canais de comunicação. O jornalismo passava por grandes desafios na sua rotina de trabalho, na busca das informações fidedignas em meio à incerteza do novo coronavírus, mudanças nas produções de conteúdo, combate às *fakes news* devido à desinformação e situações atreladas ao contexto biopsicossocial que a covid-19 ocasionou na sociedade, com risco de contaminação e milhares de óbitos (Lopes et al., 2021).

Os jornalistas foram uma das categorias profissionais expostas na pandemia, por causa das condições que envolvem a sua função laboral, com o registro de 278 profissionais mortos por covid-19, entre abril de 2020 a julho de 2021, de acordo com a Federação Nacional Dos Jornalistas [FENAJ] (2021). Nesse sentido, é notório que a pandemia trouxe consequências para os jornalistas, devido às condições de trabalho vivenciadas nesse cenário crítico. Eles atuaram na linha de frente desde o início da pandemia, e colocaram em risco a sua segurança pessoal e coletiva, devido à alta transmissão do vírus naquele período, e à precarização do trabalho por parte de algumas empresas, com aumento do serviço e das horas trabalhadas sem compensação financeira correspondente.

Uma revisão sistemática e de metanálise, com amostra de 115 artigos científicos, mostrou que 26,3% dos profissionais da saúde apresentaram depressão e 29,0% apresentaram ansiedade (Salazar de Pablo et al., 2020) no início da pandemia. No caso dos jornalistas, outro estudo evidenciou resultados que se aproximam desses números encontrados na metanálise, com uma taxa de depressão de 22,1%, e prevalência pontual de 21,6% para ansiedade (Osman et al., 2021).

Os jornalistas sofreram com o risco de contaminação com o vírus, visto que em vários momentos estavam em contato direto com pessoas infectadas, e, além disso, com risco de desenvolvimento de doenças psicológicas, porque noticiavam diretamente os impactos da pandemia para o público em meio à tensão por informar (Perreault & Perreault, 2021).

Observou-se dedicação e esforço dos jornalistas diante um contexto desafiador e complicado para auxiliar a sociedade no direito à informação, e empenho para entregar as notícias em tempo real (Casero-Ripollés, 2021). O jornalismo precisou inovar e se adequar às novas vivências e ao caos, para levar informação verídica para todos e não somente para determinados

grupos. (Oliveira & Gadini, 2020). Sem a imprensa, não existiriam as coletivas divulgando as informações de agentes governamentais nem os questionamentos dos jornalistas contribuindo positivamente para maior compreensão da sociedade sobre os fenômenos em curso. (Spink et al., 2021).

Outro estudo analisou a percepção de jornalistas brasileiros que cobrem ciência e observou que os profissionais perceberam um crescimento do espaço e da importância dos canais de comunicação e do público por pautas de ciência e saúde, e das oportunidades e desafios para o trabalho dos jornalistas, o que fez com que buscassem novos conhecimentos e qualificação profissional (Massarani et al., 2022). Estudo sobre a investigação da saúde e do trabalho do jornalista atuante na cobertura da pandemia da Covid-19, no primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2022, no interior do Ceará, observou aumento da pressão no trabalho para 82,6% dos jornalistas, o que pode estar atrelada ao fluxo de trabalho intensificado durante a pandemia (Cajazeira & De Souza, 2022).

Pesquisa que analisou o trabalho dos jornalistas da capital do Brasil na pandemia, também observou que o trabalho dos comunicadores foi marcado por transformações na sua rotina pessoal e de trabalho, desde adoção do regime *home office* e a intensificação das atividades propostas devido à velocidade de informações que circularam para a divulgação de notícias sobre covid-19. A redução salarial e problemas de saúde biopsicossocial, afetada pelo excesso de trabalho e pelo efeito da pandemia também foram citados pelos jornalistas. (Martins & Oliveira-Costa, 2023).

Não foi encontrado, porém, estudo sobre o trabalho de jornalistas da região Centro-Oeste do Brasil na pandemia de covid-19, foco desta pesquisa.

---

## METODOLOGIA

---

A pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas online com jornalistas da região centro-oeste do Brasil, maiores de 18 anos, que realizaram pelo menos uma cobertura jornalística no país durante a pandemia de covid-19, em quaisquer meios, sejam eles agências de notícias, internet, rádio, televisão, revista, jornal impresso ou assessoria de comunicação.

Este grupo de participantes foi selecionado a partir dos jornalistas de todo o país já catalogados em pesquisa de opinião online *O risco de quem comunica o risco*, e que naquela ocasião, demonstraram interesse e disponibilidade para participar da investigação por meio de entrevistas. Para esta etapa, foram incluídas as vozes dos produtores de notícia da região centro-oeste. Não

foi encontrado nenhum estudo ou base de dados que permitisse caracterizar os veículos de imprensa da região, para além do Índice Verificador de Comunicação, ao qual estão associados apenas três jornais do DF e outros três de Goiás. (IVC, 2024). Em consulta à Associação Nacional de Jornais, (ANJ, 2024) foram encontrados três jornais do DF e apenas um de cada um dos demais estados da região.

A seleção dos entrevistados foi por conveniência, baseada na viabilidade e disponibilidade dos jornalistas, e intencional, pois os que trabalharam durante a pandemia eram informantes-chave para se compreender o fenômeno.

Uma entrevista em profundidade permite identificar diferentes possibilidades para se perceber e descrever os fatos e fenômenos sociais (Duarte, 2005) e independentemente do número de jornalistas disponível para colaborar com a pesquisa, cada relato e vivência coletado possibilitou que se compreendesse parte dos processos de produção de notícias durante a pandemia de covid-19. Por meio de entrevistas, busca-se compreender como algo da realidade é apreendido por alguém, bem como a descrição de fenômenos complexos com os quais as pessoas estão diretamente envolvidas, sem buscar quantos ou qual proporção de pessoas envolvidas no fenômeno, nem qualquer forma de extrapolação dos dados para outras realidades e contextos.

A organização a coleta de dados se deu, inicialmente, com contato com os jornalistas, por e-mail, sendo realizadas até cinco tentativas de marcação de agenda, conforme disponibilidade deles. Nos casos em que o entrevistado não conseguiu participar por meio da entrevista online, foi dada ainda a possibilidade de envio das respostas por e-mail, uma técnica sugerida por Kaufmann (2013), como um instrumento de coleta adaptado à entrevista que pode favorecer a uma maior reflexão nas respostas do entrevistado.

O roteiro de entrevista compreendeu três blocos de questões semiestruturadas para garantir a abordagem em profundidade com respostas que não eram previsíveis, mas indeterminadas pelas pesquisadoras. As perguntas partiram do problema de pesquisa e abordaram características da vida profissional do entrevistado, seu processo de trabalho e informações específicas sobre a atuação durante a pandemia de covid-19. Ao longo das entrevistas, uma questão poderia ser dividida em duas, e outras duas poderiam ser reunidas em uma, ou mesmo suprimidas, em caso de o entrevistado já ter respondido anteriormente.

O material foi utilizado apenas para fins de pesquisa, sendo adotados procedimentos que garantiram o anonimato, com a supressão de qualquer citação que

possa identificar o informante. Os dados foram arquivados pela pesquisadora principal e e serão destruídos após cinco anos. No tocante à ética em pesquisa, compreende-se que o risco para os sujeitos foi mínimo, compreendendo o risco de constrangimento ao tratar de temas de sua vida profissional, e, portanto, cada pessoa esteve livre para desistir da entrevista antes, durante e após sua realização.

Todos os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para leitura e assinatura, em que estão descritos os objetivos da pesquisa, contatos das pesquisadoras, riscos mínimos e benefícios da participação, bem como a garantia de anonimização dos dados e sigilo quanto à participação. A transcrição foi realizada por meio de software e revisada antes da categorização do material para posterior análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Fiocruz Brasília, registrada na Plataforma Brasil sob o número CAAE 36016720.1.0000.8027.

---

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

De 18 jornalistas do Centro-Oeste que, na pesquisa online, manifestaram interesse em participar da etapa de entrevistas, seis efetivamente tiveram disponibilidade em colaborar, sendo um do Mato Grosso, um do Mato Grosso do Sul, dois do Distrito Federal e dois de Goiás. Três entrevistados participaram da entrevista online, através do Microsoft Teams e os outros três optaram pelo envio das respostas abordadas na entrevista via e-mail, devido a questões pessoais e indisponibilidade. Entre os entrevistados, cinco são mulheres e um homem. Todos os participantes têm entre 30 e 39 anos, são formados em jornalismo e apenas um tem formação específica na área da saúde. Dos entrevistados, três são repórteres, dois são assessores de comunicação e um é editor-chefe. Com relação ao local de trabalho principal, cinco atuaram na época da pandemia em veículos online e um no rádio. Os nomes das empresas de comunicação, bem como mais detalhes do vínculo laboral foram omitidos para garantir o anonimato dos participantes.

Cinco deles foram infectados pelo coronavírus (covid-19). Os principais sintomas relatados foram: dor no corpo, coriza, febre, tosse, dor no estômago, cefaleia, dor de garganta, perda de memória, perda de olfato e dores nas pernas. Eles não se automedicaram em casa, nem fizeram uso de medicamentos como ivermectina e hidroxicloroquina. Além do mais, todos se vacinaram e acreditam na eficácia das vacinas contra a covid-19.

Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, suas falas foram sinalizadas com a sigla do



**Quadro 1** : Síntese das categorias analisadas

Categorias	Seção de análise correspondente
Mudanças na rotina de trabalho e vida	Nunca imaginei conseguir trabalhar como trabalhei
Dificuldades	Informação desencontrada
Medicações	
Papel da imprensa brasileira	Faltou jornalismo com menos aspas no título
Lições aprendidas	O histórico como setorista ajudou Todo mundo teve que aprender alguma coisa sobre saúde para elaborar um texto

Fonte: elaborado pelas autoras

estado brasileiro no qual atuaram durante a pandemia seguida de um número, a saber: Goiás – GO1 e GO2, Distrito Federal – DF1 e DF2, Mato Grosso - MT1 e Mato Grosso do Sul – MS1.

Diferentes temas perpassaram as entrevistas com os jornalistas sobre seu trabalho durante a pandemia: mudanças na rotina de trabalho e vida, dificuldades, medicações, o papel da imprensa brasileira e lições aprendidas, conforme síntese das categorias apresentada no quadro abaixo.

A análise temática extrai aspectos que possibilitam compreender sob o ponto de vista do jornalista, os principais desafios e oportunidades encontrados pelos profissionais da notícia. Não foi objetivo desta pesquisa tecer comparações entre o trabalho e as percepções entre estados, mas verificar singularidades e similaridades entre jornalistas com distintos ambientes de atuação profissional.

### **Nunca imaginei conseguir trabalhar como trabalhei**

Durante a pandemia, houve mudança em diferentes profissões, como no caso dos jornalistas que alteraram aspectos como a carga horária, local e ritmo de trabalho (Tabai et al., 2022). Para alguns profissionais, o momento pandêmico foi oportunidade de rever as rotinas e limitações do trabalho presencial.

Não é preciso estar dentro de uma redação para se produzir conteúdo jornalístico. E a redução da jornada de trabalho (que era de 9h diárias com 1h de almoço) é benéfica para a equipe. Cabeças descansadas produzem mais e melhor (embora a empresa negue aceitar essa característica e tenha retornado ao modelo de trabalho “escravizante” com a melhora dos índices da pandemia de covid-19 a partir de 2021). MS1

Dados do relatório da pesquisa que investigou o perfil do jornalista da região Centro-Oeste (Ferreira et al., 2023), apresentaram que a maioria dos trabalhadores (73,5%) atua por mais de sete horas diariamente, em desacordo com as leis trabalhistas do Brasil, as quais definem uma jornada diária de cinco horas para jornalistas profissionais – o que denota carga horária excessiva para a profissão e conseqüentemente impacta na qualidade das produções noticiosas.

De acordo com as entrevistas, cinco jornalistas trabalharam em regime *home office* e um permaneceu no trabalho presencial, portanto a maioria seguiu as recomendações da Fenaj para o trabalho em casa, quando possível. Apesar de algumas instituições improvisarem com pouca infraestrutura adequada para *home office* (Figaro et al., 2021), houve quem se adaptasse bem ao teletrabalho.

Acompanhar tudo da minha casa foi uma surpresa para mim, então assim, eu tive um excelente desempenho, com muito material divulgado, muito material produzido, isso tudo online, reunião online, ligação, isso foi muito legal para o meu trabalho. A gente descobriu que dá para fazer as coisas online. MT1

Porém, os profissionais estruturaram novas rotinas e acumularam tarefas para comunicar saúde com qualidade, acarretando sobrecarga de trabalho e substituição do trabalho em equipe pelo trabalho em que cada notícia dependia de um só jornalista, do início ao fim, em um ritmo solitário.

O processo de publicação percorria todo o trajeto da produção de uma notícia, ou seja, o repórter sugeria o assunto, apurava, entrevistava, checava, escrevia o texto, gravava, editava, disponibilizava no site. Além disso, o acúmulo

de funções era corriqueiro. O repórter era produtor, apresentador, mídia social e o que mais surgisse de demanda pela frente. MS1

Para os que trabalhavam como *freelancer* e como microempreendedores, pode ser que o espaço doméstico tenha se transformado pouco, mas o distanciamento social criou uma situação em que atividades da cobertura de rua vieram para o espaço virtual, ampliando o uso de novos softwares para as atividades essenciais, que fizeram com que os horários e os locais de trabalho ocupassem o tempo e o espaço da vida privada, com consequências cognitivas que afetaram o significado do trabalho e constante sensação de cansaço e estresse (Figaro et al., 2021). Percebeu-se que os entrevistados permaneceram com o compromisso de noticiar e apresentar o melhor trabalho possível, mesmo em condições adversas.

De casa, a carga horária era cumprida normalmente, contudo, as gravações das matérias (rádio) eram feitas no próprio celular e editadas através de computador próprio, com acesso remoto ao sistema dos computadores do veículo de imprensa. As entrevistas eram gravadas por telefone. Esse formato “home office”, contribuiu para que o trabalho jornalístico continuasse sendo feito. DF2

Ao inquirirmos sobre as ações que o empregador adotou para minimizar os riscos de transmissão e contágio, os jornalistas afirmaram que houve medidas para evitar a propagação do vírus, entretanto, um deles apontou que se deram apenas após pressão dos trabalhadores.

Os protocolos sempre foram muito firmes na empresa. Inicialmente não entrávamos em unidades de saúde, apenas nas imediações. Fomos usando máscaras e capotes a cada vez que as normas eram atualizadas. Limpeza das superfícies e, a cada sintoma ou positivo, todos se afastavam até que os testes dessem negativo. Por um tempo também houve médico na empresa para atendimento presencial e acompanhamento virtual dos sintomas e tratamento. Apenas a autorização para home office (foi realizada) após reivindicação da equipe de jornalismo e redução da carga horária de trabalho com programa do governo federal que permitiu a manutenção dos salários. GO2

É lamentável verificar este fato, relatado por profissionais que trabalham com a busca e apuração da verdade dos fatos, e no período da pandemia, apesar de estarem constantemente noticiando sobre as medidas de prevenção, conviveram em um ambiente inseguro para o trabalho. Ao mesmo tempo, esta incoerência

das empresas de comunicação influenciou o cotidiano de trabalho dos profissionais da notícia e deve pautar qualquer análise sobre as produções jornalísticas no período. O jornalista não é alheio ao seu trabalho, e por mais que se busque a imparcialidade, deve-se considerar que são pessoas com gostos, sentimentos e afetos que não são dissociados do seu fazer profissional.

---

## O HISTÓRICO COMO SETORISTA DE SAÚDE AJUDOU

---

Os profissionais com experiência em saúde tiveram mais facilidade e a pandemia mostrou a necessidade de conhecimento aprofundado para se garantir uma cobertura jornalística de mais qualidade.

Espero que as redações passem a valorizar (...) a importância de ter jornalistas especializados em saúde (algo que, espero, não dure pouco tempo, pois há risco de novas emergências). MS1

A pandemia mostrou efetivamente uma necessidade de uma cobertura especializada na área de saúde. Não dá para os jornais acharem que acabou a pandemia, e não colocar gente especializada nesse instante. DF1

Já se alertou em pesquisa anterior para a necessidade de investimento na formação de jornalistas na área de comunicação em saúde no Brasil para aprimorar a qualidade das informações divulgadas pela imprensa. (Oliveira-Costa et al, 2019), o que foi confirmado pelos profissionais mais experientes, pois “entender e gostar muito de saúde foi um diferencial, eu acho. Já tinha contato e intimidade com as fontes, com os termos.” GO2

Eu já tinha contato com fontes na área e não precisei “aprender” a fazer esse caminho. Também já tinha contato diário com fontes importantes, como ministros (o que rendeu entrevistas exclusivas antes da declaração de pandemia e durante a crise, marcada por trocas frequentes de ministros). Também já entendia como funcionava o sistema de saúde, a gestão e os principais temas. Eu sabia o que era o centro de operações de emergência, por exemplo, e sabia que era algo importante quando o ministério o ativou. Também tinha contato muito frequente com vários especialistas e isso me rendia rapidez em repercussões de decisões do Planalto (sobretudo para rebater desinformações) e dicas sobre temas importantes. DF2

Um dos entrevistados ressaltou que essa formação especializada deveria se dar durante a faculdade de jornalismo.

Temas sensíveis como medicamentos devem ser trabalhados ainda na graduação, a partir da disciplina de Jornalismo Científico. Este ramo do jornalismo merece (assim como os outros, logicamente) grande atenção à checagem e tensionamento das informações. O jornalista precisa compreender que ao falar de medicamentos que são lançados, ele não pode se basear somente nas informações que o pesquisador lhe repassa sobre o estudo. É preciso ouvir outras fontes que atuam na área e possam falar positiva ou negativamente sobre o assunto destacado. MS1

Além da inexperiência com temas de saúde dificultar o trabalho, aliaram-se a ela um conjunto de fatores que exauriram os profissionais de imprensa em seu cotidiano, tais como o acúmulo de tarefas, a incerteza quando às fontes confiáveis, a falta de informação, a dificuldade de divulgação do tema por parte do Ministério da Saúde, o repasse de informações falsas, e dificuldades pessoais e familiares e também, cortes de recursos e benefícios dos funcionários em determinadas empresas de comunicação.

Falar sobre morte, luto, pautas difíceis, a sobrecarga de trabalho. Muitas vezes eram matérias para site, rádio, lives, impresso, no mesmo dia. A exaustão foi complicada. Tive muitas matérias sobre fome, crianças órfãs. Em um dia de pauta, eu parei tudo que estava fazendo, reuni dinheiro de colegas e fui ao supermercado comprar comida para uma personagem porque não conseguia escrever sobre a fome na pandemia e deixar ela com fome naquele dia. Cemitérios lotados, trabalhadores exaustos. Meu marido perdeu o emprego com menos de um mês de pandemia... criança com aula on-line e ansiedade em casa. Os problemas não se encerravam no trabalho, se uniam aos de casa. Perdi amigos, minha mãe e avó precisando de suporte financeiro... a empresa (Jornal) cortou o vale-alimentação. GO2

Interessante notar que o home office não foi benéfico para todos, pois obrigou os comunicadores a reinventarem a forma de apuração dos fatos, no contato com as fontes, na aprovação de um projeto, na busca de informações, na gravação de depoimentos em áudio e vídeo sem os recursos disponíveis na empresa, nas reuniões com a equipe, enfim, na organização das demandas existentes (Figaro et al., 2021).

Trabalhar em home office dificultou bastante o contato diário que eu tinha com fontes do Ministério da Saúde, por exemplo. O alto volume de informações devido à pandemia (o que a própria OMS chamou de infodemia) também era quase que enlouquecedor e gerou uma alta demanda de checagem e apuração diária, o que rendeu muitas horas extras (e cansaço extremo). A crise política e o ambiente de desinformação (com ataques a máscaras e outras medidas de prevenção em falas de autoridades, por exemplo) também exigiu muito cuidado ao noticiar determinados eventos para não propagar ainda mais essas desinformações. MS1

Houve ainda críticas ao descaso das empresas à saúde física e mental dos jornalistas.

Embora a dinâmica do home office tenha funcionado bem, havia dificuldade por parte de equipamentos para gravação, porque a empresa não se prontificou em disponibilizar ao menos um computador e estrutura de cadeira e mesa que pudesse contribuir para melhor conforto dos repórteres. Vale ressaltar que esse sistema home office não surgiu por iniciativa da empresa, e sim dos repórteres que se organizaram para que se cumprisse com regras de biossegurança após episódio de contaminação em massa de toda redação. Em dezembro de 2020, cerca de 10 jornalistas se contaminaram com Covid-19 e um colega (diretor de jornalismo de 64 anos) faleceu dias após contrair o vírus. A empresa precisou trazer equipe do interior do estado para que o jornal ao vivo diário fosse ao ar, já que 100% da redação convalescia. O modelo “funcionários devem ficar aos olhos do patrão” foi o que mais dificultou o trabalho durante a pandemia, já que houve resistência da empresa em conceder o home office. GO2

A saúde mental dos profissionais essenciais na linha de frente, principalmente os trabalhadores da área da saúde foi tema de diferentes estudos que destacaram os impactos na saúde mental da população que precisou realizar todas as suas atividades, como trabalho, educação, lazer no ambiente doméstico. Nesse contexto, um dos aspectos estudados no campo da percepção é a natureza dos riscos, onde quanto mais próximas as fontes de risco estão, mais difícil se torna perceber a exposição a eles. Além disso, essa exposição tende a se confundir com a convivência com o risco, que por sua vez se torna natural ou normal. Os jornalistas ouviram relatos de suas fontes, que expressavam sofrimento relacionado às sequelas da covid-19, perda de familiares e amigos, desemprego, angústia devido às incertezas trazidas pela pandemia e até mesmo fome (Victor, 2023).

Infelizmente nem todos os veículos de imprensa entenderam ainda que é preciso ter atenção à saúde mental dos jornalistas em contextos de cobertura de crises e de alto volume de informações, como foi sobretudo nos primeiros anos da Covid. Eu tive vários momentos de quase-estafa, estafa ou algo semelhante a isso. Não precisaria ter chegado a esse ponto (...). Há empresas que não estão preocupadas com a saúde e segurança de seus funcionários, e que o interesse no lucro é capaz de se sobrepor a qualquer importância com a vida de pessoas. MS<sup>1</sup>

Este mesmo profissional comentou, ao longo da entrevista, que teve o pai com problemas de saúde grave devido à covid-19, após ter seu salário e jornada de trabalho reduzidos por três meses, impactando a vida não só emocional, mas financeiramente. Estudo anterior observou que a deterioração das condições laborais e do bem-estar dos jornalistas na região Centro-Oeste reflete o sentimento de frustração, exaustão e desinteresse, indicando uma deterioração na saúde física e mental desses profissionais. A falta de reconhecimento, salários aquém das expectativas e jornadas de trabalho exaustivas contribuem para esse quadro, que compromete significativamente o bem-estar dos trabalhadores do setor. Os autores também observaram que, em comparação a jornalistas de todo o país, apesar de desfrutarem de condições de trabalho superiores à média nacional, os jornalistas do Centro-Oeste enfrentam desafios significativos em relação à sua saúde física e mental. Mais da metade dos entrevistados (64,8%), relatou sentir-se estressada no ambiente de trabalho. Além disso, um quarto dos profissionais entrevistados considera que o ambiente de trabalho não é saudável e praticamente metade (49,6%) relatou sentir dores no corpo, incluindo braços, pernas, costas, mãos e pés. Um percentual significativo (69%), afirmou experimentar dores de cabeça durante o expediente, enquanto quase 80% relataram dificuldades com o sono. Adicionalmente, quase metade dos jornalistas indicou enfrentar alterações no apetite em algum grau de intensidade (Ferreira et al., 2023). Esses dados reforçam a urgência de ações em prol da promoção da saúde dos profissionais do jornalismo na região, bem como que sejam considerados entre as profissões que devem ter prioridade em ações de saúde pública, como as imunizações em emergências sanitárias.

### Informação desencontrada

Houve investigação contínua por medicamentos que pudessem controlar a pandemia, todavia, sua eficácia e segurança não eram esclarecidas, e, desse modo, a imediatização de informações sobre eles antes dos resultados dos ensaios clínicos disponíveis, induziram à automedicação (Wong, 2020).

O presidente do Brasil à época foi defensor do uso da hidroxicloroquina (HCQ), como tratamento para

a covid-19 no início da pandemia, apesar de a comunidade científica não comprovar a eficiência naquele momento e nessa perspectiva, questionamos como foi noticiar sobre esse tipo de medicamento. Cinco jornalistas cobriram reportagens sobre esse tema e dois deles afirmaram que houve desafios, tais como verificar em uma base de dados consolidada e a frequência com que os remédios eram citados no âmbito do governo. Um dos entrevistados afirmou que eles traziam alguma esperança em meio à incerteza.

Procurei sempre citar a questão da ausência de evidências científicas de eficácia e incluir ainda, sempre que possível, a avaliação de especialistas confiáveis e o contexto político de defesa do governo por alguns desses medicamentos na contramão das evidências. Quando surgiram os primeiros estudos mais amplos que descartavam eficácia, passei a citar essas informações. Também fiz em conjunto com colegas matérias específicas sobre o tamanho da aposta do governo em cloroquina, na contramão das evidências, para mostrar esse contexto. Alguns colegas em São Paulo também fizeram matérias ótimas com resumo sobre os estudos envolvendo o remédio, o que ajudou muito também na cobertura (já que o material era atualizado com frequência, o que tornava fácil fazer a linkagem). DF<sup>2</sup>

A falta de comunicação coordenada entre governos, profissionais da saúde e instituições de ciência e tecnologia, cada um apontando para uma possível solução diferente, também foi um empecilho à comunicação em saúde com qualidade na pandemia.

a gente viu que houve uma briga entre o governo federal e os estados, os estados fizeram um complô assinado, teve muita briga, teve um desentendimento, um desalinhamento na política nacional, durante a pandemia isso prejudicou muito o trabalho dos estados, prejudicou dos municípios. MT<sup>1</sup>

A distância entre a comunidade científica em geral e as instituições de pesquisa no Brasil, em particular, tais como a Fiocruz e o Instituto Butantã, e o cidadão comum que é o responsável pelo financiamento destas instituições ficou explícita. Os pronunciamentos desencontrados, a comunicação muito prescritiva sem qualquer diálogo com a sociedade, e a ausência de respostas rápidas relacionadas aos processos e métodos de pesquisa, por exemplo, que incluem testes, erros, percentagem de efeitos adversos desvelaram o fosso entre academia e sociedade, contribuindo para desinformação. A partir da pandemia, se tornou ainda mais urgente o in-

vestimento em divulgação científica no Brasil, para que as pessoas compreendam em linguagem simples e objetiva, como a ciência é feita, suas fragilidades, ritmo e potência. A ciência não é a única a dar respostas para a vida das pessoas, mas em se tratando de saúde, ter as pessoas confiantes na ciência brasileira pode trazer desfechos mais favoráveis que os da pandemia.

### Faltou jornalismo com menos aspas nos títulos

Dos seis entrevistados, quatro afirmaram que a cobertura da imprensa brasileira cumpriu com o seu papel e chamou atenção para o tema com compromisso de informar a sociedade, mas fizeram críticas com relação à divulgação no início da pandemia, devido à novidade do tema e à desinformação, assim como ao uso indiscriminado de jornalismo declaratório, sem espaço para se questionar o lobby da indústria farmacêutica em meio à corrida pela compra e venda das vacinas, por exemplo.

Se você atacasse o laboratório, você poderia estar admitindo o sinal contrário do que você era contra a vacina, então acho que houve uma confluência ali de situações que acabou favorecendo esse lobby dos laboratórios, que efetivamente ganharam muito dinheiro, né? Com razão ou sem razão daquele dinheiro, ele, que bom que as vacinas vieram. (...) Mesmo com a CPI, os laboratórios acabaram sendo beneficiados sobre essa dificuldade, um pouco de descuido, dos jornais não emitirem sinais trocados em relação a determinados tipos de medicamentos. Quando você tinha medicamentos que não funcionavam, beleza, né? (...) A gente sabe, o potencial de lobby de medicamentos para ter medicamento incluído no SUS, vocês acompanham isso, de como trabalham com alguns federais, ao Ministério da Saúde, tudo mais, e que determinado momento foi extremamente beneficiado, porque eu acho que sim, trazendo os jornais, mas não da imprensa toda. Talvez sim, talvez esse seja um mau sinal em relação à cobertura. Falta uma maior apuração sobre lobbies. DF1

O jornalismo declaratório constrói notícias embasadas apenas em declarações, deixando de fora o contraditório, buscado quando o repórter durante a apuração, questiona e evidencia erros, contradições e mentiras nas falas dos entrevistados. (Chagas & da Cruz, 2022). É importante perceber que a imprensa, pelo receio de ser considerada aliada de quem supostamente estaria indo na contramão das evidências científicas sobre a vacinação, não questionou os contratos milionários envolvendo recurso público e laboratórios privados, nem primou por um recurso básico do jornalismo, que está no questionamento das fontes e busca pelo contraditório, no tocante aos medicamentos, ao mesmo tempo em que colocava manchetes declaratórias que potencialmente induziriam as pessoas simpatizantes de quem fala, a crer

naquela informação destacada em um título, direto da boca da fonte.

Senti falta de um jornalismo que utilizasse menos o recurso das aspas nos títulos, colocando falas de fontes como sendo verdade. Por exemplo, em títulos que diziam “Cloroquina é eficaz no tratamento de covid-19”, diz Bolsonaro. Acredito que a responsabilidade do jornalismo é garantir a informação ao público com seriedade e títulos como este do exemplo serviram apenas para contribuir com a afirmação de que um remédio (com ineficácia comprovada) seria bom para o tratamento do vírus, quando não era. MS1

A pandemia foi abordada em praticamente todas as editorias dos veículos tradicionais, desde política, economia, esportes e cultura, cada uma com suas próprias perspectivas, com constante divulgação de novos casos, mortes, a sobrecarga dos leitos de UTI e os avanços científicos relacionados a nova doença. Esse aspecto diferenciou a cobertura em relação a outras no passado. Além das medidas de prevenção e controle anunciadas pelas autoridades, como restrições econômicas, a minimização da gravidade da doença pelo presidente da república e as críticas resultantes de políticos e protestos populares também receberam destaque na mídia, trazendo à tona a crise política, que se agravou posteriormente (Ferraz, 2020).

Outro aspecto interessante foi perceber como a imprensa passou a apresentar boas notícias sobre o Sistema Único de Saúde, que geralmente ganha as páginas dos jornais com denúncias, filas, descaso e mal uso dos recursos.

Eu, pessoalmente, também fico feliz em ver como o SUS foi defendido na pandemia. As pautas saíram do básico do problema e também mostraram a resistência do sistema e seus profissionais. Eu sou do grupo que acha que tem que mostrar os problemas existentes na rede de saúde sim (porque assim se cobra soluções), mas fico feliz que se mostre mais como o SUS funciona e que haja sua defesa (como na vacinação, que foi alvo de tantos ataques, até por autoridades). Ampliar o acesso à informação confiável foi um desafio nos anos iniciais da Covid e que vai continuar. Nesse contexto, embora dependa de assinaturas e outros, a imprensa precisa pensar em formas de ampliar o acesso com mais frequência a algumas informações de serviço (vacinas e etc). Isso foi feito no início da pandemia e precisa ocorrer mais vezes, como um compromisso contra a desinformação. DF2

Ao se analisar a cobertura do principal jornal da capital do Brasil sobre o SUS, no passado, era notável



a pouca apropriação dos jornalistas sobre as peculiaridades e abrangências deste sistema, com notícias que desqualificavam-no, não promoviam o conhecimento do Sistema de maneira crítica e contextualizada, desvalorizando sua abrangência. Os jornalistas, como formadores de opiniões e percepções, devem ter um olhar mais amplo sobre o SUS enquanto uma política pública de saúde e direito de todo cidadão brasileiro, e divulgar, com mais frequência, as conquistas do sistema. Sem esconder as mazelas, mas apostar em coberturas que apresentem também os avanços e inovações da saúde pública nacional. (Moares e Oliveira-Costa, 2017). Este olhar ampliado da imprensa para as ações e serviços do SUS foi notável durante a pandemia de covid-19.

Por ter coberto algumas epidemias anteriores, eu já sabia que precisava ter cuidado com alardes, ao mesmo tempo em que também não se podia minimizar riscos. Acredito que a pandemia reforçou a importância desse cuidado na cobertura de notícias de saúde. Outro ponto foi a importância de informações de serviço ao leitor. Sentí muito isso ao citar, em matérias, questões como uso de máscaras, testes, etc. Procurei sempre ter apoio de especialistas confiáveis e citar alguns estudos como base, mesmo que o foco da matéria fosse outro (ex. declarações e anúncios do governo). A pandemia também reforçou a importância do jornalismo profissional (sobretudo em contextos como o da tentativa do governo de omitir dados da Covid, por exemplo, e diante do alto volume de informações e desinformações). Também mostrou a importância do acompanhamento de políticas públicas. Como jornalista, porém, também aprendi a necessidade de priorizar alguns temas em meio ao alto volume de informações. Fiz muitas matérias especiais e de profundidade no período, mas gostaria de ter feito mais. DF2

### **Todo mundo teve que aprender alguma coisa sobre saúde para elaborar um texto**

A saúde não é uma área trivial, em que cabe apenas o senso comum e opiniões desta ou daquela fonte, mas exige preparo. Em se tratando de uma pandemia, em que as informações eram ainda muito novas e incertas para a comunidade científica, algumas redações trabalharam no improviso – e, apesar disso, deu certo.

Foi uma cobertura monotemática em diversas áreas. (...)Os jornais foram se enquadrando ali, foram colocando especialistas, para cobrir aquele tema. Lá não tinha repórter especializado para cobrir saúde, e você tinha que começar a preparar essas pessoas para tratarem daquele

tema. Então, por exemplo, fiz muita matéria de saúde, visando muitos especialistas de saúde e eu não tinha experiência de saúde. A única experiência de saúde que eu tenho é porque minha mãe é médica. DF1

Em meio aos aprendizados, trabalhar com a desinformação foi também algo novo. Apesar de o tema das informações falsas em saúde não ser novo, foi impulsionado pela sociedade da pós-verdade, em que fatos objetivos parecem importar menos às pessoas que impressões subjetivas sobre determinados assuntos. (Sacramento, 2018).

Aprender os trâmites de uma pesquisa, das vacinas... também aprendemos muito sobre a burocracia envolvendo medicamentos, protocolos e tratamentos. Acho que mais que nunca, entendemos a problemática das Fake News e de como o movimento antivacina cresceu no país. Fiz muitas matérias sobre isso no passado e era sempre algo considerado distante, longe, improvável. GO2

Os profissionais compreenderem a pandemia também como um momento importante para se repensar a prática jornalística e suas rotinas, com a necessidade de exercer os tradicionais princípios da profissão tais como a apuração bem-feita, ouvir o outro lado e inclusive se atentar para os interesses de grupos políticos e econômicos que se aproveitam de comoção nacional.

Checagem da informação. Eis a base do jornalismo. Um dos princípios fundamentais. Ao me deparar com informações que são sensíveis e envolvem, principalmente, a vida das pessoas, me visto dos fundamentos do jornalismo para que o público não receba conteúdo que pode prejudicar, sobretudo, sua vida. Coloco em cheque a informação utilizando fontes documentais e pessoais que analisem e falem a partir de dados técnicos e éticos sobre medicamentos, por exemplo. MS1

Na área de saúde, você tem que ter pessoas cobrindo esse pós-pandemia efetivamente ainda. Ainda tem de recuperar um pouco dos lobbies do laboratórios, por exemplo, lá, e você tem um histórico de contratos, de visitas, de agendas, né? De tudo isso. Então, assim, ficar escrevendo, mas também para você mudar e ter condições de apresentar, e que se continue nesse tema, cobrindo esse tema na área de saúde. DF1

A pandemia me fez repensar também que tipo de cobertura quero fazer no jornalismo (e a resposta talvez seja menos hard news, embora ame, e mais jornalismo em profundidade). (...)

Espero que as redações passem a valorizar mais esse aspecto. MS1

Cabe mencionar que, durante a pandemia, a Fio-cruz Brasília, por meio de sua Assessoria de Comunicação, ofereceu um curso de especialização em Comunicação em Saúde, sem custos de inscrição ou mensalidades, para 30 profissionais do Distrito Federal. A iniciativa, desenhada antes da pandemia e prevista como atividade presencial, foi totalmente remodelada para aulas online, devido ao distanciamento social e possibilitou que os comunicadores inscritos aprimorassem seu conhecimento em meio à emergência sanitária, com riqueza de debates relacionados àquele momento atual nas redações e nos governos. Iniciativas de formação na área da saúde devem ser fomentadas pelo setor público e privado da comunicação, pois em meio aos desafios cotidianos de cada jornalista está o ineditismo e incerteza das descobertas científicas a área da saúde. Lidar com os cientistas, os diferentes interesses em uma pesquisa, as vaidades e melindres do mundo acadêmico exige não só experiência profissional, mas também conhecimento de experiências exitosas e boas práticas de se comunicar saúde. O jornalista não pode ser visto somente como um simples descritor de informações dadas, ou leitor de notícias, mas como alguém que produz sentidos sobre saúde e precisa se formar bem para isso.

As limitações desta pesquisa estão na construção do corpus, que dependeu diretamente da disponibilidade e memória dos sujeitos de pesquisa.

---

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A pandemia impactou significativamente as rotinas e condições de trabalho dos jornalistas da região centro-oeste do Brasil entrevistados neste estudo. Os profissionais se adaptaram às novas formas de trabalho e os que já possuíam experiência na cobertura de temas de saúde tiveram menos dificuldades para lidar com as incertezas de se comunicar o risco sanitário.

A falta de investimento na formação de jornalistas na área de comunicação em saúde foi destacada como algo que dificulta a apuração, a distinção entre fontes confiáveis ou não e dá margem para a divulgação de informações falsas.

O home office foi a alternativa para a continuidade do trabalho, e apesar das dificuldades de contato presencial com fontes, revelou a necessidade de se reinventar a maneira de se checar os fatos e a investigação jornalística, com ganhos para aqueles que conseguiram se adaptar e prejuízos para os que não tiveram apoio e infraestrutura de seus locais de trabalho na execução deste novo formato laboral. Houve também críticas ao descaso das empresas em relação à saúde física e mental dos jornalistas.

É preciso formação dos jornalistas em comunicação em saúde, assim como o reconhecimento e a valorização de profissionais especializados nessa área. Além disso, é fundamental que a saúde permaneça como pauta prioritária dos veículos de comunicação, que não devem tratá-la de maneira sazonal, mas mantê-la no radar. Em se tratando ainda da covid-19, os interesses e acordos realizados durante a pandemia devem ser investigados, junto aos laboratórios farmacêuticos, governos e instituições públicas de saúde.

Cabe ressaltar ainda que as empresas de comunicação devem adotar medidas que priorizem a saúde e a segurança dos jornalistas, especialmente em momentos de cobertura de crises e alto volume de apuração. Os resultados não devem ser extrapolados para outras realidades ou sujeitos de pesquisa, pois refletem análise a partir das percepções dos sujeitos entrevistados, mas nos dão pistas para compreender os processos de comunicação e trabalho jornalístico durante crises sanitárias, pelos olhos dos próprios trabalhadores da notícia, e poderão ser utilizados em estudos futuros comparativos a outras realidades, regiões e profissionais do jornalismo durante a pandemia.

O fazer jornalístico mudou e está imerso em uma sociedade com avalanche informacional. Neste ambiente, que muda a todo instante, os profissionais da notícia devem se adaptar às novas necessidades da sociedade, e de maneira atualizada, comunicar saúde para além de só descrever números de mortos, leitos, vacinas, exames, sem deixar de fazer o bom jornalismo de qualidade, com apuração, checagem, desconfiança, ouvindo sempre mais de uma fonte, para que possam, de fato, promover saúde.

---

*Submissão: 10/07/2023  
Data de aceite: 08/05/2024*

## REFERÊNCIAS

- Associação Nacional de Jornais. (2024). *Número de Associados*. Recuperado de <https://www.anj.org.br/associados/>.
- Azevedo, A. P. M. de. (2012). Jornalismo de saúde: novos rumos, novas literacias. *Comunicação E Sociedade*, 185–197. [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1363](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1363)
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Trad. de Reto L.A.; Pinheiro A. São Paulo: Edições 70.
- Cajazeira, P. E. S. L., & Souza, J. J. G. de. (2022). O telejornalismo no Cariri Cearense: a rotina de trabalho dos jornalistas no contexto da pandemia da Covid-19 (2020 a 2022). *Comunicação & Informação*, 25, 78–92. <https://doi.org/10.5216/ci.v25.64443>
- Camponez, C., Miranda, J., Fidalgo, J., Garcia, J. L., Matos, J., Oliveira, M., ... & Silva, P. A. D. (2020). Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. *Relatório*. Recuperado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44291>
- Casero-Ripollés, A. (2021). O Impacto da Covid-19 no Jornalismo: Um Conjunto de Transformações em Cinco Domínios. *Comunicação e sociedade*, (40), 53-69. Recuperado de <http://journals.openedition.org/cs/5920>.
- Chagas, L. J. V., & Cruz, M. C. da. (2022). Jornalismo declaratório na cobertura eleitoral e a dependência das fontes oficiais. *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 11(2), 108–123. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v11.n2.2022.494>.
- Duarte, J., & Barros, A. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas.
- Federação Nacional dos Jornalistas. (2021). Departamento de Saúde, Previdência e Segurança. *Jornalistas vitimados pela Covid-19*. Brasília. Recuperado de <https://fenaj.org.br/dossie-jornalistas-vitimados-pela-covid-19>.
- Ferraretto, L. A., & Morgado, F. (2020). *Covid-19 y Comunicación: una guía practica para enfrentar la crisis*. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213929/001118205.pdf?sequence=1>
- Figaro, R., Marques, A. F., Camargo, C. A., Rebecchi, C. N., de Oliveira, D. F., Kinoshita, J. O., ... & Santana, Y. A. (2021). Os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. *Líbero*, (49), 61-89. Recuperado de <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1621>.
- Figaro, R., Visibeli Barros, J., Marques da Silva, A. F., Rodrigues, N., Kinoshita, J., Molianni, J. A., Acosta Camargo, C., & Oliveira, D. (2021). O trabalho do comunicador durante a pandemia da covid-19. *Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación*, 19(35). Recuperado de <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/678>
- Ferraz, L. M. R. (2020). Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 14(2). <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i2.2128>
- Ferreira, F. V., Meneses, G. S., Silva, N. F. D., Silva, N. L. D., & Borges, R. P. (2023). A precarização do trabalho da (o) jornalista na região Centro-Oeste. Trabalho apresentado em Anais do 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Recuperado de <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/a-precariizacao-do-trabalho-dao-jornalista-na-regiao-centro-oeste?lang=pt-br>
- Índice Verificador de Comunicação. (2024). *Auditorias*. Recuperado de <https://ivcbrasil.org.br/#/auditorias>.
- Kaufmann, J.C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 202p.
- Kreps, G. L. (2012). Health communication inquiry and health outcomes. *Comunicação e Sociedade*, 11–22. [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2012\).1351](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2012).1351)
- Kreps, G. L. (1988). The pervasive role of information in health and health care: Implications for health communication policy. *Annals of the International Communication Association*, 11(1), 238-276. <https://doi.org/10.1080/23808985.1988.11678690>
- Lopes, F., Santos, C. A., Peixinho, A. T., Magalhães, O. E., & Araújo, R. (2021). Covid-19: uma pandemia que reconfigura o jornalismo?. *Media & Jornalismo*, 21(39), 57-75. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_39\\_3](https://doi.org/10.14195/2183-5462_39_3)
- Martins, B. N., & Oliveira-Costa, M. S. de. (2023). Riscos da profissão: percepções dos jornalistas da capital brasileira sobre seu trabalho na pandemia. *Revista Española de Comunicación em Salud*, 35-46. <https://doi.org/10.20318/recs.2023.7165>
- Massarani, L., Neves, L. F. F., & da Silva, C. M. (2022). Excesso e alta velocidade das informações científicas: Impactos da COVID-19 no trabalho de jornalistas. *E-Compós*, 25. <https://doi.org/10.30962/ec.2426>
- Moraes, R. C., Oliveira-Costa, M.S., & Machado Mendonça, A. V. (2018). De que saúde pública estamos falando? Um olhar sobre os discursos jornalísticos no Correio Braziliense no ano de 2016. *Revista Latinoamericana De Ciencias De La Comunicación*, 14(27). Recuperado de <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/452>
- Oliveira, H; Gadini, S. (2020). *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*. 1ª edição – Aveiro: Ria Editorial.
- Oliveira-Costa, M. S. de., Costa. (2017). *Parem as máquinas! A gente não quer só comida: análise da alimentação como pauta jornalística*. (Tese de Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade de Brasília, Brasília, DF. Recuperado de <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/24397>
- Oliveira-Costa, M. S. de., Costa, D. R. T. da., Mendonça, A. V. M., & Renaud, L.. (2019). De que alimentação estamos falando? Discursos de jornalistas e análise de conteúdo de notícias populares. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e180093. <https://doi.org/10.1590/Interface.180093>
- Osmann, J., Selva, M., & Feinstein, A. (2021). How have journalists been affected psychologically by their coverage of the COVID-19 pandemic? A descriptive study of two international news organizations. *BMJ Open*, 11(7), e045675. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045675>
- Perreault, M. F., & Perreault, G. P. (2021). Journalists on COVID-19 Journalism: Communication Ecology of Pandemic Reporting. *American Behavioral Scientist*, 65(7), 976–991. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>
- Sacramento, I. (2018). A saúde numa sociedade de verdades. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação*

- Em Saúde*, 12(1). <https://doi.org/10.29397/reciis.v12i1.1514>
- Salazar de Pablo, G., Vaquerizo-Serrano, J., Catalan, A., Arango, C., Moreno, C., Ferre, F., Shin, J. I., Sullivan, S., Brondino, N., Solmi, M., & Fusar-Poli, P. (2020). Impact of coronavirus syndromes on physical and mental health of health care workers: Systematic review and meta-analysis. *Journal of affective disorders*, 275, 48–57. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.06.022>
- Spink, Mary Jane; Cordeiro, Mariana Prioli; Brigagão, Jacqueline I. Machado & Malinvern, Cláudia. (2021). *COVID-19: versões da pandemia nas mídias*. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. <https://doi.org/10.11606/9786587596136>.
- Schiavo, R. (2013). *Health communication: from theory to practice*. San Francisco: Jossey Bass.
- Tabai, B. J., Santos, T. B. D., & Coqueiro, J. M. (2022). Quando não é possível deixar de informar: o processo de trabalho de jornalistas durante a pandemia da Covid-19. *Saúde em Debate*, 46, 93-104. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E106>.
- Victor, C. (2023). Silêncio na redação – a saúde mental de jornalistas na abordagem da comunicação de riscos. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 17(1), 112–133. <https://doi.org/10.29397/reciis.v17i1.3400>
- Wong A. (2020). COVID-19 and toxicity from potential treatments: Panacea or poison. *Emergency medicine Australasia: EMA*, 32(4), 697–699. <https://doi.org/10.1111/1742-6723.13537>





**A Pandemia e o jornalismo brasileiro: o olhar de comunicadores do centro-oeste do Brasil sobre seu trabalho**

**La mirada de los periodistas de la región Centro-Oeste de Brasil sobre su trabajo durante la pandemia de covid-19**

**Journalists from the Brazilian Midwest and their Perception of their Work during the COVID-19 Pandemic**

**Le regard de journalistes de la région Centre-Ouest du Brésil sur leur travail durant la pandémie de Covid-19**

**Pt.** A pesquisa buscou compreender a percepção dos jornalistas da região centro-oeste do Brasil sobre o impacto da pandemia de covid-19 em seu trabalho. Foi utilizada metodologia qualitativa, descritiva e exploratória, com coleta de dados por meio de entrevistas online com seis profissionais da comunicação. Esses jornalistas relataram mudanças significativas em seu cotidiano, saúde e vida pessoal, resultantes da urgente necessidade de informar ao público sobre dados científicos atualizados em um contexto de incerteza generalizada. Foi possível observar que o período pandêmico não apenas trouxe desafios, mas também uma oportunidade para que os jornalistas revissem suas rotinas de trabalho e refletissem sobre as limitações do formato de trabalho totalmente presencial. Durante esse período, os profissionais da notícia descobriram novas possibilidades de trabalho remoto, o que levou a uma reavaliação da qualidade e eficiência da sua prática diária. No entanto, apesar de algumas empresas adotarem medidas para prevenir a propagação do vírus, em diversas situações essas ações só foram implementadas após pressão dos próprios trabalhadores. Isso expôs um descaso preocupante com a saúde física e mental dos jornalistas, que se sentiram vulneráveis e desamparados em meio à crise, assim como outras categorias profissionais. Outro ponto identificado na pesquisa foi a falta de uma comunicação coordenada entre governos, profissionais da saúde e instituições de ciência e tecnologia. Cada um desses grupos apresentava soluções distintas para lidar com a pandemia, o que gerou confusão e dificuldades na comunicação sobre questões de saúde pública. Essa fragmentação dificultou a disseminação de informações precisas e confiáveis durante a crise sanitária, impactando diretamente o trabalho dos jornalistas e, conseqüentemente, a qualidade da informação disponibilizada à população. Por fim, o estudo não apenas elucida os desafios enfrentados pelos jornalistas na pandemia, mas também destaca a necessidade de um diálogo entre áreas e categorias profissionais envolvidas na comunicação em saúde.

**Palavras-chave:** jornalismo, pandemia, covid-19, comunicação em saúde, trabalho

**Es** La investigación buscó comprender la percepción de los periodistas de la región Centro-Oeste de Brasil sobre el impacto de la pandemia de covid-19 en su trabajo. Se utilizó una metodología cualitativa, descriptiva y exploratoria, con recolección de datos mediante entrevistas en línea a seis profesionales de comunicación. Estos periodistas relataron cambios significativos en su cotidiano, salud y vida personal, resultantes de la urgente necesidad de informar al público sobre datos científicos actualizados en un contexto de incertidumbre generalizada. Se observó que el período pandémico no solo trajo desafíos, sino también una oportunidad para que los periodistas revisaran sus rutinas de trabajo y reflexionaran sobre las limitaciones del modelo de trabajo totalmente presencial. Durante este período, los profesionales de la noticia descubrieron nuevas posibilidades de trabajo remoto, lo que los llevó a reevaluar la calidad y eficiencia de su práctica diaria. Sin embargo, aunque algunas empresas adoptaron medidas para prevenir la propagación del virus, en muchas situaciones estas acciones solo se implementaron tras la presión de los trabajadores. Esto puso de manifiesto un preocupante desprecio por la salud física y mental de los periodistas, que se sintieron vulnerables y desamparados en medio de la crisis, al igual que otras categorías profesionales. Otro punto identificado en la investigación fue la falta de comunicación coordinada entre gobiernos, profesionales sanitarios e instituciones de ciencia y tecnología. Cada uno de estos grupos presentó diferentes soluciones para hacer frente a la pandemia, lo que provocó confusión y dificultades en la comunicación sobre temas de salud pública. Esta fragmentación dificultó la difusión de información precisa y confiable durante la crisis sanitaria, lo que repercutió directamente en el trabajo de los periodistas y, en consecuencia, en la calidad de la información puesta a disposición de la población. Finalmente, el estudio no solo dilucida los desafíos enfrentados por los periodistas durante la pandemia, sino que también pone de relieve la necesidad de diálogo entre las áreas y categorías profesionales involucradas en la comunicación en salud.

**Palabras clave:** periodismo, pandemia, covid-19, comunicación en salud, trabajo.

**En** This study sought to understand the perception that journalists in midwestern Brazil have about what kind of impact the covid-19 pandemic had on their work. A qualitative, descriptive and exploratory methodology was used, including data collection from online interviews conducted with six professional journalists. These journalists reported significant changes to their daily lives, health and personal lives as a result of the urgent need to keep the public informed about up-to-date scientific data during a time of widespread uncertainty. We observed that the pandemic not only presented journalists with challenges, but also an opportunity to evaluate their work routines and reflect on the limitations of the in-person work format. During this period, news professionals discovered new alternatives for remote work, which led to a reassessment of the quality and efficiency of their day-to-day practice. Even though some companies adopted measures to prevent the spread of the virus, many companies only took these actions after pressure from their employees. This led to a troubling disregard for the physical and mental health of journalists, who felt vulnerable and helpless amid the crisis, similar to other professionals. Another aspect identified in our research was the lack of coordinated communication between governments, health professionals and science and technology institutions. Each of these groups presented different solutions for dealing with the pandemic, which led to some confusion and difficulties when it came to communicating about public health issues. This fragmentation made it difficult to disseminate accurate and reliable information during the health crisis, and had a direct impact on the work of journalists and, consequently, the quality of information made available to the public. Lastly, this study not only explains the challenges faced by journalists during the pandemic, but also highlights the need for dialogue between professional fields involved in health communication.

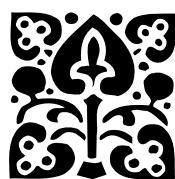
**Key Words:** journalism, pandemic, covid-19, health communication, work

**Fr.** Cette étude visait à comprendre la perception qu'ont les journalistes de la région Centre-Ouest du Brésil de l'impact de la pandémie de covid-19 sur leur travail. Nous avons utilisé une méthodologie qualitative, descriptive et exploratoire, avec un recueil de données par le biais d'entretiens en ligne avec six professionnels de la communication. Ces journalistes ont fait état de changements significatifs affectant leur quotidien, leur santé et leur vie personnelle, qui découlaient du besoin urgent de transmettre au public des informations scientifiques à jour dans un contexte d'incertitude généralisée.

Nous avons pu constater que la période de pandémie a été non seulement source de défis, mais aussi l'occasion pour les journalistes de revoir leurs routines de travail et de réfléchir aux limites d'une activité exclusivement en présentiel. Au cours de cette période, les professionnels de l'actualité ont découvert de nouvelles possibilités de travail à distance, ce qui les a conduits à réévaluer la qualité et l'efficacité de leur pratique quotidienne. Cependant, bien que certaines entreprises aient adopté des mesures préventives contre la propagation du virus, dans bien des cas, ces actions n'ont été mises en place que sous la pression des travailleurs eux-mêmes. Cela révèle un manque de considération inquiétant pour la santé physique et mentale des journalistes, qui se sont sentis vulnérables et désemparés face à la crise, au même titre que d'autres catégories professionnelles.

Notre étude a également pointé un manque de communication coordonnée entre les gouvernements, les professionnels de la santé et les institutions de sciences et technologies. Chacun de ces groupes a présenté des solutions distinctes pour faire face à la pandémie, ce qui a entraîné une certaine confusion et des difficultés à communiquer sur les questions de santé publique. Cette dispersion a entravé la diffusion d'informations précises et fiables pendant la crise sanitaire, en affectant directement le travail des journalistes et donc la qualité de l'information transmise à la population. Au-delà de la mise en évidence des défis auxquels les journalistes ont été confrontés durant la pandémie, cette étude souligne la nécessité d'un dialogue entre les différents secteurs et catégories professionnelles impliqués dans la communication en matière de santé.

**Mots-clés :** journalisme, pandémie, covid-19, communication en santé, travail



# “Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura

## Os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil

**MARIANA REIS**

*Grupo de Pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).  
Universidade Federal de Pernambuco  
paramarianareis@gmail.com*

**ISALTINA GOMES**

*Grupo de Pesquisa do CNPq Comunicação e Discurso.  
Universidade Federal de Pernambuco  
isaltina@gmail.com  
0000-0003-2256-8564*



este artigo, relatamos as formas de organização e as condições de produção de coletivos de jornalismo cultural no Nordeste do Brasil, mais especificamente, de Pernambuco (PE) e da Bahia (BA), aqui denominados *arranjos jornalísticos*, a partir do binômio comunicação e trabalho. O uso da terminologia *arranjos jornalísticos* neste artigo diz respeito à expressão cunhada por Figaro e Lima (2018), referindo-se a arranjos produtivos locais voltados à produção jornalística, ou seja, agrupamentos que podem se organizar de diferentes formas como garantia de sustentabilidade e expressar diversas práticas laborais, quais sejam, empresas, microempresas, organizações não-governamentais, coletivos culturais, movimentos organizados ou não, associações, e quaisquer outros tipos de grupos locais ou comunitários que, em seu campo de atuação, realizem atividades consideradas jornalísticas e se identifiquem, os próprios profissionais envolvidos nos processos, enquanto jornalistas.

Certamente, ao se avaliar o atual cenário do jornalismo, percebe-se se tratar de uma crise de modelo da tradicional empresa jornalística, ou crise do chamado *modelo de negócio*, mas não só: reflexo do nosso tempo, são indícios de profundas transformações no *mundo do trabalho* (Figaro, 2008) – *mundo do trabalho*, muito mais do que *mercado de trabalho*, por não se referir apenas a mudanças econômicas (flexibilidade de leis trabalhistas, empregabilidade, salários, cargos, fusões

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo

Mariana Reis, Isaltina Gomes, « “Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura: os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.526>





empresariais), mas, sobretudo, mudanças *relacionais*: exige-se um novo jeito *de ser* e *de se estar* no mundo do trabalho contemporâneo que, certamente, reflete-se não só nas práticas jornalísticas, mas também em sua autonomia, sustentabilidade e nas suas relações.

A oportunidade de serem *donos do próprio negócio* ou de estarem agrupados em empreendimentos comunitários, solidários, em rede – principalmente, o fato de não precisarem, grosso modo, reportar-se a um *patrão* e de ter uma maior disponibilidade de tempo para planejar e executar suas pautas, poderia se refletir na realização de um jornalismo *de melhor qualidade*.

Certamente, para além de uma visão *romantizada* do fenômeno, surgem desafios e conflitos, inerentes a toda relação de comunicação. Vale a pena explicar o uso do termo *jornalismo independente* para denominar tais grupos. Ao nos referirmos aos novos arranjos de trabalho do jornalista, estamos, de fato, tomando como ponto de partida o Mapa da *Agência Pública*, que toma como referência para o mapeamento, além da autodeclaração, os grupos que não estão ligados a conglomerados de mídia, que se organizam de forma coletiva – diferentemente de blogs que, muitas vezes, é fortemente marcado pelo perfil daquele jornalista – e que utilizam as plataformas digitais como principal ferramenta de divulgação dos conteúdos produzidos.

O Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho da Universidade de São Paulo (CPCT – USP), em cuja metodologia parte desta pesquisa se inspira, opta pela definição *independente/alternativo*, embora trabalhe, para fins de classificação e nucleação (organização dos arranjos em subgrupos por afinidade), com as seguintes categorias de análise: independente; alternativo; inovador; empreendedor; coletivo. Além das categorias *independente* e *alternativo* citadas acima, dentre os critérios para a seleção da amostra de São Paulo estavam a autodeclaração (como grupos de jornalismo) e a identificação, por parte dos responsáveis pela coleta de dados, de pelo menos dois marcadores do *fazer* jornalístico (rotinas, pautas, reportagens) identificados a partir da observação de suas plataformas de conteúdo.

Com isso, foi composto um banco de dados que pode servir de orientação para pesquisas derivadas. Importante dizer que o fato de um arranjo se autodeclarar como *jornalístico* não quer dizer que ele necessariamente tenha jornalistas de *formação* (graduados) em suas equipes de trabalho. Tal identificação – e o debate que pode derivar desses achados – é feita na etapa de entrevistas com os arranjos.

Denominam-se *arranjos* especialmente porque indicam novas formas de organização do trabalho e de sustentabilidade, para além dos chamados “modelos

de negócio” e das rotinas produtivas, como apontam os resultados parciais da pesquisa desenvolvida na Grande São Paulo: são desde contratados, assalariados e com carteira assinada em pequenas empresas; ora terceirizados como autônomos; às vezes são cooperados, alguns são incubados em projetos universitários, são financiados por editais públicos, fundações privadas ou financiamento colaborativo, são autofinanciados/voluntários.

Reconfigura-se, assim, até mesmo a tradicional estrutura da redação jornalística: alguns trabalham em *home office*, outros, em espaço de *co-working*, outros contam com sede própria ou utilizam salas cedidas por outros parceiros... Ou seja, são novas formas de organização produtiva, por isso, a pesquisa matriz opta pelo termo *arranjos*, ou melhor, *arranjos econômicos alternativos*, tomado emprestado dos estudos da economia e dos *Arranjos Produtivos Locais* (APLs), com o qual compactuamos e utilizamos para os fins desta pesquisa.

Em nosso caso, a escolha pela abordagem de estudo multicase (Yin, 1994) das experiências localizadas em Pernambuco e na Bahia se deve pelo fato de aproximações territoriais e afinidades socioeconômicas e culturais entre ambos os estados. Nesse sentido, para ser considerado um arranjo produtivo local jornalístico, aqui simplesmente denominados arranjos jornalísticos, é preciso ainda que tais agrupamentos desenvolvam atividades voltadas para seus próprios municípios, estados, regiões ou territórios de atuação, visando o desenvolvimento local de tais localidades e, ainda, não estejam diretamente ligados a conglomerados midiáticos de empresas de mídia tradicional, ainda de acordo com autores como Figueira (2013; 2017; 2018) e Lima (2015).

Nossa abordagem teórico-metodológica tem como ponto de partida o binômio comunicação e trabalho, os estudos do jornalismo e os estudos culturais, para melhor entender as condições de produção do fazer jornalístico em si e as relações de comunicação, ou mediações, empreendidas pelo jornalista em seu meio social. Trata-se de uma pesquisa social, qualitativa, de cunho exploratório (Gil, 2002), pois avaliamos ser este o melhor método para se analisar um fenômeno em constante processo de mutação e de movimento: a organização desses novos arranjos de trabalho.

A pesquisa exploratória, então, permite percorrer o território, buscando informações que auxiliem na melhor percepção do quadro apresentado, e é desafiadora nesse sentido justamente porque todos os elementos encontrados podem ser relevantes para a continuidade da investigação. Assim, interessa-nos aqui a empiria, que vai nos apontar as pistas de quais caminhos seguir. Nesse sentido, a coleta de dados indica o caminho

para a composição do objeto (sujeitos) de estudo e da amostra empírica.

Sob este prisma, “essa metodologia de pesquisa se mostra adequada porque os proponentes desse estudo não têm como formular de antemão as características predominantes desses *arranjos econômicos alternativos*, além de repetir o que eles próprios afirmam, isto é, não se organizam como as grandes empresas de mídia” (Figaro, 2018).

Com isso, “realiza-se um diagnóstico do cenário em que estão os *novos arranjos* do trabalho do jornalista, como se estruturam e se organizam, para o posterior aprofundamento da investigação conforme os objetivos enunciados” (Figaro, 2018).

A metodologia para realização da pesquisa de tese de doutoramento da primeira autora, da qual deriva este artigo, utiliza, ainda, pesquisa bibliográfica, a partir da leitura do referencial teórico e levantamento do estado da arte de livros, teses e dissertações sobre jornalismo/mídia independente; referências nas teorias da comunicação, teorias do jornalismo, sociologia do trabalho e leituras sobre políticas públicas de comunicação e cultura. Além disso, junto aos arranjos escolhidos, fizemos uso de técnicas etnográficas como observação participante e entrevistas em profundidade, semiestruturadas, entendendo estas últimas como essenciais para se captar a subjetividade dos sujeitos na pesquisa qualitativa (Minayo, 1996).

O ponto de partida para a escolha dos sujeitos de pesquisa, iniciada em 2016 e defendida em tese em 2021, foi a identificação dos arranjos jornalísticos do Nordeste. Para isso, retomamos o banco de dados da pesquisa matriz do CPCT de 2017, elaborado a partir da combinação entre pesquisa exploratória e a técnica da *bola de neve (snowball)*, para compor uma amostra, um quadro inicial de estudos. O CPCT adaptou tal técnica – utilizada quando não é possível extrair uma amostra estatística de determinada população – para ser aplicada a pesquisas qualitativas e não-probabilísticas. Na ocasião, tivemos acesso ao banco de dados e ao convívio e troca de experiências junto aos pesquisadores do CPCT partir de estágio de pesquisa desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) ainda em 2017.

Após mapeamento e questionários iniciais com os arranjos previamente selecionados, delimitou-se o escopo de seis agrupamentos para visitas *in loco* e abordagem de entrevistas em profundidade como técnicas combinadas de metodologia para o estudo. O objetivo inicial era analisar agrupamentos de mídias culturais digitais já surgidas a partir da web 2.0, sem vínculos com conglomerados midiáticos e que tivessem ao menos cinco anos de atividades, de modo a abarcar o quesito de longevidade de atuação na Internet, a partir do

estado da arte de outras pesquisas recentes ligadas a jornalismo digital (Almeida, 2006; Alonso, 2011). Para isso, além das dissertações e teses defendidas de 2015 para cá nesta temática, um importante estudo que nos serviu de base na revisão bibliográfica mais recente, na ocasião da escrita deste artigo foi, sem dúvida, a publicação *Arranjos Jornalísticos Alternativos e Independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas produtivas*, uma coletânea de artigos derivados de pesquisas que demonstram que o fenômeno dos arranjos jornalísticos têm avançado em todas as regiões do País, de norte a sul, considerando-se, obviamente, as nuances e singularidades locais (Figaro & Nonato, 2021).

Ainda no quesito metodológico, vale salientar que, nos questionários prévios, era preciso que os mesmos se autodeclarassem como agrupamentos *jornalísticos culturais*, mesmo que não necessariamente fossem projetos ou iniciativas lideradas por jornalistas profissionais. Com a atenção a esses critérios acima mencionados, a pesquisa ficou delimitada aos seguintes *arranjos jornalísticos*: as revistas culturais eletrônicas *Gambiarra* (BA), *Outros Críticos* (PE) e *O Grito!* (PE) e os portais de notícias culturais *Sotero Preta* (BA), *Correio Nagô* (BA) e *iTeia* (PE e BA).

A opção pela análise dos arranjos jornalísticos dos Estados de Pernambuco e da Bahia, ambos na região Nordeste do Brasil, deveu-se ao fato de a região ter uma expressiva produção cultural, além de contar com considerável número de faculdades e cursos de comunicação, inclusive com a interiorização recente dos cursos de graduação, nas últimas duas décadas, gerando novos postos de trabalho para jornalistas para além das capitais e dos grandes centros urbanos (Mick & Lima, 2013).

Importante destacar que, entre os arranjos analisados, cinco estão geograficamente localizados e abrangem como área de atuação jornalística as capitais Recife (PE) e Salvador (BA), sendo que o Portal iTeia atua de forma descentralizada em ambos os estados e a Revista Gambiarra é a única localizada no interior, em Vitória da Conquista, região sudoeste do Estado da Bahia onde, vale ressaltar, há universidade pública com cursos de Comunicação Social – sendo a graduação em Jornalismo uma das pioneiras da região. Já as capitais contam com cursos de nível superior em Jornalismo e também em Produção Cultural, embora a graduação acadêmica em jornalismo não seja um definidor para o reconhecimento desses trabalhadores como jornalista cultural, como desdobraremos a seguir.

---

#### **GANHAR A VIDA A PARTIR DO JORNALISMO**

---

*Ganhar a vida* é uma expressão muito utilizada no Brasil como sinônimo para trabalho. Optamos por essa

terminologia por crer que sintetiza bem a forma como os seis jornalistas entrevistados percebem sua relação com as atividades laborais que realizam. *Ganhar a vida* através do jornalismo é o que todos os entrevistados fazem. No entanto, todos têm outras fontes de renda: o trabalho no arranjo não é a principal fonte de renda em nenhum dos casos estudados.

Essas outras fontes de renda são como docentes no Ensino Superior, como professores da iniciativa pública ou privada; *freelancers* em assessoria de imprensa para grupos culturais ou outros empregadores, inclusive sindicatos; empregos públicos em órgãos governamentais; produtores culturais, DJs.

O arranjo não é, em nenhum dos casos, a primeira ou principal fonte de renda — mas um espaço de conciliação entre geração de renda, ativismo e, principalmente, fazer o que gostam e no que acreditam. É o que nos diz o relato de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

A Gambiarra começou *nessa pegada*, a gente via uma possibilidade de ter uma sustentabilidade, para o projeto e para a gente mesmo. A gente estava saindo da universidade, meio sem saber o que fazer, porque na realidade local, o mercado de comunicação não é muito favorável e isso vai precarizando ainda mais. Só que, atualmente, a gente até enquadrou a Gambiarra como um veículo sem fins lucrativos. Para manter o site no ar, a gente já tirou dinheiro do bolso graças a outros trabalhos que a gente faz aqui na cidade. (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, depoimento oral)

Apenas um dos jornalistas declarou ser sindicalizado e, além disso, ter uma relação mais formal com este — exerce cargo sindical. O contato com movimentos sociais acontece em todos os casos — seja movimento estudantil, movimento negro, movimento sindical, movimento LGBTQIA+, movimento pela democratização da comunicação ou, ainda, movimento em defesa da cultura e pelo *software livre*. É como verificamos no depoimento a seguir, de André Santana, do *Portal Correio Nagô*:

O primeiro movimento que eu fui fazer parte foi o Mídia Étnica. A gente estava dialogando com os estudantes, com a Executiva Nacional de Comunicação Social (Enecos) e com mídia livre. Mas eu não fazia parte. A gente ia fazer atividades. (...) Depois eu passei a participar do movimento negro, atuei em mandatos parlamentares, mas nunca me filiei oficialmente a nenhum partido. Eu sou do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Bahia (Sinjorba), cheguei a ser diretor dessa pauta de Gênero e Raça,

durante um tempo. Mas a gente nunca teve o Mídia Étnica vinculado a nenhuma entidade nacional, coletivos e tal, e nem a partido político (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral)

O mesmo pode ser extraído da fala de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, quando se declara ativista pela cultura e pelo *software livre*:

Participo do movimento Música Para Baixar, da Rede de Produtoras Culturais Colaborativas, participo da Rede de Pontos de Cultura no Brasil, participo do Movimento de Economia Solidária, das Rádios Comunitárias Brasileiras, não da Associação, não sou da Abraço, mas participo do movimento de organizações. Do Movimento de Software Livre, principalmente, sou muito ativo. Lá em Porto Alegre, desde a época em que eu morei lá, da Associação Software Livre, do Fórum Internacional de Software Livre, que acontece todo ano em Porto Alegre (Pedro Jatobá, *Portal ITEia*, 20 de janeiro de 2019, depoimento oral).

---

#### A PRÁXIS JORNALÍSTICA NOS ARRANJOS DE JORNALISMO CULTURAL

---

Outro ponto de destaque da pesquisa é que todos se declararam jornalistas, mesmo os que não têm formação superior em Jornalismo. E também todos se declararam trabalhadores. Assim, talvez o campo jornalístico possa ser entendido aqui também como campo de trabalho (Bourdieu, 2005), atentos aos limites éticos que muitas vezes essas relações podem apresentar.

É o que revela o depoimento de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, que não é formado em Jornalismo, mas se considera jornalista e trabalhador, não só no jornalismo, mas também atuando em profissões correlatas ligadas à comunicação, tecnologia e artes em geral:

*Eu me considero um trabalhador.* Eu atuo no jornalismo desde 2003. Antes disso, eu tive sites pessoais. Tive um site de humor que a gente publicava conteúdos, mas não é uma coisa que eu registro como jornalismo, era muito uma brincadeira. A partir de 2003, eu atuo dentro de um site de cultura muito importante de Pernambuco, dentro do *Jornal do Commercio*. Sou cooperado, pago o INSS, dentro da minha cooperativa recebo por horas de trabalho. No Instituto Intercidadania sou trabalhador voluntário, muitas vezes, mas não deixo de realizar trabalho. Muitas vezes eu não estou recebendo nada e estou trabalhando. Como músico, me

considero, cada vez mais, como DJ, produtor cultural, um *trabalhador* porque ultimamente eu tenho tocado no Digitália, em Salvador, no Pelourinho, toquei no Carnaval de Mucugê ganhado cachê. *Se eu estou ganhando cachê eu estou sendo exigido como trabalhador. Então me vejo como um trabalhador em todos esses prismas* (Pedro Jatobá, *Portal ITeia*, 20 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Caso parecido é o de Carlos Gomes, que não tem formação em Jornalismo, mas a partir do blog, e depois site, voltado para entrevistas e crítica literária, buscou o mestrado em Comunicação como uma forma de interface maior com essa área, com a qual já se afinava:

Eu fiz toda a formação em Letras, habilitação português e inglês. Só que eu foquei em literatura e, assim que eu me formei, fui trabalhar como revisor na Secretaria de Direitos Humanos daqui do Recife. Na verdade, era numa agência que prestava serviço para a Secretaria. Fiquei quase dois anos lá trabalhando e, em paralelo, envolvido com o Outros Críticos... ligado muito à crítica, jornalismo, eu me interessei muito pela área de comunicação e algumas pessoas da área de comunicação começaram a também colaborar com o Outros Críticos. Eu tinha um projeto sobre tropicalismo e *manguebeat*, que achava que cabia no curso de Comunicação e aí fiz o mestrado todo em Comunicação (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

É interessante perceber nesses depoimentos que, mesmo quando os entrevistados fazem uma crítica aberta aos modelos de negócio e modos de produção do jornalismo tradicional, muitas vezes, reportam-se a estes para respaldar suas trajetórias e referendar suas experiências.

Ainda no sentido desta comparação, foram apontadas, nestes discursos, as diferenças entre jornalismo independente e jornalismo tradicional. Para Jamile Menezes, do *Portal SoteroPreta*, a inovação no conteúdo é um dos principais marcadores desta diferenciação:

A diferença do jornalismo tradicional é que o conteúdo é diferente. É único, é especializado, é o único portal hoje especializado em cultura negra, onde você só vai ter registros em memória e divulgação de cultura negra na cidade. Então, a grande diferença seria essa. E também o olhar, a gente é jornalista, a gente é preta, a gente tem um olhar sobre a nossa cultura que é completamente diferente da mídia tradicional, digamos assim. *Faz tempo que a mídia tradicional não é*

*feita por nós. Então, como não é feita por nós, não é vista como nós vemos* (Jamilé Menezes, *Portal SoteroPreta*, 17 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Já André Santana, do *Portal Correio Nagô*, é assertivo ao afirmar a proposta do seu arranjo como em contraposição ao que é feito na mídia tradicional:

A gente não entra nesse discurso da mídia tradicional dessa pseudo imparcialidade, a gente não acredita nisso porque a gente sabe que todos os veículos têm lado, só não declaram, só não têm coragem de afirmar. A gente não, a gente está do lado realmente da comunidade negra, que sabe que historicamente esteve à margem, foi discriminada, foi afastada dos seus direitos. E o que há de melhor acima dessas duas coisas que eu falei é o espaço de formação. Isso a gente não abre mão. Então, *Correio Nagô* é um espaço de formação. Todo mundo que entra aqui, entra com esse intuito. A gente tem uma produção a cumprir, a gente produzir conteúdo, tem que submeter texto, tem que fazer conteúdos audiovisuais, mas a gente tem que estar se formando o tempo todo. Essa casa funciona com muitas atividades, muitos eventos para isso, para formar as pessoas que estão aqui dentro. Isso, para a gente, é fundamental (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Por outro lado, Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*, embora declare fazer jornalismo independente, percebe a mídia independente não como *alternativa* à mídia tradicional, mas como mais uma categoria do jornalismo, que se soma ao que já vem sendo realizado, substituindo lacunas e contribuindo para a pluralidade de vozes, especialmente em cidades do interior:

A gente meio que tentou fazer algum movimento para a gente ir educando a cidade, nesse sentido, da importância do jornalismo, da importância de se investir no jornalismo, como é uma cidade muito forte no comércio, muito forte na parte da construção, educação também, é um polo de educação. As nossas pautas são muito voltadas para a questão social, ativista e tudo o mais. Além de tudo isso, essas pautas que a gente traz na Gambiarra não são pautas que estão presentes nesses veículos tradicionais locais. E aí a gente consegue dar visibilidade (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Também aponta como principal diferenciação nessa *práxis a proximidade* com as temáticas, uma vez que, a seu ver, os jornalistas independentes já atuam nesse



campo de ação em defesa dos direitos humanos e nos movimentos sociais. Além disso, também observa que a mídia tradicional, nos últimos anos, também se inspira na práxis jornalística das mídias independentes:

Acho que o principal ponto de diferença com a mídia tradicional é a quebra com a parcialidade, com o mito da parcialidade. Eu acho que isso é o principal. Mesmo com a mídia tradicional absorvendo muita coisa da mídia independente nos últimos tempos, as narrativas, são uma coisa que eles não quebram, são imparciais, aquilo ali é a grande verdade. A gente sempre faz questão de dizer para todos espaços que a gente está na cidade ou com outros colegas, que a nossa intenção em chegar não foi substituir ninguém, não foi substituir o blogueiro das notícias<sup>1</sup>, foi complementar com a notícia.

*Por isso que a gente é diferente, porque a gente chegou para completar, não para substituir, o que ele está fazendo. A gente veio para dizer que existem outros olhares, existem outros olhares sobre as coisas, isso é uma coisa que o jornalismo tradicional ainda peca muito. Acho que isso ainda não foi revertido nesse olhar. E eu acho que também esse contato direto com as fontes, não é um contato, é uma vivência. O contato que a gente tem com as fontes não é o contato de eu ter o telefone da fonte e ligar para ela. É um contato de estar nos mesmos espaços, de estar nos grupos de discussão, de estar nas mesas de discussão, de estar no ambiente em que a gente se encontra, que essas coisas são discutidas. (Rafael Flores, Revista Gambiarra, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

Já Paulo Floro, da *Revista o Grito!*, aponta a passagem profissional sua e de seus colegas de equipe nos cadernos culturais de veículos tradicionais como um conjunto de conhecimentos necessários para o trabalho que realizam hoje. Além disso, o próprio acúmulo com a experiência docente em cursos de Jornalismo parece ser um diferencial na realização deste trabalho:

Os três editores, todos trabalhamos em veículos tradicionais, *JC, Diário, Folha*<sup>2</sup> Os três são professores também, um deles já foi coordenador do curso de Jornalismo, tem uma longa experiência, pós-doutorado. Então, a gente tem esse *background* muito grande desse jornalismo tradicional (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

Ao mesmo tempo, ele aponta aproximações e distanciamentos entre o jornalismo que é produzido na mídia independente e na mídia tradicional:

*Eu acredito que o jornalismo independente traz uma experiência muito grande de um jornalismo mais tradicional, porém se permite uma maior desconstrução. Eu identifico muitas coisas que a gente [*Revista O Grito!*] faz muito ligadas ao jornalismo tradicional, o que é bom também. Por exemplo, a gente tem um rigor muito forte em relação à apuração, ao estilo, a gente tem um manual muito pré-determinado de como se organizam nossas reportagens, nossos materiais têm uma padronização muito forte. Mas, por outro lado, a gente é muito mais livre em relação às pautas, eu acredito, que você não encontraria isso no jornalismo tradicional.*

*A gente se permite mais ousar na linguagem, trabalhar a linguagem numa maneira mais um pouco diferente. Mas eu acredito também que o jornalismo tradicional vem se reinventando um pouco. E a gente vê jornais tradicionais com muita inovação, muita experimentação. Eu acho que a internet veio para quebrar todas as estruturas de tudo, do que chama de jornalismo pós-industrial, que é essa necessidade de uma reinvenção. (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

Outra questão levantada pelo entrevistado são as inovações e experimentações trazidas por ambos os tipos de mídia, ao mesmo tempo em que observa que o jornalismo tradicional, embora conte, muitas vezes, com aparato tecnológico suficiente, tem dificuldades na mudança de práticas e hierarquias:

Eu acho que o jornal local não conseguiu avançar nessa necessidade de invenção que a internet trouxe. Eu trabalhei durante muito tempo no jornal local, a gente ficava lá louco tentando entender como fazer jornalismo dentro desse novo momento. Por outro lado, a gente era muito preso a uma rotina de trabalho muito ligada ao jornal tradicional. *A aposta era muito mais tecnológica, quando na verdade a necessidade era de uma mudança de rotinas produtivas, de modo de produção.* Então, o jornal daqui investiu muito tempo em novas tecnologias, em especiais superelaborados e bonitos.

Mas, na prática, era o tipo de jornalismo muito ligado ao que já fazia no papel. O próprio jornal tinha essa hierarquia, você não podia criar algo que furasse o jornal impresso. Era um produto ainda muito privilegiado. *E foram surgindo outras vozes, outros sites, outros espaços que começaram a tomar lugar desse jornal mais tradicional* (Paulo Floro, *Revista o Grito!*, 31 de março de 2019, grifos nossos, depoimento oral).



Carlos Gomes, da *Outros Críticos*, também concorda com Paulo Floro, percebendo as contradições da relação do próprio arranjo com a mídia tradicional, quando diz:

A gente não tem esse preconceito de fazer uma separação “não, o que a gente faz é experimental, é de vanguarda e o que jornalista na redação faz é uma coisa ultrapassada”. Não... Há coisas do jornalismo tradicional que a gente é muito crítico, mas há também pequenas invenções dentro do jornalismo tradicional. Por exemplo, Fabiana Moraes<sup>3</sup>, os cadernos que ela fazia dentro do *Jornal do Commercio*.

*Dentro dos jornais a gente percebia pequenas coisas de invenção. Essas coisas atraíam a gente. A gente conseguia puxar algo, deslocar algumas coisas de lá para o trabalho da gente. E eu também sentia uma reverberação dentro dos jornais – críticos de música, principalmente –, de gostar do trabalho que a gente fazia. A gente tem uma crítica muito grande ao jornal tradicional, que é dessa coisa do agendamento, de ficarem muito preso à agenda e que, muitas vezes, a gente próprio se utiliza (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

---

#### ATUAÇÃO POLÍTICA DOS ARRANJOS EM CONSONÂNCIA COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS

---

Sobre as condições de surgimento do arranjo, muitas vezes, a dificuldade enfrentada no mercado de trabalho formal ou a relação com movimentos estudantis desde a universidade provocaram a ideia de constituir o arranjo. De toda forma, este surge como projeto possível de gestar o jornalismo que eles, de fato, querem realizar, a partir de seus valores e princípios éticos. Como revela Paulo Floro, da *Revista O Grito!*:

Eu sempre gostei do jornalismo, em si. Era uma coisa que eu me apaixonei ainda como adolescente e sempre quis trabalhar e criar um próprio veículo. Admirava muitos sites gringos que eu lia, que falavam de bandas que eu gostava, o modo que eles falavam de música de uma maneira muito crítica e também de quadrinhos. Dessa necessidade de ler sobre coisas que eu não encontrava nos outros sites, eu decidi fundar um blog, ainda como estudante, junto a dois colegas. Um estudava comigo, que era Fernando Albuquerque, na Católica, e o outro era um cara de *webdesigner*” (Paulo Floro, *Revista O Grito!* 31 de março de 2019, depoimento oral).

Outra colocação neste sentido podemos perceber no discurso de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

A nossa política editorial foi bem clara no próprio subtítulo, *Revista Gambiarra - Jornalismo, Cultura e Ativismo*. Tudo o que a gente se interessa por cobrir vai nesse perfil. O jornalismo, nessa questão da profundidade, da preocupação com a reportagem, uma coisa que está meio abandonado, mas *faz parte do DNA da Gambiarra*. A reportagem, desde o início, de trazer essa profundidade para as informações locais, que é uma coisa que a gente sentia muita falta. A cultura, porque a gente já traz essa bagagem da produção cultural e estar dentro desse processo da cultura independente de Vitória da Conquista e o ativismo, também, para a gente ter essa relação. Então, nossas pautas sempre são voltadas para esses eixos. Sempre pensando questões das pautas que chegam até a gente (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

A defesa da mídia livre e a apresentação das contradições na presença das chamadas mídias *livres/independentes* em redes e plataformas de softwares proprietários é exposta na fala de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*:

*O que fazemos é mídia independente. E existe mídia livre em plataformas proprietárias? Essa é uma outra pergunta que eu deixo para vocês até questionarem. Eu vejo um monte de coletivos que se afirmam mídia livre e que tão colocando um monte de conteúdos para multinacionais nessa lógica, que a gente está discutindo aqui. Estão cedendo toda a militância, os rostos de todo, os reconhecimentos faciais de Facebook. Usando plataformas que na verdade geram uma grande base de dados contra nós e que nós já cedemos os direitos autorais da nossa imagem, nossa cara no vídeo que está ali, tudo (Pedro Jatobá, *Portal ITEia*, 20 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

As relações dos arranjos com os movimentos sociais – previamente existentes, ou organizadas a partir da própria constituição dos arranjos – podem ser percebidas, de uma forma ou de outra, nos arranjos estudados. É o que se percebe na fala do entrevistado André Santana, do *Portal Correio Nagô*, ao correlacionar a militância do movimento negro à militância na pauta da democratização da comunicação:

A gente queria ter essas duas frentes de luta. Dentro do movimento de democratização da comunicação, a gente queria colocar a pauta racial como prioritária. Não pense que é fá-

cil. Foi muito difícil. Por isso que foi criado o Instituto Mídia Étnica. E como a gente achava que a gente não podia somente ficar fazendo frente à mídia tradicional, criticar, apontar as violações na mídia, a gente também tinha que ter a nossa própria mídia. Como o movimento negro já tinha criado mídias, como o *jornal do MNU*, o *jornal Ìrohìn*, a gente também tinha que ter o nosso veículo de comunicação. Então, em 2008, a gente criou o *Correio Nagô*, que é um portal de notícia voltado para pautar essas questões negras, questões raciais. É um veículo da mídia independente, um veículo jornalístico, a gente produz conteúdo jornalístico, de audiovisual há dez anos (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Paulo Floro, da *Revista O Grito!*, também apresenta as intersecções entre as pautas culturais e os movimentos sociais na cobertura jornalística de seu arranjo:

A gente cobre todo o espectro da arte. Mas nosso foco principal é música e quadrinhos. Mas a gente trata de tudo, de teatro, de cinema, tudo cai na nossa rede. Volta e meia a gente também faz um pouco... não é que foge, mas, de fato a gente trabalha, por exemplo, questões de política pura e simplesmente. Por exemplo, marcha das mulheres. Teoricamente não é ligada à arte, mas a gente uma cultura social. É importante, então, a gente trabalha. Se a gente encontra algum link com cultura, a gente dá um destaque, trabalha dentro do espectro da arte. Volta e meia a gente também está trabalhando outros aspectos. Algo que não necessariamente seja um produto lançado, uma banda nova (Paulo Floro, *Revista O Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

---

#### SUBSISTÊNCIA E SUSTENTABILIDADE DOS ARRANJOS DE JORNALISMO CULTURAL

---

Dentre as novas funções desempenhadas pelos jornalistas estão, em especial nestes arranjos estudados, o papel de produtor cultural – escrevendo e gerindo projetos, produzindo livros, lançamentos, eventos e festivais. Também observamos o acesso a políticas públicas como fomento, e outras formas de sustentabilidade, inclusive a atuação dos arranjos na linha tênue entre jornalismo e produção cultural.

É o que podemos perceber dos depoimentos de Carlos Gomes, da *Revista Outros Críticos*, transcritos abaixo, que revelam a opção por adotar o acesso a editais e projetos para ter mais condições de produzir um

trabalho com criatividade e tempo de qualidade, em vez de se limitar a modelos de negócio pré-definidos:

*Outros Críticos não é um empreendimento no sentido de acordar todo dia de manhã e trabalhar e ter uma remuneração. A remuneração é muito difusa. A gente até pensou “será que dá para a gente fazer uma coisa mais caprichada para o Outros Críticos, transformar num empreendimento mesmo, jornalístico, e tentar uma startup ou alguma coisa desse tipo?”. Mas acabou que a gente nunca fez, a gente acabou apostando em outras coisas. Como tem muita coisa da literatura, da música... Por exemplo, esse ano, eu vou lançar um livro de poesia, ele está se transformando num disco também. Eu estou focando mais nisso agora. É menos economia criativa e mais essa ideia de inovação na linguagem. A gente trabalha muito inovando na linguagem. Se um jornalista pegar a publicação da gente e for ler de fato, for ver a relação que uma revista tem com uma outra, que um tema tem com o outro, ele vai ver uma série de pequenas invenções no campo da linguagem jornalística (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, grifos nossos, depoimento oral).*

Ao mesmo tempo, Carlos Gomes tem clareza de que movimenta a cadeia da economia criativa a partir desse trabalho:

*Aprovamos site, festival, livro. Então, uma coisa que a gente movimenta é relacionada à economia... é de ter muita gente trabalhando, sete projetos... projetos de R\$ 30 mil a projetos de R\$ 100 mil. Então, é uma grana, um investimento grande, para muita gente. É uma característica da gente que a gente sempre trabalha com muita gente, cada projeto a gente vai apertando o orçamento porque a gente gosta... como eu gosto de trabalhar com muitas linguagens, acaba que sempre tem gente participando dos projetos (Carlos Gomes, *Revista Outros Críticos*, 13 de abril de 2019, depoimento oral).*

O mesmo pode ser percebido no depoimento de Rafael Flores, da *Revista Gambiarra*:

*A gente sempre foi ligado à cultura e a gente é produtor cultural. Nessa época, nós fizemos o edital para o Festival Suíça Bahiana, de 2011 e, posteriormente, para o Festival da Juventude – dois festivais. Que era um festival que tinha, além da programação musical – cultural, dança, vários eixos –, tinha também a parte de formação, os debates, as rodas de conversa, sempre com temas que estavam sendo debatidos naquele período. Uma das palestras de abertura foi com*

Ariano Suassuna (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

Sobre as principais fontes de acesso a recursos, o depoimento de André Santana, do *Portal Correio Nagô*, revela-nos os fundos internacionais como maior fonte de sustentação, como podemos aferir a seguir:

A gente recebe muito financiamento internacional, então as exigências são muitas. Então tem que estar tudo certinho com a documentação, pois são recursos internacionais de fundações privadas internacionais: Fundação Kellogg, Fundação Coca-Cola, Ford Foundation, Brazil Foundation. A gente apresenta os projetos... eles abrem os calendários de editais, a gente apresenta as propostas, eles se interessam e a gente tem feito dessa forma. A gente só teve dois recursos públicos que acessou ao longo dos nossos 14 anos. Um foi um recurso pequeno, para mídias digitais, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Foi um edital que acho que existiu só uma vez. Mas a gente sempre evitou recursos públicos. Tanto pelos vínculos, porque a gente não queria muito se vincular às gestões, depois porque a gente sabia que eram muitas exigências, muito difícil para pouco dinheiro. (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 11 de janeiro de 2019, depoimento oral).

Concomitantemente, o depoimento dele expõe as contradições dentre a manutenção de uma *práxis* jornalística de qualidade e a sustentação do veículo:

Hoje, o grande desafio nosso é a sustentabilidade, é a gente pensar o *Correio Nagô* como um veículo sustentável. O *Correio Nagô* foi criado pelo Mídia Étnica e foi mantido pelo Mídia Étnica nesses anos todos. Quando a gente pensou que deveria ter uma estratégia independente do *Correio Nagô* de sustentabilidade, ou seja, que o recurso viesse do próprio *Correio Nagô*, através da produção, do conteúdo, a gente se deparou com essa grande crise da comunicação, dos veículos comerciais todos.

Então, hoje há uma grande dúvida de toda a mídia – seja impressa, digital – como se sustentar, como se manter. A questão das assinaturas super questionada, as pessoas cada vez pagando menos por informação. As pessoas não estão comprando mais jornal, não querem comprar revista, os sites pensando como se tornar sustentáveis a partir da publicidade digital. Esse é o desafio que a gente tem. Quando a gente pensou “opa, o *Correio Nagô* tem que se manter, tem que se bancar, tem uma história, tem um conteúdo relevante, tem um público. Como é que a gente faz

para se manter?”. Foi então que a gente se deparou com essa crise, que é uma crise geral da imprensa. Então esse é o grande desafio que a gente tem para o futuro (André Santana, *Portal Correio Nagô*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Jamile Menezes, do *Portal Soteropreta*, também relata os desafios de sustentabilidade do arranjo em questão, especialmente, por questões éticas relacionadas à dupla jornada por ela exercida, em cargo público e na mídia independente:

Eu tenho buscado editais para o portal. Só que infelizmente a minha área é cultura e eu estou dentro de uma Secretaria de Cultura, então eu não posso participar. A gente tem alguns bloqueios administrativos, políticos e burocráticos que impedem. Mas eu tenho buscado editais internacionais, editais nacionais que tenham apoio a ferramentas de comunicação, ferramentas digitais. No momento, só publicidade que entra. Mas tenho buscado e é uma das prioridades (Jamile Menezes, *Portal Soteropreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Ela também afirma ter buscado captação de recursos junto a outros empreendedores, para anunciar no portal, num processo de fortalecimento entre outros empreendimentos voltados para questões étnico-raciais:

É uma forma de a gente se fortalecer, a gente vive falando de fazer dinheiro circular na comunidade negra, mas a gente não aposta nas nossas próprias criações. Então, o empreendedor negro fazer um anúncio num portal feito por uma mulher negra, isso é o *black money*... isso é fazer o dinheiro girar. Então, venho trazendo essa ideia de alguns empreendedores, só que isso anda a passos lentos ainda, porque teria que ter um braço de publicidade no portal, além do jornalismo. Um braço de publicidade, um braço de marketing, para vender o portal, um braço de relações públicas, mas ainda é somente eu. São três anos na luta (Jamile Menezes, *Portal Soteropreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

Aos arranjos que fazem jornalismo cultural, a competência em produção cultural aparece como necessário para a atividade produtiva, mais uma vez, no caso da *Revista O Grito!*, as formas de estruturação e sustentação passam pela dimensão da produção cultural.

Além de projetos, anúncios publicitários também geram recursos, porém, em menor escala:

A gente tem como proposta de sustentabilidade diversificar o espectro de captação. A gente

decidiu não ficar só num lugar nem noutra, a gente decidiu abrir o leque. Porém, a gente vê que alguns são muito difíceis de conseguir. Por exemplo, anúncio. Vou dizer que a gente não consegue anúncio? Mentira, consegue, porém é difícil você competir com grandes veículos. Inclusive, nem os grandes veículos conseguem mais, porque o bolo da publicidade está indo para o *Google*, *Facebook* e essas outras redes sociais. O que a gente consegue? A gente consegue anúncio quando ele se comunica muito com o nosso público, quando é alguém que quer se comunicar com o nicho.

A outra área que a gente atua é fazendo projetos. Esses projetos são tanto para empresas quanto para editais públicos. Nesses projetos, a gente atua em duas frentes: uma frente a gente atua no sentido de fortalecimento da marca e a outra na captação de recursos. O bom desses projetos é que eles, diferentemente de um anúncio, têm uma duração maior, até financeiramente é mais interessante que um simples anúncio. Porém dá mais trabalho, de prestação de contas, do próprio trabalho mesmo (Paulo Floro, *Revista O Grito!*, 31 de março de 2019, depoimento oral).

A experiência do *Portal SoteroPreta* também se diversifica a partir da produção cultural, inclusive na segmentação de públicos, com recorte étnico-racial e LGBTQIA+, como nos conta Jamile Menezes:

Fazemos jornalismo cultural mesmo. E produção cultural. A gente tem alguns projetos. A gente realizou duas edições de uma festa Les-Pretas, que é uma festa voltada ao público LGBTQIA+, mais para as mulheres negras, que é uma festa só de mulheres cantoras e uma banda formada por mulheres também, todas lésbicas, mas não é uma festa necessariamente *gay*, LGBTQIA+. A gente não escancara isso, mas na prática ela é. E o público é mulheres negras lésbicas e bissexuais. A gente já fez duas edições dessa festa, a gente pretende fazer outras edições. Mas precisa de investimento, precisa de gente (Jamilé Menezes, *Portal SoteroPreta*, 17 de abril de 2019, depoimento oral).

A produção cultural, de festas e eventos carnavalescos, incluindo aí um bloco de Carnaval, o *Algazarra*, também é um dos principais eixos de sustentação da *Revista Gambiarra*, gerando recursos mais do que o jornalismo em si, cujo maior investimento vem de esparsos anúncios publicitários locais:

Em 2018, a gente conseguiu pagar os custos de hospedagem, os custos do site (*com produção cultural*). A gente conseguiu pagar coisas que

não conseguia pela própria *Gambiarra* – desde 2014 ou 2015, que a gente não conseguia levantar essa grana. A gente repetiu em 2019, então meio que *a Gambiarra ela se sustenta com esses eventos pontuais que a gente faz durante o ano pelo bloco*. A gente acabou criando uma marca extra com o sucesso da iniciativa passada. Isso já era um modelo que a gente já fazia desde a faculdade. Teve uma época em que a gente pagava aluguel com festas. A gente ficou dois anos – 2017 e 2018 – com o escritório, que era da *Gambiarra*. A gente alugava o espaço, era um espaço de *co-working* com mais duas empresas. No final do ano, a gente decidiu voltar para o *home office*, porque os custos já estavam pesados. Os equipamentos usados são os equipamentos pessoais. Ainda em 2018, a gente criou um bloco de carnaval, o *Algazarra* (Rafael Flores, *Revista Gambiarra*, 25 de janeiro de 2019, grifos nossos, depoimento oral).

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Os resultados da pesquisa indicam que, para os jornalistas culturais que desempenham seu trabalho nesse tipo de iniciativa, urge adaptar-se, *reinventar-se* profissionalmente, *rearranjar-se*. E aqui, o termo *arranjo*, trazido pelas autoras Figaro e Nonato, mostra-se mais uma vez assertivo e acertado. Ele é dito, de modo voluntário, espontâneo, no depoimento de Pedro Jatobá, do *Portal ITEia*, que considera o projeto do portal em si mesmo como um arranjo produtivo local (APL). E também é remetido na fala de Paulo Floro, da *Revista O Grito!*, quando se refere ao termo *gambiarra* ao descrever as atividades desenvolvidas como um todo pelos profissionais da revista para darem conta de desempenhar as mais diferentes funções em seus trabalhos. Além disso, o próprio nome da *Revista Gambiarra* é recuperado como esse conceito de reorganizar-se, de uma forma diferente, na entrevista de Rafael Flores.

Para os entrevistados, assim, a *precariedade* das condições de produção existe, mas vale a pena por trazer à tona para a vida, segundo um deles, “o componente felicidade”. Assim, trata-se de um capital simbólico adquirido pelo jornalista e que muitas vezes não corrobora com uma aquisição de capital financeiro. Seriam, assim, tais jornalistas, trabalhadores que muitas vezes se “precarizam” “por amor” à profissão, em busca de satisfação profissional, sendo necessário, como vimos, submeter-se ou adaptar-se a novas posições ou funções trabalhistas a fim de sustentar-se financeiramente. Sobre esse aspecto do “componente felicidade”, avançaremos em novo artigo, ainda em construção.

De fato, observamos, nos casos estudados, que não é possível sobreviver exclusivamente do arranjo: todos



mantêm outros trabalhos como principal fonte de renda. Dentre as novas funções desempenhadas estão, em especial nestes arranjos estudados, o papel de produtor cultural – escrevendo, gestando e gerindo projetos, produzindo livros, lançamentos, eventos e festivais – e o de gestor da comunicação, uma vez que se faz preciso *aprender a empreender*, a liderar equipes, a gerir com autonomia o seu próprio tempo de trabalho, a lidar com as finanças e com a contabilidade, a planejar em curto, médio e longo prazo a viabilidade para que aquele arranjo permaneça existindo.

Os discursos dos informantes revelam tensões quanto ao termo *empreendedorismo* pela relação direta a um conceito ligado ao *establishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. No entanto, embora o termo seja rejeitado pela maioria – apenas uma das entrevistadas o utiliza de forma mais habitual –, ele é utilizado mais comumente não como um sinônimo de ser um negócio ou empresa, mas como diversas formas de produzir, de fazer projetos e produtos que viabilizem a sustentação e a sobrevivência dos arranjos em si. Assim, a categoria *empreendedor/produtor* aparece como pertinente para demonstrar essa interface entre os diferentes papéis exigidos pelo trabalhador do arranjo jornalístico cultural.

O profissional jornalista precisa acompanhar as transformações no mundo do trabalho, num equilíbrio entre desenvolver novas habilidades e exercer novas funções, adaptando-se às exigências e possibilidades do trabalho atual, ao mesmo tempo em que sabe que também precisa se articular em defesa de seus direitos. Mesmo não-sindicalizado – caso de cinco entre seis de nossos entrevistados – o jornalista se organiza em redes, *co-working*, parcerias (como intercâmbios, premiações e projetos coletivos), novas formas de trabalho colaborativo e, até mesmo, em cooperativas, que é a experiência do *Portal ITEia* a partir de plataforma digital própria<sup>4</sup>.

Assim, esse ambiente de *cooperação* entre os pares pode apresentar menos concorrência, uma exigência do capital e mais um *senso de comunidade*. E aqui, podemos recuperar o sentido de comunidade em que técnicas, tecnologias e habilidades dos diferentes participantes dos arranjos possam ser realocadas para que todos possam melhor trabalhar e viver, fortalecendo os arranjos como um todo e gerando uma cadeia produtiva.

Também foram apontadas as parcerias com as universidades como estímulo tanto para o surgimento dos arranjos (a partir de grêmios estudantis, diretórios, disciplinas, projetos de extensão e de iniciação científica, laboratórios de redação e de criação, intercâmbios), quanto para o aprofundamento na compreensão do fenômeno, a partir das pesquisas, ações que tanto auxiliam na sustentação dos grupos quanto retroali-

mentam a criação de novos, proporcionando ser a universidade o espaço propício para a experimentação de *modos de fazer* para estudantes e novos jornalistas.

Com isso, os grupos não dependem da universidade para existir e produzir, mas, a partir do acesso a esse espaço de produção de saberes, pode permutar conhecimentos e também se fortalecer. A universidade e os cursos de jornalismo também podem aprender muito com essas experiências que vêm sendo feitas *nas ruas e nas redes*, vide disciplinas, projetos experimentais, laboratórios e estágios realizados em conjunto entre os arranjos e as universidades citadas nos depoimentos dos entrevistados, a saber: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Jorge Amado (Unijorge), União Metropolitana de Educação e Cultura (Unime), Universidade Estadual da Bahia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB).

Além disso, em todos os casos, o acesso à universidade parece ter sido crucial para que esses trabalhadores se identificassem como jornalistas e que definissem a produção que fazem nos meios digitais como jornalismo. Para isso, políticas públicas de ascensão para o Ensino Superior, como o ProUni, demonstraram ser pontos de virada na história de vida de pelo menos um dos entrevistados dos arranjos, Carlos Gomes que, sem esse acesso, não teria cursado o nível universitário, segundo seu depoimento.

Ainda em relação às universidades, o discurso dos entrevistados evidenciou que, na maioria das vezes, o conhecimento técnico e as habilidades apreendidas para ser um jornalista inovador/empreendedor não foi contemplado pela grade curricular dos cursos de Jornalismo – sejam nas universidades públicas ou privadas – o que pode evidenciar a importância de se visitar os currículos dos cursos, uma vez que a formação universitária visa formar para a vida e para o mundo do trabalho.

Assim, a relação entre as universidades e os arranjos jornalísticos revela *tensões* (*precariedade* na formação dos jornalistas; *precariedade* nas relações de trabalho com os estagiários), mas também acesso para formação, através de políticas públicas, além de possibilidades de experimentação e de retroalimentação dos conhecimentos. O tema já está sendo desdobrado em novo trabalho da mesma autoria, a partir de uma revisão bibliográfica mais acurada em relação à influência da graduação em Jornalismo na construção da identidade profissional dos comunicadores culturais.

---

Submissão: 12/06/2023

Data de aceite: 08/05/2024



## NOTAS

---

<sup>1.</sup> Como já aponta Barros (2019), o blogueiro de notícias, nos municípios do interior dos estados, cumpre papel de veicular notícias locais e regionais. Muitas vezes, entretanto, tais blogs tidos como independentes estão ligados a políticos locais numa, talvez, nova conexão de *coronelismo eletrônico*.

<sup>2.</sup> *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Folha de Pernambuco* são os três principais jornais tradicionais de Pernambuco, em termos de tempo de existência, circulação e organização em sistemas de mídia.

<sup>3.</sup> Jornalista e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Fabiana Moraes atualmente é professora de cursos de Comunicação Social na UFPE, no *campus* Caruaru. Sua trajetória anterior no jornalismo impresso tradicional é de longa data, na qual assinou reportagens especiais e em profundidade nos cadernos do *Jornal do Commercio*, por mais de uma década. Estudo sobre suas reportagens de autoria pode ser acessado em: DINIZ, A. T. M. O que é um autor na reportagem: diálogos entre ética, singularização e pontos de vista no discurso jornalístico. 2018. 155f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife, 2018.

<sup>4.</sup> No Brasil, estudos sobre cooperativismo de plataformas digitais vêm sendo desenvolvidos pelo Prof. Dr. Rafael Grohman, da University of Toronto.

## REFERÊNCIAS

---

- Agência Pública. (2016). Mapa do Jornalismo Independente. Retrieved January 30, 2016, from <http://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>
- Almeida, A. C. (2006). Centro de Mídia Independente: A mídia como ação direta (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Recife).
- Alonso, A. D. (2011). Novos jornalistas no Brasil: Casos de processos emergentes de jornalistas na Internet (Master's thesis, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Barros, J. V. (2019). Conglomerados midiáticos regionais: Os meios de comunicação como meios de produção na territorialização do capital (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Bourdieu, P. (2005). The Political Field, the Social Science Field, and the Journalistic Field. In R. Benson & E. Neveu (Eds.), *Bourdieu and The Journalistic Field*. Cambridge: Polity Press.
- Figaro, R., & Nonato, C. (Eds.). (2021). *Arranjos Jornalísticos Alternativos e Independentes no Brasil: Organização, sustentação e rotinas produtivas*. São Paulo: Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho/USP.
- Figaro, R. (2018). As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às grandes corporações de mídia. São Paulo: CPCT.
- Figaro, R., Lima, C., & Grohmann, R. (2013). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas.
- Figaro, R., Lima, C., & Grohmann, R. (2017). *Novos "Arranjos Econômicos" Alternativos para a Produção Jornalística*. Contemporânea, 15(1).
- Flores, R. (2019). Rafael Flores: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Vitória da Conquista.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gomes, C. (2019). Carlos Gomes: Depoimento oral [April 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Recife.
- Jatobá, P. (2019). Pedro Jatobá: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Lima, C. C. N. (2015). *Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação: Em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Paulo).
- Menezes, J. (2019). Jamile Menezes: Depoimento oral [April 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Mick, J., & Lima, S. (2013). *Perfil do Jornalista Brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis: Insular.
- Mínayo, M. C. S. (1996). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO.
- Santana, A. (2019). André Santana: Depoimento oral [January 2019]. Interviewer: Mariana Reis. Salvador.
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso — desenho e métodos*. Porto Alegre: Bookman.



**“Ganhar a vida” a partir do jornalismo e da cultura: os arranjos jornalísticos culturais do Nordeste do Brasil**

**“Ganarse” la vida a partir del periodismo y la cultura: formas de organización y condiciones de producción en arreglos periodísticos culturales del Nordeste de Brasil**

**“Making a living” from Journalism and Culture: Forms of Organization and Production Conditions in Cultural Journalism Arrangements in Northeastern Brazil**

**« Vivre » du journalisme et de la culture : modes d’organisation et conditions de production au sein d’ensembles journalistiques culturels du Nord-Est du Brésil**

**Pt.** Neste artigo, são relatadas formas de organização e condições de produção de coletivos de jornalismo cultural no Nordeste do Brasil, mais especificamente, dos Estados de Pernambuco e da Bahia, aqui denominados arranjos jornalísticos. Como aporte teórico, recorreu-se a Figaro (2013; 2017; 2018; 2021), a partir do binômio comunicação e trabalho e Bourdieu (2005) para compreensão do campo jornalístico. A pesquisa da qual este artigo deriva foi desenvolvida como tese de doutorado pela primeira autora sob orientação doutoral da segunda autora. Nela foram estudadas as revistas culturais eletrônicas Gambiarra (Estado da Bahia), Outros Críticos (Estado de Pernambuco) e O Grito! (Estado de Pernambuco) e os portais de notícias culturais SoteroPreta (Estado da Bahia), Correio Nagô (Estado da Bahia) e iTeia (Pernambuco e da Bahia). Na investigação, tais coletivos de jornalistas foram avaliados em relação ao acesso a políticas públicas como fomento, ao empreendedorismo e outras formas de sustentabilidade. A partir da análise desses seis agrupamentos, descobriu-se que é tênue a linha que separa o jornalista do produtor cultural e que compete dominar também a gestão em comunicação. Ao mesmo tempo, são revelados os limites e as possibilidades técnicas e éticas de se gestar e dar materialidade a um jornalismo no qual acreditam, a partir de seus princípios, crenças e valores. Os discursos dos informantes apresentam tensões quanto ao termo empreendedorismo pela relação direta a um conceito ligado ao *stablishment*, ou seja, à manutenção das estruturas de poder. Observou-se, ainda, que o profissional jornalista precisa acompanhar as transformações no mundo do trabalho, num equilíbrio entre desenvolver novas habilidades e exercer novas funções, adaptando-se às exigências e possibilidades do trabalho atual. Outro resultado da pesquisa é que o trabalho, para esses arranjos jornalísticos culturais analisados, muitas vezes se revela num capital simbólico adquirido que nem sempre corrobora com uma aquisição de capital financeiro.

**Palavras chaves :** jornalismo cultural; arranjos jornalísticos; mundo do trabalho; Nordeste do Brasil; produção cultural

**Es** En este artículo se relatan formas de organización y condiciones de producción de colectivos de periodismo cultural en el Nordeste de Brasil, más concretamente en los estados de Pernambuco y Bahía, aquí denominados arreglos periodísticos. Como aporte teórico, se utilizó a Figaro (2013; 2017; 2018; 2021), a partir del binomio comunicación y trabajo, y a Bourdieu (2005) para comprender el campo periodístico. La investigación de la cual deriva este artículo fue desarrollada como tesis doctoral por la primera autora bajo la dirección de la segunda autora. En ella se estudiaron las revistas culturales electrónicas Gambiarra (estado de Bahía), Outros Críticos (estado de Pernambuco) y O Grito! (estado de Pernambuco), y los portales de noticias culturales SoteroPreta (estado de Bahía), Correio Nagô (estado de Bahía) e iTeia (Pernambuco y Bahía). En la investigación, estos colectivos de periodistas fueron evaluados en relación al acceso a políticas públicas como fomento al espíritu emprendedor y otras formas de sostenibilidad. El análisis de estos seis agrupamientos reveló que la línea que separa al periodista del productor cultural es tenue y que también le corresponde dominar la gestión en comunicación. Al mismo tiempo, se evidencian los límites y las posibilidades técnicas y éticas de gestar y dar materialidad a un periodismo en el cual creen, a partir de sus principios, creencias y valores. Los discursos de los informantes presentan tensiones respecto al término “espíritu emprendedor” por la relación directa con un concepto vinculado al establishment, es decir, al mantenimiento de las estructuras de poder. Se observó, además, que el profesional periodista debe mantenerse al día con los cambios en el mundo del trabajo, en un equilibrio entre el desarrollo de nuevas habilidades y el desempeño de nuevas funciones, adaptándose a las exigencias y posibilidades del trabajo actual. Otro resultado de la investigación es que para estos arreglos periodísticos culturales analizados el trabajo muchas veces se revela como un capital simbólico adquirido que no siempre se traduce en una adquisición de capital económico.

**Palabras clave:** periodismo cultural; arreglos periodísticos; mundo del trabajo; Nordeste de Brasil; producción cultural.

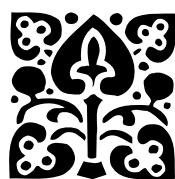
**En** This article reports on the forms of organization and production conditions of cultural journalism collectives in the Northeast of Brazil, particularly the states of Pernambuco and Bahia, which we refer to as journalistic arrangements. Figaro (2013; 2017; 2018; 2021) was used as a theoretical contribution based on the communication and work binomial and Bourdieu (2005) was used to understand the journalistic field. The research which this article is based on was developed as a doctoral thesis by Mariana Reis under the doctoral supervision of Isaltina Gomes. The online cultural magazines Gambiarra (State of Bahia), Outros Críticos (State of Pernambuco), O Grito! (State of Pernambuco) and the cultural news portals SoteroPreta (State of Bahia), Correio Nagô (State of Bahia) and iTeia (Pernambuco and Bahia) were studied. The research involved evaluating collectives of journalists in relation to access to public policies such as development, entrepreneurship, and other forms of sustainability. After analyzing these six groups, we discovered that the line separating journalists from cultural producers is tenuous, and that communication management is a skill that needs to be learned thoroughly. We also discovered the limits and technical and ethical possibilities of creating and giving materiality to journalism that these journalists believe in based on their principles, beliefs and values. The journalists spoke of tensions regarding the term entrepreneurship and its direct relationship to the concept of establishment, that is, to the maintenance of power structures. We also observed that professional journalists have to keep up with changes to the world of work, and strike a balance between developing new skills and performing new functions, thus adapting to the demands and possibilities of present day work. Another aspect we discovered through our research is that, for these cultural journalistic arrangements, work is often an acquired symbolic capital that does not always translate into the acquisition of financial capital.

**Key Words:** cultural journalism; journalistic arrangements; world of work; Northeast of Brazil; cultural production



**Fr** Cet article présente les formes d'organisation et les conditions de production de collectifs de journalisme culturel, désignés ici sous le terme d'ensembles journalistiques, dans la région Nordeste du Brésil, et plus précisément dans les États de Pernambuco et de Bahia. Sur le plan théorique, nous nous sommes appuyées sur Figaro (2013 ; 2017 ; 2018 ; 2021), en partant du binôme communication et travail, ainsi que sur Bourdieu (2005), pour appréhender le champ journalistique. La recherche dont cet article est issu a été menée dans le cadre de la thèse de doctorat de la première auteure, sous la direction doctorale de la seconde. L'étude a porté sur les magazines culturels électroniques Gambiarra (État de Bahia), Outros Críticos (État de Pernambuco) et O Grito! (Pernambuco), ainsi que sur les portails d'informations culturelles SoteroPreta (Bahia), Correio Nagô (Bahia) et iTeia (Pernambuco et Bahia). Ces collectifs de journalistes ont été évalués à l'aune de leur accès aux politiques publiques de soutien, de leur stratégie entrepreneuriale et d'autres formes de pérennité. L'analyse de ces six groupes montre que la frontière est tenue entre journaliste et producteur culturel, et que des compétences en gestion de la communication sont aussi nécessaires. Elle révèle par ailleurs les limites et les possibilités techniques et éthiques liées à la conception et à la mise en pratique d'un journalisme auquel ils croient, en accord avec leurs principes, leurs croyances et leurs valeurs. Les discours de nos interlocuteurs font apparaître des tensions autour du terme d'entrepreneuriat, du fait de son lien conceptuel direct avec l'establishment et donc avec le maintien des structures de pouvoir. En outre, le professionnel journaliste doit accompagner les évolutions du monde du travail, en conciliant le développement de nouvelles compétences et l'exercice de nouvelles fonctions, pour s'adapter aux exigences et aux opportunités actuelles du métier. Un autre résultat de notre recherche est que le travail, pour les ensembles journalistiques culturels analysés, se manifeste souvent par l'acquisition d'un capital symbolique qui ne va pas toujours de pair avec celle d'un capital financier.

**Mots-clés :** journalisme culturel ; ensembles journalistiques ; monde du travail ; Nordeste brésilien ; production culturelle



# O triplo combate do jornalismo literário

## Epistemológico, estético e temporal

**AILTON SOBRINHO**

*Centro de pesquisa sobre Literaturas e Sociopoética  
(CELIS)*

*Universidade Clermont Auvergne*  
ailton.pereira\_rezende\_sobrinho@uca.fr  
0000-0002-3552-2138



ituado em uma posição privilegiada na intersecção de diferentes disciplinas, constituindo assim um campo multidisciplinar, o jornalismo literário, considerado um híbrido concreto (Chillón, 1999), trava combates, por vezes, sem ter a pretensão de vencê-los. Isso ocorre porque reconhece que a sua força disciplinar e metodológica provém de campos adjacentes. Enriquecido e moldado não apenas pela literatura, mas também por outras áreas das ciências sociais, como a antropologia, a sociologia e a história, o jornalismo literário se apropria de elementos herdados de cada uma dessas disciplinas.

Charon (1996, p. 16), referindo-se às diferentes áreas que contribuem para o desenvolvimento da atividade jornalística, seja ela tradicional ou literária, considera que o jornalismo “não pode deixar de se alimentar de suas abordagens [...], de seus métodos de trabalho”. No que diz respeito à proximidade entre jornalismo e literatura, relação que nos interessa primordialmente, o vínculo cultivado entre eles ao longo do tempo não apenas possibilitou, como ainda possibilita, uma constante aproximação mútua, embora persista uma fronteira paradoxal que, ao mesmo tempo, os separa e os une. Nesse sentido, Cicurel e Moirand (citados por Gabet, 1997, p. 327) afirmam que essa delimitação, além de existir, é difícil de definir, porque a literatura e o jornalismo “brincam de esconde-esconde e tomam emprestados

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo**

Ailton Sobrinho, « O triplo combate do jornalismo literário: epistemológico, estético e temporal », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.512>



traços que caracterizam o outro gênero. A literatura gosta de assumir a figura da realidade e a realidade às vezes se veste com os ornamentos estilísticos da literatura”. Essas inter-relações tornam os combates epistemológico, estético e temporal do jornalismo literário de certa forma latentes, porém constantemente presentes.

Assim, no âmbito do presente artigo, daremos enfoque aos prélios que poderíamos considerar, pelo menos na hora atual, intrínsecos ao jornalismo literário para se forjar um espaço nas produções jornalísticas e adquirir uma posição de autonomia em relação às disciplinas que lhe são próximas. O objetivo é discutir essas questões, articulando, ao mesmo tempo, o arcabouço teórico, que tende a defender a emancipação epistemológica do jornalismo literário, e produções que reivindicam o selo jornalístico-literário, como é o caso das reportagens de guerra de Joel Silveira.

Além de recorrer a um levantamento bibliográfico para contextualizar e discutir o posicionamento do jornalismo literário, que ora se apresenta como gênero, ora como disciplina, e, em outros momentos, como um campo de estudos, adotamos no referido artigo uma metodologia de análise textual, tendo como corpus a coletânea de 35 reportagens publicadas no livro *O inverno da Guerra* (2005), de Joel Silveira. Evidentemente, o restrito espaço acordado à publicação do artigo não nos permite prolongar as análises e nem nos dedicar à totalidade das matérias. Apresentamos, portanto, a partir de exemplos pontuais retirados de algumas reportagens, breves demonstrações do que poderia ser a essência do combate estético e temporal travado por Silveira. Por meio da análise do corpus, pretendemos, assim, verificar como o jornalista desferiu o referido combate textual, tecendo uma linguagem factual e literária própria às produções jornalístico-literárias, e refletir sobre um outro combate, desta vez mais amplo, que se situa na esfera epistemológica, ligado à natureza do jornalismo literário.

---

### COMBATE EPISTEMOLÓGICO

---

O próprio termo “jornalismo literário”, apelação consagrada pela *International Association for Literary Journalism Studies* (IASLJ) para designar as relações entre jornalismo e literatura, evoca uma interdependência entre os dois campos. Por um lado, Faria (2011, p. 42) afirma que o jornalismo literário, “apesar de respirar literariedade, nunca pode deixar de ser jornalismo”. Por outro, essa filiação que subordina o jornalismo à literatura, confere ao híbrido resultante dessa junção um valor estético e cultural. Nesse sentido, Keeble e Tulloch (citado por Keeble, 2018, p. 907) consideram que “a adição de literário ao jornalismo pode

ser visto como dignificando o último e dando-lhe um mínimo de classe cultural”.

A apelação “jornalismo literário”, também consolidada no Brasil, em partes graças às pesquisas realizadas por Lima (1993), embora seja a mais comum, está longe de ser a única utilizada para descrever a relação entre os campos do fato e da ficção. Dessa relação, surgiram também várias outras denominações, tais como: romance de não ficção (Capote, 1966), jornalismo diversional (Marques de Melo, 1985), literatura do real (Talese, 1995), jornalismo narrativo (Kramer, 1995), literatura da realidade, não ficção criativa (Lima, 2014), jornalismo em profundidade (Martinez, 2016) e jornalismo experiencial (Sobrinho, 2022)<sup>1</sup>. Essa miríade de nomes com significados múltiplos enuncia, por um lado, a fecundidade e o caráter plurívoco e híbrido desse jornalismo e, por outro, “a falta de teorias sólidas sobre o fenômeno” (Chillón, 1999, p. 185). Parratt (2003), quanto a ela, sugere que essa panóplia de nomes revela a existência irrefutável de um processo dinâmico de hibridação em sua formação. Esse processo é conduzido, segundo a autora, por jornalistas e escritores que insistem em combinar jornalismo e literatura em seus textos. Para Lima (2014, p. 10), essa combinação resulta numa produção textual considerada próspera pelo autor, uma vez que o jornalismo literário “procura transcender o nível importante – mas meramente informativo – de uma boa parte da produção jornalística, para alcançar voos de maior ambição”.

Além da constelação de nomes atribuídos ao jornalismo literário, a classificação dessa modalidade jornalística como gênero (Wolfe, 1973; Connery, 1992; Chillón, 1999) é outra fonte de impasse epistemológico. Apesar de influenciado por procedimentos literários e apoiado em uma abordagem jornalística, o jornalismo literário reivindica ousadamente a sua autonomia em detrimento de seu status de gênero. Para isso, ele tenta se elevar a uma dimensão de disciplina (Bak & Reynolds, 2011; Bak & Martinez, 2018). As discussões em torno de sua classificação como gênero ou disciplina demonstram, portanto, um modelo ainda em construção e em busca de uma certa afirmação epistêmica.

Conceber o jornalismo literário como um gênero nos parece bastante lógico, considerando que os textos jornalísticos e literários se inscrevem num sistema de categorização. Mas o desejo de rotulá-lo como uma “disciplina” seria uma forma de lhe conceder um caráter mais acadêmico e científico. Pelo menos, é o que defendem os autores que preconizam essa ideia. Eles reconhecem, no entanto, que, para alcançar esse status, o jornalismo literário teria de ter suas próprias teorias e metodologias. Nesse sentido, Bak e Martinez (2018), admitindo o combate epistemológico dessa modalidade jornalística, afirmam que

os estudos de jornalismo literário enfrentam continuamente o desafio de formular seus próprios métodos de pesquisa, que permitam afirmar sua autoridade e autonomia, bem como emprestar seus recursos epistemológicos a outras disciplinas confrontadas com a resolução de dilemas similares em torno da hibridação textual (Bak & Martinez, 2018, p. 646).

Corroborando com a afirmação acima, Bak e Reynolds (2011), tendo sido os primeiros a considerarem o jornalismo literário como uma disciplina, defendem a necessidade de passarmos a nos referir a essa modalidade híbrida “como deve ser: uma disciplina” (p. 18). Uma disciplina capaz de oferecer metodologias a outras e, sobretudo, alimentar-se delas próprias. Essa tentativa de promover a independência epistemológica do jornalismo literário em relação a outros campos – como se isso o empobrecesse e dificultasse seu desenvolvimento –, embora seja louvável, não sanaria todo o problema. E a razão é simples: o jornalismo literário, tendo constituído seu arcabouço teórico a partir de teorias do jornalismo e da literatura, tornou-se refém deles.

Sobrinho (2022) defende que uma forma de avançar as discussões em torno da classificação do jornalismo literário seria conferir-lhe o duplo status de gênero e disciplina. O que permitiria, segundo ele, considerar a sua natureza híbrida sem ter de renunciar à sua necessidade de autonomia. Bak e Martinez (2018), por sua vez, embora defendam o caráter disciplinar do jornalismo literário, reconhecem que para ampliar seu campo epistemológico seria melhor incluí-lo também no campo dos “estudos”. Na visão deles, “as disciplinas criam discípulos. Os estudos geram polivalidade” (p. 648).

A própria concepção de um jornalismo literário não aprisionado à noção de gênero lhe asseguraria o privilégio de continuar a se enriquecer com as pesquisas provenientes dos vários horizontes do jornalismo e da literatura, evitando assim e, de certa forma, a sua marginalização. Assumir as transversalidades que permeiam toda a produção jornalístico-literária, advindas de campos adjacentes, como o informativo, o literário, o histórico e o sociológico, mantendo seu interesse de emancipação epistemológica, não representaria um sacrifício nem uma ruptura total com as disciplinas vizinhas. Seria simplesmente uma forma de aceitar graciosamente sua filiação ao sistema de gêneros, de onde provêm as maiores contribuições para o estudo do jornalismo literário, e de reconhecer como “legítima a ambiguidade e a duplicidade” de seu discurso (Cosson, 2007, p. 254) e de sua metodologia.

Parece-nos, portanto, importante fazer coexistir as noções de gênero e disciplina em torno de um grande

projeto epistemológico do jornalismo literário, ainda que isso represente um combate para a modalidade. Um combate que exige esforço abrangente em prol da construção de um modelo “autônomo”<sup>2</sup>. Considerando que os estudos sobre o jornalismo literário ainda são relativamente recentes, seu caminho epistemológico está a ser percorrido. Mas traçá-lo já é uma forma de contribuir para o desenvolvimento dessa modalidade inicialmente experimentada por Defoe no século XVIII, inaugurada oficialmente pelos homens da República das Letras no século XIX, intensificada por cronistas e repórteres, a exemplo de Joel Silveira no contexto brasileiro da primeira metade do século XX, e coroada por Tom Wolfe e tantos outros desde então.

---

### COMBATE ESTÉTICO

---

O jornalismo literário é o resultado da combinação de dois elementos *a priori* opostos que superaram seus antagonismos para buscar não a perfeição estética, mas meios para alcançar a realidade profunda dos fatos (Sobrinho, 2022). A prática desse jornalismo, que está em constante evolução, visa a ultrapassar as fronteiras simbólicas e textuais estabelecidas pelas tradições e convenções, podendo, portanto, ser concebida como um ato de transgressão. O jornalismo literário, nos lembra Sobrinho (2022, p. 355), “desafia a rigidez dos gêneros, provoca a descentralização ou o deslocamento das fronteiras e destaca a força do híbrido”. Mas é no âmbito da escrita que essa modalidade trava o seu combate estético, tentando reinventar a produção jornalística e, ao mesmo tempo, promover a ruptura com a sua versão tradicional (Borges, 2013). Nesse sentido, o jornalismo literário oferece ao jornalista uma forma alternativa de representar os fatos. O jornalista-escritor procura, segundo Lima (2009, p. 14), dar um novo significado à realidade, reportando no texto os fatos “com vivacidade, vigor, valor estético e validade”. O jornalista-escritor empreende, dessa forma, no texto, uma batalha estética, cujo objetivo é também vencer o tempo<sup>3</sup>, seu principal adversário.

Assim, aliado à literatura, o jornalismo deixa de relatar fatos para contar histórias. A reportagem passa a ser imbuída dos mesmos processos adotados pelos escritores de um romance. As fontes, sejam elas oficiais ou não, tornam-se personagens. Os eventos não têm a obrigatoriedade de serem contados obedecendo uma certa cronologia, nem são estruturados de acordo com o princípio da pirâmide invertida. O jornalista, por sua vez, não é mais um mero relator de acontecimentos. Sua abordagem jornalística é comprometida e participativa e, no plano textual, ele realiza “um trabalho de linguagem aprofundado” (Pélissier & Eyriès, 2014, p. 2).

O jornalismo literário busca, dessa forma, uma estética que está ligada à linguagem e que não se ca-



racteriza, como diriam os formalistas russos, “por sua beleza, mas pelo caráter perceptível de sua construção” (Gabet, 1997, p. 325). A linguagem, qualificada por Barthes (1984, p. 14) como “o ser da literatura, seu próprio mundo”, se apresenta no jornalismo literário a serviço da construção discursiva e narrativa. Ela é a mestra do jogo nesse processo de estetização, pois é por meio dela que jornalistas e escritores dão forma ao que veem. É por meio da linguagem que eles exteriorizam sua visão do mundo e se armam para um combate estético, cuja batalha é disputada no terreno do texto. Mas no *front* do jornalismo literário, como nos lembra Chillón (1999), a linguagem literária incorporada à redação jornalística não pode ser considerada um mero ornamento estético.

Na Itália, a serviço dos *Diários Associados*, Joel Silveira, jornalista tido como um dos representantes do jornalismo literário brasileiro e considerado pelo poeta e cronista Manuel Bandeira o maior repórter do Brasil, cobriu a Segunda Guerra Mundial travando um combate contra a aridez do texto jornalístico tradicional e posicionando-se a favor de uma estética jornalístico-literária. Como repórter e correspondente de guerra, apesar de sua veia ácida que lhe rendeu o apelido de “víbora”, ele soube conciliar o interesse jornalístico e a arte literária na sua produção, interessando-se sob medida ao fato e à poética deles. Levando a sério o seu combate por um jornalismo liberto da censura e das amarras da objetividade, Silveira (1998, p. 184) dizia que “os jornais haviam perdido aquele sabor inigualável de pão saído do forno, eram agora como pão da véspera, dormido, murcho e sem gosto, difícil de mastigar e mais difícil de engolir”.

Convencido da necessidade de se destacar em um ambiente jornalístico que se profissionalizava<sup>4</sup> e se modernizava tanto em relação à cadeia de produção quanto às técnicas de redação, sua opção pelo jornalismo literário foi consciente e sua produção, nomeadamente a produzida durante a cobertura da guerra, alcançou a patente da perenidade, a mais elevada desse jornalismo. Numa das inúmeras entrevistas concedidas ao longo de sua vida, Silveira revelou o seu combate: “Senti que precisava romancear o texto para me diferenciar do que era escrito na imprensa dos anos 30 e 40”<sup>5</sup> (Pennafort, 2017). Foi também assumindo essa opção estilística, que visava dar contornos literários ao texto jornalístico, que o jornalista sergipano embarcou para sua missão de correspondente na guerra.

Já na sua primeira reportagem enviada para os *Diários Associados*, Silveira (2005, p. 21) dá o tom da sua cobertura, mesclando uma linguagem factual e poética, portanto *jornalístico-literária*, característica de sua escrita: “Escrevo esta minha primeira reportagem após 22 horas a bordo do transporte que nos desembarcará dentro de 16 dias em Nápoles. [...] As horas

vão passando – melhor, escorrendo”. Em termos de linguagem factual, a primeira preocupação do repórter é de legitimar o caráter jornalístico de seu trabalho, vinculando sua produção a uma reportagem, gênero nobre do jornalismo. Em seguida, Silveira apresenta informações que poderiam compor o lead de um texto jornalístico (Quem? O quê? Onde? Quando?), cuja função é despertar o interesse do leitor com economia de palavras, além de anunciar o aspecto geral da informação. Os números, que, na citação, referem-se a um elemento temporal, também reforçam a ideia de precisão jornalística, uma característica da linguagem factual. Quanto à segunda categoria de linguagem, embora o exemplo dado não a explore em demasia, ela é perceptível no desejo do autor de expressar, de forma poética, a passagem do tempo. Ao optar pelo verbo “escorrer” na construção frásica, o jornalista, além de acentuar a velocidade do movimento das horas, revela sua escolha pelo emprego de uma linguagem literária.

Numa outra matéria, intitulada “A primavera”, Silveira (2005, p. 133) escreveu: “Os gelos do inverno foram embora, derreteu-se a lama fascista, as verdades, como flores, estão nascendo novamente das raízes que pareciam definitivamente apodrecidas. [...] É a primavera que brinca aqui dentro da guerra”. Nessa reportagem, publicada nos momentos finais da Segunda Guerra mundial, o jornalista prenuncia, por meio da primavera, o possível encerramento do conflito, que mobilizou cerca de 60 nações e fez mais de 60 milhões de mortos. A chegada da nova estação, descrita poeticamente no texto, é apresentada como um sopro de esperança e contrasta com o inverno da guerra, metáfora utilizada pelo jornalista para descrever as condições depraváveis do conflito.

As reportagens de guerra de Joel Silveira travam, assim, um combate que se disputa entre a objetivização e a estetização. Fiel ao rito jornalístico, Silveira havia grande respeito pelo processo de construção da notícia, gênero informativo por excelência considerado pelo próprio repórter como “uma coisa muito sagrada”<sup>6</sup>. Para ele, o jornalista deveria “olhar a notícia assim como um cristão, um homem de fé, olha Deus: com a maior reverência, a maior humildade”<sup>7</sup>. Esse respeito dado ao fato fez com que o jornalista não rompesse completamente com o ritual de construção da informação, mas também não impediu que ele recorresse a uma aventura literária na sua atuação como jornalista.

Sobrinho (2022), que analisou em sua tese de doutorado as reportagens do jornalista reunidas no livro *O inverno da guerra* (2005), destaca duas estratégias utilizadas pelo autor que colocam em evidência um combate intratextual. A primeira é a estratégia de objetivização, utilizada no discurso jornalístico para manter o seu caráter factual, objetivo e verídico. Mot-

ta (2005) cita quatro recursos<sup>8</sup> que participam desse processo: a citação<sup>9</sup>, a identificação sistemática de lugares<sup>10</sup> e fontes<sup>11</sup>, a datação<sup>12</sup> e os números<sup>13</sup>. As reportagens de Silveira fazem uso constante desses elementos, confirmando a preocupação do repórter com a precisão jornalística. Entretanto, na produção dele, como assinalamos, o aspecto factual que se traduz em uma busca por precisão nunca representou um freio à sua incursão literária. Pelo contrário, os vestígios de literariedade integrados ao seu estilo marcante e preciso convergiram para uma segunda estratégia que poderíamos descrever como jornalístico-literária. Essa estratégia, utilizada incessantemente por Silveira, combina, em diferentes níveis, o uso de recursos de objetivização e subjetivização na construção de sua narrativa de não ficção. O elemento de subjetivização, formado a partir de recursos extralinguísticos e intralinguísticos, está relacionado tanto à escolha de verbos, adjetivos e substantivos, quanto ao uso de figuras de linguagem e à presença de implícitos e pressuposições no texto.

Na citação a seguir, podemos vislumbrar a implementação dessa estratégia: “Hoje à tarde, enquanto eu esperava que os mineiros livrassem o caminho das minas, vi quando a noite foi chegando aos poucos, lenta, completa, sobre o calado mundo do cemitério”, escreveu Silveira (2005, p. 124). No trecho citado, escrito em primeira pessoa – o que já confere um traço de subjetividade –, o jornalista tende a se afastar da objetividade jornalística optando pelo uso de recursos literários. Assim, a operação de desminagem fica em segundo plano e a descrição poética do anoitecer torna-se predominante na narrativa. Para descrever o crepúsculo, Silveira utiliza a figura da gradação ascendente “a noite foi chegando aos poucos, lenta, completa”. Assim, a noite, cuja chegada surpreende o jornalista, invade subitamente não só “o calado mundo do cemitério”, mas também o texto. Esse calado mundo, aparentemente tranquilo, se opõe na narrativa ao perigo iminente das minas, que, se fossem detonadas, poderiam romper o silêncio a qualquer momento, numa dinâmica semelhante à chegada da noite. Tanto a objetivização quanto a subjetivização – duas estratégias complementares na construção do jornalismo literário – são utilizadas plenamente na reportagem. Elas contribuem, respectivamente, a favor da factualização e da estetização do texto jornalístico.

Num outro texto, a coabitação de estratégias que rivalizam o mesmo espaço da reportagem também é nítida.

Agora o bondinho tem que descer novamente para apanhar o *partigiano* Luigi e o pracinha Wilson. Mas não volta só: viemos encontrar aqui em cima, embrulhado em mantas de onde escorre um sangue velho, o corpo de um *partisan* que foi morto, ontem à noite, por uma

granada alemã. Seus companheiros deitam cuidadosamente o corpo na grama, e um deles se ajoelha. Reza qualquer coisa em voz alta, e um outro acompanha. Todos estão com seus gorros na mão. Um deles – se chama Pietro, é de Pádua, e o lenço vermelho enrolado no pescoço me diz se tratar de um comunista – me conta que o morto era um *buono ragazzo*, corajoso e sempre alegre. Chamava-se Lorenzo. Seus pais estão em Módena, a poucos quilômetros daqui, e o seu irmão mais velho, de 29 anos de idade, também é *partigiano*, para os lados de Verona. A granada arrebentou sobre sua cabeça, e quando levanto a manta para procurar o rosto, encontro somente uma massa disforme e sangrenta e algum pouco cabelo louro. [...] E lá segue o corpo de Lorenzo, apagado para sempre, balançando sobre os abismos de sua terra. Seus companheiros ainda ficam aqui em cima alguns minutos, os olhos fixos no bondinho que se afasta. Chego a ver o comunista Pietro passar, rápido, a manga do paletó sobre os olhos, mas é só. (Silveira, em “A morte do partigiano”, 2005, p. 128-129)

Nessa reportagem, Silveira assume o papel de um narrador intradieético que participa das ações e que tudo observa. A linguagem empregada pelo jornalista é tão diversa quanto as técnicas narrativas utilizadas. As cenas são construídas de forma a revelar, como em uma sequência cinematográfica, diferentes planos que se sucedem<sup>14</sup>. No campo da objetividade, a linguagem é usada para situar o espaço e o tempo do acontecimento, para apresentar os personagens e para conferir certo grau de precisão ao fato reportado. No campo da subjetividade, as estratégias de linguagem utilizadas se baseiam na exploração de detalhes, no uso de adjetivos para descrever os personagens, na utilização de figuras de linguagem, como eufemismo, para falar sobre a morte de Lorenzo, “apagado para sempre”. O conjunto de estratégias corrobora para uma descrição realista e dramática do acontecimento e revela globalmente a crueldade da guerra. Ao adotar uma estratégia híbrida, combinando jornalismo e literatura, Silveira posicionou-se concomitantemente no *front* de combate discursivo do jornalismo literário e no *front* de combate temporal para assegurar ao seu texto uma perenidade.

---

#### COMBATE TEMPORAL

---

O jornalismo literário, pautado pela fidelidade à realidade, comprometido com o protocolo jornalístico e moldado por uma abordagem estetizante (Meuret, 2012), produz, como nos lembra Bak (2020, p. 11), “fatos incontestáveis com uma distância crítica digna da história [...] e fornece imagens dignas de nossos maiores romancistas, dramaturgos e poetas”. Seja nos campos de batalha ou no campo da escrita em geral,

essa modalidade jornalística relata histórias que são genuínas candidatas à perenidade.

Ao combinar elementos das duas áreas que lhe servem fundamentalmente de estrutura, o jornalismo literário tenta construir, da melhor forma possível, uma base textual que pretende ser sólida. Essa solidez não se revela somente do ponto de vista linguístico por meio de uma linguagem literária que confere qualidade ao texto, mas também está relacionada à durabilidade da escrita no tempo. Distanciar-se da qualidade efêmera e tornar-se perene representa o combate temporal do texto que reivindica o selo jornalístico-literário.

É preciso considerar que um texto publicado na imprensa, pouco importa o assunto ou a sua qualidade, é rapidamente vencido pelo tempo. Isso porque o texto jornalístico, subordinado à cadência da produção do jornal, é fadado à efemeridade e tem a sua temporalidade associada à sucessão de fatos e acontecimentos cobertos num ritmo inesgotável pela imprensa diariamente. Mas ao estabelecer uma aliança com a literatura, o texto jornalístico cogita uma certa filiação com a atemporalidade. Dessa forma, a temporalidade do jornalismo informativo, que também é a do jornalismo literário, está em tensão contraditória com a temporalidade<sup>15</sup> da literatura, que, por sua vez, busca a atemporalidade.

Sem reivindicar um status exclusivamente literário, a vertente jornalística que mescla literatura e jornalismo tenta remediar essa discrepância (ou mesmo conflito) incorporando literariedade na composição das informações. A perenização, no entanto, não depende apenas de um processo de estetização do texto. Ela se refere, também, a uma questão de suporte editorial. Assim, mesmo que as produções inscritas no contexto jornalístico-literário reforcem seu caráter duradouro com o uso de técnicas literárias, é por meio da passagem do texto do jornal para o livro<sup>16</sup>, num processo visando a garantir longevidade à escrita, que ocorre a etapa crucial do processo de imortalização do texto.

Processo semelhante ocorreu com as reportagens de guerra de Joel Silveira publicadas inicialmente nas folhas do jornal *Diários Associados*. Ao ganharem as páginas do livro, seus textos venceram o combate temporal. Além de garantir uma proteção duradoura aos escritos, o livro oferece ao leitor a possibilidade de uma dinâmica de leitura diferente. Na imprensa, a leitura de uma matéria é ritmada pela própria maneira como o jornal é produzido. Não é por acaso que os artigos são separados em editoriais e que as informações obedecem uma lógica hierárquica, na qual a essência da informação é encontrada nas primeiras linhas para facilitar uma rápida leitura. Nesse sentido, como aponta Chartier (2011, p. 58), “o mesmo texto não é mais o mesmo quando muda o meio em que está ins-

crito e, portanto, as formas de leitura e o significado atribuído a ele por seus novos leitores”.

O livro, mais que oferecer aos textos uma forma de sobrevivência, graças à durabilidade e à fixidez proporcionadas, também é um objeto federador. As reportagens de Joel Silveira, publicadas de forma dispersa e fragmentada na imprensa ao longo de vários meses, finalmente encontraram uma unidade ao serem reunidas em livro, passando a compor uma única e grande história da guerra contada pelo correspondente brasileiro.

A publicação em livro de suas matérias participa do combate temporal travado pelo jornalista, somando-se ao combate estético que também visa a atemporalidade. Ainda que Silveira não tenha dado o devido reconhecimento ao valor jornalístico-literário de seus textos escritos durante a sua missão na Itália, sua coletânea de reportagens coloca em evidência uma dupla intencionalidade: assegurar uma sobrevivência aos textos e conferir-lhes um caráter documental. No prefácio de *Histórias de Pracinha*<sup>17</sup>, livro publicado originalmente em 1946, o jornalista escreveu a seguinte nota:

Está mais do que visto que as crônicas, reportagens e notícias reunidas neste livro não possuem nenhum valor literário. Foram todas elas escritas ao ritmo da marcha dos acontecimentos, e muitas vezes aquela marcha ultrapassava a rapidez da própria máquina de escrever do correspondente. Como se trata, porém, de instantâneos apanhados ao vivo, por uma testemunha quase diária da luta dos pracinhas brasileiros e dos dramas do povo italiano desmantelado pelo fascismo e pela guerra, é possível que amanhã ou depois se descubra nos escritos colecionados neste volume algum valor documentário. É isto precisamente o que justifica aos olhos do autor e provavelmente do público a publicação em livro de uma extensa matéria que fora, durante sete meses, espalhada pelos jornais da cadeia dos ‘*Associados*’.

Na nota redigida pelo jornalista, fica claro o seu combate e a sua ambição em atribuir ao conjunto de sua produção de guerra um valor histórico e, portanto, atemporal, à imagem do que representa a literatura. Mais do que um desejo de prestígio e reconhecimento, a perenização de suas reportagens era vista por ele como o destino natural reservado aos textos ligados à “luta dos pracinhas brasileiros e dos dramas do povo italiano desmantelado pelo fascismo e pela guerra”. Transpostas ao livro, suas matérias, antes fragmentos de acontecimentos, adquiriram, além de um valor atemporal, uma unidade, tornando-se uma “uma extensa matéria” com uma coerência temática e cronológica.

---

## CONCLUSÃO

---

Mais do que um produto de massa, o jornalismo, que desempenha um papel social relevante, alcançou valor estético devido à sua aproximação com a literatura e, por conta dessa relação, adquiriu um valor agregado. Isso ocorre porque a literatura, disciplina responsável por elevar a escrita ao status de arte, com todo o seu arsenal de recursos, proporciona ao jornalismo a possibilidade de conferir a seus textos um sentido que vai além do mero informativo. Silveira, enviado ao *front* de batalha não só para atuar como correspondente, mas também para travar um combate no campo discursivo e narrativo, se vestiu dessa armadura literária e declarou guerra – ainda que não abertamente – contra a informação seca e desprovida de humanidade e de qualidades literárias.

Já a transferência física de suas reportagens da esfera jornalística (imprensa escrita) para a editorial (livro) contribuiu para que houvesse uma perenização de seus textos, que, se deixados no jornal, teriam simplesmente caducado. A publicação das reportagens de Silveira em livro serviu para preservar a história e a memória dos 25 mil soldados brasileiros enviados à Itália e de todos os que viveram a guerra. Além disso, é nas páginas de *O inverno da Guerra*, cujos textos adquiriram valor histórico, que o jornalista conseguiu, numa lógica bourdieusiana de capital simbólico, recompen-

sar a sua própria atuação como correspondente na cobertura da Segunda Guerra Mundial.

De forma mais ampla, a publicação de coletâneas de crônicas e reportagens, de livros-reportagens, e o surgimento dos *mooks*, que, conforme a definição de Vanoost (2017), estão a meio caminho entre uma revista e um livro, participam do combate temporal do jornalismo literário e propõem novas formas de leitura e consumo da informação, pautada aqui numa ótica jornalístico-literária.

As lutas estética e temporal do jornalismo literário abrem, portanto, perspectivas para a sua fomentação epistemológica, na medida em que agregam novas práticas de produção e de consumo desse jornalismo. Sendo assim, o combate do jornalismo literário para se forjar uma autonomia se alia aos outros dois, que visam a defender uma imprensa não “desliterarizada” e a garantir sobrevivência ao texto jornalístico. Juntas, essas lutas constituem, na atualidade, o triplo combate dessa vertente que ainda disputa um espaço no campo teórico e nas redações.

---

*Submissão: 31/05/2023*  
*Data de aceite: 08/05/2024*

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Nomenclatura sugerida na tese de doutorado de Ailton Sobrinho (2022) com base no trabalho em torno da experiencialidade de Monika Fludernik (1996).

<sup>2</sup> Destacamos a palavra “autônomo”, pois uma teoria do jornalismo literário destituída de contribuições de outras disciplinas, sendo ele um exemplo multidisciplinar por excelência, nos parece impensável.

<sup>3</sup> Referimo-nos ao tempo em todas as suas nuances no jornalismo: o tempo do acontecimento, o tempo necessário para produzir a matéria e o tempo de “validade” das informações.

<sup>4</sup> Não nos referimos ao termo “profissionalização” no sentido da necessidade de um diploma para o exercício da profissão. No Brasil, essa obrigação só entrou em vigor em 1969 com o Decreto-Lei 972/69, editado em plena ditadura militar. Usamos o termo no sentido de reconhecimento social da atividade do jornalista como tal, dissociada da prática literária.

<sup>5</sup> Citação retirada da edição especial da revista *Press*, publicada em 2017, dez anos após a morte de Joel Silveira.

<sup>6</sup> Frase citada numa entrevista concedida por Silveira a Fernando Miranda como parte de sua pesquisa. A íntegra da entrevista, realizada oito meses antes da morte do jornalista, foi publicada no artigo “Uma conversa com Joel Silveira” (2007), da revista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

<sup>7</sup> Citação retirada do documentário “Garrafas ao mar: a vibora manda lembranças”, de Geneton Moraes Neto (2013).

<sup>8</sup> Apresentaremos nas notas de rodapé de 9 a 13 citações extraídas das reportagens que fazem referência a esses elementos. Na leitura, podemos observar que, mesmo na presença de um elemento objetivante, o autor tende a fazer uso da literariedade na construção de seus textos.

<sup>9</sup> “Há pedaços de céu que pertencem aos nazistas, e os alemães defendem sua porções com baterias e metralhadoras. “Nestes últimos cinco dias”, me diz o major Belloc, “os nazistas estão atirando muito”. (Silveira, em “Aqui lá é Bolonha”, 2005, p. 87)

<sup>10</sup> “Entramos em Pistóia quando na cidade a noite já era fechada”.

(Silveira, em “Encontro com Pistóia”, 2005, p. 29)

<sup>11</sup> “O serviço postal aqui na frente está localizado em apenas duas salinhas. Repletas de caixotes e embrulhos. Lá dentro, dia e noite, estão o terceiro-sargento Ivan de Matos, os cabos Souza e Cardoso, e os soldados Baglioli e Vieira Neto”. (Silveira, em “O anjo postal”, 2005, p. 53)

<sup>12</sup> “Na noite do dia 20 de fevereiro, véspera do definitivo ataque a Castelo, o segundo-tenente Kléber Gomes Ferreira, da 6ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, recebeu ordem de executar uma tarefa difícil e perigosa: com os seus homens, precisamente 38, ele teria que ocupar Abetaia, enfrentando a insone vigilância inimiga”. (Silveira, em “Abetaia é nome feio”, 2005, p. 99)

<sup>13</sup> “Dos 1.800 habitantes de Fara S. Martino, por exemplo, 1.200 ficaram sem teto. Em Fileto, uma pequena cidade de 1.940 habitantes, 1.200 pessoas estão morando em cavernas abertas nas montanhas próximas ou refugiadas nos pequenos bosques das adjacências. Dos 3 mil habitantes de Gessopalena, 2 mil estão sem casa”. (Silveira, em “A Itália desgraçada”, 2005, p. 159)

<sup>14</sup> Esse efeito de mudança de ação é marcado, sobretudo, pelo uso de dêiticos espaço-temporais (agora, aqui em cima, na grama, e lá segue, aqui em cima alguns minutos) e pelo uso de frases curtas que tornam a narrativa mais dinâmica.

<sup>15</sup> É importante ressaltar que a discussão sobre a noção de temporalidade proposta aqui não diz respeito nem ao valor gramatical que ela pode ter em um texto, relacionado à escolha e à categorização dos tempos verbais (Émile Benveniste, 1974) e (Gustave Guillaume, 1929), nem ao aspecto discursivo, estudado pela narratologia (Gérard Genette, 1972). A forma de “temporalidade” que nos interessa é a que ocorre fora da obra, ou seja, a temporalidade ligada à durabilidade do texto após sua publicação no jornal ou em um livro.

<sup>16</sup> Fazemos referência ao livro em oposição ao jornal sem considerar o papel atual da internet que também pode assegurar uma hospedagem segura para produções jornalísticas e literárias diversas.

<sup>17</sup> *Reportagens publicadas nesta edição, reunindo matérias anteriormente publicadas nos Diários Associados, deram origem ao livro O inverno da guerra, de 2005.*



## REFERÊNCIAS

- Bak, J. (2020). "General introduction to the ReportAGES series". In: *Literary journalism and civil war. Reportage and civil wars through the ages*. Galindo, J., Cuartero, A. et Malavé, N (éds.), pp. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Bak, J. et Martinez, M. (2018). *Jornalismo Literário como disciplina*. Brazilian Journalism Research. 14(3), 644-651.
- Bak, J. et Reynolds, B. (2011). *Literary Journalism across the globe*. Boston: University of Massachusetts Press.
- Barthes, R. (1984). *Le bruissement de la langue*. Paris : Seuil.
- Borges, R. (2013). *Jornalismo literário : teoria e análise*. Florianópolis: Insular.
- Charon, J. (1996). « Journalisme et sciences sociales : proximités et malentendus ». In : *Usage sociaux des sciences sociales*, 36(9), 16-32. doi : 10.3406/polix.1996.1977.
- Chartier, R. (2011). *Qu'est-ce qu'un livre ?*, La lettre du Collège de France [En ligne], 31, consulté le 06 décembre 2019. URL : <http://journals.openedition.org/lettre-cdf/1240> ; DOI : 10.4000/lettre-cdf.1240
- Chillón, A. (1999). *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Cosson, R. (2007). *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Faria, N. (2011). *Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características*, Comunicação Pública [Online], Especial 01E | 2011, consultado 21 de março de 2020. URL: <http://journals.openedition.org/cp/210>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.210>
- Gabet, D. (1997). « Quelques remarques sur le concept de littérarité ». In: *Actes du IV Coloquio de l'Asociación de Profesores de Filología Francesa de la Universidad Española*. ISBN 84-89728-35-6. pags. 323-330.
- Keeble, R. (2018). "Jornalismo literário como disciplina: além de Tom Wolfe". In: *Brazilian Journalism Research*. DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1126
- Lima, E. (2009). *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª ed. Barueri: Manole.
- Lima, E.. (2014). *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Meuret, I. (2012). *Le Journalisme littéraire à l'aube du XXIe siècle : regards croisés entre mondes anglophone et francophone*, CONTEXTES [Online], 11, connection on 11 July 2019. URL : <http://journals.openedition.org/contextes/5376> ; DOI : 10.4000/contextes.5376
- Miranda, F. (2007). "Uma conversa com Joel Silveira". In: *Anais Intercom*. São Paulo. <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0064-1.pdf>
- Moraes Neto, G. (2013). *Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças* [vídeo on-line]. G1.globo.com, 7 de junho de 2013 [consultado no dia 19 de abril de 2020] <https://cutt.ly/Syg51WL>
- Motta, L. (2005). "A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística". In: *Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação*. São Paulo: Intercom. Consulté le 3 mars 2021. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>
- Parratt, S. (2003). *Introducción al reportaje: antecedentes, actualidad y perspectivas*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Pélissier, N. et Eyriès, A. (2014). *Fictions du réel : le journalisme narratif*, Cahiers de Narratologie [En ligne], 26 | 2014, mis en ligne le 14 octobre 2014, consulté le 03 mars 2020. URL : <http://journals.openedition.org/narratologie/6852> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/narratologie.6852>
- Pennafort, R. (2017). "Joel Silveira, a víbora da reportagem". Portal Press. Acesso em 11 de outubro de 2021, <http://revisitapress.com.br/revista-press/press-grandes-nomes/edicao-180-joel-silveira-a-vibora-da-reportagem/>
- Silveira, J. (2005). *O inverno da guerra*. São Paulo: Objetiva.
- Silveira, J. (1946). *Histórias de pracinha*. Rio de Janeiro: Brasileira de Ouro.
- Silveira, J. (1998). *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sobrinho, A. (2022). *De la chronique journalistique au reportage de guerre : fiction et non-fiction dans le journalisme littéraire de Rubem Braga et de Joel Silveira*. Thèse de doctorat, sous la direction de Saulo Neiva. Université Clermont Auvergne.
- Vanoost, M. (2017). « Qui sont les lecteurs de mooks ? », *Communication* [En ligne], vol. 34/2, mis en ligne le 25 juillet 2017, consulté le 29 février 2020. URL : <http://journals.openedition.org/communication/7341> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/communication.7341>



**O triplo combate do jornalismo literário: epistemológico, estético e temporal**

**Le triple combat du journalisme littéraire : une bataille sur les fronts de l'épistémologie, de l'esthétique et de la temporalité**

**El triple combate del periodismo literario librado en los frentes epistemológico, estético y temporal**

**A Triad of Battles Fought by Literary Journalism on the Epistemological, Aesthetic and Temporal Fronts**

**Pt.** O jornalismo literário, vertente que se alimenta de um ponto de vista discursivo e teórico de uma dialética possível entre os polos da ficção e da não ficção, trava um combate que podemos considerar triplo. No presente artigo, pretendemos trazer esses combates para a arena da discussão de forma a contribuir com as reflexões sobre a prática do jornalismo literário dentro e fora dos campos de guerra. Assim, faremos referência ao combate dessa modalidade jornalística pelo reconhecimento de uma certa independência epistemológica em relação às disciplinas que sempre lhe serviram de apoio, como o próprio jornalismo e a literatura. Daremos enfoque ao combate que busca conferir um valor estético aos textos inscritos nessa vertente por meio da adoção de técnicas literárias e trataremos do combate temporal, que visa a garantir aos textos classificados como jornalístico-literários o selo da perenidade. Esse combate triplo, incidindo no campo teórico, discursivo e editorial, posiciona o jornalismo literário em várias linhas de frente, cujas lutas estética e temporal abrem novas perspectivas epistemológicas ao agregarem outras práticas de produção e de consumo desse jornalismo. Para ilustrar de que forma esses prélios se manifestam nessa modalidade jornalística, observaremos como o jornalista Joel Silveira, um dos grandes nomes do jornalismo literário brasileiro, travou os combates estético e temporal na produção de suas reportagens durante a cobertura da Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados*. Travando um combate contra a aridez do texto jornalístico tradicional e posicionando-se a favor de uma estética jornalístico-literária, Silveira abriu, de forma precursora no contexto brasileiro, caminhos para uma prática jornalística pautada não só pelos fatos, mas também pela literariedade. Essa abertura, como veremos, conferiu maior solidez à sua produção e permitiu que suas reportagens, marcadas pela temática da guerra, se distanciassem da efemeridade típica do texto jornalístico e alcançassem um status de perenidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo literário, reportagem, combate, guerra, Joel Silveira

**Fr.** Le journalisme littéraire, une branche qui se nourrit d'un point de vue discursif et théorique d'une dialectique possible entre les pôles de la fiction et de la non-fiction, mène un combat sur le plan textuel et épistémologique que l'on peut considérer triple. Dans le présent article, nous comptons convoquer ces combats dans l'arène de la discussion afin de contribuer aux réflexions sur la pratique du journalisme littéraire, dans et en dehors des champs de bataille. Ainsi, nous ferons référence au combat de cette modalité journalistique pour la reconnaissance d'une certaine indépendance épistémologique par rapport aux disciplines qui lui ont toujours servi de support, comme le journalisme et la littérature. Nous mettrons l'accent sur le combat visant à conférer une valeur esthétique aux textes inscrits dans cette branche par l'adoption de techniques littéraires, et nous traiterons du combat temporel qui vise à garantir aux textes classés comme *journalistico-littéraires* le sceau de la pérennité. Ce combat triple, se déployant sur les plans théorique, discursif et éditorial, positionne le journalisme littéraire sur plusieurs fronts. Ses luttes esthétique et temporelle ouvrent ainsi de nouvelles perspectives épistémologiques, dans la mesure où elles intègrent de nouvelles pratiques de production et de consommation de ce journalisme. Pour illustrer comment ces *praelia* se manifestent, nous observerons la façon dont le journaliste Joel Silveira, une référence du journalisme littéraire brésilien, a mené les combats esthétique et temporel dans la production de ses reportages durant la couverture de la Seconde Guerre mon-

diale pour les *Diários Associados*. En menant un combat contre l'aridité du texte journalistique traditionnel et en se positionnant en faveur d'une esthétique *journalistico-littéraire*, Silveira a ouvert, de manière précurseur dans le contexte brésilien, des chemins pour une pratique journalistique fondée non seulement sur les faits, mais aussi sur la littérature. Cette ouverture, comme nous le verrons, a conféré une plus grande solidité à sa production et a permis à ses reportages, marqués par la thématique de la guerre, de s'éloigner de l'éphémérité typique du texte journalistique et d'atteindre un statut de pérennité.

**Mots-clés :** Journalisme littéraire, reportage, combat, guerre, Joel Silveira

**Es.** El periodismo literario, una vertiente que se nutre desde un punto de vista discursivo y teórico de una posible dialéctica entre los polos de la ficción y la no ficción, libra un combate que podemos considerar triple. En este artículo pretendemos llevar estos combates a la arena de discusión para contribuir a las reflexiones sobre la práctica del periodismo literario dentro y fuera de los campos de guerra. Así, haremos referencia al combate de esta modalidad periodística por el reconocimiento de una cierta independencia epistemológica en relación con las disciplinas que siempre le han servido de apoyo, como el propio periodismo y la literatura. Nos centraremos en el combate que busca dar un valor estético a los textos inscritos en esta vertiente mediante la adopción de técnicas literarias y abordaremos el combate temporal, que busca garantizar a los textos clasificados como periodístico-literarios el sello de la perennidad. Este triple combate, que incide en los campos teórico, discursivo y editorial, sitúa el periodismo literario en varias líneas de frente, cuyas luchas estéticas y temporales abren nuevas perspectivas epistemológicas al agregar otras prácticas de producción y consumo de este periodismo. Para ilustrar cómo se manifiestan tales combates en esta modalidad periodística, observaremos cómo el periodista Joel Silveira, uno de los grandes nombres del periodismo literario brasileño, libró las batallas estéticas y temporales en la producción de sus reportajes durante la cobertura de la Segunda Guerra Mundial para la empresa *Diários Associados*. Al luchar contra la aridez del texto periodístico tradicional y adoptar una postura a favor de una estética periodístico-literaria, Silveira abrió, de manera pionera en el contexto brasileño, caminos para una práctica periodística guiada no solo por los hechos, sino también por la literariedad. Esta apertura, como veremos, confirió mayor solidez a su producción y permitió que sus reportajes, marcados por la temática de la guerra, se distanciaran de la efimeridad característica del texto periodístico y alcanzaran un estatus de perennidad.

**Palabras clave:** Periodismo literario, reportaje, combate, guerra, Joel Silveira.

**En.** Literary journalism, a form of journalism that uses a discursive and theoretical point of view of fiction and non-fiction, is engaged in a triad of battles. In this article, we discuss these battles in order to reflect on literary journalism both on and off the battlefield. The struggle we refer to in this journalistic form has to do with a certain epistemological independence in relation to the disciplines it is based on, namely journalism itself and literature. We focus on the fight to give aesthetic value to the texts in this form through the adoption of literary techniques, and we deal with the temporal fight which aims to guarantee the continued occurrence of journalistic-literary texts. This triad of battles, that affects the theoretical, discursive and editorial fields, places literary journalism on several front lines, the aesthetic and temporal struggles of which open up new epistemological perspectives by adding other forms of producing and consuming this journalism. To illustrate how these conflicts manifest in this type of journalism, we observe how journalist Joel Silveira, one of the great names in Brazilian literary journalism, fought aesthetic and temporal battles producing reports during his coverage of the Second World War for *Diários Associados*. Fighting against the blandness of traditional journalistic texts, and positioning himself in favor of a journalistic-literary aesthetic, Silveira was a pioneer in Brazil, opening up pathways for a form of journalism guided not only by facts, but also by literature. This opening, as we shall see, gave greater solidity to his production and allowed his reports, based on war, to separate themselves from the ephemerality so typical of journalistic texts and achieve a status of permanence.

**Key Words:** Literary journalism, report, combat, war, Joel Silveira

PARTI PRIS

## Maria Santos-Sainz

### L'engagement journalistique d'Albert Camus : entre exigence morale et journalisme critique

Camus débute dans la presse à 25 ans en Algérie, sa terre natale, à un âge auquel, encore aujourd'hui, la majorité des futurs journalistes ne sont que stagiaires. Sans aucune expérience, il se découvre alors une véritable passion pour le métier. Plus tard, il avouera : « *La profession de journaliste est une des plus belles que je connaisse, justement parce qu'elle vous force à vous juger vous-même.* »<sup>1</sup> Le journalisme a été pour lui une école de vie et de morale, mais aussi plus tard un terrain propice pour exprimer ses prises de position.

La figure d'Albert Camus s'érige aujourd'hui comme celle d'un journaliste de référence (Elias, 1991), un exemple de journaliste critique et engagé (Lévêque et Ruellan, 2010). Son engagement porte notamment sur la défense des plus démunis, la justice sociale, la démocratie et la liberté. Il fait de l'engagement un modèle de journalisme<sup>2</sup>. Un modèle qui répond aussi à une époque dans laquelle « les écrivains et les intellectuels s'emparent de toute tribune pour exprimer, souvent de la manière la plus radicale, leur vision du monde » (Delporte, 1999 : 91).

Si Camus débute comme reporter sur le terrain, son parcours professionnel évolue vers un journalisme d'opinion, quand il devient un écrivain célèbre et un intellectuel éminent. Le poids de figures traditionnelles<sup>3</sup> d'un journalisme engagé, comme celle qu'incarne Camus, correspond à l'idéal type du « journalisme justicier » (Mathien, 2001 ; Desjardins, 2005) caractérisé par une conception politique et morale

de la profession. Un exemple d'un journalisme irrévérent, critique et « porteur de messages » afin de changer le monde. Camus a marqué la profession, par ses écrits percutants, ses prises de position et par sa haute conception du métier.

Ce « journalisme d'intentionnalité »<sup>4</sup> (Lévêque et Ruellan, 2010 : 9) qui se méfie de l'impartialité supposée ou de la neutralité, considérées comme synonymes d'indifférence, repose sur un « journalisme d'idées »<sup>5</sup>. Sa définition d'un journaliste mérite un examen particulier : « C'est un homme qui d'abord est censé avoir des idées. (...) C'est ensuite un homme qui se charge chaque jour de renseigner le public sur les événements de la veille. En somme, un historien au jour le jour – et son premier souci doit être de vérité »<sup>6</sup>. Camus assume que « le gout de la vérité n'empêche pas la prise de parti »<sup>7</sup>. Il ajoute que « l'objectivité n'est pas la neutralité »<sup>8</sup>. Éloigné du militantisme et du dogmatisme, avec la vérité comme horizon, il considère que le journalisme critique -ou le journalisme d'idées- délivre des points de vue et des commentaires honnêtes au lecteur pour qu'il puisse se former une opinion face à l'actualité. Camus considérait la profession de journaliste comme un combat pour la vérité, contre la désinformation et pour l'indépendance de la presse. Il affirme dans ses premiers éditoriaux de *Combat* : « Notre désir d'autant plus fort qu'il était souvent muet, était de libérer les journaux de l'argent et de leur donner un ton et une vérité qui mettent le public à la hauteur de ce qu'il y a de meilleur en lui »<sup>9</sup>.

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo

Maria Santos-Sainz, « L'engagement journalistique d'Albert Camus : entre exigence morale et journalisme critique », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.627>





Ses textes sur la presse constituent un héritage encore vivant dans l'imaginaire professionnel de nombreux journalistes<sup>10</sup> qui voient en lui un phare et une vigie de la profession. Il exerce une réflexivité (Santos-Sainz, 2019) sur le journalisme<sup>11</sup> qui le convertit en précurseur de la revendication déontologique. De nombreuses phrases résonnent encore aujourd'hui comme un bréviaire pour les journalistes : « La première condition pour faire un bon et libre journalisme est d'apprendre à ne pas mépriser systématiquement son lecteur »<sup>12</sup>. Sur la responsabilité sociale des journalistes : « Mal nommer les choses, c'est ajouter au malheur du monde »<sup>13</sup>. Ou encore : « Un journaliste ne publie rien qui puisse exciter la haine ou provoquer le désespoir »<sup>14</sup>.

La démarche proposée ici s'appuie sur une approche biographique qui associe sa production journalistique et sa pratique en tant que journaliste, en prenant en compte leur contexte historique. Le corpus analysé comprend ses écrits journalistiques sur la presse, d'abord au *Soir républicain* (1939) et plus tard, ses éditoriaux à *Combat* (1944-1947)<sup>15</sup>. Pour comprendre le modèle d'engagement journalistique d'Albert Camus, il faut se pencher sur son origine sociale, son parcours de vie, ses valeurs, l'actualité de l'époque, ses sources d'engagement puis ses choix journalistiques. Cela permet de mieux cerner ses combats dans la presse et son approche théorique de la profession.

---

### LA GENÈSE DE L'ENGAGEMENT JOURNALISTIQUE

---

L'engagement journalistique de Camus commence très tôt, à *Alger républicain*, un journal progressiste et indépendant dirigé par Pascal Pia. Séduit par ses convictions, Pia explique son embauche : « ...je dois dire que Camus m'apparut sur-le-champ comme le meilleur collaborateur que je pourrais trouver. Il ne disait rien d'insignifiant, et cependant il était clair qu'il exprimait tout uniment. Ses propos, sur quelque sujet que ce fût, dénotaient à la fois de solides connaissances générales et un acquis impliquant plus d'expérience que n'en ont d'ordinaire les hommes de son âge (il avait tout juste 25 ans). Je n'ai pas eu à souper sa candidature à un emploi de rédacteur. J'ai l'invité immédiatement à travailler avec moi »<sup>16</sup>.

Le jeune Camus va donc travailler comme reporter et chroniqueur judiciaire. Camus signe cent cinquante articles dans les colonnes d'*Alger républicain*. Dès ses débuts, il choisit des sujets très sociaux, toujours du côté des invisibles, des défavorisés, des opprimés. Il adopte une conception éthique du journalisme qui ne le quittera plus. Jean Daniel le souligne ainsi : « On retrouve déjà Camus, tout Camus, dans ses articles d'*Alger Républicain*. On y retrouve même un destin »<sup>17</sup>. L'écrivain possède déjà le talent, l'honnêteté et la maturité qui l'amèneront à dénon-

cer les injustices, les inégalités et la misère, celles-là même dont il eut à souffrir lors de son enfance pauvre, dans le quartier populaire de Belcourt. Par son origine modeste, Albert Camus incarne le modèle de diversité sociale tant nécessaire dans cette profession.

Parmi ses meilleures productions journalistiques, nous pouvons évoquer la série de reportages *Misère de la Kabylie*<sup>18</sup>, publiée par épisodes du 5 au 15 juin 1939. Un excellent exemple de journalisme d'investigation, une véritable enquête, dans laquelle il dénonce les conditions de vie inhumaines de la population kabyle. Il s'intéresse à une région oubliée, ignorée par le reste de la presse d'alors. Durant 10 jours, Camus parcourt à pied et en bus cette région reculée de l'Algérie. Il entre chez les gens et cherche à retracer leur histoire de la façon la plus précise possible, dans un style direct, sobre et incisif.

Camus se rend là où les autres médias ont déserté, pour révéler des réalités sociales invisibles. Dans sa période algérienne, il dénonce les effets pervers du colonialisme, les dégâts de la corruption (l'affaire Hodent<sup>19</sup>), les conditions inhumaines de détenus au Navire prison de La Matinière<sup>20</sup>, les « faux procès » (*Les incendiaires d'Auribeau*<sup>21</sup>). Albert Camus décide de donner la parole aux opprimés, aux humiliés, d'exposer la situation des « sans voix », de révéler l'exploitation et la misère dans lesquelles ils vivent.

On trouve ici la genèse de l'œuvre postérieure de Camus, qui tel un Don Quichotte, dénonce sans relâche les injustices lorsqu'il se trouve confronté à des causes qui le révoltent. La confrontation avec l'actualité a beaucoup influencé son œuvre littéraire. Comme le souligne Guerin (2013) et Lévi-Valensi (2002) l'engagement de Camus possède une certaine éthique du témoignage. Un engagement qui passe pour l'expérience de la vie. À travers le journalisme, Camus dialogue avec le réel. On peut considérer l'éditorialiste de *Combat*, où il fut également rédacteur en chef, comme un « don Quichotte du journalisme » (Santos Sainz, 2019). Précisément, dans une de ses conférences en hommage au protagoniste de Cervantes, Camus écrit : « Don Quichotte se bat et ne renonce jamais »<sup>22</sup>. Il le considère comme « le patron des persécutés et des humiliés, lui-même persécuté au royaume des marchand et des polices »<sup>23</sup>. Dans son œuvre *Avec Camus*, Jean Daniel (2006) évoque comment « ce donquichottisme de Camus, il le transportera partout, même dans le journalisme » (p.46). Toujours avec un jugement éclairé et visionnaire, Camus porte dans ses écrits journalistiques de valeurs d'humanité dans le refus des complaisances, des conformismes et des concessions.

---

### LES SOURCES DE SON ENGAGEMENT

---

Cette sensibilité sociale et cet engagement lui viennent probablement de la fidélité à son origine fa-

miliale, très modeste, qui l'unit au destin des opprimés du monde. Lui-même éclaire cette question : « De mes premiers articles jusqu'à mon dernier livre, je n'ai tant, et peut-être trop, écrit que parce que je ne peux m'empêcher d'être tiré du côté de ceux, quels qu'ils soient, qu'on humilie et qu'on abaisse »<sup>24</sup>.

Cette misère, il l'a connue dans le quartier ouvrier de Belcourt où il vivait avec sa mère, une femme humble d'origine espagnole, qui ne savait ni lire ni écrire et faisait des ménages pour nourrir ses deux fils. C'est à cette femme digne qu'il dédie son œuvre inachevée, *Le premier homme*. De sa mère, il apprend à se méfier des lieux de pouvoir. Quand il lui annonce qu'il a été invité au palais de l'Élysée, elle lui répond : « Ce n'est pas pour nous. N'y va pas, mon fils, méfie-toi. Ce n'est pas pour nous. » (Daniel, 2006 : 135). De fait, Camus n'ira jamais à l'Élysée. Ni dans aucun palais... sauf pour recevoir son prix Nobel.

Cette figure maternelle omniprésente, exemple d'abnégation, de courage mais aussi symbole d'exploitation restera tout sa vie en lui. C'est en son nom et en celui de tous les opprimés que Camus prit parti. L'engagement de Camus reste significatif pendant ses années de théâtre à Alger (Théâtre de L'équipe, Le théâtre du travail) où ils jouent des pièces classiques du siècle d'or espagnol mais aussi des textes engagés comme « Révolte en Asturies », une pièce sur la répression d'une grève de mineurs par le gouvernement espagnol, interdite par le gouvernement d'Alger. À signaler également, un autre point significatif de l'engagement politique de Camus qui se traduit par l'éphémère adhésion au Parti Communiste (Phéline & Spiquel-Courdille, 2017), en 1937. Déçu de l'orthodoxie militante, esprit libre, il finit par être exclu. Une expérience qui le marquera toujours. Une obsession : s'éloigner des partis politiques et des dogmatismes.

Le sens de l'engagement chez Albert Camus résulte de la symbiose entre sa vie et son œuvre, sa pensée et sa façon d'agir. Ses différentes écritures, journalistique et littéraire, sont indissociables : la première porte en germe la seconde. Camus confesse dans ses *Carnets* : « J'aime mieux les hommes engagés que les littératures engagées. Du courage dans la vie et du talent dans ses œuvres, ce n'est déjà pas mal. Et puis l'écrivain est engagé quand il le veut. Son mérite, c'est le mouvement »<sup>25</sup>. Le journaliste Jean Daniel, toujours fidèle à la mémoire de Camus affirme : « Il ne distinguait pas l'œuvre, la vie, la personne. Et c'est là, me semblait-il, la seule bonne définition de l'engagement. » (Daniel, 2006 : 29-30)

Lors de son discours prononcé en Suède lors de l'attribution du prix Nobel en 1957<sup>26</sup>, Camus cerne le statut de l'écrivain engagé. Une mission qui se rapproche de sa conception et de sa pratique journalistique et qui mérite d'être analysée. Cet ainsi qu'il évoque le rôle de l'artiste, de l'écrivain, et nous pou-

vons rajouter aussi celui du journaliste : « Le rôle de l'écrivain ne se sépare pas de devoirs difficiles. Par définition, il ne peut se mettre aujourd'hui au service de ceux qui font l'histoire : il est au service de ceux qui la subissent ». Camus affirme que l'artiste ne doit pas s'isoler : « Il se soumet à la vérité la plus humble et la plus universelle<sup>27</sup> ». Un message implicite pour les journalistes enfermés dans leur tour d'ivoire. La recherche de la vérité devient son cheval de bataille.

L'engagement journalistique de Camus se fonde sur la réalité tangible, l'actualité, qui permet de réfléchir aux questions plus profondes de la condition humaine. Un engagement marqué par son refus d'affiliation aux partis politiques et son esprit toujours libre. Parmi les grandes lignes du journalisme pour Camus, nous pouvons évoquer le rejet du sensationnalisme au profit de l'exigence et des faits, l'appel au renforcement des *fonctions politiques et sociales de la presse* et la défense acharnée de son indépendance économique.

Le journalisme est un territoire privilégié pour exprimer et penser les problèmes qui touchent le monde et l'homme en particulier : l'innocence, la culpabilité, le fanatisme, la liberté, la justice, l'égalité, etc. Inspiré de son exigeante éthique de journaliste, Camus les développe dans son œuvre littéraire. Précisément, il ne considère pas le journalisme comme un genre mineur. La sélection de ses meilleurs travaux pour la presse – publiés par les éditions Gallimard en trois volumes, *Actuelles I*, *Actuelles II* et *Actuelles III* (respectivement 1950, 1953 et 1958) constitue une preuve de l'importance qu'il donne à sa production journalistique.

On peut souligner de nombreuses correspondances entre les écrits journalistiques de Camus et son œuvre littéraire. Son roman *L'étranger* en témoigne : son expérience de chroniqueur judiciaire à *Alger Républicain* et au *Soir Républicain* transparaît dans le procès de Meursault. Camus y critique l'irresponsabilité d'une presse qui a perdu le sens des valeurs.

Citons également le personnage de Raymond Rambert dans *La Peste*, un journaliste qui finit par s'engager dans la lutte contre la peste, allégorie du nazisme, mais qui condamne tous les totalitarismes. Il écrit que « la seule façon de lutter contre la peste, c'est l'honnêteté »<sup>28</sup>. Et son personnage qui incarne le journaliste Rambert répond : « Je ne sais pas ce qu'elle est en général. Mais dans mon cas, je sais qu'elle consiste à faire mon métier »<sup>29</sup>. Certaines formulations y sont proches de celles que Camus emploie dans sa série d'éditoriaux *Ni victimes ni bourreaux* de *Combat*. La spécialiste de Camus Jacqueline Lévi-Valensi (2002), dans son commentaire de *La Peste*, montre que la consonance de pensée entre *Combat* et l'œuvre littéraire de Camus s'exprime en des modulations quasi identiques. Guérin,

dans ses « Jalons pour une lecture politique de La Peste » (2006), souligne les interférences entre la série des éditoriaux de *Combat* intitulée *Ni victimes Ni bourreaux* et le récit de Tarrou dans *La Peste*.

### LES COMBATS JOURNALISTIQUES

À l'automne 1943, Camus débute sa collaboration dans la clandestinité, au péril de sa vie, à *Combat*. Puis il devient rédacteur en chef et éditorialiste du 21 août 1944 au 3 juin 1947<sup>30</sup>. *Combat* est un journal unique et légendaire dans l'histoire de la presse en France, un organe de la Résistance. Albert Camus fut l'éditorialiste le plus talentueux de son temps, un véritable « guide moral d'une génération qui réclamait le changement »<sup>31</sup>. Il incarna la voix de la Résistance sur les réformes démocratiques que le pays devait entreprendre, notamment sur la presse. Éveilleur des consciences, Camus s'empare du genre éditorial pour exprimer sa vision du monde. Camus a choisi l'éditorial comme une tribune d'excellence pour mettre en pratique son concept de « journalisme d'idées », où souvent la recherche de la vérité requiert de prendre parti.

De tous ses écrits journalistiques ressort la voix passionnée d'un écrivain engagé face aux horreurs du XXe siècle, le siècle de « la peur », dans une période trouble marquée par de forts clivages idéologiques et la barbarie de la guerre. Dans ses éditoriaux on perçoit les « espérances et les déceptions » suscitées par les événements historiques de son temps. Ils plaident aussi, d'une manière intemporelle, pour la « lucidité et la vigilance » (Lévi-Valensi, 2002 : 17).

Sa double qualité de journaliste et d'écrivain lui confère une légitimité et une autorité morale. Il a sublimé ce genre journalistique en lui donnant toutes ses lettres de noblesse par sa haute tenue intellectuelle, sa pertinence et son regard visionnaire. La définition de Camus concernant ce genre d'opinion est celle-ci : « une idée, deux faits à l'appui, trois feuillets »<sup>32</sup>.

À travers ses éditoriaux il a exercé un véritable magistère, par le charisme de la fonction, par sa notoriété, son poids comme intellectuel de renom ainsi que par sa « posture de vigie » (Riutort, 2009). À son époque il a été consacré comme l'un des éditorialistes les plus pertinents et aiguisés de France et d'Europe. Le journaliste Jean Daniel nota, pour la singularité du ton et du contenu des éditoriaux de Camus « la concision, le sens de la formule, le trait percutant » (Daniel, 1964). Il existe des nombreux témoignages qui rendent compte du succès de ses éditoriaux à *Combat*, journal de la résistance contre Vichy et le Troisième Reich, loué pour son indépendance. Il exerçait une influence exceptionnelle à une époque où la presse écrite régnait encore. Comme le soulignent les historiens

de la presse Christian Delporte et Fabrice d'Almeida (2003), l'engagement journalistique de Camus passe par le sens civique : « La morale est le maître mot de l'engagement : moraliser la presse pour moraliser la politique, telle est la condition du journalisme civique que *Combat* appelle de ses vœux. » (p.131).

Parmi ses éditoriaux mémorables et courageux, notons sa dénonciation de la barbarie qui avait entraîné le lancement de la bombe atomique sur Hiroshima, éditorial publié le 8 août 1945 (Lévi-Valensi, 2002 : 594-597). Camus a été l'unique journaliste occidental à signaler cette atrocité nucléaire, quand ses confrères saluaient la prouesse technique.

Dans ses éditoriaux de *Combat*, il dénonce la violence, les nationalismes, tous les totalitarismes, ainsi que les dogmatismes. Tous ses écrits journalistiques sont imprégnés d'une réflexion civique : Camus défend le dialogue, vertu cardinale de la démocratie. On remarque notamment ses réflexions sur la liberté, la justice, la défense de la démocratie et le pluralisme d'opinions, la responsabilité du journaliste, qui obtiennent une résonance incroyable dans notre conscience contemporaine. Un décalogue des idéaux qui restent d'une grande actualité dans un monde secoué encore plus par les fausses informations, les batailles idéologiques. Il explore également les thèmes de la culpabilité et de l'innocence, de la violence, du terrorisme. Il s'attaque à la banalité du mal, à la barbarie...

Un de ses combats, engagement qui ne le quittera jamais, est la défense de la cause des républicains espagnols. Il écrit de nombreux éditoriaux pour plaider en faveur du retour de la démocratie en Espagne pendant le franquisme. Fidèle défenseur de la République espagnole et de la cause des Républicains jusqu'à sa mort, il soutient sans relâche les exilés espagnols, qui le considéraient comme l'un des leurs. Il a également collaboré à de nombreux journaux libertaires internationaux. Il est ainsi toujours resté proche des anarchistes espagnols.

Comme le souligne Jeanyves Guerin (2017), dans l'ensemble de ses textes, Camus pose les grands enjeux du XXI<sup>e</sup> siècle. Son adieu au journalisme a lieu dans les colonnes de *L'Express*, où il travaille pendant un an en 1955, écrivant notamment sur la crise algérienne, une problématique qui le déchirait. Toujours à contre-courant, Camus défendait l'option d'une Algérie française, position incomprise par la majorité de la gauche française qui soutenait l'indépendance. Ses silences et parfois ses prises de position notamment sur la question algérienne, restent encore un terrain de controverses que certains auteurs soulèvent comme les limites du journalisme camusien.

D'autre part, la pensée politique de Camus qui fonde ses engagements se trouve dans ses essais mais aussi dans ses articles et conférences. Nous trouvons parmi les causes qu'il a défendues : la République espagnole, l'engagement

dans la Résistance, la condamnation du communisme soviétique, la construction d'une Europe fédérale, le soutien à Mendès France, la trêve civile en Algérie, le combat contre la peine de mort (Guérin, 2017).

Compagnon de route des anarchistes espagnols, il a montré sa sympathie avec l'Internationale Ouvrière. Selon Guérin : « Camus est, en réalité, social-démocrate de raison. Il a été un passeur de l'idée démocratique à l'époque des idéologies triomphantes. Son engagement demeure, pour l'essentiel, celui d'un homme de la gauche modérée qui se tiendra, à l'inverse de Sartre, à distance de la gauche communiste et de la droite libérale incarnée par Raymond Aron. » (2009 : 207).

---

### MANIFESTE DU JOURNALISTE LIBRE

---

La force de réflexion de Camus sur la profession se dévoile déjà dans un article inédit intitulé « Manifeste du journaliste libre », qui aurait dû être publié dans les colonnes du *Soir républicain* le 25 novembre 1939. Lorsqu'il l'écrit, Camus a seulement 26 ans. La guerre vient d'éclater trois mois auparavant. *Le Soir républicain*, qu'il dirige avec Pascal Pia, est diffusé uniquement à Alger et ne publie qu'une feuille quotidienne imprimée recto verso. Le gouverneur général suspendra définitivement la publication du journal le 10 janvier 1940. Le Manifeste, texte précurseur de la pensée journalistique de Camus, a été retrouvé par la journaliste Macha Serry aux Archives nationales de l'Outre-mer, à Aix-en-Provence en 2012 et publié par *Le Monde* en 2012<sup>33</sup>.

Il s'agit d'un manifeste pionnier sur le rôle du journaliste, germe de la pensée qu'il développera plus tard dans ses éditoriaux consacrés à la presse à *Combat*. Il fut censuré au dernier moment. Camus y met en garde contre les périls qu'encourt le journalisme en temps de guerre — et de paix — face à la censure et à la propagande. L'article était enfoui dans les dossiers de l'autorité de la censure de l'époque. On y voit la genèse d'une partie de la pensée humaniste et moraliste de Camus, réfractaire à tout dogmatisme : un esprit rebelle et insoumis.

Dans ce texte percutant, Camus invite les journalistes à rester libres, face aux abus du pouvoir, à ses servitudes et à ses censures. Il appelle à combattre la désinformation et l'uniformisation des informations. Il écrit : « Un journal indépendant donne l'origine de ses informations, aide le public à les évaluer, répudie le bourrage de crâne, supprime les invectives, pallie par des commentaires l'uniformisation des informations et, en bref, sert la vérité dans la mesure humaine de ses forces. Cette mesure, si relative qu'elle soit, lui permet du moins de refuser ce qu'aucune force au monde ne pourrait lui faire accepter : servir le mensonge »<sup>34</sup>.

Dans son Manifeste, il définit quatre commandements du journaliste libre qui méritent d'être inscrits à l'entrée de chaque rédaction : « La lucidité, le refus, l'ironie et l'obstination »<sup>35</sup>. Quatre points cardinaux qu'il développe également dans son œuvre littéraire et dans ses réflexions philosophiques.

Les réflexions de Camus sur la presse restent indissociables de l'exigence démocratique, de la nécessité de transparence, du pluralisme et l'indépendance des médias, bien plus nécessaire aujourd'hui que jamais : c'est précisément son 'œil critique' face à la menace du mensonge, des fausses informations et la montée de la haine qui surplombe les débats de son époque.

La modernité de Camus réside également dans son côté précurseur par rapport à la revendication déontologique du journalisme. Il nous laisse une exigeante éthique pour la profession, en particulier sur la responsabilité sociale des journalistes. Il défendait et pratiquait un journalisme libre, critique et indépendant : un journalisme pilier de la démocratie.

---

### CONCLUSION

---

En conclusion, on observe que l'engagement journalistique de Camus reste encore très vivant en France, notamment comme inspirateur d'un modèle de journalisme avec « un journaliste auxiliaire de la démocratie, défendant un projet de société, bref un journalisme de combat, chargé d'éclairer le peuple y compris en défendant ses propres idées » (Lévêque & Ruellan, 2010 : 11).

L'éditorialiste de *Combat* formule une théorie du journalisme engagé fondée sur la régénération de la presse et sur un journalisme critique. Il propose une réforme des médias de bas en haut qui concerne à la fois le statut juridique de la presse, son indépendance financière et la responsabilité sociale des journalistes.

Peut-être l'une des citations qui résume le mieux le leg intellectuel d'Albert Camus sur les défis du métier est celle publiée dans un éditorial de *Combat*, le 31 août 1944 : « La tâche de chacun de nous est de penser bien ce qu'il se propose de dire, de modeler peu à peu l'esprit du journal qui est le sien, d'écrire attentivement et de ne jamais perdre de vue cette immense nécessité où nous sommes de redonner à un pays sa voix profonde. Si nous faisons que cette voix demeure celle de l'énergie plutôt que de la haine, et de la fière objectivité et non de la rhétorique, de l'humanité plutôt que de la médiocrité, alors beaucoup de choses seront sauvées et nous n'aurons pas démerité »<sup>36</sup>. Un engagement qui s'empare de la recherche de la vérité, pour aller rendre justice à des causes oubliées et négligées de l'agenda des médias.



Relire aujourd'hui les textes journalistiques de Camus peut servir de manuel de résistance, de bréviaire pour les journalistes. Face à la corruption et les abus du pouvoir, le sensationnalisme et la désinformation qui mine la vie publique dans de nombreux pays, l'auteur de *L'homme révolté* défend comme personne l'importance de la morale dans la politique et l'éthique journalistique. Camus nous met en garde contre la fabrication du mensonge et ses dangers pour la démocratie : « La liberté consiste d'abord à ne pas mentir. Là où le

mensonge prolifère, la tyrannie s'annonce ou se perpétue. »<sup>37</sup>. Un message qui nous sert de boussole dans un monde actuel troublé.

Soumis : 31/05/2023  
Accepté : 08/05/2024

**MARIA SANTOS-SAINZ**

Professeure des Universités  
Institut de Journalisme Bordeaux Aquitaine  
Université Bordeaux Montaigne  
MICA et Laboratoire LaPIJ  
maria.santos-sainz@ijba.u-bordeaux-montaigne.fr  
ORCID : 0009-0005-4458-5172

## NOTES

<sup>1</sup> Pléiade II, p. 1565.

<sup>2</sup> Si à la fin du XXe siècle s'est imposé le mythe professionnel dominant d'un journalisme « désengagé » et « neutre », incarné par le modèle anglo-saxon, actuellement nous assistons à un certain retour d'un journalisme d'engagement dans le cadre de médias de niche. Voir : Neveu, E. (2009). *Sociologie du journalisme*, Paris, La Découverte, pp. 9-18 ; Lévêque, S. et Ruellan, D. (Eds) (2010) : *Journalistes engagés*, Presses universitaires de Rennes, pp. 9-16.

<sup>3</sup> Avec Camus et Sartre, nous assistons à la fin du règne des intellectuels universels, face à l'émergence de la figure de l'intellectuel spécifique (Foucault, 1994, tomes II et III).

<sup>4</sup> Un journalisme engagé vers le changement, la volonté consciente de faire bouger les lignes.

<sup>5</sup> Camus, A. (8 septembre 1944). « Le journalisme critique », *Combat*. Pléiade II, p. 386.

<sup>6</sup> Camus, A. (1<sup>er</sup> septembre 1944). « La réforme de la presse », *Combat*. Pléiade II, p. 521.

<sup>7</sup> Camus, A. (8 septembre 1944). « Le journalisme critique », *Combat*. Pléiade II, p. 386.

<sup>8</sup> *La table ronde*, *L'Express*, 18 octobre 1955. *Actuelles III*, Pléiade IV, p. 357.

<sup>9</sup> Camus, A. (31 août 1944). « Critique de la nouvelle presse », *Combat*. Pléiade II, pp. 384-385.

<sup>10</sup> Un exemple significatif de l'influence actuelle du legs de Camus était le manifeste lancé par le *pureplayer Mediapart*, sous la plume de son directeur Edwy Plenel, publié en France sous le titre de « Combat pour une presse libre » (2009).

<sup>11</sup> Dans cet exercice de métajournalisme, Camus formule les grandes lignes d'une théorie du journalisme, fondée sur la régénération de la presse mais sans entrer dans les détails. Voir aussi : Zamit, F. (2014).

<sup>12</sup> Camus, A. (11 octobre 1944), *Combat*, in Lévi-Valensi (2002 : 260).

<sup>13</sup> Camus, A. (1965). « Sur une philosophie de l'expression », *Essais*, p.1679.

<sup>14</sup> « Manifeste du journaliste libre », article inédit qui aurait dû être publié dans les colonnes du *Soir Républicain* le 25 novembre 1939, mais fut censuré par le gouvernement au dernier moment. Ce texte précurseur de la réflexion journalistique de Camus est un puissant plaidoyer en faveur de la liberté de la presse.

<sup>15</sup> Voir la liste des articles sur la presse in Lévi-Valensi (2002 : 123-124).

<sup>16</sup> Lettre de Pascal Pia à André Abbou, décembre 1970, Pléiade I, pp. 864-865.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>18</sup> Pléiade IV, pp. 307-336.

<sup>19</sup> Pléiade I, pp. 603-631.

<sup>20</sup> « Ces hommes qu'on raie de l'humanité », 1<sup>er</sup> décembre 1938, Pléiade I, pp. 585-588.

<sup>21</sup> Pléiade I, pp. 730-737.

<sup>22</sup> Conférence à La Sorbonne le 23 octobre 1955 lors d'une cérémonie pour célébrer le trois cent cinquième anniversaire de la parution du *Quichotte* (1615). Voir aussi : Albert Camus, *Conférences et discours (1936-1958)*, Gallimard, 2017, pp. 265-269.

<sup>23</sup> *Ibidem*.

<sup>24</sup> *Actuelles II*, Pléiade III, *Ibid.*, p. 802.

<sup>25</sup> *Carnets 1935-1948*, Pléiade II, p. 1070.

<sup>26</sup> *Discours de Suède*, Pléiade IV, p. 240. Plus loin, il ajoute : « Chaque génération, sans doute, se croit vouée à refaire le monde. La mienne sait pourtant qu'elle ne le fera. Mais sa tâche est peut-être plus grande. Elle consiste à empêcher que le monde se défasse. », Pléiade IV, p. 241.

<sup>27</sup> Dans son journal intime, il note : « A mauvaise conscience, aveu nécessaire. L'œuvre est un aveu, il me faut témoigner. Je n'ai qu'une chose à dire, à bien voir. C'est dans cette vie de pauvre, parmi les gens humbles ou vaniteux, que j'ai le plus sûrement touché ce que me paraît le sens vrai de la vie. » in *Carnets*, mai 1935, Pléiade II, p. 795.

<sup>28</sup> Camus, A. (1947). *La Peste*, Paris, Gallimard, coll. Folio, p. 151

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> À noter que si Camus est bien « l'éditorialiste habituel », il y aura des périodes d'éloignement du journal à cause de ses problèmes de santé, comme explique la note aux lecteurs publié le 18 janvier 1945 (Lévi-Valensi, 2002 : 75).

<sup>31</sup> Comme le dit son ami Jean Daniel, lui aussi journaliste, l'époque est propice à la littérature engagée, à l'« écrivain-guide », « porteur de messages » (Daniel, 2006 : 39).

<sup>32</sup> *Actuelles. Écrits politiques*, Tome 1.

<sup>33</sup> Camus, A. (2012, 18 mars). « Le manifeste censuré de Camus », *Le Monde*. [https://www.lemonde.fr/afrique/article/2012/03/18/le-manifeste-censure-de-camus\\_1669778\\_3212.html](https://www.lemonde.fr/afrique/article/2012/03/18/le-manifeste-censure-de-camus_1669778_3212.html)

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> *Ibid.*

<sup>36</sup> *Discours de Suède*, Pléiade IV, p. 240.

<sup>37</sup> « Servitudes de la haine », interview au *Progrès* de Lyon en 1951 in Camus, A., *Écrits politiques, Actuelles II*, Pléiade III, p. 389-391.



## BIBLIOGRAPHIE :

- Ajchenbaum, Y. M. (2013). *Combat (1941-1947) : Une utopie de la Résistance, une aventure de presse*. Paris, France : Gallimard.
- D'Almeida, F. & Delporte, C. (2003). *Histoire des médias en France : de la Grande Guerre à nos jours*. Paris : Flammarion.
- Daniel, J. (1964). *Le Combat pour Combat*. In *Camus*. Paris, France : Hachette.
- Daniel, J. (2006). *Avec Camus. Comment résister à l'air du temps*. Paris : Gallimard, 158 p.
- Debray, R. (1979). *Le pouvoir intellectuel en France*. Paris, France : Ramsay.
- Delporte, C. (1999). *Les journalistes en France, 1880-1950 : Naissance et construction d'une profession*. Paris, France : Seuil.
- Ferenczi, T. (1993). *L'invention du journalisme en France*. Paris, France : Plon.
- Foucault, M. (1994). *Dits et écrits* (Tomes 2 et 3). Paris, France : Gallimard.
- Grenier, J. (1968). *Souvenirs*. Paris, France : Gallimard.
- Grenier, R. (1987). *Albert Camus : Soleil et sombre*. Paris, France : Gallimard.
- Guerin, J. (2013). *Albert Camus : Littérature et politique*. Paris, France : Honoré Champion Classiques Essais.
- Guerin, J. (2009). *Dictionnaire Albert Camus*. Paris, France : Robert Laffont.
- Guerin, J. (1993). *Albert Camus : Portrait de l'artiste en citoyen*. Paris, France : F. Bourin.
- Guerin, J. (1986). *Camus et la politique*. Paris, France : L'Harmattan.
- Guérin, J. (2017). Albert Camus : éthique et politique. *Cahiers de la Méditerranée*, 94. <https://doi.org/10.4000/cdlm.8622>
- Guérin, J. (1986b). « Jalons pour une lecture politique de *La Peste* » in *Roman 20-50. Revue d'étude du roman du XXe siècle*, 2, pp.7-25.
- Lévi-Valensi, J. (2002). *Albert Camus à Combat*. Paris, France : Gallimard.
- Lévêque, S., & Ruellan, D. (Eds.). (2010). *Journalistes engagés*. Rennes, France : Presse universitaire de Rennes.
- Lottman, H. R. (1978). *Camus*. Paris, France : Seuil.
- Marin, L. (2013). *Albert Camus, écrits libertaires (1948-1960)*. Montpellier, France : Indigène Éditions.
- Mattei, J.-F. (Ed.). (2011). *Albert Camus. Du refus au consentement*. Paris, France : PUF.
- Neveu, E. (2009). *Sociologie du journalisme*, Paris, La Découverte.
- Plenel, E. (2009). *Combat pour une presse libre*. Paris, France : Éditions Galaade.
- Riutort, P. (2009). L'écriture d'un éditorial ou comment codifier le talent, in Ringoot, R. et Utard, J.M., (dir.), *Les genres journalistiques. Savoir et savoir-faire*, Paris, L'Harmattan.
- Roblés, E. (1995). *Camus, frère de soleil*. Paris, France : Éditions du Seuil.
- Santos-Sainz, M. (2019). *Albert Camus, journaliste : de reporter à Alger à éditorialiste à Paris*. Rennes, France : Éditions Apogée, 300 p.
- Spiquel-Courdille, A., & Phéline, C. (2017). *Albert Camus, militant communiste (Alger 1935-1937)*. Paris, France : Gallimard.
- Todd, O. (1996). *Albert Camus*. Paris, France : Gallimard.
- Zamit, F. (2014). Albert Camus : réflexivité et éthique journalistique, *Les Cahiers du journalisme*, n° 26, printemps/été, pp. 182-197.
- Œuvres de Camus
- Pour les textes de Camus, les notes de bas de page renvoient aux quatre tomes de l'édition des *Œuvres complètes* dans la Bibliothèque de la Pléiade, établie sous la direction de Jacqueline Lévi-Valensi (tomes I et II, 2006) et de Raymond Gay-Crosier (tomes III et IV, 2008), qui sont désignés par les mentions « Pléiade I, II, III ou IV ».
- Camus, A. (2006). *Œuvres complètes* (tomes I et II, J. Lévi-Valensi, Ed.). Paris, France : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Camus, A. (2008). *Œuvres complètes* (tomes III et IV, R. Gay-Crosier, Ed.). Paris, France: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Camus, A. (1950). *Actuelles I : Chroniques 1944-1948*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1953). *Actuelles II : Chroniques 1948-1953*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1958). *Actuelles III : Chroniques 1939-1958 (Chroniques algériennes)*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1962). *Carnets I (Mai 1935 – Février 1942)*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1964). *Carnets II (Janvier 1942 – Mars 1951)*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1965). « Sur une philosophie de l'expression », *Essais*, Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1971). *Cahiers Albert Camus I : La mort heureuse*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. & Viallaneix, P. (1973). *Cahiers Albert Camus II. Le premier Camus ; suivi de Ecrits de jeunesse d'Albert Camus*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1978). *Cahiers Albert Camus III*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1978). *Fragments d'un combat, 1938-1940. Alger républicain, vol. 1 & 2* (Édition établie, présentée et annotée par J. Lévi-Valensi et A. Abbou). Dans *Cahiers Albert Camus III*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1987). *Cahiers Albert Camus VI*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1989). *Carnets III (Mars 1951 – Décembre 1959)*. Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1994). *Le premier homme* (Cahiers Albert Camus, Tome VII, roman inachevé, publié par sa fille). Paris, France : Gallimard.
- Camus, A. (1997). *Actuelles : Écrits politiques*. Folio Essais (No. 305). Gallimard.

Camus, A. (2003). *Cahiers Albert Camus VIII*. Paris, France : Gallimard.

Camus, A. (2017). *Conférences et discours (1936-1958)*. Paris, France : Gallimard.

Camus, A., & Arnold, A. J. (1984). *Caligula, version de 1941 : Théâtre, La poétique du premier Caligula (Cahiers Albert Camus, Tome IV)*. Paris, France : Gallimard.

Camus, A., & Lévi-Valensi, J. (2003). *Camus à Combat : éditoriaux et articles (1944-1947) (Cahiers Albert Camus, Tome VIII)*. Paris, France: Gallimard.

Camus, A., & Smets, P.-F. (1987). *Albert Camus éditorialiste à L'Express (mai 1955-février 1958) (Cahiers Albert Camus, Tome VI)*. Paris, France: Gallimard. ISBN 2070708993.

Gay-Crosier, R., & Lévi-Valensi, J. (Eds.). (1985). *Albert Camus, œuvre fermée, œuvre ouverte ? Actes du colloque de Cerisy (Cahiers Albert Camus, Tome V)*. Paris, France: Gallimard. ISBN 2233001508.

**Fr.** Écrivain, penseur, dramaturge, essayiste, prix Nobel de littérature en 1957, son nom est associé au monde littéraire, mais il ne faut pas oublier qu'il fut aussi journaliste. Un journaliste engagé avec la vérité et d'une grande exigence déontologique. Albert Camus a alors travaillé pour cinq titres différents, de périodes courtes mais très intenses : *Alger Républicain* et *Le Soir Républicain*, de 1938 à 1940, où il est chroniqueur judiciaire et reporter. Il collabore ensuite comme secrétaire de rédaction à *Paris Soir* (1940), puis comme éditorialiste à *Combat* (de 1944 à 1947), où il devient une guide morale pour sa génération. Sa dernière contribution à la presse fut en tant que chroniqueur pour *L'Express* (1955). L'article porte sur la notion de l'engagement journalistique de Camus à travers de ses écrits journalistiques et son œuvre littéraire. Au cours de sa carrière, il évolue d'un journalisme des faits sur le terrain vers un journalisme d'opinion, mais toujours avec un mode d'expression propice à l'engagement. Le métier de journaliste lui permet d'exprimer ses révoltes aux injustices et aux inégalités. L'écrivain prend position face aux dangers de son époque, comme le fascisme, le nazisme et le totalitarisme. Il pratique un journalisme de combat pour donner la « parole aux invisibles », dénoncer les abus du pouvoir et combattre la désinformation. Pour mieux comprendre les sources de son engagement dans la presse, il faut se pencher sur son enfance pauvre à Alger, où il a connu la misère, mais également sur son sens du compromis face à l'actualité tourmentée de son époque, une période marquée par la barbarie de la guerre et, plus tard, par le déchirement du conflit algérien. Éveilleur de consciences, Camus exerce une autoréflexivité sur le métier de journaliste. Il nous laisse un *manuscrit du journaliste libre* qui résonne encore aujourd'hui face à la montée de l'extrême droite.

**Mots-clés :** engagement, éthique, déontologie, indépendance des médias, liberté de la presse

### **EN. Albert Camus' Journalistic Commitment: Balancing Moral Responsibility and Critical Inquiry**

**En.** Writer, thinker, playwright, essayist, winner of the Nobel prize for Literature in 1957, his name is associated with the literary world, but we should not forget that he was also a journalist. A journalist committed to the truth and of the highest ethical standards. Albert Camus worked for five different titles, for short but intense periods: *Alger Républicain* and *Le Soir Républicain*, from 1938 to 1940, where he was a judicial chronicler and reporter. He then worked as an editorial secretary at *Paris Soir* (1940), then as an editorialist at *Combat* (from 1944 to 1947), where he became a moral guide for his generation. His last contribution to the press was as a columnist for *L'Express* (1955). This article looks at Camus's notion of journalistic commitment through his journalistic writings and his literary work. Over the course of his career, he evolved from a journalism of facts to an opinion journalism. As a journalist, he was able to express his outrage at injustice and inequality. The writer took a stand against the dangers of his time, such as fascism, Nazism and totalitarianism. He practiced a journalism of combat to give a 'voice to the invisible people', to denounce the abuses of power but also to combat disinformation. To better understand the sources of his commitment to the press, we need to look at his poor childhood in Algiers, where he experienced poverty, but also at his sense of compromise in the face of the turbulent events of his time, a period marked by the barbarity of war and, later, by the heartbreak of the Algerian conflict. As a consciousness-raiser, Camus was self-reflexive about the profession of journalism. He has left us a *manuscript by a free journalist* that still resonates today in the face of the rise of the extreme right.

**Keywords:** commitment, ethics, deontology, media independence, freedom of the press

### **ES. El compromiso periodístico de Albert Camus: entre la exigencia moral y el periodismo crítico**

**E**s. Escritor, pensador, dramaturgo, ensayista, Premio Nobel de Literatura en 1957, su nombre está asociado al mundo literario, pero no debemos olvidar que también fue periodista. Un periodista comprometido con la verdad y de una gran exigencia deontológica. Albert Camus trabajó para cinco cabeceras diferentes, durante breves pero intensos periodos: *Alger Républicain* y *Le Soir Républicain*, de 1938 a 1940, donde fue cronista de tribunales y reportero. Después fue secretario de redacción en *Paris Soir* (1940), y más tarde editorialista en *Combat* (de 1944 a 1947), donde se convirtió en guía moral de su generación. Su última colaboración en la prensa fue como columnista en *L'Express* (1955). Este artículo analiza la noción de compromiso de Camus a través de sus escritos periodísticos y su obra literaria. A lo largo de su carrera, pasó de un periodismo de hechos a un periodismo de opinión. Como periodista manifestó su indignación ante la injusticia y la desigualdad. El escritor se posicionó contra los peligros de su época, como el fascismo, el nazismo y el totalitarismo. Practicó un periodismo de combate para dar «voz a los invisibles», denunciar los abusos del poder pero también combatir la desinformación. Para comprender mejor las fuentes de su compromiso con la prensa y su sensibilidad social, hay que fijarse en su infancia pobre en Argel, donde conoció la miseria, pero también en su sentido del compromiso frente a los convulsos acontecimientos de su época, un periodo marcado por la barbarie de la guerra y, más tarde, por el desgarramiento del conflicto argelino. Camus fue autorreflexivo sobre la profesión de periodista. Nos ha legado un *manuscrito del periodista libre* que aún resuena hoy ante el auge de la extrema derecha.

**Palabras clave:** compromiso, ética, deontología, independencia de los medios, libertad de prensa

### **PT. O compromisso jornalístico de Albert Camus: entre a exigência moral e o jornalismo crítico**

**Pt.** Escritor, pensador, dramaturgo, ensaísta e laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1957, Albert Camus é amplamente reconhecido por sua contribuição ao mundo literário. No entanto, é crucial lembrar que ele também desempenhou um papel significativo como jornalista. Comprometido com a busca pela verdade e guiado por elevados padrões deontológicos, Camus trabalhou em cinco veículos de imprensa ao longo de sua carreira, em períodos breves, mas intensos. Entre 1938 e 1940, atuou como cronista judicial e repórter no *Alger Républicain* e no *Le Soir Républicain*. Posteriormente, foi secretário de redação no *Paris Soir* (1940) e, mais tarde, editorialista no jornal de resistência *Combat* (1944–1947), onde se consolidou como uma figura moral de destaque para sua geração. Sua última colaboração no campo jornalístico foi como colunista no *L'Express* em 1955. Este artigo examina a noção de compromisso em Camus, tanto em seus escritos jornalísticos quanto em sua produção literária. Ao longo de sua trajetória, ele transitou de um jornalismo centrado na objetividade factual para um jornalismo opinativo, no qual expressava sua indignação diante das injustiças e desigualdades sociais. Camus posicionou-se contra os grandes males de sua época, como o fascismo, o nazismo e o totalitarismo. Ele praticou um jornalismo de combate, voltado para dar «voz aos invisíveis», denunciar abusos de poder e enfrentar a desinformação. Compreender as raízes de seu compromisso com a imprensa e sua sensibilidade social exige atenção tanto à sua infância humilde em Argel, marcada pela experiência da miséria, quanto ao contexto histórico turbulento em que viveu. Este foi um período atravessado pela barbárie da guerra e, posteriormente, pelo conflito traumático da descolonização argelina. Camus refletiu profundamente sobre a profissão de jornalista, legando-nos um esboço do conceito de jornalista livre, que permanece relevante e ressoa de maneira poderosa diante dos desafios contemporâneos, como a ascensão da extrema-direita.

**Palavras-chave:** compromisso, ética, deontologia, independência da mídia, liberdade de imprensa

ENTRETIEN AVEC

## François Demers

### À propos de la restructuration contemporaine du journalisme

#### PRÉSENTATION

---

François Demers est l'un des co-fondateurs de la revue *Sur le journalisme*. Investi depuis les années 1990 dans presque toutes les aventures scientifiques franco-québécoises, et pionnier de la formation au journalisme en ligne dès le début des années 2000, la notoriété de François Demers dépasse les frontières de son université.

Professeur depuis 1980 à l'Université Laval, après avoir été journaliste pendant 15 ans, il a été tour à tour Doyen de la Faculté des Arts (1987-1996), Vice-Doyen à la recherche de la Faculté des Lettres (2003-2005), et directeur du programme de doctorat en communication publique de son université (2011-2020). Ces dernières années, il est toujours professeur associé aux activités du Département d'information et de communication et partage son temps entre son accompagnement de projets académiques (comme cette revue par exemple), la pêche et le pelletage de la neige à son chalet.

François Demers est un fin observateur des transformations du monde journalistique québécois et nord-américain. Dans le sillage des travaux de Norbert Elias, il a déployé une pensée originale autour de la déstructuration et restructuration du journalisme dès 1998 alors que le journalisme se voyait confronté aux effets de l'arrivée d'internet dans le milieu. La concentration des médias a aussi fait l'objet de son attention particulière, tout comme les médias communautaires. Mais ce sont avant tout la démocratie et le débat public qui ont été son fil directeur tout au long de sa carrière. Penser le journalisme et toutes les formes de communication publique dans leurs rôles et implications politiques ont fait de lui ce chercheur attentif à l'actualité du monde médiatique. Cet entretien retrace ce parcours dans la recherche sur le journalisme depuis les années 1980.



## ENTREVISTA COM

# François Demers

## Sobre a reestruturação contemporânea do jornalismo

### APRESENTAÇÃO

---

François Demers é um dos co-fundadores da revista científica *Sur le journalisme*. Comprometido desde os anos 1990 em quase todas as aventuras científicas franco-quebequenses e pioneiro da formação em jornalismo on-line desde o início dos anos 2000, a notoriedade de François Demers ultrapassa as fronteiras de sua universidade

Professor desde 1980 na Université Laval (Canadá) depois de trabalhar como jornalista durante 15 anos, Demers foi decano (o equivalente, no Brasil, ao cargo de diretor) da Faculdade de Artes (1987-1996), vice-decano de pesquisa da Faculdade de Letras (2003-2005), e diretor do programa de doutorado em comunicação pública de sua universidade (2011-2020). Nos últimos anos, apesar da aposentadoria, tem atuado como professor associado no Departamento de comunicação e informação, dividindo seu tempo entre projetos acadêmicos (como, por exemplo, a coedição da *Sur Le Journalisme*), a pesca e a limpeza da neve no seu chalé.

François Demers é um observador atento das transformações do mundo jornalístico no Québec e na América do Norte. Tendo como base os trabalhos de Norbert Elias, ele desenvolveu um pensamento original em torno da desestruturação e da reestruturação do jornalismo a partir de 1998, momento em que essa atividade se via confrontada pelos efeitos da chegada da internet. A concentração da mídia é também objeto de atenção, nem como o fenômeno das mídias comunitárias. Mas é a democracia e o debate público que formam o fio condutor de suas pesquisas ao longo de toda a sua carreira. Pensar o jornalismo e todas as formas de comunicação pública por meio dos seus papéis e implicações políticas fizeram dele um pesquisador atento às tendências do mundo acadêmico. Esta entrevista retrata esse percurso na pesquisa sobre jornalismo desde os anos 1980.

ENTREVISTA CON

# François Demers

## Sobre la reestructuración contemporánea del periodismo

### PRESENTACIÓN

---

François Demers es uno de los cofundadores de la revista científica *Sur le Journalisme*. Comprometido desde los años 90 con casi todas las aventuras científicas franco-quebequenses, y pionero en la formación del periodismo en línea desde principios de los años 2000, la notoriedad de François Demers va más allá de las fronteras de su universidad.

Profesor desde 1980 en la Universidad Laval (Canadá) después de trabajar como periodista durante 15 años, Demers fue decano de la Facultad de Artes (1987-1996), vicedecano de investigación en la Facultad de Letras (2003-2005), y director del programa de doctorado en comunicación pública de su universidad (2011-2020). En los últimos años ha continuado trabajando como profesor asociado en el Departamento de Comunicación e Información, repartiendo su tiempo entre proyectos académicos (como, por ejemplo, la coedición de *Sur le Journalisme*), pescar y palear nieve en su chalet.

François Demers es un agudo observador de las transformaciones del mundo periodístico en Quebec y América del Norte. A partir del trabajo de Norbert Elias, desarrolló un pensamiento original en torno a la desestructuración y reestructuración del periodismo a partir de 1998, época en que esta actividad se enfrentaba a los efectos de la llegada de Internet. La concentración de los medios también ha sido objeto de su atención, al igual que el fenómeno de los medios comunitarios. Pero son la democracia y el debate público los que forman el hilo conductor de su investigación a lo largo de su carrera. Pensar en el periodismo y todas las formas de comunicación pública a través de sus roles e implicaciones políticas lo convirtió en un investigador atento a las tendencias del mundo académico. Esta entrevista recorre este camino en la investigación periodística desde la década de 1980.

## AN INTERVIEW WITH

# François Demers

## On the Contemporary Restructuring of Journalism

### PRESENTATION

---

François Demers is one of the co-founders of the journal *Sur le journalisme*. Active since the 1990s in nearly all Franco-Quebec scientific projects and a pioneer in online journalism training in the early 2000s, François Demers' reputation extends far beyond his home university.

A professor at Laval University since 1980, following a 15-year career as a journalist, he has held several prominent academic roles: Dean of the Faculty of Arts (1987–1996), Vice-Dean of Research in the Faculty of Letters (2003–2005), and Director of the PhD program in Public Communication (2011–2020). In recent years, he has remained an associate professor affiliated with the Department of Information and Communication, dividing his time between supporting academic projects (such as this journal), fishing, and shoveling snow at his chalet.

François Demers is a keen observer of the transformations in the Quebec and North American journalistic landscape. Inspired by the work of Norbert Elias, he developed an original perspective on the deconstruction and reconstruction of journalism as early as 1998, at a time when journalism was grappling with the impact of the internet. Media concentration has also been a particular focus of his research, as have community media. However, democracy and public debate have been the guiding themes throughout his career. Examining journalism and all forms of public communication in their political roles and implications has made him a scholar deeply attuned to the realities of the media world. This interview retraces his career in journalism research, spanning from the 1980s to the present day.

## SLJ: Pourquoi avez-vous quitté le journalisme pour rejoindre l'université?

**François Demers :** Je suis arrivé à l'Université en 1980 sans y avoir jamais songé. C'est au hasard des changements d'emploi, des périodes de chômage et d'un contexte particulier que j'y ai décroché un emploi et je me suis pris au jeu universitaire. Mon travail de journaliste professionnel avait débuté à l'automne 1965, au quotidien *l'Action catholique* dans la ville de Québec. De 1968 à 1976, j'ai occupé diverses fonctions de journaliste – dont celle de directeur de l'information pendant quelques années au quotidien *Le Soleil* de Québec, devenu un quotidien à prétentions nationales. En 1976, je le quitte pour devenir correspondant au quotidien *Le Jour* de Montréal. En 1977, après la disparition du *Jour*, j'ai agi comme reporter dans une émission d'affaires publiques à Radio-Canada. J'ai quitté moins d'une année plus tard pour retourner aux études et devenir pigiste. Début 1978, j'ai signé un contrat de directeur des communications au troisième Front commun syndical pour le compte de la centrale syndicale CSN. Le contrat s'est terminé au début de 1980<sup>i</sup>. J'ai ensuite postulé à l'Université Laval qui ouvrait un poste de professeur en journalisme et communication.

**SLJ :** Ce nouvel emploi vous a alors incité à entreprendre une thèse de doctorat en sciences politiques<sup>ii</sup>; ce que vous avez fait en vous intéressant à la situation mexicaine. Quelles pistes vous poussaient vers cette thématique ?

**François Demers :** Ma décision de faire un doctorat est venue avant le choix du Mexique. J'ai songé à faire un doctorat (sans en avoir formellement besoin - j'avais obtenu une équivalence de doctorat lors de l'embauche) au lendemain de ma nomination comme Doyen de Faculté en 1987. Je visais les thématiques suivantes : espagnol, Amérique latine, médias. Je crois que je m'inscrivais dans le sillage de l'ouvrage *Four theories of the Press*<sup>i</sup> (1963) qui dominait l'horizon intellectuel des discours sur le journalisme dans le département que je venais de rejoindre [le Département d'information et de communication de l'Université Laval - *ndlr*], livre qui valorisait le modèle libéral en le contrastant avec d'autres. J'ai commencé l'étude de l'espagnol, me suis inscrit à des cours en science politique et ai exploré des hypothèses de pays où faire de l'empirique. Ce sont les circonstances qui m'ont fait opter pour le Mexique. Au tournant des années 1990, les discussions publiques en vue d'un Traité de libre-échange (L'Aléna) USA, Canada, Mexique ont débuté. J'ai d'abord raisonné en Doyen, me disant que cela allait peut-être ouvrir la porte à de nombreux échanges avec le Mexique (fonds et projets de recherche, collaborations et échanges académiques, et recrutement d'étudiants) et peut-être au-delà, avec l'Amérique du Sud. Dans cette logique, je me suis inscrit, comme chercheur, dans un colloque qui devait avoir lieu à Guadalajara et qui visait précisément des échanges académiques entre les trois pays. Je connaissais déjà deux professeurs, Maria Elena Hernandez<sup>ii</sup> et Armando Zacarias de l'Université publique de cette ville. Ils m'ont accueilli et grâce à eux j'ai découvert un nouveau journal quotidien, *Siglo XXI*, dont la naissance et les pratiques étaient déjà commentées comme l'une des conséquences des débats à propos du Traité: le Mexique allait « entrer dans le premier monde » - comme il se disait à l'époque - et son journalisme allait s'aligner sur le modèle du Nord. Ce nouveau quotidien avait attiré l'attention d'organisations journalistiques américaines et européennes, en particulier pour son 'journalisme d'enquête' à propos d'une explosion meurtrière en 1992 au centre de la ville, tuant au moins 1000 personnes et en blessant des milliers d'autres. *Siglo XXI* avait adopté le format tabloïd alors que ce format était plutôt habituellement celui des médias 'populaires'. Et le noyau dur de ses artisans provenait du milieu universitaire. Je crois que j'ai été attiré par la possibilité de m'immerger dans un milieu journalistique structuré par

<sup>i</sup> Cet ouvrage a déployé, à la suite du rapport de la Commission Hutchins la théorie dite de la responsabilité sociale. Cette théorie normative a, depuis, été largement discutée.

<sup>ii</sup> Pour découvrir cette chercheuse, lisez son entretien: Demers, F., & Rosenberg, L. (2023). Entrevista María Elena Hernández Ramírez: "Todavía no están reconocidos los estudios sobre periodismo como un campo académico en México". Sur *Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 12(2), 188–201.

un régime politico-médiatique autoritaire regardant vers le régime libéral et cherchant à l'atteindre. Il me semblait possible alors de regarder ce modèle (qui allait de soi dans mon monde) de l'extérieur et de mieux l'identifier. Plus tard, ce regard se nourrira des travaux sur les visages du colonialisme d'une part et de l'autre, d'enquêtes occidentales sur les croyances et pratiques journalistiques dans le monde.

**SLJ: Ce travail théorique et empirique vous amène à proposer le concept de 'fenêtre d'opportunité'? En quoi vous était-il utile pour comprendre la situation médiatique de l'époque?**

**François Demers :** J'ai emprunté cet outil au politologue américain John W. Kingdon<sup>3</sup>. Celui-ci examine l'adoption d'une politique par les institutions politiques formelles dans les sociétés démocratiques, à partir du cas des États-Unis. Pour cela, il pose la présence dans le jeu politique de trois courants ('streams') d'éléments qui peuvent se mettre en phase dans une conjoncture momentanée : celui des problèmes, celui des solutions et celui de la vie politique formelle. La mise en phase, généralement provoquée par un changement dans le flux politique, se produit comme lors du lancement d'une navette spatiale (d'où l'expression « fenêtre d'opportunité » pour lancer la fusée). Analogiquement, dans la vie politique, les acteurs politiques puisent dans le bassin des solutions pour proposer une réponse à ce qui est présenté comme un problème. Dans le cas que j'étudiais, l'hypothèse d'un Traité de libre-échange entre les trois pays de l'Amérique du Nord mettait en évidence le fait que le journalisme mexicain était considéré comme un problème par les deux autres pays parce qu'intégré dans un régime politique autoritaire. La présidence mexicaine proposa comme solution des modifications ajustées au modèle libéral et les mit en place. En somme, cet outil conceptuel attire l'attention sur le moment plutôt que sur la simple proximité spatio-logique des composantes de la pensée systémique habituelle. Il permet l'étude du changement dans le flux du temps. Pour moi, plus tard, en élargissant la perspective, il a éclairé notamment le lien entre les réorganisations médiatiques un peu partout dans le monde et la déchéance politique et intellectuelle de l'éclairage socialiste qui a accompagné la chute de l'URSS en 1989, et plus tard encore la généralisation fulgurante de l'Internet transfrontières<sup>4</sup>.

**SLJ: Cette expertise sur le Mexique ne vous éloigne cependant pas de l'analyse du journalisme québécois.**

**François Demers :** Toute ma trajectoire de professeur-chercheur, il me semble aujourd'hui, s'est déroulée autour d'un axe que je qualifierais de pédagogique et institutionnel. Dès l'octroi de ma permanence d'emploi, à l'Université Laval, en 1987, on m'a confié la gestion d'une des quatre Facultés fondatrices de l'Université, la Faculté des Arts. Un des défis d'une des composantes de cette Faculté, mon Département d'attache en tant que professeur, était de remédier à la quasi-absence d'activités de recherche depuis ses tout débuts à la fin des années 1970. Comme Doyen j'ai pu initier une série d'actions, notamment l'embauche de professeurs, et notamment de Marc Raboy, Michel Beauchamp et Bernard Dagenais, de façon à démarrer des activités de recherche. J'ai aussi pris le leadership de l'obtention d'un programme de maîtrise qui ne connaîtra son autorisation gouvernementale complète qu'en 1993, précisément en raison de la faible productivité côté recherche. C'est peut-être finalement cette préoccupation qui a fait germer chez moi le projet de m'initier au monde de la recherche et de m'y immerger, en réalisant un doctorat. Je ne me souviens pas avoir pensé donner l'exemple mais plutôt d'avoir vaguement senti la faible légitimité d'imposer aux autres ce que je ne pouvais réaliser moi-même (sur une arrière-scène



de préoccupations intellectuelles personnelles). Le doctorat a évidemment nécessité l'acculturation à un fonds d'auteurs, de théories et de propositions, à des démarches d'enquête sur un terrain empirique et finalement à une insertion plus complète dans les rituels du milieu académique. Mais la réalisation du doctorat m'a aussi poussé vers une réorientation de mes activités pédagogiques.

Mon arrivée aux responsabilités s'inscrivait clairement dans un débat québécois qui hantait l'enseignement formel du journalisme depuis sa prise en main graduelle par des institutions scolaires, dont les universités : entraîner à la pratique journalistique (façon école de journalisme) OU étudier le journalisme comme objet de recherche (façon sciences humaines et sociales)<sup>5</sup>. Dans les faits, le Département avait opté pour faire les deux en même temps.

En tant qu'enseignant et chercheur débutant, je me suis lancé d'emblée dans le développement de trois thèmes interreliés : le journalisme comme emploi, comme métier et comme discours, avec la complicité active du collègue ex-journaliste Jacques Guay, de solide réputation dans le milieu journalistique. Je faisais aussi écho aux travaux de Florian Sauvageau. Et sans doute, je rebondissais sur mes années d'activité dans le syndicalisme journalistique<sup>6</sup>. Je crois que je me suis d'abord préoccupé du métier : que pouvais-je et devais-je enseigner au-delà d'organiser des ateliers et des exercices reproduisant les activités du journaliste ? Je m'imaginai qu'il serait possible de consigner les protocoles et procédures transversales qui guident l'activité de tous ceux et toutes celles qui se veulent journalistes, et qui en font des artisans d'une expertise en particulier. Je crois que j'y suis arrivé<sup>7</sup>. Un temps. Sur la base de mon expérience pratique du métier. Mais mes acquis ont graduellement été dépassés dès lors que je me référais pour l'essentiel à la presse écrite, alors que la pratique s'alignait de plus en plus sur le visuel (et le sonore). De plus, je m'inspirais d'un imaginaire de grand média de masse généraliste (de tout pour tous) alors que ce modèle, sans disparaître mais en se repliant sur des ancrages de niveau national (les médias d'élite et de référence) et transnational, se fractionnait de plus en plus en diverses formes de produits spécialisés. Et puis, je me souvenais des salles de nouvelles de type industriel appelant leurs membres à travailler ensemble, malgré un spectre large de personnalités, d'idéologies, de formations sociales et scolaires. En somme, une cohabitation des diversités, indispensable à la production du tout pour tous et à la fonction de place publique (i.e. espace public). Pendant ce cycle, j'ai surveillé attentivement les transformations de l'écosystème médiatique, québécois francophone principalement : convulsion des quotidiens et chaînes de télé, conglomerats médiatiques où le produit journalistique n'est plus la locomotive de la construction du public, multiplication des chaînes télé, satellites, câbles, Internet, 'journalisme citoyen' puis médias sociaux.

J'ai ainsi pu constater, comme plusieurs collègues, que le régime du travail rémunéré en journalisme a glissé de celui d'employé à celui de sous-contractant car l'écosystème médiatique a diminué la capacité des médias généralistes de masse à maintenir un marché d'emplois stables et d'avenir, ce qui a poussé les journalistes vers l'imaginaire d'entrepreneur individuel, devenu entretemps le modèle général de la réussite économique et sociale. Ainsi, aujourd'hui, l'élément permanent transversal à toutes les mises en public du journaliste, c'est lui-même, son image de marque qu'il travaille par une production diversifiée sur le plus grand possible de plateformes (livres, bandes dessinées, balados [podcasts], documentaires, etc.) De telle sorte aussi qu'au Québec, par exemple, la figure du journaliste est aujourd'hui principalement celle du chroniqueur (*columnist* et blogueur). Cela a d'ail-

leurs constitué un nouveau défi pour la formation au journalisme, invitée à mettre en avant les habiletés de la scène théâtrale (improvisation, vitesse de répartie, audace, maîtrise de la voix et des postures, fécondité dans la production discursive de formules, etc.) et celles de la personnalité d'affaires. Toutes compétences qui ne sont cependant pas spécifiques au journaliste.

Je me suis aussi investi dans la découverte et l'expérimentation de la vague de changements techniques que le numérique commençait à introduire dans le journalisme. D'abord l'appropriation des ordinateurs personnels dans la première moitié des années 1980, puis le télétexte, jusqu'à l'Internet dans les années 1990. J'ai chaque fois cherché à introduire ces nouveautés dans des cours, jusqu'à produire au début du 21<sup>e</sup> siècle un cours en ligne pour l'initiation à la pratique du journalisme en ligne, malgré de nombreuses résistances en interne. Sur ce terrain, je bénéficiais de la complicité du collègue Claude Cossette, fondateur d'une importante firme de publicité au Canada, Cossette et associées.

C'est aussi pendant ce cycle que j'ai tissé, grâce au réseau de Florian Sauvageau, des liens du côté du Canada-anglais en développant une collaboration soutenue avec Peter Desbarats<sup>iii</sup>, le Doyen de la Faculté de journalisme de l'Université Western Ontario, à London en Ontario. Cette collaboration nous a notamment conduit à créer une association pancanadienne des directeurs d'Écoles et programmes de journalisme qui a été active pendant une bonne décennie. Nous avons aussi organisé une série de conférences nommées Encounters / Rencontres, traitant de l'information internationale, et qui rassemblaient chaque année une centaine de participants, dont une quarantaine de « journalistes du Tiers-Monde » (la dénomination usuelle de l'époque) et un nombre identique de journalistes canadiens, québécois et anglophones. Chaque rencontre a donné lieu à la publication d'actes. Nous avons aussi participé aux premières démarches pour créer ce qui est devenu aujourd'hui la Canadian Journalism Foundation<sup>8</sup>.

<sup>iii</sup> En fin de carrière, Peter Desbarats a combattu (en vain) la mise sur pied d'une autre faculté qui "noyait" la Faculté de journalisme dans la communication et la faisait cohabiter avec l'information au sens numérique du terme. C'était au temps de coupures drastiques imposées aux universités ontariennes par le gouvernement de cette province.

**SLJ: C'est d'ailleurs à cette époque que vous écrivez le texte sur le journalisme comme 'bon employé', personnel de support de l'entreprise médiatique dans son ensemble. D'où vous venait cette hypothèse qui vous amène d'ailleurs à mobiliser Norbert Elias?**

**François Demers :** Il va de soi qu'ex-journaliste enseignant le journalisme, j'allais emprunter la filière intellectuelle de l'éthique généralement considérée comme centrale dans la construction de l'identité journalistique. Je l'ai abordée de deux façons. De façon globalisante comme une vision du monde propre aux journalistes, celle de la promotion de valeurs exigeant la transparence des institutions, le droit du public à l'information et de son accès à la parole dans et par les médias. Puis comme une tension entre emploi et métier spécialisé, l'expertise technique assurant un ancrage moral hors média et un levier pour revendiquer une marge d'autonomie (dont le 'mauvais esprit'<sup>9</sup>) par rapport aux visées de l'employeur. Le principal texte auquel vous vous réferez dans la question<sup>10</sup> s'inscrit nettement dans cette deuxième lecture de l'éthique. Il tente de nommer un glissement que j'observais à ce moment-là dans les grands médias québécois alors que leur gestion invoquait de plus en plus ouvertement et systématiquement le 'modèle japonais' qui faisait la réussite des automobiles japonaises sur les marchés nord-américains. La robotisation (déjà), mais surtout le dévouement d'ouvriers, reflétaient des usines se comportant comme des milieux de vie sociale complets. Cette éthique de 'bon employé' me semblait tasser celle du travailleur spécialisé louant ses services à un employeur mais jaloux de sa marge d'autonomie, notamment intellectuelle. Plus tard, je trouvai dans les travaux de deux de mes collègues, Jean Charron et Jean de Bonville, une

expression et une logique plus adéquates pour nommer ce changement, soit le paradigme du 'journalisme de communication'<sup>11</sup>. En effet, ils expliquent que le surplus d'engagement personnel, demandé aux journalistes envers le média généraliste qui les emploie, découle du repli de ce type d'entreprise qui va tenter de se reconvertir ainsi comme une 'marque', produit unique sur un marché. Le journaliste doit désormais contribuer de toutes les façons possibles à recruter un public, celui que son employeur vise, et à le retenir, et donc à établir et garder la communication avec lui. La pratique journalistique de donner la parole à l'individu-*quidam* 'représentatif' (que le média employeur rassemble et auquel ce public s'identifie ou qu'il repousse) va dès lors proliférer. Dans le même ordre d'idée, le 'journalisme d'enquête' peut de fait devenir une stratégie de marque d'un média. Cela peut aussi être vrai pour le journaliste : l'enquête peut devenir une forme de distinction et le positionner dans le marché des piges, voire lui permettre une insertion plus facile dans un emploi plus permanent.

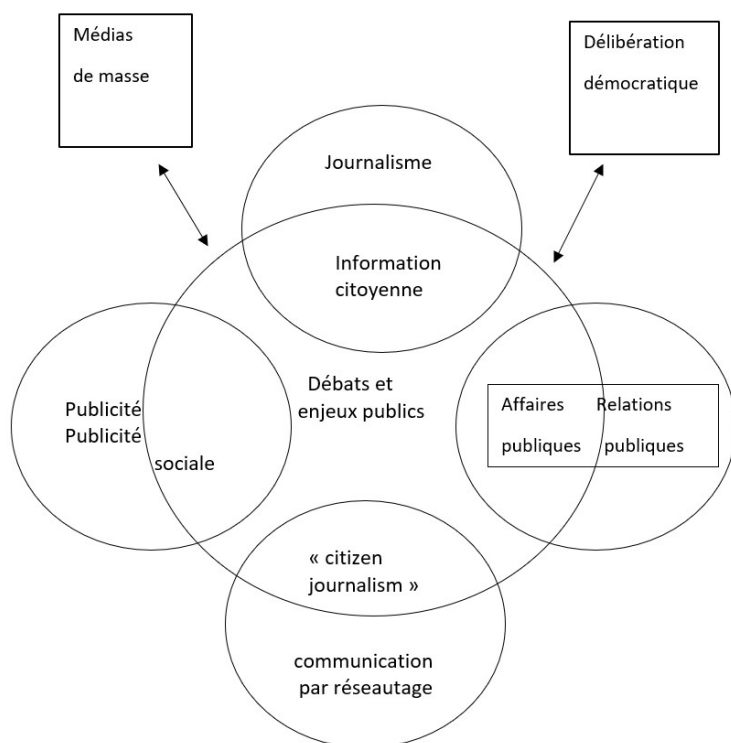
Le concept de « configuration » de Norbert Elias va me permettre de cadrer mes réflexions. Elias recommande aux sociologues de toujours garder un œil sur une plus grande perspective d'ensemble, un méta-cadre d'interprétation et de recherche faisant ressortir règles et conventions qui relient un ensemble fonctionnel de phénomènes divers. Or, avant les années 1980, il semblait que le monde médiatique et journalistique, du moins au Québec, au Canada et aux États-Unis, s'inscrivait dans un ensemble spécifique et stable, structuré par les médias de masse et leur journalisme, d'abord et avant tout national. Dans les années 1990, cet ensemble paraissait se décomposer. Le milieu journalistique québécois le ressentait comme tel et les professeurs de journalisme également. Le concept de « configuration » permettait de rechercher les signes d'une restructuration, constat étant fait de la déstructuration, qualifiée généralement de désolation.<sup>12</sup>.

**SLJ: À plusieurs reprises dans vos interventions du début des années 2000, vous insistez sur la diversité des activités médiatiques et le fait que le journalisme n'en soit qu'une composante.**

**François Demers :** Le premier cycle de mon parcours dans l'Académie a débouché au tournant du siècle sur une phase de transition résumée dans un graphique que j'ai mobilisé dans plusieurs textes<sup>13</sup>. Ce graphique dessine un cercle où les produits journalistiques sont regroupés en 4 sous-groupes: ceux qui visent le débat public et la politique, ceux qui s'adossent à la production culturelle et au divertissement, ceux qui prolongent la production commerciale et la publicité, ceux enfin qui s'alimentent de, et alimentent les conversations de la vie quotidienne, les rumeurs, les bavardages et les curiosités (Ellul parlait d'information 'existentielle'<sup>14</sup>). Ce centre est surplombé par deux points d'ancrage, d'une part les médias (l'hétéronomie pointée par Bourdieu); de l'autre, la vie civique-politique (l'espace public d'Habermas). Ce graphique indique la transition parce que le cycle suivant de ma carrière s'est décentré peu à peu des questions du journalisme comme emploi rémunérateur et de la codification des pratiques de ce métier, de sa méthode, pour s'attaquer au journalisme comme un des discours publics, l'ensemble des discours mis en public étant désigné comme la « communication publique ».

**SLJ: Cette notion/concept de communication publique est un axe fort de votre travail de ces dernières années, et le devient aussi collectivement dans votre Département. Vous travaillez ce concept, théoriquement et par l'empirie. Il vous amène aussi à constituer un groupe au sein de l'Université Laval, le PNCP.**

### La communication publique



En 2001, Thierry Watine, Charles Moumouni, Alain Lavigne et moi, alors tous professeurs au Département, avec l'apport de Marc-François Bernier de l'Université d'Ottawa, mettons sur pied une équipe de recherche baptisée *Pratiques novatrices en communication publique* (PNCP). Le système canadien-québécois de financement de la recherche poussait à la constitution d'équipes afin d'être en mesure de décrocher des subventions de recherche. La formule 'équipe' correspond à l'étape de démarrage de ce regroupement qui va être aspiré à s'institutionnaliser en 'groupe' formel, 'centre' départemental, facultaire ou interuniversitaire (la forme la plus valorisée ces dernières années) ou encore dans certains cas, à la mise en place d'un laboratoire. Notre initiative s'inscrivait dans la préoccupation de stimuler la recherche en ajoutant une infrastructure pour l'accueil et l'accompagnement des nouveaux professeurs et des étudiants des cycles supérieurs dans un Département quasi dépourvu de ce type d'outils. En cette matière, il n'y avait alors que le Groupe de recherche sur les mutations du journalisme (GRMJ) mis sur pied en 1993 par les collègues Jean de Bonville et Jean Charron mais dont la présence au Département restera discrète jusqu'au début des années 2000.

En ce début des années 2000, j'avais participé à la mise sur pied du *Réseau d'études sur le journalisme* (REJ) piloté par le collègue français Denis Ruellan avec, un peu confusément là aussi, une préoccupation d'apprentissage de la recherche. Des chercheurs français et beaucoup de doctorants travaillaient sur un premier programme autour de l'information locale en ligne<sup>5</sup>. L'apport principal du REJ fut pour l'encadrement des doctorants, le REJ s'étant officiellement donné comme mandat de les accueillir et de les soutenir. J'y ai aussi découvert le programme de cotutelle avec la France. Ultérieurement, le REJ donnera naissance à notre revue quadrilingue *Sur le journalisme*. J'avoue ici que dans ces deux cas, le PNCP et le REJ<sup>6</sup>, je gardais, dans un petit coin de mon esprit un brin de curiosité sur les effets de ces activités dans le Département.

Deux sortes d'acquis ont plus spécifiquement nourri mes dernières années de pratique académique. D'une part, des outils conceptuels tels la 'communauté imaginée' de Benedict Anderson<sup>17</sup>, qui met en lumière l'enracinement historique du journalisme dans la construction des nations ainsi que son désarroi lorsque le vivre ensemble se pense autrement. Ou encore la porte ouverte par les *cultural studies* sur les questions d'identités ethno-culturelles. D'autre part, j'ai été confronté à l'insécurité intellectuelle qui s'est répandue à propos de la validité des travaux en sciences humaines et sociales. La recherche me semble être désormais considérée comme 'située' et ses affirmations doivent être accompagnées d'un exposé réflexif des auteurs sur leurs a priori, leurs postulats et leurs visées. Et cela m'interroge. Peut-on y voir un rapprochement avec l'œuvre artistique, valorisée parce que produit du génie individuel ET non reproductible? Ou encore un relativisme convertible en argument pour le courant actuel d'engagement et d'activisme qui tente de se légitimer dans le milieu académique?

Il me semble maintenant que mon graphique du tournant du siècle schématise une 'configuration' du journalisme qui perdure et assure une continuité générale de production de 'l'actualité' depuis plus d'un siècle : dépendance vitale aux médias, jumelage au débat public (donc au type de société, régime politique, etc.), contenus journalistiques immergés dans une communication publique pétrie à la fois par la politique, la publicité, le divertissement et les conversations anecdotiques. En ce sens, le concept de communication publique attire l'attention sur trois éléments. Le premier renvoie au caractère scénique (théâtral) de la mise en public d'un discours, ce qui conduit dans le temps long au développement de mises en scène, de stratégies et d'un professionnalisme de la communication de plus en plus sophistiqué. Le second élément met en évidence le leadership des discours publics à intention mercantile (publicité) et à intention ludique (divertissement/spectacles), de leurs représentations du monde et de leurs pratiques discursives. Ces deux secteurs d'activité sont en effet les mieux dotés en fonds et ressources humaines pour l'innovation, la recherche et le développement. Enfin, le troisième élément pointe la centralité de l'ordre du discours (dont le journalisme) dans la conception modèle d'une société démocratique qui espère réduire la violence physique de la sphère sociale en des passes d'armes de mots et d'images.

**SLJ: Ce troisième élément vous amène d'ailleurs ces dernières années à vous intéresser à la post-vérité et au populisme.**

**François Demers :** Peu avant la retraite, je me suis engagé dans une action que l'on peut voir comme elle aussi inspirée par ma préoccupation de stimuler la recherche au Département. J'ai en effet pris le leadership d'une opération visant à transformer la *Chaire en journalisme scientifique* d'unité d'enseignement en moteur pour la recherche. C'est ce qui m'a plongé dans le chaudron de la post-vérité, du populisme à l'américaine et de l'extrême-droite à l'européenne. Je n'avais pas vraiment pratiqué le journalisme dit scientifique au sens où on parle de journalisme sportif et de journalisme culturel. Mais dans les années 1970, j'avais collaboré et fréquenté plusieurs journalistes qui sont devenus par la suite des représentants de cette spécialité au Québec. Par ailleurs, récemment, au cours des dernières années, j'avais suivi de loin le déploiement, en journalisme scientifique et plus largement, des grands thèmes qui allaient nourrir le débat de la post-vérité : d'abord la sensibilité écologique en tant qu'alternative, les changements climatiques ensuite, l'immigration et finalement la vaccination dans le cadre de la pandémie du Covid-19. J'ai emprunté la perspective utilisée par d'autres chercheurs à propos d'autres spécialités journalistiques, notamment la politique, celle d'une relation structurelle de coopération/conflit entre le



journaliste et le milieu qu'il observe. La plupart du temps, le journaliste est un fan du domaine qu'il affectionne de couvrir et en même temps on lui demande d'être l'observateur qui raconte ce qui s'y passe (si possible, avec réalisme). Or, le monde scientifique s'est fait au fil du temps de plus en plus exigeant envers une couverture médiatique qui valoriserait ses exploits, et à distance dès que des critiques étaient posées. D'ailleurs, très tôt, la science se faisant elle-même observatrice du monde journalistique, n'a pas ménagé sa critique et affirmé sa supériorité morale sur lui. Quand j'ai commencé ma carrière à l'université, les études en communication servaient d'abord à cela. La science est donc un domaine de couverture journalistique particulièrement délicat, surtout quand la pression se fait très forte pour enrôler le journalisme en général, et plus spécifiquement, le journalisme scientifique pour qu'il soutienne le camp de la 'science' posé comme celui de la 'vérité', dans les débats sur le populisme et la post-vérité.

Dans l'éclairage de mes réflexions antérieures sur le journalisme en général, il m'a semblé qu'en matière d'écologie puis de changements climatiques, domaines d'émergence de la spécialité journalisme scientifique, le rapport coopération/conflit entre journalistes et sources avait été plus équilibré. La marge de manœuvre journalistique s'est ensuite resserrée de plus en plus sur la question de l'immigration. Et enfin elle est devenue pratiquement nulle avec la vaccination, le monde scientifique et le journalisme ayant été ouvertement mobilisés par les États en appui à leurs politiques. En somme, comme une hypothèse d'un rétrécissement contemporain du terrain de jeu journalistique, culminant aujourd'hui car il y a maintenant la guerre, celle en Ukraine qui gangrène l'Europe, celle à Gaza qui dynamite les moralités. Le journalisme affronte des propagandes matures, expérimentées et sophistiquées. Les questions d'environnement, d'immigration et de pandémies passent au second plan et sont graduellement recadrées.

---

*Propos recueillis par Florence Le Cam.  
Juin-décembre 2024.*

**Pour citer cet article, to quote this article, para citar este artigo :**  
Florence Le Cam, « Entretien avec François Demers », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.629>

## NOTES

<sup>1</sup> Demers, F. (1982). *Chroniques impertinentes du troisième Front commun syndical*. Nouvelle Optique.

<sup>2</sup> Cette thèse, sous la direction de Vincent Lemieux, a été soutenue en juin 2000 à l'Université Laval. Demers, F. (2000). Aléna, démocratisation du Mexique et «journalisme fonctionnel». Le cas du quotidien Siglo 21 de Guadalajara, 1991-1998. Thèse de doctorat, Université Laval 326 pages.

<sup>3</sup> Kingdon, J. W. (1995). *Agendas, alternatives, and public policies* (2nd ed.). New York, NY: Harper Collins College Publishers. (Première édition : 1984).

<sup>4</sup> Demers, F. (2003). « Fenêtres d'opportunité » et émergence de priorités politiques : Le cas du glissement de la recherche des effets des médias vers l'étude de la réception. In J. Crête (Ed.), *Hommage à Vincent Lemieux : La science politique au Québec. Le dernier des maîtres fondateurs* (pp. 434-452). Québec, Canada : Les Presses de l'Université Laval.

<sup>5</sup> Pour un retour sur cette histoire, voir l'entretien mené avec Florian Sauvageau de l'Université Laval : Demers, F., & Le Cam, F. (2023). Au carrefour des influences américaine, britannique et française: Entretien. *Sur Le Journalisme, About Journalism, Sobre Jornalismo*, 12(1), 210-223. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n1.2023.520>

<sup>6</sup> Demers, F. (1988). *Communication et syndicalisme - des imprimeurs aux journalistes*. Montréal, Canada : Éditions du Méridien.

<sup>7</sup> Le texte ci-après, tardivement publié, reflète la logique et une partie des acquis de cette période : Demers, F. (2022). Le journalisme, discours public et travail spécialisé. In J. Charron (Ed.), *La communication publique : Pratiques et enjeux* (pp. 193-210). Montréal, Canada : Les Presses de l'Université de Montréal.

<sup>8</sup> Voir : <https://cjf-fjc.ca/fr/>

<sup>9</sup> Demers, F. (1982). Le mauvais esprit, outil professionnel des journalistes? *Communication-Information*, 4(3), 62-76.

<sup>10</sup> Demers, F. (1989). Journalistic ethics: The rise of the 'good employee's model': A threat for professionalism? *The Canadian Journal of Communication*, 14(2), 15-27.

<sup>11</sup> Charron, J., & de Bonville, J. (1996). Le paradigme du journalisme de communication : Essai de définition. *Communication*, 17(2), 51-97.

<sup>12</sup> Demers, F. (2007). Déstructuration et restructuration du journalisme. *tic&société*, 1(1). Disponible en ligne : <http://journals.openedition.org/ticetsociete/298>. <https://doi.org/10.4000/ticetsociete.298> (mis en ligne le 20 mai 2019, consulté le 1 décembre 2024).

<sup>13</sup> Cette version est tirée de : Demers, F. (2008). La communication publique, un concept pour repositionner le journalisme contemporain par rapport au débat public et à la démocratie. *Les Cahiers du Journalisme*, 18(printemps), 208-230. École supérieure de journalisme de Lille (ESJ), France, et Département d'information et de communication (DIC), Université Laval, Québec. La première version est parue en espagnol dans : Demers, F., & Lavigne, A. (2007). La comunicación pública: Una prioridad contemporánea de investigación. *Comunicación y Sociedad (Nueva Época)*, 8(julio-diciembre), 65-87. DECS, Universidad de Guadalajara. Pour une version plus récente : Demers, F. (2016). Problématiser la parole publique. In G. Martel (Ed.), *La parole publique* (pp. 9-27). Québec, Canada : Les Presses de l'Université Laval (PUL) / CEFAN.

<sup>14</sup> Ellul, J. (1990). L'information et le système technicien. In *Propagandes* (pp. 343-352). Paris, France : Economica. (Texte également paru dans *Revue française de Communication*, 1976(1), 7-16).

<sup>15</sup> Ruellan, D., Damian-Gaillard, B., Ringoot, R., & Daniel, T. (2002). *Information@local*. Paris, France : L'Harmattan.

<sup>16</sup> Voir les activités du PNCP : <https://www.flsh.ulaval.ca/communication/recherche/unites/pncp> et celles du REJ : <https://surlejournisme.com/le-rej/>.

<sup>17</sup> Anderson, B. (1998). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. New York, NY: Verso.



# Inclusão no Jornal da Cultura

## Um estudo de caso da introdução de acessibilidade em libras

**LÍGIA PEÇANHA GRILLO**

*Faculdade Cásper Líbero*  
ligiagrillo5@gmail.com

**MICHELLE PRAZERES**

*Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP*  
michelleprazeres@gmail.com  
0000-0002-7695-7656

**TIAGO DA MOTA E SILVA**

*Faculdade Cásper Líbero*  
tiagomotasilva@gmail.com  
0000-0003-1658-8091



Segundo Kotscho (2000), o ofício de jornalista não se limita a escrever seguindo fórmulas; este profissional deve escrever para transformar. Diante destas palavras, é possível refletir sobre o papel em potencial do jornalismo na promoção social, a expansão da democracia e do direito de cada cidadão de ter acesso à informação e à educação, como consta no Artigo 6º da Constituição Federal (Brasil, 1988). Nesse sentido, Carlos Alberto Vicchiatini (2005) é outro autor que enfatiza que o jornalista precisa ser um instrumento de transformação social. Partindo dessa perspectiva, é de se imaginar que os veículos de comunicação zelem por princípios acessíveis e democráticos. Por exemplo, Schudson (2008) afirma que a função do jornalista, primordialmente, é a de informar. Sabemos, porém, que uma análise apenas funcionalista do papel da imprensa ou do jornalista pode, muito bem, ponderar quanto ao contexto ideal para o exercício de funções também idealmente desenhadas, mas pode vir a ignorar as condições materiais em que, de fato, elas se dão. No Brasil, enquanto órgãos administrados privadamente, em sua maioria, os meios de comunicação obedecem a critérios econômicos ou administrativos que moldam a prática de informar inclusive ao ponto de chegar-se a uma fortíssima contradição: o de decidir não informar uma parcela relevante da população. Pode-se dizer que este é o caso da população surda brasileira que não tem acesso à programação do telejornalismo brasileiro.

**Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :**

Lígia Peçanha Grillo, Michelle Prazeres, Fernando Tiago da Mota e Silva, « Inclusão no Jornal da Cultura: um estudo de caso da introdução de acessibilidade em libras », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.515>



A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2018: acesso à internet e à televisão e a posse de telefone móvel celular para uso pessoal divulgada pelo IBGE, apresenta que dos 71.738 mil domicílios particulares permanentes no Brasil, cerca de 96,4% possuem televisão em casa. Apesar do número alto, possuir um aparelho de TV em casa não garante, necessariamente, o acesso à informação jornalística. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de pessoas possuem algum problema relacionado à surdez no Brasil [1]. Esse número representa 5% da população nacional e cerca de 2,7 milhões de pessoas não ouvem nada.

As ferramentas de conteúdos acessíveis a esse público são alternativas para solucionar essa barreira na comunicação. Dentre os recursos disponíveis, o *closed caption* [2], audiodescrição [3], legendas ocultas e a janela de Libras [4] podem ser aplicados nos conteúdos para proporcionar a democratização do acesso para pessoas com deficiência. Torres e Mazzoni (2007) consideram que os recursos técnicos atualmente disponíveis no mercado possibilitam que os meios de comunicação em massa promovam a acessibilidade e que esse é um dos caminhos que conduziria à inclusão social. Ainda assim, resta o questionamento quanto se essa acessibilidade em Libras é ou não suficientemente desenvolvida, mesmo a Lei nº 10.436 tendo definido a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a segunda língua oficial do país no dia 24 de abril de 2002.

Tendo em vista este cenário, o presente estudo dedicou-se a compreender como se dá o processo de implementação de tais recursos no telejornalismo no único telejornal brasileiro em TV aberta que realizou esta implementação: o *Jornal da Cultura*, veiculado na *TV Cultura* [5], em que a primeira aparição da janela de Libras ocorreu em novembro de 2017. Como problemas de pesquisa, buscou-se saber: de que maneira se deu a implementação de Libras no telejornal, quais foram as suas motivações e como a instituição se adaptou para isto?

Em uma primeira camada, as perguntas colocadas na forma de um *como* convidam a uma descrição da implementação do projeto que, por sua vez, responde a uma problematização de ordem prática. Isto é, detalhar como se dá uma operação como essa responde a necessidade de, ao expor o caso, subsidiar novas ações que caminhem para objetivos semelhantes aos do caso estudado. Neste artigo, portanto, encontra-se a possibilidade de, a partir do que ocorreu com o *Jornal da Cultura*, planejar outros projetos de inclusão de acessibilidade em Libras no telejornalismo de outras emissoras de TV. Embora o registro do caso seja, por si, relevante para que se escreva a história do telejornalismo brasileiro, a descrição desse fenômeno, obvia-

mente, abre para outras perguntas que nos convidam a problematizações menos superficiais que inserem o caso em seu contexto. Com este *como se dá*, portanto, se pergunta também: embora a inclusão -- neste caso, a inclusão da população surda -- apareça como um valor difuso no neoliberalismo, como esse conceito se movimenta nas determinações do real, no contexto de uma emissora de televisão brasileira que, embora possa ser considerada pública, também é dirigida conforme a racionalidade econômica vigente?

Por “neoliberalismo”, nos referimos a uma superestrutura ideológica e política, conforme definida por Cassin (2008), e marcada, sobretudo, pelo recrudescimento da racionalidade econômica acompanhado de uma revisão do papel do Estado Nacional sob a justificativa da flexibilização da economia. Todavia, como argumenta Saviani (2005) essa flexibilização vai no sentido de garantir a máxima representatividade da burguesia, fazendo com que a atividade política e cidadã se curve ao imperativo da acumulação financeira e conseqüentemente, da austeridade fiscal. Nesse propósito, a política passa atuar na regulação institucional apenas daquelas funções que não comprometam essa acumulação ao passo que restringe a participação democrática que se mobilize de qualquer forma que a limite. Mas isto não se realiza sem que se estabeleça determinados parâmetros interpretativos, isto é, “[...] novas formas de consenso que asseguram e possibilitem a reprodução material e simbólica das sociedades profundamente dualizadas” (Gentili, 2009, p. 223). Isto é, no seio do neoliberalismo, cria-se conceitos idealizados que mistificam as relações econômicas, isentando-as de suas contradições internas.

O tema da inclusão, enquanto conceito colocado de maneira difusa como uma demanda do mercado consumidor de comunicação, por exemplo, também encontra-se imerso nesse contexto. Por um lado, o conceito emerge com notável força desde a última década do século XX, porém, não tanto como resposta a possíveis reivindicações coletivas, mas também de maneira mistificadora que não contesta a base material que gera tais desigualdades em primeiro lugar (Bezerra, 2021). Este artigo não se propõe a fazer um mergulho no conceito de inclusão, em geral, mas problematiza-o especificamente no contexto brasileiro de radiodifusão de sons e imagens a partir do caso da *TV Cultura*. No Brasil, discutir a acessibilidade do jornalismo para a população surda, em específico, expõe uma contradição ainda de nosso ecossistema de mídia: anuncia-se um conceito de jornalismo como serviço essencial para a vida democrática do país, mas o modelo comercial vigente na radiodifusão é restrito, não totalmente democrático -- e o caso da exclusão da população surda é muito eloquente e concreto, por se tratarem de pessoas que, literalmente, não possuem maneiras de acessar o telejornalismo brasileiro.



Como pretendemos demonstrar, o caso do *Jornal da Cultura* é emblemático dessa situação. Afinal, embora possa ser considerado um êxito, ele só ocorreu a partir de políticas públicas que comprometem a lógica de acumulação e de austeridade, e não por espontaneísmo da direção da emissora. Além disso, o projeto de acessibilidade em Libras esteve muito próximo de ser descontinuado sob o argumento financeiro, ainda que -- e ressaltamos -- a *TV Cultura* possa ser compreendida como uma emissora pública, sob financiamento do governo do Estado de São Paulo.

---

### METODOLOGIA: ESTUDO DE CASO

---

Para a realização deste trabalho, optou-se por um estudo de caso para compreender e explorar como ocorreu a aplicação da acessibilidade em Libras no *Jornal da Cultura*, visando elencar quais elementos que, neste caso, respondem à problematização acima colocada.

De acordo com Martino (2018), o estudo de caso é uma pesquisa realizada a partir da análise de uma situação, reconhecida a partir de critérios para responder às perguntas propostas no objetivo do trabalho. Ainda, o autor ressalta que, se em outros tipos de metodologias o problema é construir o objeto de estudo, na metodologia do estudo de caso a questão é também encontrá-lo (Idem). Martino define dois critérios que possibilitam um caso de se tornar objeto de estudo: se ele for muito comum e portanto, altamente representativo de uma situação, ou se ele for em demasia incomum, e por isso mesmo, chama a atenção (Martino, 2018). No caso desta pesquisa, a segunda opção se encaixa, pela sua raridade.

Todavia, um estudo de caso só se torna pertinente a partir de um arcabouço teórico que orienta quais dados, informações ou padrões serão coletados, em campo. Para responder aos problemas desta pesquisa, mostrou-se necessário fundamentar o trabalho em uma compreensão sistêmica, material e crítica, que se atentasse às condições de implementação do programa de Libras de uma perspectiva institucional, econômica e, portanto, política. Portanto, chegou à Economia Política da Comunicação (EPC) como fonte para a codificação e para a análise do estudo de caso.

Dessa forma, o estudo se valeu dos seguintes instrumentos para coleta de informações: 1) Entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelo projeto; 2) Visita ao Núcleo de Acessibilidade da *TV Cultura*; 3) Levantamento de documentos da TV e da Fundação Padre Anchieta (FPA), quanto a sua estrutura organizacional; 4) Leitura e apreciação das chamadas e editais que exigiam a implementação de acessibilidade;

5) Leitura e apreciação da legislação brasileira sobre acessibilidade.

O objetivo das entrevistas foi obter relatos descritivos de como se deu a implementação da acessibilidade em Libras na emissora, quais foram as etapas do planejamento e como ele ocorre cotidianamente. Não indagou-se aos entrevistados quanto a suas percepções do projeto e, portanto, o trabalho não desenvolveu análise sobre o conteúdo do que foi dito nas entrevistas.

A primeira entrevista foi feita com Leão Serva, então diretor de jornalismo da emissora, embora não diretamente responsável pela aplicação do programa de acessibilidade. A partir dele, porém, chegou-se ao nome de Fernanda Sabino, supervisora de acessibilidade da FPA e idealizadora do Núcleo de Acessibilidade da *TV Cultura* - Flicts. Após uma troca de e-mails, foi combinado um encontro presencial para uma entrevista. O objetivo da conversa foi de obter mais detalhes sobre a implementação do projeto, esclarecer dúvidas, compreender os obstáculos e repercussões, entender o investimento financeiro que foi feito, além de conhecer os detalhes técnicos do Núcleo, obter informações sobre a produção jornalística dentro do contexto de acessibilidade e do programa *Jornal da Cultura*, além de outros detalhes abordados, como a democratização da informação e sobre o fato da *TV Cultura* ser uma emissora pública. Assim, diante das respostas foi possível encontrar uma direção para encaminhar a pesquisa.

Em seguida, foram realizadas outras quatro entrevistas com Eneas Pereira, diretor de jornalismo do *Jornal da Cultura*, para compreender se o conteúdo jornalístico sofreu algum tipo de alteração para receber a acessibilidade em Libras; Márcia Alexandre, assessora da *TV Cultura*, com o objetivo de esclarecer a visão da emissora a respeito da acessibilidade; Maura Vannozzi, de Recursos Humanos, e Graciella Machia, gerente de Recursos Humanos da FPA, que explicaram como a cultura da empresa se adaptou à nova modalidade de produção e como as estratégias institucionais sofreram alterações para a aplicabilidade do projeto. Como resultado dessas conversas, obtiveram-se alguns documentos emitidos pela FPA, como o seu Plano Estratégico de Ação [6] e seu relatório de atividades até o ano de 2018, que também serviram como documentos que foram consultados para essa pesquisa.

A entrevista com Fernanda Sabino ocorreu durante uma visita ao Núcleo de acessibilidade da *TV Cultura*, que aconteceu no dia 25 de agosto de 2022. A visita, além do objetivo de realizar a entrevista, visou conhecer a estrutura que abriga o projeto, entender como a rotina dos profissionais funciona e obter detalhes técnicos da produção.

Além disso, alguns documentos foram consultados durante a pesquisa e também serviram como fontes de informação. O Plano Estratégico de Ação da FPA justificou a implementação da acessibilidade por meio de um novo modelo organizacional e definiu as estratégias para aplicá-lo na emissora. Além disso, relatórios de atividades até o ano de 2018 demonstraram as estratégias da rede de televisão e as atividades realizadas em cada ano. Assim, esses documentos auxiliaram na produção da pesquisa em compreender como a diretoria da FPA lidou com as mudanças de estrutura organizacional. Por fim, editais e legislações envolvendo políticas públicas, acessibilidade, inclusão, direito à comunicação, dentre outros assuntos pertinentes à pesquisa foram utilizadas como referência para entender a motivação da FPA.

Mosco (2016) define a economia política como o estudo das relações sociais e das relações de poder, que constituem a produção, distribuição e consumo de recursos. O autor explica em seu trabalho que a economia política precisa ser fundamentada em uma epistemologia realista, inclusiva, constitutiva e crítica. Nesse sentido, é preciso reconhecer as realidades conceituais e práticas do núcleo social, evitando abordagens ideográficas que defendem apenas a realidade do discurso ou a rejeição da realidade das políticas sociais (Mosco, 1999).

Assim, a investigação da economia política da comunicação se preocupa em descrever e observar a importância das formas estruturais responsáveis pela produção, distribuição e troca de produtos de comunicação, além de regular o mercado: “Embora não tenha negligenciado o produto em si nem o processo de modificação, a tendência tem sido a de colocar em primeiro plano as estruturas e instituições corporativas e públicas” (Mosco, 1999, p. 107). Nesta abordagem, a mudança social, o progresso social e as relações sociais estão em primeiro plano. Isso significa que a investigação parte do princípio de que a mudança social, as estruturas e instituições estão em um processo de mudança constante.

Ao analisar a indústria cultural que transita entre a multiplicidade de oferta de conteúdos e de canais de difusão, Ferraretto e Kischinhevsky (2010) determinam quatro pontos de análise da EPC dentro de um contexto midiático, nos quais este artigo também se baseia para desenvolver o estudo de caso proposto. São eles:

1. Tecnológico: engloba a infraestrutura de produção, distribuição e recepção de conteúdo, em suma, todo o aparato necessário para colocar no ar a janela de Libras;

2. Empresarial: compreende a origem e a composição dos capitais que controlam os grupos de comunicação.

3. Profissional: analisa a integração de estruturas para produção de conteúdos a serem distribuídos, às mudanças nas rotinas e nas relações de trabalho que foram acarretadas pela janela de Libras na programação.

4. Dos conteúdos: abrange a produção de conteúdos, com a exploração das Libras enquanto novo formato e linguagem.

---

#### **NÃO ESCUTO, MAS NÃO ME VEEM: UM BREVE HISTÓRICO DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE ACESSIBILIDADE E LIBRAS**

---

A deficiência auditiva é caracterizada como uma redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons em diferentes graus de intensidade. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de pessoas possuem algum problema relacionado à surdez no Brasil. Esse número representa 5% da população nacional e cerca de 2,7 milhões de pessoas não ouvem nada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, até o ano de 2050, 900 milhões de pessoas no mundo podem desenvolver surdez. Apesar dos números significativos, foi somente em 24 de abril de 2002 que a lei Nº 10.436 definiu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a segunda língua oficial do Brasil.

Como vimos, dos 71.738 mil domicílios particulares permanentes no Brasil, cerca de 96,4% possuem televisão em casa. Entretanto, isso não garante, necessariamente, o acesso à cultura, entretenimento e ao jornalismo a um cidadão com deficiência auditiva, já que grande parte das produções televisivas no Brasil não possui suporte e acessibilidade para pessoas surdas. Afinal, na televisão, as imagens são atreladas ao som. Para pessoas surdas, muitas vezes as imagens acabam perdendo o sentido, já que ficam incompletas sem o conteúdo sonoro para embasá-las. Assim, consumir conteúdos que não são adaptados à surdos gera um ruído na comunicação para quem tem alguma deficiência auditiva e os assiste.

A legenda descritiva, conhecida também pelo termo em inglês *closed caption* (CC) é um dos recursos utilizados para assistir televisão por quem não escuta, já que além de reproduzir os diálogos, expõe também sons ambientes e música de fundo. Entretanto, apenas uma parcela dos surdos têm conhecimento da Língua Portuguesa para lê-las, o que torna o recurso de legen-

das eficaz para aqueles que sabem a língua, mas não totalmente inclusivo para toda a comunidade surda (Faria & Silva, 2016).

Outra forma de adaptar o conteúdo para a população surda é por meio da janela de Libras, comumente utilizada em propagandas eleitorais e em anúncios governamentais no Brasil. Neste caso, independente do que acontece na tela, em algum dos lados do monitor, existe uma pessoa interpretando em Libras tudo o que é dito. Em 24 de abril de 2002, a lei Nº 10.436 definiu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a segunda língua oficial do Brasil e apesar disso, 20 anos depois, todos os telejornais nacionais das principais redes comerciais de televisão aberta do país (SBT, Globo, Record, Rede TV e Bandeirantes) não possuem janela de Libras.

Torres e Mazzoni (2007) consideram que os recursos técnicos atualmente disponíveis possibilitam que os meios de comunicação em massa promovam a acessibilidade e que esse é um dos caminhos que conduz a inclusão social. De acordo com os autores, ignorar a existência das pessoas que possuem deficiências sensoriais ou limitações que interferem na percepção de mensagem e que são espectadores de programas de televisão, além de um preconceito, é também uma falha frequentemente praticada por equipes de produção brasileiras (Torres & Mazzoni, 2007).

Além destes recursos disponíveis, também há um arcabouço legal que pede às emissoras de televisão e outros produtores de conteúdo para que promovam a inclusão. No dia 19 de dezembro de 2000 foi instituída a lei Nº 10.098, conhecida como a lei da acessibilidade, que “garante o direito e a possibilidade de locomoção em qualquer espaço do território nacional”. No Art. 2, inciso I, alínea d, a lei “garante que não haja barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação” (Lei Nº 10.098, de 2000). Para compreender o conceito de *acessibilidade*, como está nos termos da lei, é possível recorrer à discussão feita por Corrêa (2009), para qual “O termo acessibilidade tem sido utilizado para garantir que todas as pessoas tenham acesso a todas as áreas de seu convívio. Estas áreas estão relacionadas aos espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, sistemas e meios de comunicação e informação” (Corrêa, 2009, p. 171).

Em 2 de janeiro de 2016, entrou em vigor a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, destinada a “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das

liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. Assim, passou a ser assegurado por lei o direito de acessibilidade em Libras nas televisões brasileiras.

---

### RESULTADOS: COMO SE DEU À IMPLEMENTAÇÃO DE LIBRAS NO JORNAL DA CULTURA

---

Aconteceu em novembro de 2017 a primeira aparição da janela de Libras no *Jornal da Cultura*. Dentre os conteúdos escolhidos para receberem acessibilidade, os programas de informação e entretenimento foram considerados mais relevantes. Assim, *Jornal da Cultura*, *Roda Viva*, *Repórter ECO*, *Persona* e *Metrópolis* foram os escolhidos da grade. Sendo o *Jornal da Cultura* o foco deste trabalho por ser considerado o programa jornalístico de mais destaque da grade de programação da emissora.

A tecnologia é um ponto importante dentro do contexto da implementação da acessibilidade em Libras no *Jornal da TV Cultura* -- afinal, foi preciso inaugurar o Núcleo de Acessibilidade, conhecido internamente como Flicts. O espaço conta com três estúdios de gravação direcionados especificamente para a captação de imagens dos intérpretes de Libras. Além disso, o Núcleo também possui uma central técnica que controla os estúdios.

No início do projeto, as gravações da janela de Libras eram realizadas em estúdios diferentes, já que não seria possível gravar nos mesmos estúdios dos programas devido ao barulho da redação. Foi em dezembro de 2019, somente dois anos depois do período obrigatório do projeto, que a *TV Cultura* inaugurou o Núcleo de Acessibilidade. Assim, as gravações passaram a ser realizadas no próprio Núcleo, com espaço apropriado e pensado exclusivamente para a realização do projeto.

Foi a obra de Ziraldo, o livro infantil publicado em 1969 pela editora Expressão e Cultura, “Flicts”, que inspirou o nome do Núcleo de Acessibilidade da *TV Cultura*. Um título pensado em todas as pessoas surdas que não se sentem representadas em programas audiovisuais que não possuem acessibilidade, os muitos Flicts que existem em uma sociedade que não está adaptada à inclusão.

O intérprete de Libras se posiciona em cima de um caixote, para melhorar o enquadramento, na frente de um cenário liso de fundo azul escuro. É importante que o fundo seja todo da mesma cor, assim, na hora de adicionar a janela de Libras na imagem final do *Jornal*, é possível retirar o fundo utilizando a ferramenta de

*chroma key*. Na versão final do programa, somente o intérprete aparece, como se estivesse recortado e é inserido no canto inferior direito da imagem.

Na estrutura dos estúdios, além do cenário preparado para servir de fundo na gravação, o equipamento técnico conta com câmeras, luzes e televisões. Para a tradução da Libras ocorrer, o Jornal é transmitido ao vivo por uma das televisões do estúdio. O intérprete escuta o áudio do programa e traduz simultaneamente para as Libras aquilo que escuta. Como o áudio não é um recurso utilizado na janela de Libras, a imagem final da tradução é transmitida para o Jornal sem som, assim, não existe a possibilidade de nenhuma interferência sonora.

Os intérpretes, então, não são pessoas surdas, já que precisam ouvir o áudio do programa para realizar a tradução. Entretanto, em toda gravação da janela de Libras, a presença de uma pessoa surda é necessária. Chamados de consultores, eles orientam e aconselham durante a produção para que o conteúdo faça sentido para quem o consome. Entretanto, existem alguns poucos intérpretes surdos que também prestam o serviço no Núcleo, mediante a um roteiro previamente produzido por uma pessoa ouvinte.

É a partir da central técnica que se controla os estúdios do Núcleo. É nessa central técnica que se utiliza o “*switch*”. O profissional que trabalha nesta área, conhecido como *switcher*, é quem escolhe qual reportagem vai entrar, os cortes de câmera, os caracteres que aparecerão na tela e no teleprompter, entre outras funções. No caso do Flicts, o *switcher* não comanda as funções do *Jornal da Cultura* e de outros programas da grade, mas é responsável por todas as imagens de janela de Libras que aparecerão na TV. Dessa forma, é ele o responsável por enviar as imagens das traduções em Libras para o *switcher* do *Jornal da Cultura*, por exemplo. Ele também pode mexer na localização do intérprete na tela, adicionar ou cortar o som, dentre outras funções.

No âmbito empresarial, a FPA, por meio da *TV Cultura*, só foi instigada a aplicar um modelo de acessibilidade em Libras na emissora devido a nova exigência do Ministério das Comunicações, por meio da Norma Complementar nº 01/2006, que “prevê recursos de acessibilidade, por meio da Portaria Nº 188, de 24 de março de 2017, e que “estipula sobre os recursos de acessibilidade na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão”. Assim, a *TV Cultura* teria que cumprir um tempo mínimo de horas de programação com recursos acessíveis durante três meses, sob pena de multa e perda de recursos previstos pela norma, como citado anteriormente. Dessa forma, a FPA entendeu, na ocasião, que o prejuízo financeiro de multas e perdas

de recursos seria maior do que o investimento necessário para implementar a acessibilidade.

Anteriormente, até o ano de 2016, a FPA promovia acessibilidade por meio de recursos como a audiodescrição e o *closed caption* em sua programação. Com a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a FPA que já implementou acessibilidade na *TV Cultura* com outros recursos, foi afetada apenas na inclusão da programação em Libras da emissora.

A FPA já utilizava recursos financiados pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet (Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991) [7]. A lei “prevê incentivos fiscais destinados a projetos culturais cuja exibição, utilização e circulação dos bens culturais deles resultantes sejam abertas, sem distinção, a qualquer pessoa, se gratuitas, e a público pagante, se cobrado ingresso”. Com a criação da nova exigência de acessibilidade da janela em Libras, a Lei Rouanet também sofreu alteração em seu escopo em 2015. No parágrafo 3º do artigo 2 da Lei Federal de Incentivo à Cultura foi incluído que “serão contemplados com os recursos fiscais da lei somente projetos culturais que forem disponibilizados, sempre que tecnicamente possível, também em formato acessível à pessoa com deficiência”. Assim, a *TV Cultura* realizou as alterações necessárias para continuar sendo contemplada com os recursos previstos na Lei, dando continuidade ao seu programa de acessibilidade. Dessa forma, a barreira financeira que impedia a aprovação do projeto foi resolvida. Entretanto, esse não era o único empecilho.

Organizacionalmente, a preocupação com a acessibilidade não aparece como prioridade nas diretrizes da *TV Cultura*. Isso é resultado de um modelo organizacional que não prevê os meios para a inclusão da comunicação para todos os públicos, ou até prevê, mas não propõe soluções para aplicá-la. Conforme explica Miege (1989), há relações entre o tipo de produto oferecido por uma empresa, a estrutura de controle corporativo e a natureza do processo de trabalho. Dessa forma, o modelo organizacional da *TV Cultura* e da FPA molda as iniciativas da emissora, o que em parte explica o porquê a acessibilidade não é uma prioridade na *TV Cultura*, apesar de a emissora poder ser considerada pública [8].

Ainda, as estruturas profissionais enfrentaram mudanças com a criação do Núcleo de Acessibilidade. O estúdio dentro do Núcleo funciona 24 horas, já que os profissionais do *closed caption* estão sempre em produção. Dessa forma, a equipe é dividida em dois turnos. Quem trabalha diretamente com a Libras chega no Núcleo às 6h da manhã e a última equipe vai embora às 2h da madrugada, hora que se encerra o último programa que possui recurso da janela de Libras. No



total, 55 pessoas trabalham no Núcleo, sendo oito colaboradores direcionados especificamente para o *Jornal da Cultura*. Apesar disso, os intérpretes de Libras são terceirizados e não fazem parte do setor de contratos oficial da emissora.

No início da implementação da acessibilidade, a maioria dos profissionais teve que se adaptar à nova rotina de trabalho e aprender novos recursos tecnológicos para garantir a entrega do material conforme as normas da emissora. Diante disso, a qualificação de mão-de-obra e a rotina profissional também sofreram alterações.

O Núcleo também abriga uma redação direcionada para os profissionais que trabalham com audiodescrição, fazendo roteiros para as gravações, assistindo os materiais gravados para prestar consultoria e checando a qualidade dos áudios dos programas já gravados. Na redação, também fica a equipe de Libras, que utiliza o espaço para estudar os materiais dos programas antes de gravarem nos estúdios. Por fim, também utilizam o espaço os responsáveis pelo *closed caption*, que transcrevem e fazem as marcações das legendas em português que aparecem na tela.

O estúdio funciona 24 horas, já que os profissionais do *closed caption* estão sempre em produção. Dessa forma, a equipe é dividida em dois turnos. Quem trabalha diretamente com a Libras chega no Núcleo às 6h da manhã e a última equipe vai embora às 2h da madrugada, hora que se encerra o último programa que possui recurso da janela de Libras. No total, 55 pessoas trabalham no Núcleo, sendo oito colaboradores direcionados especificamente para o *Jornal da Cultura*. A emissora conta, atualmente em sua programação, com 24 horas diárias de *closed caption*, 20 horas semanais de conteúdos em Libras e 28 horas semanais de audiodescrição.

Por fim, em relação aos conteúdos jornalísticos, esses não sofreram alterações, visto que a implementação das Libras na emissora é considerada como uma tradução e, portanto, não houve exploração de novos formatos a partir da implementação de Libras na programação.

Fernanda Sabino explica que o principal obstáculo para a *TV Cultura* continuar com o projeto de acessibilidade após o período temporário foi financeiro, mas que também encontrou grande resistência dentro da emissora que questionou a utilidade da iniciativa. Segundo ela, parte dos colaboradores e da diretoria não compreendia a relevância do projeto e não via necessidade em aplicar uma grande mudança para uma quantidade pequena de pessoas, se comparado proporcionalmente com o número de telespectadores ouvintes, que é maior. “Já ouvi de jornalistas que os programas

deles já contam com o recurso de *closed caption*, e pensam que aquilo basta”, mencionou Fernanda Sabino em entrevista.

Após o período probatório do novo recurso de acessibilidade na emissora, em 2017, foi demonstrado interesse por parte da equipe que o aplicou de manter o projeto. Fernanda Sabino, hoje supervisora do Núcleo de acessibilidade da *TV Cultura*, foi uma das pessoas que insistiu com a diretoria da emissora sobre a importância de permanecer com o projeto. Ela descreve esse processo como um período de luta, já que a empresa não tinha interesse em continuar com o novo recurso de acessibilidade. Em entrevista, Sabino explicou que um dos fatores que a ajudou a defender para a diretoria da TV sobre a importância do recurso acessível no Jornal foi a repercussão da comunidade surda diante da inclusão do novo projeto. Durante os três meses em que foi aplicado, a equipe de acessibilidade reuniu os *feedbacks* que a emissora recebeu na ouvidoria, acompanhou a comoção nas redes sociais a respeito da mudança e conversou com pessoas da comunidade surda para entender se a estrutura do novo projeto estava funcionando e os atendendo conforme suas necessidades.

De todo modo, apesar do Núcleo já estar estruturado, o fator financeiro foi uma justificativa para, inicialmente, o projeto ser descontinuado após o período obrigatório. Construir estúdios, contratar profissionais especializados e comprar novos equipamentos resultam em mais gastos, contrariando a racionalidade econômica neoliberal que também orienta as decisões da FPA. A diretoria da emissora acreditava que o investimento não renderia positivamente em termos de retorno financeiro. A argumentação para isto continuava a mesma: a quantidade de pessoas surdas é bem menor que a quantidade de telespectadores ouvintes e, portanto, sua inclusão não necessariamente implicaria em um aumento nos números de audiência do canal. Apesar disso, o projeto posteriormente foi continuado devido aos *feedbacks* positivos recebidos da comunidade surda, gerando com isso um novo argumento a favor do projeto, ainda conforme uma racionalidade econômica: a iniciativa geraria um impacto positivo à imagem e à marca da emissora que poderia ser explorada.

---

**DISCUSSÃO: A ACESSIBILIDADE INSERIDA  
NA DISCUSSÃO DA CIDADANIA  
E DO DIREITO À COMUNICAÇÃO**

---

A partir de tudo o que foi apresentado, este trabalho começou remetendo às teorias do jornalismo e como sua atuação deve visar a cidadania (Gentilli, 2005). Não só isso, que a aplicação da cidadania é essencial para o funcionamento da democracia (Fernan-



des, 2002) e que é direito de todo cidadão ter acesso à informação (Marshall, 1967). Todas as compreensões elaboram o jornalismo e suas funções, no entanto, desde um lugar idealizado e categórico. Há de se desviar, no entanto, dessa postura apenas categorizante para entender como esses conceitos se movimentam nas determinações do real. Afinal, há de se relativizar a qualidade de uma cidadania que, diante da contradição entre o direito e o imperativo da acumulação financeira, deixa de informar toda uma comunidade.

Como vimos, existem leis que protegem os direitos dos cidadãos e das pessoas com deficiência, exigindo do profissional de comunicação ferramentas acessíveis como janela de libras, closed captions, audiodescrição e legendas ocultas em suas produções (Torres & Mazzoni, 2007). Portanto, a existência de tais legislações evidencia que há uma demanda social em realizar a transição para uma grade acessível nas emissoras de televisão no Brasil. Todavia, tal implementação vai no sentido de comprometer a racionalidade da acumulação financeira, como visto no estudo de caso da implementação de acessibilidade em Libras no *Jornal da Cultura*.

Tendo em vista que o surgimento da implementação da acessibilidade em Libras da *TV Cultura* não surgiu espontaneamente, mas foi motivada por uma exigência do Ministério das Comunicações, da Norma Complementar nº 01/2006, evidencia-se que a acessibilidade em Libras, neste caso, só ocorreu devido a existência de políticas públicas voltadas para a inclusão, visto que a emissora não foi a primeira a tomar iniciativa para implementar a mudança e nem manifestava interesse inicial na proposta.

É notório como a prática jornalística no Brasil é majoritariamente exercida por empresas privadas com fins lucrativos, mas também é desenvolvida por fundações como a FPA, que é uma pessoa jurídica de direito privado. Todavia, tal exercício deveria estar submetido à uma discussão maior, ainda carente de legislação no Brasil: a do direito à comunicação e à informação. Segundo Victor Gentilli (2002), o jornalismo é [...] uma atividade indispensável no mundo contemporâneo, como instrumento que viabiliza o direito à informação” (Gentilli, 2002, p. 142). Não é um exagero retórico afirmar que um jornalismo segregador e excludente fere este direito e fragiliza a prática cidadã [9] e democrática justamente porque nega à parte relevante da população o acesso aos temas que informam a esfera pública.

É possível apoiar-se em Jurgen Habermas (1989) para estreitar ainda mais esta relação entre o acesso ao conteúdo jornalístico com a prática cidadã e democrática. O autor define dois tipos de linguagem: a hermenêutica e a epistemológica. A primeira pode ser identificada de um ponto de vista participante, pois abre

margem para interpretações e propõe diálogo para os envolvidos. A segunda, parte de um ponto de vista observador, não prevê consenso, apenas diz o que é, sem espaço para debates (Habermas, 1989). O primeiro tipo de uso seria o único que pode ser entendido enquanto comunicativo, porque não visa uma definição, não visa dizer algo como é, mas estabelece ações que buscam construir intersubjetivamente um significado.

Dito isso, já é possível compreender a disputa pela cidadania, que de acordo com o autor, está engajada por ações comunicativas - isto é, aquelas ações que buscam pela construção do sentido. Para ele, comunicar é agir e isso está diretamente relacionado com a aplicação da cidadania, pois o processo de sua disputa pode ser considerado enquanto esfera de atuação dos cidadãos que se mobilizam para dar visibilidade às suas necessidades e, a partir dela, elaborar e reivindicar direitos. Assim, com Habermas, dá-se uma fundamentação que auxilia a formular uma outra tarefa: a valorização do papel de participante na comunicação, em sentido amplo, e na democracia.

Para Fernandes (2002), a extensão da cidadania tem ocorrido, principalmente, com a consideração de novos atores sociais como cidadãos ao longo da história, dentre os quais, é claro, estão pessoas com surdez. “Essa entrada de novos atores em cena, com novas demandas de direitos, força o jornalismo a acompanhar tais mudanças e a falar dessas reivindicações” (Fernandes, 2002, p. 2).

A responsabilidade por promover inclusão e garantir o direito à comunicação e à informação é do Estado, enquanto ente público, mas também recai sobre as organizações privadas. Habermas (1984) define o Estado como o poder público. Ele caracteriza como público eventos que, em contraposição às sociedades fechadas, são acessíveis a qualquer um. De acordo com ele, é tarefa do Estado promover o bem público, o bem comum a todos os cidadãos (Habermas, 1984). Por outro lado, seu entendimento de esfera pública se distingue de Estado: a esfera pública é a reunião das pessoas privadas no espaço público (Habermas, 1984), dissolvendo assim aqueles interesses apenas privados criando, com isso, uma esfera social repolitizada.

Isto sugere que, ainda que as empresas privadas de comunicação brasileiras, ainda que sejam fundações, não se interessem pela aplicação de programas de acessibilidade, as justificativas comerciais para não desenvolver projetos desse tipo podem e devem se diluir na esfera pública, nos lugares de repolitização das práticas organizacionais destas empresas para que lá se exija que elas atendam ao interesse público. Em outros termos, a luta pela inclusão nos meios de comunicação também é a luta pela sua democratização. Afinal, seria dever categórico do Estado de informar, mas também inegavelmente das empresas de comunicação. Este dever está expresso pelo artigo 5º, inciso XXXIII e 37, caput, da Constituição Federal do Brasil reforça esse argumento quando estabelece

que “o Poder Público tem o dever de informar, mas que esse objetivo também alcança instituições particulares que prestam serviços públicos, como emissoras de rádio e televisão”. Assim, é dever do Estado e de instituições jornalísticas públicas e privadas democratizar a informação e é também um direito do cidadão de ter acesso a essa comunicação.

Portantoo, é possível compreender a importância de uma comunicação inclusiva, acessível e democrática para toda a sociedade. Mas o termo “Inclusão”, aqui, como demonstra o caso, não deve ser mistificado, compreendido como valor transcendental a ser almejado, mas como enfrentamento de um problema historicamente colocado, com a exposição de uma contradição no modelo comercial dos meios de comunicação brasileiro e, portanto, inserido no debate maior sobre o próprio direito à comunicação e à informação no país.

---

## CONCLUSÕES

---

Após este trabalho, chegou-se à conclusão de que dificilmente haveria inclusão, de fato, sem políticas públicas que comprometam a lógica de acumulação financeira nos meios de comunicação, já que o que originou o processo de inclusão de recursos acessíveis na grade da *TV Cultura* foi uma exigência do Ministério das Telecomunicações. Tal entendimento se fortalece diante da falta dos mesmos recursos de acessibilidade em Libras por outras redes privadas, já que estas não estão submetidas às mesmas políticas que levaram a implementação do Núcleo na *TV Cultura*.

Diferentemente do esperado no início desta pesquisa, quando se projetou a hipótese de que a inclusão da acessibilidade havia ocorrido por uma iniciativa da própria Fundação e da TV, ficou claro que a implementação ocorreu para evitar penalidade de multas e impedir perda de recursos distribuídos pela Lei de Incenti-

vo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet. Dessa forma, evidencia-se que a ideia de “inclusão” que seja espontânea e regida pelas empresas de comunicação é contraditória diante da lógica de acumulação dessas mesmas empresas. Sem a devida reflexão sobre essa contradição, as bases materiais que não permitem a expansão do exercício da cidadania por populações historicamente excluídas, como é o caso da população surda, permanecerão incontestes. Declarar o direito à comunicação, sobretudo o direito à comunicação para pessoas com deficiência, pede por um enfrentamento.

Todavia, há a necessidade de pesquisas futuras para compreender aprofundadamente as razões pelas quais outras emissoras de televisão não introduziram a acessibilidade em Libras em suas grades. Nestes outros casos, não pode ser subestimado, por exemplo, o fator também determinante nas decisões de uma cultura voltada para a generalidade, sem admitir a existência da pluralidade, multiplicidade e dissemelhança, ou que sequer é capaz de perceber esse tema como uma problemática a ser enfrentada. Afinal, como evidenciado no caso estudado, os obstáculos para a implementação da acessibilidade não foram somente financeiros, já que se encontrou uma resistência cultural dentro da emissora sobre a importância do projeto, inclusive entre jornalistas contratados pela emissora.

De todo modo, o caso do *Jornal da Cultura* representa o primeiro passo em direção a uma grade totalmente inclusiva na televisão brasileira. Essa é uma conquista significativa para a comunidade surda, que por toda a sua existência foi excluída da maioria dos conteúdos audiovisuais e culturais.

---

*Submissão: 14/06/2023*

*Data de aceite: 15/02/2024*

## NOTAS

---

<sup>1</sup> A deficiência auditiva é caracterizada como uma redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons em diferentes graus de intensidade. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de pessoas possuem algum problema relacionado à surdez no Brasil. Esse número representa 5% da população nacional e cerca de 2,7 milhões de pessoas não ouvem nada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, até o ano de 2050, 900 milhões de pessoas no mundo podem desenvolver surdez.

<sup>2</sup> Legenda oculta, comumente referido pela sigla CC, é um sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão, utilizado para auxiliar deficientes auditivos. Mais do que uma legenda convencional, ela indica em palavras os outros sons do vídeo.

<sup>3</sup> Faixa narrativa adicional para pessoas com deficiência visual.

<sup>4</sup> Espaço destinado a intérpretes da Língua Brasileira de Sinais nos materiais audiovisuais.

<sup>5</sup> Enquanto rede de televisão pública, a TV Cultura precisa ter independência em relação aos interesses e padrões tanto do mercado quanto do Estado. Seu compromisso é com uma instância ainda mais fundamental do que essas na construção democrática: a cidadania. Vale ressaltar que na legislação brasileira, não há nenhuma lei que determine as diferenças entre a rede de televisão pública e privada.

<sup>6</sup> Em 2016, a Fundação Padre Anchieta divulgou um documento com bases para a elaboração de um plano estratégico. O documento foi o resultado de um processo de reflexão, pesquisa, debates e construção de novos consensos sobre os rumos da emissora, realizado pelo Comitê Estratégico do Conselho Curador da Fundação

Padre Anchieta. O objetivo deste documento era estabelecer as bases para a produção de um plano de ação, nomeado de “Plano Organizacional de Funcionamento e Controle das Atividades da Fundação”, que seria aplicado nos próximos anos à sua produção (Plano Estratégico de Ação da Fundação Padre Anchieta, 2016, p. 41).

<sup>7</sup> A lei restabelece princípios da Lei nº 7505, que dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico; institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências.

<sup>8</sup> No Brasil, não há uma legislação que define propriamente o que é uma TV pública, diferenciando-a de uma TV comercial e/ou estatal, e que estabeleça seus deveres, criando, com isso, um ambiente jurídico no qual a *TV Cultura* não se encontra necessariamente vinculada por lei a oferecer acessibilidade.

<sup>9</sup> Marshall, em seu estudo “Cidadania, classe social e status” (1967) identifica o conceito de cidadania como um conjunto de direitos e deveres atribuídos ao cidadão. A partir do conceito de Marshall, qualquer pessoa que não consiga desfrutar dos direitos da cidadania é considerado desigual na sociedade. Assim, uma pessoa surda que enfrenta uma grande barreira comunicacional que a impede de consumir informações jornalísticas por falta de acessibilidade, não consegue exercer seu direito pleno como cidadão (Marshall, 1967). Já para Fernandes, em seu estudo “Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público” (2002), cidadania refere-se à condição de um indivíduo, membro de uma comunidade e de um Estado, com os quais ele tem uma relação de direitos e deveres (Fernandes, 2002, p. 2).

## REFERÊNCIAS

- Cassin, M. (2005). *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Editora Autores Associados.
- Corrêa, P. M. (2009). *Acessibilidade: conceitos e formas de garantia*. Editora Descubra.
- Silva, D. C., & Faria, N. G. (2016). *Legendas e janelas: questão de acessibilidade*. Revista Sinalizar, 1(1), 65-77. <https://doi.org/10.5216/rs.v1i1.36156>
- Fernandes, A. (2002). *Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público*. Intercom. <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/153525028078401893023837407457382637395.pdf>
- Ferraretto, L. A., & Kischinhevsky, M. (2010). Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, 17(3), 173-180. ISSN Eletrônico: 1415-0549
- Fundação Padre Anchieta. (2016, 25 de março). *Bases para a elaboração do Plano Estratégico de Ação da Fundação Padre Anchieta*. [https://tvcultura.com.br/upload/fpa/iniciativas/20180307145644\\_anexo-1-bases-para-o-planejamento-estrategico-da-fpa.pdf](https://tvcultura.com.br/upload/fpa/iniciativas/20180307145644_anexo-1-bases-para-o-planejamento-estrategico-da-fpa.pdf)
- Fundação Padre Anchieta. (2017, 25 de março). *Relatório de Atividades*. [https://tvcultura.com.br/upload/fpa/sic/20180529184956\\_20180529-relatorioatividades-consolidado2017.pdf](https://tvcultura.com.br/upload/fpa/sic/20180529184956_20180529-relatorioatividades-consolidado2017.pdf)
- Fundação Padre Anchieta. (2018, 25 de março). *Relatório de Atividades*. [https://tvcultura.com.br/upload/fpa/sic/20190812171147\\_20190812-relatorioatividades2018-consolidado.pdf](https://tvcultura.com.br/upload/fpa/sic/20190812171147_20190812-relatorioatividades2018-consolidado.pdf)
- Gentili, P. (1995). Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das maiorias. Revista Pedagogia da exclusão. *Vozes*, 228-252.
- Gentilli, V. (2002). *O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação*. Revista Famecos, 9(19), 36-48. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2002.19.3184>
- Habermas, J. (1984). *Mudança estrutural da esfera pública*. Revista Tempo Brasileiro.
- Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Revista Tempo brasileiro.
- IBGE. (2018). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) 2018: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101631>
- IBGE. (2010). *Censo demográfico 2010: deficiência auditiva*. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)
- Kotscho, R. (1987). *A prática da reportagem*. Editora Ática.
- Marshall, T.H. (1967). *Cidadania, classe social e status*. Editora Zahar.
- Mosco, V. (1999). Economia política da comunicação: uma perspectiva laboral. *Comunicação e sociedade*, 1, 97-120.
- Dourado, J., Lopes, D. M., & Marques, R. (2016). *Economia política do jornalismo: tendências, perspectivas e desenvolvimento regional*. Editora Edufpi.
- Schudson, M. (2008). *Notícias e sociedade democrática: passado, presente e futuro*. Revisão do ouriço, 10 (2), 7-21.
- Saviani, D., Lombardi, J. C. & Sanfelice, J. L. (2005). *Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação*. Editora Autores Associados.
- Soares, M. C. (2009). *Representações, jornalismo e a esfera pública democrática*. Editora UNESP.
- Torres, E. F., & Mazzoni, A. A. (2007). O direito de acesso à informação nos meios televisivos: onde está a inclusão? *Inclusão Social*, 2(1). ISSN Eletrônico: 1808-8678
- Vicchiatti, C. A. (2004). *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.





**Inclusão no Jornal da Cultura: um estudo de caso da introdução de acessibilidade em libras**

**Periodismo e inclusión: un estudio de caso sobre la implementación de la accesibilidad en lengua brasileña de señas (libras) en el Jornal da Cultura**

**Journalisme et inclusion : une étude de cas sur la mise en œuvre de l'accessibilité en langue des signes du *Jornal da Cultura***

**Journalism and Inclusion: A Case Study on the Implementation and Accessibility of Brazilian Sign Language at *Jornal da Cultura***

**Pt.** Em novembro de 2017, ocorreu a primeira aparição da janela de Libras, a Língua Brasileira de Sinais, no *Jornal da Cultura*, principal produto de telejornalismo da *TV Cultura*. Trata-se do primeiro e único telejornal com essa forma de acessibilidade para a população surda na televisão aberta brasileira. O projeto, porém, ocorreu diante de exigências impostas pelo Ministério das Comunicações e pela Lei Federal de Incentivo à Cultura. Este artigo é um estudo de caso do projeto de acessibilidade mencionado, buscando saber de que maneira se deu a implementação de Libras no telejornal, quais foram as suas motivações e como a instituição se adaptou para isto. A descrição do caso também propõe-se a compreender como a necessidade por inclusão -- neste caso, a inclusão da população surda -- se movimenta no contexto de uma emissora de televisão brasileira que, embora possa ser considerada pública, também é dirigida conforme a racionalidade econômica vigente. Para tanto, o estudo foi desenvolvido a partir de categorias da Economia Política da Comunicação (EPC), voltadas à descrever as formas estruturais responsáveis pela produção, distribuição e troca de produtos de comunicação. Por meio de entrevistas, de visitas à emissora, de um levantamento da legislação brasileira quanto à acessibilidade e do estudo do modelo organizacional da Fundação Padre Anchieta, chegou-se à conclusão de que a acessibilidade só foi possível com a indução por políticas pública, mesmo em uma organização sem fins lucrativos, como é o caso da *TV Cultura*, cujo modelos organizacional e institucional impactam diretamente na reprodução do projeto de acessibilidade. Assim sendo, discute-se quanto ao impasse de elaborar projetos de acessibilidade no conteúdo jornalístico diante da racionalidade econômica e neoliberal que gerencia o mercado de comunicação no Brasil, inserindo o debate sobre inclusão em um mais abrangente: o do direito à comunicação e à informação.

**Palavras-chave:** inclusão; acessibilidade na comunicação; acessibilidade no jornalismo; TV Cultura

**Es.** En noviembre de 2017, la ventana de Libras, la Lengua Brasileña de Señas, apareció por primera vez en el *Jornal da Cultura*, el principal producto periodístico televisivo de *TV Cultura*. Se trata del primer y único noticiero con esta forma de accesibilidad para la población sorda en la televisión abierta brasileña. Sin embargo, el proyecto surgió como respuesta a las exigencias impuestas por el Ministerio de Comunicaciones y la Ley Federal de Incentivo a la Cultura. Este artículo es un estudio de caso del mencionado proyecto de accesibilidad, con el objetivo de investigar cómo se implementó Libras en el noticiero, cuáles fueron sus motivaciones y cómo la institución se adaptó para llevarlo a cabo. La descripción del caso también pretende comprender cómo la necesidad de inclusión -- en este caso, la inclusión de la población sorda -- se manifiesta en el contexto de una emisora de televisión brasileña que, si bien puede considerarse pública, también es gestionada de acuerdo con la racionalidad económica vigente. Para ello, el estudio se desarrolló a partir de categorías de la Economía Política de la Comunicación (EPC), con el objetivo de describir las formas estructurales responsables de la producción, distribución e intercambio de productos de comunicación. A través de entrevistas, visitas a la emisora, el relevamiento de la legislación brasileña sobre accesibilidad y el estudio del modelo organizacional de la Fundación Padre Anchieta, se llegó a la conclusión de que la accesibilidad solo fue posible con la inducción de políticas públicas, incluso en una organización sin ánimo de lucro, como es el

caso de TV Cultura, cuyos modelos organizacionales e institucionales tienen un impacto directo en la reproducción del proyecto de accesibilidad. Por lo tanto, se discute el dilema de elaborar proyectos de accesibilidad al contenido periodístico frente a la racionalidad económica y neoliberal que gestiona el mercado de la comunicación en Brasil, insertando el debate sobre la inclusión en una discusión más amplia sobre el derecho a la comunicación y a la información.

**Palabras clave:** inclusión; accesibilidad en la comunicación; accesibilidad en el periodismo; TV Cultura

**Fr.** En novembre 2017, la langue des signes brésilienne (Libras) apparaissait pour la première fois à l'écran du *Jornal da Cultura*, le principal programme de journalisme télévisé de la chaîne *TV Cultura*. C'est le premier et le seul journal TV diffusé en clair au Brésil à garantir une telle accessibilité à la population sourde. Ce projet a cependant découlé d'exigences établies par le ministère des Communications et par la loi fédérale d'incitation à la culture. Nous présentons ici une étude de cas sur ce projet d'accessibilité, visant à savoir comment la présentation en Libras a été mise en place au sein de ce journal télévisé, avec quelles motivations, et à comprendre la façon dont l'institution s'est adaptée en conséquence. L'objectif était également de saisir comment le besoin d'inclusion – en l'occurrence de la population sourde – se traduit dans le contexte d'une chaîne de télévision brésilienne qui, bien que considérée comme publique, n'en est pas moins gérée selon la rationalité économique prévalente. Pour ce faire, l'étude a été conçue sur la base des catégories de l'économie politique de la communication (EPC), qui visent à décrire les formes structurelles responsables de la production, de la distribution et de l'échange des produits de communication. Au moyen d'entretiens, de visites des locaux de la chaîne TV, d'une revue de la législation brésilienne en matière d'accessibilité et d'une étude du modèle organisationnel de la fondation Padre Anchieta, nous concluons que l'accessibilité n'a été possible que sous l'impulsion de politiques publiques, et ce même dans une organisation à but non lucratif telle que *TV Cultura*, dont les modèles organisationnels et institutionnels ont un effet direct sur la reproduction du projet d'accessibilité. Nous discutons ainsi de la difficulté majeure à élaborer des projets d'accessibilité des contenus journalistiques, au vu de la rationalité économique et néolibérale qui régit le marché de la communication au Brésil, tout en replaçant le débat sur l'inclusion dans un cadre plus large : celui du droit à la communication et à l'information.

**Mots-clés :** inclusion ; accessibilité en communication ; accessibilité dans le journalisme ; TV Cultura

**En.** In November 2017, the first Brazilian sign language interpreter appeared on *Jornal da Cultura* (Culture News), a television news program running on *TV Cultura*, a Brazilian public television network. This is the first and only news program to include this form of accessibility for the deaf on Brazilian public television and was made possible by the Ministry of Communications and the Culture Incentive Law. This article is a case study on the accessibility of sign language and its implementation in the aforementioned news program, the motivations behind its inclusion, and what adjustments the network had to make. This case study also aims to understand the need for inclusion -- in this case, the inclusion of the deaf population -- on a Brazilian television station that, although public, is also managed according to the current economic rationality. In this respect, this study was developed based on elements of the Political Economy of Communications (EPC) in order to describe the structural forms behind the production, distribution, and exchange of communication products. After conducting a series of interviews, visits to the broadcaster, an overview of Brazilian legislation on accessibility and the Padre Anchieta Foundation's organizational model, we found that accessibility could only occur through public policies, even for a non-profit organization such as *TV Cultura* whose organizational and institutional models directly impact this accessibility. Therefore, there are discussions about developing accessibility projects for news programs considering the economic and neoliberal rationality that is so prevalent in the communications market in Brazil, which leads to a larger debate on inclusion: the right to communication and information.

**Key words:** inclusion; accessibility in communication; accessibility in news programs; TV Cultura

# Especificidades regionais no debate sobre jornalismo e engajamento climático

## Um estudo de recepção com ativistas brasileiros

**ELOISA BELING LOOSE**

*Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
eloisa.beling@gmail.com  
0000-0002-4755-3046*

**ILZA MARIA TOURINHO GIRARDI**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
ilza.girardi@ufrgs.br  
0000-0001-8766-7139*

**DÉBORA GALLAS STEIGLEDER**

*Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
deborasteigleder@gmail.com  
0000-0001-6030-5728*



jornalismo desempenha um papel importante para o enfrentamento da crise climática na medida em que informa sobre os diferentes ângulos desse problema global com impactos cada vez mais frequentes na esfera local. Ao tratar das causas, efeitos e alternativas, calcadas no interesse público, a imprensa fornece subsídios para decisões mais conscientes a respeito da emergência climática, sendo uma arena-chave para construir representações, valores, visões e argumentos sobre o tema (Loose & Carvalho, 2017). Este texto tem como objetivo geral evidenciar as diferentes leituras e compreensões sobre a atuação do jornalismo nas cinco regiões brasileiras, a partir de um estudo de recepção com jovens ativistas brasileiros, de 19 a 35 anos, sobre jornalismo e engajamento climático (Loose *et al.*, 2022). O estudo é sustentado teórico-metodologicamente na perspectiva do consumo midiático, especificamente aqueles identificados como produtos jornalísticos, partindo do entendimento de García Canclini (2006) de que este é um tipo particular de consumo cultural (Schmitz, 2015). Contudo, não é centrado apenas nas mensagens, mas na relação ampliada com os meios jornalísticos, abrangendo tanto a concepção de consumo midiático quanto da pesquisa de recepção (Toaldo & Jacks, 2013).

Os jovens são um público que tem ganhado destaque no debate público sobre clima, sobretudo a partir do movimento desencadeado pela sueca Greta Thunberg, que

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :

Eloisa Beling Loose, Ilza Maria Tourinho Girardi, Débora Gallas Steigleder, « Especificidades regionais no debate sobre jornalismo e engajamento climático: um estudo de recepção com ativistas brasileiros », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.  
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.515>



se tornou uma liderança a partir de greves escolares pelo clima, em 2019, e segue como uma figura relevante neste contexto, especialmente para os jovens. Seu movimento em prol da proteção do clima incentivou jovens ativistas, inclusive no Brasil, desencadeando uma série de pesquisas a respeito do binômio juventude e meio ambiente/mudanças climáticas (Silva Júnior & Teixeira, 2021). Além disso, o processo de formação ambiental dos mais jovens é considerado relevante para o estabelecimento de uma cultura que considere o cuidado, como é possível observar em vários estudos na área de educação ambiental (Silva *et al.*, 2015).

Através da investigação sobre a experiência de consumo midiático desses jovens, busca-se compreender os consensos e dissensos que se estabelecem na relação entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais - a qual constitui os processos de mediações, segundo Martín-Barbero (2003). A relação de grupos unidos por uma identidade com os dispositivos e mensagens que acessam no cotidiano produz transformações culturais. Conhecer o impacto da comunicação climática veiculada através do jornalismo, instituição que orienta as ações dos cidadãos (Girardi *et al.*, 2012), pode contribuir, por exemplo, para a produção de mensagens mais precisas, que motivem a ação do público no combate a essa emergência global. No caso do Brasil, país repleto de especificidades regionais, espera-se que o público tenha entendimentos heterogêneos sobre causas, consequências e ações prioritárias diante da crise climática. Assim, parte-se da seguinte pergunta: considerando seu envolvimento em causas sociais e ambientais em cada região, como os jovens ativistas brasileiros compreendem o papel do jornalismo no engajamento da população diante da crise climática? Em acréscimo, objetiva-se entender possíveis contribuições das perspectivas teóricas do jornalismo regional (Reis, 2018), da comunicação climática (Moser, 2010) e do jornalismo ambiental (Loose & Girardi, 2017) para melhor direcionar as informações jornalísticas sobre as emergências do clima de acordo com o perfil de público - no caso deste estudo, jovens de até 35 anos. Avalia-se que as realidades distintas em termos de produção jornalística local permitem a construção de olhares diversos sobre a crise climática e como ela deve ser enfrentada. Como objetivos específicos, busca-se 1) relacionar as leituras dos jovens com os limites e as possibilidades de circulação noticiosa; e 2) comparar as compreensões e manifestações a respeito do consumo jornalístico nas diferentes regiões brasileiras.

A extensão continental do Brasil impõe uma série de desafios, dentre eles o de comunicar as questões nacionais sem deixar de lado a cobertura local ou regional. Para tal missão, uma série de meios, com propostas editoriais e públicos-alvo diferentes são bem-vindos. Contudo, na prática, nem sempre a diversidade desejada é alcançada. Conforme constata o Media Ownership Monitor Brasil (Intervozes, 2017),

que analisou 50 veículos de TV, rádio, mídia impressa e online, o nosso sistema de mídia mostra altas concentrações de audiência, de propriedade e em termos geográficos. Ademais, há falta de transparência e várias interferências econômicas, políticas e religiosas. Esta situação será observada aqui a partir das lentes de ativistas consumidores de notícias, que foram instados a discutir as relações entre o jornalismo com engajamento para lidar com as mudanças climáticas, a partir de suas realidades.

Este artigo inicia com uma breve discussão sobre os conceitos atribuídos a um jornalismo localizado, calcado na perspectiva local, para, na sequência, trazer um panorama contextual sobre a questão climática no Brasil, com ênfase para o desmatamento na Amazônia, o consumo de notícias na contemporaneidade e as compreensões dos brasileiros sobre as mudanças climáticas. A terceira seção traz a discussão sobre a comunicação climática e suas conexões com os estudos de recepção. A seguir, apresentam-se aspectos metodológicos e a análise empreendida dentro do contexto apresentado. Finaliza-se o artigo com a reflexão sobre os resultados mapeados.

---

### JORNALISMO LOCAL/REGIONAL: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

---

Ao realizarmos uma pesquisa exploratória sobre as particularidades regionais do Brasil, deparamo-nos com uma série de estudos pontuais, mas poucos que pudessem nos orientar para uma possibilidade de comparação. Reis (2018) sinaliza que o próprio conceito de jornalismo regional costuma ser confundido com outros, como o jornalismo de interior, local ou mesmo comunitário. A autora apoia-se em Aguiar (2016) para caracterizá-lo como aquele jornalismo mais próximo geograficamente aos fatos que reportam, às fontes que são consultadas e aos leitores-alvo. Já Dornelles (2012) destaca o espaço geográfico como determinante para a definição da informação local, mas, a partir de Mercadé (1992), inclui ainda outros elementos, como a vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a percepção sobre o leitor neste contexto, assim como as relações com as instituições e locais e regionais mais diretas, que são mais próximas em comparação a outros tipos de jornalismo que abrangem áreas maiores. Parte-se da compreensão que o jornalismo comunitário, geralmente atrelado às pautas dos movimentos sociais e com protagonismo dos cidadãos, difere-se da imprensa local ou regional, de natureza comercial (Peruzzo, 2005).

O jornalismo regional ou local possui a vantagem de, por ser mais restrito, conhecer com mais profundidade valores, preocupações, comportamentos e hábitos do seu público. Também desempenha funções próprias, por estar imerso neste mesmo território.

Dornelles (2012), baseada em Mathien (2004), elenca algumas delas: ser elo da comunidade, reforçando laços sociais; reduzir as incertezas sobre o ambiente que os cerca e divulgar serviços locais, promovendo integração e desenvolvimento. Por outro lado, a forte dependência das forças políticas e econômicas locais, para sua sustentação, também reflete em menor capacidade de denúncia. Dornelles ressalta que:

[...] em nosso estudo sobre a imprensa interiorana encontramos, ainda hoje, poucas matérias contendo críticas, denúncias ou cobrança do poder executivo local, comportamento que revela a falta de independência e autonomia desses jornais em nome da sobrevivência. Todavia, a maioria encontra um jeito moderado de cobrar ações pró-comunidade. Fazem as matérias em tom de advertência do problema ou de registro das reivindicações da comunidade. (2012 : p.33)

Nesse mesmo sentido, Peruzzo (2005) sinaliza ainda para a o espaço privilegiado que as fontes oficiais recebem, alimentando o chamado “jornalismo declaratório”, e o grande aproveitamento de materiais de assessorias de imprensa (releases), reprodução de notícias da imprensa nacional e de matérias pagas, que diminuem a qualidade da informação regional. O uso de conteúdos ‘prontos’ decorre da dificuldade de manter profissionais qualificados.

Adota-se aqui a perspectiva de jornalismo regional como aquele que está mais próximo aos cotidianos da audiência, que é conhecedor da realidade local e atua em prol de seus desafios. O vínculo com as problemáticas é duradouro, pois aqueles que reportam vivenciam as dores e as alegrias daquele território - diferentemente de um correspondente ou enviado que cobre a questão, mas não pertence ao local, não partilha aspectos identitários com a população que ali vive.

No entanto, é preciso ressaltar, a divisão por regiões do Brasil, proposta pelo IBGE desde a década de 1970, assume dimensões mais amplas, distanciando-se do que o jornalismo entende por cobertura regional. Para o IBGE, as regiões são divididas conforme semelhanças físicas ou naturais, do relevo, do clima, da vegetação, da hidrografia e de atividades econômicas. Sob essa perspectiva, os estados brasileiros são divididos em cinco regiões, sendo a Norte, composta por sete estados, a maior em extensão territorial, com pouco mais de 45% do território brasileiro. Isso significa que para se fazer jornalismo que cubra todo o território do Norte teríamos que ter uma série de jornalistas pelos diferentes estados, exigindo tanto investimento quanto alguns veículos nacionais que se centram no eixo Rio-São Paulo.

Na literatura sobre o jornalismo, a regionalidade é entendida entre uma esfera local e outra estadual, dando ênfase para as micro ou macrorregiões - cobrindo

determinadas cidades localizadas em um território que compartilha características comuns. Tal prática jornalística busca reforçar aspectos identitários e preencher lacunas deixadas pelo jornalismo estadual ou nacional (Deolindo, 2016). Aqui entende-se que o jornalismo regional de cada uma das divisões do IBGE (Sul, Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste) necessita de vários tipos de jornalismo para dar conta da diversidade e extensão dos territórios em questão. Além disso, não apenas um lugar comum une uma comunidade, mas também identificações afetivas e ideológicas derivadas de um modo de ser, viver. Peruzzo (2005, p.76) afirma que a mídia regional se “[...] refere aos laços originados pela familiaridade e pela singularidade de uma determinada região, que têm muito a ver com a questão do locus territorial”.

Por serem escassos os estudos orientados para as audiências, há inúmeras lacunas no Brasil - e na América Latina de forma geral - sobre como os esforços comunicacionais para enfrentar a crise climática estão sendo recebidos pelos públicos (Loose *et al.*, 2022). Este artigo destaca elementos regionais que não costumam ser evidenciados na discussão sobre comunicação climática, analisando as leituras e apropriações de consumidores de notícias que vivem realidades distintas no território brasileiro.

---

## CONTEXTUALIZAÇÃO

---

De acordo com a pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022), os três estados mais populosos do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, todos na região Sudeste) concentram 61,5% dos profissionais de imprensa. As regiões Sul e Sudeste, somado o Distrito Federal, concentram 78,5% dos jornalistas brasileiros. Já os estados da região Norte somam apenas 3% do contingente de jornalistas do Brasil. A baixa quantidade de profissionais em outras regiões fora do eixo Sul-Sudeste (e no interior dos estados) reflete na quantidade e qualidade dos produtos jornalísticos e pode estar associada à distribuição dos cursos de Jornalismo. Moreira e Pereira (2021) analisam como se deu a expansão dos cursos universitários no Brasil e suas conexões com as dimensões urbanas ao longo das décadas. As autoras identificaram 354 cursos de jornalismo localizados em instituições das regiões Sudeste (166), Sul (68), Nordeste (64), Centro-Oeste (30) e Norte (26), sobretudo em cidades médias (aquelas que têm entre 100 e 500 mil habitantes, segundo o IBGE).

Os dados de 2021 do Atlas da Notícia ratificam a concentração do jornalismo profissional nos estados do Sudeste e Sul, que contam, respectivamente, com 34,5% e 25,3% dos veículos jornalísticos brasileiros, seguidos do Nordeste (18,3%), Centro-Oeste (14,5%) e Norte (7,3%). A região Norte conta com os maiores



índices de desertos de notícias, ou seja, municípios em que não operam veículos jornalísticos. Apesar de a pesquisa identificar o crescimento de veículos online na região, 63,1% dos municípios nortistas seguem sem cobertura jornalística local.

Para além dessa compreensão sobre as desigualdades regionais em torno da formação e mercado de trabalho na área jornalística, é preciso trazer alguns elementos sobre a compreensão dos brasileiros a respeito das questões ambientais e climáticas e a própria confiança atribuída à imprensa. Mais do que entender a realidade nacional, busca-se checar quais são os reflexos dessas diferenças no entendimento a respeito da cobertura climática.

A edição 2021 da pesquisa Mudanças Climáticas na Percepção dos Brasileiros (ITS-Rio/Yale, 2022) traz aportes relevantes: 92% da população considera que o aquecimento global está acontecendo e 78% classificam essa questão como muito importante, mas apenas 25% dos respondentes dizem saber muito sobre aquecimento global ou mudanças climáticas. O percentual de pessoas que não sabem se o aquecimento global está acontecendo sobe de 3% para 8% entre aqueles que não utilizam internet.

Em linhas gerais, nota-se a quase unanimidade do conhecimento dos brasileiros sobre as ameaças ao nosso maior bioma. Quase todos os respondentes da pesquisa do ITS-Rio/Yale sobre percepção das mudanças climáticas (98%) já ouviram falar sobre as queimadas na Amazônia, sendo que 77% as atribuem à ação humana. Madeireiros, agricultores, pecuaristas e garimpeiros são identificados como os principais responsáveis pelas queimadas.

No Brasil, a principal causa das emissões de gases de efeito estufa é a mudança de uso da terra, decorrente do desmatamento e, muitas vezes, associada à expansão da fronteira agrícola. De acordo com o último relatório do Sistema de Estimativas de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa - SEEG (2021), 46% do total bruto (998 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub>) foram emitidas em 2020 em razão disso, seguido de 27% oriundas da atividade agropecuária e 18% relacionadas ao setor de energia. Mesmo assim, a fiscalização e as ações de combate a essa prática destrutiva ainda não são suficientes. Entre 2019 e 2022, com a política de desmonte ambiental liderada por Jair Bolsonaro, houve um agravamento da situação. Segundo o Monitor da Fiscalização (MapBiomass, 2023), 98% dos alertas de desmatamento registrados no Brasil, desde janeiro de 2019, não foram autorizados ou foram alvos de fiscalização por órgãos do governo federal, e é na Amazônia que se concentram três quartos desses alertas (149.631). Isso significa um índice altíssimo de impunidade, que favorece a prática de desmatamento ilegal no país.

Contudo, o problema não se concentra apenas na Amazônia, a despeito de sua relevância para o contexto planetário. Existe um afrouxamento das políticas públicas ambientais já há alguns anos em curso em todo o país (IPEA, 2022; Aragão dos Santos *et al.*, 2021; Fearnside, 2019). No caso específico do enfrentamento climático, para além das tentativas de se negar a existência do problema, o relatório do SEEG conclui que

[...] o pacto nacional formado na época da adoção da PNMC [Política Nacional sobre Mudança do Clima] em torno da redução do desmatamento se desfez, e a política de clima nunca adquiriu um grau de institucionalidade que permitisse ao país realmente adotar uma estratégia de desenvolvimento amparada na redução de emissões e em medidas de adaptação à crise climática. (SEEG, 2021: p.48)

Logo, as iniciativas brasileiras que estão fazendo frente à crise climática emergiram, em grande medida, da articulação da sociedade civil (Miguel, 2017), que ocupou o vácuo deixado pela fragilização e inoperância das instituições públicas. Nesse sentido, interessa compreender tanto como a pauta climática é entendida por esses grupos comprometidos em transformar a realidade quanto observar como a comunicação jornalística circula nesse âmbito (e como contribui para o debate e participação social).

Por fim, é importante lembrar que o consumo de notícias pelos brasileiros está diminuindo, de acordo com a 11ª edição do Digital News Report (Newman *et al.*, 2022). O estudo revela que o interesse por notícias diminuiu entre os mercados pesquisados de 63% em 2017 para 51% em 2022 - não apenas no Brasil, mas aqui o número de pessoas que evitam notícias dobrou nos últimos cinco anos. Parte dos jovens brasileiros que evitam as notícias alegam dificuldade de compreendê-las. Dentre as razões, o relatório destaca o aspecto negativo das notícias, a quantidade e a perda de credibilidade na imprensa. Ademais, a facilidade de circulação de desinformação via aplicativos de mensagens e redes sociais é outro fenômeno que colabora para o desgaste do jornalismo, já que as conhecidas *fake news* assumem a roupagem da notícia (forma), mas não apresentam princípios éticos e de apuração, o que deforma a mensagem (conteúdo).

---

#### COMUNICAÇÃO CLIMÁTICA E ESTUDOS DE RECEPÇÃO

---

Os estudos voltados para a comunicação climática ainda são escassos no Brasil, sobretudo aqueles dire-

cionados para a recepção das mensagens pelos públicos (Modifica, 2022). Apesar da relevância e urgência associadas à crise climática, permanecem lacunas de como traduzir e melhor comunicar essa questão complexa para públicos com referências e contextos tão discrepantes. Este estudo tenta mapear pistas de como a comunicação climática através do jornalismo, em específico, pode contribuir com o engajamento do tema no Brasil.

A comunicação climática é uma área abrangente, que abarca as preocupações de como melhor informar as pessoas sobre a crise climática até a discussão de estratégias de como envolvê-las para que exerçam sua cidadania efetiva e modifiquem suas ações individuais, tendo em vista a possibilidade de transformação de normas e valores na sociedade (Moser, 2010). Contudo, há muitos desafios envolvidos nesses processos, já que a relação entre preocupação, conhecimento e engajamento nem sempre é nítida, dependendo de uma série de variáveis a depender de cada público e contexto (Bayes, Bolsen & Druckman, 2020).

Loose (2021) desenvolveu pesquisa sobre como jornalistas, fontes de informação e leitores de um jornal local percebiam o debate climático a partir da cobertura climática realizada, sinalizando a aproximação com a realidade local como um dos fatores importantes para o envolvimento da população. Também há estudos que vão discutir a questão da responsabilização dos cidadãos ou das vantagens econômicas em relação à crise climática, sublinhando a visão neoliberal, como é o caso da suposta solução chamada mercado de carbono (Carvalho, Van Wassel & Maesele, 2016). Nesse sentido, os discursos sobre enfrentamento da crise climática não atacam a raiz do problema e convencem de que ações individuais são as mais relevantes.

Estudos que mapeiam o consumo midiático de jovens sobre questões climáticas e ambientais têm se debruçado especialmente sobre as relações desses grupos com as redes sociais (Nathania *et al.*, 2021; Cayo, 2020; Benavides *et al.*, 2017). As plataformas digitais se tornaram o principal meio de consumo de notícias em várias faixas etárias (Newman *et al.*, 2022). Nosso foco não é compreender como a questão climática está sendo observada ou entendida nas mídias sociais, mas, ao tratar de engajamento e jornalismo com jovens ativistas, salientamos seus olhares e analisamos as dificuldades de uma cobertura climática ampla, desconectada do dia a dia das pessoas. Nesse sentido, as plataformas digitais possuem grande potencialidade para promover novas narrativas com baixos custos e orientadas para públicos específicos, conseguindo se aproximar dos pressupostos do jornalismo ambiental (Bueno, 2007; Girardi *et al.*, 2012; Loose & Girardi, 2017), uma prática comprometida com a vida e que reconhece a

necessidade de maior contextualização, aproximação com o cotidiano do público e pluralização de fontes, dentre outros aspectos.

---

## ASPECTOS METODOLÓGICOS

---

Esta pesquisa parte dos estudos de recepção de vertente latino-americana, pensando nas leituras dos jovens sobre a cobertura climática (produção de sentidos) e suas apropriações (como os jovens lembram dos conteúdos discutidos e fazem uso deles para suas formas de ativismo), considerando seus contextos socioculturais. Ainda que no Brasil haja um grande número de trabalhos sob esta perspectiva, a terminologia ainda se confunde, especialmente porque tais processos (produção de sentidos, usos, apropriações) são de difícil separação nas práticas dos sujeitos receptores (Schmitz, 2015).

Investigar o consumo e a recepção dos conteúdos acerca das mudanças climáticas é um dos caminhos para verificar e reorientar os rumos dessa comunicação. Tais pesquisas são baseadas na perspectiva latino-americana dos Estudos Culturais, que ressaltam os usos, as leituras e apropriações do cotidiano das audiências (Martín-Barbero, 2003). O autor descreve a recepção para além de uma perspectiva limitada a efeitos e reações que uma mensagem provoca em determinado indivíduo. O âmbito da recepção discute, por exemplo, a possibilidade da participação social diante de fenômenos que impactam a produção e os usos das mídias, como as transformações tecnológicas e a constituição de identidades coletivas locais ou regionais. Portanto, entende-se a comunicação como um processo cultural, constituído com a colaboração de movimentos sociais, e não como mero produto de uma organização industrial. Em nosso estudo partimos dessa perspectiva ampla quando indagamos os jovens ativistas sobre suas relações e compreensões sobre jornalismo e engajamento. Já a perspectiva de consumo (Canclini, 2016) aparece de forma específica quando apresentamos dois vídeos jornalísticos sobre clima e questionamos os participantes sobre suas leituras.

Schmitz (2015) observa que, muitas vezes tidas como equivalentes, as perspectivas de consumo de Canclini e de recepção de Martín-Barbero têm especificidades. Esta é mais utilizada no estudo das relações dos sujeitos com um produto midiático em particular, verificando os sentidos produzidos por essa mensagem. Já a primeira é frequentemente mobilizada na análise de processos que atravessam a experiência de recepção, considerando o contexto e o cotidiano dos sujeitos. No entanto, ao propor o desenho do estudo, observamos que tais perspectivas serviam de forma complementar ao propósito desta pesquisa.

A partir da realização de dez grupos de discussão com 60 jovens ativistas, dois grupos em cada região brasileira, coletaram-se as impressões a respeito do papel do jornalismo e sua relação com engajamento, além de avaliações a respeito de dois produtos jornalísticos (duas reportagens telejornalísticas sobre mudanças climáticas, com enfoque nacional, que foram exibidas aos participantes na segunda metade das sessões). A proposta da pesquisa visava coletar as falas dos participantes primeiramente sem nenhuma referência compartilhada e, na sequência, com as apresentações dos vídeos, identificar opiniões e impressões sobre os modos de apresentação escolhidos por perspectivas jornalísticas diferentes. Os grupos focais foram realizados na metade de 2022, por meio de plataforma virtual, sendo as sessões gravadas para posterior transcrição das falas.

Os participantes precisavam se declarar ativistas de alguma causa e consumidores de notícias, além de estar na faixa entre 19 e 35 anos. Para o convite dos ativistas, um questionário virtual foi elaborado a fim de mapear possíveis interessados e, visando o equilíbrio de gênero, idade e participação por estado, fez-se uso da técnica *snowballing*, contando com indicações de ativistas.

O grupo focal é um método de coleta de dados qualitativo (Gatti, 2005) a partir de interações sobre um tópico sugerido pelo pesquisador interessado em mapear percepções e atitudes coletivas (Gondim, 2003). O conhecimento produzido pelo grupo na conversação mediada pode subsidiar tomadas de decisão e fornecer *insights* para ações futuras.

Cada sessão virtual contou com um moderador para conduzir a discussão e controlar o tempo da dinâmica. Todos os grupos tiveram um mesmo roteiro comum com perguntas antes da exibição dos vídeos, a fim de trazerem suas impressões sem a indução de nenhum elemento ou enquadramento, e depois dessa apresentação, buscando observar a diversidade de leituras e os apontamentos acerca da produção jornalística. Os grupos focais foram realizados de forma voluntária, a partir da explicitação do termo de consentimento livre e esclarecido, respeitando a condição de anonimato. Cada sessão durou cerca de duas horas.

Os dados coletados foram categorizados a partir da revisão de literatura, considerando sempre os objetivos da pesquisa: compreender como se dá o engajamento pró-clima por meio do jornalismo, sobretudo para ampliar o entendimento sobre as relações entre desmatamento da Amazônia e crise climática. A análise realizada neste artigo, embora parta de uma Análise de Conteúdo temática mais ampla (que pode ser localizada em Loose *et al.*, 2022 e Modifica, 2022), não se debruça sobre cada uma de suas categorias e sub-

categorias. Buscamos apresentar aqui as leituras mais recorrentes dos ativistas a partir das realidades de cada região, selecionando os dados coletados que têm articulação direta com características da região ou do local, abordagem não incluída na primeira divulgação dos resultados. Partimos de uma breve exposição por região para tentar traçar um quadro comparativo ao final.

---

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

---

Após sistematizar os dados por categorias temáticas (Bardin, 2014), realizou-se uma análise comparativa por região a fim de observar as especificidades por região a partir das observações dos ativistas. O método comparativo, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), busca verificar as semelhanças e diferenças entre os grupos focais, podendo ser aplicado em todas as fases e níveis da investigação. Este exercício analítico-reflexivo ajuda a compreender pontos de divergência a partir das especificidades socioculturais e político-econômicas de cada região.

Todos os grupos focais com ativistas tiveram como idade predominante de seus integrantes a faixa de 25 a 29 anos. Também contaram com as seguintes características e composição: na região Sul, foram realizados em 22 e 25 de junho de 2022 com 12 participantes no total, sendo 10 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, e em relação à autodeclaração de cor ou raça, 10 brancos e 1 preto; na região Sudeste, ocorreram em 18 e 29 de junho de 2022, com total de 11 participantes, sendo 7 do sexo feminino, 3 do masculino e 1 não-binário, e 5 brancos, 3 pretos, 2 pardos e 1 amarelo; no Centro-Oeste, foram realizados em 2 de julho de 2022 com 11 participantes, sendo 7 do sexo masculino e 4 do feminino, e 5 brancos, 4 pardos, 1 preto e 1 indígena; no Nordeste, ocorreram em 13 de julho de 2022 com 13 participantes, sendo 6 do sexo feminino, 6 do sexo masculino e 1 não-binário, e 5 pardos, 5 pretos, 2 brancos e 1 que não respondeu à autodeclaração; por fim, os grupos da região Norte, realizados em 20 de julho de 2022, tiveram total de 13 participantes, sendo 7 do sexo masculino, e 6 do sexo feminino, e 5 brancos, 4 pardos, 2 pretos e 2 indígenas.

Os grupos focais do Sul, que engloba estados fortemente dependentes do agronegócio, associaram a escassez de chuvas, que impacta a produção agrícola, ao clima e desmatamento da Amazônia, fazendo uma articulação importante entre as regiões. Outra forma citada de aproximar a crise climática à vida das pessoas é aproveitar a situação das enchentes:

[...] não adianta nada eu dar exemplos da Amazônia para Santa Catarina, por exemplo, as pessoas não entendem, elas não vão entender. Eu

preciso falar sobre enchente, que é o que afeta anualmente a população aqui nas cidades ou no campo, ou a crise hídrica, né, escassez hídrica, que são temas que estão afetando as pessoas aqui com o conhecimento da Amazônia lá. (Ativista da Região Sul, 25/06/2022)

Mais do que em outras regiões, o apelo econômico, que mexe no bolso do consumidor, foi citado: “O que afeta a pessoa no bolso, infelizmente, é o que as pessoas ficam mais de olho” (Ativista da Região Sul, 22/06/2022). Mesmo inseridos em uma discussão de que apenas ações individuais não são suficientes, as relações das mudanças do clima com o aumento do preço dos produtos foram citadas por serem uma forma de mostrar o impacto diretamente na vida das pessoas. Isso pode ter ocorrido em função das representações reiteradas dos meios locais e mesmo da mídia hegemônica que tem seu olhar a partir do eixo Rio-São Paulo, e tentam aproximar a destruição da floresta com os prejuízos econômicos das lavouras. Sublinha-se que isso não é um problema em si, mas reduz a questão e invisibiliza outros aspectos. Por isso, a cobertura sistemática, com diferentes abordagens e comprometida com a mobilização da sociedade prevista pela comunicação climática (Moser, 2010), se faz necessária, especialmente em um país de tamanho continental como o Brasil, que possui distintas realidades no mesmo território.

Os participantes entendem que o papel informativo do jornalismo está sendo cumprido, mas não é suficiente, inclusive pode gerar banalização: “[...] a informação está circulando, só que, muitas vezes, isso gera quase um esvaziamento da pauta” (Ativista da Região Sul, 22/06/2022). Há estudos que mostram que a cobertura climática da América Latina (Radar Climático, 2022) representa menos de 2% das notícias gerais publicadas pela imprensa, mas o fato é que há uma popularização do tema que deriva em uma falsa sensação de já sabermos muito sobre ele, como foi verificado pela pesquisa do ITS-Rio/Yale (2022) no Brasil quando compara preocupação e conhecimento sobre o tema.

Os ativistas do Sul endossaram a necessidade de estar com as bases: “[...] com as comunidades indígenas, quilombolas, enfim, com os bairros, com as pessoas que estão vivendo mesmo as coisas na pele, porque, às vezes, a gente se deixa levar por coisas grandes, internacionais [...] e todos os dias têm coisas cotidianas que acontecem e não são divulgadas [...]” (Ativista da Região Sul, 25/06/2022). A questão da proximidade geográfica abarca tanto a pluralidade de vozes quanto a articulação de causas-consequências-soluções, apontadas na literatura sobre comunicação climática como forma do jornalismo se aproximar dos públicos (Loose, 2021).

Os participantes do Sudeste trazem exemplos relacionados aos efeitos das chuvas intensas para ilustrar a importância de abordagens jornalísticas que considerem a responsabilidade do poder público nas causas e consequências das mudanças climáticas. Infere-se, portanto, que esta é uma questão próxima à realidade dos participantes.

Os ativistas dessa região falaram bastante sobre a necessidade de se cobrir a atuação das instituições, sobretudo o Estado, com a implementação de políticas públicas que auxiliem no enfrentamento das mudanças climáticas. Para eles, é importante apresentar os responsáveis: “[...] o vídeo não informa, porque ele não diz quem é o vilão” (Ativista da Região Sudeste, 29/06/2022), diz um ativista sobre uma das reportagens exibidas. A fiscalização do poder público faz parte da função política do jornalismo ambiental (Bueno, 2007), embora certas questões sejam silenciadas em prol de interesses econômicos.

Em termos de linguagem, citaram a necessidade de construir notícias que afetem o outro, em oposição a textos carregados de números, que não são apreendidos pela maioria dos públicos. “Quando você desgasta muito uma coisa da mesma forma, como é o caso da Amazônia, por exemplo, [...] ‘Já queimou 50 hectares, se queimar 52 não vai fazer diferença’. Gera essa banalização” (Ativista da Região Sudeste, 18/06/2022). A crítica aos enquadramentos repetidos e ao uso de números que não permitem a dimensão real do fato ocorreu em outras regiões pesquisadas. Tal aspecto pode ser vinculado ao caráter educativo que o jornalismo deveria assumir ao tratar de temas complexos como este, visando uma transformação cultural (Girardi *et al.*, 2012; Loose & Girardi, 2017).

Com mais destaque do que em outros grupos, esses ativistas associavam a cobertura do clima à própria lógica neoliberal que mantém o sistema capitalista. Apontou-se tal sistema como grande culpado pela crise ambiental, trazendo à tona as falsas soluções divulgadas a partir da individualização (a ideia de despolitização trazida por Carvalho, Van Wassel e Maesele, 2016): desligar a torneira enquanto milhares de litros estão sendo consumidos para produção de carne, por exemplo.

Quando trataram da proximidade geográfica e da necessidade de se conectar com as vivências, trouxeram aspectos associados ao pouco conhecimento e, conseqüentemente, pertencimento que os brasileiros possuem em relação aos nossos biomas:

Entender que a realidade que te cerca tem a ver, porque a gente não tem muito pertencimento. E eu nem ia tão longe nas calotas polares, a gente não tem pertencimento da própria Mata Atlântica, da floresta amazônica... (Ativista da Região Sudeste, 29/06/2022)



Ao tratar do desmatamento da Amazônia, os ativistas do Sudeste mencionaram as populações indígenas, a fauna e a flora, revelando a importância do território de forma ampla (não apenas da crise climática ou associada a questões econômicas e políticas):

[...] ontem teve a veiculação no Instagram de uma fala indígena que foi vinculada acho que até pela Célia Xakriabá, uma ativista né, falando assim ‘Vocês têm que começar a olhar pra Amazônia a partir de quem está dentro da Amazônia, das pessoas que preservam a floresta, porque não é ficar olhando para a Amazônia através de satélites. (Ativista da Região Sudeste, 18/06/2022)

Os participantes da região Centro-Oeste trouxeram o debate para a realidade do bioma Pantanal, conectando o desmatamento da Amazônia com a mudança nos regimes de chuva e consequentemente com as queimadas, associadas à estiagem prolongada. A questão da proximidade geográfica foi pontuada de diferentes maneiras, sendo relevante, na percepção dos ativistas, dar voz àqueles que são impactados e exemplificar os efeitos a partir da realidade local. Assim, os ativistas alinham-se à proposta de um jornalismo que valorize as questões regionais (Dornelles, 2012) a fim de conectar comunidades a partir de sua experiência de pertencimento aos territórios que habitam.

[...] acho que é trazer mais para a realidade das pessoas, as pessoas estão vendo que a água está diminuindo, [estão] com mais dificuldade de encontrar peixe, você tem lá a sua agricultura familiar, a sua horta, sua produção de subsistência que está mais difícil, no ano passado não deu aqui perto... [...] Então todo mundo consegue entender o que está acontecendo, se trazer de uma maneira um pouquinho mais concreta. (Ativista da Região Centro-Oeste, 02/07/2022)

Criar conexão com a realidade da pessoa. Então um pantaneiro, um produtor rural vai estar vendo um outro produtor rural falando, o cara fala: “ah, esse ano não teve chuva aqui, minha plantação secou, os bichos tão com sede, e antes não era assim, eu moro aqui há 40 anos e não era assim”, é... eu acho que é isso, colocar o lugar de falar de alguém que vai identificar. (Ativista da Região Centro-Oeste, 02/07/2022)

Entretanto, não é suficiente ouvir as fontes locais para entender com certa profundidade o contexto. Assim, surge a crítica das coberturas sobre a região feitas por profissionais do Sudeste desconhecedores das dinâmicas dos territórios, que condizem com os dados trazidos pelo Atlas de Notícias (2023). Segundo os ati-

vistas, tal produção perderia força, pois é um olhar “de fora”:

Um jornalista aqui do Sudeste, que estudou em universidades do Sudeste, fez intercâmbio, voltou e falou “não, vocês têm que parar com a mudança climática”, os caras olham e não dão credibilidade, né? Falam “ah, esse cara não entende, nunca viveu no mato, não sabe o que ele tá falando”. (Ativista da Região Centro-Oeste, 02/07/2022)

Sobre o papel do jornalismo, a função política, trazida por Bueno (2007) quando trata do Jornalismo Ambiental ficou evidente: “[...] o jornalismo podia funcionar de uma forma de conscientizar as pessoas, no sentido de que elas podem ajudar a pressionar tomadores de decisão, diante dessas questões, sabe?” (Ativista da Região Centro-Oeste, 02/07/2022). Para tanto, é posto que ele não pode ser isento, mas engajado, e atuar de forma interseccional:

[...] tem um costume muito forte do jornalismo de não falar de forma transversal sobre esses assuntos, [como] gênero, mudanças climáticas, população indígena. Então começar a trazer essas questões de forma transversal, falar de economia para falar de mudanças climáticas, falar de política para falar de mudanças climáticas, trazer isso em várias editoriais. (Ativista da Região Centro-Oeste, 02/07/2022)

Somado a isso, é assinalado que o jornalismo precisa prestar atenção, e “tornar o familiar estranho”, no sentido de questionar algumas práticas e discursos que são naturalizados, como “sempre pegou fogo desse jeito”.

A região Nordeste registrou que há temas locais, como a desertificação, que são pouco tratados pela imprensa, impedindo que as pessoas entendam as razões de certos fenômenos próximos estarem acontecendo. Também abordaram que há uma suposta naturalização de que desmatamento só ocorre na Amazônia, como se outras regiões estivessem livres das atividades destrutivas, como mineração e grilagem.

Além disso, mais do que em outras regiões, as desigualdades socioeconômicas que tornam as pessoas mais vulnerabilizadas frente aos riscos climáticos (e outros) foram mencionadas, assim como a necessidade de a imprensa cobrar mais governantes (por conta das políticas públicas) e empresários:

[...] muito essa visibilidade no que diz respeito à fiscalização, de exposição mesmo de situações, de exposição de grandes empresas, sei o quanto isso pode ser prejudicial pra essas empresas



e pessoas que trabalham nelas, mas sinto falta dessa exposição, do quanto a gente vê empresas que dizem que fazem pelo meio ambiente, mas tem alguém pronto pra expor isso? (Ativista da Região Nordeste, 13/07/2022)

Observa-se uma necessidade de maior denúncia frente à paralisia de quem poderia tomar alguma medida preventiva: “[...] mostrar que as pessoas que estão nos lugares de poder não estão interessadas em fazer as mudanças que a gente precisa”. Observa-se a crítica à falta de ações efetivas para o enfrentamento às mudanças climáticas. Nessa direção, há uma ideia de que o jornalismo deveria ser mais combativo, enfrentando os grandes setores que afetam a sustentabilidade do planeta (ao invés de se unir a eles, como faz a mídia hegemônica com o agronegócio). Os pressupostos do jornalismo ambiental (Bueno, 2007; Girardi *et al.*, 2012; Loose & Girardi, 2017) estão diretamente vinculados ao desejo manifestado pelos ativistas que participaram da pesquisa.

Por fim, o próprio acesso à informação jornalística se mostrou algo bastante recorrente, pela própria questão de infraestrutura de internet ou TV. Seja por não ter acesso, sobretudo em regiões do interior, seja por falta de recursos para custear o acesso às notícias, as populações mais vulnerabilizadas ficam mais suscetíveis ao universo da desinformação. Visto que os desertos de informação são minimizados pelo surgimento de veículos online, conforme descreve o Atlas da Notícia (2023), relatos sobre a dificuldade de acesso a tecnologias digitais acendem alerta sobre uma consequente dificuldade de acesso a informações jornalísticas.

Diante de tantas carências, a cobertura da crise climática não se mostra conectada com tais situações: “[...] existe situação complicada de falta de internet, de falta de recursos básicos... eu, particularmente, sinto aqui que parece que essa pauta do meio ambiente parece muito elitista, não é, mas parece, pelo menos para as pessoas das camadas mais baixas da sociedade”. Em tais contextos, formas específicas de jornalismo são indicadas: “[...] talvez um jornalismo mais comunitário, no sentido de estar mais próximo das camadas mais baixas, para trazer esse engajamento de baixo para cima” (Ativista da Região Nordeste, 13/07/2022).

No Norte, assim como na Região Nordeste, há dificuldade de acesso às informações jornalísticas específicas da área climática (há relato de que são poucos os jornalistas da região dedicados ao tema). Um dos respondentes do questionário inclusive apontou essa dependência a partir do seu estado:

No Tocantins existe uma falta de acesso e análise de dados, além do baixo interesse em cobrir

determinados temas. A falta de investimento no jornalismo regional faz com que ele seja alimentado principalmente por press releases, assim, muitas vezes, a reportagem e investigação é deixada de lado e a narrativa dominante é advinda das assessorias de comunicação. (Ativista da Região Norte, via questionário, 08/06/2022)

A falta de jornalismo local/regional sobre clima se reflete na queixa sobre pouca representatividade que os amazônidas possuem nas notícias, assim como seus reais problemas – retratados quando afetam outras regiões ou interesses de ordem nacional/internacional. Os achados conversam com evidências do Atlas da Notícia (2023), que aponta cobertura jornalística no Norte aquém das demais regiões. Para os participantes do grupo focal, é preciso dar mais protagonismo para as populações locais que já estão há anos lutando pela proteção da floresta e vivem os efeitos da destruição, pluralizando as fontes e entendendo a riqueza do bioma e de seus povos:

[dar protagonismo a] [...] essas vozes, pelas próprias pessoas que vivem e vivenciam, que estão na linha de frente do que as mudanças climáticas causam, do que a crise climática causa. (Ativista da Região Norte, 20/07/2022)

A gente já tá vendo pequenos locais em que estão sendo afetados pelo desmatamento da Amazônia, pelo descongelamento das geleiras, então é a gente fazer com que as pessoas percebam, que localidades com indígenas, povos quilombolas, os povos da floresta mesmo, já estão sendo afetados por essa mudança climática, eu acho que é essa mensagem que tem que passar. (Ativista da Região Norte, 20/07/2022)

Tais registros estão contemplados pela ênfase na pluralidade de vozes, defendida pelo jornalismo ambiental brasileiro. Mais do que ecoar a voz dos defensores e ativistas da floresta, há uma crítica sobre o distanciamento do território da Amazônia, reportado nas notícias, o que aparece também na crítica de Loose (2021) sobre a dificuldade de envolver os cidadãos em uma temática tão complexa sem pensar desde a esfera local:

A impressão que dá, assistindo às reportagens, é que eles passaram voando e filmaram, de cima assim, né? Não desce, né? Não desce pra filmar de baixo, pra falar com as pessoas, pra saber o que está acontecendo aqui embaixo, porque tem muita árvore, tá acontecendo muito desmatamento, mas aqui embaixo tem pessoas também que estão sendo impactadas por isso. (Ativista da Região Norte, 20/07/2022)

A regionalização da cobertura climática no Norte é um caminho para engajar por meio do jornalismo, evitando apenas as perspectivas científicas e trazendo soluções que façam sentido para a população. Por isso, a crítica à diminuição do consumo de carne foi emblemática, pois a dieta predominante dos habitantes é baseada em peixe: “Não dá pra você chegar aqui [Amazônia] e dizer que vai impactar na carne, sendo que aqui todo mundo só come peixe, vive de comer peixe. [...] Então é aproximar essa realidade do que está acontecendo hoje, do que vai impactar na realidade do território” (Ativista da Região Norte, 20/07/2022).

Outra crítica realizada no campo das soluções foi a redução ou simplificação de uma única medida, como plantar árvores:

Uma coisa que eu lembro muito era de um... um artigo de uma galera que falou que se plantasse um trilhão de árvores e aí saiu um milhão de jornais do mundo todo falando que se plantasse um trilhão de árvores ia tudo certo, e as pessoas simplesmente esqueceram que tem que parar de emitir carbono de combustível fóssil e outras coisas relacionadas, né? Então, às vezes do jeito que [se] trata as soluções, também pode engajar pro lado errado, pode gerar inação, porque é uma coisa muito complexa, depende de múltiplas ações acontecendo ao mesmo tempo e enfrenta cenários de desigualdades muito grande. (Ativista da Região Norte, 20/07/2022)

Esta fala remete à necessidade de se discutir a complexidade das causas e a necessidade de um rol de ações. Repercutir com exaustão medidas paliativas pode gerar a falsa impressão de que a crise climática já pode ser resolvida, quando, na verdade, todas as ações que conhecemos podem ajudar na adaptação e na redução de seus efeitos, mas o que está em curso já não pode ser totalmente revertido. É essa gravidade, associada a múltiplos fatores e algumas incertezas (que precisam ser vistas como parte do fazer científico), que precisam ser devidamente comunicadas para que a sociedade compreenda a dimensão do desafio ambiental no qual estamos imersos.

---

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

---

Os ativistas valorizam o jornalismo no engajamento da população diante da crise climática, porém questionam seus formatos e enquadramentos, já que muito do que é recebido parece estar distante das vivências experimentadas pelos movimentos. A partir das falas dos participantes ressaltamos a necessidade de o jornalismo regional/local avançar sobre pautas climáticas, que historicamente foram tratadas pela imprensa como um tema global. A comunicação climática destaca a proxi-

midade com o público como um aspecto mais potente na sensibilização e, quiçá, na mobilização social; contudo, conforme os achados da pesquisa, esse tipo de informação não é abundante e segue sendo centralizada por um olhar desde o Sudeste.

Por meio do método comparativo, avalia-se que os apontamentos por região não são contraditórios, mas contribuem para evidenciar especificidades que devem ser consideradas na produção jornalística local ou regional. Enquanto ativistas das demais regiões mencionam a importância de abordar outros biomas para além da Amazônia, como o Pantanal (citado por ativistas do Centro-Oeste) e a Mata Atlântica (lembrada pelos ativistas do Sudeste), os ativistas do Norte criticam o destaque dado à Amazônia sem a presença de vozes amazônidas na cobertura jornalística. Trata-se da constatação de um problema estrutural do ecossistema jornalístico nacional, que possui redações e profissionais concentrados no Sul e Sudeste (Lima *et al.*, 2022; Moreira & Pereira, 2021).

Em acréscimo, a crítica de ativistas do Centro-Oeste ao olhar “estrangeiro” de repórteres do Sudeste que cobrem a degradação do Pantanal também exemplifica a necessidade de fortalecimento do jornalismo regional enquanto catalisador de mobilização dos cidadãos. De acordo com Dornelles (2012), entende-se que esse jornalismo deve ser um espaço mais combativo, alinhado às demandas da comunidade. Neste sentido, a perspectiva do jornalismo ambiental (Girardi *et al.*, 2012; Loose e Girardi, 2017), que defende a contextualização das informações relacionando as escalas local e global a fim de contribuir para a maior conscientização do público sobre os problemas ambientais, pode ser uma aliada na qualificação da cobertura.

A associação dos impactos socioambientais ao encarecimento do custo de vida é entendida como uma estratégia para auxiliar a compreensão, por um lado, daqueles que se beneficiam cultivando *commodities* em latifúndios, e por outro, daqueles que, na luta diária pela sobrevivência, igualmente não se inteiraram da emergência climática nem da necessidade de engajamento para frear o aumento da temperatura média global. O apelo econômico pode aproximar a população da discussão, mas não deve, conforme a maioria dos participantes, ser o único enquadramento para falar de mudanças climáticas.

Houve uma forte convergência dos ativistas sobre uma necessária “desnaturalização” de aspectos relacionados à discussão sobre jornalismo, engajamento e mudanças climáticas. Identificamos falas que compartilham a ideia de algo que é tão repetido (e pouco ou nada questionado) que passa a ser “normalizado” pela sociedade. O jornalismo, assim como outros constru-

tores sociais de representações, colabora com a cristalização de certas visões de mundo.

Os participantes da região Norte consideram que a imagem que a imprensa repercute sobre a Amazônia é limitada e redutora, não englobando a complexidade do território e a pluralidade de povos: “Amazônia é mata, bicho, gente, cultura, história, tudo, e parece que só serve pra chover no Centro-Sul nessas notícias” (Ativista da Região Norte, 20/07/2022). Como forma de despertar ecológico, os ativistas também falaram sobre a necessidade de mostrar que a economia não está acima da vida ecológica (sendo dependente dela).

A constatação da falta de representatividade dos amazônidas nas notícias demonstra uma reação ao trabalho das organizações midiáticas. Mais do que a inclusão das suas pautas e dos habitantes como fontes, os ativistas do Norte buscam espaço para difundir visões de mundo e modos de viver ainda desconhecidos e invisibilizados.

---

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O jornalismo local ou regional precisa considerar as particularidades do consumo de informações pela população jovem, a começar pela infraestrutura disponível para o compartilhamento de informações sujeitas à devida apuração. Nesta pesquisa, a disparidade de acesso aos meios jornalísticos entre as regiões brasileiras ficou evidente. Ativistas, muitos conhecedores das restrições das comunidades localizadas longe das capitais, exprimiram preocupação com o fato de o jornalismo nem sempre alcançar tais públicos, especialmente nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

Quanto menos informações apuradas chegarem a essas comunidades, mais suscetíveis a informações enganosas essas pessoas ficarão. Mesmo não existindo ênfase sobre o negacionismo na imprensa brasileira, chamou atenção que comentários sobre ceticismo, negacionismo e *fake news* apareceram durante os grupos de forma orgânica, o que sugere que a comunicação climática precisa ser analisada para além do campo jornalístico, entendendo que diferentes formas de comunicação se misturam, sobretudo nas plataformas digitais. Estudos orientados para esses canais difusores (aplicativos de mensagens e redes sociais), com ênfase na questão climática, poderiam averiguar se esta é uma impressão localizada, fruto da propagação midiática da expressão “*fake news*” ou se há uma veiculação consistente de mensagens falsas que está ocupando esse “vazio jornalístico”. Por ora, os participantes manifestaram o desejo de uma descentralização da cobertura jornalística, que é baseada no eixo Rio-São Paulo, entendendo que o enfoque regional seria um avanço importante para mobilizar as populações.

Os ativistas expressaram a vontade de serem mais visibilizadas abordagens a respeito das soluções, em especial sobre as ações e práticas locais das pessoas vulnerabilizadas, dos povos originários e comunidades tradicionais, bem como das organizações da sociedade civil que há anos vêm pesquisando e experimentando tecnologias sociais, além dos saberes acumulados por gerações sobre o funcionamento dos ecossistemas. Pontua-se a falta de um reconhecimento do que as populações tradicionais já vêm fazendo. Essa abordagem, segundo indicaram os ativistas, pode ser feita através da apresentação de personagens contando a própria experiência e vivências. Acreditam que a exposição de histórias de pessoas comuns, das respectivas regiões do país, pode sensibilizar e motivar os públicos a se engajarem pelo clima ao proporcionar este espaço de identificação e pertencimento.

Nesta pesquisa, os ativistas denunciaram uma forma de apagamento através do foco exacerbado sobre a Amazônia em detrimento da cobertura a respeito da destruição da vegetação nativa em todos os biomas. A repetição de um único problema obscurece o papel da conservação dos modos de pensar e de viver nos outros territórios do país, agravando a limitada compreensão sobre as conexões entre as cinco regiões brasileiras, principalmente quando se fala das articulações entre clima e alteração nos regimes de chuvas. Tal aspecto também foi notado a partir da recente visibilidade de que o clima tem recebido na imprensa: há um temor pelo esvaziamento da pauta, já que a cobertura cresceu quantitativamente, mas em termos qualitativos ainda deixa muito a desejar ao não contemplar os interesses dos distintos públicos provenientes das díspares regiões brasileiras.

A questão das (in)justiças sociais também permeou as falas dos ativistas. Revelou-se forte a ideia de que todos seremos afetados, mas uns mais do que os outros por situações de vulnerabilização social, argumento bastante destacado por ativistas do Nordeste.

Além disso, a desigualdade socioeconômica entre as regiões deve ser considerada também na produção das coberturas jornalísticas, de modo a buscar reverter a dificuldade de acesso ao jornalismo em relação a: 1) sinal da internet, em especial nos municípios distantes das capitais; 2) recursos para adquirir os dispositivos e custear a prestação do serviço; e 3) linguagem simples e próxima aos públicos, articuladas ao fazer profissional. Não obstante o padrão noticioso em vigor nas regiões Sudeste e Sul tenha pretensões universalistas, urge a prática da aproximação geográfica nas coberturas, levando em consideração as especificidades entre as regiões e as diferenças locais.

Finalmente pode-se avaliar que o público desta pesquisa (ativistas com até 35 anos que afirmam con-

sumir notícias) endossa o papel-chave que o jornalismo hegemônico ainda exerce, sobretudo para alcançar vastos públicos. Porém, tal padronização, necessária para o alcance massivo, reduz significativamente a possibilidade de uma produção mais regionalizada. Essa contradição pode ser minimizada em telejornais e sites locais dos grandes grupos, mas, para isso, depende também que esses jornalistas (geralmente não especializados) tenham oportunidades de se capacitar e contar com subsídios (como glossários, agenda de fontes e manuais) que colaborem com a qualificação da cobertura climática. De outra forma, a promoção e financiamento de iniciativas regionais pode responder a várias demandas desses consumidores de notícias, afinal o conhecimento da realidade do público cria vínculos e laços que são bem-vindos na divulgação e envolvimento dos receptores com a questão climática. Neste sentido, iniciativas do poder público para viabilizar a elaboração e o acesso a conteúdos produzidos para rádio e internet, em formatos de baixo custo e que

alcancem jovens de comunidades isoladas, por exemplo, seriam bem-vindas.

O estudo contribui para os estudos de recepção e de consumo midiático na medida em que não somente constata a referência dos jovens a produtos jornalísticos com diferentes origens - TV, imprensa, plataformas digitais - e linguagens, mas também a demanda desses jovens por abordagens mais complexas, voltadas à solução dos problemas relatados e sensíveis às questões e vozes locais. Estudos futuros podem ajudar a entender as demandas de outros perfis sociodemográficos em relação ao jornalismo a fim de corroborar ou confrontar as contribuições dos jovens ativistas participantes desta pesquisa.

---

*Data de submissão: 13 de julho de 2023*

*Data de aceite: 15 de fevereiro de 2024*

## NOTAS

<sup>1</sup> A deficiência auditiva é caracterizada como uma redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons em diferentes graus de intensidade. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 10 milhões de pessoas possuem algum problema relacionado à surdez no Brasil. Esse número representa 5% da população nacional e cerca de 2,7 milhões de pessoas não ouvem nada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, até o ano de 2050, 900 milhões de pessoas no mundo podem desenvolver surdez.

<sup>2</sup> Legenda oculta, comumente referido pela sigla CC, é um sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão, utilizado para auxiliar deficientes auditivos. Mais do que uma legenda convencional, ela indica em palavras os outros sons do vídeo.

<sup>3</sup> Faixa narrativa adicional para pessoas com deficiência visual.

<sup>4</sup> Espaço destinado a intérpretes da Língua Brasileira de Sinais nos materiais audiovisuais.

<sup>5</sup> Enquanto rede de televisão pública, a TV Cultura precisa ter independência em relação aos interesses e padrões tanto do mercado quanto do Estado. Seu compromisso é com uma instância ainda mais fundamental do que essas na construção democrática: a cidadania. Vale ressaltar que na legislação brasileira, não há nenhuma lei que determine as diferenças entre a rede de televisão pública e privada.

<sup>6</sup> Em 2016, a Fundação Padre Anchieta divulgou um documento com bases para a elaboração de um plano estratégico. O documento foi o resultado de um processo de reflexão, pesquisa, debates e construção de novos consensos sobre os rumos da emissora, realizado pelo Comitê Estratégico do Conselho Curador da Fundação

Padre Anchieta. O objetivo deste documento era estabelecer as bases para a produção de um plano de ação, nomeado de “Plano Organizacional de Funcionamento e Controle das Atividades da Fundação”, que seria aplicado nos próximos anos à sua produção (Plano Estratégico de Ação da Fundação Padre Anchieta, 2016, p. 41).

<sup>7</sup> A lei restabelece princípios da Lei nº 7505, que dispõe sobre benefícios fiscais na área do imposto de renda concedidos a operações de caráter cultural ou artístico; institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências.

<sup>8</sup> No Brasil, não há uma legislação que define propriamente o que é uma TV pública, diferenciando-a de uma TV comercial e/ou estatal, e que estabeleça seus deveres, criando, com isso, um ambiente jurídico no qual a *TV Cultura* não se encontra necessariamente vinculada por lei a oferecer acessibilidade.

<sup>9</sup> Marshall, em seu estudo “Cidadania, classe social e status” (1967) identifica o conceito de cidadania como um conjunto de direitos e deveres atribuídos ao cidadão. A partir do conceito de Marshall, qualquer pessoa que não consiga desfrutar dos direitos da cidadania é considerado desigual na sociedade. Assim, uma pessoa surda que enfrenta uma grande barreira comunicacional que a impede de consumir informações jornalísticas por falta de acessibilidade, não consegue exercer seu direito pleno como cidadão (Marshall, 1967). Já para Fernandes, em seu estudo “Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público” (2002), cidadania refere-se à condição de um indivíduo, membro de uma comunidade e de um Estado, com os quais ele tem uma relação de direitos e deveres (Fernandes, 2002, p. 2).



## REFERÊNCIAS

- Atlas da Notícia. (2023, August 23). 30 cidades nortistas deixaram de ser desertos de notícias em 2021. <https://www.atlas.jor.br/analise/30-cidades-nortistas-deixaram-de-ser-desertos-de-noticias-em-2021/>
- Aguiar, S. (2016). *Territórios do jornalismo: Geografias da mídia local e regional no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Aragão dos Santos, A., Menezes, M., Zuniga Leite, A., & Sauer, S. (2021). Ameaças, fragilização e desmonte de políticas e instituições indigenistas, quilombolas e ambientais no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 29(3), 669-698. <https://doi.org/10.36920/esa-v29n3-7>
- Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bayes, R., Bolsen, T., & Druckman, J. N. (2020). A research agenda for climate change communication and public opinion: The role of scientific consensus messaging and beyond. *Environmental Communication*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/17524032.2020.1805343>
- Bello Benavides, L. O., Meira Cartea, P. Á., & González Gaudiano, É. J. (2017). Representaciones sociales sobre cambio climático en dos grupos de estudiantes de educación secundaria de España y bachillerato de México. *Revista mexicana de investigación educativa*, 22(73), 505-532. [https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1405-66662017000200505](https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662017000200505)
- Bueno, W. (2007). *Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Majoara.
- Carvalho, A., Van Wassel, M., Maesele, P. M. (2016) Communication practices and political engagement with climate change: a research agenda. *Environmental Communication*, 11(1), 122-135. <https://doi.org/10.1080/17524032.2016.1241815>
- Deolindo, J. S. (2016). *Regiões jornalísticas: uma abordagem locacional e econômica da mídia do interior fluminense*. (Tese de doutorado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro.
- Dornelles, B. (2012). O futuro dos jornais do interior. *Intratextos*, 4(1), 21-36. <https://doi.org/10.12957/intratextos.2012.2171>
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livros.
- García Canclini, N. (2006). El Consumo Cultural: una propuesta teórica. In G Sunkel (Ed.), *El consumo cultural en América Latina. Construcción teórica y líneas de investigación* (2nd ed.) (pp. 72-95). Bogotá: Convenio Andrés Bello.
- Girardi, I. M. T., Massierer, C., Loose, E. B., & Schwaab, R. (2012). Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. *Comunicação e Sociedade*, 34(1), 131-152. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v34n1p131-152>
- Gondim, S. M. G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação coletiva: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12(24), 149-161.
- Fearnside, P. M. (2019). O Desmonte da Legislação Ambiental. In J. S. Weiss (Org.), *Movimentos socioambientais – lutas, conquistas, avanços, retrocessos, esperanças* (pp. 317-382). Formosa, GO: Xapuri Socioambiental.
- IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. (s.d.). *Mapa das grandes regiões*. <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa97>
- Intervezes. (2017). *Media Ownership Monitor - Brasil*. <https://brazil.mom-gmr.org/br/>
- IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada]. (2022, December). Desmonte de políticas federais no Brasil [Policy paper]. *Em Questão*, 21, 1-13. [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11636/1/EmQuestao\\_n21\\_Desmonte.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11636/1/EmQuestao_n21_Desmonte.pdf)
- ITS-RIO. (2022). *Mudanças climáticas na percepção dos brasileiros: relatório de análise*. Rio de Janeiro. <https://itsrio.org/pt/publicacoes/mudancas-climaticas-na-percepcao-dos-brasileiros-2021/>
- Lima, S. P. et al. (2022). *Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*. Florianópolis: Quorum Comunicações. <https://perfildojornalista.ufsc.br>
- Loose, E. et al. (2022). A cobertura climática pode levar à ação? O olhar de ativistas sobre o jornalismo. *Revista Ciências Humanas*, 15(3), 8-21. <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n3.a923>
- Loose, E. B. (2021). *Jornalismo e riscos climáticos: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores*. Curitiba: Editora UFPR.
- Loose, E. B., & Carvalho, A. (2017). Comunicação e Mudanças Climáticas: uma discussão necessária e urgente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 40, 5-9. <https://doi.org/10.5380/dma.v40i0.52077>
- Loose, E. B., & Girardi, I. M. T. (2017). O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. *INTERIN*, 22(2), 154-172. <https://doi.org/10.35168/1980-5276.UTP.interin.2017.Vol22.N2.pp154-172>
- MapBiomass. (s.d.). Monitor da Fiscalização. <https://plataforma.alerta.mapbiomas.org/monitor-da-fiscalizacao>
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica* (5ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Martín-Barbero, J. (2003). *Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Mathien, M. (2004). *La Presse Quotidienne Régionale*. Paris: Presses universitaires de France.
- Mercadé, J. M. (1992). *La fuerza del periodismo local en la era de la globalización electrónica*. Pontevedra: Universidade de Vigo.
- Miguel, K. G. (2019). Narrativas socioambientais: afeto e experimentações jornalísticas na estética transmídia. *Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, 18(37), 154-167. <https://doi.org/10.5902/2175497734329>
- Modifica. (2022). *Jornalismo e Engajamento* [Relatório de Pesquisa]. São Paulo: Instituto Modifica. <https://jornalismoemambiente.files.wordpress.com/2022/12/modifica-pesquisa-jornalismo-engajamento-climatico-2022-yxalpg.pdf>
- Moreira, S. V., & Pereira, A. A. (2021). Cursos de Jornalismo em perspectiva histórico-geográfica: arranjos locais e regionais no Brasil. *Comunicação e Educação*, 26(1), 19-30. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v26i1p19-30>



- Moser, S. C. (2010). Communicating climate change: history, challenges, process and future directions. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 1(1), 31-53. <https://doi.org/10.1002/wcc.11>
- Nathania, L. *et al.* (2021). Campaigning Environmental Conservation During the Pandemic: A Social Media Reception Analysis. In *1st UMGESHIC International Seminar on Health, Social Science and Humanities* (pp. 397-406). Atlantis Press. <https://doi.org/10.2991/assehr.k.211020.057>
- Newman, N. *et al.* (2022). *Reuters Institute Digital News Report 2022*. Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Peruzzo, C. M. K. (2005). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, 26(43), 67-84. <https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v26n43p67-84>
- Quijandria Cayo, E. A. (2021). Estudio sobre la publicidad social de la WWF (World Wildlife Foundation) Perú en Facebook y la cultura ambiental de los jóvenes de Lima-Perú. *Anagramas Rumbos Sentidos Comun.*, 20(39), 7-31. <https://doi.org/10.22395/anqr.v20n39a1>
- ConexiónCOP. (2022). *Radar Climático*. <https://conexion-cop.com/radarclimaticoportugues/>
- Reis, T. A. (2018). Jornalismo Regional: uma leitura a partir dos critérios de noticiabilidade do jornal O Progresso. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 15(1), 62-72. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2018v15n1p62>
- SEEG. (2021). *Análise das emissões brasileiras de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2020*. [https://seeg-br.s3.amazonaws.com/Documentos%20Analiticos/SEEG\\_9/OC\\_03\\_relatorio\\_2021\\_FINAL.pdf](https://seeg-br.s3.amazonaws.com/Documentos%20Analiticos/SEEG_9/OC_03_relatorio_2021_FINAL.pdf)
- Schmitz, D. (2015). Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. *Revista Intexto*, 34, 255-275. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.255-275>.
- Silva, W. G. da, Higuchi, M. I. G., & Farias, M. S. M. de. (2015). Educação ambiental na formação psicossocial dos jovens. *Ciência & Educação*, 21(4), 1031-1047. <https://doi.org/10.1590/1516-731320150040015>
- Silva Júnior, M. A. F. & Teixeira, R. L. P. (2021). Juventude e mudanças climáticas: trajetórias e narrativas das mobilizações no Brasil. *Interlegere: Revista de Estudos Interdisciplinares*. 4(32), c26192. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26192>
- Toaldo, M. & Jacks, N. (2013). Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: *Anais do Encontro da COMPÓS*. Salvador.

**Especificidades regionais no debate sobre jornalismo e engajamento climático: um estudo de recepção com ativistas brasileiros**

**Especificidades regionales en el debate sobre periodismo y compromiso climático: un estudio de recepción con activistas brasileños**

**Regional Differences in the Debate on Journalism and Climate Engagement: a Reception Study with Brazilian Activists**

**Spécificités régionales du débat sur le journalisme et l'engagement pour le climat : une étude de réception auprès d'activistes brésiliens**

**Pt.** O jornalismo é uma das principais arenas de enfrentamento da crise climática por seu comprometimento com o interesse público e pela veiculação de informações que baseiam decisões cotidianas dos sujeitos. Este artigo se debruça sobre as particularidades observadas em um estudo de recepção realizado no Brasil em 2022, com foco no consumo jornalístico, com 60 jovens ativistas sobre jornalismo e engajamento climático. O objetivo foi identificar diferenças nas leituras e compreensões sobre a atuação do jornalismo entre participantes das cinco regiões brasileiras – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul – de acordo com a perspectiva do consumo cultural (García Canclini, 2006). A partir da realização de dois grupos focais (Gatti, 2005) por região brasileira e da posterior Análise de Conteúdo (Bardin, 2014) dos dados coletados, identificamos aspectos específicos de cada região, a partir do método comparativo (Marconi & Lakatos, 2003). A análise demonstra a necessidade de se considerar de forma mais próxima os contextos locais/regionais dos públicos para direcionamento de estratégias de mobilização mais efetivas. O jornalismo local ou regional (Dornelles, 2012) deve considerar as particularidades do consumo de informações pela população jovem, especialmente nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Os participantes dessas regiões se sentem pouco representados por coberturas realizadas a partir do Sudeste, região onde se concentram profissionais e veículos jornalísticos. Ativistas das regiões Norte e Nordeste também apontam a dificuldade de acesso a informações sobre sua realidade, seja por indisponibilidade de dispositivos ou conexão de internet, seja pela inexistência de veículos jornalísticos locais – o que configura os desertos de notícias (Atlas da Notícia, 2023). Além da descentralização da cobertura jornalística, os jovens ativistas defendem maior visibilidade para soluções locais e práticas das comunidades tradicionais e de povos originários. Apresenta-se a perspectiva do jornalismo ambiental (Loose & Girardi, 2017) como possibilidade de qualificar a cobertura regional sobre questões climáticas, pois esta preconiza a conexão entre as esferas local e global para que o público compreenda a complexidade dos fenômenos.

**Palavras-chave:** jornalismo, engajamento, regiões brasileiras, estudo de recepção

**Es.** El periodismo es uno de los principales espacios para abordar la crisis climática debido a su compromiso con el interés público y la difusión de información que sustenta las decisiones cotidianas de las personas. Este artículo trata de las particularidades observadas en un estudio de recepción, enfocado en el consumo periodístico, realizado en Brasil en 2022 con 60 jóvenes activistas sobre periodismo y compromiso climático. El objetivo fue identificar diferencias en las lecturas y comprensiones sobre la actuación del periodismo entre participantes de las cinco regiones brasileñas – Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste y Sur – según la perspectiva del consumo cultural (García Canclini, 2006). A partir de dos grupos focales (Gatti, 2005) por región brasileña y del posterior análisis de contenido (Bardin, 2014) de los datos recopilados, se identificaron aspectos específicos de cada región utilizando el método comparativo (Marconi & Lakatos, 2003). El análisis demuestra la necesidad de considerar más de cerca los contextos locales/regionales de los públicos para orientar estrategias de movilización más efectivas. El periodismo local o regional (Dornelles, 2012) debe tener en cuenta las particularidades del consumo de información por parte de la población joven, especialmente en las regiones Centro-Oeste, Norte y Nordeste. Los participantes de estas regiones se sienten poco representados por las coberturas realizadas desde el Sudeste, región donde se concentran los profesionales y medios periodísticos. Los activistas de las regiones Norte y Nordeste también señalan la dificultad de acceso a información sobre su realidad, ya sea por la falta de disponibilidad de dispositivos o de conexión a internet, o por la inexistencia de medios periodísticos locales – lo que configura los desiertos de noticias (Atlas da Notícia, 2023). Además de la descentralización de la cobertura periodística, los jóvenes activistas defienden una mayor visibilidad para soluciones locales y prácticas de las comunidades tradicionales y pueblos originarios. Se presenta la perspectiva del periodismo ambiental (Loose & Girardi, 2017) como posibilidad para cualificar la cobertura regional sobre cuestiones climáticas, pues esta recomienda la conexión entre las esferas local y global para que el público comprenda la complejidad de los fenómenos.

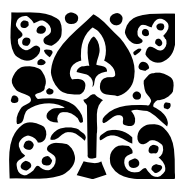
**Palabras clave:** periodismo, compromiso, regiones brasileñas, estudio de recepción

**En.** Journalism is one of the main arenas used for addressing the climate crisis due to its commitment to public interest and dissemination of information that people base their everyday decisions on. This article focuses on the differences observed in a reception study on news consumption (journalism and climate engagement) with 60 young activists conducted in Brazil, in 2022. The objective was to identify the different readings and understandings about the role of journalism among our study participants, based on the perspective of cultural consumption (García Canclini, 2006). These participants came from five regions of Brazil – the North, Northeast, Midwest, Southeast and South. We first conducted two focus groups (Gatti, 2005) per Brazilian region, which were followed up by a Content Analysis (Bardin, 2014) of the collected data. This allowed us to then use the comparative method to identify specific aspects of each region (Marconi & Lakatos, 2003). The analysis showed the importance of considering the local/regional contexts of the public more closely in order to establish more effective mobilization strategies. Local or regional journalism (Dornelles, 2012) should consider how youths consume information, particularly in the Midwest, North and Northeast regions. Participants from these regions feel underrepresented by news coverage from the Southeast, a region where a large number of professionals and media outlets are concentrated. Activists from the North and Northeast regions also claim having difficulty accessing information about their reality, whether due to the unavailability of devices or internet connection, or a lack of local news outlets – a characteristic of news deserts (Atlas da Notícia, 2023). In addition to the decentralization of news coverage, young activists advocate for greater visibility of local solutions and traditional communities and indigenous peoples. Environmental journalism (Loose & Girardi, 2017) is presented as a way to qualify regional coverage on climate issues as it connects the local and global spheres so that the public understands the complexity of the phenomena.

**Key Words:** journalism, engagement, Brazilian regions, reception study.

**Fr** ● Par son attachement à l'intérêt public et à la diffusion d'informations qui étayent les décisions quotidiennes des sujets, le journalisme constitue l'une des principales sphères de lutte contre la crise climatique. Cet article se penche sur les particularités observées lors d'une étude de réception, axée sur la consommation journalistique, menée en 2022 au Brésil auprès de 60 jeunes activistes et portant sur le journalisme et l'engagement en faveur du climat. L'objectif était d'identifier les différentes lectures et perceptions de l'action du journalisme chez les participants des cinq régions brésiliennes – Nord, Nord-Est, Centre-Ouest, Sud-Est et Sud – sous la perspective de la consommation culturelle (García Canclini, 2006). Après avoir organisé deux groupes de discussion (Gatti, 2005) par région brésilienne, puis procédé à une analyse de contenu (Bardin, 2014) des données recueillies, nous avons utilisé la méthode comparative (Marconi & Lakatos, 2003) pour identifier les éléments spécifiques à chaque région. Cette analyse montre qu'un examen plus approfondi des contextes locaux/régionaux des différents publics est nécessaire pour définir des stratégies de mobilisation plus efficaces et ciblées. Le journalisme local ou régional (Dornelles, 2012) doit tenir compte des spécificités de la consommation d'information chez les jeunes, notamment dans les régions Centre-Ouest, Nord et Nord-Est. Les participants de ces régions se sentent mal représentés par la couverture médiatique émanant de la région Sud-Est, où se concentrent les professionnels et les médias journalistiques. Les activistes des régions Nord et Nord-Est pointent aussi les difficultés d'accès aux informations sur leur réalité locale, que ce soit en raison du manque d'appareils ou de connexion internet, ou de l'absence de médias locaux – créant ainsi des déserts d'information (Atlas da Notícia, 2023). Outre une décentralisation de la couverture médiatique, les jeunes activistes revendiquent une plus grande visibilité des solutions locales et des pratiques des communautés traditionnelles et des peuples autochtones. Le journalisme environnemental (Loose & Girardi, 2017) se présente comme une approche possible de couverture médiatique régionale des enjeux climatiques, dans la mesure où celle-ci prône la mise en relation des sphères locales et globales, afin que le public puisse saisir la complexité des phénomènes.

**Mots-clés :** journalisme, engagement, régions brésiliennes, étude de réception





# Telejornalismo de brechas

## A luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas

**ALFREDO EURICO VIZEU PEREIRA JÚNIOR**

*Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.*

<https://orcid.org/0000-0001-6469-7829>

**ANA PAULA GOULART DE ANDRADE**

*Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

<https://orcid.org/0000-0003-0414-1305>

**FABIANA SIQUEIRA**

*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.*

<https://orcid.org/0000-0001-9378-5035>

**LAERTE JOSÉ CERQUEIRA DA SILVA**

*Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.*

<https://orcid.org/0000-0002-5243-640X>



Brasil continua entre os países mais desiguais do mundo (Sasse, 2021). Dados de um relatório de pesquisadores da Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL) e do Observatório das Metrôpoles, do Laboratório PUCRS-Data Social, com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do IBGE, divulgados em abril de 2023, mostraram que os mais ricos encerraram 2022 ganhando 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas do país (Catto, 2023).

Em maio de 2023, o próprio IBGE divulgou um novo estudo que revelou um recuo da desigualdade no ano de 2022. De acordo com a pesquisa, o aumento do valor do Auxílio Brasil, programa de transferência de renda, turbinado no ano eleitoral, e a melhora do mercado de trabalho foram responsáveis pelo pequeno crescimento. Apesar da redução, os pesquisadores lembraram que entre 2021 e 2022, a distância de rendimento dos ricos e pobres continuou imensa, com uma maioria absoluta do país formada por aqueles que têm a menor renda, quando têm essa renda.

Os números mostraram, como registrou reportagem do portal **g1**, “que o chamado índice de Gini do

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior, Ana Paula Goulart de Andrade, Fabiana Siqueira, Laerte José Cerqueira da Silva « Telejornalismo de brechas: a luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.562>



rendimento domiciliar per capita, indicador de desigualdade” – diminuiu de 0,544 em 2021 para 0,518 em 2022. Esse índice vai de 0 a 1 ponto e quanto mais próximo de 1, maior é o índice de desigualdade. Antes da pandemia era 0,544. Depois, em 2022, foi registrado que “entre os 5% mais pobres, a renda média mensal per capita era de R\$ 87”. No outro extremo, “no grupo situado entre os 95% e os 99% mais ricos, o crescimento da renda foi de 0,5%, para R\$ 6.882” (Valor Online, 2023).

As pequenas variações, resultado de políticas emergenciais, mantiveram evidentes disparidades. As tabelas de resultado mostram um país com população pobre e, conseqüentemente, carente de serviços públicos básicos, com inevitável subtração também de direitos humanos básicos, tais como: moradia, serviços de saúde, educação de qualidade, segurança para ir e vir e salário suficiente para sobrevivência digna.

A materialização desses números na vida real revela que há um campo fértil para o trabalho do jornalismo comprometido com a transformação social, com a cobrança do cumprimento da Constituição Brasileira de 1988, com a busca pela justiça social e do bem comum. Uma fenda aberta diante da luta dos jornalistas para colocar no centro da agenda pública os problemas que atingem, duramente, a maioria da população do país. Mas não é simples. É difícil exercer o poder de resistência ao assédio político e econômico (Ruiz, 2008) presente no modelo jornalístico tradicional, que mantém ligações íntimas com quem coloca os interesses pessoais bem à frente dos interesses coletivos.

Neste artigo, entendemos que o jornalismo feito para telas, destacado por Emerim (2017), pode desempenhar um papel significativo quando se compromete a expor, revelar e exigir mudanças, de maneira pedagógica (Cerqueira, 2018a), por parte daqueles que negligenciam ou se omitem à proteção dos direitos humanos fundamentais dos cidadãos, contribuindo para ampliação/solidificação das desigualdades socioeconômicas brasileiras. Dito isso, a televisão forjada pelo que Williams (2016) chamou de “fluxo televisivo” em outrora, representando uma forma cultural de massa para atender às demandas da sociedade, a partir da construção social da própria realidade, atualmente, pode ainda mais ter o seu poder de produção de conhecimento potencializado. Na medida em que se espraia para as mais diversas telas na contemporaneidade, contempla aquilo que Goulart de Andrade (2021) nominou como a “Era da telesfera”, em que os fluxos informativos obedecem a novos regimes de periodicidade (Fígaro, 2020). Assim, é possível “criar novos mundos e ocupar mais espaços no jornalismo para telas, por meio de novos valores-notícia difusores de conteúdos para diversos públicos, defendendo de forma mais ampla e demo-

crática a atividade jornalística audiovisual” (Goulart de Andrade, 2021, p. 98).

A questão, no entanto, não é apenas expandir o potencial de alcance, mas enfrentar na construção diária os conflitos de um campo. Bourdieu (1997, p. 57) nos rememora ao destacar que o campo jornalístico, da mesma forma que outros campos sociais, é um meio em que “há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças”.

No cotidiano das redações jornalísticas televisivas, existem diversos aspectos que influenciam diariamente o processo de definição do que vai se tornar ou não notícia (Traquina, 2005). Nem sempre aquilo que o jornalista propõe como assunto de interesse público, fora da lógica factual diária, é selecionado nas redações, pois há entraves, como conveniências econômicas e políticas do veículo de comunicação e normas editoriais que impõem barreiras. Existem ainda questões estruturais e financeiras que são determinantes na complexidade ou superficialidade na abordagem de alguns temas, aspectos de luta por espaço, audiência, exclusividade na divulgação das notícias e etc.

Este trabalho parte de uma questão: como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras? Nosso objetivo é explorar o conceito que denominamos, em um primeiro momento, de telejornalismo de brechas: um dispositivo, uma maneira de vencer os obstáculos intencionais ou as barreiras orgânicas das redações, buscando espaço dentro do campo jornalístico, para levar ao conhecimento do público assuntos, temas, contextos, conflitos necessários ao entendimento das nossas injustiças sociais e desigualdades socioeconômicas.

É uma dimensão do trabalho jornalístico que exige dos profissionais deixar para trás a ideia de neutralidade absoluta, com técnicas chamadas de objetivas, como ouvir os dois lados, apenas. Mas é preciso exercer a subjetividade plena e necessária para assumir, com precisão, pluralidade, senso de justiça, causas que escancaram as desigualdades ilegítimas e inconstitucionais da sociedade brasileira. Dispositivo pavimentado no inconformismo, na luta, na resistência diária a caminho das mudanças necessárias para um país, no caso do Brasil, mais justo. Partimos, então, de uma hipótese: a de que entre os interesses econômicos e políticos da televisão comercial brasileira, é possível abrir brechas, a partir do trabalho dos repórteres, numa operação para aproximar a atividade do

interesse da maioria da população brasileira, atingida pelas desigualdades.

Nessa linha, a jornalista e professora Fabiana Moraes (2022) registra que a pauta é uma arma de combate e defende a ideia de jornalismo de subjetividade, causando um abalo nas crenças enraizadas do jornalismo sobre o que legitima a tomada de decisão profissional no complexo processo que faz um acontecimento virar notícia.

Para analisar o uso do dispositivo do telejornalismo de brechas foi utilizada como base as Teorias do Enquadramento e do Newsmaking. A noção de enquadramento noticioso foi aplicada a partir dos relatos das rotinas produtivas realizadas pelos repórteres Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi e Marcelo Canellas. Esses relatos usados no estudo foram obtidos com base em entrevistas concedidas por estes profissionais e disponibilizadas na internet (Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Marcelo Canellas), em textos de livros elaborados pelos mesmos (Sônia Bridi, Marcelo Canellas) e também por meio de entrevista semi-estruturada (Chico Regueira) aplicada pelos autores deste trabalho. O critério para a escolha desses relatos foi conter os depoimentos diretos feitos pelos repórteres das rotinas produtivas desenvolvidas pelos mesmos, sendo possível identificar o enquadramento noticioso.

---

#### ASPECTOS DA TEORIA DO ENQUADRAMENTO

---

Bateson foi quem primeiro trouxe luz ao termo enquadramento, mas em estudos voltados para a área de psicologia.

Para este autor [BATESON], enquadrar significa delimitar um conjunto de mensagens (ou ações significativas) que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores. É o enquadramento que nos permite, por exemplo, distinguir simulação de realidade; distinguir o jogo do seu referente real. (Gonçalves, 2005, p. 158)

No campo da comunicação, de acordo com Franciscato e Góes (2012), a aplicação da Teoria do Enquadramento foi intensificada a partir de 1970, período em que houve também um crescimento de estudos com olhar para o Agenda-setting e o Newsmaking. A abordagem da Teoria do Enquadramento “tem como ponto de partida a utilização da noção de frame como conceito analítico do discurso jornalístico e dos seus mecanismos de produção de sentido nas sociedades contemporâneas” (Gonçalves, 2005, p. 157).

Conforme Etman (1993, p. 52), “enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-

-los salientes em um texto comunicativo, de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral ou recomendação de tratamento para o item descrito”.

Goffman (2012), em seu livro “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise” foi um dos precursores dos estudos na área de comunicação. Para o referido autor a noção de enquadramento está atrelada a resposta para a pergunta: “O que está acontecendo aqui?”.

Campos (2014) chama atenção para três conceitos de enquadramento voltados para o meio jornalístico: enquadramento noticioso, enquadramento interpretativo e enquadramento editorial. O editorial estaria relacionado aos “critérios editoriais de seleção, ênfase e distribuição dos textos sobre um dado tema no interior de cada edição publicada” (Campos, 2014, p. 386), os interpretativos tem relação com o que é produzido por atores sociais externos e o enquadramento noticioso envolve “os princípios de seleção e ênfase próprios da redação de uma notícia por um jornalista profissional” (Campos, 2014, p. 386).

Embora possa ocorrer uma sobreposição de outros enquadramentos ou frames no jornalismo, nosso foco neste estudo está em observar um deles, que é o enquadramento noticioso, por envolver o papel do repórter na escolha do assunto e do ângulo da notícia. Mas é importante compreender que o mesmo não atua isoladamente.

---

#### ESCOLHAS METODOLÓGICAS DOS SUJEITOS FALANTES

---

Conforme Machado (2003) no livro “A televisão levada a sério”, o telejornal é um dos gêneros televisuais mais conhecidos composto por muitas vozes. No embalo vocal anunciado por Machado, a escolha dos sujeitos falantes para compor o quadro analítico deste artigo foi desenvolvida seguindo os seguintes critérios: a) proximidade e atuação constante com/ sobre o tema desigualdades sociais; b) resistência e representatividade nacional e c) força organizacional na cultura profissional dentro das rotinas produtivas do telejornalismo. Baseado no entendimento de que os repórteres selecionados possuem solidez profissional e dialogam com o tema sobre Direitos Humanos, optamos em selecionar falas que dessem relevo às inquietações aqui empreendidas, no que tange à proposição de telejornalismo de brechas. Assim sendo, a busca pelos relatos que compõem o corpus para análise televisual foi construída com base em entrevistas concedidas a associações acadêmicas e canais de debates, bem como o uso de produção editorial

**Tabela 1** : *Jornalistas selecionados, relevância no telejornalismo e fonte dos relatos*

Jornalistas por formação	Relevância jornalística	Fonte dos relatos analisados
Bianka Carvalho	Premiada, possui pós-graduação em Direitos Humanos e atua na temática (Premio Roche, 2020).	Entrevista concedida à Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – Abraji. Em 22/06/2021: Ver em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU">https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU</a> .
Caco Barcellos	Possui diversas obras e prêmios sobre Direitos Humanos e atua em reportagens especiais (Memória Globo, 2021c).	Entrevista concedida ao jornalista Bruno Paes Manso. Em: 28/01/2020. Ver em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=IGZ4wPoKUY4">https://www.youtube.com/watch?v=IGZ4wPoKUY4</a> e em 28/02/2021 ao Ecoa uol: <a href="https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/#cover">https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/#cover</a> .
Chico Regueira	Atua no jornalismo com foco em Direitos Humanos e já conquistou prêmios (Memória Globo, 2023)	Entrevista concedida a uma das autoras. Em: 18/05/2021. Ver em: <a href="https://drive.google.com/file/d/1j5nuNqmoB1y-BAc_2xHEpliED_eEysXHH/view?usp=drive_link">https://drive.google.com/file/d/1j5nuNqmoB1y-BAc_2xHEpliED_eEysXHH/view?usp=drive_link</a>
Marcelo Canellas	Premiado e com atuação nas pautas sobre Direitos Humanos (Memória Globo, 2021b).	Memória Globo. Em: 12/01/2022. Ver em: <a href="https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml">https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml</a> Canellas, M. (2008). Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. In C. Guilherme (Org.), <i>Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo</i> (pp. 104-114). Cortez Editora.
Sônia Bridi	Premiada e com destaque para reportagens especiais sobre Direitos Humanos (Memória Globo, 2021a).	Bridi, S. (2020). Lugar de repórter é na rua. In C. Emerim, A. Pereira, & I. A. Coutinho (Eds.), <i>A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia</i> (pp. 219-222). Insular.

vinculadas ao jornalismo, obedecendo os seguintes gradientes (Tabela 1).

Intentando compor uma similitude entre as falas dos jornalistas analisados, tendo como norte o empenho vinculado à temática das desigualdades sociais e, portanto, a abordagem de pautas que abrangessem esse teor, o esforço foi reunir relatos de naturezas distintas tendo como fio condutor as percepções dos profissionais em questão no tensionamento das rotinas produtivas.

Considerando as Teorias do Newsmaking e do Enquadramento, destacando a atuação e potência das vozes que compõem o corpus deste trabalho, apresentamos pistas que apontam para a influência dos jornalistas na cultura profissional e no resultado do produto televisual. Sendo assim, focalizamos nas seguintes categorias: 1) a figura do(da) repórter como interventor(a) social e organizacional na escolha dos acontecimentos noticiáveis; 2) prevalência da visualidade e produção de sentido a partir de uma linguagem inclusiva, plural, democrática e diversa; 3) proposição de novos valores-notícia para a disputa à esfera pública dos acontecimentos e 4) reorganização de enquadramento das molduras temáticas como dispositivo de

força e forma de combate para garantia de direitos e cidadania.

Antes de detalharmos outros aspectos metodológicos deste artigo, cabe, primeiramente, ressaltar algumas questões que serviram de referencial teórico para chegarmos à construção conceitual dessa prática.

#### A DINÂMICA DAS REDAÇÕES

Neste trabalho, enxergamos os jornalistas como produtores de conteúdo informacional dentro de um sistema de produção de informação que tem regras próprias, conflitos e interesses políticos e econômicos, estão submetidos às pressões internas e externas, por isso, acreditamos que é necessário trazer um pouco do referencial teórico sobre o Newsmaking, como suporte.

Neste teoria, que deseja responder porque as notícias são como são, sem considerá-las um espelho límpido da realidade, ou decisão meramente intencional, é preciso levar em conta o impacto massivo, os constrangimentos organizações, linhas editoriais, valores-notícia, audiência e dinâmica de produção nas redações (Wolf, 2003).

Para (Wolf, 2003), as exigências organizativas e estruturais e as características técnicas próprias de cada veículo são determinantes na reprodução da realidade que é fornecida ao público. Para tanto, leva-se em conta na construção da realidade jornalística, segundo Wolf (2003), a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. O autor recorre à socióloga Gaye Tuchman (1983), uma das mais respeitadas estudiosas da teoria, que destaca que a produção da notícia é fruto de organização da rotina, com procedimentos próprios e limites organizacionais que ampliam ou reduzem o olhar sobre os fatos. Um trabalho para lidar com a superabundância dos fatos.

Na descrição sobre a teoria, Pena (2005) destacou que, a partir do Newsmaking, observa-se que embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, ele não tem autonomia incondicional, mas é submetido e limitado a um “planejamento produtivo” (Pena, 2005, p. 129).

Vizeu (2014) em estudo sobre a forma que telejornalistas decidem o que vai ao ar, ressaltou que na produção de notícias há, de um lado, a cultura profissional e do outro as restrições ligadas à organização do trabalho “sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícia e legitima o processo produtivo [...] estabelece-se assim um conjunto de critérios de relevância que definem a importância de cada episódio do real” (Vizeu, 2014, p. 71).

O autor puxa a questão para colocar no centro do debate um ponto que é caro à Teoria do Newsmaking, a noticiabilidade. Um conjunto de critérios, segundo Wolf (2003), operações e instrumentos com os quais os jornalistas enfrentam a tarefa de escolher entre um número incontável de fatos que podem ser noticiados. Os critérios, por sua vez, são compostos por valores/notícias, que a cultura profissional e a dinâmica estrutural e editorial consideram fundamental existir, com objetivo de fortalecer a capacidade de ir para vitrine dos órgãos de informação.

Pena (2005) lembra de algo que é importante e que é trazido neste estudo. Ele reflete que a rotinização do trabalho, o processo de produção e a cultura jornalística não devem ser encaradas como deterministas, pois são uniformes, mas imutáveis. “Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação dos agentes sociais” (Pena, 2005, p. 132).

---

### O NASCIMENTO DAS ‘BRECHAS’

---

O jornalismo, como uma instituição central (Rodrigo-Alsina, 2009) no acompanhamento das atividades dos poderes do sistema democrático, tem a responsabilidade de apurar a efetividade dessas ativi-

dades na prática, tendo em vista que, quando são implementadas adequadamente, promovem e garantem os direitos humanos básicos, que desempenham um papel fundamental na redução das desigualdades sociais e econômicas. Quando isso não ocorre, o jornalismo deve iluminar as distorções, afinal, já demonstrou que quando feito em prol das coletividades, ocupa um papel relevante na imagem que constrói da realidade, na defesa da democracia e no exercício da cidadania (Vizeu, 2014).

Compreendemos que a cobertura telejornalística pode contribuir para o debate e aprofundamento da reflexão sobre omissões, distorções e simplificações de questões que geram injustiças sociais e desequilíbrios, privando uma parcela significativa da sociedade de ter seus direitos assegurados. Canela (2008) ressaltou que os veículos de comunicação, incluindo o jornalismo televisivo, têm, historicamente, o potencial de amplificar reivindicações e exigir a implementação de políticas que influenciam a pauta, a forma como as informações são construídas, promovendo o controle social, colaborando para a qualidade e o “desenvolvimento humano” (Canela, 2008, p. 24). Bucci (2008) argumenta que para desempenhar essa função de maneira mais eficaz, a imprensa precisa exercer um papel fiscalizador, de limitar o poder e vigiar, pois, dessa maneira, não deixa de analisar os desequilíbrios com atenção e as negligências do poder público

Assim como Motta (2008), lembramos que a questão da desigualdade social é muito evidente no Brasil. Portanto, conforme o autor, é crucial despertar uma consciência pública em relação às necessidades do nosso povo, priorizando e enquadrando assuntos relacionados ao desenvolvimento humano e social. As instituições sociais precisam colocar essas questões no centro da agenda, inclusive a mídia. Segundo Motta (2008), pesquisas realizadas em vários países demonstram que o jornalismo tem capacidade reduzida de convencimento, não tem o poder de determinar como pensamos, porém possui enorme potencial para estabelecer sobre o que pensamos, sobre quais são as nossas prioridades. “O jornalismo transfere relevância, direciona a atenção, hierarquiza e fixa os temas que o público vai discutir. É a mídia que os coloca em cena, prioriza, amplifica ou omite as questões que a sociedade irá focalizar ou ignorar” (Motta, 2008, p. 335).

Nesse contexto, reforçamos nossa visão de que o telejornalismo desempenha uma função significativa ao expor desequilíbrios, denunciar e exigir transformações, de maneira pedagógica (Cerqueira, 2018a), ao expor aqueles que são os responsáveis por negligenciar os direitos humanos básicos que deveriam ser assegurados aos cidadãos. No entanto, essa tarefa nem sempre é fácil, pois muitas vezes é necessário confrontar interesses organizacionais, editoriais, políticos e supe-



rar obstáculos financeiros, estruturais, impostos pelas rotinas de produção.

Em entrevista a Cerqueira (2018b), Carlos Miguel Ruiz Caballero critica a censura empresarial e alerta para o poder “descontrolado” exercido pela mídia. Segundo ele, nas democracias liberais, o poder político aprendeu que para se legitimar tem que chegar a algum tipo de acordo com os meios de comunicação e esse tipo de acordo “resulta em cumplicidade midiática com o poder” (Cerqueira, 2018b, p. 166).

Uma relação vista pelo pesquisador como prejudicial ao olhar descolado de interesses de grupos empresariais e políticos que, muitas vezes, vão de encontro aos interesses dos menos desfavorecidos. As brechas nascem de sentimentos de inconformismo nas redações, de regras cristalizadas na linha editorial, em abordagens com foco publicitário, direcionados mais pelas pressões políticas e econômicas e menos pela função social de construção da realidade por meio da atividade jornalística. As brechas são fissuras naturais da prática e das redações, pelas quais jornalistas mais comprometidos (e mais dispostos a lutar) com a complexidade das questões sociais, dos direitos humanos negados, encontram o caminho para furar certas barreiras deliberadamente impostas pelas barreiras impostas e involuntárias da mídia comercial, comprometida com a manutenção de privilégios às custas da maior parte da população, ou pelos processos produtivos indexados à rotina, como, por exemplo, a falta de estrutura, equipamento, recursos financeiros e humanos. A partir dela é que se forma um novo enquadramento noticioso, que surge em sobreposição a outros enquadramentos.

Nos dicionários (Michaelis, 2023; Priberam, 2023), a palavra brecha é descrita como um substantivo feminino que significa qualquer abertura numa superfície, um espaço vazio ou lacuna. Também pode ser entendido por espaço não preenchido ou circunstância oportuna, ocasião, ensejo ou possibilidade.

O telejornalismo de brechas trazido à tona, neste trabalho, é visto como a produção que nasce da capacidade do jornalista de, nesse modelo de produção capitalista da notícia, com amarras político-econômicas, cobranças do ecossistema multitarefa, encontra caminhos para tornar o polo social da atividade protagonista na produção do noticiário. Encontra a circunstância oportuna, a ocasião propícia para transformar a “pauta em arma de luta” (Morais, 2022), na linha de defesa dos que não têm acesso digno à saúde, habitação, ao saneamento básico, à renda mínima para viver dignamente, à segurança de ir e vir na rua ou bairro onde mora.

Seria ingênuo supor, por exemplo, que nos grandes grupos de mídia brasileiros - oligopólios tradicionais e monopólios digitais - ou portais locais e nacionais financiados pelo poder público e/ou grandes com-

panhias, as pautas que vão de encontro aos questionamentos do status quo, dos interesses empresariais, têm trânsito livre. Mas seria leviano dizer que na busca de imagem de compromisso social não haja nenhum espaço para criar fraturas necessárias para o fortalecimento da relação de confiança e credibilidade entre agentes de mídia e grupos silenciados pela desassistência ou omissão do estado.

Ao tratar sobre a teoria organizacional no jornalismo, Breed (2016) reflete sobre o peso da orientação política e editorial no que vira notícia. Lista alguns dos motivos que levam os jornalistas a evitar o conflito com a linha de pensamento e relações que pesam na produção de notícias nas empresas. Entre eles, a autoridade institucional e sanções aos profissionais que não seguem a linha, os sentimentos de obrigação e estima para com os superiores, as aspirações de mobilidade.

O autor, no entanto, lembra que entre os conformismos há situações que permitem os desvios. A nosso ver, há situações que permitem as fraturas, as brechas que os jornalistas podem entrar para desmontar barreiras editoriais e propor temas específicos, muitas vezes invisibilizados, carentes de uma boa argumentação, um momento ideal para serem aceitos.

Breed (2016) lembra que nem sempre as políticas editoriais são completamente claras. “A política editorial é dissimulada por natureza e tem um largo raio de ação” (Breed, 2016, p. 226). Jornalistas, segundo ele, podem utilizar os melhores conhecimentos para subverter a política editorial e dar o enquadramento que desejam aos vários elementos possíveis. Podem, conforme Breed (2016), explorar a ignorância dos executivos para encaixar, no momento certo, a boa história, que também está sendo explorada pela concorrência. Na lista de “desvios” às imposições organizacionais, Breed (2016) destaca o estatuto de estrela que muitos profissionais possuem. Esse ‘lugar’ dá aos jornalistas mais força de argumentação para passar pelas brechas e encontrar caminho no enquadramento noticioso.

O telejornalismo de brechas, refletido neste espaço, não deve ser entendido como uma atividade nova dentro da produção jornalística para as telas. É fruto de um trabalho que nasce de um olhar diferenciado sobre a realidade, com percepção diferenciada sobre a necessidade de executar e colocar na agenda pública, em forma de reportagens e debates, temas que conflitam com interesses empresariais, mas são fundamentais para a sociedade. Ou que, mesmo com todo o ambiente editorial favorável, podem ser freados por dificuldades de infraestrutura, financeiras ou de recursos humanos.

Estamos falando de comportamento, perseverança, resiliência, estratégia para usar a arma jornalística, a pauta e suas várias formas de abordagem, para en-

contrar as brechas, explorar e criar novos quadros e possibilidades de pequenas aberturas do sistema midiático capitalista e pós-industrial. Nessa jornada, e chamamos assim porque para muitos a insistência em busca de espaço é de anos, o espírito emancipador e comprometimento do repórter é fundamental. É deles que vamos falar agora.

---

### O PAPEL DE MARCELO CANELLAS E SÔNIA BRIDI EM CENA

---

Marcelo Canellas é um repórter brasileiro reconhecido pelo trabalho envolvendo problemas sociais e também um dos profissionais mais premiados do país. Em um livro elaborado pelo mesmo (Canellas, 2008), ele disse compreender a sociedade como um organismo que, por possuir partes que estão doentes, necessitam de tratamento. Já a imprensa tem o dever, por sua vez, de mobilizar esforços no sentido de reconhecer essas partes enfermas e buscar a cura (Andrade et al., 2021).

O repórter relatou também que é impossível discutir, na imprensa, a pauta social sem separar “o fatalismo dogmático que nos condena a acreditar que a felicidade só é permitida a alguns, como conquista individual dos mais capazes, e que não há saída fora de uma competição em que antes da largada já se conhecem os vencedores” (Canellas, 2008, p.105). O referido jornalista ressalta ainda que, na sociedade, alguns possuem todas as condições favoráveis, enquanto outros são forçados a competir em desvantagem, saindo alguns passos atrás. A imprensa, portanto, necessita destacar que, se a competição é uma obrigação, há a existência de desigualdades estruturais nela. Nesse tema, Canellas fala justamente na necessidade de fazer um enquadramento de uma perspectiva diversa à da simples vitória por mérito. Entendimento mais comum aos que condenam, por exemplo, políticas públicas afirmativas na educação. É a saliência do texto comunicativo registrada por Etman (1993) quando define o enquadramento.

Outro ponto levantado pelo jornalista em relação à abordagem da agenda social diz respeito aos limites entre transformar a atividade jornalística em militância e, de outro modo, ser cobrado por ser imparcial. O jornalista enfatiza que a imprensa, ao conceder espaço para a agenda social, pressupõe reconhecer o ser humano como protagonista da história, cuja primazia ontológica é indiscutível.

Segundo ele, isso não possui relação com envolvimento partidário, pois “não embuça o jornalismo, não o submete, não lhe tira o rigor metodológico que amplia o saber pela via da busca pela exatidão” (Canellas, 2008). Quando pressionado a ser imparcial, Canellas argumenta que, ao focar nas questões sociais, estabe-

lecendo a agenda de debates e revelando as desigualdades, o profissional toma uma decisão consciente, atuando no enquadramento noticioso (Campos, 2014) ao acreditar na “vocação humanista do jornalismo” (Canellas, 2008, p. 110).

Em meio aos profissionais de TV, os repórteres desempenham um papel fundamental como testemunhas e contadores de histórias. Eles vão a campo para ouvir relatos, entrevistar pessoas e questionar quem está no poder. Inclusive durante a pandemia da Covid-19, esses profissionais continuaram executando essa função, atuando como mediadores de conteúdos captados pelos coprodutores (Siqueira, 2013) e por uma audiência potente (Mesquita, 2014), além de denunciar, sempre que possível, as disparidades sociais e os desafios ligados aos direitos dos cidadãos.

Em um livro envolvendo estudos na área de telejornalismo, a jornalista Sônia Bridi, que possui quase 40 anos de experiência na área, afirmou em um dos textos (Bridi, 2020) que, estando ou não nas ruas, os profissionais que desempenham essa atividade mantiveram-se ativos durante a pandemia da Covid-19. Destacou ainda que é o conteúdo, a precisão na apuração e a clareza da reportagem que definem o trabalho dos jornalistas que exercem esta função (Bridi, 2020).

E a apuração mencionada pela repórter citada acima envolve todas as etapas do jornalismo feito para telas, desde a elaboração da pauta até a exibição, passando pelas fases de coleta, seleção, edição e apresentação (Wolf, 2003). O repórter desempenha seu papel tanto na seleção quanto na coleta, tomando decisões sobre de que forma a notícia deve ser contada e enquadrada, agindo em paralelo com os cinegrafistas no momento de captura de imagens e entrevistas e, posteriormente, na elaboração do texto com os editores.

Alguns repórteres vão além do papel tradicional na televisão, que envolve apurar informações no local durante a gravação (Paternostro, 1999), pois realizam outras tarefas, substituindo ou complementando o trabalho dos produtores, sugerindo e também produzindo conteúdos que serão posteriormente abordados nos telejornais. Ou seja, desenvolvendo um papel ainda mais ativo no enquadramento noticioso (Campos, 2014).

É nesse instante, por exemplo, que temas ligados aos direitos humanos e às desigualdades sociais, que não são necessariamente assuntos factuais, podem ganhar destaque graças à vontade e persistência do próprio repórter em evidenciar essas questões. Para convencer os editores-chefes, eles, geralmente, utilizam valores-notícia de impacto (grandes quantias de dinheiro, número de pessoas envolvidas ou afetadas, etc.), conflito (reivindicação, protesto, etc.), tragédia

(interesse humano), conhecimento/cultura (informações de pesquisas) (Silva, 2005), lançando mão do enquadramento noticioso (Campos, 2014) e também buscando soluções, com procedimentos próprios, nos limites organizacionais (Tuchman, 1983). Ao fazer isso, os repórteres também dependem de fatores, como: o “dia noticioso” ou o equilíbrio dos assuntos na programação (Traquina, 2005), para que a proposta seja aceita naquela data.

O repórter é o profissional que pode ser o “escolhido” para apresentar o assunto à opinião pública e colocá-lo no debate. Pode ser ainda aquele que usa a própria força argumentativa, entendendo o momento certo de convencer seus superiores a colocar uma lupa em determinados temas ligados às políticas públicas (e a falta delas) na luta contra o aumento ou manutenção das desigualdades e, conseqüentemente, da subtração de direitos humanos básicos.

Ter um assunto rejeitado e insistir, em outro momento, para que seja veiculado, propondo um novo enquadramento para o mesmo, é algo que faz parte da rotina de muitos repórteres. Foi assim com Marcelo Canellas, já citado anteriormente. Foi buscando as “brechas” na agenda jornalística e reunindo argumentos que ele conseguiu produzir a série Fome no Brasil, uma das mais premiadas do telejornalismo brasileiro, exibida no Jornal Nacional.

No Memória Globo (2022), é relatada a luta do repórter para ter o assunto aceito pela direção de jornalismo da emissora:

Em 1998, o repórter havia procurado a direção de jornalismo da TV Globo e sugerido a pauta. O ponto de partida seria os 50 anos de publicação do livro ‘Geografia da Fome’, do professor Josué de Castro. Mas a proposta foi recusada. Durante três anos, o repórter reuniu material para argumentar que, embora a fome fosse um tema muito discutido no país, ainda havia muito a ser mostrado. A disposição do repórter e a qualidade da pesquisa acabaram convencendo a direção do jornalismo. (Memória Globo, 2022)

A série de reportagens foi ao ar em junho de 2001. E essa força argumentativa pode ser empregada nas reuniões de pauta, que são os momentos em que ocorre, nas redações, a seleção do que vai ou não ser noticiado. Alguns repórteres, como Marcelo Canellas e Sônia Bridi, entre outros, costumam direcionar o olhar dos editores para a escolha de determinados temas, elegendo o momento certo e o dia noticioso ideal para fazer a proposta de algum assunto. Por estarem entre colegas de trabalho, conhecem de perto os “óculos especiais” com os quais, segundo Bourdieu (1997, p. 25) “os jornalistas vêem certas coisas e não outras; e vêem

de certa maneira as coisas que vêem”. Eles usam os conhecimentos que possuem para auxiliar no convencimento durante o processo de definição do enquadramento noticioso. É o que faz, por exemplo, o também repórter Chico Regueira.

---

### AS REPORTAGENS DE CHICO REGUEIRA

---

O jornalista Chico Regueira, da Rede Globo, é um dos repórteres que têm se destacado no Jornal Nacional, telejornal de maior audiência do Brasil, produzindo reportagens jornalísticas para as telas, voltadas para a temática dos direitos humanos básicos negados aos cidadãos do país. Os desafios enfrentados por milhões de brasileiros para obter uma alimentação saudável, o desemprego, as condições precárias de moradia, a falta de acesso à internet para obter benefícios e o aumento da pobreza têm sido temas de reportagens que o jornalista tem conseguido veicular em nível nacional nos últimos anos. Além disso, Regueira também realiza reportagens para jornais locais no Rio de Janeiro.

Ao contrário de Marcelo Canellas e Sônia Bridi, em função da inexistência de relatos diretos disponíveis em livros e na internet sobre o trabalho de Chico Regueira, lançamos mão de uma entrevista semi-estruturada (Duarte & Barros, 2005), realizada no dia 18 de maio de 2021, por videoconferência através do Google Meet, com o referido repórter. Entre as questões que procuramos compreender estava: a identificação do uso do dispositivo de brechas e a aplicação do enquadramento noticioso.

Chico Regueira enfatizou, na entrevista semiestruturada, qual o entendimento tem sobre o papel do repórter e como a partir de reportagens é possível mobilizar a sociedade.

O nosso papel não é mudar o mundo. O nosso papel é mostrar o mundo. O jornalismo é um canal de contação de histórias e de evidenciar as desigualdades, de evidenciar o mundo. É uma forma de você mostrar o mundo para as pessoas. Quem vai mudar o mundo é a sociedade. Somos todos nós. Nós não somos salvadores do mundo. Nós somos contadores de histórias do mundo. A diferença é que como a gente conta histórias para muitas pessoas, muitas vezes a história que a gente conta constrange os políticos, constrange o poder público inerte e aí eles acabam fazendo alguma coisa, porque foram expostos. (Entrevista com Regueira, Maio, 2021)

Ou seja, por meio da reportagem é possível chamar a atenção para o enquadramento que responde a pergunta feita por Goffman (2012): “O que está acontecendo aqui?”. E a partir desse ângulo, o repórter pode

trazer um ponto de vista de impacto social, que mexe com as estruturas de poder.

A respeito do processo de produção, o envolvimento do repórter em todas as fases é algo que chama a atenção: desde a elaboração da pauta, gravação e edição. “Eu me pauto diariamente. Tudo que eu levo para o ar são assuntos que eu apurei, que eu corri atrás, que eu investiguei e tal” (Entrevista com Regueira, Maio, 2021). Isso mostra que os assuntos abordados, geralmente, possuem a “assinatura” do repórter, que tem o interesse em visibilizar questões que nem sempre são da rotina diária e que, geralmente, estão relacionadas a denúncias contra os direitos humanos fundamentais. Aqui é importante destacar que o referido repórter tem um papel diferenciado em relação a maioria dos demais colegas de profissão da emissora, atuando de forma ativa e aprofundada na definição e estruturação do enquadramento noticioso (Campos, 2014). Chico Regueira exerce a função de repórter especial, o que lhe garante se afastar, com mais frequência, das pautas factuais diárias e buscar “brechas” para propor aquilo que acredita ser mais relevante, de maior impacto social.

Chico Regueira não só pauta, como “vende” as histórias aos editores-chefes e sabe a importância que o impacto (Silva, 2005) possui como valor-notícia no processo de convencimento: “Quando você tem uma baita história ou você tem uma notícia que é muito relevante, você coloca um ‘bode na sala’ [...]. A pessoa que vai decidir dar ou não dar ela tem uma responsabilidade muito maior em não dar aquilo. Dificilmente ela não dará” (Entrevista com Regueira, Maio, 2021). Ele relatou que já teve histórias que não foram aceitas e depois as analisou e percebeu que não tinham esse impacto em comparação com os demais assuntos do dia e que por isso foram rejeitadas.

---

#### A ATUAÇÃO DE CACO BARCELLOS E BIANKA CARVALHO

---

Outro repórter que se destaca também pelo envolvimento com o processo jornalístico, com a definição do enquadramento noticioso (Campos, 2014), e pelo esforço em levar ao público assuntos sociais que fogem da lógica factual das redações é Caco Barcellos. Em entrevista disponível na internet, o jornalista disse qual a sua motivação para retratar assuntos ligados aos direitos humanos. De acordo com ele, é muito grave viver em um país com este nível de desrespeito à vida e sofrimento, muito distante da situação dos privilegiados. “A indignação com essa anomalia me dá energia para continuar a contar histórias. Tenho uma expectativa ingênua em acreditar que o trabalho jornalístico pode ajudar as pessoas a tomar decisões mais humanitárias. É uma tentativa de distribuir empatia, que parece es-

tar em falta na nossa sociedade” (Candido, 2021, 28 de fevereiro).

Caco Barcellos cresceu na periferia de Porto Alegre e para ajudar a família, chegou a trabalhar como taxista. Em outra entrevista realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP) e disponibilizada no YouTube, o jornalista relatou que nem sempre os colegas de profissão compreendem o papel que desempenham e acabam, indiretamente, indo contra direitos fundamentais, especialmente, ao cobrir assuntos relacionados a casos de violência. Para ele, é uma realidade que parece um pouco paradoxal, porque de um lado ele vê colegas e muitos veículos bastante antenados, atentos aos crimes relacionados ao desrespeito aos direitos fundamentais e trabalhos brilhantes sendo realizados. Mas por outro lado, se no passado havia uma omissão, hoje, conforme Barcellos, parece haver colegas e veículos que apoiam o desrespeito aos direitos fundamentais, sobrepondo enquadramentos que vão em outra direção.

Eles não desrespeitam a lei, mas atribuem a violência somente a ação dos criminosos, supostamente agindo em ambiente favorável. [...] Assim como a gente tem uma sociedade que é a mais violenta do mundo, entre os países mais violentos, entre os povos mais violentos, a gente tem também uma das polícias mais violentas do mundo, se não a mais violenta do mundo. Então acho que é falso o argumento de que as nossas autoridades estão aí muito flexíveis no combate ao crime, ao criminoso habitual. (Núcleo de Estudos da Violência, 2020, 28 de Janeiro)

É como se alguns jornalistas, fazendo uma alusão ao uso de “óculos especiais” descritos por Bourdieu (1997), estivessem com a visão distorcida, vendo somente o factual, alguns explorando aspectos sensacionalistas, sem compreender o contexto das notícias retratadas, o que está por trás de cada história. E se não conseguem pensar no contexto, com toda a complexidade, não terão argumentos para criar brechas ou, se encontrá-las diante dos olhos, não saberão aproveitar.

Atualmente, Caco Barcellos coordena o programa Profissão Repórter, da Rede Globo, que possui exibição semanal, envolvendo jovens repórteres, que tem a missão de mostrar os bastidores e desafios durante a cobertura de assuntos que podem ter vertente factual (assunto da semana) ou não. Ou seja, trabalha em uma lógica que o afasta do telejornalismo diário.

Entretanto, cabe ressaltar, que, ao nosso ver, não é preciso ser repórter especial para desempenhar o telejornalismo de brechas. Um exemplo disso é o papel desempenhado pela jornalista Bianca Carvalho, que atua na Rede Globo Nordeste, emissora



própria da Rede Globo, no Recife, em Pernambuco. A repórter costuma realizar, na maior parte do tempo, entradas ao vivo nos telejornais locais e de rede. Ela desempenha o telejornalismo de brechas na rotina diária, exercendo o papel de levar luz a temas relacionados aos direitos fundamentais ao mostrar situações, chamar a atenção de autoridades e cobrar soluções.

Uma das características de Bianka Carvalho é não se contentar com respostas evasivas das fontes. Em entrevista feita a Abraji e disponibilizada no YouTube, a jornalista respondeu que:

Eu não me conformo com uma resposta que não me responde. [...] Eu pergunto uma coisa para você e você me responde pela metade. Ou você usa uma estratégia de me dizer uma outra coisa, que não é o que eu tô perguntando. Então, eu vou preparada, evidentemente, para que essa conversa, para que de fato obtenha resposta, porque se não qual o sentido de eu estar ali com você que vai me enrolar, me enrolar e me enrolar e não vai me dizer. Aí eu pergunto. Eu acho que é muito importante que a gente seja contundente e educado, sabe? (Abraji, 2021, 22 de Junho)

Diferentemente da reportagem, que possui edição posterior, na entrada ao vivo, é preciso ser rápido para encontrar brechas para trazer à tona questionamentos importantes e fazer ajustes que poderão levar a um novo enquadramento noticioso.

Bianka Carvalho relatou que se prepara diariamente, lendo, se informando do que está acontecendo. É preciso estar preparado para tudo e saber lidar com respostas que podem ser inesperadas. Foi o que ocorreu, por exemplo, no dia 14 de agosto de 2020, quando a repórter entrevistou o presidente da Associação dos Pais e Alunos das Escolas Públicas e Particulares de Pernambuco em um telejornal local da Globo Nordeste, o Bom Dia Pernambuco. O entrevistado disse que o isolamento social por conta da Covid-19 não tinha embasamento científico.

Eu não imaginava nunca que eu ia ouvir aquilo. De fato, foi uma surpresa. [...] E sabe aquela coisa que na hora você tem que rapidamente decidir o que você vai fazer. Se você vai deixar aquela pessoa propagar uma informação falsa na maior rede de televisão do país, uma das maiores do mundo... Vai deixar aquilo acontecer ali ou a gente vai rebater aquilo? Eu acho que é a minha função [...]. A gente tá aqui pra isso: explicar as coisas pras pessoas. Tentar ser formador de opinião de um jeito importante. [...] Quando eu ouvi o que estava acontecendo

eu disse: “Meu Deus eu não estou acreditando que eu tô ouvindo isso”. E na hora você tem que pegar aquilo que tem no teu “HD” mental. (Abraji, 2021, 22 de Junho)

Quando se referiu ao “HD”, estava justamente explicando a bagagem de informações que o repórter precisa ter previamente para rebater a desinformação, agindo com respeito e educação, mas sem deixar a contestação para depois.

O ao vivo, com o tempo muitas vezes cronometrado, e com a pressão do telejornal no ar, pode ser muito intimidador para alguns, mas para outros pode ser, justamente, o espaço ideal para trazer à tona questões que, ao passar pela ilha de edição, ao passar pelo filtro e sofrer influência pela sobreposição de diversos enquadramentos, serão cortados, terão seu impacto amenizado ou eliminado. Bianka Carvalho, ciente das brechas que o improvisado e as respostas, sem roteiro e sem cortes, podem revelar, explora sua arma: dispara perguntas e desvela distorções; e revela as fraturas e escolhe os enquadramentos noticiosos por onde o jornalismo com olhar social, humano e questionador pode passar.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Conseguimos, por meio da análise dos relatos dos repórteres Marcelo Canellas, Sônia Bridi, Chico Regueira, Caco Barcellos e Bianka Carvalho, encontrar os caminhos para responder o questionamento inicial proposto por este trabalho, de compreender como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras.

Identificamos como os mesmos atuam como interventores sociais e organizacionais dos assuntos noticiáveis e usam linguagem inclusiva, plural e democrática sem esquecer do foco na produção de sentido e na visualidade do jornalismo para telas. Não empregam novos valores-notícia, mas operacionalizam os já existentes com foco na reorganização de enquadramento das molduras temáticas como dispositivo de força para garantia de direitos e cidadania.

Identificamos que a preocupação em dar visibilidade aos direitos humanos acaba sendo algo natural ao longo do processo produtivo, pois faz parte do dia a dia do repórter e passa pelo entendimento de que os direitos humanos envolvem vários aspectos e que os ataques a eles estão relacionados a casos de violência, desigualdades sociais, falta de políticas públicas que auxiliem os cidadãos de maneira ampla, entre outros. O espírito do telejornalismo de brechas é desenvolvido



ao longo do processo produtivo, independentemente da função do repórter, se é um repórter especial ou que cobre o dia a dia e realiza entradas ao vivo.

Surge, muitas vezes, na oferta da pauta, com participação ativa do repórter, trazendo luz para assuntos que costumam fugir do jornalismo diário, influenciando diretamente o enquadramento noticioso. É exercitado também durante a gravação, seja pela condução da reportagem ou da entrada ao vivo com um olhar especial voltado para os direitos fundamentais, tanto durante a realização de entrevistas, respeitando os entrevistados, dando voz às pessoas e sabendo, quando necessário, ser também contundente, rebatendo de-sinformação e questionando autoridades.

O telejornalismo de brechas pode estar presente na edição, seja pela ação direta do repórter, como é o caso de Chico Regueira, que monta os conteúdos que grava nas ruas. Seja também pelo acompanhamento do repórter, após a gravação, envolvendo o editor responsável pelo material, na escolha das imagens e sonoras para que o resultado seja o mais próximo do ideal imaginado pela equipe que fez a captação. É a garantia de que a resposta para a pergunta “O que está acontecendo aqui?” (Goffman, 2014) seja mais próxima do enquadramento idealizado pela equipe de reportagem.

O telejornalismo de brechas pode ser empregado ainda por outros profissionais da redação, não somente o repórter. Pode estar na negociação da pauta, na abordagem, na escolha das fontes, no questionamento dessas fontes, na condução e nas explicações com a equipe de filmagem. Podem acionar o dispositivo,

na rotina diária, para encontrar os caminhos que levem a divulgação de assuntos voltados para os direitos básicos do cidadão, desde o motorista que conduz os profissionais na reportagem, o cinegrafista, passando pelo produtor, editor de texto e imagem, editor-chefe, entre outros profissionais.

Além da formação dos futuros jornalistas com olhar para os direitos humanos (Motta, 2008), entendemos que é preciso também uma formação que mostre os caminhos, na rotina diária, para que se saiba acionar o dispositivo de brechas no telejornalismo. Assim, é possível empregá-lo com mais facilidade. Compreendemos que a escolha por trazer luz a assuntos de direitos humanos é uma opção, mas sabemos também que pode fazer parte das práticas diárias, dependendo de um olhar mais aguçado e interessado do jornalista.

As atuais tecnologias de informação e comunicação, as plataformas e a rapidez nas conexões nos colocam em um lugar de visibilidade constante. Deturpar a abordagem sobre questões sociais, omitir ataques aos direitos fundamentais, é alimentar a descrença e deteriorar a credibilidade, ativo jornalístico fundamental para um negócio sustentável. As brechas são fundamentais para o fortalecimento das relações de confiança e do contrato fiduciário (Rodrigo-Alsina, 2009) com a audiência e se elas existem porque ainda são exceção, quiçá um dia sejam a regra para deixarem de ser brechas.

---

*Submissão: 15/07/2023*  
*Data de aceite: 15/02/2024*

## REFERÊNCIAS

- Abraji (2021, 22 de Junho). *Jornalismo Essencial - Diálogos | Bianka Carvalho* [Video]. Youtube. [https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU&ab\\_channel=Abraji](https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU&ab_channel=Abraji)
- Andrade, A. P. de, Pereira Junior, A. E. V., Siqueira, F., & Silva, L. J. C. da. (2023, maio). *Telejornalismo de brechas: as pautas sociais e os direitos humanos nos telejornais*. SBPJOR-2021. <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/telejornalismo-de-brechas-as-pautas-sociais-e-os-direitos-humanos-nos-telejornais?lang=pt-br>
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Jorge Zahar Ed.
- Breed, W. (2016). Controle social na redação: Uma análise funcional. In N. Traquina (Org.), *Jornalismos: questões, teorias e histórias* (pp. 213-231). Editora Insular.
- Bridi, S. (2020). Lugar de repórter é na rua. In C. Emerim, A. Pereira, & I. A. Coutinho (Eds.), *A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia* (pp. 219-222). Insular.
- Bucci, E. (2008). A imprensa e o dever de liberdade: a responsabilidade social do jornalismo em nossos dias. In G. Canela (Org.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (pp. 46-62). Editora Cortez.
- Cabral Neto, A. (1997). Democracia: velhas e novas controvérsias. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 287-312. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X1997000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000200005&lng=pt&tlng=pt)
- Campos, L. A. (2014). A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. *Opinião Pública*, 20 (3), 337-406. <https://doi.org/10.1590/1807-01912014203377>
- Candido, M. (2021, 28 de fevereiro). *O repórter*. UOL. <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/#cover>
- Canela, G. (Ed.). (2008). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. Editora Cortez.
- Canellas, M. (2008). Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. In C. Guilherme (Org.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (pp. 104-114). Cortez Editora.
- Catto, A. (2023, 13 de Abril). *Aumento da desigualdade: 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas, diz estudo*. g1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml>
- Carvalho, B. (2021, 22 de Junho). *Jornalismo Essencial - Diálogos | Bianka Carvalho*. Abraji. Streaming Service. <https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU>
- Cerqueira, L. (2018a). *A função pedagógica do Telejornalismo*. Insular.
- Cerqueira (2018b). No espaço midiático digital, o indivíduo está bêbado de si mesmo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 15(1), 165-173. <http://dx.doi.org/10.5007/19846924.2018v15n1p165>
- Curado, O (2002). *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. Alegro.
- Coutinho, I., & Mata, J. (2008). Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1423/707>
- Coutinho, I. (2016). O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>
- Duarte, J., & Barros, A. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. Atlas.
- Emerim, C. (2017). Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(2), 113-126. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p113>
- Emerim, C., Pereira, A., & Coutinho, I. A. (2020). *A (re) invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia*. Insular.
- Entman, R. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Figaro, R. (2020). Regime de publicação, cronotopo e instâncias de seleção, composição e circulação: categorias teórico-metodológicas de análise da produção jornalística dos arranjos nativos digitais. <https://www.eca.usp.br/acer-vo/producao-academica/003026356.pdf>
- Franciscato, C. E., & Góes, J. C. (2012). Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. *Anímus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 11(22).
- Goffman, E. (2012). *Os Quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise*. Vozes.
- Gonçalves, T. (2005). A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. *Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura*, 5(6). <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/2605>
- Goulart de Andrade (2021). *Entre crenças e ecrãs: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica – PUC Rio]. Biblioteca Digital PUC-Rio.
- Machado, A. (2003). *A televisão levada a sério*. Editora Senac.
- McCombs, M. (2009). *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Editora Vozes.
- Memória Globo (2021a, 28 de Outubro). *Sônia Bridi*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/sonia-bridid/noticia/sonia-bridid.ghtml>
- Memória Globo (2021b, 28 de outubro). *Marcelo Canellas*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marcelo-canellas/noticia/marcelo-canellas.ghtml>
- Memória Globo (2021c, 29 de Outubro). *Caco Barcellos*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/caco-barcellos/noticia/caco-barcellos.ghtml>
- Memória Globo (2022, 12 de Janeiro). *Fome no Brasil*. Memória Globo. [memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml](https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml)

- Memória Globo (2023, 17 de Fevereiro). *Papo de rua*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/rjtv/noticia/papo-de-rua.ghtml>.
- Mesquita, G. (2013). *Intervenho, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital UFPE.
- Michaelis (2023). *Brecha*. uol. <https://michaelis.uol.com.br/palavra/XzBo/brecha/>.
- Monteiro, R. A. P., & Castro, L. R. (2008). A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. *Revista Psicologia Política*, 8(16), 271-284. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2008000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200006).
- Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate: subjetividade prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Motta, L. G. (2008). E agora? Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística. In G. Canela (Ed.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. Editora Cortez.
- Moya, J. A. Gaitán, & Raigada, J. L. P. (2010). *Técnica de investigación en comunicación social: elaboración y registro de datos*. Editorial Síntesis.
- Musse, C. F., & Musse, M. F. (2010). A Entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. *RuMoRes*, 4(8). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2010.51209>.
- Nichols, B. (2007). *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus.
- Núcleo de Estudos da Violência (2020, 28 de Janeiro). *Bruno Paes Manso entrevista Caco Barcellos sobre jornalismo e Direitos Humanos* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=IGZ4wPoKUY4>
- Paternostro, V. I. (1999). *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Campus.
- Pena, F. (2005). *Teorias do Jornalismo*. Contexto, 2005.
- Premio Roche (2020). *Bianka Cavalcanti de Carvalho*. Prêmio Roche. <https://premiorrochedeperiodismo.com/pt-br/personas/bianka-cavalcanti-de-carvalho/#:~:text=Formada%20em%20Jornalismo%20desde%201994,Tacaruna%2C%20em%20mar%C3%A7o%20de%202014>.
- Priberam (2023). *Brecha*. Priberam Dicionário. <https://dicionario.priberam.org/brecha>.
- Regueira, C. (2021, 18 de maio). *Entrevista com Chico Regueira* [Entrevista]. Google Meet.
- Rodrigo-Alsina, M. (2009). *A construção da notícia*. Vozes.
- Ruiz, C. (2008). *La agonía do cuarto poder: prensa contra democracia*. Trípodos.
- Sasse, Cíntia (2021, 12 de Março). *Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres*. Agência Senado. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>.
- Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(1), 95-107. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>.
- Siqueira, F. C. de. (2013). *O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia: o flagrante único de coprodução no telejornalismo*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital UFPE.
- Siqueira, F., & Monteiro, P. (2020). *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet*. Editora da UFPB.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo*. Insular.
- Traquina, N. (Org.). (2016). *Jornalimos: questões, teorias e estórias*. Editora Insular.
- Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Gilli.
- Vizeu, A., & Correia, J. C. (2007). A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In A. Vizeu (Ed.), *A sociedade do telejornalismo*. Vozes.
- Vizeu, A. (2014). *Decidindo o que é notícia*. EdIPUCRS.
- Valor Online (2023, May 11). *Desigualdade recua em 2022 ao menor nível da série histórica, com Auxílio Brasil e emprego, diz IBGE*. g1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/05/11/desigualdade-recua-em-2022-ao-menor-nivel-da-serie-historica-com-auxilio-brasil-e-emprego-diz-ibge.ghtml>
- Williams, R (2016). *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Boitempo.
- Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação de massa*. Martins Fontes.



**Telejornalismo de brechas: a luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas**

**Teleperiodismo de brechas: la lucha por poner las desigualdades sociales y los derechos humanos en las pantallas**

**Finding Gaps in Television Journalism: the Fight to Put Social Inequalities and Human Rights on the Screen**

**Le journalisme télévisé de brèches : une lutte pour porter à l'écran les inégalités sociales et les droits humains**

**Pt.** Mesmo com adoção de políticas públicas e ações emergenciais, nos últimos anos, o Brasil continua entre os países mais desiguais do mundo. Há escancarada carência de serviços públicos básicos, com inevitável subtração de direitos, como: moradia, serviços de saúde, educação de qualidade, segurança para ir e vir e salário suficiente para sobrevivência digna. Neste artigo, buscamos refletir sobre a importância do telejornalismo para expor, revelar e exigir ações de autoridades e do poder público. Porém, Lembramos, no entanto, que nem sempre aquilo que o telejornalista propõe como assunto de interesse público, fora da lógica factual diária, é selecionado nas redações, pois há entraves, como conveniências econômicas e políticas do veículo de comunicação e normas editoriais que impõem barreiras. Existem ainda questões estruturais e financeiras, aspectos de luta por espaço e audiência. Este trabalho parte de uma questão: como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras? Nosso objetivo é explorar o conceito que denominamos de telejornalismo de brechas: um dispositivo acionado para vencer os obstáculos intencionais ou as barreiras orgânicas das redações, buscando espaço dentro do campo jornalístico, para levar ao conhecimento do público assuntos, temas, contextos, conflitos necessários ao entendimento das nossas injustiças sociais e desigualdades socioeconômicas. Para analisar o uso do dispositivo do telejornalismo de brechas foi utilizada como base as Teorias do Enquadramento e do Newsmaking. A noção de enquadramento noticioso foi aplicada a partir dos relatos e entrevistas semiestruturadas sobre as rotinas produtivas dos repórteres Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi e Marcelo Canellas. O telejornalismo de brechas se revelou um dispositivo coletivo, que vai da ideia da pauta à edição, marcado pela consciência da necessidade de usar o telejornalismo como um instrumento de transformação social.

**Palavras-chave:** telejornalismo; repórter; telejornalismo de brechas; direitos humanos



**Es** Pese a la adopción de políticas públicas y acciones de emergencia en los últimos años, Brasil sigue entre los países más desiguales del mundo. Hay una flagrante carencia de servicios públicos básicos, con inevitable sustracción de derechos como vivienda, servicios de salud, educación de calidad, seguridad para ir y venir y salario suficiente para una supervivencia digna. En este artículo buscamos reflexionar sobre la importancia del teleperiodismo para exponer, revelar y exigir la actuación de las autoridades y del poder público. Sin embargo, debemos recordar que lo que el teleperiodista propone como asunto de interés público, fuera de la lógica factual diaria, no siempre es seleccionado en las redacciones porque existen obstáculos como conveniencias económicas y políticas del medio de comunicación, además de barreras impuestas por normas editoriales. También hay cuestiones estructurales y económicas, aspectos de lucha por espacio y audiencia. Este trabajo parte de una pregunta: ¿cómo los teleperiodistas encuentran brechas en las rutinas productivas para lograr, en formato de reportajes, un debate más profundo sobre las desigualdades socioeconómicas brasileñas? Nuestro objetivo es explorar el concepto que denominamos teleperiodismo de brechas, un dispositivo accionado para superar los obstáculos intencionales o las barreras orgánicas de las redacciones, buscando espacio dentro del campo periodístico para llevar al conocimiento del público asuntos, temas, contextos y conflictos necesarios para comprender nuestras injusticias sociales y desigualdades socioeconómicas. Se utilizaron las teorías del framing y del newsmaking para analizar el uso del dispositivo del teleperiodismo de brechas. La noción de framing noticioso se aplicó a partir de los relatos y entrevistas semiestructuradas sobre las rutinas productivas de los reporteros Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi y Marcelo Canellas. El teleperiodismo de brechas se reveló como un dispositivo colectivo, que va desde la asignación de noticias hasta la edición, marcado por la conciencia de la necesidad de utilizar el teleperiodismo como un instrumento de transformación social.

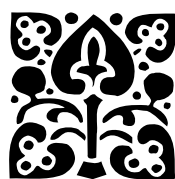
**Palabras clave:** teleperiodismo; reportero; teleperiodismo de brechas; derechos humanos

**En** Even after adopting public policies and emergency actions in recent years, Brazil is still one of the most unequal countries in the world. There is a glaring lack of basic public services coupled with an inevitable loss of rights related to housing, health services, quality education, safety, and a living wage that does not provide a decent way of life. In this article, we reflect on the importance of television journalism in exposing, revealing, and demanding action from authorities and public authorities. However, even though a television journalist may present a certain subject as being of public interest, newsrooms do not always select that subject due to obstacles or barriers such as the economic and political conveniences of media outlets or editorial rules. There are also structural and financial issues involved in competing for space and audience. This paper starts by addressing the following question: How do television journalists find the space in production routines to introduce more in-depth reports on Brazilian socioeconomic inequalities? Our objective is to explore a concept we call gap journalism: an idea to overcome intentional obstacles or organic barriers in newsrooms, to have journalism bring issues, themes, contexts, and disputes to the public's attention that help understand our social injustices and socioeconomic inequalities. We used Framing and Newsmaking Theories to analyze gap journalism. The news framing was based on reports and semi-structured interviews about the production routines of reporters Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi and Marcelo Canellas. Gap television journalism is a collective idea, from the agenda to editing, and is characterized by an awareness of the need to use television journalism as an instrument of social change.

**Key Words:** telejournalism; reporter; gap television journalism; human rights

**Fr** Malgré les politiques publiques et les mesures d'urgence adoptées ces dernières années, le Brésil demeure l'un des pays les plus inégalitaires au monde. Les lacunes en matière de services publics de base sont criantes et se répercutent inévitablement sur des droits tels que ceux au logement, aux services de santé, à une éducation de qualité, à la sécurité d'aller et venir et à un salaire suffisant pour vivre dignement. Cet article présente une réflexion sur l'importance du journalisme télévisé pour exposer, révéler et exiger des actions de la part des autorités et des pouvoirs publics. Rappelons toutefois que ce que le journaliste TV propose comme sujet d'intérêt public, au-delà de la logique quotidienne des faits, n'est pas forcément sélectionné dans les salles de rédaction. En effet, d'autres éléments entrent en ligne de compte et font obstacle, tels que les convenances économiques et politiques du groupe de communication et les normes éditoriales. S'y ajoutent des questions structurelles et financières, ainsi que des enjeux liés à la lutte pour l'espace et l'audience. Ce travail part de la question suivante : comment les journalistes de télévision parviennent-ils à ouvrir des brèches dans leurs routines de production pour promouvoir, dans leurs reportages, un débat plus approfondi sur les inégalités socio-économiques brésiliennes ? Notre objectif est d'explorer le concept que nous appelons « journalisme télévisé de brèches » : un dispositif mis en œuvre pour surmonter les obstacles intentionnels ou les barrières structurelles des rédactions, en quête d'un espace au sein du champ journalistique pour porter à la connaissance du public les sujets, les thèmes, les contextes et les conflits nécessaires à la compréhension de nos injustices sociales et de nos inégalités socio-économiques. Pour analyser la façon dont ce dispositif du « journalisme télévisé de brèches » est utilisé, nous nous sommes appuyés sur les théories du cadrage et du *newsmaking*. La notion de cadrage de l'actualité a été appliquée en partant de récits et d'entretiens semi-structurés sur les routines de production des reporters Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi et Marcelo Canellas. Il apparaît que le journalisme TV de brèches est un dispositif collectif, allant de l'idée de sujet jusqu'au montage, marqué par la prise de conscience de la nécessité d'utiliser le journalisme télévisé comme instrument de transformation sociale.

**Mots clés :** journalisme télévisé ; reporter ; journalisme télévisé de brèches ; droits humains



# Telejornalismo cidadão entre a promessa e a efetivação

## Um estudo de caso

**MARCO AURELIO REIS**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*  
marco.aurelio.reis@educacao.mg.gov.br  
/0000-0003-0710-6361

**CLÁUDIA DE ALBUQUERQUE THOMÉ**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*  
claudia.thome@ufjf.br  
/0000-0003-4759-3643

**ELIAS ARRUDA**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*  
eliasarruda@live.com  
/0009-0007-2739-9233

**RAFAEL OTÁVIO DIAS REZENDE**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF*  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*  
rafaelodr@yahoo.com.br  
/0000-0003-2567-2885



inclusão social, o combate ao preconceito e a luta pelos direitos humanos são pautas recorrentes nos meios de comunicação contemporâneos, atravessados pelas possibilidades das redes sociais em agendar temáticas afirmativas, a partir dos movimentos sociais que conquistam o protagonismo na *web*, ao contar suas histórias e reivindicar suas demandas. Assim como os meios, as pesquisas em Comunicação no mundo, de maneira geral, e no Brasil, de forma particular, têm à sua frente os desafios da Sociedade 5.01, aquela que tem o humano como elemento central (Deguchi *et al.*, 2020) e a sustentabilidade, a qualidade de vida, o uso de dados a favor do humano e a inclusão social como pilares. Natural, portanto, foi a confluência dos elementos centrais dessa sociedade com os estudos sobre Comunicação e Cidadania, também cada vez mais frequentes.

O telejornalismo brasileiro, como lugar de referência (Vizeu & Correia, 2006), tem se reinventado no sentido de dialogar com as transformações advindas não só da linguagem, mas também das temáticas sociais que circulam no espaço das redes sociais digitais. Em recente levantamento, Becker e Thomé (2022, p. 6) detectaram que “a inclusão social, a cidadania e os direitos humanos passaram a se configurar como questões relevantes nas pesquisas em telejornalismo no país”. Portanto, temas como os desafios causados pelo racismo estrutural e segregação racial no Brasil e

Pour citer cet article, to quote this article,  
para citar este artigo :

Marco Aurelio Reis, Cláudia de Albuquerque Thomé, Elias Arruda, Rafael Otávio Dias Rezende « Telejornalismo cidadão entre a promessa e a efetivação: um estudo de caso », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.628>



as desigualdades e preconceitos de gênero e sexualidade, entre outros, entram em pauta no noticiário hegemônico televisivo, consolidando a função do telejornal de agendamento e debate público, além de sua função pedagógica (Cerqueira *et al.*, 2020).

A partir desse contexto, para além da forma como o telejornalismo vem se posicionando para se aproximar de sua audiência, e também para cumprir o pressuposto de sua função social como jornalismo audiovisual, torna-se fundamental entender as possibilidades e os desafios para garantia de um telejornalismo que se afirma efetivamente cidadão<sup>3</sup>, diante de uma lacuna conceitual no cenário brasileiro identificada no presente estudo e tendo como base o conceito cidadania propagado por entidades jurídicas brasileiras. É a partir desta pergunta que a presente pesquisa, iniciada no primeiro semestre de 2022, tem buscado mapear experiências de noticiários audiovisuais que apresentam a promessa de cidadania, com o objetivo de analisar quais são seus pressupostos e garantias para que tal promessa seja cumprida socialmente. E o que é necessário, então, para que tenhamos um telejornalismo cidadão propriamente dito, com o protagonismo dos atores sociais envolvidos.

No atual ecossistema midiático, em que há uma centralidade do audiovisual<sup>3</sup>, observa-se a tomada de posição de grupos ditos minoritários em produções nas redes sociais digitais, sobretudo no Instagram, tensionando, ao olhar da pesquisa, o conceito de protagonismo nas ações afirmativas noticiadas pelos telejornais e reivindicando a autenticidade das falas. Frente a tal centralidade, parece ainda tímido o debate sobre o que se pressupõe como Telejornalismo Cidadão, quando a comparação é com Jornalismo Cidadão e Radiojornalismo Cidadão, cujas práticas sinalizam uma consolidação. Tal pensamento se concretiza quando se pensa em ações como a do jornal comunitário *Voz das Comunidades*, criado em 2005 no Complexo do Alemão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com a distribuição superior a 10 mil exemplares e mais de um milhão de visitas na página da internet. Outro exemplo é a rádio comunitária *Cidadã*, do Butantã, Zona Oeste da cidade de São Paulo. Criada em 1994, a emissora chegou a levar ao ar um programa totalmente produzido por crianças, o *Cala boca já morreu*, detentor do Prêmio Unicef de Iniciativa Comunitária.

A prática do telejornalismo, por sua vez, tem uma rotina produtiva multiprofissional e multifuncional distinta do jornalismo impresso e do radiojornalismo, abrangendo complexas etapas que vão da pauta à pré-produção, do captar imagens em movimento ao registro de som e falas audíveis, da redação à edição de texto e imagem e da pós-produção à veiculação. A partir desse entendimento, pode-se inferir sobre essa dificuldade na efetivação de práticas de telejornalis-

mo efetivamente cidadão no Brasil, apesar de algumas promessas (Jost, 2015) não cumpridas falarem em TV cidadã sem a participação de cidadãos ou apenas como instrumento de práticas hegemônicas para reposicionar emissoras em áreas de periferia urbano-social. Tal situação, aliada ao custo elevado dos equipamentos e às exigências do telespectador – no tocante ao que se configura como TV de Qualidade (Pujadas, 2013) –, ajuda a compreender a dificuldade para localização e estudo de práticas efetivas de Telejornalismo Cidadão, que garanta protagonismo a grupos com pouquíssima ou mesmo nenhuma voz nas mídias televisuais tradicionais e mesmo no telejornalismo expandido, nos termos de Mello e Coutinho (2016).

Conceito ainda em consolidação ante as dificuldades expostas acima (Reis *et al.*, 2022), o Telejornalismo Cidadão a que a presente pesquisa faz referência nasce dos especializados voltados para os cidadãos, tal como o Jornalismo Comunitário (Paiva, 2003) e o Jornalismo Cívico (Dornelles, 2006; Gomes, 2006; Meyer, 2007). Aproxima-se do chamado ativismo de dados (Couldry; Mejias, 2019), do Jornalismo Open Source (Raymond, 2000; Gillmor, 2004; Glaser, 2006) e da lógica Wiki de edição compartilhada de conteúdos na web, desde que produzidos e veiculados por cidadãos. Algo diferente de práticas da mídia mainstream que buscam aproximação com o jornalismo comunitário, como o quadro *Parceiros do RJTV*, da Rede Globo de Televisão, exibido de 2011 a 2014, no qual jovens de comunidades do Rio de Janeiro foram treinados para produzir e protagonizar reportagens sobre as áreas onde moravam, o que configurou um “modo parceiro de telejornalismo” (Saback, 2014).

Neste cenário conceitual e buscando entender a participação da audiência no processo do telejornalismo, Alves (2019, p. 11) descreve a participação cidadã como “a presença das audiências ativas no processo de construção da notícia telejornalística”. A autora trabalha três pontos ao observar a mídia mainstream televisiva brasileira: os motivos que levam as emissoras a aproveitar a colaboração do público, como as audiências interferem no processo da notícia e de que maneira essa participação ajuda ou não no trabalho dos jornalistas no contexto televisivo. Entre as questões apresentadas, está a quantidade de possibilidades e interações entre as emissoras e diferentes grupos, levando em consideração seus interesses e grupos sociais inseridos. A audiência participa através de diferentes canais com mensagens, curtidas e compartilhamentos.

As audiências ativas são um fenômeno complexo que integra pessoas e grupos sociais ativos, interativos e participativos de colaboradores e cooperadores dos debates sociais, políticos, econômicos e culturais por meio de canais de



publicação e compartilhamentos de informações em rede. (Alves, 2019, p. 11)

As audiências trazem para o contexto do telejornalismo suas indagações, posicionamentos, questionamentos sobre as notícias e todas as possibilidades atreladas ao uso das redes sociais. O cidadão aprendeu a participar e a assistir um novo modelo de telejornalismo, que vem se adaptando de acordo com as necessidades das emissoras e transformações tecnológicas, além de demandas comerciais, conforme o caso. A partir de 2013, o jornalismo brasileiro viveu (e estimulou) um incremento significativo nas participações das audiências nas produções das notícias, pelas redes sociais e por aplicativos de conversação diretamente ligados às redações das emissoras, tanto locais quanto nacionais. Assim, desde a década passada, a parceria com o público faz parte da rotina produtiva do jornalismo de forma explícita e evidente.

A participação dos telespectadores contribui na construção do cotidiano e das representações sobre uma parte da cidade que pode ficar muitas vezes à margem do olhar do poder público e da própria imprensa. Desta forma, o público participa do agendamento do que merece ser mostrado e discutido, uma estratégia que é enunciativa mas também comercial, trazendo o receptor para o outro lado, atraindo não só sua atenção, mas também sua presença. (Musse & Thomé, 2015, p. 2).

Desde então, os telejornais passaram a disponibilizar números de WhatsApp para o recebimento de sugestões e mensagens, o uso de hashtags se popularizou como uma possibilidade de ampliação do noticiário para as redes e uma forma de receber imagens e registros dos telespectadores, os sites oficiais e plataformas como o Youtube se tornaram uma extensão da matéria que foi ao ar na tela da televisão e uma forma do público compartilhar e comentar sobre os fatos apresentados durante o telejornal. O agendamento temático nas redes sociais é foco de atenção das equipes de jornalistas na atualidade, que precisam verificar quais assuntos repercutem na web e se há algum registro feito por telespectadores que pode ser fundamental para a edição do telejornal do dia.

Nesse contexto, os processos participativos e colaborativos tornam-se cada vez mais presentes nas rotinas do jornalismo nos meios digitais, sendo amparados pelas lógicas colaborativa e participativa existentes no cenário atual das possibilidades de convergência e partilha entre as mídias e suas audiências ativas. (Alves, 2019, p. 15)

Todas as novas possibilidades de interação trazem diferentes consequências para o trabalho dos jornalistas nas redações de emissoras de todo o Brasil. Além de ser necessário filtrar o conteúdo que está chegando e sendo levado ao ar, muitas vezes é preciso reforçar a segurança com os comentários que são mostrados durante os telejornais ao vivo, para que não haja prejuízos ou ofensas com a participação de haters nesta interação. Além disso, o jornalista precisa, em tempo recorde, apurar a veracidade de um registro e o contexto que ele está inserido antes da sua veiculação. Tais rotinas demandam novas funções e competências das equipes (Reis *et al.*, 2018), representando novos desafios aos profissionais (Alves, 2019, p. 17).

Claro que ações como as descritas acima e as levantadas exaustivamente em estudos internacionais, como os organizados por Allan, S., & Thorsen, E. (2009 e 2014), reúnem experiências em que o avanço tecnológico, sobretudo por meio de canais de interação dos públicos com as redações jornalísticas de forma online e por meio de redes sociais digitais, ampliam a participação cidadã na produção de notícias, o que, por si só, já configura como espaço da ação cidadã, mesmo que sem protagonismo total do cidadão na apuração, produção e veiculação das informações.

O consultor estadunidense Mark Glaser (2006) considera que o Jornalismo Cidadão tem como característica central o fato de leigos não-jornalistas atuarem. A afirmação se aproxima do que Peter Lang e Wall, M. (2015) chamam de jornalismo cidadão ativista no contexto das mídias digitais. A partir desses olhares e dos empecilhos já expostos acima para o Telejornalismo Cidadão, a presente pesquisa busca contribuir com a conceituação dessa prática no Brasil a partir de levantamento quantitativo e qualitativo bibliográfico da produção na década compreendida entre 2010 e 2020 em teses, dissertações e artigos apresentados em congressos nacionais do campo de estudos da Comunicação, dentro do recorte de busca com as palavras *Telejornalismo* e *Cidadania*.

Para o trabalho empírico, a *TV Quilombo Rampa*, com conteúdo audiovisual produzido por quilombolas do estado do Maranhão, é analisada juntamente com produtos da *TV Cidadã* e *TV Kirimurê*, respectivamente do Tribunal de Contas do Estado de Alagoas e do Canal Público Federal da Cidadania<sup>4</sup>, com concessão para Salvador (BA). Os três objetos de estudo foram selecionados a partir de uma busca flutuante entre ações de telejornalismo expandido na web em que os tags “cidadão” e “cidadania” são elementos marcantes por estarem nos produtos ou nos nomes das ações. Assim, busca-se identificar promessas não cumpridas ou parcialmente cumpridas dessa prática jornalística daquelas que seguem o modelo. O objetivo é levantar as competências necessárias para

implementação de um Telejornalismo efetivamente Cidadão, nos moldes semelhantes aos defendidos pela professora Cicilia Peruzzo para o Radiojornalismo Cidadão (Peruzzo, 2004, p. 110).

Claro que é pertinente uma reflexão sobre a legitimação do jornalismo feito por cidadãos sem a mediação de jornalistas profissionais orientados por formação acadêmica e código de ética. Embora a expansão da rede digital possibilite o protagonismo narrativo de usuários com acesso a ela, a mesma não transforma esse usuário instantaneamente em jornalista e muito menos suas produções em conteúdos jornalísticos (Targino, 2009, p. 58). Ou seja, nem todo conteúdo produzido fora das redações terá relevância na promoção da cidadania, cabendo um papel de curadoria (Cerqueira *et al.*, 2020) profissional, típica do Open Source e do jornalismo colaborativo. Visa-se, com isso, a abertura de janelas para o Jornalismo Cidadão na TV aberta ou por assinatura, ou ainda a certificação profissional jornalística (Thomé *et al.*, 2020) do grupo emissor (como, por exemplo, assentamento quilombola), quando este conteúdo é disponibilizado nas redes sociais digitais. Observa-se, nesse olhar, um novo papel social dos jornalistas (Moreira & Alonso, 2018).

Cabe ainda pontuar que, com curadoria ou certificação profissional ou grupal, o Telejornalismo Cidadão é fundamental pois

A televisão forma a opinião de pessoas com diferentes visões sociais, políticas, econômicas etc. [...] Mas precisamos ainda buscar compreender o conceito que está por trás de um telejornalismo efetivamente cidadão. [...] A participação cidadã, utilizando novas ferramentas, acontece, na maioria das vezes, pela ausência de tempo e respostas que produtores [do telejornalismo] precisam em questão de minutos para atender as emissoras em busca de sua audiência. Ou seja, sem reflexão e nada próximo ao que seria autenticamente um telejornalismo cidadão. O telejornalismo cidadão também passa pela atualização e revisão do papel dos profissionais e programas apresentados pelas emissoras. Não é mais útil a sociedade incentivar a participação popular com imagens de acidentes e homicídios e noticiar apenas o que é importante para as redes de televisão. Mudar a perspectiva não se trata apenas de perder audiência, mas de adquirir uma identidade jornalística, que é maior do que as emissoras e um serviço público à sociedade (Reis *et al.*, 2022, p. 243-244).

Na forma de abertura de janelas na programação nas emissoras hegemônicas de TV ou na fruição de conteúdos jornalísticos audiovisuais vindos de fontes certificadas, o Telejornalismo Cidadão é uma ferrame

ta dialógica da sociedade organizada em defesa da cidadania para exercer certo protagonismo na emissão de conteúdos para a sociedade e para a formação da opinião pública. Por este motivo, urge diferenciar o telejornalismo que se volta para assuntos da cidadania de forma profissional daquele feito por cidadãos para a defesa de seus pontos de vista, algo ainda pouco estudado pela academia no Brasil quando se comparam 10 anos de pesquisa em Jornalismo para TV, tendo como tagueamento os termos *Cidadania* e *Telejornalismo*.

Para melhor percepção, portanto, do conceito Telejornalismo Cidadão, é preciso compreender o que é ser um cidadão e como a cidadania se efetiva. Conforme Targino (2009), a legislação de determinadas sociedades nem sempre considera todos os habitantes como cidadãos. Na Grécia antiga, por exemplo, possuíam esse status apenas homens com pai e mãe livres. Já na Roma antiga, a cidadania estava restrita aos habitantes da cidade, ampliando-se posteriormente com a expansão do império (Targino, 2009, p. 51).

Pela Constituição Federal do Brasil de 1988, são considerados cidadãos brasileiros aqueles que: 1) nascem em território brasileiro (desde que os pais, se estrangeiros, não estejam a serviço do seu país); 2) nascem no estrangeiro de pai ou mãe brasileira (desde que algum deles esteja a serviço do Brasil); 3) nascem no estrangeiro e venham a residir no Brasil, optando pela nacionalidade brasileira. O Estado democrático assegura em lei os direitos sociais, civis e individuais desses grupos. Ou seja, a liberdade, segurança, bem-estar, desenvolvimento, igualdade e justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias (Governo Federal, 1988).

Outro termo relevante para a pesquisa é o de *isegoria*. O conceito, como relatado por Targino (2009), consiste na dimensão pública da participação dos homens e mulheres, de todos os gêneros, sexos e faixas etárias, na vida social e política, mediante debates sobre questões de interesse geral e fóruns de deliberação e decisão política. A autora (Targino, 2009, p. 51) reforça ainda que, no caso do jornalismo impresso, o exercício de *isegoria* corresponde ao espaço destinado à voz do leitor, seja por conta da atuação mediada por um *ombudsman*, seja por cartas, e-mails, telefonemas, participação em enquetes, artigos assinados e adesão a concursos, entre outras ações.

A partir do entendimento do conceito em meios impressos, é relevante refletir em qual espaço a *isegoria* acontece na televisão. Algumas possibilidades dessa prática são o envio de mensagens por redes sociais, participação interativa com o apresentador, envio de

vídeos amadores e até mesmo por áudio. Neste sentido, temos ferramentas que contribuem para a compreensão do que buscamos como Telejornalismo Cidadão.

A mídia, que interfere diretamente no cotidiano e nas decisões que envolvem a sociedade, precisa estar cada vez mais aberta ao diálogo e à possibilidade de construção colaborativa do seu conteúdo. Indo além, é necessário pensar em algo que dê protagonismo narrativo aos cidadãos, sobretudo aqueles silenciados pelas circunstâncias sociais e/ou econômicas.

---

### TELEJORNALISMO E CIDADANIA - MAPEAMENTO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS DE 2010 A 2020

---

Como afirmado anteriormente, nos estudos sobre o telejornalismo, a cidadania e os direitos humanos têm ganhado maior centralidade nos últimos anos, sobretudo pelo agendamento das emissoras de TV, que refletem os agendamentos das redes sociais. Mapeamento realizado entre os anos de 2010 e 2020 por Becker e Thomé (2022, p. 6) aponta que 8,30% dos trabalhos publicados nessa década, no campo da Comunicação, buscados pelo termo telejornalismo, referiram-se a questões voltadas para inclusão social, cidadania e direitos humanos, e que se destacaram como terceira temática mais frequente, em um total de 12 temas encontrados em trabalhos acadêmicos e de pesquisa.

Cumprido explicar que tal mapeamento das autoras encontrou 699 trabalhos, em uma busca pela palavra *telejornalismo*, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no sistema online de 12 periódicos científicos qualificados, e nos anais de três congressos nacionais: da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), especificamente no GT Estudos de Jornalismo; da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), especificamente no GP Telejornalismo (Becker & Thomé, 2022).

O presente estudo tem por base os resultados encontrados pelas pesquisadoras, mas apresenta um olhar para tais produções científicas com o critério de buscar resultados de pesquisas sobre telejornalismo e cidadania, no período de 2010 a 2020, entre teses e dissertações (em Ciências Sociais Aplicadas, na área da Comunicação) e os anais dos três principais congressos nacionais: Sbpjor, Intercom (GP Telejornalismo) e Compós (em todos os GTs). O objetivo é ainda filiar a pesquisa ao estado da arte sobre telejornalismo e cidadania, apontando também diferentes abordagens e

possibilidades adotadas pelos pesquisadores ao longo da referida década.

No levantamento dos artigos apresentados e publicados nos anais dos encontros nacionais da Intercom, especificamente no GP Telejornalismo, foi possível identificar, no período analisado, 10 trabalhos sobre telejornalismo que contêm o termo *cidadania*, seja no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. Foram dois trabalhos em 2011, quatro em 2012, um em 2014, dois em 2015 e um em 2018. Nos anais dos encontros anuais da SBPJor, foram encontrados quatro artigos, sendo dois em 2013, um em 2016 e um em 2019. A busca feita nos anais da Compós aponta que, dos sete artigos sobre telejornalismo encontrados nos anos analisados, nenhum tem o tagueamento com o termo cidadania. O mesmo levantamento foi feito no banco de teses e dissertações da Capes, encontrando três teses e 16 dissertações entre 2010 e 2020, considerando a busca pelas palavras telejornalismo e cidadania.

Após a leitura dos artigos e dos resumos das teses e dissertações, foi possível observar que há focos distintos nas pesquisas de telejornalismo que referem-se à cidadania. Ora o conceito é citado como uma meta a ser alcançada, ora como exigência para garantia e direitos humanos, em trabalhos que analisam as coberturas dos telejornais com a perspectiva de observar ações de colaborativismo, inclusão social e estudo de audiência. Nessa leitura panorâmica, foram encontrados trabalhos cujas propostas dialogam com o estudo em tela, colaborando na busca por entender o que é preciso para se ter um telejornalismo efetivamente cidadão.

É relevante detectar como as pesquisas refletem as questões de cada contexto, como por exemplo o debate sobre as mudanças ocorridas nas manifestações de junho de 2013, em que o telejornalismo, na análise de Vizeu e Rocha (2013, p. 1), conferiu “sentido à cidadania ao dar visibilidade à discussão pública que referencia a ação política dos indivíduos”. Zaganelli e Gantos (2012) relacionam a cidadania ao direito à informação, e Scoralick (2016) aponta a audiodescrição e a janela de Libras como recursos necessários ao telejornalismo que se quer inclusivo em prol do exercício da cidadania.

Rocha (2018) também apresenta “o jornalismo como um aliado na construção da cidadania”. Em parte da pesquisa, a autora trata da construção da Cidadania em solo brasileiro e o papel da mídia nesse processo.

A comunicação midiática pode ainda ser utilizada como suporte para pressionar o Estado ou mesmo lideranças políticas e representantes de órgãos do poder público de modo específico na busca pela garantia de novos direitos ou mesmo manutenção daqueles que já estão formalmente

estabelecidos. Enfim, a comunicação mediada por tecnologias tem condições de oferecer muito à construção da cidadania no Brasil, principalmente nesse momento onde as novas Tecnologias têm despertado ainda mais a criatividade do brasileiro. Apesar de historicamente esse cidadão ter uma relação frágil com o Estado, há um momento favorável para que a comunicação midiática some não somente com a veiculação de informações importantes na perspectiva cidadã, mas também sendo utilizada como meio para “acessar” o Estado de modo mais efetivo e eventualmente como estratégia para ter seus direitos respeitados ou ainda para iniciar um diálogo que vise novas garantias constitucionais (Rocha, 2018, p. 42).

A pesquisadora analisa, no entanto, a possibilidade de o telejornalismo local empreender pautas em defesa da cidadania, mesmo não tendo esse termo como central mas sim como paralelo de outros, também relacionados aos direitos dos cidadãos. Não se trata, no entanto, da possibilidade de protagonismo do cidadão em ações telejornalísticas em defesa de seus direitos civis.

Na mesma direção, Martins (2020) analisou o quadro *Brasil que eu Quero*, do Jornal Nacional (JN), levado ao ar no primeiro semestre de 2018, no qual a emissora e suas afiliadas pediam vídeos de telespectadores feitos na horizontal indicando uma pauta para as eleições presidenciais daquele ano. As mensagens de 15 segundos trouxeram, segundo reportagem veiculada no Fantástico<sup>5</sup>, também da Rede Globo, mais de 120 mil pedidos, incluindo “menos corrupção, mais educação e cidadania, mais segurança, saúde de qualidade, políticos comprometidos com a população, menos intolerância e preconceito, mais emprego”. De acordo com a mesma reportagem, o projeto “recebeu mais de 50 mil vídeos de 99,5% dos municípios brasileiros: 9% das mensagens foram gravadas por crianças; 7%, por adolescentes; 13%, por idosos; e o restante, por adultos”.

Tais mensagens, gravadas em diferentes regiões do país, podem ser analisadas na esteira de práticas hegemônicas para reposicionar a emissora e suas afiliadas em áreas de periferia urbano-social, dando voz para o cidadão dentro de um padrão de qualidade e tendo sua veiculação controlada por editores do JN, como salienta o autor ao concluir que o produto permitia a compreensão do

[...] papel do telejornal dentro da perspectiva colaborativa e participativa: possibilitar uma nova cultura de prática democrática de acesso aos veículos de comunicação, usando-os como canais e meios para a busca de direitos dentro do estado. Obviamente, a estratégia, mais

uma vez, não é inocente ou aleatória. Segue os princípios de uma exaustiva busca pela audiência, atenuada após a chegada das TICs, que por essência já se comprometiam com maiores possibilidades aos seus usuários (Martins, 2020, p. 119).

Como estratégia ou como função social, a busca pela cidadania está prevista no próprio fazer telejornalístico contemporâneo, que desliza entre telas e que precisa garantir uma maior aproximação com a audiência. Nas pesquisas, pode-se ver que essa busca já se configurou de diversas maneiras no jornalismo em telas: como garantia de informação certificada, como debate público a partir de manifestações populares, como espaço para o público enviar pautas via aplicativo, em vídeos enviados pelos telespectadores, em formas de inclusão para acessibilidade e também em pautas a partir de ações afirmativas.

---

#### TELEJORNALISMO CIDADÃO EM ANÁLISE: PERCURSO METODOLÓGICO

---

Na busca por entender o conceito de telejornalismo cidadão, a presente pesquisa fez ainda um mapeamento de produções jornalísticas audiovisuais que trazem essa promessa como foco, em diferentes perspectivas. Para atender ao objetivo do presente estudo, utiliza-se aqui a metodologia Estudo de Caso (Yin, 2001) e o procedimento metodológico Análise de Conteúdo (Bardin, 1977). Após o levantamento das pesquisas taguadas por telejornalismo e cidadania no Brasil, foi necessário fazer um levantamento empírico. Assim, abriu-se a janela temporal quantitativa investigando-se as promessas e efetivações contemporâneas do que se entende no presente estudo como Telejornalismo Cidadão, compreendido como caso particular em maturação no Brasil.

[...] o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores (Yin, 2001, p. 21).

Robert Yin (2001) prevê no Estudo de Caso também a possibilidade de uma análise qualitativa a partir de uma indagação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e, a partir do seu contexto, visando explicar, explorar ou descrever tal fenômeno. Com o auxílio do método, procura-se uma compreensão extensiva e com mais objetividade e validade conceitual do que estatística.



Assim, a partir da metodologia de Yin, foi feito um mapeamento das ações de Telejornalismo Cidadão no Brasil desde 2010 e, a partir disso, foram selecionadas janelas qualitativas de observação que, no caso desta pesquisa, foram produções audiovisuais dos meses de janeiro e fevereiro, entre 2020 e 2023, por se tratar de período mais recente e trazer para a pesquisa o telejornalismo no contexto da pandemia de Covid-19, que alterou os modos de produção jornalísticos, e também nos dois anos seguintes a tais transformações.

Após uma observação flutuante em todo o material, elegeram-se exemplos que indicam o protagonismo cidadão na emissão, desde a edição ou promessas não cumpridas dessa proposta em regiões pouco observadas pela mídia hegemônica, ou só observadas quando há ações policiais, crimes ou ações governamentais que ganham destaque ao mostrar tal área.

Dessa forma, foram selecionados para análise conteúdos produzidos e veiculados pela *TV Cidadã* (TCE-AL), pelo *Canal da Cidadania* (TV Kirimurê) e pela *TV Quilombo Rampa* no período descrito acima. Buscando uma compreensão mais aprofundada desse material, utiliza-se a técnica metodológica Análise de Conteúdo, definida por Bardin (1977) como um conjunto de instrumentos em busca de mensagens do que está escondido, não-aparente ou não-dito. As consi-

derações técnicas possuem menor relevância do que o contexto de produção, devendo-se atentar para as variáveis psicológicas, sociológicas e culturais que permeiam a comunicação.

Sendo assim, os objetos foram observados como categoria única (produtos que prometem protagonismo cidadão na emissão de conteúdo), nos tagueamentos “Programa” e “Veiculação”, em três subcategorias primárias: 1) *descrição, percepção ou enumeração* – visam responder perguntas como “qual é a fonte?” e “a promessa é cumprida?”; 2) *inferência e dedução de maneira lógica* – a partir dos conteúdos expostos nos objetos; e 3) *interpretação e significação* – entendimento do cumprimento ou não da realização do Telejornalismo Cidadão, no tagueamento “Conteúdo”. No terceiro tópico, devem ainda ser identificados se houve: 3.1) defesa de temas cidadãos, tendo esses cidadãos como protagonistas; 3.2) defesa de temas cidadãos, não tendo cidadãos como protagonistas, mas sim, outras fontes; e 3.3) defesa de temas sob o ponto de vista da mídia hegemônica em busca de audiência ou prestígio da fonte emissora, no tagueamento “Campo Temático”.

Seguindo a metodologia de Bardin (1977), a finalidade da análise foi abordar as evidências, gerar conclusões analíticas sólidas e descartar interpretações alternativas. A função da estratégia geral foi obter ajuda na

Tabela 1 : *TV Cidadã*

Programa	Veiculação	Fonte de Informação	Conteúdo	Campo temático
<i>Disseram por aí</i>	20 de janeiro de 2020 ( <a href="https://youtu.be/O9fKgG8UU6Q">https://youtu.be/O9fKgG8UU6Q</a> )	Felipe Bernardes, apresentador, sem citar a fonte da informação.	Mitos sobre cura do Mal de Alzheimer.	Tema cidadão, sem cidadãos como fontes. Promessa não-cumprida.
<i>Cidadã é Cultura</i>	19 de fevereiro de 2021 ( <a href="https://youtu.be/A_BoYfqYsDM">https://youtu.be/A_BoYfqYsDM</a> )	O apresentador Valtenor Leôncio entrevista o vocalista da banda Nexxo de forró de Alagoas.	História da Banda.	Tema cultural, mas sem ligação com temas relacionados à cidadania. Promessa não-cumprida.
<i>TCNews</i>	20 de janeiro de 2022 ( <a href="https://youtu.be/7ROV_LfTngg">https://youtu.be/7ROV_LfTngg</a> )	Apresentador Valtenor Leôncio faz <i>link</i> com a repórter Juliana dos Anjos, que fala com secretária adjunta de Saúde de Maceió.	Sobre a iniciativa de vacinação da prefeitura de Maceió.	Tema relevante para o cidadão, mas sem voz para os cidadãos e apenas para autoridade local. Promessa não-cumprida.
<i>Elas por Elas</i>	24 de fevereiro de 2023 ( <a href="https://youtu.be/gGMKF1-fPUE">https://youtu.be/gGMKF1-fPUE</a> )	A apresentadora Bárbara Tenório entrevista no estúdio uma médica ginecologista.	Menstruação, incluindo divulgação de lei local de distribuição de absorventes para estudantes da rede pública e mulheres em situação de vulnerabilidade econômica.	Tema relevante para a cidadã, mas sem voz para os cidadãos e apenas para autoridade médica. Promessa não-cumprida.



Tabela 2 : Canal da Cidadania /TV Kirimurê

Programa	Veiculação	Fonte de Informação	Conteúdo	Campo temático
Programa <i>TV UNEB</i>	22 de fevereiro de 2020 ( <a href="https://youtu.be/9BAqw_FXAIg">https://youtu.be/9BAqw_FXAIg</a> )	Programa produzido por estudantes de Jornalismo da Universidade Estadual da Bahia a partir de pautas levantadas em seus locais de residência e frequência social.	Cultura Negra e o mito da democracia racial.	Tema cidadão, com fontes e bastidores expostos. Promessa cumprida.
Programa <i>Kirimurê Em Cantos</i>	24 de janeiro de 2021 ( <a href="https://youtu.be/jCLdcroyTzI">https://youtu.be/jCLdcroyTzI</a> )	A apresentadora Geovanna Costa mostra intérpretes baianos.	Destaque para canção Sussurro das águas	Assunto cultural, mas sem ligação com temas relacionados à cidadania. Promessa não-cumprida.
Programa <i>Reação TV Kirimurê</i>	13 de janeiro de 2022 ( <a href="https://youtu.be/HJLujkYyYjU">https://youtu.be/HJLujkYyYjU</a> )	Entrevista do Programa com a banda SíndromeK, do underground baiano.	Cultura underground.	Tema cultural, mas sem ligação com a pauta cidadã, apesar de a Pandemia do Covid-19 ser tema de fundo. Promessa não-cumprida.
Programa <i>Conversa de Preta na Festa de Iemanjá</i>	8 de fevereiro de 2023 ( <a href="https://youtu.be/jilyKe9GRGY">https://youtu.be/jilyKe9GRGY</a> )	A apresentadora Dina Lopes entrevista lideranças negras no canal, na festa religiosa.	Cultura religiosa, com voz para lideranças e populares.	Tema relevante para a cidadania, com voz para os cidadãos. Promessa cumprida.

seleção das técnicas adequadas e concluir eficazmente a etapa analítica da pesquisa (Yin, 2001, p. 133). Assim, buscou-se amadurecer a análise do presente estudo.

#### ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS EMISSORAS COM PROMESSA CIDADÃ

Primeira emissora a ser observada, a *TV Cidadã*, do Tribunal de Contas do estado de Alagoas, carrega a promessa no nome de oferecer Telejornalismo Cidadão, ou seja, produzido por cidadãos sem lugar de voz na mídia hegemônica. Inaugurada em julho de 2016, a emissora veicula produtos que, no entanto, não carregam a característica do Telejornalismo Cidadão conforme evidencia a análise detalhada na tabela abaixo.

A pesquisa apontou que a *TV Cidadã*, no período analisado, apresentou pautas de interesse público (Tabela 1), tendo como principais enunciadores os próprios apresentadores e uma fonte especialista no assunto, não garantindo nas produções o protagonismo de cidadãos diretamente relacionados às temáticas. Assim, houve a defesa de temas cidadãos, não tendo cidadãos como protagonistas, mas sim, outras fontes.

Já o Canal da Cidadania, criado em 2012 dentro do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD), promete duas faixas para associações comunitárias, responsáveis por veicular a programação local. Para o presente estudo (Tabela 2), foi selecionada a *TV Kirimurê*, de Salvador (BA), emissora integrante do canal.

Conforme percebido na observação flutuante e na análise exposta acima, a *TV Kirimurê*, do Canal da Cidadania em Salvador, abre janelas para falas cidadãos, apesar de as produções ficarem a cargo de profissionais ou estudantes de comunicação. Assim tem-se um Telejornalismo parcialmente Cidadão, mas com relevância para o estudo. Em dois dos quatro programas analisados (Tabela 2), os conteúdos veiculados referem-se a ações afirmativas com protagonismo da cultura negra, tendo centralidade dos atores sociais envolvidos nas ações.

Já a *TV Quilombo Rampa*, do Maranhão, inaugurada em 2017, tem a proposta mais próxima do que aqui se entende como Telejornalismo Cidadão. O canal possui mais de 276 vídeos, com 8,32 mil inscritos e mais de 115.000 visualizações no YouTube. A “emissora” foi criada na cidade de Vargem Grande, no norte maranhense, fica numa região composta por quatro

comunidades Quilombolas, onde vivem aproximadamente 500 pessoas. A proposta da *TV Quilombo* é dar visibilidade à cultura quilombola através de conteúdos audiovisuais, utilizando materiais improvisados como câmera de papelão, com captação de imagens por celular, e bambu drone para dar vida ao conteúdo produzido, editado e veiculado integralmente por jovens quilombolas. Tendo seu trabalho premiado em 2019 no 1º Festival de Cinema Móvel de Brasília, a TV levou para receber o reconhecimento a cinegrafista Aparecida Leite, então com 19 anos, e o repórter Raimundo José, então com 25 anos, jovens quilombolas do Maranhão.

A “emissora” produz material audiovisual para veiculação em rádio e em vídeos no YouTube, Facebook e Instagram, sendo alguns com experimentação de imagens na vertical (Reis et al., 2021). As ações configuram um telejornalismo efetivamente cidadão, a partir da análise feita na presente pesquisa é sintetizada abaixo (Tabela 3).

Observa-se, no entanto, que a emissora quilombola, apesar de seu reconhecimento e sua efetiva prática de Telejornalismo Cidadão (Tabela 3), tem grande variação na qualidade do material veiculado, oferecendo a impressão de jornalismo amador (Aguiar & Barsotti, 2013). Não há evidência de haver uma curadoria feita por um jornalista profissional. Mas tal variação e falta de orientação profissional em nada desabona a iniciativa, que tem poder de interlocução com autoridades e a mídia hegemônica, de modo a garantir lugar para voz de cidadãos muitas vezes sem espaço para reivindicar seus direitos na sociedade, no caso os quilombolas, en-

riquecendo o papel da mídia na construção da democracia (Meyer, 2007).

Pode-se observar na análise, sintetizada na tabela 3, que a proposta da TV Quilombo Rampa garante o protagonismo da população quilombola desde a enunciação, na apresentação e nas fontes de informação, no conteúdo (com frequentes denúncias) e no campo temático com relevância evidente para o exercício da cidadania. Carrega, ainda, traços de vivência e testemunho, o que credencia tais narradores como autoridades no relato (Ribeiro & Sacramento, 2020), conferindo autenticidade na fala de quem experimentou o fato e levando tais vozes a outros cantos em que passam a existir midiaticamente pela narrativa antes inexistente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo indica um processo de construção de um efetivo Jornalismo Cidadão no Brasil, ora tirando proveito da expansão das redes sociais digitais e de canais de compartilhamento, como o YouTube, ora abrindo janelas em programações para exibição de produtos pautados, pré-produzidos, produzidos e veiculados por cidadãos sobre suas questões. Indica ainda a necessidade de ações de educomunicação e literacia midiática em grupos de cidadãos, seja em idade escolar ou reunidos em Organizações Não-Governamentais e associações de moradores, étnicas, de classe e de trabalhadores.

Tal ação surge de modo que o telejornalismo efetivamente cidadão se construa de forma crítica e ética, a

Tabela 3 : *TV Quilombo Rampa*

Programa	Veiculação	Fonte de Informação	Conteúdo	Campo temático
<i>Eita lugar que tem história</i>	7 de fevereiro de 2020 ( <a href="https://youtu.be/MgstwmJ6oVw">https://youtu.be/MgstwmJ6oVw</a> )	O programa entrevista Valto Aboiador, vaqueiro quilombola.	Voz para comunidade, com apresentação de um morador e contação de sua história.	Tema cidadão, com fontes e bastidores expostos. Promessa cumprida.
Programa no Instagram unindo imagem e transmissão em rádio	14 de janeiro de 2021 ( <a href="https://www.instagram.com/p/CKCv0RXnrr4/?utm_source=ig_web_copy_link">https://www.instagram.com/p/CKCv0RXnrr4/?utm_source=ig_web_copy_link</a> )	Apresentador denuncia falta de luz na região quilombola.	Denúncia marca a distribuidora de energia.	Tema relevante para a cidadania na região na voz do apresentador quilombola. Promessa cumprida.
Programa <i>Tambor na Mata</i>	2 de janeiro de 2022 ( <a href="https://youtu.be/LuNbiON9R1M">https://youtu.be/LuNbiON9R1M</a> )	Apresentação de evento ancestral.	Cultura quilombola.	Tema relevante para a cidadania, com voz para os cidadãos. Promessa cumprida.
Ao vivo sobre questões de acessibilidade para população quilombola	17 de janeiro de 2023 ( <a href="https://youtu.be/fdhliHGlrMY">https://youtu.be/fdhliHGlrMY</a> )	Apresentador mostra ação popular de aterro.	Denúncia contra des-caso público.	Tema relevante para a cidadania, com voz para os cidadãos. Promessa cumprida.

fim de escapar de manipulações e falhas típicas de trabalhos amadores. Ou seja, um Telejornalismo Cidadão deve prever o protagonismo do cidadão na produção, edição e veiculação dos conteúdos, mas tendo um jornalista profissional, sobre o compromisso do código de ética da categoria, como consultor para o grupo de cidadãos e como curador do conteúdo em dialogia com os cidadãos.

Fomentar o debate e estabelecer orientações em diálogo com grupos interessados em produções de Telejornalismo Cidadão são desafios a serem assumidos pela academia e por profissionais com formação jornalística, uma vez que quanto mais vozes são veiculadas na mídia audiovisual, mais a sociedade se encaminha para a garantia da democracia.

Neste cenário, jornalistas e acadêmicos de jornalismo podem assumir o papel de curadoria para obter na mídia hegemônica espaço para tais produções, em janelas na programação que podem amplificar para a TV aberta e para a TV por assinatura as experiências hoje veiculadas em canais de compartilhamento de vídeo na rede. Cabe ressaltar que experiência neste sen-

tido já foi levada ao ar no Brasil, em 2019, quando a TV Bandeirantes de São Paulo exibiu no telejornal *Bora SP* o quadro *Giro da Quebrada*, com vídeos pautados e produzidos por moradores de regiões periféricas da grande São Paulo mostrando conteúdos pouco usuais na mídia hegemônica sob o ponto de vista desses “correspondentes”.

Nesta parceria entre cidadãos e jornalistas de TV, uma produção de conteúdo audiovisual de qualidade tem potencial de levar olhares, reivindicações, elementos culturais, ações positivas, entre outras, de modo a dirimir estereótipos relacionados às periferias, quase sempre em pautas associadas à violência ou à pobreza, em imagens que criam representações impostas pelo olhar externo e que podem gerar cenas embaçadas sobre grupos sociais.

---

Submissão: 19/06/2023  
Data de aceite: 15/02/2024

## NOTES

<sup>1</sup> Conceito projetado por meio de estudos do Gabinete Governamental japonês em 2016 e que vem se propagando de forma crescente pelo mundo. Isso pode ser constatado em uma simples pesquisa de termos buscados no Google, que indica uma curva ascendente, com pico de alta em novembro de 2022 e a popularidade máxima no período entre 1º de janeiro de 2016 e 18 de março de 2023 no Brasil e no mundo. Observa-se um novo crescimento nas buscas em fevereiro de 2023, com 68% da popularidade máxima no mundo e 13% no Brasil.

<sup>2</sup> Entende-se aqui que ser cidadão é “ ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei; ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranquila”, conforme entendimento do Poder Judiciário brasileiro.

<sup>3</sup> Estudo da Kantar Ibope, denominado “Aquarelas de Vídeo do Brasil – Explorando o Consumo Cross-media no País”, aponta que, no primeiro semestre de 2023, conteúdos em vídeo atingiram 99,2% dos brasileiros.

<sup>4</sup> De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações o “Canal da Cidadania faz parte do conjunto de canais públicos, no âmbito do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTV-D)” e apresenta “multiprogramação, possibilitada pela TV digital, permitirá que o Canal da Cidadania tenha no mínimo quatro faixas de conteúdo: do Poder Público municipal, do Poder Público estadual e as outras duas, de associações comunitárias, que ficarão responsáveis por veicular programação local.”, conforme informado site governamental.

<sup>5</sup> De acordo com o portal G1, do grupo O Globo, o quadro “Brasil que eu quero termina com vídeos de 99,5% dos municípios do país, sendo que 9% das mensagens foram gravadas por crianças; 7%, por adolescentes; 13%, por idosos; e o restante (71%), por adultos. Na participação por sexo, 28% são mulheres e 65%, homens; grupos (amigos, vizinhos, colegas de trabalho e de escola etc.) participaram com 7% dos vídeos.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, L., & Barsotti, A. (2013). Jornalismo amador: proposta para definir as práticas jornalísticas exercidas pelo público em ambientes interativos. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*.
- Alves, K. C. (2019). Audiências ativas no Brasil e Espanha: telejornalismo e colaboração (Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco). Recuperado de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33108>
- Allan, S., & Thorsen, E. (Eds.). (2009). *Citizen journalism: Global perspectives*. Peter Lang.
- Allan, S., & Thorsen, E. (Eds.). (2014). *Citizen Journalism: Global Perspectives-Volume 2*. Peter Lang.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Becker, B., & Thomé, C. A. (2022). Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. *Animus*, 21(47).
- Cerqueira, L., Vizeu, A. P., & Gomes, E. (2020). Curadoria, mediação e função pedagógica: a centralidade do telejornalismo na pandemia. In *18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*. Coordenada Rede Telejor: Telejornalismo em Mutação: tecnologia, inovação, linguagem e narrativas.
- Cervi, L. (2019). Citizen Journalism and User Generated Content in Mainstream Media: New Dialogic Form of Communication, User-Engagement Technique or Free Labor Exploitation? *Revista de Comunicação Dialógica*, (1), 120-141.
- Couldry, N., & Mejias, U. A. (2019). Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. *Television & New Media*, 20.
- Deguchi, I. A., et al. (2020). What Is Society 5.0? In Hitachi-UTokyo Laboratory (H-UTokyo Lab.). (Ed.), *Society 5.0*.
- Dornelles, B. C. P. (2006). *Jornalismo Solidário*. GCI/CNPq.
- Glaser, M. (2016, 27 de setembro). *Your Guide to Citizen Journalism*. Public Broadcasting Service. Recuperado de <http://mediashift.org/2006/09/your-guide-to-citizen-journalism270>
- Gillmor, D. (2004). *Nós, os mídia*. Editorial Presença.
- Glaser, M. (2006, 27 de setembro). *Seu guia para o jornalismo cidadão*. Recuperado de <http://mediashift.org/2006/09/your-guide-to-citizen-journalism270>
- Gomes, I. M. M. (2006). *Telejornalismo de Qualidade: Pressupostos teórico metodológicos para análise*. Compós.
- Governo Federal. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)
- Jost, F. (2015). Qual o melhor paradigma para se interpretar os gêneros televisivos?. *Intexto*, (34), 28-45. <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.28-45>
- Lang, P., & Wall, M. (2015). Citizen Journalism: A retrospective on what we know, an agenda for what we don't. *Digital Journalism*, 3(6), 797-813.
- Martins, C. H. (2020). *A cidadania no quadro "O Brasil que eu quero": análise crítica do discurso sobre telejornalismo e conteúdos colaborativos* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório da UFG.
- Mello, E., & Coutinho, I. (2016). Telejornalismo expandido: o conteúdo jornalístico televisivo nas redes sociais. In *Anais do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).
- Meyer, P. (2007). *Os jornais podem desaparecer? – Como salvar o jornalismo na era da informação* (P. Cia, Trans.). Editora Contexto. (Original work published 2004)
- Moreira, S. V., & Oller Alonso, M. (2018). Journalists in Newsrooms: Professional Roles, Influences, and Changes to Journalism. *Brazilian Journalism Research* (Online), 14, 304-317.
- Musse, C. F., & Thomé, C. (2015). Um milhão de amigos no RJTV: o telespectador como produtor de conteúdo pelos aplicativos WhatsApp e Viber. *Sessões do Imaginário*, 20(33), 01-09.
- Peruzzo, C. M. K. (2004). *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania* (3ª ed.). Vozes.
- Paiva, R. (2003). *O Espírito Comum - comunidade, mídia e globalismo* (2ª ed.). Mauad.
- Pujadas, E. (2013). A qualidade televisiva além de um conceito politicamente correto: conteúdo e perspectivas envolvidas. *Revista Matrizes*, (2), 235-248.
- Raymond, E. S. (2000). *The Cathedral and the Bazaar* (Version 3.0). Recuperado de <http://www.catb.org/~esr/writings/cathedral-bazaar/cathedral-bazaar/>
- Reis, M. A., Arruda, E., & Rezende, R. (2022). Telejornalismo cidadão: Um conceito em construção nas pesquisas acadêmicas e em produtos audiovisuais em rede e regionais no Brasil. In L. Ito & R. Paulino (Orgs.), *Notícias em Pauta*. Ria Editorial.
- Reis, M. A., Thomé, C. A., & Piccinin, F. (2021). Verticalização no jornalismo audiovisual: Possibilidades narrativas para os direitos humanos. In C. Emerim, A. Pereira, & I. Coutinho (Orgs.), *Teorias do telejornalismo como direito humano* (Vol. 11, pp. 165-182). Insular.
- Reis, M. A., Thomé, C. de A., & Miranda, P. A. S. (2018). Novas funções e competências do telejornalismo brasileiro. In *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville - SC, 2 a 8 de setembro de 2018*. Intercom.
- Ribeiro, A. P. G., & Sacramento, I. (2020). *Televisão e memória: entre testemunhos e confissões*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Rocha, J. (2018). *O Telejornal Local "a serviço" do Cidadão: um estudo do Jornal Anhanguera 1ª edição* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório da UFG.
- Saback, L. (2014). *Parceiros do RJ/TV Globo: A apropriação de novas alternativas para a comunicação comunitária*. Alaic 2014, Lima.
- Scoralick, K. (2016). Telejornalismo e acessibilidade comunicacional: um olhar para o outro com deficiência. Em *Anais 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Palhoça, SC*. Recuperado de <http://sbpjour.org.br>

Targino, M. G. (2009). *Jornalismo cidadão: informa ou deforma?* Unesco / IBCIT.

Thomé, C. A., Piccinin, F., & Reis, M. A. (2020). Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In C. Emerim, A. Pereira, & I. Coutinho (Orgs.), *Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas*. Insular.

da Silva, L. J. C., & Júnior, A. E. V. P. (2019). Os saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística. *Revista FAMECOS*, 26(1), e31212.

Vizeu, A. E., & Correia, J. C. (2006). A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In *SBPJor 2006, Anais, Porto Alegre*.

Vizeu, A. E., & Rocha, H. (2013). Telejornalismo, lugar de referência e os protestos de rua: o peso do público na cobertura de uma situação de crise. In *11 Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, Anais, Brasília*.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. Ed. Bookman.

Zaganelli, B. M., & Gantos, M. C. (2012). A sociedade do te-

lejornalismo em busca da cidadania. In *XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Anais, Fortaleza*. Adalech Soluções para Eventos.



**Telejornalismo cidadão entre a promessa e a efetivação: um estudo de caso**

**Teleperiodismo ciudadano entre la promesa y la realización: un estudio de caso**

**Le journalisme télévisé citoyen, entre promesse et réalisation : une étude de cas**

**Citizen Telejournalism, between Promise and Implementation: a Case Study**

**Pt.** O Telejornalismo Cidadão enfrenta, no Brasil, desafios específicos para sua efetiva implementação, que se diferenciam bastante dos chamados Jornalismo Cidadão e Radiojornalismo Cidadão. Esses obstáculos estão relacionados sobretudo às características do meio televisivo, como a rotina produtiva multiprofissional e multifuncional, os altos custos financeiros e as exigências associadas ao conceito de “TV de Qualidade” (Pujadas, 2013). O presente estudo busca contribuir para a conceituação dessa prática no contexto televisivo nacional, por meio de uma análise bibliográfica quantitativa e qualitativa da produção acadêmica sobre o tema, abrangendo a década de 2010 a 2020. A pesquisa examinou teses, dissertações e artigos apresentados em congressos brasileiros na área de Comunicação Social, utilizando o tagueamento “Telejornalismo” para mapear as discussões. Além disso, adota um Estudo de Caso (Yin, 2001) que, com base na Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), investiga as promessas e realizações do Telejornalismo Cidadão, visto como uma prática de resistência e luta no campo jornalístico. O trabalho mapeia e analisa diferentes iniciativas que se apresentam como exemplos de telejornalismo cidadão, explorando diversas modalidades. Entre os casos estudados estão a TV Quilombo Rampa, no estado do Maranhão, a TV Cidadã, em Alagoas, e a TV Kirimurê, um canal público federal na Bahia. Essas iniciativas são analisadas à luz dos conceitos de Telejornalismo Cidadão, com o intuito de entender como esse formato pode superar obstáculos estruturais e se consolidar como uma prática viável no meio televisivo, promovendo maior participação popular e uma cobertura mais inclusiva das questões sociais, envolvendo temas sensíveis e recorrentes como racismo, homofobia, etarismo e misoginia. O estudo também destaca a importância de fortalecer iniciativas locais e independentes de telejornalismo, que se colocam como alternativas às grandes redes comunicacionais, frequentemente voltadas a interesses comerciais, ampliando o acesso à informação e promovendo maior diversidade de narrativas no cenário midiático brasileiro.

**Palavras-Chave:** Telejornalismo ; Cidadania ; TV Quilombo ; TV Cidadã 4 ; questões sociais

**Es.** En Brasil, el teleperiodismo ciudadano enfrenta desafíos específicos para su efectiva implementación, que difieren considerablemente de los llamados periodismo ciudadano y radioperiodismo ciudadano. Estos obstáculos están relacionados principalmente con las características del medio televisivo, como la rutina productiva multiprofesional y multifuncional, los altos costos económicos y las exigencias asociadas al concepto de “TV de calidad” (Pujadas, 2013). El presente estudio busca contribuir a la conceptualización de esta práctica en el contexto televisivo nacional mediante un análisis bibliográfico cuantitativo y cualitativo de la producción académica sobre el tema, abarcando la década de 2010 a 2020. La investigación examinó tesis de maestría y doctorado, además de artículos presentados en congresos brasileños en el área de Comunicación Social, utilizando la etiqueta “teleperiodismo” para mapear las discusiones. Además, adopta un estudio de caso (Yin, 2001) que, con base en el análisis de contenido (Bardin, 1977), investiga las promesas y realizaciones del teleperiodismo ciudadano visto como una práctica de resistencia y lucha en el campo periodístico. El trabajo mapea y analiza diferentes iniciativas que se presentan como ejemplos de teleperiodismo ciudadano, explorando diversas

modalidades. Entre los casos estudiados están TV Quilombo Rampa, en el estado de Maranhão; TV Cidadã, en Alagoas; y TV Kirimurê, un canal público federal de Bahía. Estas iniciativas se analizan a la luz de los conceptos de teleperiodismo ciudadano, con el propósito de comprender cómo este formato puede superar obstáculos estructurales y consolidarse como una práctica viable en el medio televisivo, promoviendo una mayor participación popular y una cobertura más inclusiva de las cuestiones sociales, que involucre temas sensibles y recurrentes como racismo, homofobia, edadismo y misoginia. El estudio también destaca la importancia de fortalecer iniciativas locales e independientes de teleperiodismo – que se presentan como alternativas a las grandes redes comunicacionales, a menudo orientadas a intereses comerciales – para ampliar el acceso a la información y promover una mayor diversidad de narrativas en el panorama mediático brasileño.

**Palabras clave:** teleperiodismo ; ciudadanía ; TV Quilombo ; TV Cidadã ; cuestiones sociales

**Fr.** Au Brésil, le journalisme télévisé citoyen se heurte à des défis spécifiques pour sa mise en œuvre effective, qui diffèrent grandement de ceux rencontrés par que l'on appelle le journalisme citoyen et le journalisme radiophonique citoyen. Ces obstacles tiennent avant tout aux caractéristiques du média télévisuel, avec notamment une routine de production multiprofessionnelle et multifonctionnelle, des coûts financiers élevés et des exigences liées au concept de « télévision de qualité » (Pujadas, 2013). Cette étude a pour but de contribuer à la conceptualisation de cette pratique dans le contexte télévisuel brésilien par une analyse bibliographique quantitative et qualitative de la production académique sur le sujet, couvrant la décennie 2010-2020. Nous avons examiné un ensemble de thèses, de mémoires et d'articles présentés lors de congrès brésiliens dans le domaine de la communication sociale, en utilisant l'étiquette « journalisme télévisé » pour cartographier les discussions. Nous avons en outre procédé à une étude de cas (Yin, 2001) en nous intéressant, sur la base d'une analyse de contenu (Bardin, 1977), aux promesses et réalisations du journalisme TV citoyen en tant que pratique de résistance et de lutte dans le champ du journalisme. Ce travail répertorie et analyse diverses initiatives qui se présentent comme des exemples de journalisme télévisé citoyen, en explorant plusieurs modalités. Parmi les cas étudiés figurent la TV Quilombo Rampa, dans l'État du Maranhão, la TV Cidadã, dans l'État d'Alagoas, et la TV Kirimurê, une chaîne publique fédérale, dans l'État de Bahia. Ces initiatives sont analysées à la lumière des concepts du journalisme télévisé citoyen, afin de comprendre comment ce format peut surmonter les obstacles structurels pour s'imposer comme une pratique viable dans le domaine télévisuel, qui renforce la participation populaire et assure une couverture plus inclusive des questions sociales, en incluant des thèmes sensibles et récurrents comme le racisme, l'homophobie, l'âgisme et la misogynie. Notre étude souligne aussi l'importance de renforcer les initiatives locales et indépendantes de journalisme télévisé. Elles constituent en effet des alternatives aux grands groupes de communication, souvent guidés par des intérêts commerciaux, pour élargir l'accès à l'information et favoriser la diversité des récits dans le paysage médiatique brésilien.

**Mots-clés :** Journalism télévisé ; Citoyenneté ; TV Quilombo ; TV Cidadã ; questions sociales

**En.** There are a number of challenges facing the effective implementation of Citizen Telejournalism in Brazil, and they differ greatly from the so-called Citizen Journalism and Citizen Radio Journalism. These obstacles are mainly related to the characteristics of television such as its multiprofessional and multifunctional production routine, its high financial costs, and its demand for the concept of «Quality TV» (Pujadas, 2013). This study aims to better understand this type of journalism in the context of national television, doing so by using a quantitative and qualitative bibliographic analysis of academic productions on the subject between 2010 and 2020. The research involved examining theses, dissertations and articles presented at Brazilian conferences on social communication. The tag «Telejournalism» was used to map the discussions. In addition, the research conducted a Case Study (Yin, 2001) that, based on Content Analysis (Bardin, 1977), investigated the commitments and achievements of Citizen Telejournalism, which tends to be regarded as a practice of resistance and struggle within the field of journalism. This work maps and analyzes different initiatives of citizen telejournalism, and explores different modalities. The cases under study for this paper were TV Quilombo Rampa, in the state of Maranhão, TV Cidadã, in the state of Alagoas, and TV Kirimurê, a federal public channel in the state of Bahia. These initiatives are analyzed in light of the concepts of Citizen Telejournalism, with the aim of understanding how this format can overcome structural obstacles and consolidate itself as a viable practice within the television medium to promote greater public participation and more inclusive coverage of social issues, which include sensitive and recurring themes such as racism, homophobia, ageism and misogyny. This study also highlights the importance of strengthening local and independent television journalism initiatives, which are alternatives to large communication networks that often focus on commercial interests. The goal is to expand access to information and promote a greater diversity of narratives in the Brazilian media landscape.

**Key Words:** Telejournalism; Citizenship; TV Quilombo; TV Cidadã; social issues



# Les émotions au sein du commentaire journalistique

## De l'exutoire à la discipline de neutralisation

VALÉRIE MANASTERSKI

Assistante doctorante  
Académie du journalisme et des médias  
Université de Neuchâtel  
Suisse  
valerie.manasterski@unine.ch



Le couple que forment le journalisme et les émotions n'est pas nouveau, mais cette dense, étroite et complexe relation est devenue de plus en plus manifeste depuis une quinzaine d'années. Un nombre croissant de recherches sur le journalisme narratif et de reportage (Harbers & Broersma, 2014 ; Schmidt, 2021 ; Wahl-Jorgensen, 2013) ou encore focalisées sur les ressentis des journalistes lors d'événements dramatiques (Jukes, 2020 ou encore Kotišová, 2020) fleurissent pour contribuer davantage à comprendre ce duo. Qu'en est-il toutefois au sein du genre connu comme étant le plus subjectif du métier, soit le commentaire journalistique ? À travers ce type de production (ici radiophonique), cette étude focalisée sur la mécanique interne des journalistes met en lumière l'influence des émotions sur ces derniers — en tant que déclencheur du projet de production — et comment leurs ressentis personnels se façonnent au sein du processus de réalisation journalistique où entre *ipso facto* en considération la légitimité professionnelle du praticien.

Alors que les études sur le commentaire en presse écrite ne manquent pas (Charaudeau, 2011 ; Dubied & Lits, 1997 ; Gauthier, 2006 ; Herman & Jufer, 2012 ; Koren, 2004 ou encore Wahl-Jorgensen, 2008), son aspect affectif n'a été que partiellement traité (Cabasino, 2004). Pourtant, cet angle émotionnel d'analyse

### Pour citer cet article

#### Référence électronique

Valérie Manasterski, « Les émotions au sein du commentaire journalistique : de l'exutoire à la discipline de neutralisation », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.508>





permet d'appréhender l'un des paradoxes du métier : l'absence, mais également la réprobation de l'émotion du journaliste dans les discours publics et son omniprésence dans les pratiques journalistiques quotidiennes et les coulisses de la production comme l'expose Kotišová dans sa dense revue de la littérature (2019). Jukes va plus loin en évoquant la « tension concurrente » entre une « notion pratiquement ancrée de ce qu'est un journalisme professionnel et d'autre part, la dimension affective viscérale et souvent instinctive de la pratique »<sup>1</sup> [notre traduction] (2020, p. 4).

Ces conclusions sont notamment issues de recherches francophones (Le Cam & Ruellan, 2017) et d'un nombre croissant d'études anglophones sur les émotions, inscrites dans l'« *emotional turn in journalism studies* »<sup>2</sup> (Wahl-Jorgensen, 2020). Celles-ci ont l'ambition de saisir davantage le rôle prépondérant des ressentis dans les textes et leur production alors que depuis longtemps, les émotions ont été négligées, sous-théorisées (Beckett & Deuze, 2016 ; Peters, 2011), voire « non recherché[e]s » (Le Cam & Ruellan, 2017, p. 6) dans les études en journalisme. Tantôt les bienvenues dans les contributions plus narratives du métier (Wahl-Jorgensen, 2013) tantôt discursivement rejetées dans la majorité des genres d'actualité (Richards & Rees, 2011), les émotions dans la pratique et dans l'espace médiatique représentent un objet ambivalent, flou, sans contours précis et aux limites équivoques, y compris au sein du commentaire journalistique.

---

#### D'UN IDÉAL JOURNALISTIQUE NEUTRE À L'ÉMOTION DES JOURNALISTES AU SEIN DU COMMENTAIRE

---

Le journalisme a toujours eu une composante émotionnelle, mais cette réalité a longtemps été invisibilisée tant l'identité professionnelle a longtemps été perçue comme synonyme d'observation distante et détachée (Wahl-Jorgensen, 2020, p. 188). Plusieurs raisons expliquent cette perception moderne et occidentale de la profession (Muhlmann, 2007). La première repose sur le rôle politique incarné par les journalistes : celui de « quatrième pouvoir » (Neveu, 2019, p. 80). Une mission à la fois cruciale et symbolique qui s'exerce notamment à travers le « culte des faits » (Muhlmann, 2007, p. 20-21) importé des États-Unis à travers l'adhésion à un idéal d'objectivité (Wahl-Jorgensen, 2020) et perçu comme le rejet de toute forme de subjectivité. Comme l'explicitent les chercheurs Richards et Rees : « Si l'objectivité pure est reconnue comme impossible, elle n'en reste pas moins l'idéal à incarner dans la mesure du possible »<sup>3</sup> [notre traduction] (2011, p. 860). Une objectivité traduite à travers de nombreuses autres notions comme la neutralité, la dépersonnalisation ou encore l'impartialité (Kotišová, 2019, p. 3).

La seconde explication réside dans l'opposition — encore dominante — entre un journalisme dit de « qualité » et un journalisme « populaire » (Pantti, 2010, p. 169). La chercheuse explique que le premier se doit d'être dur, rationnel avec l'ambition d'informer et d'éduquer. Contrairement au second, également qualifié de journalisme sensationnaliste, dans lequel nous retrouvons en vrac des formats (tels que les tabloïds) ou des genres (le fait divers ou encore le « people ») qui mobilisent des récits, des histoires individuelles en sous-entendant un appel aux émotions et aux sensations. Ainsi « l'émotivité représente typiquement un déclin des normes journalistiques et une déviation du rôle propre du journalisme »<sup>4</sup> [notre traduction] (Pantti, 2010, p. 169).

En parallèle, un journalisme à la fois empreint d'émotions et de qualité a (re)fait surface : le journalisme narratif ou littéraire. L'étude la plus significative selon nous est celle de Karin Wahl-Jorgensen qui révèle que l'émotion est un élément central de la narration des articles gagnants du prix Pulitzer (2013). La chercheuse constate la mise en place d'un « rituel stratégique d'émotivité » [notre traduction] opéré par les journalistes, impliquant la fréquente exposition des émotions grâce à l'utilisation massive des citations, des anecdotes issues de personnes ordinaires et l'évaluation affective des journalistes pour décrire les ambiances. Un mécanisme qui s'inscrit en parallèle du « rituel stratégique d'objectivité » (Tuchman, 1972) et « dont l'objectif serait de minimiser les risques encourus par les journalistes (...) [à travers] une série de procédures routinières » (Gauthier, 1991, p. 99). Un rituel quotidien, principalement pragmatique qui d'ordinaire, est attribué à une conception plus idéaliste de l'objectivité journalistique.

Au-delà de l'analyse des diverses formes de narrations émotionnelles, l'étude des émotions en journalisme intervient également dans les coulisses de la profession, soit l'environnement matériel et réflexif — imperceptible par le public — où sont pensées et réalisées toutes les tâches quotidiennes nécessaires pour produire un sujet : le choix du sujet, les séances de rédaction, le terrain, les échanges entre collègues ou encore l'édition. Mervi Pantti (2010) est une des premières chercheuses à étudier les pratiques professionnelles quotidiennes d'actualité télévisée dans une perspective émotionnelle et à analyser la perception des journalistes quant à leur émotivité au sein des coulisses du métier. L'influence des affects dans le travail journalistique a fait l'objet par la suite de nombreuses recherches anglophones (par exemple : Hopper & Huxford, 2015 ; Jukes, 2020 ; Kotišová, 2020 ou encore Richards & Rees, 2011) dont l'attention est notamment portée sur la gestion émotionnelle des journalistes grâce à l'analyse d'entretiens approfondis. Le Cam et Ruellan (2017) explorent aussi la

notion de « passion du métier » et la domestication des émotions vécues, notamment grâce aux autobiographies de présentateurs de journaux télévisés et de journalistes de guerre. Dans chacune de ces études apparaît en filigrane la notion de gestion émotionnelle — ou, ce qui a été théorisé par la sociologue Arlie Hochschild : « travail émotionnel » (traduit de l'anglais *emotional labour* ou *emotional work*) (1983). La mobilisation de ce concept en études du journalisme fait la lumière sur la gestion émotionnelle des praticiens appelés à correspondre aux attentes de la profession — soit à cet idéal d'objectivité. De leur côté, Le Cam et Ruellan discutent également des fonctions de l'émotion à l'aide du néologisme « émotricité », un moyen par lequel les journalistes « agissent : observent, comprennent, restituent » (2017, p. 215) les faits et les événements d'actualité. Ainsi, grâce à cet intérêt toujours plus important pour ce champ en étude du journalisme, la recherche sur les émotions dans la profession permet de mettre en lumière le constat suivant : l'émotion évolue dans un écosystème contradictoire, elle est à la fois un moteur et un obstacle à la production d'un sujet et à la fois reconnue comme essentielle et encombrante dans la pratique.

C'est au sein de cette tension que nous cherchons à comprendre comment et par quel processus réflexif les journalistes de radio locale construisent un produit médiatique et discursif à partir de leur propre vécu émotionnel tout en restant professionnellement légitimes. Cet article a pour objectif d'examiner comment l'émotion personnelle des journalistes devient un produit journalistiquement diffusable.

Pour ce faire, nous concentrons notre angle d'analyse sur le commentaire. Un genre où — théoriquement — l'idéal d'objectivité ne s'applique pas (Panti & Wahl-Jorgensen 2011, p. 117). L'intérêt de cette perspective de recherche — issue des résultats d'entretiens exploratoires (voir *infra*) — repose sur la latitude qu'offre ce genre à l'incorporation personnelle et à la liberté de ton et de plume que suppose son maniement par les journalistes. Qu'il soit appelé commentaire, éditorial ou encore billet d'humeur, ce qui nous importe ici est sa définition globale (notamment tirée de manuels) centrée sur « l'implication subjective » ainsi que la vision personnelle du journaliste et sa conception dichotomique avec « l'explication objective » (Dubied & Lits, 1997, p. 55) d'un fait ou événement. Raison pour laquelle le commentaire tient toujours et, de manière codifiée, une place particulière dans un journal, qu'il soit annoncé sur le papier, en numérique, en radio ou à la télévision. Héritage du journalisme anglo-américain, la séparation stricte des faits et des commentaires (Neveu, 2019, p. 63-64) s'est généralisée et importée en Europe, y compris en Suisse. De ce fait et selon la directive 2.3 du Conseil suisse de la

presse : « Le/la journaliste veille à rendre perceptible pour le public la distinction entre l'information proprement dite — soit l'énoncé des faits — et les appréciations relevant du commentaire ou de la critique » (Le Conseil suisse de la presse, 2024)<sup>5</sup>. Dans son travail sur l'éditorial en presse écrite, Karin Wahl-Jorgensen souligne qu'« [il] est le seul lieu où un journaliste est autorisé à exprimer son opinion »<sup>6</sup> [notre traduction] (2008, p. 67).

Autre spécificité qui distingue le commentaire des autres genres journalistiques : chercher à convaincre son public à travers des opinions argumentées : « (...) l'éditorial est avant tout un texte argumentatif et [...] les opinions convoquées par le journaliste ont pour fonction d'amener des arguments et de les soutenir (...) » (Herman & Jufer, 2012, p. 143-144). Cette « mécanique argumentative » (Charaudeau, 2011, p. 147) propre au genre du commentaire passe par plusieurs étapes, dont celle de l'évaluation — charnière dans notre compréhension de la perspective émotionnelle du commentaire. Cette phase colore ce genre d'un point de vue personnel : « il [le journaliste] le fait, consciemment ou non, soit en faisant part de sa propre opinion (prise de position dans le débat d'idées), soit en livrant une appréciation subjective (projection de son affect). » (Charaudeau, 2011, p. 149). Alors que l'auteur distingue ces deux éléments issus de positions personnelles, opinions et affects, Tétu (2004) soutient que les opinions peuvent découler des ressentis.

Ce qui nous amène à la dernière caractéristique du commentaire : il représente un emplacement où l'expression émotionnelle est autorisée — sans nécessairement être visible, voire évidente, comme le cas du commentaire analytique, type foisonnant sur les ondes lors des lendemains de votations suisses. Toutefois, comme l'expose Yves Agnès, il permet la présence de l'affect, laisse place à « une vision personnelle » et offre au journaliste la possibilité d'« exprimer [des] sentiments, des émotions, des attitudes pour les faire partager au lecteur (2008, p. 316-317). Coward précise, en évoquant les éditoriaux britanniques, qu'ils « utilisent un langage d'opinion, interprétatif, critique et émotif »<sup>7</sup> [notre traduction] (2013, p. 50). De leur côté, Dubied et Lits attribuent à l'éditorial une prise de position qui mêle « engagement passionnel et argumentation classique » (1997, p. 52).

Précisons enfin ce que nous entendons ici par émotions (ou émotivité). Dans cet article, centré sur l'émetteur, soit ici le journaliste, nous définissons l'émotion comme un état « opérant à un niveau individuel » (Wahl-Jorgensen, 2019 : 6), physique et psychologique « qui se manifeste par un ressenti de l'individu » (Le Cam & Ruellan, 2017, p. 36). Aussi, comme le spécifie Kotišová, les émotions s'inscrivent dans un contexte culturellement et socialement déterminé qui

structure notre compréhension du monde et celles-ci façonnent les sentiments (2019, p. 2).

Quand nous parlerons d'affect, il ne sera pas utilisé comme synonyme absolu d'émotion, mais comme, selon l'explication de Massumi (2002, p. 8), un état précédant celui-ci, une sensation physique non définie ni conscientisée. Alors que l'émotion, comme le définit Wahl-Jorgensen, représente « l'interprétation relationnelle de l'affect ressenti dans les corps individuels »<sup>8</sup> [notre traduction] (2020, p. 178).

---

## TERRAIN ET MÉTHODOLOGIE

---

### Contexte radiophonique helvétique et fonctionnement des rédactions locales

Le terrain que nous avons choisi d'étudier s'inscrit dans un contexte radiophonique local foisonnant pour un pays qui ne compte que 8 millions d'habitantes. Au-delà de la RTS-radio, média public d'information supra-cantonal et détenteur historique du monopole sur la diffusion francophone, la Suisse compte une multitude de radios locales. En 2024, l'Office fédéral de la communication a attribué des concessions à 25 radios locales (OFCOM), dont quinze d'entre elles sont dites « privées »<sup>9</sup>. Elles ont la particularité d'obtenir une participation financière publique grâce à la redevance en sus de l'argent récolté par les revenus publicitaires, sous conditions notamment d'offrir un minimum de 30 minutes d'information locale par jour. Parmi ces diffuseurs, la Suisse romande compte sept radios privées locales, soit approximativement une par canton. Ces dernières font toutes partie d'un groupement appelé 7RRR ou Radios Régionales Romandes. Selon une récente étude sur le paysage radiophonique romand, ces radios 'historiques' ont la particularité de « produire la plupart des contenus journalistiques » (Robotham & Pignard-Cheyne, 2023, p. 3).

Dans cet article, cinq rédactions radiophoniques locales sur sept sont représentées au sein de l'échantillon (trois d'entre elles appartiennent au même groupe de presse). Pour des raisons d'anonymat garanti en début d'entretien, les noms des stations ne seront pas dévoilés. Toutefois, elles fonctionnent toutes sur le même principe : en une journée, quatre journaux d'information sont prévus<sup>10</sup> aux environs de 7 h, 8 h, 12 h et 18 h.

Quotidiennement, une rédaction locale de radio romande compte généralement un-e journaliste à l'édition (notamment pour la préparation des journaux), un-e journaliste de sport, le-la rédacteur-riche en chef et entre trois et quatre journalistes généralistes de terrain, selon la taille des rédactions. Ces dernier-es ont

la charge de produire, sur un jour, divers sujets locaux, comme des compte-rendu de conférence de presse<sup>11</sup>, des « tribunaux », des « sujets maisons » et plus rarement, des commentaires. Les formats sont nombreux, mais au sein des rédactions sélectionnées, les journalistes effectuent majoritairement des interviews d'actualité, avec des « sons » glanés sur le terrain. Pour couvrir certains événements, les praticien-nes réalisent également des reportages ou des papiers<sup>12</sup>. Ce format est souvent choisi pour expliquer un fait ou événement de manière plus approfondie, pour couvrir des « tribunaux » ou encore faire des commentaires.

### Choix du terrain

À l'intérieur de l'angle émotionnel de cette recherche, le terrain que nous avons choisi est particulier, notamment pour sa dimension volontairement locale, quotidienne et immédiate. Une perspective encore peu analysée, car les études sur le journalisme et les émotions se sont majoritairement focalisées sur des praticiens ayant travaillé lors de situations dramatiques comme des guerres, attentats ou encore catastrophes (Boelle & Wahl-Jorgensen, 2022 ; Glück, 2016 ; Jukes, 2020 ; Kotišová, 2020 ; Le Cam & Ruelan, 2017 ou encore Peters, 2011). La forte prégnance émotionnelle de ces contextes particuliers représente un terreau fertile à la compréhension de l'émotivité dans la pratique journalistique grâce notamment à une acceptabilité plus grande de l'expression émotionnelle en cas de crise (Chouliarki, 2008). Bien que les journalistes locaux que nous avons interrogé-es ne soient pas totalement épargné-es par ce genre de circonstances, cela reste des situations exceptionnelles. Raison pour laquelle ce terrain est utile pour saisir la dimension émotionnelle d'une pratique journalistique quotidienne.

De plus, les recherches sur le journalisme et les émotions se sont davantage focalisées sur l'analyse d'une production publiée, et ce, dans une forme davantage narrative — comme les reportages primés au Pulitzer analysés par Wahl-Jorgensen (2013) ou encore Harbers et Broersma (2014). Alors que ce genre demande le plus souvent des ressources temporelles conséquentes, notre terrain permet de s'attarder sur un journalisme caractérisé par des contraintes temporelles plus condensées. En effet, les praticien-nes de radio locale que nous avons interrogé-es s'inscrivent ainsi dans un contexte où la grande majorité des contenus demeure des sujets d'actualité, de proximité et surtout effectuée en une journée avec comme contrainte supplémentaire « une course contre la montre ».

La radio s'est en effet toujours caractérisée comme « le plus "temporel" des médias » (Tétu, 1994, p. 75). Avec plusieurs échéances par jour (les journaux de matin, midi et soir en direct), les journalistes de terrain

doivent produire dans un temps imparti leur sujet, souvent décliné entre deux et quatre angles pour chacun des journaux de la journée. Pour placer l'ensemble des thématiques locales (entre deux à cinq), nationales, internationales et sportives, les formats radios sont courts, avec des sons d'environ 30 secondes pour les interviews allant jusqu'à un maximum de trois minutes pour un « module » ou un reportage dit « magazine ».

Précisons enfin que l'étude des journalistes exerçant au sein de ce canal est encore relativement rare au sein des recherches en journalisme, qui restent davantage axées sur l'analyse de production publiée et diffusée et l'étude de praticien·nes de presse écrite, voire de journalisme télévisé. Pourtant, la radio représente, à travers ses attributs temporels, sa composante technique, vocale et son écriture particulière — langage parlé, dialogique et phrases concises —, un terrain singulier qui donne la possibilité d'offrir une autre observation sur la complexité, les paradoxes et les enjeux qui caractérisent cette profession et sa dimension émotionnelle.

## Méthode

En tant qu'élément à la fois intime et incorporé au sein de plusieurs dimensions — à cheval entre subjectivité personnelle et normes sociales — l'observation des émotions est un vrai défi : elle requiert d'obtenir un accès privilégié aux ressentis des journalistes. Difficilement tangibles et particulièrement fugaces, les émotions restent difficiles à récolter. D'ailleurs, l'ethnologue Marc Loriol remarque que les travaux qui se consacrent aux recherches sur les émotions n'abordent que très rarement les questions méthodologiques (2020).

Il est selon nous primordial qu'un certain regard soit ici mis à l'ordre du jour à travers des entretiens qualitatifs, car les émotions peuvent par ce biais « s'observer » grâce à l'empathie du chercheur et surtout par la restitution physique et dialogique de l'acteur·rice interrogé·e. Raison pour laquelle nous avons réalisé des entretiens au moyen de deux approches selon nous appropriées, car utilisées conjointement : l'entretien compréhensif de Kaufmann (2016) et la méthode des récits de vie de Bertaux (2016). La dimension compréhensive s'est notamment illustrée par une grille d'entretien flexible et évolutive, laissant une grande place aux relances ainsi qu'à la compréhension poussée des tensions internes et une certaine empathie pour les émotions exprimées par les interlocuteur·rices.

Simultanément, les relances se sont principalement focalisées sur les récits de vie ou, comme le souligne Bonnet, des « récits se rapportant à des pratiques individuelles souvent professionnelles » (2009, p. 79).

Nous nous sommes concentrées ainsi sur les actions des journalistes durant une période définie — soit ici la gestion effective et concrète de leurs émotions au sein du processus de production du sujet *émotionnel*, de l'idée de départ jusqu'à la production de celui-ci — plutôt que sur leurs perceptions. Pour Bertaux, le récit de vie est « une perspective orientée vers l'étude des réalités pratiques et matérielles, politiques et sociales, plutôt que vers des réalités discursives et symboliques » (2016, p. 15). En nous inspirant de cette méthode, nous cherchons à observer voire à décortiquer la logique interne, diachronique et pragmatique des journalistes, leur fonctionnement et leur comportement lorsque ces dernier·es sont confronté·es à leurs émotions dans un cadre professionnel qui valorise un idéal de neutralité, et de détachement affectif.

Durant ces entretiens, nous avons interrogé 14 journalistes durant 80 à 120 minutes entre 2022 et 2023, travaillant toutes et tous au sein d'une radio locale d'actualité romande et ayant à leur actif au minimum dix ans d'expérience professionnelle cumulée. Un échantillon a été sélectionné « en fonction des objectifs de l'enquête » (Raybaut, 2009, p. 221) pour permettre « d'observer plusieurs aspects d'un même phénomène chez une même personne ou un groupe » (Paillé, 2009, p. 69).

La trame de notre guide d'entretien est axée sur l'analyse de sujets journalistiques définis par les journalistes comme 'émotionnellement notables' dans le cadre de leur travail. Au sein de ces productions, nous leur avons demandé de se remémorer un à trois commentaires « marquants »<sup>13</sup>, puis de retracer du mieux possible les étapes de production et la gestion de leur émotivité durant celle-ci. Notons que le guide d'entretien s'est inspiré des résultats préliminaires issus de dix entretiens exploratoires effectués en 2021<sup>14</sup> révélant le genre du commentaire comme le plus propice à l'expression des émotions des praticien·nes.

Au total, nous avons recueilli treize récits<sup>15</sup> relatant la journée de travail pour réaliser ce commentaire tout en relançant les journalistes sur leurs actions précises, leurs choix, le temps à disposition. Surtout, nous nous sommes intéressées à l'émotion dans laquelle ils-elles se trouvaient lors de la description de ces différentes étapes de production et comment celles-ci ont modelé leur travail ou au contraire en ont été écartées.

Précisons toutefois que dans la notion de souvenir entre en jeu la question de la crédibilité, car la mémoire est souvent lacunaire et approximative comme le relate Pinson et Sala Pala (2007). De plus, cela renvoie à la notion de « reconstruction a posteriori » (Bertaux, 2016, p. 49) de la réalité — danger de « l'illusion biographique » évoqué par Bourdieu en 1986. En effet, l'écart entre la réalité vécue et la mise en récit de celle-



ci, provoquerait une restitution personnelle, signifiée, voire erronée, des faits. Pourtant, dans notre cas, les journalistes offrent un moyen d'accéder à une vérité que personne d'autre ne connaît mieux qu'elles-mêmes, celle de leurs émotions durant un moment marquant de leur carrière et de leur prégnance au sein de leur pratique. Même si cette émotivité prend la forme d'un souvenir, cela ne touche pas à « la succession, la structure diachronique des situations, événements et actions qui ont jalonné [le] parcours » (Bertaux, 2016, p. 51).

En ce qui concerne le nombre de témoignages, Friedberg souligne le pouvoir issu de leur accumulation : « (...) multiplier pareillement, dans la mesure du possible, les interviews d'acteurs qui, selon les mêmes critères, se trouvent dans des situations sinon identiques, du moins très semblables et qui devraient donc avoir une perception comparable de la réalité » (1997, p14). Nos entretiens et récits de commentaires ont été confrontés entre eux pour accéder à une forme d'intersubjectivité et ainsi obtenir une description consolidée des phénomènes observés. L'analyse comparative (Bertaux, 2016, p. 97) de ces treize *commentaires émotionnels* a permis de dégager au fil des examens une trame commune : un état affectif fort dû à une situation, une ou plusieurs émotions évoquées, une explication ainsi qu'une justification de celles-ci et la description, plus ou moins détaillée, du travail effectué<sup>16</sup>. En dégageant des catégories thématiques, leur récurrence a permis d'arriver à une « saturation progressive du modèle » (Bertaux, 2016, p. 42) et ainsi d'élaborer une logique présentée ci-dessous.

---

#### LE COMMENTAIRE, FORMAT INHABITUEL ET... ÉMOTIONNEL

---

##### Le commentaire : un format rare

Un des premiers éléments qui caractérise le commentaire en journalisme de radio locale romande est sa rareté parmi les différents genres diffusés quotidiennement. En effet, tous les journalistes interrogés (13 sur 14) déclarent ne produire qu'exceptionnellement du commentaire — un seul journaliste n'en réalise pas du tout, car la ligne éditoriale de sa rédaction n'en propose pas la diffusion.

Les raisons de cette lacune convergent vers deux grands motifs — qui nous le verrons, sont liés entre eux. La première explication se trouve dans le « risque » que représente la diffusion d'un commentaire pour les journalistes. D'abord, et comme le souligne Neveu, les journalistes, en raison de leurs relations avec les acteurs locaux, évitent souvent les commentaires critiques. Ils se concentrent plutôt sur

des reportages factuels, laissant les déclarations des acteurs locaux parler d'elles-mêmes sans ajouter de jugements ou commentaires éditoriaux (2002, p. 57-58). Aussi, ce « péril » est lié aux critiques du public et à la méfiance — toujours plus forte — à l'égard des journalistes et des médias. Une perception qui concorde d'ailleurs avec le dernier rapport mondial de *Reuters Institute* qui révèle de nouveau une confiance érodée du public envers les médias, y compris en Suisse passant de 51 % en 2021 à 42 % en 2023 (Udris & Eisenegger, 2023). L'étude dévoile également que la confiance du public envers les radios locales est plus faible que celle accordée à la presse régionale<sup>17</sup>. Des chiffres certes indicatifs, mais qui reflètent une réalité fortement intégrée dans l'esprit des journalistes interrogé-es, comme l'illustrent les citations sélectionnées ci-dessous :

*Valérie* : « Le commentaire. Est-ce un format que tu pratiques souvent ? »

*Journaliste 6* : « Souvent, non. Souvent, non. Parce que c'est un exercice risqué. Non pas risqué... Mais c'est un exercice qui n'est pas anodin, parce que là tu vas te livrer. (...) Quand tu te risques aux commentaires ou à l'édito, il y a un parti pris, qui va contenter certains, énerver d'autres ».

*Journaliste 9* : « Et puis l'exercice de donner son avis... On n'est pas habitué à ça. Et c'est casse-gueule je trouve. (...) le commentaire est devenu un exercice de plus en plus périlleux je trouve »

*Valérie* : « Qu'est-ce qu'il y a de périlleux ? »

*Journaliste 9* : « (...) Déjà quand on est objectif, on nous reproche de ne pas l'être, donc quand on le fait, c'est ultra clivant ! ».

*Journaliste 10* : « La confiance du public ? Oui, peur, parce qu'après, il y a des gens qui appellent parce qu'ils sont fâchés ou je ne sais pas quoi. Bah, il faut savoir les gérer aussi... »

Malgré l'emplacement particulier de ce genre journalistique, apte à offrir un espace relativement sécuritaire pour le-la praticien-ne grâce à l'énonciation à l'antenne et sans équivoque d'une production fondée sur l'opinion personnelle du journaliste — comme le réclame la directive 2.3 du Conseil suisse de la presse, citée plus haut —, le commentaire reste un exercice qui suscite des questionnements, des justifications internes et des évaluations. En effet, chaque journaliste interrogé-e souscrit aux attentes qui pèsent sur lui : l'allégeance à la neutralité journalistique. Une réalité observée par Pantti (2010) ou



encore Wahl-Jorgensen qui s'explique par le fait que « les médias tirent leur légitimité de leur indépendance politique, qui est souvent mise en pratique par l'adhésion à l'objectivité journalistique »<sup>18</sup> [notre traduction] (2020, p. 176). Le commentaire est ainsi perçu comme l'exact opposé des attentes normées de la profession — la subjectivité — à travers la prise de position personnelle :

*Journaliste 3* : « C'est difficile d'exposer son point de vue comme ça. On a l'habitude de la neutralité journalistique, de ne pas s'exposer. (...) Moi ça me va bien ! »

*Journaliste 14* : « (...) c'est vrai que ce n'est pas du tout une pratique que nous avons dans la rédaction [se mettre en scène], sauf si on fait un commentaire. Ou là, oui, c'est moi qui prends position sur quelque chose, mais dans un article factuel, pour moi je suis... je n'existe pas (...) »

La seconde explication de la rareté de ce format en journalisme de radio locale romande repose sur l'activité supplémentaire que demande le commentaire. Dans un environnement où le temps est perpétuellement au centre des préoccupations, la production d'un commentaire est une tâche couteuse. Ce processus amène les journalistes à sortir d'une routine bien calibrée qui mise majoritairement sur des formats plus « factuels » et donc plus habituels, reposant sur la subjectivité de l'autre, tels que les interviews, les papiers ou encore les reportages :

*Journaliste 6* : « Le commentaire ? Ça dépend aussi du temps à disposition pour le faire »

*Journaliste 10* : « Le commentaire, c'est quelque chose qui prend du temps... pas facile à faire, car on se mouille »

*Journaliste 12* : « (...) je n'adore pas faire des commentaires en fait.... Ça me prend beaucoup d'énergie »

Comme évoqué plus haut, l'élément « énergivore » de ce format est lié au coefficient risque qu'il représente. Pour remédier au danger qu'incarne le commentaire, les journalistes misent notamment sur le travail d'écriture de leurs propos :

*Journaliste 3* : « (...) j'ai envie d'avoir juste un peu de temps pour poser, trouver le bon mode, d'essayer de trouver la chute. Parce qu'un commentaire, c'est ça, c'est un début, étayer et une chute pas trop dégueulasse ».

*Valérie* : « Ce commentaire a été compliqué à faire ? »

*Journaliste 4* : « Ouai, non. Alors, l'écriture, enfin entre guillemets, la manière dont je voulais construire les choses, ça s'est fait assez rapidement. Mais le choix des termes, par contre, a été pesé, soupesé, réécrit. (...) Et puis, je ne voulais pas... je voulais éviter au maximum — bien qu'on ne peut pas tout éviter — mais dire les choses de manière franche et directe, mais éviter de donner des bâtons pour me faire battre. (...) Je ne voulais pas qu'on puisse me reprocher (...) un terme ».

*Journaliste 6* : « ça a beau être un commentaire ou un édito, qui est le seul exercice dans lequel on peut vraiment faire ressortir un point de vue personnel, il doit quand même être solide. (...) Ne serait-ce que pour sa défense future s'il venait à être attaqué. Si tu dé bites des choses fortes, construites sur un château de cartes... On va vite te le faire savoir ».

L'écriture journalistique du commentaire demande davantage de travail pour les praticien-nes. Il y a, comme dans tout discours efficace (analysé sous l'angle de la rhétorique classique) trois opérations primordiales à suivre : l'*inventio* (la recherche d'arguments) pour J3 la *dispositio* (l'agencement de ceux-ci) pour J4 et J6 et l'*elocutio* (le style, la plume) pour J4 et J6 (Lyraud, 2018, p. 139). Il s'agit ici d'un tout autre exercice que celui de rapporter les faits et de les agencer dans un ordre susceptible d'apporter une certaine compréhension à l'auditeur. Dans ce genre particulier, l'opinion du-de la journaliste est en jeu, et ce, dans un contexte de perte de confiance médiatique évoqué plus haut. La qualité argumentative de l'agencement entre faits et opinions et la justification des jugements personnels font partie des grandes préoccupations du praticien.

### L'émotion comme déclencheur du commentaire

Dans un milieu où le commentaire représente une charge de travail supplémentaire en raison du risque qu'il représente, comment se fait-il que les journalistes décident tout de même d'en réaliser un ? Au-delà de la composante « votation » qui inclut presque systématiquement l'analyse des résultats d'un vote populaire assortie d'une analyse voire d'une opinion, plus ou moins prononcée du journaliste, la décision de réaliser cette production radiophonique s'opère, selon nos résultats, à travers un élément déclencheur : l'émotion que suscite le sujet chez les journalistes.

*Journaliste 3* : « J'en ai fait deux [commentaires], pour sûr. Un c'était sur les vélos, parce que ça me gonfle. Les vélos me gonflent de manière générale, bien que je n'aie rien contre la pratique de la bicyclette. »

*Journaliste 4 sur une manifestation antivaccin durant la période du Covid-19* : « Et puis au bout d'un ou deux jours, je me suis dit : Bon, maintenant tu fais quoi ? Est-ce que tu te tais ? Et puis tu considères que ce n'est pas très grave ? Ou est-ce que tu, là, pour le coup, donne ton opinion ? Parce que j'ai trouvé ça franchement abject. »

*Journaliste 12 sur la photo officielle des membres d'un Conseil d'État* : « Ma première réaction [en voyant cette photo] était : Mouaif, mais arrête quoi ! T'as vraiment pas l'impression qu'ils cuisinent ! Est-ce qu'ils savent vraiment même cuire un œuf ? Voilà, c'était un peu le premier ressenti. Donc c'est parti de là. »

*Journaliste 13 sur volte-face d'un parti politique concernant un vote sur l'imposition fiscale* : « En plus, je devais vraiment être motivé parce que c'était à la fin d'une session du Grand Conseil qui a dû finir à 23 h. Donc, le temps que tu fasses tes interviews, que tu rentres à la radio, je pense que je l'ai écrit à 1 h du mat. Donc je devais vraiment être fâchée pour prendre encore le temps de le faire. »

Bien que nous n'ayons ici que la transcription des propos des journalistes, l'accès à l'aspect non-verbal durant les entretiens permet également de sentir la force affective que représentent certains souvenirs pour les journalistes, comme nous l'avons relevé dans nos notes de terrain. Colère (3 et 13), dégoût (4) ou encore mépris (12), voici les quelques émotions qui transparaissent le mieux dans ces citations sélectionnées. Ces dernières fonctionnent comme un déclic, un détonateur qui pousse les journalistes à surmonter les obstacles cités pour réaliser un commentaire. D'ailleurs, Bernard rappelle que les émotions sont « à l'origine étymologique du terme, *ex-movere*, mouvement vers l'extérieur » (2014, p. 7), rattaché historiquement aux notions de motivation, d'action et de réaction. Ce lien causal entre émotion et prise de décision a été établi au sein de nombreuses disciplines étudiant les affects comme les neurosciences cognitives (Damasio, 1994) ou encore la psychologie (Lerner & al. 2015 ; Frijda, 1986 ou encore Lazarus, 1991) prenant en compte la « dimension incarnée des expériences émotionnelles et la dimension subjective des perceptions » (Bernard, 2014, p. 7).

Dans une approche davantage axée sur la dimension sociale et culturelle des affects, ce rapport particulier entre émotion et action trouve un intérêt dans un des pans de la sociologie des émotions : l'étude des mouvements sociaux. Une partie de ce domaine étudie la relation entre les émotions et l'action politique des organisations grâce notamment aux recherches de

Goodwin et Jasper depuis les années 2000. Bien que leurs travaux ne se consacrent pas à l'étude détaillée du passage entre l'émotion et la prise de décision, elles abordent toutefois la notion de « choc moral », centrale dans notre réflexion : « L'une des façons d'inspirer l'activité est le choc moral, qui se produit lorsqu'un événement inattendu ou un élément d'information suscite un tel sentiment d'indignation chez une personne qu'elle devient encline à l'action politique. »<sup>19</sup> [notre traduction] (Goodwin & Jasper, 2006, p. 620).

Malgré les barrières érigées individuellement par les journalistes à la production du commentaire, l'émotion pousse à les dépasser. En tant que levier à la réalisation du commentaire, « l'émotion ressentie » comme l'expliquent Le Cam et Ruellan « est un élément moteur de l'action et de la motivation, de l'envie de s'engager, de se rendre et de retourner sur le terrain, de s'exposer publiquement ou physiquement, et d'agir concrètement, en professionnel » (2017, p. 165). Les deux chercheur-euses parlent ainsi d'« émotricité » comme d'un terme globalisant trois dimensions : « les émotions des journalistes amoureux de leur métier, les émotions qu'ils doivent domestiquer pour remplir leur mission et leurs émotions comme médiateurs entre le réel et le public » (Demers, 2019, para. 1).

Avec ce résultat, nous constatons toutefois que les émotions remplissent bien plus qu'un rôle d'instigateur à l'action ou de moteur d'une prise de décision. Dans cet écosystème professionnel journalistique, bardé de devoirs, d'injonctions et d'attentes, les émotions façonnent chez les praticien-nes interrogé-es l'agenda informatif de leur rédaction, elles mettent à l'ordre du jour un contenu peu présent dans les formats choisis, et ce malgré les craintes que celui-ci suscite. Une idée qui n'est somme toute pas nouvelle, car Wahl-Jorgensen soulignait que l'émotion était un « facteur central dans l'élaboration de l'agenda de l'information » (2016, p. 138) notamment dans les rédactions interagissant avec les réseaux sociaux. Mais ce qui nous intéresse ici, c'est l'ampleur bien plus importante que prévu de l'émotion 'personnelle' des journalistes dans l'agenda. Reste maintenant à savoir comment celle-ci peut devenir un objet légitime à l'antenne.

---

**D'UNE ÉMOTION INDIVIDUELLE À  
UNE ÉMOTION LÉGITIME (MORALE ET  
ARGUMENTÉE)**

---

L'émotion est donc un élément moteur de l'action des journalistes à produire un commentaire, et ce malgré le danger qu'il suscite. Suite à cette prise de décision et en parallèle de ce ressenti vécu, les praticien-nes opèrent en coulisse un travail de rationalisation voire

de crédibilisation de leurs émotions en réalisant deux étapes simultanées : l'articulation de l'émotion individuelle en une émotion ancrée socialement et son argumentation.

### Une émotion « morale »

Les émotions principales liées aux commentaires (11) sont décrites comme étant les suivantes : la colère (ou l'indignation) pour huit commentaires, le dégoût pour deux, le mépris pour un et la compassion pour un. Nous les avons d'abord décrites comme étant liées au système personnel, intime et psychologique des journalistes et donc qualifiées ici d'« émotions individuelles » ou, si nous reprenons les mots de Pantti et Wahl-Jorgensen, des « émotions personnelles ». Toutefois, ces deux chercheuses évoquent une autre dimension :

« Dans les sociétés contemporaines médiatisées, les médias fonctionnent comme un pont entre les émotions personnelles et publiques : par le processus de médiation, les émotions personnelles deviennent publiques, et les émotions publiques façonnent à leur tour les émotions personnelles. »<sup>20</sup> [notre traduction] (2011, p. 108).

Ce vase clos dans lequel évoluent les émotions confère à ces dernières plusieurs statuts : personnelles et publiques. Deux perspectives qui se traduisent en coulisse par l'articulation entre une dimension personnelle et l'autre sociale, une position individuelle et anonymisée et celle de citoyen indigné face à un système :

*Journaliste 3* : « Et puis une fois, c'était un commentaire sur une votation sur les armes (...). Et c'est le vote des femmes qui avait basculé, sur le fait qu'ont peu garder les armes à la maison. (...) Et c'est vrai que sur le moment, je me suis dit : Rah, mais ça, ça me gonfle, ce vote des femmes qui fait basculer la balance ! . Dans le sens où je n'avais pas envie que ça arrive, en tant que citoyenne ».

*Journaliste 9* : « C'est peut-être le commentaire où je suis allée le plus loin dans mon ressenti personnel. Et là, ce n'est plus juste un sentiment, c'est une émotion de colère face à une étude qui ne te laisse pas le choix d'être Suisse ou non ! (...) J'ai l'impression qu'il y a, dans ce sentiment d'appartenance nationale ou de fierté, une source de beaucoup de problèmes de société. »

*Journaliste 13 sur volte-face d'un parti politique concernant un vote sur l'imposition fiscale* : « Ils

prennent le risque de foutre en l'air douze mois de travail pour que simplement que la classe moyenne supérieure économise seulement douze balles par mois [pour ses impôts] ! Putain fait chier ! »

*Journaliste 14* : « Là on se dit qu'il y a des fois où on se fiche des gens ! (...) Là, on a risqué gros avec cette votation, tout ça juste par pur égoïsme des Vert'libéraux qui voulaient se mettre en avant dans ce dossier... »

Nous constatons dans ces cas que les journalistes éprouvent à la fois des émotions individuelles *et* des émotions ayant une dimension publique et que nous qualifierons ici de « morales ». Un terme que nous empruntons à Turner et Stets, car, selon eux, elles « relie une personne à la structure sociale »<sup>21</sup> [notre traduction] (2007, p. 548), reposent sur le caractère normatif d'un fait ou d'un événement et sont évaluées grâce aux jugements de valeur provenant de codes culturels (Turner & Stets, 2007, p. 546). En somme, comme le résume Goodwin et Jasper « la moralité réside (...) dans les émotions d'approbation ou de désapprobation »<sup>22</sup> [notre traduction] (2007, p. 621). Ces citations en font l'exemple :

*Journaliste 3* : « Il y a un passage piéton juste devant le travail et les gens ne descendent pas de leurs vélos pour traverser... Et tu te dis : Mais moi, on me l'a appris à l'école enfantine. Peut-être que je suis trop dans les règles, mais en même temps, je trouve que c'est important pour le vivre ensemble d'avoir ces règles. Et puis là, tu vois des connards qui traversent sur un passage piéton alors bondé et tu dois te pousser... ça me gonfle ! »

*Journaliste 4 sur une manifestation antivaccin durant la période du Covid-19* : « Je me suis retrouvé là et ce que j'ai vu était hallucinant. Hallucinant. C'était Berlin dans les années 30. J'ai eu cette impression-là dès le début, avec un type qui éructait des insanités au micro, des bêtises, des idioties. (...) Ils ont fait des comparaisons — qu'on a entendu — avec l'apartheid, avec la Shoah. Moi j'ai trouvé ça insupportable, ça m'a révolté. »

*Journaliste 6* : « C'était au tout début de la crise du Covid. (...) Un cluster venait de l'Église de la porte ouverte à Mulhouse. (...) Ils [les chrétiens] ont été vilipendés dans de nombreux médias pour s'être réunis. (...) J'ai vu des choses extrêmement lourdes comme quoi il fallait les interdire, il fallait presque les enfermer. Et puis, je me suis souvenu que dans l'histoire de l'Europe, beaucoup de maladies ont été attribuées

aux juifs pendant certaines périodes. Et là je me suis dit : ça, je ne le laisse pas passer quoi ! La dérive est trop forte ! »

Colère et dégoût : voici les émotions citées voir suggérées par les citations ci-dessus. Turner et Stets considèrent ces émotions comme « des réactions aux violations morales des autres »<sup>23</sup> [notre traduction] (2007, p. 553). Résumant les travaux de Rozin et al. (2000), Turner et Stets définissent le dégoût moral (vécu par J4) comme la manifestation d'une révolte face à des personnes ayant commis des offenses morales (par exemple : abus, assassinat). En ce qui concerne la colère, Averill considère qu'elle survient lorsqu'une faute grave et non justifiable provoque un sentiment d'injustice (1982, 1993). Ahmed considère même qu'émotion et sentiment d'injustice sont viscéralement liés dans nos sociétés (2014). Wahl-Jorgensen souligne également la dimension supra individuelle en résumant le travail de Holmes (2004), « la colère est reconnue dans la théorie sociale comme une réaction à l'injustice et, par conséquent, se trouve être intrinsèquement relationnelle »<sup>24</sup> [notre traduction] (Wahl-Jorgensen, 2019, p. 90).

Pour Nussbaum, la colère est légitime si elle appelle au « changement social » (2016) et non si celle-ci sollicite des comportements selon elle, « irrationnels » (Nussbaum, 2016, p. 6) et ne dépassant pas le stade individuel, comme la vengeance. Elle nomme cet état acceptable « colère de transition »,<sup>25</sup> car elle permet d'évoluer, de transiter et de motiver l'humain à vivre vers une meilleure société (2016, p. 212). Ces définitions dépassent toutes les ressentis individuels pour s'intégrer vers une perspective ancrée dans une évaluation morale de la société. La colère, très présente dans nos analyses, fait partie des émotions plus largement évoquées dans les discours publics (politiques, militants) et donc les plus communément admises dans les médias (Wahl-Jorgensen, 2019, p. 11).

En somme, la colère est légitime et appropriée dans l'espace médiatique, mais sous conditions. En effet, celle-ci doit être intégrée dans un cadre explicatif, « [pour communiquer] au monde entier la nature [des] griefs »<sup>26</sup> (Nussbaum, 2016, p. 11), et ainsi devenir sociale, politique et légitime sinon, elle sera considérée comme incontrôlable, violente et non-fondée. Il s'agit selon nous de ce type d'émotions « morales » qui a été engagé par les journalistes interrogé-es, à travers l'articulation entre une colère individuelle et une colère légitimée par sa nature morale, son cadre argumentatif et sa contextualisation ; devenant ainsi un produit intrinsèquement public. Dans l'étude des mouvements sociaux, dont le discours émotionnel est également construit pour devenir public, Goodwin et Jasper attribuent aux militant-es un « travail rhé-

torique capable de transformer la matière première émotionnelle en objectifs spécifiques (...) »<sup>27</sup> (2007, p. 620). Même chose du côté de la profession qui nous intéresse : « la colère médiatique est *construite discursivement* à travers la narration journalistique »<sup>28</sup> (Wahl-Jorgensen, 2019, p. 93). À cette émotion dite « morale » se greffe une construction argumentative de celle-ci, comme objet à part entière de persuasion et non comme un simple soutien à l'opinion.

### Une émotion argumentée

Durant les entretiens, les journalistes ont narré le souvenir des émotions vécues, mais nous constatons également qu'ils les ont argumentées. Bertaux soutient que dans l'existence de tout récit, l'acteur interrogé raconte, décrit, explique et... argumente « pour justifier ses décisions et ses actes » (2016, p. 92). Comme expliqué plus haut, nous reconnaissons les critiques de cette méthode quant à la reconstruction de la réalité opérée ici par un filtre orienté par nos relances. Néanmoins, nous constatons ici la force de ces récits induite par une pratique compréhensive de l'entretien : « la saisie du sens des situations par les acteurs ne se fait pas seulement dans le temps et l'espace immédiats des pratiques ; elle se fait aussi après, à travers des commentaires et du recul sur les pratiques, que l'entretien lui-même peut (...) susciter » (Pinson & Sala Pala, 2007, p. 588). En effet, le récit que racontent les journalistes interrogé-es leur offre ainsi une opportunité de se remémorer des ressentis et des décisions qu'ils-elles n'ont jamais eu l'occasion de décortiquer. Un moyen d'expliquer en détails les étapes d'un cheminement à la fois instinctif et mécanique opéré de manière tacite.

Ainsi, les praticien·nes ont décrit les expériences et ressentis (Fiehler, 2002, p. 87) déclencheuses de la production d'un commentaire, mais également, dans un élan naturel, ont expliqué et justifié le *pourquoi* et le *comment* de leurs émotions. C'est ce que Plantin appelle « La raison des émotions » : « Pour quelles raisons se mettre dans cet état [de colère] ? » (2010, p. 234). En voici l'un des motifs :

*Journaliste 3* : « Il y a un passage piéton juste devant le travail et les gens ne descendent pas de leurs vélos pour traverser... Et tu te dis : Mais moi, on me l'a appris à l'école enfantine. Peut-être que je suis trop dans les règles, mais en même temps, je trouve que c'est important pour le vivre ensemble d'avoir ces règles. Et puis là, tu vois des connards qui traversent sur un passage piéton alors bondé et tu dois te pousser... ça me gonfle ! »

*Journaliste 4 sur une manifestation antivaccin durant la période du Covid-19* : « Je me suis retrouvé là et ce que j'ai vu était hallucinant. Hallucinant. C'était Berlin dans les années 30.



J'ai eu cette impression-là dès le début, avec un type qui éruçait des insanités au micro, des bêtises, des idioties. (...) Ils ont fait des comparaisons — qu'on a entendu — avec l'apartheid, avec la Shoah. Moi j'ai trouvé ça insupportable, ça m'a révolté. »

*Journaliste 6* : « C'était au tout début de la crise du Covid. (...) Un cluster venait de l'Église de la porte ouverte à Mulhouse. (...) Ils [les chrétiens] ont été vilipendés dans de nombreux médias pour s'être réunis. (...) J'ai vu des choses extrêmement lourdes comme quoi il fallait les interdire, il fallait presque les enfermer. Et puis, je me suis souvenu que dans l'histoire de l'Europe, beaucoup de maladies ont été attribuées aux juifs pendant certaines périodes. Et là je me suis dit : ça, je ne le laisse pas passer quoi ! La dérive est trop forte ! ».

Ces trois citations ont en commun la colère comme émotion principale ayant déclenché l'envie de produire un commentaire : elle a été « étiquetée verbalement » (Fiehler, 2002, p. 87), ou encore « dite » (Micheli, 2014, p. 21) dans le premier et second extrait (J3 et J4). Dans le troisième (J6), l'émotion a été « montrée » (Micheli, 2014, p. 26) à travers les indices notamment donnés par les deux dernières phrases : « je ne laisse pas passer », car « il y a dérive ». Les journalistes ont toutes et tous plus ou moins manifesté verbalement de manière explicite ou non, l'émotion ressentie.

Ces trois extraits soulignent également la justification de la colère : « je suis en colère, car je respecte les règles et pas les autres » pour J3 ; « je suis en colère, car les manifestants opèrent des analogies non-fondées avec le nazisme ou l'apartheid » pour J4 ; « je suis en colère, car ces événements rappellent l'horreur du fascisme » pour J6. Aussi, nous observons que ce sentiment est à la fois induit et justifiable à travers une autre émotion dont la causalité légitime la colère. Pour J3, le sentiment d'injustice est l'émotion qui explique la colère. En ce qui concerne J4, la stupeur liée à la bêtise des propos et enfin J6, la tristesse ou le dégoût des critiques réalisées à l'encontre des chrétiens.

Ces citations illustrent l'usage des émotions des journalistes comme l'origine ou encore le sujet principal de l'argumentation. Les émotions sont ici « argumentées » (...) « dans le sens où l'émotion devient l'objet même de l'argumentation » et pas seulement « un adjuvant à l'argumentation » (Hekmat & al., 2013, p. 7). Aussi, la justification de l'émotion passe par l'authenticité qui lui est accordée. En effet, les journalistes ont pris quelques dispositions narratives pour raconter leur vécu émotionnel à travers une attache personnelle :

*Journaliste 6* : « (...) j'étais émotionnellement touché parce que je viens d'une communauté chrétienne. Mais je regarde les faits quand je fais ça. »

*Journaliste 9* : « ... je suis assez prompt à reconnaître mon incompetence pour parler d'un truc. (...) Alors que sur le sujet de l'appartenance nationale, du fait que moi-même je sois Suisse, je sais que mon sentiment est valable. »

*Journaliste 13 sur la volte-face d'un parti politique concernant un vote sur l'imposition fiscale* : « On prend le risque de faire capoter un budget pour une économie de merde ! Moi, personnellement, avec un salaire moyen supérieur, je vais économiser douze francs par mois, seulement 140 balles par année ! »

Les journalistes affermissent ainsi leur discours émotionnel grâce à leurs propres expériences permettant de mettre en lumière la perception de l'absurdité d'un fait (J3 et J13) et la justification des ressentis personnels (J6 et J9) à travers leur individualité. Pour Baldauf-Quilliatre, le locuteur « s'attribue par cette expérience une certaine compétence pour juger, en tant que personne concernée qui subit les conséquences » (2013, p. 48). L'émotion individuelle gagne ainsi en authenticité et en légitimité. Aussi, celles-ci se justifient grâce à des indices personnels — « personne qui aime l'histoire » ; « je viens d'une communauté chrétienne » ; « du fait que je sois moi-même Suisse » ; « Moi personnellement, avec un salaire moyen supérieur ». Ces quelques références personnelles permettent de saisir le processus interne d'évaluation normative à la source du ressenti vécu. Plantin précise que « l'émotion n'est compréhensible (*accountable*) que dans la mesure où ses antécédents sont rapportés — en d'autres termes, dans la mesure où elle est argumentée » (2010, p. 234).

Ainsi, nous attribuons à l'émotion le qualificatif d'objet qui s'argumente, au même titre qu'une opinion raisonnée. Ce statut confère à l'émotion une légitimité discursive qui écarte ainsi les notions qui lui ont été historiquement attribuées, synonymes de passion incontrôlable et d'éléments perturbateurs du raisonnement.

---

## CONCLUSION

---

En somme, nous constatons dans notre travail que les commentaires sont générés par des émotions individuelles et fonctionnent comme une « soupape » légitime, un moyen d'expulser, au-delà des murs de la rédaction, un excès d'affects. Ce genre fait ainsi office d'exutoire aux ressentis vécus. Néanmoins, l'écologie professionnelle



dans laquelle évoluent les journalistes et l'allégeance à un idéal d'objectivité les poussent à réaliser à un travail coûteux (en temps, en efforts, en concessions, en intense réflexion, en « masquage » de l'émotionnel par l'argumentatif) de neutralisation des émotions pour les rendre socialement, médiatiquement et discursivement acceptables, y compris au sein d'un genre qui autorise l'expression des sentiments personnels. La présence simultanée d'une émotion individuelle et d'une émotion morale incorporée à une structure sociale ainsi que l'argumentation de celle-ci à travers un processus de mise en scène, de mise en contexte et de justification permettent d'obtenir une forme polic(ss)ée et retravaillée apte à les rendre discursivement et médiatiquement acceptables. Cette discipline émotionnelle, cette domestication de l'émotion illustre le concept de travail émotionnel des journalistes théorisé par Hochschild (1983). Nos résultats révèlent ainsi un « jeu d'équilibriste » instinctif effectué par les praticiens qui gèrent, contrôlent, modèrent leurs émotions pour correspondre aux attentes de la profession et maintenir leur crédibilité publique. Il y a même un travail en profondeur des journalistes pour devenir professionnellement légitimes : les praticiens façonnent, avant le processus de production, leurs émotions afin de se convaincre et se légitimer 'personnellement' de la validité morale et argumentative de leurs ressentis. Déjà en coulisses, les journalistes construisent discursivement et médiatiquement leurs émotions.

Notons que nous sommes effectivement conscientes que cet article n'explore qu'une partie du rôle et des effets déclencheurs de l'émotion dans la pratique quotidienne, et ce au sein d'un genre particulier. Pour continuer dans cette dynamique, il reste maintenant à savoir si la traduction de ces émotions individuelles en produit médiatique en coulisse correspond au résultat finalement diffusé. Ce travail de comparaison permettra de comprendre davan-

tage ce mécanisme de discipline émotionnelle stricte élaborée par les journalistes au sein du commentaire et d'autres genres à priori moins enclin à accepter l'expression des émotions. Cependant, il est possible d'aller plus loin. Qu'en est-il de ce déclic émotionnel au sein des autres genres journalistiques davantage considérés comme neutres ? À quelles étapes du processus de production et comment ce détonateur affectif fonctionne à l'intérieur de ces formats ? Existe-t-il des résultats similaires avec les autres médiums ? Et à un niveau plus large, dans quelle mesure les émotions façonnent-elles l'agenda informationnel et remettent-elles en question les normes journalistiques ? Enfin, comment les émotions des journalistes sont-elles perçues par le public ? Voici donc quelques pistes à explorer au sein du champ du journalisme et des émotions encore trop sous-étudié.

Pourtant, ce champ mérite que nous nous y attardions, car comprendre le rôle des émotions permet de se rapprocher du réel, comme le souligne Soares : « En décortiquant chaque geste, chaque mouvement des travailleuses et travailleurs, comme s'ils étaient des robots, on simplifie excessivement la complexité et l'hétérogénéité du travail. » (2003, p. 10). Il serait effectivement biaisé de sous-entendre que les journalistes n'ont pas de ressentis et encore moins, que les émotions n'ont pas d'influence sur leur travail en coulisse.

---

*Soumis : 30/05/2023*  
*Accepté : 12/06/2024*

## NOTES

<sup>1</sup> “(...) competing tensions” (...)” virtually hard-wired notion of what it is to be a professional journalist and, on the other hand, a visceral, empathic often instinctive affective dimension of practice”.

<sup>2</sup> Le “emotional turn” ou tournant émotionnel a, selon Wahl-Jorgensen (2020) évolué en tandem avec l’évolution du numérique et des médias sociaux qui ont favorisé de nouvelles formes d’expressions plus émotionnelles dans l’espace public.

<sup>3</sup> “If pure objectivity was recognized to be impossible, it was still the ideal to embody as far as possible”

<sup>4</sup> “(...) emotionality typically represents a decline in the standards of journalism and a deviance from journalism’s proper role.”

<sup>5</sup> Le Conseil Suisse de la presse: <https://presserat.ch/fr/code-de-deontologie-des-journalistes/richtlinien/>

<sup>6</sup> “(...) they are the only place in the paper where journalists are authorized to express opinion”

<sup>7</sup> “Editorials use opinionated, interpretive, critical and emotive language”

<sup>8</sup> “emotion as the relational interpretation of affect experienced in individual bodies”

<sup>9</sup> Les dix autres radios locales sont associatives et ne font pas parties de notre recherche.

<sup>10</sup> S’ajoute à ces rendez-vous informatifs, les « flashs infos » diffusés toutes les heures.

<sup>11</sup> Ou encore des comptes-rendus de conseils communaux ou cantonaux.

<sup>12</sup> Les papiers ont la particularité d’être réalisés principalement avec la voix des journalistes mais peuvent être enrobés d’un ou plusieurs sons.

<sup>13</sup> Pour des questions de temps d’entretien (entre 80 et 120 minutes) il était difficile d’aller au-delà de la description de trois sujets « émotionnellement marquants ».

<sup>14</sup> Ces entretiens exploratoires ont été effectués avec des journalistes suisses de presse écrite, télévision, web et radio.

<sup>15</sup> Parmi les 14 journalistes, trois d’entre eux n’ont pas évoqué le souvenir d’un commentaire marquant : la ligne éditoriale d’une des rédactions n’en demande pas pour un des journalistes interrogés, quant aux deux autres, ils n’ont pas focalisé leur récit sur des com-

mentaires. Toutefois, parmi les 11 journalistes évoquant le souvenir de commentaires marquants, deux journalistes ont détaillé deux commentaires chacun.

<sup>16</sup> Huit commentaires ont été particulièrement bien détaillés et leur version diffusée ont été retrouvée ainsi qu’écoulée et questionnée durant un second entretien effectué en 2023.

<sup>17</sup> La presse régionale atteint un niveau de confiance de 67%, contre 52% pour les télévisions locales et 50% pour les radios locales, selon le dernier rapport du Reuters Institute (2023).

<sup>18</sup> “Media derive their legitimacy from their political independence which is frequently put into practice through adherence to journalistic objectivity”

<sup>19</sup> “One way they inspire activity is through moral shocks, which occur when an unexpected event or piece of information raises such a sense of outrage in a person that he or she becomes inclined toward political action”

<sup>20</sup> “In contemporary mediated societies, media also work as a bridge between personal and public emotions: Through the process of mediation, personal emotions become public, and public emotions in turn shape personal emotions”

<sup>21</sup> “Moral emotions connect a person to social structure and culture through self-awareness”

<sup>22</sup> “(...) morality resides as much or more in emotions of approval and disapproval”

<sup>23</sup> “(...) moral violations of others”

<sup>24</sup> “Anger is recognized in social theory as a reaction to injustice, and therefore in social theory as a reaction to injustice, and therefore inherently relational”

<sup>25</sup> “Transition-Anger”

<sup>26</sup> “(...) to communicate to the wider world the nature of their grievances”

<sup>27</sup> “Political activists do extensive rhetorical work to transform emotional raw materials into specific beliefs and suggestions for action (...). (...) Activists work hard to create moral outrage and anger and to suggest targets against which these can be vented”

<sup>28</sup> “(...) mediated anger is *discursively constructed* through the narratives of journalists”



## RÉFÉRENCES

- Agnès, Y. (2008). *Manuel de journalisme : Écrire pour le journal* (Nouv. éd.). La Découverte.
- Ahmed, S. (2014). *Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh University Press
- Averill, J. R. (1982). *Anger and Aggression: An Essay on Emotion*. Springer-Verlag
- Averill, J. R. (1993). Illusions of anger. In Felson, R. B. (dir.) *Aggression and Violence: Social Interactionist Perspectives* (pp. 57–68). American Psychological Association.
- Baldauf-Quilliatre H. (2013). L'émotionnalité au service de l'argumentation sur le répondeur de l'émission *Là-bas, si j'y suis*. Dans R. Micheli, I. Hekmat & A. Rabatel. *Les émotions argumentées dans les médias*. 4(1) (pp. 45–58). EME Editions.
- Bernard, J. (2014). Une histoire de la sociologie des émotions ? Dans F. Fernandez, S. Leze & H. Marche. *Les émotions : Une approche de la vie sociale*. (pp. 7–29). Archives contemporaines.
- Bertaux, D. (2016). *Le récit de vie*. (4e ed). Armand Colin. <https://www.cairn.info/le-recit-de-vie--9782200601614.htm>
- Boelle, J., & Wahl-Jorgensen, K. (2022). Emotionality in the Television Coverage of Airplane Disasters. *Journalism Practice*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/17512786.2022.2085618>
- Bonnet J. (2009). Ethnobiographie. Dans A. Muchielli. *Dictionnaire des méthodes qualitatives en recherches humaines*. (pp. 78–81) (3e ed.) Armand Colin
- Cabasino, F. (2004). Les attentats du 11 septembre. Émotion et raison dans la presse en France et en Italie. *Mots. Les langages du politique*, 75. <https://doi.org/10.4000/mots.3003>
- Charaudeau, P. (2011). *Les médias et l'information* (2nd ed.) De Boeck Supérieur. <https://www.cairn.info/les-medias-et-l-information--9782804166113-p-145.htm>
- Chouliaraki, L. (2008). The mediation of suffering and the vision of a cosmopolitan public. *Television & New Media*, 9, 371–391. <https://doi.org/10.1177/1527476408315496>
- Damasio, A. R. (2006). *L'erreur de Descartes : La raison des émotions*. O. Jacob.
- Demers, F. (2019). Florence Le Cam et Denis Ruellan (2017), Émotion de journalistes : Sel et sens du métier. *Communication. Information médias théories pratiques*, 36 (1) <https://doi.org/10.4000/communication.9341>
- Dubied, A., & Lits, M. (1997). L'éditorial : Genre journalistique ou position discursive ? *Pratiques*, 94(1), 49-61. <https://doi.org/10.3406/prati.1997.1803>
- Fiehler, R. (2002). How to Do Emotions With Words: Emotionality in Conversations. Dans S. R. Fussell. *The Verbal Communication of Emotions* (pp. 79–106). Psychology Press.
- Friedberg E. (1997). *Le pouvoir et la règle, Dynamiques de l'action organisée*. Seuil
- Frijda, N. H. (1986). *The Emotions*. Cambridge University Press.
- Gauthier, G. (1991). La mise en cause de l'objectivité journalistique. *Communication. Information Médias Théories*, 12(2), 80–115. <https://doi.org/10.3406/comin.1991.1541>
- Gauthier, G. (2006). La prise de position éditoriale. *Communication. Information médias théories pratiques*, 25(1). <https://doi.org/10.4000/communication.1647>
- Goodwin, J., & Jasper, J. M. (2006). Emotions and Social Movements. Dans J. E. Stets & J. H. Turner (Éds.), *Handbook of the Sociology of Emotions* (pp. 611–635). Springer US. [https://doi.org/10.1007/978-0-387-30715-2\\_27](https://doi.org/10.1007/978-0-387-30715-2_27)
- Harbers, F., & Broersma, M. (2014). Between engagement and ironic ambiguity: Mediating subjectivity in narrative journalism. *Journalism*, 15, 639–654. <https://doi.org/10.1177/1464884914523236>
- Hekmat, I., Micheli, R., & Rabatel, A. (2013). L'émotion argumentée autour des identités dans les genres médiatiques. Dans R. Micheli, I. Hekmat & A. Rabatel. *Les émotions argumentées dans les médias*. 4(1) (pp. 7-18). EME Editions
- Hochschild, A. R. (1983). *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. University of California Press
- Holmes, M. (2004). Introduction: The Importance of Being Angry: Anger in Political Life. *European Journal of Social Theory*, 7(2), 123–132. <https://doi.org/10.1177/1368431004041747>
- Hopper, K. M., & Huxford, J. E. (2015). Gathering emotion: Examining newspaper journalists' engagement in emotional labour. *Journal of Media Practice*, 16(1), 25–41. <https://doi.org/10.1080/14682753.2015.1015799>
- Jufer, N., & Herman, T. (2001). « L'éditorial, "Vitrine idéologique du journal" ? », *Semen*, 13, 149-161. <https://doi.org/10.4000/semen.2610>
- Jukes, S. (2020). *Journalism and Emotion*. SAGE
- Kaufmann, J. (2016). *L'entretien compréhensif*. Armand Colin.
- Koren, R. (2004). Argumentation, enjeux et pratique de l'« engagement neutre » : Le cas de l'écriture de presse. *Semen*, 17, 19-40 <https://doi.org/10.4000/semen.2308>
- Kotišová, J. (2020). When the crisis comes home: Emotions, professionalism, and reporting on 22 March in Belgian journalists' narratives. *Journalism*, 21(11), 1710–1726. <https://doi.org/10.1177/1464884917748519>
- Kotišová, J. (2019). The elephant in the newsroom: Current research on journalism and emotion. *Sociology Compass*, 13(5), e12677. <https://doi.org/10.1111/soc4.12677>
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. Oxford University Press.
- Le Cam, F. & Ruellan, D. (2017). *Émotions de journalistes : Sel et sens du métier*. Presses universitaires de Grenoble. [http://data.rero.ch/01-R008734959/html?view=NJ\\_V1](http://data.rero.ch/01-R008734959/html?view=NJ_V1)
- Le Conseil suisse de la presse. (2024, 1<sup>er</sup> octobre). *Directives relatives à la « Déclaration des devoirs et des droits du/de la journaliste »*. Le Conseil suisse de la presse <https://presse-rat.ch/fr/journalistenkodex/richtlinien/>
- Lerner, J. S., Li, Y., Valdesolo, P., & Kassam, K. S. (2015). Emotion and Decision Making. *Annual Review of Psychology*, 66(1), 799–823. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115043>

- Loriol M. (2020). L'apport des méthodes ethnographiques pour enquêter sur la gestion collective des émotions au travail. L'exemple de la coloration affective des situations chez les policiers et les diplomates. *Recherches qualitatives* 39 (2), 37–58. <https://doi.org/10.7202/1073508ar>
- Lyraud, P. (2018). Chapitre 18. L'analyse rhétorique. Dans P. Lyraud, *L'explication de texte littéraire à l'oral* (pp. 137–144). Armand Colin.
- Micheli, R. (2014). *Les émotions dans les discours : Modèle d'analyse, perspectives empiriques*. De Boeck Supérieur. <https://doi.org/10.3917/dbu.mchel.2014.01>
- Muhlmann, G. (2007). *Une histoire politique du journalisme. XIXe-XXe siècle*. Points.
- Neveu, E. (2002). The Local Press and Farmers' Protests in Brittany: Proximity and distance in the local newspaper coverage of a social movement. *Journalism Studies*, 3(1), 53–67. <https://doi.org/10.1080/14616700120107338>
- Neveu, É. (2019). *Sociologie du journalisme*. La Découverte.
- Nussbaum, M. C. (2016). *Anger and Forgiveness: Resentment, Generosity, Justice*. Oxford University Press.
- OFCOM (2024, 11 janvier). *Nouvelle concession pour 38 radios locales et télévisions régionales*. L'OFCOM. <https://www.bakom.admin.ch/bakom/fr/page-daccueil/l-ofcom/informations-de-l-ofcom/communiqués-de-presse.msg-id-99649.html>
- Paillé P. (2009). Échantillonnage théorique. Dans A. Muchielli, *Dictionnaire des méthodes qualitatives en recherches humaines*. (pp. 69–70). (3e ed.). Armand Colin.
- Pantti, M. (2010). The value of emotion: An examination of television journalists' notions on emotionality. *European Journal of Communication*, 25(2), 168–181. <https://doi.org/10.1177/0267323110363653>
- Pantti, M., & Wahl-Jorgensen, K. (2011). 'Not an act of God': Anger and citizenship in press coverage of British man-made disasters. *Media, Culture & Society*, 33, 105–122. <https://doi.org/10.1177/0163443710385503>
- Pinson, G. & Sala Pala, V. (2007). Peut-on vraiment se passer de l'entretien en sociologie de l'action publique ? *Revue française de science politique*, 5 (5), 555–597. <https://doi.org/10.3917/rfsp.575.0555>
- Plantin, C. (2011). *Les bonnes raisons des émotions*. Peter Lang.
- Raybaut, P. (2009). Récits de vie (méthode de). Dans A. Muchielli. *Dictionnaire des méthodes qualitatives en recherches humaines*. (pp. 220–225). (3e ed.). Armand Colin.
- Udris, L., & Eisenegger, M. (2023, 14 juin). *Switzerland | Reuters Institute for the Study of Journalism*. Reuters Institute. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/switzerland>
- Richards, B., & Rees, G. (2011). The management of emotion in British journalism. *Media, Culture & Society*, 33(6), 851–867. <https://doi.org/10.1177/0163443711411005>
- Robotham & Pignard-Cheynel (2023). Évolution du paysage radiophonique romand, 1983-2023. <https://www.unine.ch/ajm/etude-radio>
- Rozin, P., Haid J.t, & McCauley, C. R. (2000). Disgust. Dans M. Lewis & J. M. Haviland-Jones, *Handbook of Emotions*, M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (pp. 637–653) Guilford.
- Tétu, J.-F. (1994). La radio, et la maîtrise du temps. *Études de communication*, 15, 75–89. <https://doi.org/10.4000/edc.2684>
- Tétu, J.-F. (2004). L'émotion dans les médias : Dispositifs, formes et figures. *Mots. Les langages du politique*, 75. <https://doi.org/10.4000/mots.2843>
- Tuchman, G. (1972). Objectivity as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity. *American Journal of Sociology*. <https://doi.org/10.1086/225193>
- Schmidt, T. R. (2021). 'It's OK to feel': The emotionality norm and its evolution in U.S. print journalism. *Journalism*, 22(5), 1173–1189. <https://doi.org/10.1177/1464884920985722>
- Soares, A. (2003). Les émotions dans le travail. *Travailler*, 9 (1), 9–18. <https://doi.org/10.3917/trav.009.0009>
- Stets, J. E., & Turner, J. H. (2007). *Handbook of the Sociology of Emotions*. Springer Science & Business Media.
- Wahl-Jorgensen, K. (2008). Op-ed pages. Dans B. Franklin (dir.), *Pulling Newspapers Apart: Analysing Print Journalism* (pp. 114–127). Routledge.
- Wahl-Jorgensen, K. (2013). The strategic ritual of emotionality: A case study of Pulitzer Prize-winning articles. *Journalism*, 14(1), 129–145. <https://doi.org/10.1177/1464884912448918>
- Wahl-Jorgensen, K. (2019). *Emotions, Media and Politics*. John Wiley & Sons.
- Wahl-Jorgensen, K. (2020). An Emotional Turn in Journalism Studies? *Digital Journalism*, 8(2), 175–194. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1697626>



**Valérie Manasterski - Les émotions au sein du commentaire journalistique : de l'exutoire à la discipline de neutralisation**

**Emotions in Commentary Journalism: from Venting to exercising Impartiality**

**As emoções no comentário jornalístico: do desabafo à disciplina de neutralização**

**Las emociones en el comentario periodístico: del desahogo a la disciplina de neutralización**

**Fr.** Cet article analyse la place des émotions dans le commentaire journalistique, un des rares formats où les journalistes peuvent exprimer leurs émotions personnelles. Basé sur des récits de pratiques recueillis lors d'entretiens qualitatifs auprès de journalistes de radio locale en Suisse romande, l'article explore comment les émotions déclenchent, mais aussi freinent le processus de production d'un commentaire. Ce format, rare et coûteux en termes de temps et de ressources, est peu utilisé, en partie à cause de la méfiance croissante du public envers les journalistes. Bien que le commentaire permette une expression plus personnalisée, les journalistes doivent neutraliser leurs ressentis pour qu'ils soient perçus comme légitimes d'un point de vue journalistique. Cette discipline de neutralisation consiste à rendre les émotions plus globalisantes et socialement acceptables. Elle ne se limite pas à l'écriture, mais intervient dès l'idée même de réaliser un commentaire, où les émotions personnelles sont façonnées en émotions « morales » et « argumentées ». Ce processus permet d'assurer que le commentaire s'aligne avec les attentes professionnelles de la neutralité et du détachement. En examinant cette discipline, cet article contribue à la compréhension du « tournant émotionnel » en journalisme et met en lumière la tension entre la nécessité personnelle d'exprimer des ressentis et les impératifs de produire un discours réfléchi et stratégiquement élaboré, conforme aux normes professionnelles. Cette étude offre une vision approfondie du commentaire en tant qu'espace paradoxal où l'expression des émotions personnelles est autorisée mais doit être travaillée pour rester compatible avec la légitimité journalistique.

**Mots-clés :** émotions ; subjectivité ; neutralité ; légitimité journalistique ; Suisse romande

**En.** This article examines emotions and their place in commentary journalism; one of the few formats in which journalists can express their personal feelings. Based on accounts collected from qualitative interviews with local radio broadcasters in the French-speaking region of Switzerland, this article explores how emotions can generate and hinder the process of writing a commentary. This format, rare and expensive in terms of time and resources, is not often used, partly due to the public's growing distrust of journalists. While these types of comments allow for more personal expressions, journalists must exercise impartiality so they are seen as legitimate in the eyes of journalism. This impartial, or neutral, position involves making emotions more globalized and socially acceptable. And it's not limited to newsrooms; it comes from the very idea of writing a comment, when personal feelings are shaped into "moral" and "argumentative" emotions. This helps ensure that the commentary meets the professional expectations of impartiality and distance. This article examines this subject in order to better understand the "emotional switch" in journalism between the personal need to express feelings and the obligation to produce a thoughtful and well-developed discourse that follows professional norms. This study presents an in-depth perspective on commentary, a paradoxical space that authorizes one to express emotions even though this expression must meet journalistic legitimacy.

**Key Words:** emotions; subjectivity; neutrality; journalistic legitimacy; Francophone Switzerland

**Pt.** Este artigo analisa o lugar das emoções nos comentários jornalísticos, um dos poucos formatos em que os jornalistas podem expressar suas emoções pessoais. A partir de relatos de práticas coletados em entrevistas qualitativas com radialistas locais na Suíça francófona, explora-se como as emoções tanto desencadeiam quanto dificultam o processo de produção de comentários. Esse formato, raro e caro em termos de tempo e recursos, é pouco utilizado, em parte devido à crescente desconfiança do público em relação aos jornalistas. Embora os comentários permitam que a expressão seja mais personalizada, os jornalistas devem neutralizar suas próprias percepções, para que sejam vistas como legítimas do ponto de vista jornalístico. Tal disciplina de neutralização consiste em tornar as emoções mais globalizantes e socialmente aceitáveis. Não se limitando à redação, ela se manifesta desde a própria ideia de escrever um comentário, quando as emoções pessoais são moldadas em emoções “morais” e “argumentativas”. Esse processo visa garantir que o comentário esteja alinhado com as expectativas profissionais de neutralidade e distanciamento. Ao examinar tal disciplina, o artigo contribui para a compreensão da “virada emocional” no campo jornalístico, evidenciando a tensão entre a necessidade pessoal de expressar sentimentos e os imperativos de produzir um discurso ponderado e estrategicamente desenvolvido, em conformidade com as normas profissionais. Este estudo apresenta uma perspectiva aprofundada sobre o comentário, como um espaço paradoxal que autoriza a expressão de emoções, ainda que essa expressão deva ser trabalhada para permanecer compatível com a legitimidade jornalística.

**Palavras-chave:** emoções; subjetividade; neutralidade; legitimidade jornalística; Suíça francófona

**Es.** Este artículo analiza el lugar de las emociones en el comentario periodístico, uno de los pocos formatos en los que los periodistas pueden expresar sus emociones personales. Basado en relatos de prácticas recopilados en entrevistas cualitativas con periodistas de radio de Suiza romanda, el artículo explora cómo las emociones desencadenan, pero también frenan el proceso de producción de un comentario. Este formato, raro y costoso en términos de tiempo y recursos, se utiliza poco, en parte debido a la creciente desconfianza del público hacia los periodistas. Aunque el comentario permite una expresión más personalizada, los periodistas deben neutralizar sus sentimientos para que sean percibidos como legítimos desde el punto de vista periodístico. Esta disciplina de neutralización consiste en hacer que las emociones sean más globales y socialmente aceptables. No se limita a la escritura, sino que interviene desde la idea misma de redactar un comentario, donde las emociones personales son moldeadas en emociones “morales” y “argumentadas”. Este proceso permite asegurar que el comentario se alinee con las expectativas profesionales de neutralidad y distanciamento. Al examinar esta disciplina, este artículo contribuye a la comprensión del “giro emocional” en el periodismo y pone de relieve la tensión entre la necesidad personal de expresar sentimientos y los imperativos de producir un discurso reflexivo y estratégicamente elaborado, conforme a las normas profesionales. Este estudio ofrece una visión en profundidad del comentario como un espacio paradójico donde la expresión de emociones personales está permitida, pero debe ser trabajada para seguir siendo compatible con la legitimidad periodística.

**Palabras clave:** emociones; subjetividad; neutralidad; legitimidad periodística; Suiza romanda

# Spontaneous, Substantive, and Relational

## Three Moments in the Study of Local Journalism

**MATTHEW POWERS, PHD**

Professor in the Department of Communication, and  
Co-Director of the Department's Center  
for Journalism, Media and Democracy  
*University of Washington*

USA

mjpowers@u.washington.edu

<https://orcid.org/0000-0003-1430-8703>



Journalists, policymakers, and academics recognize that local journalism is both an important and endangered realm of the profession (Abernathy, 2018; Gulyas & Baines, 2020; Jenkins & Nielsen, 2018). Such journalism promises to monitor local powerholders while fostering community; its economic future, however, is uncertain. This recognition has spurred calls for work to document the nature and extent of the problem; publicize the issue to policymakers and the public; and propose remedies (Napoli et al., 2018; Sullivan, 2020). An outpouring of work has advanced knowledge and raised awareness, while also generating recurrent questions about the definition of local journalism itself (Ali, 2017; Guimerà, Domingo & Williams, 2018; Hess, 2013). Does the term refer to news produced within an administrative boundary? Or does it denote markets under a certain population size? Does the meaning of local vary cross-nationally, according to distinctive histories of state formation? Or is there some form of recognizable local journalism across contexts? What, in short, are we talking about when we talk about local journalism?

Posing such definitional questions risks scholasticism — i.e., a mode of analysis detached from the urgencies that confront those whose livelihoods and identities are imbricated with local journalism. Cer-

### Pour citer cet article

### Référence électronique

Matthew Powers, « Spontaneous, Substantive, and Relational: Three Moments in the Study of Local Journalism », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.588>



tainly, a fixation on definitions for their own sake is neither necessary nor useful. But if we recall that definitions are never neutral—that they render some things visible while obscuring others—then reflection provides an opportunity to appreciate the benefits and limitations of different approaches. Rather than generate a single definition, such consideration instead charts a division of labor among those studying local journalism, with different definitions being useful for different aims and scopes (e.g., raising awareness, advising policymakers, explaining successes and failures). It can also help generate questions that advance work in this area more generally. That is the spirit in which this paper is written.

Reviewing a non-systematic sample of professional and scholarly debates, I identify three “moments” in the study of local journalism that emerge from the analysis, each reflecting distinct aims, scopes, and shortcomings. A *spontaneous* moment arises from common-sense understandings of local journalism as news produced without the expectation of being consumed nationally or internationally. This perspective valorizes local journalism’s civic importance, sounds alarms about the perils it faces, and proposes solutions, even as it attracts criticism for overlooking tendencies toward boosterism, sparse coverage of social inequalities, and an excessive orientation to profit-making. A *substantive* moment surfaces from efforts to bound the analysis of local journalism to specific people and places. It highlights the nature and extent of the challenges confronting news organizations, documents variations across time and place, and assesses the strengths and limits of proposed solutions. However, it often stops short of embedding its findings within a broader explanatory context. Finally, a *relational* moment emerges from examining local journalism as the product of interdependencies that shape the production, circulation, and reception of news within a given social space. This moment emphasizes the (often national) system of relations—laws, markets, policies, and more—that enables particular configurations of local journalism and explains why this journalism takes the forms it does. Nonetheless, it frequently struggles to translate its insights into actionable policy recommendations.

Taken together, these moments can be seen as iterative steps in a larger process of knowledge construction. Those interested in local journalism benefit not only from criticisms of the aims and scopes associated with different moments (e.g., Usher, 2023) but also by making each moment productive. This productivity is important, I argue, given the increasingly hybrid space of knowledge production. In discussions of local journalism, individuals with distinct interests (journalists, policymakers, researchers) gather around a shared phenomenon. Given this diversity, definitional confusion is likely. Moments, I propose, can be used to

benefit from this diversity, rather than be drowned in endless definitional debates. In this regard, the study of local journalism also illustrates a broader tendency seen within and beyond universities towards the hybridization of knowledge production.

---

### LOCAL JOURNALISM: TOO AMBIGUOUS, TOO NOSTALGIC?

---

Discussions of local journalism regularly note haziness regarding the object of analysis and call for greater precision and conceptualization in its formulation. Lawrence and Tabor (2023), for example, ask scholars to “clarify what is meant by ‘local,’” a term they characterize as “presently ambiguous” and “in need of boundaries” (para. 1). Guimerà, Domingo and Williams (2018) strike a similar chord, noting that theorization of local journalism—what it is and how it differs from other forms of journalism—“has been scant” (p. 8) and constitutes a “crucial pending challenge” for scholars (p. 7). Others demonstrate that the problem is not strictly confined to scholarly inquiries. Ali (2017) shows that policymakers and regulators grapple with “how to define...what counts as local news” (p. 5). Hess (2013) likewise notes that industry leaders have not arrived at “a universal definition” (p. 49) of what counts as local journalism.

This ambiguity has informed efforts to define and delimit local journalism. Gulyas and Baines (2020) propose a “universal definition” (p. 3) based on criteria that can be applied broadly. Others generate definitions rooted in the distinctive national histories in which ideas about local journalism develop (Anderson, 2020; Bousquet & Amiel, 2021). Still others distinguish between types of local journalism, highlighting variation based on market size (Radcliffe & Ali, 2017; Örnebring, Kingsepp & Möller, 2020) and product offerings (Franklin, 2006; Metzger et al., 2011). Finally, some foreground audience perspectives as crucial features of what does and does not count as local journalism (Hess & Waller, 2017; Schulz, 2020).

While these efforts highlight important aspects of the phenomenon, none can claim a monopoly on the legitimate definition of local journalism. This stems partly from the different *scopes* at which discussions operate, making systematic comparisons difficult. These range from amateur news-gathering efforts about neighborhood activities to professional productions for geographically sizable regions, sometimes done by large firms with media holdings in multiple places (Nygren, 2019; Harte, Howells & Williams, 2019). It also derives from the diverse *aims* that guide research. Some seek to map the number of news outlets across administrative regions to grasp the extent of the problem (Abernathy, 2022; Mahone et al., 2019);

others advocate solutions to the observed problems (Stonbely, Weber & Satullo, 2020); still others prioritize the social conditions that make different forms of local journalism possible (Baisnée et al., 2021).

Considering this diversity, local journalism suffers not so much from an absence of definitions as a surfeit of them. What brings researchers, policymakers and journalists together is not any one definition. Rather, they concur in recognizing economic uncertainty across the varied scopes explored and share broadly similar concerns that follow from this recognition. Faltering business models raise basic questions about the sustainability of many local news providers (Nielsen, 2015; Wahl-Jorgensen, 2022). These challenges in turn fuel concerns about a loss of journalism jobs, the instability of careers, and questions regarding the implications for civic life (Hayes & Lawless, 2021; Powers & Vera-Zambrano, 2023).

Some scholars, concerned about definitional fuzziness, have critiqued what they see as the nostalgic vision that accompanies discussions (Carey, 2017; Robinson, 2017). The news organizations identified as producing local journalism, they argue, often fail to perform their role as watchdogs, prioritizing profits over social obligations. What's more, many of these organizations have long-excluded socially marginalized groups from the very communities they task themselves with helping to form. This makes it "impossible," they argue, to "separate the wheat from the chaff" among those local news providers about whose existence researchers should and should not be concerned (Usher, 2023, p. 12). Better to avoid broad, ill-defined terms like local journalism and acknowledge that the existence of journalists and news organizations is not as necessary for community formation as some might claim.

Instructive as critique and useful in advocating precision, these discussions surface a recurrent issue for scholars. Should they aim to reimagine the terms that get used or grasp the different ways those terms are understood? The former critiques problems in current definitions; the latter, by contrast, seeks to make different definitions productive. For this latter view, definitions necessarily provide a perspective on local journalism. Rather than ask whether they are correct, it begins instead by but asking what they make visible. Synthesizing multiple perspectives will not generate a universal conceptualization of local journalism; it can, however, show the contributions of each perspective, while also keeping in view their limits.

---

#### MOMENTS IN THE STUDY OF LOCAL JOURNALISM

---

To that end, I conceptualize distinctive perspectives as "moments" in the study of local journalism.

This term highlights the definitions of local journalism that appear at specific moments in time, each shaped by different aims and scopes. Analysts seeking to raise awareness of the economic problems that confront local journalists and news organizations occupy one moment; their concern for valorizing local journalism and finding solutions leads them to (sometimes nostalgically) highlight its social importance and to leave the phenomenon only implicitly defined, partly because such labor seems superfluous. By contrast, those working to specify the nature and extent of the problem or explain the system of relations that make configurations of local journalism possible, occupy other moments and mobilize other definitions. Rather than criticize definitions, moments seek to render them productive by asking what they contribute to a broader understanding of local journalism.

My concept of moments is an example of what Weber (1949) theorized as "ideal types." This approach stylizes a more complex empirical reality by reducing it to a relatively small number of features (in this case, definitions, aims, and scopes). It is ideal not in the sense that it achieves excellence but that it selects and accentuates specific features and in doing so provides a "model" that allows scholars to question the strengths and benefits of distinct approaches. Undoubtedly, this approach ignores many other differences in the study of local journalism. However, its utility stems from the insights it generates regarding the strengths and limitations of different ways of studying local journalism. It is precisely an understanding of—and appreciation for—the strengths and limitations of each moment that this paper aims to provide.

In calling these moments, I foreground the iterative dimension of studying local journalism. Unlike schools of thought, which define and fix researchers' identities, an individual researcher can move across different moments over time. They might begin from a moment of concern (e.g., journalists in a town or at a news outlet are losing their jobs, people should be made aware); move to one in which they document the nature and extent of the problem (e.g., how many journalists lost their jobs); and proceed to examining how laws, policies, etc. make journalists more or less likely to retain their jobs. Researchers learn by moving amongst different moments over time, sometimes through confrontation among them, and other times via their integration. My approach thus aims to understand the content of the approaches associated with different moments and to clarify their respective strengths and limitations. This task, I argue, is especially useful given the hybrid nature of knowledge production surrounding local journalism, which leads individuals with distinct interests to gather around a shared phenomenon.



Identifying distinct moments not only provides a way to order existing definitional debates; it also offers a division of labor among those studying local journalism. Because discussions of local journalism are so wide-ranging, the identification of moments helps to separate tasks so that participants can contribute what they are best equipped to provide. Some journalists, policymakers and academics seeking to sound the alarm start from the empirical problem they observe; their skills in narrating public issues to a wide audience helps valorize the challenges that local journalism confronts and points to potential solutions. Others begin instead from theoretical problems or methodological concerns and use local journalism as an important case (e.g., the consequences of media ownership, mapping news ecologies). Without ignoring the need for critique, this division of labor defends the contributions of each moment and does not ask moments to do work they are not set up to undertake.

---

#### DATA AND METHODS

---

To explore these different moments in the study of local journalism, I entered the search query “local journalism” into Google Scholar, LitMaps and Google Search. This ensures the sample included both academic and popular discussions of the topic. Prior scholarship suggests that personalization in web searches is shaped in part by an individual user’s past search history and the geographic location from which the search is conducted (Nielsen & Ganter, 2022, p. 33). To reduce the potential effect of prior searches on the construction of this corpus, all queries were conducted while being signed out of all Google accounts. To vary location, I conducted the search using Virtual Private Networks located in countries (United States, France, Germany) that represent distinct “media systems” (Hallin & Mancini, 2004). Taking the first 50 results from each query, I created a spreadsheet that listed for each entry the title, author(s), and publication year. After removing duplicates from across the searches, the total number of items came to 240. While hardly exhaustive, these titles capture the diversity of aims and scopes involved in discussions of local journalism, and thus provide a useful basis for identifying the distinctive “moments” involved in its study.

Reading through each entry, I sought to identify its definition and scope of local journalism. In cases where these were made explicit by the authors, I recorded these definitions verbatim in the spreadsheet, while noting how they sought to delimit the phenomenon (e.g., by administrative region, media market). In cases where definitions were implicit, I considered what the authors referred to in their discussions (e.g., places, news organizations, journalists) and used this to develop a definition. For example, Margaret Sullivan’s

(2020) *Ghosting the News* never defines local journalism; however, her discussion references non-national news organizations (e.g., *Buffalo News*) doing work outside of media capitals like New York or Paris that “won’t win a journalism award” or “change the world” but “lets local taxpayers know how their money is being spent” (p. 1). In this case, local journalism is understood, on my reading, as news produced without the expectation of being consumed nationally.

Writing these definitions and scopes in a spreadsheet, I then sought to identify the author’s aims and objectives. What motivates their discussion of local journalism, and what do they see as the “value added” of their contribution? Typically, these aims were stated explicitly in the introduction or conclusion of an article, policy report or academic study. Examples of this include efforts to warn citizens about the actual and potential impacts of declining local news provision of political and social life; the development of measures or indices to represent the nature and extent of so-called “news deserts;” and efforts to explore the effects of media ownership on local news provision. I briefly summarized the aims for each article in the spreadsheet, assuming these aims provide evidence of what each author views as the contribution of their work to discussions of local journalism.

Having read through the entire corpus, I returned to the spreadsheet notes regarding each author’s definitions, aims and objectives concerning local journalism. On each of these variables, variation existed: i.e., different authors offered distinctive definitions of what the term local journalism means. What’s more, these different definitions typically corresponded to different aims and objectives regarding why the study of local journalism matters. Those who did not problematize the meaning of local journalism (as in the Sullivan example above) generally sought to valorize this form of journalism and suggest ways that it could be supported (e.g., donations, subsidies, business models), while those who sought to delimit local journalism endeavored to either substantiate popular concerns by developing measures for exploring the nature of the problems confronting local journalism or to explain why local journalism assumes the form it does. This led me to develop the idea of “moments” as a way to characterize the different approaches to studying local journalism.

To characterize these different moments, I began by closely rereading the articles that differed most strongly from each other in terms of their definitions, aims, and scopes. For each, I created a label that could pithily characterize these approaches. “Spontaneous” refers to articles in the corpus whose understanding of local journalism springs from common-sense (i.e., unproblematized) understandings of what local jour-

nalism entails and urges quick action to remedy the problems confronting local news providers. “Substantial” denotes articles that seek to validate the concerns expressed in the spontaneous moment, usually by developing measures for understanding the nature and extent of the problem confront local news providers in a delimited area. Finally, “relational” pertains to articles that explore local journalism as the product of interconnections among different entities (state policies, markets, laws, etc.).

With these three moments defined, I sought to apply one to each text in the remainder of the sample. Because I conceive of moments as distinct periods in time, I applied only one label to each entry. Certainly, variation among the texts within each group existing; not every spontaneous article argues for the same remedy; substantive approaches study many different geographic locations and at varying scales (neighborhood, city, region); relational studies often foreground different types of relations (some emphasize ownership, others explore laws and policies). What’s more, the line dividing different moments can be more or less bright, with authors sometimes invoking aims that might cut across different moments. However, no text in my corpus included all elements of different moments simultaneously. I therefore assigned a label for each based on my reading of the entire text (rather than searching for phrases or terms within them). This approach, moreover, helps to fulfill my theoretical aim of highlighting the definitions, aims, and scopes that characterize each moment.

Below, I describe the main features associated with each moment in the study of journalism, based on their definitions, aims, and scopes. Examples of texts in the corpus are utilized to illustrate what these moments look like in practice. Across each of these moments, my aim is to highlight how each understands what local journalism is and why it matters. Doing so, I suggest, can usefully highlight the strengths and limitations associated with each, which I also seek to illustrate in my discussion of each moment.

---

### THE SPONTANEOUS MOMENT

---

A first definition conceives of local journalism as news that is produced without the expectation of being consumed nationally or internationally. The definition is spontaneous because it springs directly from common-sense understandings of the term. This common-sense can be that of “ordinary” people, as seen in surveys that ask respondents for their perceptions of news “from the city or town, municipality or region” in which they live (Schulz, 2020, p. 46). Or it can be that of “experts”—journalists, policymakers, academics (Sullivan, 2020)—whose close involvement in dis-

cussions about local journalism renders the labor of further defining the term unnecessary, as everyone already knows what the term means. Whether conveying common-sense in its ordinary or expert forms, spontaneous definitions find it either redundant or counterproductive to problematize understandings of local journalism. Indeed, the very act of engaging in such definitional labor risks, from these perspectives, appearing “academic” in the pejorative sense of the term – i.e., superfluous, pedantic (Abramson, 2019).

Spontaneous approaches contribute to discussions of local journalism in several ways. Highlighting news that is, by definition, not intended to be consumed nationally or internationally, they foreground a form of journalism oriented to the concerns of “ordinary” people. A European Commission report distills this tendency nicely, arguing that local journalism gives “local people the necessary knowledge, and opportunity, to take a position on [government and public affairs]” (Trei, 2021, p. 9). By emphasizing what American policymakers term “the information needs” (Waldman, 2011) of local communities, this approach endeavors to secure for ordinary citizens the social functions associated with the most prestigious forms of national and international journalism: to hold officials accountable, to explain complex issues in straightforward terms, perhaps even sustain democracy. What’s more, local journalism is also held to be useful to rectify the distorting effects of news produced about “local” settings by national news producers, and who tend to see “local” events in negative or exoticizing terms. This recognition is at the core, for example, of the Canadian government’s Special Measures for Journalism Fund (Canadian Heritage, 2022). Even those who stress that local journalism often fails to live up to its social functions nonetheless argue that some form of non-national journalism can and should provide an important alternative to more prestigious news providers (Sullivan, 2020).

Because local journalism matters to ordinary people, writings inspired by spontaneous definitions aim to ring alarm bells to alert citizens about the crises it faces. In her *cri de cœur*, for example, Margaret Sullivan (2020) writes that “American citizens don’t know about what’s happening to local news” (p. 2). As evidence, she cites a Pew Research poll in which almost three of every four American respondents believed that their local news organizations were in good financial shape. Her effort, therefore, is to warn that “the growing crisis in local news...has already done serious harm to our democracy: further polarizing our society, providing less incentive to vote, and failing to keep public officials accountable” (p. 2). In the United Kingdom, Roy Greenslade (2020) sketches a similar narrative in which the profitability of local news media has been “wrecked by the digital revolution,” (p. 5) and that has led to staff reductions that make it “impossible [for

those organizations] to cover their patches adequately” (p. 9).

Alarms sounded, spontaneous approaches also contribute by describing potential solutions to the problems confronting local journalism. Diverse but not infinitely varied, these include calls for increased philanthropic support and targeted government funding (Trei, 2021); experimentation with new models of reporting that promise to attract audiences by making news more relevant to their daily lives (Wenzel, Gerson & Moreno, 2016); examination of new online-only ventures that point to new business models for local journalism; and documentation of collaborations that might allow hollowed out news organizations to “do more with less” (Jenkins & Graves, 2022). Whatever their differences, these proposed solutions stem from the recognition that local journalism is both important and existentially threatened.

These contributions are important yet also invite questions and encourage reflection on local journalism’s definition. If local journalism has important and somewhat distinctive social roles, then to what extent do existing news organizations fulfill these roles? How can discussions include less lauded, but real, aspects of journalism: e.g., its tendency towards boosterism (see, e.g., Gutsche, 2015; Kim and Lowrey, 2018) and its sparse coverage of social inequalities? Moreover, if local journalism is in crisis, is it in crisis in the same way and to the same extent everywhere? Finally, how effective are the solutions proposed to remedy problems in local journalism? Do some proposed interventions, like philanthropic support, in fact amplify the unequal resources available to local and national news outlets?

Rather than abstractly academic, these questions underscore a need to specify the nature of the crisis in local journalism, the ways this crisis manifests in different places, and the extent to which proposed solutions might effectively address the problems local journalism faces. Spontaneous approaches can and do show *that* these issues matter; they can and do offer intriguing anecdotal evidence to support intuitions regarding what might be done. But because they reflect rather than interrogate the common sense about local journalism, they cannot on their own answer these questions. A different approach is necessary.

---

### THE SUBSTANTIVE MOMENT

---

A second definition delimits local journalism by bounding it to places or people. These places and people constitute the substance of local journalism that empirical researchers set out to examine. Most commonly, these are defined through an administrative logic – i.e., state-defined boundaries of cities,

towns, regions, etc. The news producers included in the analysis are focused on those “that reside within, and oriented around serving selected communities” (Napoli, Stonbely, McCollough, & Renninger, 2016, p. 378). Less commonly, an economic logic is incorporated into this definition (e.g., media markets). Whatever logic is deployed, the substantialist approach is an effort to build upon spontaneous approaches by substantiating concerns about local journalism.

The contributions of this research are considerable. They provide specificity regarding some of the core questions in debates about local journalism. Population studies provide snapshots of the news providers in a place and offer over-time analysis of their offerings (Abernathy, 2020; Harte, Howells & Williams, 2018). Content analyses document the amount and types of news produced by news outlets, shedding light on which outlets do and do not provide so-called “civically useful” news and information (Hayes & Lawless, 2021; Jenkins & Jerónimo, 2021).

The contributions of substantive approaches do not end there. Such research also highlights patterns of variation in terms of the production and consumption of local journalism across locales and peoples. In both Western Europe and North America, the forms that media ownership takes (Abernathy, 2016); the business models that news organizations employ; and the demographics of audiences (Napoli et al., 2018) all correspond with different amounts and types of local journalism available to citizens. Communities composed of citizens with higher education and income levels tend to have more news providers that meet the so-called “critical information needs” of these communities, as well as more audiences interested in such news (Usher, 2020). By contrast, less well-resourced communities tend to be “underserved” in the provision of such news (Neff, Popiel & Pickard, 2022), and less interested in consuming such news – even when it entails no direct economic cost. Given that those less well-resourced places also tend to correspond to broader inequalities rooted in race, class, and ethnicity, these patterns highlight ways in which transformations in local journalism might effectively intensify broader social inequalities.

Finally, substantive approaches have the virtue of evaluating the strengths and limitations of proposed solutions to the crisis in local journalism. Tracking the effects of suggested interventions, this scholarship provides evidence of the extent to which online-only news providers, philanthropic funders, government subsidies and new models of journalism practice can address some of the “gaps” in local news provision (Konieczna, 2020). Sometimes linking these evaluations to normative conceptions of local journalism, this research also foregrounds questions about who

does and does not benefit (Neff, Popiel & Pickard, 2022). Research of this variety therefore provides a sort of “feedback loop” that interested parties (policymakers, media managers, consultants) can utilize to make potentially more informed decisions regarding the allocation of often scarce resources.

By delimiting the analysis of local journalism to specific groups and places, substantive approaches are therefore able to specify, document variation, and evaluate potential solutions to the crisis in local news. The principles used to delimit the object of analysis, however, are not necessarily the principles needed to explain those findings. Administrative principles are a useful way of studying local journalism in a given locale. But so much of what shapes the circulation and reception of local news is not confined by the limits of a city or town. In an era characterized by chain ownership and conglomeration, the profit-making (and cost-saving) strategies of many news organizations—which clearly impact the amount and types of news available—cannot be understood within one city or town. Even basic questions like whether to implement a paywall depends on socio-demographic factors that are shaped by factors external to the locale observed.

Thus, the substantive moment also raises questions about how best to explain the results it achieves. Why do some towns, cities or regions witness greater or lesser degrees of innovation in the provision of local news? Why should some forms of ownership, business models or socio-demographics correspond with particular types of information provision? And why do some interventions to bolster local journalism fail, even when their failures are not rooted primarily in a lack of economic resources? These questions, which the research produced from the substantialist moments enables, are not easily resolved from within it.

---

### THE RELATIONAL MOMENT

---

A third definition conceives of local journalism as the product of interdependencies that construct the production, circulation and reception of news within a given space. Like substantialism, it sees delimitation as a necessary first step to grounding the study of local journalism in specific contexts, thus reducing the risk of offering vague generalities about the nature and extent of a “crisis.” However, it understands the actions taken by agents (journalists, managers, audiences, etc.) as being made possible by a system of relations (laws, policies, regulations, markets) that often exceed the groups and places studied because they are built on relations found in larger social spaces (e.g., nation-states). These relations form a system because of their interconnection: it is the interaction among these different relations, rather than

any one element on its own, that provides the energy that makes action possible.

This relational moment helps shed light on the system of relations that make specific configurations of local journalism possible. The formation of local news startups, to take one example, are often seen as sources of innovation (e.g., Carlson and Usher, 2015). Without denying the novelty of some of these developments, the relational moment—drawing on prior theory (e.g., media systems, field theory) as a guide regarding the elements to identify—highlights the configuration of elements that make such agents possible (Hallin and Mancini, 2004). Looking at the highly uneven formation of online startups in two cities in France and the United States, for example, Powers and Vera-Zambra (2016) show that the overall size of the pool of startup creators is shaped first and foremost by the degree to which labor protections insulate journalists from layoffs. These protections, which are national policies that cover these and other cities, protect specific journalists. In France, established journalists enjoy relatively strong job protections but make finding stable work difficult for less established ones, while in the US very few journalists ever find stability, even as the market is relatively open to newcomers. The relatively higher presence of startups in one American city, therefore, stems partly from the fact that journalists with the social networks necessary to form startups are on the job market due to weak labor protections, as well as the higher degree of market exposure in American media. By contrast, the relatively small number of startups in one French city stem from the insulation of its most established journalists from even considering this option, and the weak social connections of the less established journalists who do. In these cases, therefore, the explanation for startup formation revolves around market exposure and job protections (which are national), and which create different conditions of possibility for startup formation.

The relational moment is also an opportunity to grasp why some types of news that might be normatively desirable are often not spontaneously produced at the local level. In both North America and Western Europe, it is common to see calls for reporting that does in local media what occurs more regularly at the national level (e.g., investigations into powerholders). A relational perspective provides the opportunity to question the nature of the connection between these two scales (local, national). Local journalism is not simply a smaller version of a larger national form of journalism. Rather, the local is embedded hierarchically in a broader relationship, in which definitions of professional excellence are set at the national level. While local journalists seek to emulate these definitions, they often do not share the same conditions necessary for producing such work (Splendore, 2020). They have less time and fewer resources to do the work; they



also tend to have less “elite” social profiles than journalists working at national news media (in terms of background, education, etc.; Hanusch, 2015). Those more advantaged backgrounds also provide some of the power to resist encroachments of this time and resources that occur so regularly in some local news companies. Without negating the attractiveness of these nationally derived visions of excellence, the relational moment helps explain why they should be less commonly produced at the local level.

A third contribution of the relational moment is that it highlights the resources necessary to succeed in local journalism (Hess, 2013). Spontaneous discussions about what is required to do well as a local journalist often emphasize industriousness or technical skills. No doubt such skills are important. But common-sense discussions, rooted in experience, do not include explanations derived from abstraction. In the case of online startups, for example, research has found that the resource most needed to succeed is not technical savvy (Wahl-Jorgenson, 2022). Instead, it is social connections and reputation, which help to garner the resources necessary to form a news site, get space for work, get sources to talk, etc.

If the relational moment sheds light on important facets of local journalism, it struggles to convert those insights into practical actions. Partly, this stems from a difference in aims. Research occurring in the relational moment seeks to explain rather than act on the phenomenon it studies. But even granting this division of labor, relational research is not so easily adapted to actionable insights. If the explanation for startup formation, for example, stems from so many factors outside the control of any single government, business or individual, then how can this be used to facilitate startup formation? Often, relational research highlights the contingent nature of its findings – i.e., the fact that the results could be different in other contexts. In a space as diverse as local journalism, this makes actionable insights extremely difficult to infer. Other moments, like the spontaneous one described above, are likely better adapted to offering such insights.

---

## CONCLUSION

---

Discussions about the state of local journalism have proliferated in recent years, yet definitional questions remain. Rather than resolve these discussions with a single definition, I aim to give order to the different ways in which the phenomenon is understood. Distinct moments in the study of local journalism are rooted in particular aims and scopes. They can be evaluated not so much in terms of whether they are right or wrong in their implicit or explicit definitions of local journalism but in terms of what they can and cannot contribute to the debate. In presenting these different moments, I

therefore aim to make these different approaches productive while also heeding calls to take seriously the need to better define what is meant by the term local journalism.

My approach suggests that the study of local journalism advances through a division of labor among those involved. Journalists, policymakers, and researchers both within and beyond the university participate actively in these discussions. Not only do they not share the same aims and stakes; they also bring unique skills. Stated very generally, some individuals are better equipped to craft engaging narratives that rouse public attention to the issue; others possess methodological sophistication that disposes them to finely tuned analysis of patterns of variation in the local journalism; still others evince a theoretical orientation that offers explanations for the forms that local journalism assumes in different settings. The study of local journalism benefits from this panoply of skills, aims, and scopes.

To be sure, a division of labor does not obviate the need for criticism. The study of local journalism advances in part through the confrontation of different definitions inherent to distinct moments. By asking what other moments lack, researchers seek to overcome the limitations of perspectives and highlight something new about local journalism. Through their critiques of concepts or ideas, they also encourage greater precision. This is especially beneficial when the phenomenon appears existentially threatened, as the temptations towards nostalgia can overshadow questions about the limitations associated with many actually existing forms of local journalism.

Yet criticism is just one component of a broad and iterative process of knowledge formation regarding local journalism. This is because concern about local journalism is rooted not merely in nostalgia but also in empirical realities. Certainly, the details vary within and across national contexts; nonetheless, it remains true that many local news outlets are being shuttered; that many more are being substantially reduced; and that many thousands of local journalists have lost their jobs or had their working conditions degraded. Given those developments, isn't it reasonable to expect the study of local journalism to do more than offer reminders about news organizations' shortcomings? Rather than abandon critique, the approach favored here seeks to integrate it into a larger discussion about the benefits and shortcomings of the existing moments observed in the study of local journalism.

---

*Submitted: January 26, 2024*  
*Accepted: November 18, 2024*



## REFERENCES

- Abernathy, P. (2016). The rise of a new media baron and the emerging threat of news deserts. *University of North Carolina Center for Innovation and Sustainability in Local Media Report*. [https://www.usnewsdeserts.com/wp-content/uploads/2016/09/07.UNC\\_RiseOfNewMediaBaron\\_SinglePage\\_01Sep2016-REDUCED.pdf](https://www.usnewsdeserts.com/wp-content/uploads/2016/09/07.UNC_RiseOfNewMediaBaron_SinglePage_01Sep2016-REDUCED.pdf).
- Abernathy, P. (2018). The expanding news desert: The loss of local news. *University of North Carolina Center for Innovation and Sustainability in Local Media Report*. <https://www.usnewsdeserts.com/reports/expanding-news-desert/>.
- Abernathy, P. (2022). The state of local news: The 2022 report. *Northwestern Medill Report*. <https://localnewsinitiative.northwestern.edu/research/state-of-local-news/report/#executive-summary>.
- Abramson, J. (2019). *Merchants of truth: The business of news and the fight for facts*. Random House.
- Ali, C. (2017). *Media localism: The policies of place*. University of Illinois Press.
- Anderson, C.W. (2020). Local journalism in the United States: Its publics, its problems, and its potentials. In Gulyas, A. & Baines, D. (Eds.), *The routledge companion to local media and journalism*. Routledge.
- Baisnée, O., Cavé, A., Gousset, C., & Nollet, J. (2021). La « violence » des Gilets jaunes: quand la fait-diversification fait diversion. *Sur Le Journalisme*, 10(1), 28–43. <https://doi.org/10.25200/SLJ.v10.n1.2021.452>
- Bousquet, F., & Amiel, P. (2021). *La presse quotidienne régionale*. La Découverte.
- Canadian Heritage. (2022). Additional support to strengthen local and diverse journalism. From <https://www.canada.ca/en/canadian-heritage/news/2022/10/additional-support-to-strengthen-local-and-diverse-journalism.html>.
- Carey, M.C. (2017). *The news untold: Community journalism and the failure to confront poverty in Appalachia*. West Virginia University Press.
- Carlson, M., & Usher, N. (2015). News Startups as Agents of Innovation: For-profit digital news startup manifestos as metajournalistic discourse. *Digital Journalism*, 4(5), 563–581. <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1076344>
- Franklin, B. (Ed.). (2006). *Local journalism and local media: Making the local news*. Routledge.
- Greenslade, R. (2020). Is this the virus that kills us off? *British Journalism Review*, 31(2): 5-11. <https://doi.org/10.1177/0956474820931388>
- Guimerà, J.A., Domingo, D., & Williams, A. (2018). Local journalism in Europe: Reuniting with its audience. *Sur Le Journalisme*, 7(2): 4-10.
- Gulyas, A., & Baines, D. (Eds.) (2020). *The Routledge companion to local media and journalism*. Routledge.
- Gutsche, R.E. (2015). Boosterism as banishment: Identifying the power function of local business news and coverage of city spaces. *Journalism Studies* 16(4): 497-512. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.924730>
- Hallin, D. & Mancini, P. (2004). *Comparing media systems: Three models of media and politics*. Cambridge University Press.
- Hanusch, F. (2015). A different breed altogether? Distinctions between local and metropolitan journalism cultures. *Journalism Studies*, 16(6): 816-833. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.950880>
- Harte, D., Howells, R., & Williams, A. (2019). *Hyperlocal journalism: The decline of local newspapers and the rise of online community news*. Routledge.
- Hayes, D., & Lawless, J. (2021). *News hole: The decline of local news and political engagement*. Cambridge University Press.
- Hess, K. (2013). Breaking boundaries: Recasting the 'local' newspaper as 'geo-social' news in a digital landscape. *Digital Journalism*, 1(1): 48-63. <https://doi.org/10.1080/21670811.2012.714933>
- Hess, K., & Waller, L. (2017). *Local journalism in a digital world: Theory and practice in the digital age*. Palgrave.
- Jenkins, J., & Jerónimo, P. (2021). Changing the beat? Local online newsmaking in Finland, France, Germany, Portugal, and the U.K. *Journalism Practice*, 15:9, 1222-1239. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.1913626>
- Jenkins, J., & Graves, L. (2022). Do more with less: Minimizing competitive tensions in collaborative local journalism. *Digital Journalism*, <https://doi:2010.1080/21670811.2022.2026237>
- Jenkins, J., & Nielsen, R.K. (2018). The digital transition of local news. *Reuters Institute for the Study of Journalism Report*. <https://www.digitalnewsreport.org/publications/2018/digital-transition-local-news/>.
- Kim, E. & Lowrey, W. (2018). Does local news side with local organizations? A case study of boosterism and dependence on local and national sources. *International Journal of Sport Communication*, 11(1), 123-140. <https://doi.org/10.1123/ijsc.2017-0079>
- Konieczna, M. (2020). Reimagining newsroom collaboration: How two European news nonprofits are inviting citizens in. *Journalism Practice*, 14:5, 592-607. <https://doi.org/10.1080/17512786.2020.1757490>
- Lawrence, R., & Tabor, C. (2023, February 17). *Measuring the health of local news ecosystems.*, University of North Carolina's Local News Researchers' Workshop.
- Mahone, J., Wang, Q., Napoli, P., Weber, M., & McCollough, K. (2019). Who's producing local journalism? Assessing journalistic output across different outlet types. *DeWitt Wallace Center for Media & Democracy Working paper*. <https://dewitt.sanford.duke.edu/whos-producing-local-journalism-nmrp-report/>
- Metzger, E., Kurpius, D., & Rowley, K. (2011). Defining hyperlocal media: Proposing a framework for discussion. *New Media & Society*, 13(5): 772-787. <https://doi.org/10.1177/1461444810385095>
- Napoli, P., Weber, M., McCollough, K., & Wang, Q. (2018). Assessing local journalism: News deserts, journalism divides, and the determinants of the robustness of local news. *DeWitt Wallace Center for Media & Democracy Working paper*. [http://dewitt.sanford.duke.edu/wp-content/uploads/sites/3/2018/08/Assessing-Local-Journalism\\_100-Communities.pdf](http://dewitt.sanford.duke.edu/wp-content/uploads/sites/3/2018/08/Assessing-Local-Journalism_100-Communities.pdf).

- Napoli, P., Stonbely, S., McCollough, K., & Renninger, B. (2017). Local journalism and the information needs of local communities: Toward a scalable assessment approach. *Journalism Practice*, 11(4): 373-395. <https://doi.org/10.1080/17512786.2019.1647110>
- Neff, T., Popiel, P., & Pickard, V. (2022). Philadelphia's news media system: Which audiences are underserved? *Journal of Communication*, 72(4): 476-487. <https://doi.org/10.1093/joc/jqac018>
- Nielsen, R.K. (Ed.). (2015). *Local journalism: The decline of newspapers and the rise of digital media*. IB Tauris.
- Nielsen, R.K. & Ganter, S. (2022). *The power of platforms*. Oxford University Press.
- Nygren, G. (2019). Local media ecologies: Social media taking the lead. *Nordicom Review*. 40(2): 51-68. <https://doi.org/10.2478/nor-2019-0026>
- Örnebring, H., Kingsepp, E., & Möller, C. (2020). Journalism in small towns. *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, 21(4): 447-452. <https://doi.org/10.1177/1464884919886442>
- Powers, M., & Vera-Zambrano, S. (2023). *The Journalist's Predicament: Difficult Choices in a Declining Profession*. Columbia University Press.
- Powers, M., & Vera-Zambrano, S. (2016). Explaining the formation of online news startups in France and the United States: A field analysis. *Journal of Communication*, 66(5): 857-877. <https://doi.org/10.1111/jcom.12253>
- Radcliffe, D., & Ali, C. (2017). Local news in a digital world: Small-market newspapers in the digital age. *Tow Center for Digital Journalism Report*. <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8S18F38/download>.
- Robinson, S. (2017). *Networked news, racial divides: How power and privilege shape public discourse in progressive communities*. Cambridge University Press.
- Schulz, A. (2020). Global turmoil in the neighborhood: Problems mount for regional and local news. *Reuters Institute 2020 Digital News Report*. [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf)
- Splendore, S. (2020). The dominance of institutional sources and the establishment of non-elite ones: The case of Italian online local journalism. *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 21(7), 990-1006. <https://doi.org/10.1177/1464884917722896>
- Stonbely, S., Weber, M., & Satullo, C. (2020). Innovation in public funding for local journalism: A case study of New Jersey's 2018 civic information bill. *Digital Journalism*, 8(6): 740-757. <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1749102>
- Sullivan, M. (2020). *Ghosting the news: Local journalism and the crisis of American democracy*. Columbia University Global Reports.
- Trei, J. (2021). Media in the digital age: An action plan. *European Committee on the Regions report*. <https://cor.europa.eu/EN/our-work/Pages/OpinionTimeline.aspx?opId=C-DR-51-2021>
- Usher, N. (2020). *News for the rich, white and blue: How place and power distort American journalism*. Columbia University Press.
- Usher, N. (2023). The real problem with the problem of news deserts: Towards rooting place, precision, and positionality in scholarship on local news and democracy. *Political Communication*, 40(2): 238-253. <https://doi.org/10.1080/10584609.2023.2175399>
- Wahl-Jorgensen, K. (2022). Origin stories of local journalism entrepreneurs. *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, published online before print. <https://doi.org/10.1177/14648849221115223>
- Waldman, S. (2011). *The information needs of communities*. United States Federal Communication Commission. <https://docs.fcc.gov/public/attachments/DOC-307406A1.pdf>
- Weber, M. (1949). *On the methodology of the social sciences*. The Free Press.
- Wenzel, A., Gerson, D., Moreno, E., Son, M., & Hawkins, B.M. (2016). Engaging stigmatized communities through solutions journalism: Residents of South Los Angeles Respond. *Journalism: Theory, Practice and Criticism*, 19(5): 649-667. <https://doi.org/10.1177/1464884917703125>

**Spontaneous, Substantive, and Relational: Three Moments in the Study of Local Journalism**

**Spontané, substantiel et relationnel : Trois moments dans l'étude du journalisme local**

**Espontâneo, Substantivo e Relacional: Três Momentos no Estudos de Jornalismo Local**

**Espontáneo, sustantivo y relacional: tres enfoques en los estudios sobre el periodismo local**

**En.** The expansion of research on local journalism has been accompanied by recurrent calls to better define the phenomenon. Rather than propose a single definition, this paper argues that this area of study can be better understood as having distinct “moments” whose varied understandings of local journalism are shaped by particular scopes and aims. Analyzing a non-systematic sample of popular and academic texts, I conceptualize three such moments: spontaneous, substantive, and relational. Collectively, these moments constitute unique but iterative steps in a larger process of knowledge construction. The study of local journalism, I maintain, advances best through awareness of—and appreciation for—the contributions and limitations associated with each moment. Such awareness and appreciation is important in “hybrid” spaces of knowledge production, where journalists, policymakers and researchers gather around a shared phenomenon that they define differently due to their distinctive interests.

**Keywords:** local journalism; defining local news; epistemological moments; hybrid research; journalism crisis

**Fr.** L'essor de la recherche sur le journalisme local s'est accompagné d'appels récurrents à mieux définir ce phénomène. Plutôt que de proposer une définition unique, cet article soutient que ce objet d'étude peut être mieux compris comme ayant des « moments » distincts, au sein desquels la compréhension de ce qu'est le “journalisme local” est façonnée par des cadrages et des objectifs particuliers. En analysant un échantillon non systématique de textes populaires et universitaires, j'ai pu caractériser trois de ces moments comme spontané, substantiel et relationnel. Collectivement, ces moments constituent des étapes uniques mais itératives dans un processus plus large de construction des connaissances. Je soutiens que l'étude du journalisme local progresse grâce à la prise en compte et l'appréciation des contributions et des limites associées à chaque moment. Cette prise de conscience et cette reconnaissance sont importantes dans les espaces « hybrides » de production de connaissances, où les journalistes, les décideurs politiques et les chercheurs se réunissent autour d'un phénomène commun qu'ils définissent différemment en raison de leurs intérêts distincts.

**Mots-clés :** journalisme local ; définition de l'information locale ; moments épistémologiques ; recherche hybride ; crise du journalisme

**Pt.** A expansão da pesquisa sobre jornalismo local tem sido acompanhada de apelos recorrentes para uma melhor definição desse fenômeno. Em vez de propor uma única definição, este artigo argumenta que essa área de estudo pode ser melhor compreendida como tendo “momentos” distintos, em que os variados entendimentos sobre jornalismo local são definidos por escopos e objetivos particulares. Por meio da análise de uma amostra não sistemática de textos populares e acadêmicos, conceitualizo três momentos: espontâneo, substantivo e relacional. Coletivamente, esses momentos constituem etapas únicas, mas iterativas, em um processo mais amplo de construção do conhecimento. O estudo do jornalismo local, eu sustento, avança melhor por meio da conscientização das – e apreciação pelas – contribuições e limitações associadas a cada momento. Essa conscientização e apreciação são importantes em espaços “híbridos” de produção de conhecimento, onde jornalistas, tomadores de decisão e pesquisadores se reúnem em torno de um fenômeno compartilhado que definem de forma diferente devido a seus interesses distintos.

**Palavras-chave:** jornalismo local; definição de notícias locais; momentos epistemológicos; pesquisa híbrida; crise do jornalismo

**Es.** La creciente expansión de la investigación sobre el periodismo local ha generado frecuentes llamados a una definición más rigurosa de este fenómeno. En lugar de plantear una única definición, este artículo propone entender este campo de estudio como un conjunto de «momentos» diferenciados, caracterizados por marcos conceptuales y objetivos específicos. A partir del análisis de una muestra no sistemática de textos académicos y populares, se conceptualizan tres enfoques principales: el momento espontáneo, el momento sustantivo y el momento relacional. En conjunto, estos enfoques constituyen etapas únicas pero iterativas dentro de un proceso más amplio de construcción del conocimiento. Se argumenta que el avance en la comprensión del periodismo local depende de una valoración crítica de las contribuciones y limitaciones de cada momento. Este ejercicio crítico resulta especialmente relevante en los espacios de producción de conocimiento «híbridos», donde periodistas, responsables de políticas públicas e investigadores convergen en torno a un fenómeno común, aunque definido de manera diferente según sus intereses y perspectivas.

**Palabras clave:** periodismo local; definición de noticia local; enfoques epistemológicos; investigación híbrida; crisis del periodismo





**MERCI AUX ÉVALUATEURS ET ÉVALUATRICES DES RÉCENTS NUMÉROS DE LA REVUE**  
**AGRADECEMOS AOS AVALIADORES DAS ÚLTIMAS EDIÇÕES DA REVISTA**  
**MANY THANKS TO ALL THE REVIEWERS OF THE RECENT ISSUES**

Alzira Abreu (Fundação Getulio Vargas, Brasil) • Juan Miguel Aguado (Universidad de Murcia, Espa a) • Chris W. Anderson (The City University of New-York, USA) • Leonel Azevedo de Aguiar (Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil) • Altuğ Akin (İzmir Ekonomi Üniversitesi, T rkiye) • Dominique Augey (Aix-Marseille université, France) • Jan Baetens (katholieke Universiteit Leuven, Belgi ) • Helder Bastos (Universidade do Porto, Portugal) • Christa Berger (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil) • Elisabeth Bird (University of south Florida, USA) • Gersende Blanchard (Université Lille 3, France) • Claire Blandin (Université Paris-Est-Cr teil, France) • Franck Bousquet (Université Toulouse 3, France) • Nad ge Broustau (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Laura Calabrese (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Jo o Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Dominique Cardon (CNRS, France) • Marialva Carlos Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) • Valérie Cavalier-Croissant (Université Lyon 2, France) • Jean Charron (Université Laval, Canada) • Ivan Chupin (Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, France) • Iluska Maria da Silva Coutinho (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil) • Béatrice Damian-Gaillard (Université Rennes 1, France) • Jamil Dakhli  (Université Paris 3 Sorbonne nouvelle, France) • Salvador de Léon (Universidad Aut noma de Aguascalientes, México) • Juliette de Maeyer (Université de Montréal, Canada) • Didier Demazière (CNRS, France) • Emmanuel Derieux (Université Paris Panthéon-Assas, France) • Irène Di Jorio (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Anya Diekmann (Université libre de Bruxelles, Belgique) • David Domingo (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Carlos Eduardo Esch (Universidade de Brasilia, Brasil) • Benjamin Ferron (Université Paris-Est-Créteil, France) • Marie-Soleil Frère (FNRS, Belgique) • Elvira Garcia de Torres (Universitat Internacional Valenciana, Espa a) • Gilles Gauthier (Université Laval, Canada) • Eric Georges (Université du Québec   Montréal, Canada) • Benoit Gr visse (Université catholique de Louvain, Belgique) • Nicolas Harvey (Université d’Ottawa, Canada) • François Heinderyckx (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Cristiane Henriques Costa (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) • Alfred Hermida (University of British Columbia, Canada) • Nicolas Hub  (Université de la Sorbonne, France) • Valérie Jeanne-Perrier (Université Paris-Sorbonne, France) • Alice Krieg-Planque (Université Paris-Est-Cr teil, France) • Eric Lagneau (France) • Sandrine Lévêque (Université de la Sorbonne, France) • Seth C. Lewis (University of Oregon, USA) • Dominique Marchetti (CNRS, France) • Julien Longhi (Université de Cergy-Pontoise, France) • Pere Masip (Universidad Ramon Llull, Espana) • Frederico de Mello Brandão Tavares (Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil) • Thaís de Mendonça Jorge (Universidade de Brasília, Brasil) • Isabelle Meuret (Université libre de Bruxelles, Belgique) • Luciana Mielniczuk (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil) • Sophie Moirand (Université Sorbonne-Nouvelle, France) • Sandy Montanola (Université de Rennes 1, France) • Sylvia Moretzsohn (Universidade Federal Fluminense, Brasil) • Dione Oliveira Moura (Universidade de Brasilia, Brasil) • Joana Ormundo (Universidade de Brasília, Brasil) • Sylvain Parasi  (Université Paris-Est, France) • Ike Picone (Vrije Universiteit Brussel, Belgi ) • Olivier Pilmis (CNRS, France) • Alain Rabatel (Université de Lyon 2, France) • Franck Rebillard (Université Sorbonne-Nouvelle, France) • Edgar Rebouças (Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil) • Zvi Reich (Ben-Gurion University of the Negev, Isra l) • Roselyne Ringoot (Université Grenoble Alpes, France) • Catarina Rodrigues (Universidade da Beira Interior, Portugal) • Nélia Rodrigues Del Bianco (Universidade de Brasília, Brasil) • Eug nie Saitta (Université Rennes 1, France) • Luís Santos (Universidade do Minho, Portugal) • Florian Sauvageau (Université Laval, Canada) • Julie S del (Université de Strasbourg, France) • Willam Spano (Université Lyon 2, France) • Jean-François T tu (Institut politique de Lyon, France) • Annelise Touboul (Université Lyon 2, France) • Sandrine Turgis (Université de Reims, France) • Olivier Tr dan (Université de Rennes 1, France) • Jean-Michel Utard (France) • Barbara Witte (Hochschule Bremen, Deutschland) • Eliane Wolf (Université de la Réunion, France) • Stéphanie Wojcik (Université Paris-Est-Créteil, France) • Adeline Wrona (Université Paris-Sorbonne, France)



Publiée avec le concours de :



Ce numéro de la revue  
a été imprimé grâce  
au soutien du FNRS



Faculdade de Comunica o - UnB



